WILSON ALVES RIBEIRO JUNIOR

**Enganos, enganadores e enganados
no mito e na tragédia de Eurípides**

Tese apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, para obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientadora: Profa. Dra. Adriane da Silva Duarte

São Paulo
2011

SILUIAE
uxori optimae

À Universidade de São Paulo, por todos os recursos acadêmicos disponibilizados durante o curso de Pós-Graduação.

À minha paciente e atenta orientadora, Adriane da Silva Duarte, pela supervisão e pela revisão dos textos gregos — τὸν κρατοῦντα μαλθακῶς θεὸς πρόσωθεν εὐμενῶς προσδέσκεται (A. Ag. 951-2).

Aos docentes da banca de qualificação, Fernando Brandão dos Santos, da UNESP, e José Antonio Alves Torrano, da USP, pelo incentivo e pelas proveitosas críticas e sugestões.

Aos amigos e colegas do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre o Teatro Antigo*, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, pelas produtivas e animadas discussões ao longo dos anos de 2005 e 2006, que inspiraram o presente trabalho:

Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso,
Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho,
Isabella Tardin Cardoso,
Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato,
José Geraldo Heleno,
Orlando Luiz de Araújo e
Christian Werner.

Especial agradecimento cabe à Isabella que, durante seus estudos na Alemanha, encontrou tempo para localizar importantes referências bibliográficas encontradas somente nas bibliotecas universitárias alemãs, e ao Christian, que gentilmente disponibilizou o texto de sua Tese de Doutorado, ainda não publicada, e outras preciosas referências.

Ao Daniel Rinaldi, amigo e docente da Universidade Autónoma do México, pelo generoso auxílio com várias referências bibliográficas e pela produtiva discussão preliminar sobre os dois *Hipólitos* e sobre os enganos amorosos da poesia épica.

Ao João Batista Toledo Prado, amigo e docente da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP, pela leitura das versões preliminares da Tese. O João Batista teve, ademais, a gentileza de me aconselhar sobre a tradução da maior parte os textos latinos do trabalho — muito lhe devo pela exatidão e pela elegância do resultado final.

Ao meu pai, Wilson Alves Ribeiro. Sua atenta e exigente revisão do vernáculo, em todas as fases do trabalho, aumentou consideravelmente a concisão, a clareza e a fluidez do texto final.

Março de 2011.

WARJ.

Δόλοι δὲ καὶ σκοτεινὰ μηχανήματα
χρείας ἀνάνδρα φάρμαχ' ἤϋρηται βροτοῖς.
Eurípides, *Fragmento* 288

Ἔοικε γάρ (...) γοητεύειν πάντα ὅσα ἀπατᾷ.
Platão, *República* 413c

RIBEIRO JR., W.A. *Enganos, enganadores e enganados no mito e na tragédia de Eurípides*. 2011, 502p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

O engano, enquanto reflexo da realidade, está representado em diversos gêneros literários e na literatura de várias épocas. Este trabalho analisa, primariamente, os antecedentes míticos, o léxico e a estrutura dramática dos enganos mencionados ou encenados em todas as tragédias conhecidas de Eurípides, completas ou fragmentárias. Precede a análise um breve estudo da teoria comportamental do engano e de sua presença na literatura antiga, notadamente a da Grécia (dos poemas homéricos até o fim do século -V), e um excuroso sobre o engano na poesia pré-euripídiana e sua influência na tragédia grega. A última parte do estudo compreende uma sistematização da estrutura do engano euripídiano e de seu léxico.

PALAVRAS-CHAVE: literatura grega; tragédia; poesia; Eurípides; engano; grego antigo; fragmentos.

ABSTRACT

RIBEIRO JR., W.A. *Deceptions, deceivers and deceived in Myth and Euripides' tragedy*. 2011, 502p. PhD Thesis. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

Deception, as a reflex of our reality, can be found in many literary genres and literary compositions of all times. This work deals primarily with the mythical antecedents and with lexical and dramatical structure of deceits briefly described or staged in all known Euripides' complete or fragmentary tragedies. A study on behavioral deception theory and its presence in ancient literature, specially in Greece from homeric poems until the fifth century B.C., with an excursus on deception in pre-euripidean poetry and its influence in Greek tragedy precedes the analysis. A systemization of lexical and structural characteristics of euripidean deception completes the study.

KEYWORDS: Greek literature; tragedy; poetry; Euripides; deception; Ancient greek; fragments.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS	xiv
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xv
LISTA DE SÍMBOLOS	xvii
PROÊMIO	1
INTRODUÇÃO	9
1. Elementos metodológicos	11
1.1 A teoria comportamental do engano	11
1.2 O léxico básico do engano	13
2. O engano nas literaturas antigas	21
3. O engano na poesia grega até o século -V	27
3.1 Poemas épicos	27
3.2 Poemas líricos	29
3.3 Poemas trágicos	30
3.4 O <i>corpus euripideum</i> e o <i>corpus</i> do engano euripidiano	32
PRECURSORES DO ENGANO EURIPIDIANO	35
1. A <i>Ilíada</i>	37
1.1 Deuses, deusas e divinos enganos	37
1.2 Os heróis também enganam	45
2. A <i>Odisseia</i>	54
2.1 Odisseu πολύμητις	54
2.2 As enganadoras divindades da <i>Odisseia</i>	58
2.3 Enganos de Odisseu em Troia e na viagem de volta	63
2.4 Odisseu em Ítaca	70
2.5 Outros enganos da <i>Odisseia</i>	78
3. Hesíodo	84
4. Os hinos homéricos	90
5. Poemas “cíclicos” e outros épicos heroicos	99
6. Os catálogos pseudo-hesiódicos	105
7. Poesia lírica	113
7.1 Os líricos mais antigos	113
7.2 Baquilides e Píndaro	124
ANÁLISE DAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES	137
1. As tragédias integrais	139
1.1 <i>Alceste</i> (Ἀλκηστις)	139
1.2 <i>Medeia</i> (Μήδεια)	147
1.3 O segundo <i>Hipólito</i> (Ἰππόλυτος Β')	159
1.4 <i>Andrômaca</i> (Ἀνδρομάχη)	164
1.5 <i>Hécuba</i> (Εκάβη)	175

1.6	<i>Electra</i> (Ηλέκτρα)	180
1.7	<i>Héracles</i> (Ηρακλής)	192
1.8	<i>As Troianas</i> (Τρωιάδες)	197
1.9	<i>Ifigênia em Táuris</i> (Ιφιγένεια ἐν Ταύροις)	200
1.10	<i>Íon</i> (Ίων)	209
1.11	<i>Helena</i> (Ελένη)	218
1.12	<i>Orestes</i> (Ὀρέστης)	233
1.13	<i>Bacantes</i> (Βάκχαι)	242
1.14	<i>Ifigênia em Áulis</i> (Ιφιγένεια ἐν Αὐλίδι)	251
2.	Tragédias incompletas	260
2.1	<i>As Pelíades</i> (Πελιάδες)	260
2.2	<i>Os Esquirenses</i> (Σκύριοι)	263
2.3	<i>Egeu</i> (Αἰγεύς)	264
2.4	<i>Ino</i> (Ἰνώ)	267
2.5	<i>Tieste</i> (Θυέστης)	270
2.6	<i>Alcmeon em Psófis</i> (Ἀλκμέων ὁ διὰ Ψωφίδος)	274
2.7	<i>Télefo</i> (Τήλεφος)	276
2.8	<i>Filoctetes</i> (Φιλοκτήτης)	281
2.9	<i>Os Cretenses</i> (Κρηῖτες)	285
2.10	<i>Estenebeia</i> (Σθeneβοία)	289
2.11	O primeiro <i>Hipólito</i> (Ἰππόλυτος Α΄)	294
2.12	<i>Fênix</i> (Φοῖνιξ)	298
2.13	<i>Dânae</i> (Δανάη)	301
2.14	<i>Belerofonte</i> (Βελλεροφόντης)	306
2.15	<i>Cresfontes</i> (Κρεσφόντης)	307
2.16	<i>Antíope</i> (Ἀντιόπη)	314
2.17	<i>Alcmena</i> (Ἀλκμήνη)	316
2.18	<i>Peleu</i> (Πηλεύς)	318
2.19	O primeiro e o segundo <i>Frixo</i> (Φρίξος Α΄ e Β΄)	319
2.20	<i>Palamedes</i> (Παλαμήδης)	323
2.21	<i>Íxion</i> (Ἰξίων)	328
2.22	<i>Arquelau</i> (Ἀρχέλαος)	330
2.23	<i>Tenes</i> (Τέννης)	332
2.24	<i>Pirítoo</i> (Πειρίθους)	334
	SISTEMATIZAÇÃO DO ENGANO EURIPIDIANO	337
1.	Os muitos enganos de Eurípides	339
1.1	Enganos encenados	340
1.2	Enganos relatados	341
2.	Estrutura do engano euripídiano	343

2.1	Estrutura básica	344
2.2	Enganadoras, enganadores e enganados	346
2.3	Os atos enganosos	352
3.	O léxico do engano euripídiano	381
4.	Τοιόνδ' ἀπέβη τόδε πρᾶγμα	389
REFERÊNCIAS		393
1.	Autores e obras da Antiguidade	395
2.	Edições modernas de obras da Antiguidade	401
3.	Outros autores modernos	407
APÊNDICES		427
A.	Geografia do engano euripídiano	429
B.	Cronologia de Eurípides e das tragédias completas	431
C.	Cronologia das tragédias fragmentárias de Eurípides	432
D.	Cronologia dos poemas épicos	433
E.	Cronologia dos poetas líricos	434
ANEXOS		435
A.	Catálogo “alexandrino” dos dramas de Eurípides	437
B.	Textos originais não incluídos no corpo do trabalho	438
1.	<i>Alceste</i> 509-50	438
2.	<i>Medeia</i> 324-409 (seleção)	439
3.	<i>Hipólito B</i> 688-1058 (seleção)	440
4.	<i>Andrômaca</i> 1088-1119	441
5.	<i>Ifigênia em Áulis</i> 642-77	442
6.	<i>Ifigênia em Áulis</i> 1578-95	443
ÍNDICES		445
A.	<i>Index nominum mythologiae classicae</i>	447
B.	<i>Index lexicorum fallaciarum linguae graecae</i>	452
1.	Radicais e raízes	452
2.	Formas transliteradas e palavras latinas	453
3.	Formas gregas arcaicas e clássicas	454
C.	<i>Index locorum</i>	457

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

xiv

1	<i>Marmor albanum</i> . Paris, Museu do Louvre Ma 343. A cabeça é uma restauração baseada em busto conservado em Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. Foto: Marie-Lan Nguyen, 2006. Fonte: Wikimedia Commons, commons.wikimedia.org . Data da cópia: 18/04/2009. Domínio Público.	4
2	<i>Retorno de Hefesto</i> . Pequena ânfora (gr. ἀμφορίσκος) coríntia de figuras negras. Londres, Ashmolean Museum 1920.107. Fonte: CARPENTER, 1991, p. 23.	93
3	O mito de Orestes e os três grandes trágicos. Esboço do Autor.	166
4	Mapa do Quersoneso Trácio. Desenho do Autor. Fonte das informações: GREGORY, 1999.	176
5	<i>As Pelíades</i> . Hídria ática de figuras negras, de Vulci. Londres, British Museum B328. Fonte: CARPENTER, 1991, p. 23.	262
6	<i>A Geografia do Engano</i> . Mapa da Grécia Continental, Insular e Asiática. Desenho do Autor.	429
7	<i>Enganos nas franjas do mundo grego</i> . Mapa do Mediterrâneo Oriental. Desenho do Autor.	430

LISTA DE TABELAS

1	Ocorrência dos radicais do vocabulário específico do engano nos poetas trágicos	16
2	Radicais e vocabulário do engano no <i>h. Hom. 4 (a Hermes)</i>	98
3	Componentes do engano da <i>Medéia</i>	151
4	Comparação entre as armadilhas de Hécuba e Bacantes	247
5	Semelhanças entre os mitos de Orestes e de Cresfontes.	311
6	Tragédias com plano e fuga de Eurípides	371

I. ABREVIATURAS DE AUTORES E OBRAS DA ANTIGUIDADE

Ver **Referências**, p. 382.

II. ABREVIATURAS DE PERIÓDICOS

Foram utilizadas as abreviaturas preconizadas por *L'Année Philologique*. A lista está disponível no *site* da Classica (Brasil): revista.classica.org.br/abrev.asp.

III. OUTRAS ABREVIATURAS

abrev.	abreviatura, abreviado
ac.	acusativo
AD	<i>anno Domini</i> = <i>post Christum natum</i> (p.C.), e.g. AD 250 = 250 p.C.
<i>adesp.</i>	<i>adespotum, adespota</i>
ad loc.	<i>ad locum</i>
Arg.	<i>argumentum</i> (gr. ὑπόθεσις)
br.	brasileiro(a)
c.	<i>circa</i>
<i>cap.</i>	<i>capítulo</i>
cf.	<i>confer</i>
cit.	citado(a)(s) de acordo com / como
col.	<i>columna</i>
dor.	em dialeto dórico
ed.	editor, editora, edição, <i>editit, ediderunt, edited by</i>
e.g.	<i>exempli gratia</i>
Fig.	Figura
fl.	<i>floruit</i>
Fr. / fr.	<i>fragmentum, fragmenta</i> (fragmentos de papiros, <i>fr.</i> ; outros, <i>Fr.</i>)
gen.	genitivo
gr.	grego, em grego
i.e.	<i>id est</i>
inc.	<i>incertum, incerta e dubium, dubia</i>
lat.	latim, em latim
lit.	literal, literalmente
m.	morto / morreu em
mmss.	manuscritos
n.	número / fascículo, nascido em
n.b.	<i>nota bene</i>
op. cit.	<i>opere citato</i>

p.	página, páginas
pf.	perfeito, perfectivo
pl.	plural
Ps.-	Pseudo-
pt.	português, em português, portuguesa
q.u.	<i>quod uide</i>
rad.	radical
rec.	<i>recens, recentior, etc.</i>
s.	<i>saeculum, saecula</i> , século, séculos
σατ.	σατυρικός
sc.	<i>scilicet</i>
Σ	<i>scholium, scholia in</i>
Σ ^{letra}	especificação do escólio, e.g. Σ ^D = <i>scholia uulgata</i> da <i>Ilíada</i> , atribuídos a Dídimo
sqq.	<i>et sequens</i>
s.u.	<i>sub uerbo</i>
Tab.	Tabela
test.	<i>testimonium, testimonia</i>
trad.	traduzido por, tradução de
v.	verso, volume, versão
vv.	versos, volumes

IV. SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FCLAr	Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
L	Manuscrito <i>Laurentianus</i> 32.2, início do s. XIV, conservado na Biblioteca Mediceo Laurenziana de Florença
M	Manuscrito <i>Laurentianus</i> 32.9, s. X (= codex <i>Mediceus</i>), conservado na Biblioteca Mediceo Laurenziana de Florença
P	Manuscrito <i>Palatinus</i> gr. 287, início do s. XIV, conservado na Bibliotheca Apostolica Vaticana, Roma
SBEC	Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
SEC	Semana de Estudos Clássicos
U	University, Universitaire(s), Universidade
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
URL	Uniform Resource Locator (endereço eletrônico de páginas da Internet)
USP	Universidade de São Paulo

-	antes de número, marca data <i>ante Christum natum</i> (a.C.), e.g. -450 = 450 a.C.
*	1) palavra prevista por estudos filológicos, mas não encontrada em textos, e.g. <i>*ingannare</i> 2) fragmento atribuído por conjectura ao autor e à obra em questão, e.g. <i>Fr. *44</i>
**	fragmento atribuído a determinado autor, mas sem dados a respeito da obra, e.g. <i>Fr. **55</i>
edição ^{ano}	edição e ano de publicação (e.g., ³ 2005 = 3ª edição, publicada em 2005)
rev. ^{ano}	ano de publicação com edição revisada / corrigida com ou sem acréscimos, mas não reconhecida como outra edição (e.g., ^{rev.} 2005)
999 ^r	<i>recto</i> do <i>folio</i> de um manuscrito
999 ^v	<i>verso</i> do <i>folio</i> de um manuscrito
π	em papiros, o ponto em baixo marca reconstituição duvidosa da letra
.	em papiros, o ponto isolado marca a posição de letra não identificada
˘	sílaba breve
—	sílaba longa
≡	sílaba longa ou breve (<i>anceps</i> , representada por × em algumas edições)
ϵο	o grupo de letras deve ser lido como uma única sílaba breve
≅	aproximadamente, quase igual a
† †	delimitam texto fisicamente corrompido e ilegível, não corrigido
[ ]	delimitam lacunas supridas por texto conjectural
[[ ]]	delimitam trechos deletados pelo copista e restaurados pelo editor
ı ı	em papiros, delimitam lacunas supridas pelo texto de outras fontes textuais
⊗	em papiros, marca o início e o término de poemas fragmentários
< >	delimitam palavras ou passagens conjecturais, i.e., que não fazem parte do texto original
(...)	trecho omitido na tradução ou no texto original de uma passagem
[Nome]	no texto, marca atribuição tradicional, mas duvidosa de obra a autor real ou imaginário

PROÊMIO

Eurípides era o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia ática do século -V e, durante os Períodos Helenístico e Greco-Romano, foi o mais lido, o mais encenado (CC 1, p. xii) e o mais imitado dos poetas trágicos gregos.

Qual Eurípides? Havia diversos poetas trágicos denominados “Eurípides” na segunda metade do século -V. O nosso Eurípides, o célebre Eurípides, é o *Euripides III Mnesarchi filius*, ‘Eurípides III, filho de Mnesarco’, 18º poeta do catálogo de poetas trágicos de Snell, o terceiro de nome *Euripides* (TrGF 1, p. 94). Ele nasceu em Atenas por volta de -487/-484 e faleceu, também em Atenas, em -406. Durante meio século, de -455 até sua morte, participou de quase todos os concursos trágicos da pólis, obteve cinco vitórias e sua última trilogia — *Bacantes*, *Ifigênia em Áulis* e *Alcmeon em Corinto* — foi encenada postumamente nas Dionísias Urbanas de -405 por Eurípides *Iunior*, que aliás ganhou o primeiro prêmio (Σ Ar. Ra. 67).¹ Esse *Iunior*, usualmente chamado de Eurípides *Minor*, era sobrinho (*Suid.* s.u. Εὐριπίδης) ou filho (Σ Ar. Ra. 67) de Eurípides III.

Eurípides I (*Suid.* s.u. Εὐριπίδης = ε 3693) não tinha parentesco com Eurípides III, era mais velho (não se sabe quanto) e também era poeta trágico. Consta que escreveu 12 tragédias e obteve duas vitórias. Eurípides II (*Suid.* s.u. Εὐριπίδης = ε 3694) era sobrinho de Eurípides I e sabemos que escreveu três tragédias: *Orestes*, *Medeia* e *Polixena*.

Objetivo. O objetivo primário do presente estudo foi o de analisar a estrutura dramática e o léxico das formas de engano encontradas nas tragédias de Eurípides e contribuir para a compreensão mais ampla de temas e recursos utilizados pelo poeta na ποιήσις trágica. Os elementos do engano euripídiano foram estudados à luz da teoria comportamental proposta por HORNE (1981) e da influência lexical e dramática dos poetas arcaicos e clássicos que o precederam, notadamente os poetas épicos e líricos. Dada a grande importância do mito na gênese da tragédia e à influência mútua dos poetas trágicos, que influenciavam e eram influenciados uns pelos outros, foi necessário efetuar um estudo preliminar do engano na tradição mítica e de algumas tragédias mais antigas do que as tragédias de Eurípides.

Não estudei os dramas satíricos de Eurípides² e também não levei em conta as ocorrên-

¹ Para a vida de Eurípides, ver meu artigo *Vitae Euripidis* (RIBEIRO JR., 2007); sobre a última trilogia, ver p. 2-3 de minha Dissertação de Mestrado (RIBEIRO JR., 2006), em publicação.

² Ver lista dos títulos na p. 33.

cias de “autoengano” (*infra* p. 12) nas tragédias analisadas, pois a meu ver sua hermenêutica se prende mais à filosofia e à psicologia do que ao estudo da poesia trágica propriamente dita. Fogem também do escopo deste trabalho os enganos relacionados com a criação poética e com a ilusão dramática,³ assim como as numerosas apreciações a respeito da moralidade ou da ética do ato de enganar,⁴ relativamente abundantes na poesia arcaica e clássica. Como bem observou VÍLCHEZ (1976, p. 89), “la condena moral del engaño es algo secundario, no dramático.” A autora, por outro lado, associa diretamente o engano com a ironia trágica (p. 92-6), especialmente no caso de mentiras, verdades ocultas e frases de duplo sentido que personagens dirigem, com frequência, uns aos outros. Mas a ironia trágica não é sinônimo de engano, pois o recurso muitas vezes simplesmente ilustra a ignorância de um personagem quanto a determinada informação, a partir da perspectiva de outro personagem e da audiência.⁵

Figura 1 - Eurípides diante dos títulos de alguns de seus dramas. Essa pequena escultura, o *Marmor albanum*, foi encontrada no Monte Esquilino, Roma, em 1704. Data: s. II.

Panorama. A parte inicial do trabalho, *Introdução*, foi dedicada à metodologia da análise e à contextualização do tema. A metodologia é apresentada no **cap. 1**, através de uma breve exposição da teoria comportamental do engano (seção 1.1) e do léxico básico do engano

³ Ver e.g. PRATT (1993) para o primeiro tema; SIFAKIS (1971), VÍLCHEZ (1976, p. 85-96) e SCODEL (1990) para o segundo.

⁴ Ver, a propósito, a nota 25 da p. 22.

⁵ Sobre a ironia dramática em geral, ver e.g. VÍLCHEZ (1976, p. 92-6) e HOLLAND (2000); sobre Eurípides, em particular, ver VELLACOTT (1975).

(seção 1.2); segue-se um rápido panorama do engano na literatura antiga não grega (**cap. 2**) e de um resumo da influência do engano na literatura grega pré-euripidiana (**cap. 3**), focado especificamente nos poetas épicos (seção 3.1), líricos (seção 3.2) e trágicos do final do século -VI e do século -V (seção 3.3), que podem ter influenciado Eurípides. Na seção 3.3 há uma rápida síntese dos trabalhos já realizados sobre o engano na tragédia grega, com ênfase em Ésquilo, Sófocles e, naturalmente, em Eurípides. Na seção 3.4 apresento um breve panorama do *corpus euripideum* e do *corpus* estudado.

Na segunda parte do trabalho, *Precursores do engano euripidiano*, analisei uma amostra significativa, ilustrativa mas não exaustiva, dos enganos mais importantes e mais evidentes da tradição mítica conservada pela poesia épica (**cap. 1-6**) e pela poesia lírica arcaica (**cap. 7**). A finalidade desse prelúdio foi a de evidenciar até que ponto Eurípides recorreu ao mito e à obra dos poetas mais antigos para desenvolver seus próprios dramas com enganos.

Na terceira parte, *Análise das tragédias de Eurípides*, foram estudadas inicialmente as tragédias completas (**cap. 1**) com enganos significativos, o que ensejou o estabelecimento de um *corpus* de enganos euripidianos com seus elementos míticos, léxicos e dramáticos. Esse *corpus* preliminar embasou a análise de todas as tragédias fragmentárias do poeta, descrita na parte seguinte (**cap. 2**).

Procurei seguir, nesses dois capítulos, a ordem cronológica absoluta e relativa das tragédias, quando conhecida; nos casos de datação muito aproximada ou controvertida, adotei as aproximações mencionadas nas cronologias dos *Apêndices* B e C. No caso de tragédias de data incerta, inseridas no mesmo período ou em períodos superponíveis (e.g. -455/-425), não foi seguida nenhuma ordem particular. Mencionei as mais relevantes fontes míticas anteriores e contemporâneas dos enredos trágicos, para contextualizar adequadamente a anterioridade dos enganos dramatizados por Eurípides. Recorri ocasionalmente aos mitógrafos posteriores ao século -V nas poucas ocasiões em que julguei necessário cotejar suas informações com os dados dos mitógrafos mais antigos.

Os enganos utilizados pelos poetas trágicos anteriores ou contemporâneos de Eurípides não foram tratados em capítulo ou seção própria: foram analisados e comentados na medida em que Eurípides aproveitou ou modificou esses enganos em suas próprias tragédias. Assim, os enganos trágicos não euripidianos foram incluídos na terceira parte do estudo, conforme a necessidade.

A última parte, *Sistematização do engano euripidiano*, foi reservada à consolidação do *corpus* de enganos trágicos de Eurípides, preparado nas partes precedentes do estudo, à visão de conjunto do engano euripidiano e à sua classificação. Organizei também um pequeno léxico dos vocábulos utilizados por Eurípides e demais poetas em todos os episódios que consegui caracterizar. Para facilitar a identificação, vocábulos relacionados com o conceito de engano e presentes em citações com mais de uma palavra foram formatados em negrito ao longo do texto.

Mapas, catálogo e textos. A maioria das tragédias de Eurípides se passa *ante aedes*, i.e., diante de palácios reais, situados em diversas localidades Grécia Antiga. Às vezes, como em *Hec.* e *IA*, são representadas em um acampamento militar ou então diante de um templo, como em *IT*, ou diante de uma caverna, como em *Antíope* e em *Filoctetes*. As localidades geográficas relacionadas às tragédias com enganos foram representadas nos dois mapas do *Apêndice A*, (p. 429). No *Anexo A* está disponível o *Catálogo “alexandrino” dos dramas de Eurípides* (p. 437) e, no *Anexo B*, os textos gregos originais extensos demais para serem incluídos no corpo do trabalho e nas notas (p. 438).

Edições e cronologia. Para o texto das tragédias completas de Eurípides e de suas antigas hipóteses (*argumenta*), recorri à edição de James DIGGLE, publicada em Oxford pela Clarendon Press entre 1984 e 1994, em três volumes (Dg. 1, 2 e 3).

Para o estudo das hipóteses e fragmentos das outras tragédias recorri basicamente às edições de Christopher COLLARD, Martin CROPP, Kevin LEE e John GIBERT, publicadas em Warminster e Oxford pela Aris & Phillips em dois volumes, em 1995 e 2004 (CCL e CCG), à edição de François JOUAN e Herman VAN LOOY, publicada em Paris pela Belles Lettres em quatro volumes (Tomo VIII das obras de Eurípides), entre 1998 e 2003 (JVL 1, 2, 3 e 4) e à edição simplificada de Christopher COLLARD e Martin CROPP, publicada em Cambridge, Massachusetts e Londres, coleção Loeb (Harvard U Press) em dois volumes, em 2008 e 2009 (CC 1 e 2). Os fragmentos de Eurípides e dos trágicos *minores* são citados sempre de acordo com o texto básico estabelecido por Snell, Radt¹, Radt² e Kn. para os TrGF (1, 2, 3, 4, 5.1 e 5.2).

Para os demais textos da Antiguidade, utilizei as edições padronizadas de mais fácil acesso, discriminadas nas seções *Autores e obras da Antiguidade* (p. 395) e *Edições modernas de obras da Antiguidade* (p. 401) das **Referências**.

A cronologia adotada para as tragédias completas de Eurípides está no *Apêndice B* (p. 431) e a das tragédias fragmentárias, no *Apêndice C* (p. 432). As datas das tragédias menos conhecidas de Ésquilo, Sófocles e dos demais poetas trágicos anteriores ou contemporâneos de Eurípides foram assinaladas nas notas de rodapé, ao longo da análise e discussão da tragédias euripidianas. A cronologia dos poemas épicos está no *Apêndice D* (p. 433) e a dos poetas líricos no *Apêndice E* (p. 434).

Citações, traduções, léxico. O formato das referências a textos antigos segue o Guia de Estilo da *Classica*, publicação oficial da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos.⁶ Conforme recomendação da SBEC, essas referências foram incluídas no corpo do texto. As referências a obras modernas, por outro lado, seguem a NBR 6023/2002 da ABNT, i.e., são referidas pelo sistema autor-data e listadas no final do trabalho por ordem alfabética do sobrenome do autor. As edições modernas de obras da Antiguidade foram agrupadas à parte. Nos URLs das obras disponíveis na Web, *on line*, foi omitido o já obsoleto http:// inicial.

No texto das discussões e análises, recorri sempre que possível às abreviaturas tradicionais dos textos antigos mencionados, e.g. *Alc.* ao invés de *Alceste*, *IA* ao invés de *Ifigênia em Áulis*, *Eu.* ao invés de *Eumênides* e assim por diante. Todas as abreviaturas de obras da Antiguidade foram reunidas para consulta no final do trabalho, em ordem alfabética, antes das referências bibliográficas modernas.

A tradução dos textos antigos e modernos deste trabalho é de minha própria autoria: as poucas exceções foram referidas nas notas de rodapé. Nenhuma das minhas traduções tem pretensão poética: procurei apenas reproduzir em português o texto grego ou latino original, sempre que possível respeitando a divisão em versos, para subsidiar a discussão e estudo do texto.

Para a análise etimológica das palavras ligadas ao engano, recorri principalmente aos detalhados estudos de Chantraine (= Chantr.) e aos verbetes do dicionário de Bailly (= Bailly), aliás revistos pelo próprio Chantraine. Para o estudo da recorrência dos vocábulos foi útil também o trabalho de ALLEN e ITALIE (1954), embora a maior parte da pesquisa lexical tenha sido efetuada eletronicamente, no banco de dados digitalizado do *Thesaurus Linguae Graecae* (PANTELIA, 2003), que contém as tragédias completas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, mais

⁶ *Classica* (Brasil) 19.2, 306-15, 2006. Disponível *on line* em revista.classica.org.br/estilo.asp.

os fragmentos de todos os poetas trágicos (TrGF), inclusive dos *tragici minores*. A pesquisa propriamente dita aproveitou as funcionalidades do *software Diogenes* (HESLIN, 2007). Por segurança, todas as ocorrências foram posteriormente confirmadas pela leitura direta das passagens pertinentes.

Fontes. Foram utilizadas três fontes gregas politônicas padrão *Unicode*, conforme a normatização da maior parte dos periódicos da área de estudos clássicos: a primeira, utilizada nas passagens em grego do texto básico e em algumas palavras em hebraico e em russo, é a própria fonte *Times New New Roman*, distribuída comercialmente com o *Microsoft Office 2007*⁷; a segunda, utilizada para a reprodução do texto grego de papiros danificados, com os símbolos adotados pelos editores, é a *New Athena Unicode* v. 3.4, distribuída gratuitamente pela *American Philological Association*.⁷ A terceira, *Aegean*, desenhada por George Douros,⁸ é *free for any use* e foi empregada para formatar um vocábulo em Linear B na p. 15.

Índices. Dada a inesperada extensão do estudo, achei aconselhável incluir em seu final um índice com o nome dos personagens mitológicos (*Index nominum mythologiae classicae*) citados, um índice dos vocábulos do engano discutidos (*Index lexicorum fallaciarum*) e, finalmente, um índice de citações de autores e obras da Antiguidade (*Index locorum*).

⁷ Versões atualizadas da fonte estão regularmente disponíveis em apagreekkeys.org.

⁸ Versões atualizadas da fonte estão regularmente disponíveis em users.teilar.gr/~g1951d.

INTRODUÇÃO

ENGANÁDO, p. pass. de Enganar. ENGANADOR, Enganadora, s. m. e f., adj. Pessoa que engana. ENGANAR, v. at.. Induzir em erro, e a fazer desacerto. ENGANO, s. m. Artifício, com que se engana alguém, ou induz em erro. O estado do que está enganado. Dólo que se nos faz, falsidade. ENGANÓSAMENTE, adv. Com engano, dolosamente. ENGANOSO, adj. Que engana.

SILVA (1813, p. 696)

1. Elementos metodológicos

Segundo VÍLCHEZ (1976, p. 32), “el engañar puede referirse al campo de la acción o al de la palabra”, e esse notável *insight* especifica e delimita, com bastante precisão, este estudo da tragédia euripídiana. Os dois mais importantes recursos empregados na localização de enganos no texto das tragédias de Eurípides e das demais obras estudadas foram, em primeiro lugar, a identificação dos elementos do engano previstos pela teoria comportamental de HORNE (1981) e, em segundo lugar, o levantamento lexical do texto.

Todos os dramas de Eurípides se baseiam em episódios míticos tradicionais ou inventados por ele, ao sabor da inspiração e das necessidades dramáticas (e.g. JOUAN, 1966; AÉLION, 1986; LÓPEZ FÉREZ, 2002). Essa qualidade de μυθοποιός, ‘aquele que elabora mitos’ (cf. Pl. R. 377b e Luc. Herm.73), é mais acentuada em Eurípides do que nos outros poetas trágicos conhecidos (WILLINK, 1986, p. xxii) e, por isso, a análise dos elementos enganosos e do léxico utilizado por poetas anteriores a Eurípides na descrição de episódios míticos se tornou um terceiro e precioso recurso na identificação de enganos na tragédia em geral e, naturalmente, na tragédia euripídiana. A técnica se mostrou muito útil na análise de referências e menções muito breves encontradas nas tragédias completas e, naturalmente, no estudo de suas tragédias fragmentárias.

1.1 A teoria comportamental do engano

O engano é um dos elementos mais universais e mais constantes da existência humana, verdadeiro lugar-comum na trama social dos relacionamentos pessoais ao longo da história (HORNE, 1981, p. 171):

The serpent deceived the woman. Wives and husbands deceive one another; doctors deceive their patients; college professors deceive their students; military strategists deceive the enemy; businessmen deceive one another; and politicians deceive the people. Deception is as commonplace as laughter and sorrow; its historical ubiquity is unquestionable.

Para MAHON (2007, p. 189-90), *to deceive (is) to intentionally cause another person to have a false belief that is truly believed to be false by the person intentionally causing the*

false belief, ‘enganar é provocar intencionalmente em outra pessoa uma falsa crença que a pessoa que induz intencionalmente a falsa crença sabe ser falsa’. De modo um pouco mais simples, BULLER & BURGOON (1996, p. 205) definem o engano como *message knowingly transmitted by a sender to foster a false belief or conclusion by the receiver*, ‘uma mensagem conscientemente transmitida por um emissor para fomentar uma falsa crença ou falsa conclusão no receptor. Segundo uma série de artigos mencionados nesse estudo (idem, p. 203), em pelo menos um quarto das conversações o engano ou a suspeita de engano está presente.

Do ponto de vista psicológico e sociológico, portanto, podemos considerar o engano uma transgressão interpessoal, relacional e intencional, de certa forma inerente à natureza humana, que se caracteriza pelas comunicações (e/ou omissões) que, em última análise, distorcem ou escondem a realidade ou verdade (BULLER & BURGOON, 1996; GUERRERO, ANDERSON & AFIFI, 2007, p. 281-305). A responsabilidade pelo engano depende, consequentemente, do emissor da mensagem.

Embora possa se limitar a um só indivíduo, fenômeno conhecido por *autoengano*,⁹ o engano está usualmente inserido no campo das relações interpessoais e envolve dois ou mais indivíduos. Trata-se, portanto, de um processo comportamental interativo e em geral bem mais complexo do que a simples mentira (ADLER, 1997, p. 435-7), pois compreende, além do próprio ato enganoso, suas motivações e suas consequências. Enganar habitualmente requer premeditação e, na perspectiva de Mahon, o ato deve ser bem sucedido para que o engano fique caracterizado.

Segundo HORNE (1981, p. 174-6), todo engano “se baseia, simultaneamente, em intenção, deliberação e finalidade” e tem três constituintes principais: $X \rightarrow A \rightarrow Y$, o enganador (X), o enganado (Y) e o ato enganoso em si (A), que depende da cuidadosa execução de um “plano” de complexidade variável, implementado pelo enganador sem prévia notificação. O plano enganador envolve, segundo GUERRERO, ANDERSON & AFIFI (2007, p. 281-317), cinco formas primárias de engano: mentiras, equívocos (afirmações ambíguas ou contraditórias),

⁹ Ou seja, o enganador e o enganado são a mesma pessoa. O autoengano pode ser mais precisamente definido como a aquisição ou manutenção de uma crença, diante da forte evidência do contrário, motivada por desejos e emoções que favorecem a aquisição e retenção dessa crença. Sobre o autoengano em geral, ver FINGARETTE (1969), HAIGHT (1980) e MELE (1983), entre outros. Na literatura grega anterior aos oradores áticos, ele pode ser encontrado, por exemplo, na *Iliada* (10.376-455, p. 52) no *Édipo Rei*, em *As Traquinianas* e na *Antígona* de Sófocles (ver CONACHER, 1997 e SHELTON, 1984) em Platão (*Cra.* 428d), em Xenofonte (*Mem.* 4.2.26) e também em diversas tragédias de Eurípides (ver HARTIGAN, 1991).

encobrimentos (omissão de informações relevantes), exageros e minimizações da verdade. Ao contrário de Mahon, Horne reconhece que há pelo menos dois possíveis resultados para o ato enganoso: o objeto do engano é efetivamente enganado ou, por outro lado, algo dá errado e ele percebe o engano, ou seja, o pretense engano pode ser bem ou malsucedido. HORNE (1981, p. 177-82) desenvolveu, ademais, uma “árvore de enganos” que detalha a anatomia do engano e suas ramificações: 43 a 84 nuances e possibilidades decorrem de uma situação que, por exemplo, envolve três pessoas, o ato enganoso e o resultado positivo ou negativo do engano.

É realmente inquestionável a onipresença e a antiguidade do engano, bem ilustrada pela perspectiva pessimista de Horne, assim como sua seminal importância nos relacionamentos humanos. Não é surpresa, portanto, encontrar esse significativo elemento da vida real muito bem representado nas experiências humanas descritas em todas as literaturas de todas as épocas, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Como afirmou Aristóteles, o mais antigo teórico da tragédia (cf. Lucas, p. xiv-xxii), a tragédia grega deve ser entendida como como μίμησις ... πράξεως καὶ βίου, ‘uma imitação ... de ações e da vida’ (*Po.* 1450a)¹⁰ e é, portanto, razoável supor que os antigos poetas trágicos tenham também recorrido ao tema do engano ao criar seus enredos (*Po.* 1450a).

Aristóteles não menciona explicitamente o engano trágico, mas em duas passagens da *Poética* (1460a e 1461b) aborda dois temas aparentados, respectivamente a verdade e a mentira na arte poética,¹¹ e o que é plausível ou não nos poemas épicos e trágicos. Em sua discussão, aliás, recorreu a vocábulos distintamente associados ao engano, como se verá adiante (p. 16): a expressão ψευδῆ λέγειν, ‘dizer coisas falsas’ (1460a) e, na segunda, a palavra ἀπίθανος, ‘inverossímil’ (1461b), que tem o mesmo radical de πείθω, ‘persuadir.’

1.2 O léxico básico do engano

De acordo com a teoria comportamental do engano (p. 11-13), o ato de enganar envolve habitualmente a emissão de mensagem enganosa que, na vida real, é desprovida de marcado-

¹⁰ A afirmação de Aristóteles nunca perdeu sua validade. SHAKESPEARE, por exemplo, fez seu Hamlet dizer, na tragédia homônima publicada entre 1599 e 1601: *the purpose of playing ...was and is to hold, as 'twere, the mirror up to nature; ... scorn her own image* (III.ii.17-19).

¹¹ Ver, a propósito, Lucas (p. xix), PRATT (1996, p. 64-6) e sua lista de referências.

res conversacionais verbais e prosódicos óbvios, uma vez que é essencial, para a efetividade do engano, que o receptor da mensagem não perceba que está sendo enganado. No estudo de textos literários com enganos, por outro lado, os marcadores verbais lexicalizados constituem uma das mais importantes ferramentas — e às vezes a única ferramenta — de análise: κατὰ τὸν Σιμωνίδην ὁ λόγος τῶν πραγμάτων εἰκὼν ἐστίν, ‘de acordo com Simônides, a palavra é a imagem das coisas’ (Simon. *test.* 47a).

Em todas as línguas os enganos são efetivamente mencionados ou descritos com a ajuda de vocábulos mais ou menos específicos, que exprimem as diversas nuances da intenção, do planejamento, da execução e da avaliação ou rememoração do engano. Cada cultura tem um léxico próprio para definir todas as operações mentais e físicas ligadas ao tema e, pelo menos nas línguas indo-europeias mais antigas, os vocábulos básicos ou mais usados não são cognatos (e.g. o grego ἀπάτη, o latim *fallācia* e o sânscrito *vy-āja*), apesar da universalidade e da ubiquidade do engano. Em algumas línguas neo-latinas, por outro lado, o parentesco é óbvio, e.g. o português *engano*, o espanhol *engaño* e o italiano *inganno*; em outras, não há parentesco etimológico aparente, e.g. o francês *tromperie*, o inglês *deception* e o alemão *trug*.

Latim e línguas neolatinas. Nos períodos arcaico e clássico da literatura latina, os romanos empregavam, além de *fallācia* (e.g. Phaedr. 1.31.5), formas do verbo *dēcipiō* (e.g. Plaut. *Bacch.* 965; Cic. *De Or.* 2.289) e de muitos outros vocábulos, tais como *dōlēō* (e.g. Cic. *De Or.* 2.191) e *fraudātio* (e.g. Cic. *Cat.* 2.25.5) para caracterizar diversas nuances do engano. É das formas passivas do verbo latino *dēcipiō* (e.g. *decēptum*) que vem o inglês *deception*, que entrou na língua por volta do século XIII através do francês *déception*. O francês *tromper* vem do latim *tūba* e significava originariamente ‘tocar a trompa’ (LITTRÉ, 1889, s.u.); o vocábulo assumiu o sentido de ‘enganar’ apenas no século XIV. *Engano*, *engaño* e *inganno* vêm do latim vulgar **ingannare*, que por sua vez vem do verbo arcaico *ganniō*, ‘ganir’, que tem formas atestadas em Plauto (*Fr. inc.* 3), mas era pouco usado.

Português e italiano. No caso do português, as primeiras ocorrências do radical *ganno-* datam, no mínimo, do século XII, a julgar pela sua presença nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio (1221/1284) e no *Cancioneiro Geral*, em uma das cantigas atribuídas a D. Dinis I (1261/ 1325). Na opinião de LIÃO (1606, p. 85) e de eruditos contemporâneos (e.g. FERREIRA, 1999, s.u. “enganar”), a entrada da palavra “engano” no léxico galego-português se

deu, possivelmente, através do italiano *ingannare*.

Na Itália, Dante Alighieri (1265/1321), um dos primeiros poetas a se expressar em “italiano”, a partir do dialeto de Florença, utilizou a palavra *inganno* (e.g. *Inferno* 8.22) mais ou menos na mesma época que D. Dinis; não é de todo improvável, consequentemente, que o vocábulo “engano” tenha ingressado na língua italiana e na língua portuguesa simultaneamente e não sucessivamente. Já o vocábulo alemão *trug* parece derivar diretamente do sânscrito védico *druh*, ‘enganar’ (WITZEL, 1996).

Grego Antigo: generalidades. Os gregos, por sua vez, dispunham de um vocabulário específico para o engano bem antes de -750, a julgar pela desenvoltura lexical do poeta da *Ilíada* ao descrever os enganos praticados por deuses e heróis e por algumas ocorrências nas tabuinhas micênicas em Linear B. As mais antigas palavras associadas a enganos, em linear B, são provavelmente vocábulos de sentido originalmente concreto, e.g. ‘rede de caça / pesca’, e.g. 𐀓 𐀆 𐀓 𐀆 𐀓 (PY Un 1322.3);¹² no alfabeto grego propriamente dito, são μητίετα, ‘muito sagaz’ (*Il.* 1.175), ἀπατηλόν, ‘enganoso’ (*Il.* 1.526: q.u. p. 37) e δολομήτα, ‘de sagacidade enganadora’ (*Il.* 1.540) — se é que o livro I da *Ilíada* é a parte mais antiga do poema. Na realidade, a quantidade e variedade de termos que a língua grega possui para se referir aos enganos é enorme. Eis os vocábulos mais lembrados ou estudados pelos helenistas nas últimas décadas: ἀπάτη, ‘engano’, κλέπτω, ‘roubar’ e ψεῦδος, ‘mentira’ (ROSENMYER, 1955); ψεῦδος, δόλος, ‘artimanha’ e μηχανήμα, ‘artifício’ (KÄTZLER, 1959); ἀψευδής, ‘não enganador, confiável’, μῆτις, ‘sagacidade’, ἀπάτη e δόλος (DETENNE, 1967); ἀπάτη (VIDAL-NAQUET, 1971; PRITCHETT, 1979); ψεῦδος (PRATT, 1993); δόλος (PORTER, 1994); ἀπάτη, δόλος e ψεῦδος (HESK, 2000); ἀπάτη, δόλος, e μηχανή, ‘plano’ (DUÉ, 2006); ἀπάτη (TORRANO, 2010).

As formas nominais e verbais do radical de alguns desses vocábulos, como ἀπάτη (rad. ἀπατᾶ-), δόλος (rad. δολο-) e ψεῦδος ou ἀψευδής (rad. ψευδ-), são muito específicas e refletem, quase invariavelmente, atos enganosos planejados ou efetuados. Outras, como μῆτις (rad. μητι-) e μηχανήμα (rad. μαχᾶνᾶ-), podem ser associadas a enganos conforme o contexto em que são utilizadas.

¹² Transcrição e tradução da linha 3 (apud Nak., p. 148):

de-ku-tu-wo-ko[ ]o-no GRA 2 NI 2

aos fabricantes de rede(s), pagamento: TRIGO 1152 litros

Grego antigo: léxico específico. Vejamos, primeiro, um panorama das três palavras mais utilizadas pelos estudiosos mencionados, por sinal as três envolvidas mais diretamente com a descrição de atos enganosos: **ἀπάτη**, que pode ser traduzida por ‘engano’, ‘astúcia’, ‘artifício’, ‘fraude’, ‘traição’; **δόλος**, traduzível por ‘engano’, ‘astúcia’, ‘ardil’, ‘estratagema’; e **ψεῦδος**, que quase invariavelmente é traduzida por ‘falsidade’, ‘mentira’. Todas estão presentes nos poemas épicos e também nas mais antigas tragédias conhecidas.

O radical **ἀπατᾶ-** tem numerosos compostos e derivados nominais e verbais, e.g. **ἀπατάω**, ‘enganar’, e **ἀπάτη**, ‘engano; em Hesíodo (*Th.* 224), a palavra — e subsidiariamente o conceito envolvido — ganhou até mesmo *status* divino: **Ἀπάτη** é uma divindade nascida de Νύξ, a Noite. A etimologia é desconhecida, embora várias aproximações tenham sido tentadas; uma delas, a meu ver mais razoável, aproxima o primitivo radical **ἀπατ-** do indo-europeu ***apnt-** (ver BOISACQ, 1938, s.u.). As primeiras ocorrências podem ser encontradas na *Ilíada*, e.g. **ἀπατηλόν**, ‘enganador’ (1.526) e **κακὴν ἀπάτην**, ‘maldoso engano’ (2.114). O primeiro poeta trágico a usar um vocábulo com esse radical foi Ésquilo, e.g. em **ἀπάταν θεοῦ**, ‘engano do deus’ (*Pers.* 107).

Tabela 1. Ocorrência dos radicais do vocabulário específico do engano nos poetas trágicos.

Radical	Trágicos mais antigos ^x	Ésquilo		Sófocles		Eurípides		Outros poetas trágicos ⁺
		C	F	C	F	C	F	
ἀπατᾶ-	0	2	12	7	0	3	7	0
δόλο-	0	20	3	23	0	32	9	5
ψευδ-	1	17	11	29	7	49	17	12

^x Poetas contemporâneos de Ésquilo (-525?/-455) ou mais antigos do que ele; só fragmentos. ⁺ Poetas contemporâneos ou posteriores a Sófocles (-496?/-406) e Eurípides (-487 a -484/-406); só fragmentos. C = tragédias completas. F = tragédias incompletas.

O radical **δόλο-** também possui numerosos compostos e derivados nominais e verbais, e.g. **δολόω**, ‘enganar’, ‘vencer pela astúcia’, e **δόλος**, ‘engano, ardil’. A palavra se aplica a qualquer artifício, objeto, stratagema ou plano para pegar algo ou enganar alguém, como por exemplo o cavalo de Troia (*Od.* 8.494). A etimologia é duvidosa, pois as palavras *dolus* (la-

tim) e *dolom* (osco, ac.) podem ter sofrido influência grega. É possível que o sentido original de palavras como δόλος tenha sido puramente concreto, e.g. ‘isca, armadilha’ (δόλον, *Od.* 12.252), e por isso tentou-se aproximar δόλος de δέλεαρ, ‘isca, engodo’, mas os argumentos não são convincentes. O radical aparece nos poemas homéricos¹³ tanto no sentido concreto de ‘isca’ (e.g. *Od.* 8.494; 12.252), ‘ardil’ (e.g. *Il.* 15.14), como no sentido mais abstrato de ‘ma-nhoso, astuto, trapaceiro’ (e.g. δολομήτης, *Il.* 1.540 e δολόμητις, *Od.* 1.300)¹⁴. Ésquilo parece ter sido o primeiro poeta trágico a usar formas derivadas desse radical (e.g. δόλον, *Pers.* 361 e δολόμητιν, *Pers.* 107).

O radical de ψεῦδος, ‘falsidade, mentira’ (ψευδ-), se refere principalmente às falsidades e mentiras deliberadas, e as formas do verbo ψεύδομαι, ‘mentir, enganar’, são especialmente comuns. Do ponto de vista etimológico, ele provavelmente vem do antigo radical *pseu-/psu, ‘sopro’, forma alargada da raiz indo-europeia *bhes-¹⁵, que significa ‘soprar’. Diversos exemplos da metáfora soprar = mentir podem ser encontrados em numerosas línguas antigas e modernas (TAILLARDAT, 1977, p. 352-4). As mais antigas ocorrências de palavras com esse radical estão nos poemas homéricos (e.g. ψεῦδος, *Il.* 2.81). Entre os trágicos, é possível que Téspis tenha utilizado a palavra ψεῦδος pela primeira vez (*Fr.* 3.2). Depois dele, Ésquilo também utilizou o radical, e.g. ἀψευδής, ‘sem mentira / engano’, ‘verdadeiro’ (*Sept.* 26).

A Tab. 1 (*supra* p. 16) apresenta uma estatística da ocorrência desses três radicais em todos os poetas trágicos gregos (Ésquilo, Sófocles, Eurípides, *tragici minores*), com exceção dos *fragmenta adespota, incerta et dubia* do segundo volume dos TrGF.

Essa pequena estatística sugere que o engano se tornou um recurso recorrente na tragédia ática na época de Ésquilo e atingiu seu apogeu na segunda metade do século -V, durante a atividade dramática de Sófocles e de Eurípides. Um dado interessante, embora puramente quantitativo, é o aparente predomínio do léxico do engano na tragédia euripídiana (117 ocorrências, contra 65 de Ésquilo, 66 de Sófocles e 18 de todos os outros poetas trágicos). Se levarmos em conta, no entanto, o número de ocorrências dos três radicais estudados em relação às tragédias completas — para minimizar a questão da conservação de mais tragédias comple-

¹³ Sobre os diversos significados de δόλος, ver PUCCI (1995, p. 61-2); para uma detalhada discussão de suas ocorrências na *Ilíada* e na *Odisseia* e suas relações com a μήτις, consultar WERNER, 2004, p. 92-160.

¹⁴ Notar o radical do segundo componente dessas palavras (μητι-). Ver p. 20.

¹⁵ Ou *bhs-eu-, que pode receber alargamentos *-d- e *-dh-.

tas e mais fragmentos de Eurípides do que dos outros poetas trágicos — verificamos que, proporcionalmente, Sófocles foi o poeta trágico que mais recorreu ao léxico do engano (Ésquilo, 6:1; Sófocles, 8:1; Eurípides, 5:1). Isso, naturalmente, apenas do ponto de vista quantitativo, uma vez que alguns tipos de engano podem ser perfeitamente descritos sem o recurso a vocábulos específicos.

Grego antigo: léxico circunstancial. Há ainda uma grande variedade de vocábulos não ligados explicitamente ao engano, mas que podem, em certos contextos, marcar suas diversas formas de representação literária. Sua quantidade é relativamente grande, e nesta seção apresentarei apenas algumas das mais relevantes: μηχανή, ‘plano, expediente’; βουλή, ‘plano’; πειθομαι, ‘persuadir, convencer’; τέχνη, ‘habilidade, arte’; e μῆτις, ‘sagacidade, astúcia, capacidade de elaborar planos’. Dentre eles, os mais notáveis se referem ao planejamento e à execução de planos, e os que fazem parte do campo semântico da μῆτις, traduzida habitualmente como ‘astúcia, sagacidade’, são especialmente importantes nos poemas homéricos.¹⁶

O radical de μηχανή é μᾶχανᾱ- e vem, possivelmente, de *μᾶχαρ, gen. *μᾶχανος > μηχανή (= dor. μηχανά, que deu o lat. *machina*). O significado geral da palavra e de derivados como μηχανάω, ‘tramar, maquinar’ e de μηχανημα, ‘máquina, expediente, maquinação’, é de ‘meio, invenção, mecanismo’ a que se recorre para uma certa finalidade. Daí o sentido material de ‘máquina’ e, nas palavras em que o radical tem sentido mais abstrato, ele toca o campo semântico de δόλος. Primeira ocorrência: *Il.*, e.g. Λαερτιάδῃ πολυμήχαν’ Ὀδυσσεῦ, ‘Odiseu, filho de Laerte, o de muitos expedientes’ (2.173). Ésquilo foi o primeiro poeta trágico a usar esse radical, tanto na acepção puramente concreta (ἰχθυβόλῳ μηχανᾷ Ποσειδάν, ‘instrumento de Posídon para pegar peixes’, i.e., ‘tridente de Posídon’, *Sept.* 131), como na acepção mais abstrata, e.g. ἀμηχανεῖν, ‘ficar sem meios, sem expedientes’ (*Pers.* 458; *Supp.* 379) e ἀμηχανία, ‘falta de recursos / expedientes’ (*Od.* 9.295; *E. Med.* 648 e *Hipp. B.* 163), que raramente está ligada ao engano.

O verbo βουλεύω e seus compostos (rad. βουλευ-), seguidos de acusativo, significam, basicamente, ‘meditar sobre alguma coisa e efetuar-la, ‘planejar após deliberação.’ Aparentemente a forma verbal média βούλομαι e a forma nominal βουλή, ‘vontade, decisão, plano,

¹⁶ Sobre a ‘astúcia’ (μῆτις) nos poemas homéricos, consultar DETIENNE & VERNANT (2008), especialmente p. 28-30, e comentários de WERNER (2004, p. 32-91), especialmente p. 36 e 72.

conselho’ são as mais antigas. Nos casos de engano, o campo semântico desse radical e o do verbo μηχανάω ocupam praticamente a mesma área. Etimologia: a origem está nas raízes indo-europeias **g^wel-* e **g^wol-*, acrescidas do sufixo desiderativo *-s^e/o-*, mas não há correspondência em outras línguas dessa família. Os primeiros exemplos vêm dos poemas homéricos, e.g. em uma forma verbal seguida de acusativo de objeto interno, οἱ ... βουλὰς βουλεύουσι, lit. ‘os que meditam planos’ (*Il.* 24.652), e em outra forma verbal acompanhada de um segundo vocábulo do engano, ψεύδεα βουλεύσας, lit. ‘depois de planejar mentiras’ (*Od.* 14.296). O primeiro poeta trágico a usar o radical com o sentido de ‘planejar / aconselhar coisas enganosas’ foi, mais uma vez, Ésquilo (ἐβούλευσεν, *Pers.* 759). Note-se ademais que ele utilizou, em um fragmento atribuível à tragédia *As Cardadoras* (Ξάντριαι), de data incerta, a expressão βούλευτις πόνων, ‘maquinadora, planejadora de sofrimentos’, com uma forma derivada de βουλή (*A. Fr.* 172). Como veremos ao longo das análises, muitos outros verbos e substantivos com o sentido básico ou metafórico de ‘planejar, tramar’ podem ser eventualmente vinculados ao engano.

O significado básico da voz média do verbo πείθομαι (rad. πειθ-), que é a forma primária, é ‘se deixar convencer’, ‘obedecer.’ Nos poemas homéricos, no entanto, já aparece a forma πείθω, ativa e secundária, que tem o sentido de ‘persuadir’ (e.g. πεπιθεῖν, *Il.* 9.184). Na *Odisseia*, já encontramos a forma ativa com o significado de ‘enganar’ (ἐπειθον, *Od.* 19.151; ver p. 80). Em Hesíodo (*Th.* 349), Πειθώ é uma oceânide, filha de Oceano e Tétis,¹⁷ considerada por ele a deusa da persuasão (*Op.* 73). Etimologia: o radical vem do indo-europeu **bheidh-*, que corresponde ao latim *fīdō*. A primeira ocorrência do verbo está presente no dialeto micênico: *pe-pi-te-me-no-yo* (= πεπιθμένος, forma do particípio perfeito médio, genitivo singular), o que possivelmente faz dele, pelo menos em termos documentais, um dos mais antigos termos do vocabulário do engano (ver também radical μῆτις, *infra* p. 20). Πείθω é uma das palavras mais utilizadas na tragédia grega em relação ao engano, e o primeiro poeta trágico a usá-la foi Ésquilo (e.g. πείθει, *Sept.* 81).¹⁸

O radical τεχν-, da palavra τέχνη, ‘arte’ (de enganar), ‘habilidade’, vem da raiz indo-europeia **tek^s-*, que no grego histórico evoluiu para τεκτ- (LEJEUNE, 1955, § 25) — e não se

¹⁷ Gr. Τηθύς (e.g., *Il.* 14.201, Hes. *Th.* 136): uma das *titânides*, filha de Urano. A esposa de Peleu e mãe de Aquiles é a *nereida* Tétis (gr. Θέτις), filha de Nereu, o velho do mar (e.g. *Il.* 1.556, Hes. *Th.* 233).

¹⁸ Para um estudo detalhado de πείθω na tragédia grega (Ésquilo, Sófocles e Eurípides) e para as relações entre πείθω e δόλος, ver BUXTON (1982, especialmente p. 63-6).

sabe, ainda, como se deu a alteração fonética que resultou na queda da dental -τ- e no alargamento em nasal (-ν). O sentido básico do radical é ‘saber construir’ ou ‘saber fazer’ alguma coisa; posteriormente esses conceitos concretos se expandiram para sentidos mais abstratos, tais como ‘maneira de fazer’, ‘sabedoria prática’, e daí para ‘habilidade’, ‘esperteza’, ‘plano hábil’, ‘artifício’, como se vê nos derivados τέχνημα, ‘engano’, ‘maquinação’, e τεχνάζω, ‘inventar’, ‘maquinar’, ‘usar um artifício’.¹⁹ A primeira ocorrência do radical, com esse sentido, está em *Il.* 15.14, onde aliás aparece juntamente com dois outros radicais do engano, δολο- e μᾶχῶν-. Entre os trágicos, o Pseudo-Ésquilo foi o primeiro a usar τέχνη com o sentido de ‘armadilha’ ou ‘ardil’ (τέχνης, *Pr.* 87).²⁰ Em latim, o vocábulo correspondente, *arte*, pode igualmente assumir o sentido de ‘engano’, e.g. Tib. 1.6.10, *nunc premor arte mea*, ‘agora sou pressionado por minha artimanha.’

O vocábulo μῆτις, e seus numerosos derivados vêm do indo-europeu: *mē-/mā₁ + *-ti-, ‘sabedoria, prudência, astúcia’, onde *mē- é uma raiz nominal ou verbal e *-ti- é um nome de agente. Μῆτις, que deriva da forma grega do radical (μητι-), pode naturalmente assumir também o significado de ‘plano hábil’ ou de ‘estratagema’, e.g. πολύμητις Ὀδυσσεύς, ‘Odisseu de muitos estratagemas’, ‘o muito astuto Odisseu’ (*Il.* 1.311). A raiz verbal *mē-/mā₁ originou igualmente palavras de significado mais ou menos concreto. O antigo verbo μήδομαι, ‘refletir sobre um projeto, planejar’ e o substantivo plural μήδεα, ‘projetos, planos hábeis’ (radical *mēd- > μηδ-, possivelmente; ver p. 44, *infra*) têm, naturalmente, sentido abstrato. Um exemplo de vocábulo de sentido concreto é o substantivo μέτρον, ‘medida’. Uma discutível ocorrência da forma grega do radical μητι- pode estar presente em um nome micênico, *e-u-me-ta* (= Eumētēs = Εὔμητις, ‘prudente’), o que remete, mais uma vez, o léxico do engano aos tempos micênicos (meados do II milênio a.C.). Para outras antigas ocorrências do radical μητι-, ver p. 20, *supra*.

Registro, finalmente, que alguns sintagmas sem vocábulos ligados diretamente ou circunstancialmente ao engano podem, apesar disso, refletir o ato ou a intenção de enganar. São

¹⁹ Para um panorama das nuances e acepções da palavra τέχνη, ver o *Íon*, de Platão.

²⁰ A autoria do *Prometheus Vincetus*, ‘Prometeu Acorrentado’, tragédia tradicionalmente atribuída a Ésquilo, tem sido muito contestada nas últimas décadas. Discute-se muito, também, a tetralogia da qual teria sido parte. No momento, a balança se inclina levemente contra a autoria de Ésquilo: ver panorama da discussão e referências em GRIFFITH (1983), WEST (1990, p. 51-72) e HUBBARD (1991), e ainda as considerações de TORRANO (2009, p. 323-5).

habitualmente introduzidos por ὥς + ἐπί ou por ὥς + particípio e, no primeiro caso, expressam desígnio, finalidade ou intenção e, no segundo, circunstâncias irrealis, subjetivas e supostas, tudo eventualmente associável a enganos. Esses sintagmas introduzidos por ὥς podem ser traduzidos, em geral, pela expressão ‘como se’ (ver LSJ, s.u.; GOODWIN, 1894, § 1574 e 1593; RAGON, 1961, § 256).

2. O engano nas literaturas antigas

Se o engano é um componente significativo na vida real de todas as sociedades de todas as épocas, está indubitavelmente presente na cultura grega antiga e na pólis, em cujo contexto social, religioso e político a tragédia ática deve ser situada.²¹ A validade dessa asserção pode ser ilustrada, por exemplo, através de uma das anedóticas e mais emblemáticas digressões do historiador Heródoto e do testemunho do poeta cômico Aristófanes, um dos mais duros críticos da sociedade grega clássica.

Dois antigos cronistas do engano. Heródoto, que escreveu entre -445 e -425, aproximadamente, conta que, aos olhos do persa Ciro²² — um observador externo, portanto —, a sociedade grega nada mais era do que um conjunto de enganadores e enganados sistemáticos (1.153):

Οὐκ ἔδεισά κω ἄνδρας τοιούτους, τοῖσί ἐστι χῶρος ἐν μέσῃ τῇ πόλει ἀποδεδεγμένος ἐς τὸν συλλεγόμενοι ἀλλήλους ὁμνύντες ἐξαπατῶσι.

Não temo homens assim, que mantêm um local no centro da pólis para se reunir e enganar uns aos outros com juramentos.

Em outras anedotas (1.59-60), o historiador ilustrou o uso do engano na alta política ateniense, ao descrever os dois estratagemas que permitiram ao tirano Psístrato assumir o poder no século -VI.

O testemunho de Aristófanes nos dá uma vívida imagem do engano na vida social grega pois, embora corresponda a um registro ficcional da comédia ática, é matizado de tonalidades

²¹ Ver, a propósito, o útil sumário de MASTRONARDE (2010, p. 15-25) e suas referências a estudos mais detalhados sobre o tema.

²² Rei da Pérsia (c. -560/-530), fundador do Império Persa.

verdadeiras. Na mais antiga de suas comédias conservadas, representada em -425, um de seus personagens exclama, depois de surpreender uma deslavada mentira contada na assembleia ateniense (*Ach.* 114-5):

Ἄλλως ἄρ' ἐξαπατώμεθ' ὑπὸ τῶν πρέσβων; –
Ἑλληνικόν γ' ἐπένευσαν ἄνδρες οὐτοί,
κοῦκ ἔσθ' ὅπως οὐκ εἰσὶν ἐνθένδ' αὐτόθεν. 115

Estamos então sendo enganados por nossos embaixadores?
Inclinaram a cabeça bem à grega,²³ esses sujeitos aí... 115
parece, na verdade, que eles são daqui mesmo.

A convivência diária com o engano e suas consequências não era, naturalmente, exclusividade da sociedade grega antiga, e vários exemplos podem ser encontrados na literatura, mimese e reflexo poético da realidade.²⁴ Espera-se, naturalmente, que todas as literaturas conhecidas tenham, em prosa e/ou verso, um ou mais relatos de enganos, planejados ou não, bem implementados ou não, bem ou malsucedidos, só mencionados ou então descritos com riqueza de detalhes. Verifica-se, ademais, que devido às exigências da narrativa ficcional, na maior parte das vezes os enganos não são acompanhados de julgamentos éticos,²⁵ i.e., o que interessa ao narrador, naquela pequena parte de sua obra, é a descrição do ato enganoso, os aspectos “artísticos” de sua ocorrência, a motivação e as consequências do engano para o enganador e para o enganado.

Literatura oral. Essas características do engano “literário” já estão presentes na literatura oral, que em quase todas as culturas é a mais antiga de todas e contém as mais remotas tradições de cada povo. A presença do engano nos mitos tradicionais de diversos povos pode

²³ Paródia do solene gesto de aquiescência que os deuses faziam com a cabeça para garantir a palavra dada (e.g. *Il.* 1.524-30, q.u. p. 37). Aristófanes, aqui, insinua que entre os mortais a coisa seria diferente...

²⁴ Aqui, o termo “poesia” foi utilizado no sentido empregado por Aristóteles (*Po.* 1447a), desenvolvido posteriormente por Roman Jakobson e discutido por AGUIAR E SILVA (1968, p. 26) ao descrever a função poética da linguagem literária.

²⁵ Na literatura grega anterior a Platão e a Górgias (início do século -IV), no entanto, os poetas tinham pelo menos uma visão não propriamente moralista, mas “pré-moralista” do engano, como se vê em [Homero] e Hesíodo, que cantaram a licitude dos enganos na expressão da vontade de um deus ou como método para o êxito do herói em suas aventuras (VÍLCHEZ, 1976, p. 54). A poesia épica, lírica e trágica antiga registra numerosos exemplos da apreciação ou da condenação de enganos como mentiras e falsos juramentos, e.g. *Il.* 3.276-9, 9.312-3, 19.258-60 e 23.581-5; *Od.* 15.264; *h. Hom.* 4.368-9; Xenoph. *Fr.* 11-12; Parm. *Fr.* 8.50-2; Thgn. 121-4, 390-3 e 1195-6; Pi. *O.* 1.28-9 e 4.17-8; Pi. *P.* 1.92 e 4.99-100; Pi. *Fr.* 213; A. *Fr.* 301; S. *Ph.* 106-11 e *Fr.* 933.

ser ilustrada, por exemplo, pelos relatos das variadas e complexas façanhas das entidades *tricksters*. Em estudos de Mitologia e de Antropologia, o *trickster*, ‘enganador’, é um deus, herói ou animal transgressor, de forma humana ou não, que utiliza poderes sobre-humanos para quebrar regras, realizar travessuras e pregar peças, recorrendo, muitas vezes, a ardis e outros enganos — *to trick* significa, primordialmente, ‘enganar.’

Histórias desse teor são encontradas entre os relatos orais recolhidos por estudiosos modernos em regiões geograficamente distantes, como a África Ocidental, a respeito de Anansi; entre os índios norte-americanos, sobre o Coelho ou Coiote; e entre alguns grupos de índios brasileiros, sobre Macunaíma e Bahira. Já no domínio da literatura escrita antiga, temos os deuses Hermes, na Grécia,²⁶ Krishna, na Índia, e Loki, na Escandinávia. Na literatura medieval e renascentista, os Märchen, ‘contos de fadas’ europeus, e.g. a Raposa, o Gato de Botas e outros animais falantes; Till Eulenspiegel, na Alemanha; e Lazarillo de Tormes, na Espanha.²⁷ Essas e outras ocorrências sugerem que o *trickster* e seus enganos têm origem remota e relativamente difusa, e que o engano é, efetivamente, universal e está representado na literatura de diversas sociedades antigas e modernas.

Literatura escrita. Os primeiros textos escritos contêm, efetivamente, muitos exemplos de enganos. No antigo Médio Oriente, por exemplo, a linha 67 do texto *Instruções de Šuruppag*,²⁸ escrito na Suméria c. -2600, menciona ‘o homem que engana’ (lu₂-lul-la-gin₇).²⁹ O *Torá*³⁰ hebraico, escrito na primeira metade do I milênio a.C., porém firmemente baseado em antigas tradições literárias do Oriente Médio, tem igualmente muitos enganos — só no primeiro livro, *Bereishit*,³¹ foram contados pelo menos quinze (WILLIAMS, 2001). O mais célebre e mais conhecido de todos está na história do fruto proibido, que termina com a emblemática

²⁶ Além de Hermes, Prometeu, Hefesto, Odisseu e até mesmo os poetas iâmbicos Arquíloco e Hipônax têm características em comum com os *tricksters*. Ver PRATT (1993, p. 55-94) e PÒRTULAS, 1983.

²⁷ Ver, a respeito de Lazarillo de Tormes, a nota 158, p. 95.

²⁸ Šuruppag é uma das mais antigas cidades sumerianas, datada do Período de Jemdet Nasr (c. -3000) e situada na moderna Tell Fa’rah, Iraque.

²⁹ Texto original editado e traduzido para o inglês por Bendt ALSTER (1974) a partir de tabuinhas cuneiformes escritas em diversos períodos históricos, conservadas em vários museus; ver BLACK, CUNNINGHAM, E-BELING et al. (1998-2006). A passagem foi traduzida por mim, a partir da versão inglesa.

³⁰ Hebraico תּוֹרָה, ‘instruções’. Corresponde aos “cinco livros de Moisés”, ou *Pentateuco*, conjunto dos cinco primeiros livros do *Antigo Testamento* da Bíblia cristã.

³¹ Hebraico בְּרֵאשִׁית, ‘no princípio’. Corresponde ao *Gênesis* da Bíblia cristã e a seu *incipit*.

justificativa de Eva, ‘a serpente me enganou e eu comi’ (*Gn.* 3.13).³²

Em um papiro egípcio datado de -1300, mais ou menos, a coluna ii do pseudo-histórico relato sobre a *Captura de Jafa*³³ descreve o ardil utilizado pelo oficial egípcio Djehuty para entrar na cidade: ‘fez então trazerem duzentos cestos que tinha mandado fazer e ordenou que duzentos soldados entrassem neles ... e os cestos foram selados’.³⁴ Note-se a semelhança entre o ardil de Djehuty e o artifício do “cavalo de Troia”, descrito resumidamente por [Homero] na *Od.* (9.409-521, p. 65) por volta de -743/-713.

O emprego do engano em operações militares, como sugere o parágrafo precedente, é uma tática muito antiga e muito disseminada, tanto na vida real³⁵ quanto na literatura. No antigo Extremo Oriente, o engano está presente em um dos mais conhecidos parágrafos do célebre tratado chinês sobre a *Arte da Guerra*, atribuído a Sūn Zǐ e escrito provavelmente entre -476 e -221: ‘todo combate é baseado no engano’ (1.18).³⁶

Literatura grega antiga. A mais antiga literatura da cultura Ocidental tem suas raízes na cultura do Mediterrânea Oriental e, como em muitas delas, as primeiras obras foram escritas em versos. Até meados do século -V, quando Eurípides começou a apresentar suas tragédias em Atenas, a quantidade de textos em prosa era pequena, considerando-se a totalidade da literatura grega dos três primeiros séculos (-750 a -450, aproximadamente).³⁷ Enganos podem ser também encontrados, no entanto, embora de forma sucinta e limitada, na obra de prosadores como Helânico (e.g. 4 F 31 e 125), Heródoto (e.g. Hdt. 1.59-60 e 1.153, como vimos na p. 21; 2.113-20; 8.140-2; 9.93-4; etc.), [Hipócrates] (e.g. Ps.-Hp. VM 2), Demócrito (e.g. Demo-

³² Tradução direta do hebraico de Ludovico Garmus (Garmus, p. 31).

³³ Hebraico יָפֹ, gr. Ἰόπη, lat. *Joppe*, uma das mais antigas cidades portuárias do mundo, conhecida pelos egípcios como *Ya-pu* e situada na área hoje ocupada por Tel-Aviv, Israel. O sítio data do Bronze Antigo, mas as primeiras fortificações foram construídas durante o Bronze Médio (-1900/-1530).

³⁴ O texto original é parte do *P. Harris 500*, de Tebas, Egito, datado de c. -1300 e conservado atualmente em Londres, no British Museum. O relato descreve acontecimentos do reinado de Tutmés III (-1479/-1425), sexto faraó da 18ª Dinastia. Trecho traduzido do egípcio antigo por Emanuel ARAÚJO (2000, p. 120-3).

³⁵ Para um panorama do engano na história militar, ver LATIMER (2001).

³⁶ Texto traduzido do chinês para o inglês por Lionel GILES (1910). A passagem foi traduzida por mim a partir da versão inglesa.

³⁷ Essa diferença aparentemente se deve a uma série de razões culturais e econômicas cuja discussão transcende o presente estudo. Os três primeiros capítulos do texto de Albrecht DIHLE (1991) contêm um excelente esboço das condições socioeconômicas dos territórios gregos durante os séculos -VIII/-VI e de sua influência no advento das mais antigas formas literárias da Grécia Antiga.

crit. *Fr.* 63), Ferécides (e.g. Pherecyd. 3 F 119)³⁸ e Tucídides (e.g. Th. 1.34.3; 3.43.2; 4.86.6; etc.), dentre os poucos que escreveram em prosa entre os séculos -VII e -V.

Nas obras em verso que circularam na Grécia desde o início do período arcaico até meados do período helenístico, por outro lado, encontramos enganos abundantes, variados, de diferente complexidade, longa e detalhadamente descritos por seus autores. [Homero], Hesíodo, os poetas cíclicos, os poetas líricos, os poetas cômicos e os poetas trágicos, todos eles recorreram ao engano em suas obras. Os poetas trágicos do século -V, herdeiros da tradição épica, consideravam o engano importante recurso dramático (Lucas, p. xix) e o utilizaram tanto do ponto de vista estrutural, i.e., como parte do drama, quanto em menções incidentais. E, embora os poetas mais velhos — e.g. Frínico, Ésquilo e Sófocles — tenham utilizado o tema, foi certamente Eurípides que desenvolveu o engano trágico e o transformou em um dos mais importantes expedientes dramáticos. Aristófanes, seu mais antigo crítico literário, reconheceu explicitamente que o engano era uma das características euripidianas mais marcantes, e na comédia *As Rãs* faz o personagem “Eurípides” afirmar (953-7), através de dois vocábulos circunstanciais do engano, τεχνάζειν (cf. p. 19) e περινοεῖν (*infra* p. 42):

ΕΥΡΙΠΙΔΗΣ

Ἔπειτα τουτουσὶ λαλεῖν ἐδίδαξα 953

(...)

νοεῖν, ὁρᾶν, ξυνιέναι, στρέφειν ἐρᾶν, τεχνάζειν, 957
κάχ' ὑποτοπεῖσθαι, περινοεῖν ἅπαντα.

EURÍPIDES

E então ensinei esses aí a conversar, 953

a confabular, ver, deliberar, gostar de enredar, tramar, 957
suspeitar do pior e a tudo planejar astuciosamente.

Eurípides se inspirou não apenas no riquíssimo cabedal mítico recolhido por seus antecessores, mas também na prolífica tradição poética — épica, lírica e dramática — produzida desde os primórdios da literatura grega até o final do século -V, e isso sem levarmos em conta a significativa quantidade de variantes míticas criadas por ele mesmo em muitos de seus dramas. Os enganos euripidianos contêm, portanto, numerosos elementos narrativos, léxicos e

³⁸ A controvérsia dita “ferécídea” tende, no momento, a aceitar a existência de dois Ferécides distintos (cf. PÂMIAS, 2005), Ferécides de Siros (c. -540) e Ferécides de Atenas (c. -450). Neste trabalho, menções a *Ferécides* (= Pherecyd.) se referem sempre ao mitógrafo e logógrafo Ferécides de Atenas.

dramáticos já presentes nos autores que o antecederam e, para entender e contextualizar adequadamente o tema do engano em Eurípides, é necessário avaliar, ainda que sucintamente, esse mesmo tema nos poetas mais antigos, a começar por [Homero] e pelos outros poetas épicos. Como lembrou Platão (*Tht.* 152e), “os melhores em cada um dos tipos de poesia são, na comédia, Epicarmo e, na tragédia, Homero.”

Por falar em Epicarmo, convém lembrar que é grande o potencial cômico das cenas de engano e que até mesmo na sóbria poesia épica grega encontramos diversos episódios em que se misturam o engano e o riso (BURROWS, 1965). O drama satírico, por exemplo, que envolve o riso planejado por sérios poetas trágicos, aproveitou muito bem esse potencial e fez dele um de seus principais temas (ver SEIDENSTICKER, 2005). É natural encontrarmos, portanto, cenas enganosas nas comédias dos poetas cômicos Epicarmo (*Fr.* 84) e Cratino (*Fr.* 319), de Aristófanes, de Menandro e de praticamente todos os outros poetas cômicos, mas em escala bem menor do que seria de se esperar. Em compensação, em uma única comédia, *Tesmoforiantes*, Aristófanes encenou os enganos de Eurípides e do Parente em alucinante e ininterrupta sucessão, como se a comédia fosse um único e longo engano.

Depois de Eurípides e de Aristófanes, i.e., do início do século -IV em diante, o engano pode ser encontrado, predominantemente, na obra dos oradores áticos e na Comédia Nova, e com isso, de certa forma, o engano na literatura grega entrou em nova e distinta fase, que não será abordada neste trabalho.

Note-se, finalmente, que a difusão do engano em praticamente todos os gêneros literários gregos do Período Arcaico e do Período Clássico ilustra não apenas a ubiquidade do engano, mas sugere que o público grego apreciava efetivamente esse tema, pelo menos do ponto de vista do espetáculo, seja em um discurso na assembleia, seja na narrativa de um diálogo ou até mesmo em uma representação teatral, como lembra BURROWS (1965, p. 34):

What was the Greek attitude toward lying and deception? Indeed, we know the delight all audiences feel in watching deception practiced: one feels smug superiority in the possession of knowledge denied to others. Further, the Greeks of antiquity were particularly enthralled by a good story told with effective delivery; in historical times adherence to the truth was often a secondary consideration.

Essa boa acolhida do engano literário certamente se devia, como procurei ilustrar com o tes-

temunho de Heródoto e de Aristófanes (*supra* p. 21 sqq.), à importância do engano no dia a dia do homem grego dos Períodos Arcaico e Clássico.

3. O engano na poesia grega até o século -V

The motif of trickery, in its widest sense, encompasses many subtypes, aside from Invention. Widely admired by many Greeks (if not by Hesiod), trickery appears in robbery, seduction, abduction, lies, and various disguise stories.

SOWA (1984, p. 209)

3.1 Poemas épicos

Enganos praticados por deuses, por heróis e por simples mortais foram cantados ou declamados nos mais antigos poemas épicos da literatura grega, mais exatamente na *Ilíada* (Ἰλιάς) e na *Odisseia* (Ὀδύσσεια), ambos atribuídos a [Homero], na *Teogonia* (Θεογονία) e em *Trabalhos e Dias* (Ἔργα καὶ Ἡμέραι), de Hesíodo, e em alguns dos mais antigos e anônimos *hinos homéricos* (Ὅμηρου ὕμνοι).

[Homero] e Hesíodo. A *Ilíada*, vista como poema único ou como um mosaico de vários poemas isolados, é a fonte primordial de muitos mitos e de muitos gêneros literários, além de temas, ideias e técnicas narrativas presentes em textos científicos e filosóficos posteriores. A inspiração remota e até mesmo os protótipos de muitos enganos desenvolvidos por Eurípides e seus predecessores podem ser encontrados entre seus cantos e versos. Embora o poeta da *Ilíada* descreva muitos enganos praticados entre si pelos heróis, predominam no poema relatos de enganos bem sucedidos, bem planejados e bem executados pelos deuses, e.g. Zeus, Hera e, em certa medida, Hermes.

A *Odisseia* pode ser uma composição de poemas mal alinhavados, ou então um único poema constituído por episódios coerentemente ligados; do ponto de vista do engano, porém, todas as partes foram igualmente bem aquinhoadas por [Homero]. Assim como na *Ilíada*, há muitos exemplos de enganos divinos, mas o autor deu destaque bem maior aos enganos humanos, invariavelmente eficazes quando empreendidos por Odisseu, arquétipo e paradigma épico do *ruseur* heroico, ardiloso e competente, mortal e mortífero.

Enquanto os poemas homéricos descrevem enganos de deuses e também de heróis, os poemas de Hesíodo tratam basicamente da esfera divina e descrevem apenas enganos *cosmogônicos*, praticados pelos deuses mais antigos para e por Zeus, durante o estabelecimento do mundo tal qual o conhecemos.

O longo *hino a Hermes* (*h. Hom.* 4 = εἰς Ἑρμῆν) é um dos mais complexos e bem estudados textos da literatura grega arcaica e sua associação com o cômico e com o engano é reconhecida desde a Antiguidade.³⁹ Enganos também estão presentes nos outros *hinos homéricos* longos, mais antigos: no primeiro hino *a Afrodite* (*h. Hom.* 5, εἰς Ἀφροδίτην), no primeiro hino *a Deméter* (*h. Hom.* 2, εἰς Δημήτραν), no primeiro hino *a Dioniso* (*h. Hom.* 1, εἰς Διόνυσον), e na parte pítica do mais longo dos hinos *a Apolo* (*h. Hom.* 3, εἰς Ἀπόλλωνα).

Poemas cíclicos e heroicos. Catálogos. Enganos possíveis, prováveis e até mesmo evidentes foram detectados, apesar da exiguidade do material que sobreviveu, em alguns poemas do Ciclo Épico⁴⁰, parte de uma considerável quantidade de poemas heroicos de várias épocas do Período Arcaico. Praticamente todos são anônimos ou de autoria até hoje indefinida, e mencionados habitualmente pelo título: *Pequena Ilíada* (Ἰλιάς Μικρά), *Etiópica* (Αἰθιοπία), *Saque de Ílion* (Ἰλίου Πέρσις), *Tebaida* (Θηβαΐς),⁴¹ *Retornos* (Νόστοι, cf. Ath. 7.14.2 = *Nosti Fr.* 3), *Alcmeônida* (Ἀλκμαιωνίς), *Cantos Cíprios* (Κύπρια), *Mínias* (Μινυάς). O poema *Heracleia* (Ἡράκλεια) é uma exceção, pois tem sido uniformemente atribuída ao poeta Paniassis, possivelmente aparentado ao historiador Heródoto, desde a Antiguidade (*Suid.* s.u. Πανύσις). A maior parte dos resumos e fragmentos conhecidos não contém enganos, mas ocasionalmente são mencionados mitos que, em outras fontes antigas, são caracterizados por enganos.

O anônimo autor do *Catálogo das Mulheres* (Γυναικῶν Κατάλογος, ou *Ehoiae*) também

³⁹ Análises e referências recentes sobre o caráter cômico do *hino a Hermes* estão disponíveis em SOWA (1984, p. 157-72), CLAY (1989, p. 95-151) e RICHARDSON (2010, p. 19-20), entre outros. Em JOHNSTON (2002) há um bom estudo da estrutura do hino e de sua contribuição ao mito e ao culto de Hermes.

⁴⁰ Os ‘poemas cíclicos’ (παρὰ τοῖς κυκλικοῖς, *Aeth. Fr.* 4) compreendem, na verdade, quatro outros ciclos heroicos mais ou menos independentes, com vários subciclos e lendas em comum a respeito de heróis e suas façanhas (WEST, 1985, p. 137-8): o de Iolco (e.g. Pélias, Jasão, Argonautas, Peleu e Aquiles); o Etólio-Eleático-Pílio (e.g. javali de Cálidon, Meleagro, Dejanira e Hércules, o saque de Ecália); o Tebano (e.g. Édipo e filhos, os Sete Contra Tebas); e o Troiano (e.g. rapto de Helena, Guerra de Troia, Retornos, lendas dos atridas). Acrescento a essa lista um Ciclo Ático relativamente tardio, com as lendas dos antigos reis de Atenas e, em especial, as de Teseu.

⁴¹ Sobre a possibilidade de terem existido duas *Tebaidas*, ver MASTRONARDE (1994, p. 17-8).

utilizou o metro épico, e a estrutura genealógica do poema é comparável à da *Teogonia* hesiódica.⁴² Outro poema com as mesmas características e também incorretamente atribuído a Hesíodo na Antiguidade mesmo é intitulado *Grandes Ehoiae* (Μεγάλαι Ἠοίαι: gr. Ἠοίαι = lat. *Ehoiae*). Apesar da semelhança do nome, ele é distinto do *Catálogo das Mulheres*.⁴³ Um outro poema anônimo, *Mínias* (Μινυάς),⁴⁴ é também do tipo genealógico e, assim, me pareceu apropriado estudar os três juntamente com os outros poemas épicos.

Um dos problemas enfrentados no estudo desses últimos enganos foi, além do estado altamente fragmentário e pouco coeso do material disponível, a natureza indireta dos dados. Com exceção das *Ehoiae*, esses épicos sobreviveram através de alguns poucos testemunhos, de resumos — notadamente os da *Crestomatia* de “Proclo”⁴⁵ — e de escassos fragmentos extraídos de autores tardios, que citam imperfeitamente ou apenas mencionam brevemente os versos originais.⁴⁶ Nesses casos minhas interpretações foram, portanto, baseadas em interpretações e comentários interpretativos de leitores da Antiguidade (e.g. Pausânias, Ateneu, etc.), muitos dos quais provavelmente não tiveram acesso direto aos poemas e leram apenas epítomes semelhantes às de Proclo (West², p. 3-4).

3.2 Poemas líricos

Os mais antigos poetas líricos também são conhecidos apenas através de testemunhos e de fragmentos em geral bastante pequenos. Embora tenham sido contemporâneos de alguns poetas épicos, podemos indubitavelmente considerá-los seus sucessores naturais, pelo menos em relação ao uso de episódios míticos em suas obras, e especialmente nas passagens que contêm enganos.

⁴² MOST (2006, p. liii) observou, a meu ver com propriedade, que as genealogias das *Ehoiae* são uma contrapartida humana às genealogias da *Teogonia* de Hesíodo.

⁴³ Sobre a possibilidade de Γυναικῶν Κατάλογος e Μεγάλαι Ἠοίαι serem simplesmente duas versões do mesmo poema, ver COHEN (1986) e D’ALESSIO (2005, p. 176-9).

⁴⁴ Há uma certa controvérsia a respeito da atribuição do fragmento de um papiro do s. I, o *P. Ibscher* (col. i = *Fr.* 280 SMW): seria ele o *Fr.* 7 do *Mínias* ou o único fragmento do poema pseudo-hesiódico *Descida de Pirítoo ao Hades* (Πειρίθου κατάβασις)? As evidências parecem apontar, no momento, para a existência de um só poema, *Mínias*, que falava também da aventura de Teseu e Pirítoo no Hades (West², p. 34-5).

⁴⁵ Identificado pela maioria dos eruditos com o filósofo neoplatônico Proclus Lycaeus, que viveu entre 412 e 485 em Constantinopla e Atenas. Ver West² (p. 12).

⁴⁶ Para uma lista dos “catálogos” conhecidos ao menos pelo título, nome do autor e/ou algum fragmento, ver WEST (1985, p. 3-11)

Há ocorrências razoavelmente bem definidas nos poemas de Arquíloco, Simônides, Mimnermo, Safo, Alceu, Sólon, Íbico, Estesícoro e Teógnis, e possivelmente também em Hipônax. Todos eles devem ter utilizado o engano mais extensivamente do que os poucos versos sobreviventes permitem imaginar. Em linhas gerais, parece que Arquíloco, Alceu, Íbico e Estesícoro se inspiraram nas narrativas típicas do engano épico, enquanto Mimnermo, Safo, Sólon, Hipônax e Teógnis utilizaram o engano de forma meramente incidental, muitas vezes mencionando o tema apenas em rápidas apreciações ligadas à ética do engano.

De Baquilides e de Píndaro, os dois poetas líricos cronologicamente mais recentes,⁴⁷ temos não só fragmentos, mas também numerosas odes integralmente conservadas. Os enganos abordados por Baquilides estão presentes em dois ditirambos e em alguns fragmentos conhecidos; em mais ou menos 14 odes epinícias *Olímpicas*, *Píticas* e *Nemeias* de Píndaro, e ainda no fragmentário *Peã* 6 (= *Fr.* 52f), poemas compostos nas primeiras décadas do Período Clássico, encontramos pela primeira vez diversos enganos que mais tarde inspirariam os poetas trágicos.

De todos os poetas antigos, foi Píndaro quem mais se preocupou com a verdade e a mentira na poesia e com a moralidade e a ética do engano. Suas opiniões sobre essas questões, expressas muitas vezes através do léxico especializado, estão quase sempre presentes em suas odes mais importantes.

3.3 Poemas trágicos

From epic we turn briefly to lyric and then tragedy.
GANTZ, 1993, p. 696

Nos poetas trágicos mais antigos há bons exemplos de enganos, notadamente em Ésquilo, de quem temos tragédias completas. *Pers.*, *Supp.*, *Ag.* e *Ch.*, em especial, têm enganos ou, pelo menos, referências a eles. Sófocles, embora uma geração mais velho do que Eurípides, morreu um pouco depois dele e sua própria carreira, pelo menos durante seus últimos quarenta anos de vida, acompanhou lado a lado a carreira de Eurípides. Ele criou ou reaproveitou

⁴⁷ Não incluí no presente estudo a poetisa Corina, considerada por alguns eruditos contemporânea de Píndaro e, consequentemente, de Baquilides. As evidências mais recentes situam seu florescimento no início do Período Helenístico, provavelmente no século -III (ver Camp. 4, p. 1-3).

enganos em quase todas as suas tragédias completas, e.g. *Aj.*, *Tr.*, *Ant.*, *El.* e *Ph.*

Há evidências de enganos, igualmente, nos fragmentos de várias tragédias apresentadas por outros poetas trágicos menos importantes e menos conhecidos (*tragici minores*). Alguns, como Téspis, Pratinas, Frínico e Polifrasmon (filho de Frínico) eram mais velhos do que Eurípides, mas muitos deles foram contemporâneos dele: Aqueu de Erétria, Filocles, sobrinho de Ésquilo, Iofonte, filho de Sófocles, Íon de Quios e Xenocles, entre outros.

A ocorrência do tema do engano na tragédia grega já havia sido notada, há décadas, por vários pesquisadores, mas o tema não foi ainda estudado de forma abrangente e sistematizada, embora o interesse por ele tenha aumentado nos últimos anos. Predominam estudos muito genéricos sobre alguns tipos de engano trágico (KÄTZLER, 1959; SOLMSEN, 1968; STROHM, 1949/50; GOWARD, 1999) e estudos isolados sobre alguns dos enganos utilizados por Ésquilo (ROSENMEYER, 1955; TORRANO, 2010), por Sófocles (PARLAVANTZA-FRIEDRICH, 1969; GARVIE, 1972; MOORE, 1977; KNOX, 1979b; HESTER, 1980 e 1981; STEVENS, 1986; GROTE, 1997; BACELAR, 2004) e por Eurípides (DENNISTON, 1939; WEBSTER, 1967, p. 279; MUSURILLO, 1974; MIRTO, 1980; HAMILTON, 1985; CROPP, 1986; BASSI, 1987; HARTIGAN, 1986 e 1991; PORTER, 1994; HESK, 2000; RIBEIRO JR., 2006; MASTRONARDE, 2010). Nesses trabalhos, os enganos são muitas vezes brevemente mencionados ou lembrados, mas não estudados do ponto de vista da estrutura e/ou do léxico, ou catalogados.⁴⁸

Discussões e análises isoladas sobre o engano trágico foram apresentadas em duas recentes reuniões de classicistas, nem todas publicadas. O *UNC-Duke Graduate Colloquium on Deception*⁴⁹ não parece ter se dedicado muito a esse tipo de engano, e a conferência que mais se aproximou do tema foi a de Peter S. MAZUR, da Yale U: *Archaic Greek Poetry as Apatē*. Durante o *I Colóquio do Grupo de Pesquisas Estudos sobre o Teatro Antigo*,⁵⁰ por outro lado, o engano em algumas tragédias de Sófocles e de Eurípides recebeu razoável atenção (ARAÚJO, 2010; DUARTE, 2010a; COELHO, 2010; RIBEIRO JR., 2010a).

⁴⁸ Não me foi possível estudar, a não ser através de curtos resumos e/ou citações limitadas, os seguintes trabalhos: J. KÄTZLER, 1959 (*Pseudos, dolos, mechanema in der griechischen Tragödie*, Thesis doctoral, Tübingen); K. BASSI, 1987 (*Euripides and the Poetics of Deception*, dissertation, Brown University); P. MAZUR, 2006 (*Apatē: Deception in Archaic Greek Culture*, PhD dissertation, Yale University).

⁴⁹ *Lies, Deception and Misdirection: Manipulating Image and Text in the Ancient World*, 17th Annual Graduate Colloquium in Classics, Chapel Hill, U of North Carolina and Duke U Classics Departments, March 25, 2006. URL: classics.unc.edu/events/colloquium/colloquium_06.pdf.

⁵⁰ *Apatē e Illusio no Teatro Greco-Latino*, I Colóquio do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, São Paulo, FFLCH-USP, 17 e 18 de agosto de 2006. URL: www.classica.org.br/ge/gta/col-1.asp.

Até o momento, o mais amplo estudo sobre o engano dramático foi publicado por Mercedes VÍLCHEZ (1976), com base na sua tese de doutorado de 1971, intitulada *El engaño en el teatro griego*, que preenche pelo menos em parte a necessidade de se analisar mais detalhadamente o engano dramático. Seu trabalho contém extensa e erudita análise da ética do engano divino e do engano heroico na épica, na lírica e no drama ateniense mas, infelizmente para nós, a autora não se aprofundou na análise do engano enquanto recurso dramático. De modo geral, somente alguns dos enganos mais evidentes de cada tragédia foram reconhecidos e estudados por ela e os impulsos e motivações dos enganadores, assim como a necessidade do recurso ao engano diante das situações enfrentadas pelos heróis são os itens que predominam em suas análises.

É inegável, no entanto, a contribuição de Vílchez ao estudo da dramatização do engano, uma vez que reconheceu e discutiu pelo menos alguns aspectos de significativo conjunto de enganos utilizados por Eurípides nas seguintes tragédias completas: *Med.*, p. 110-4; *Hipp. B.*, p. 118-21; *Andr.*, p. 128-9; *Hec.*, p. 114-8; *El.*, p. 122-24; *IT*, p. 135-3; *Ion*, p. 138-9; *Hel.*, p. 137-8; *Or.*, p. 124-5; *Ba.*, p. 139-43; e *IA*, p. 125-8.⁵¹

3.4 O *corpus euripideum* e o *corpus* do engano euripidiano

A produção dramática de Eurípides compreende, de acordo com o anônimo autor da *Vida de Eurípides* (i.a9 e i.b5), 92 dramas, dos quais apenas 78 eram conhecidos em sua época. Esse número corresponde, certamente, ao que sabemos sobre o cânon dos eruditos alexandrinos, estabelecido no século -III. Confrontando os dados da *Vita*, das fontes bizantinas⁵² e das fontes primárias disponíveis,⁵³ Kannicht (TrGF 5.1, p. 149-50) fez uma reconstituição satisfatória da lista de 78 dramas euripidianos disponíveis na Biblioteca de Alexandria (ver *Anexo A*, p. 437) ou, pelo menos, dos dramas conhecidos pelos estudiosos da época. Dispomos, atualmente, de 17 tragédias e de um drama satírico completo, além de testemunhos e fragmentos de todos os outros dramas presentes na lista.

⁵¹ As páginas assinaladas se referem aos trechos pertinentes de seu livro.

⁵² Thomas Magister (fl. c. 1310), Σύνοψις τοῦ βίου Εὐριπίδου, e a *Suda* (s. X), s.u. Εὐριπίδης. Ver TrGF 5.1, p. 53-5.

⁵³ O *Marmor albanum* (IG XIV 1152 = Fig. 1, p. 4), a *Lista de Efebos do Pireu* (IG II/III² 2363, Atenas, Biblioteca dos Efebos do Pireu) e o *P. Oxy.* 27.2456.

Os dramas *Pirítoo* (Πειρίθους), *Radamante* (Ραδάμανθους) e *Tenes* (Τέννες), presentes no cânon alexandrino, foram atribuídos por Kn. (TrGF 1, p. 170-84), por Jouan e por Van Looy (JVL, v. 1, p. xv) ao ateniense Crítias, político e intelectual ateniense contemporâneo de Eurípides.⁵⁴ Essa controvérsia data da Antiguidade e ainda não está resolvida. Parece-me, no entanto, que os argumentos pendem ligeiramente a favor da autoria de Eurípides (ver CC 2, p. 629-39). O drama completo *Reso* (Ῥῆσος) que tradicionalmente acompanha as edições do *corpus euripideum* não é de Eurípides, pelo menos de acordo com a maioria dos eruditos (CC 2, p. 118-20), e não foi levado em conta neste trabalho. Acredita-se atualmente que esse *Reso* “completo” foi criado por um poeta trágico do século -IV e bem cedo substituiu, nas antigas coletâneas de dramas de Eurípides, a tragédia euripidiana homônima, hoje perdida e conhecida apenas através de alguns testemunhos e de um ou dois duvidosos fragmentos.⁵⁵ O Ῥῆσος mencionado no catálogo alexandrino refere-se, portanto, aos fragmentos da tragédia perdida e não ao drama completo, cujo autor deve então ser chamado, mais apropriadamente, de Pseudo-Eurípides e eventualmente estudado por seus próprios méritos.⁵⁶

Ao catálogo alexandrino Jouan, Van Looy, Collard e Cropp (JVL e CC) juntaram os dramas *Epeio* (Ἐπειός), *Os Ceifeiros* (Θερισταὶ Σάτ.), *Cadmo* (Κάδμος), *Lâmia* (Λάμια), *Os Mísios* (Μυσοί) e *Sísifo* (Σίσυφος), mencionados em outras fontes antigas,⁵⁷ totalizando assim pelo menos 84 dramas euripidianos conhecidos, 74 tragédias e dez dramas satíricos. O único drama satírico completo é o *Ciclope* (Κύκλωψ). Os nove dramas satíricos fragmentários — comprovados ou altamente suspeitos — são *Autólico A e B* (Αὐτόλυκος Σάτ.), *Busiris* (Βούσιρις Σάτ.), *Euristeu* (Εὐρυσθεὺς Σάτ.), *Sísifo* (Σίσυφος Σάτ.), *Esquiron* (Σκίρων Σάτ.), *Sileu* (Συλὲς Σάτ.), *Epeio* (Ἐπειός), *Os Ceifeiros* (Θερισταὶ Σάτ.) e *Lâmia* (Λάμια). Foram objeto do presente trabalho, consequentemente, as 74 tragédias completas e incompletas conhecidas.

⁵⁴ Crítias (-460/-403), tio de Platão e igualmente discípulo de Sócrates, foi um dos “trinta tiranos” do regime oligárquico pró-Esparta que dominou Atenas entre -404 e -403. Dele nos restam fragmentos filosóficos, algumas elegias e referências a tragédias que teria escrito.

⁵⁵ Síntese dos argumentos *pro* e *contra* a autoria de Eurípides para o *Reso* “completo” e referências bibliográficas recentes estão disponíveis em BATTEZZATO (2000, p. 367), TrGF 5.2 (p. 642-4), FANTUZZI (2005) e SAIS (2010, p. 52-8).

⁵⁶ Em recente estudo sobre o *Reso* pseudo-euripidiano, SAIS (2010) analisou o tema da astúcia e alguns notáveis enganos presentes, associados a vocábulos específicos (e.g. δόλος) e inspirados notadamente na *Doloneia* homérica, discutida mais adiante (p. 52). Mas esses enganos foram criados, creio, no século -IV; são posteriores a Eurípides e fogem do escopo deste trabalho.

⁵⁷ Ἐπειός, IG XIV 1152.25; Θερισταὶ σατ., Ar. Byz. Arg. E. Med. 43; Κάδμος, Probus in Verg. Ecl. 6.31; Λάμια σατ., Lactant. Div. Inst. 1.6.9; Σίσυφος, P. Oxy. 2456 col. ii; Μυσοί, Phld. Piet. p. 22.

No *corpus euripideum*, as fontes mais importantes para o estudo do engano e de qualquer outro tema são, sem dúvida, as tragédias completas, que chegaram até nós através de numerosos manuscritos copiados durante o Período Bizantino e a Idade Média europeia e de diversos fragmentos papiráceos. As tragédias fragmentárias, que conhecemos apenas em parte,⁵⁸ contribuem necessariamente de forma mais limitada para o estudo do drama euripidiano.

Enganos mais ou menos evidentes foram encontrados em pelo menos 14 tragédias “completas” de Eurípides e em 24 tragédias fragmentárias, onde há enganos confirmados ou apenas inferidos, face às informações disponíveis.

⁵⁸ Para a história da transmissão dos manuscritos do *corpus euripideum*, consultar TUILIER (1968) e o conveniente sumário de BARRET (1964, p. 45-90). Para uma descrição panorâmica das principais fontes das tragédias incompletas, assim como uma história das coleções, ver JVL 1 (p. xvi-lxxix) e CC1 (p. xi-xxvii).

PRECURSORES DO ENGANO EURIPIDIANO

Δεδίδαχεν δὲ μάλιστα Ὅμηρος καὶ τοὺς
ἄλλους ψευδῇ λέγειν ὥς δεῖ.
Arist. *Po.* 1460a

Πολλὰ ψεύδονται ἁοιδοί.
Ps.-Pl. *Just.* 374b

Οὐ πάντα Ὅμηρος ψεύδεται.
Syn. Phil. *Ep.* 146⁵⁹

⁵⁹ ‘E Homero, principalmente, ensinou os outros (poetas) a mentir conforme a necessidade’ (Arist.). ‘Os aedos mentem muito’ (Ps.-Pl.). ‘Nem tudo é mentira em Homero’ (Syn. Phil.).

1. A *Iliáda*

1.1 Deuses, deusas e divinos enganos

πάντα θεοῖς ἀνέθηκαν Ὅμηρός θ' Ἡσίοδος τε,
ὅσσα παρ' ἀνθρώποισιν ὀνείδεα καὶ ψόγος ἐστίν,
κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν.⁶⁰

Xenófanes, *Fr.* 11 (≅ *Fr.* 12)

A cabeça de Zeus. A primeira referência da literatura grega ao engano é, na verdade, a descrição de um potencial engano na esfera divina, contado por [Homero] na metade do primeiro livro da *Il.* Aquiles havia se retirado da luta, depois da discórdia entre ele e Agamêmnon (1.1 e 2.495-530), e implorado à mãe, a nereida Tétis, que intercedesse junto a Zeus para que os gregos sentissem sua falta e lhe dessem o devido valor. Tétis foi então ao Olimpo e pediu a Zeus que os combates se inclinassem em favor dos troianos (1.503-10). Zeus concordou com o pedido, à moda dos deuses (1.524-7):

εἰ δ' ἄγε τοι κεφαλῇ κατανέυσομαι ὄφρα πεποιίθῃς·
τοῦτο γὰρ ἐξ ἐμέθεν γε μετ' ἀθανάτοισι μέγιστον
τέκμωρ· οὐ γὰρ ἐμὸν παλινάγρετον οὐδ' ἀπατηλὸν
οὐδ' ἀτελεύτητον ὃ τί κεν κεφαλῇ κατανέυσω.

525

E a ti assentirei com a cabeça, para ficares persuadida,
pois isso é para mim, entre os imortais, a máxima
garantia. Pois não é nem revogável, nem enganoso
e nem ficará por cumprir o que eu assentir com a cabeça.

525

Note-se que o substantivo ἀπατηλός, 'que produz ilusão, enganoso' (1.526), deriva do radical ἀπατᾶ-, um dos mais importantes do léxico do engano, e que o verbo πείθω (1.524), na presente circunstância, não está vinculado ao engano.

Para o mais poderoso de todos os deuses, a inclinação da cabeça era a única garantia necessária para validar a palavra divina, e o gesto era tão significativo e se revestia de tamanha importância que fazia o Olimpo todo tremer (1.530). Em relação ao tema do presente estudo,

⁶⁰ Tudo aos deuses creditaram Homero e Hesíodo, tudo o que entre os homens opróbio e censura desperta: roubar, cometer adultério e enganar uns aos outros.

o que há de mais interessante nesse célebre *tableau*, lembrado por Píndaro (*I.* 8.45-46) e imortalizado na célebre pintura de Ingres,⁶¹ é que Zeus se apressou a dar uma garantia de que não estava enganando a deusa. Seguramente todos os imortais sabiam, além de Tétis, que até mesmo o mais importante deus do Olimpo, do alto de sua majestade, era capaz de enganar para cumprir seus desígnios, e que ao tratar com ele uma garantia era muito bem-vinda.

O sonho funesto. O primeiro engano propriamente dito de toda a literatura grega foi narrado por [Homero] no início da *Il.* (2.1-86), no episódio do ‘sonho funesto’ enviado por Zeus ao grego Agamêmnon. O rei dos deuses precisava cumprir sua promessa à nereida Tétis e, depois de pensar no assunto durante o sono, concebeu um ‘excelente plano’ (ἀρίστη βουλή, 2.5). Enviou Ὀνειρος, ‘Sonho’, que assumiu a forma do velho Nestor (2.20) e convenceu Agamêmnon a atacar imediatamente os troianos, pois assim Troia cairia no mesmo dia. O plano de Zeus foi bem sucedido, pois Agamêmnon acreditou no sonho e, iludido, lançou um ataque geral. Os gregos, sem Aquiles e sem o favor de Zeus, sofreram pesadas perdas e quase foram derrotados.

Esse engano se desenvolveu em torno de um plano ou estratagema cuidadosamente delineado e executado por Zeus, expediente que nos trágicos seria posteriormente chamado de μηχανή (*supra* p. 18). Na *Il.* esse radical não é em geral utilizado para caracterizar nenhum plano enganoso específico; há apenas referências genéricas ao πολυμήχαν’ Ὀδυσσεῦ (e.g. 2.173; 4.358), ‘Odisseu de muitos estratagemas’.⁶² Na descrição do sonho funesto de Agamêmnon, [Homero] se referiu ao estratagema de Zeus através do vocábulo βουλή (2.5), aparentado ao verbo βουλεύω (q.u. p. 18); outra palavra utilizada, esta já do léxico específico, é ψεῦδος, ‘falso’ (*supra* p. 17). Eis a passagem (2.80-1):

εἰ μὲν τις τὸν ὄνειρον Ἀχαιῶν ἄλλος ἔνισπε	80
ψεῦδός κεν φαῖμεν καὶ νοσφιζοίμεθα μᾶλλον	
se um outro dentre os Aqueus contasse esse sonho,	80
diríamos que é falso e, mais ainda, o rejeitaríamos.	

⁶¹ Jean -Auguste-Dominique Ingres (1780/1867) completou a famosa pintura, *Jupiter et Thétis*, em 1811. Ela se encontra atualmente no Musée Granet de Aix-en-Provence e a imagem está disponível na Web em commons.wikimedia.org/wiki/File:IngresJupiterAndThetis.jpg

⁶² A capacidade enganadora de Odisseu é pouco destacada na *Il.*, mas extensivamente cantada na *Od.* Sobre o epíteto πολυμήχανος, ver nota 97, p. 57.

Além da presença de vocábulos obviamente relacionados com intenções e atividades enganosas, nota-se que o engano de Zeus está organizado em torno de uma narração que contém os três elementos essenciais ($X \rightarrow A \rightarrow Y$) da teoria do engano proposta por HORNE (1981): o enganador ($X = \text{Zeus}$, 2.3-5), o enganado ($Y = \text{Agamêmnon}$, 2.6) e o ato enganoso, concebido com a intenção de enganar ($A = \text{sonho falso}$, 2.19-34). Nesse caso, em particular, o ato enganoso tem vários elementos: o motivo ou justificativa do engano (promessa de Zeus a Tétis, delineada bem antes do engano, 1.495-530), o objetivo (honrar Aquiles e punir os gregos, 2.3-4), a deliberação e/ou planejamento (2.3-5), a execução (2.6-75) e o resultado positivo, descrito ao longo dos livros II-XXII.⁶³ Esses elementos aparecerão, com grande frequência, nos enganos discutidos nas páginas seguintes; o οὔλος ὄνειρος carece, porém, de um item relativamente comum em diversos enganos discutidos mais adiante: o prenúncio ou prelúdio do ato enganoso, às vezes enunciado um pouco antes do engano propriamente dito.

Διὸς ἀπάτη.⁶⁴ O mais explícito e completo dos enganos da *Il.* envolve apenas a esfera divina (14.153-360). Hera preparou e praticou com sucesso uma complexa μηχανή, com a finalidade de desviar a atenção de Zeus do combate e prejudicar os troianos, até então favorecidos por ele por força da promessa feita a Tétis. Hera (X), em síntese, seduziu o marido (Y) e o fez cair no sono, de modo que, momentaneamente sem a ajuda do pai dos deuses e dos homens, os gregos ficaram em vantagem em relação aos troianos (A), contrariando assim a vontade do próprio Zeus.⁶⁵

Hera inicialmente μερμήριξε, ‘planejou’ como enganaria a mente de Zeus (14.159-60) e logo delineou um plano de ação relativamente simples — ir ao Ida, depois de enfeitar a si mesma, para que ele desejasse se deitar em amor, ao lado de seu corpo (14.162-5) — e implementou-o com precisão militar (GOLDEN, 1989, p. 5). A deusa primeiramente se revestiu com divinas e humanas armas de sedução, tais como pele perfumada de ambrosia (14.170-4), cabelo bem arrumado (14.175-6), ricas e belas vestes (14.178-81), brincos (14.182-3), véu (14.184-5) e sandálias (14.186) de extraordinária beleza. Depois, revestiu-se de φιλότης, ‘a-

⁶³ Ver também a discussão de MALTA (2006, p. 116-9) sobre o episódio, apropriadamente intitulado “sonho enganador”.

⁶⁴ Denominação consagrada pelo arcebispo Eustácio de Tessalônica (c. 1110/1198) em seus *Commentarii ad Homeri Iliadem* (3.368; 565; 598).

⁶⁵ Desse ponto em diante, deixo de marcar os enganos discutidos com a notação $X \rightarrow A \rightarrow Y$, dada a fácil identificação desses elementos.

mor’, ἔμερον, ‘desejo’ e πάρφασις, ‘tentação’ (14.198; 216; 217), itens presentes no cinto que Afrodite lhe emprestou, graças à bem engendrada mentira de que Hera pretendia reconciliar Oceano e Tétis (14.190-223). E, finalmente, aliciou Sono para adormecer o marido depois do ato amoroso (14.233-82). Assim preparada, Hera foi encontrar Zeus no Monte Ida (14.292-3), provocou-lhe intenso desejo por sua simples presença (14.294-6) e, dissimulando as enganosas intenções com a mesma mentira que pregara em Afrodite (14.300-11), conseguiu seu intento sem qualquer dificuldade.

Note-se que, mais uma vez, o poeta da *Il.* envolveu em um engano outro filho da Noite, Ὕπνος, ‘Sono’, nascido logo depois de Θάνατος, ‘Morte’ (Hes. *Th.* 213).⁶⁶ Em [Homero] e em grande parte da literatura grega a conduta correta e o engano formam uma dicotomia ética e filosófica entre o *claro* e o *escuro*, “lo recto” e “lo torcido” (VÍLCHEZ, 1976, p. 32-5) e, especificamente no uso do vocábulo específico δόλος, entre “aquilo que aparece e aquilo que, em relação ao mesmo objeto, está oculto” (WERNER, 2004, p. 93). Por isso as divindades gregas relacionadas com o engano (Sonho, Sono) e muitos enganos (e.g. *Doloneia*, p. 52 e o *h. Merc.*, p. 95, *infra*) têm relação direta com a noite.

A Διὸς ἀπάτη tem muitos elementos enganosos e, dada sua relativa complexidade e a afinidade de sua estrutura com o antigo drama ático,⁶⁷ podemos certamente considerá-la protótipo e paradigma das futuras μηχαναί trágicas. Ela tem dois “subenganos” preliminares em sua constituição, as duas flagrantes mentiras de Hera (14.190-223; 301-11), e isso sem contarmos o processo de sedução amorosa que tem, por si mesmo, algo de enganoso por ser diretamente vinculado a Afrodite, sinalizado ou não pelo uso do maravilhoso cinto.⁶⁸

O engano foi narrado com a ajuda de vocábulos mais ou menos específicos. O verbo δολοφρονέω, ‘planejar arditamente’ (14.300; 329), tem o radical δολο-, um dos mais utilizados nas descrições de enganos; o verbo μερμηρίζω (14.159) (raiz **smer-* com redobro > rad. μερμερ-), por outro lado, tem sentido de ‘planejar’, ‘tramar’ apenas nos poemas homéricos (cf. *Od.* 19.2). Já o verbo ἐξαπαφίσκω, ‘enganar completamente’ (14.160), tem parentesco di-

⁶⁶ Na Διὸς ἀπάτη há muitos outros elementos ligados à Noite. Ver MALTA (2006, p. 222-3).

⁶⁷ O episódio foi narrado por [Homero] com tal riqueza de diálogos, detalhes dramáticos e tonalidades cômicas (PLEBE, 1956, p. 39-40) que seria possível encená-lo no formato de farsa (AUBRETON, 1968, p. 299).

⁶⁸ O vínculo entre sedução amorosa e engano é evidente nos poemas homéricos, e.g. *Il.* 3.399, *Il.* 5.349 e *Od.* 15.421, onde aparece o verbo ἡπεροπεύω, ‘persuadir, enganar, iludir’ com fins amorosos, i.e. ‘seduzir’, e em Hesíodo (*Th.* 250, ver p. 84). Ver também RINALDI (2002, p. 93-4).

reto com o radical ἀπατᾶ- (p. 16)⁶⁹ e referências posteriores à Διὸς ἀπάτη mostram, igualmente, vocábulos associados diretamente ao engano. Sono comentou que Hera παρήπαφεν, ‘ludibriou’ Zeus (14.360), e o verbo παραπαφίσκω, ‘induzir a erro, ludibriar’,⁷⁰ é aparentado ao radical ἀπατᾶ- e ao verbo ἐξαπαφίσκω. E finalmente, ao acordar, o próprio Zeus reconheceu que (15.14-5)

ἦ μάλα δὴ κακότεχνος ἀμήχανε σὸς δόλος Ἥρη
Ἔκτορα δῖον ἔπαυσε μάχης, ἐφόβησε δὲ λαοῦς. 15

na verdade foi o teu ardiloso estratagema, irresistível Hera
que fez parar a luta do divino Heitor e pôs em fuga as tropas. 15

Note-se que, em um único verso, o poeta utilizou três radicais ligados ao engano: δολο- > δόλος, τεχν- > κακότεχνος, literalmente ‘má arte’; e μᾶχᾶνᾱ- > ἀμήχανος, ‘irresistível’. O radical μᾶχᾶνᾱ- tem o sentido essencial de ‘plano’, ‘expediente’, ‘recurso’ (*supra* p. 18) e o vocábulo ἀμήχανος, usado várias vezes por [Homero] e por Hesíodo com o sentido de ‘irremediável’ (e.g. *Il.* 8.95) e de ‘irresistível’ (e.g. *Il.* 10.167; Hes. *Th.* 295), significa literalmente ‘sem expediente’. No verso em questão, no entanto, ἀμήχανος foi empregado como epíteto de Hera não apenas no sentido de ‘irresistível’, mas com o sentido quase literal de ‘contra quem nenhum estratagema funciona’ (LSJ, s.u.).⁷¹ No contexto da Διὸς ἀπάτη, o radical τεχν- (*supra* p. 19), está certamente vinculado ao engano.

Hera e o nascimento de Héracles. Outra enganosa façanha de Hera, atribuída por Agamêmnon à deusa Áte, personificação do erro e de certa forma do engano (Hes. *Th.* 230),⁷² foi a inversão da precedência de nascimento de Héracles, filho de Zeus e Alcmena,⁷³ em favor de Euristeu, filho de Estênelo. Ambos descendiam de Perseu e Hera fez, com esse engano,

⁶⁹ Ἐξαπαφίσκω = ἐξαπατάω (LSJ, s.u.). Segundo Chantr. (s.u. ἀπαφίσκω), o sentido é de “tromper em u-sant de ruse”. Note-se que o verbo é também empregado por Heródoto (2.114) na descrição do relacionamento entre Páris / Alexandre e Helena, com o sentido de “seduzir”.

⁷⁰ Παραπαφίσκω = παραπατάω (LSJ, s.u. e Chantr. s.u. ἀπαφίσκω). Chantr. lhe dá o significado básico de “enganar insidiosamente.”

⁷¹ Na tradição mítica, Hera nunca era enganada durante muito tempo, nem mesmo por Zeus.

⁷² O caráter enganador de Áte, notado por GANTZ (1993, p. 10) e por GRIMAL (1951, s.u. Ate), entre outros, é exemplificado justamente pelo engano de Hera contra Zeus relatado pelo poeta da *Il.* em 19.91-133.

⁷³ Segundo a tradição, conservada pelo autor do longo hino a Afrodite (*h. Ven.* 39-40), entre outros, Hera era facilmente enganada por Zeus quando Afrodite o induzia a se unir a mulheres mortais.

Héracles ficar subordinado a Euristeu durante parte de sua vida (19.91-133). Em síntese, duas mulheres da família real de Argos estavam grávidas.⁷⁴ Alcmena estava já no último dia da gestação de Héracles, filho de Zeus, enquanto a esposa de Estênelo estava ainda no sétimo mês da gestação de Euristeu (19.99; 116-7). Zeus, pensando em seu filho Héracles, anunciou orgulhosamente que o menino que estava para nascer reinaria em Argos, e Hera fê-lo jurar solenemente que assim seria (19.101-5; 108-13). A seguir, simplesmente atrasou o parto de Alcmena e adiantou o da mulher de Estênelo (19.114-24), de modo que Euristeu nasceu primeiro e, conseqüentemente, Héracles ficou subordinado a ele durante os célebres ἄεθλα, ‘trabalhos’ (19.132-3).

Temos aqui, desta vez, um claro prenúncio do engano, narrado por Agamêmnon: Ἄτη, ἣ πάντα ἁῖται ... ποτε Ζεὺς ἄσατο, ‘Áte, que a todos turva a mente, ... certa vez a Zeus enganou’ (19.91-5). Para Agamêmnon, a façanha da ‘Hera que medita artifícios’ (δολοφρονέουσα ... Ἡρη, 19.106) não foi consequência de seu caráter divino, mas sim decorrência natural da capacidade enganadora de todo o sexo feminino: Ἡρη θῆλυς ἐοῦσα δολοφροσύνης ἀπάτησεν, ‘Hera, sendo mulher, arditamente o enganou’ (19.97). Hera trabalhou tão bem que o marido simplesmente ‘não percebeu nenhum ardil’, οὐ τι δολοφροσύνην ἐνόησεν (19.112) e foi ‘muito enganado’, πολλὸν ἁσθη (19.113). Note-se que o engano foi bem sucedido muito mais pelas habilidades concretas de Hera do que pela atuação abstrata de Áte, mencionada nesse episódio por [Homero] com a função precípua de salvar a face de Zeus, ‘o melhor dentre os deuses e os homens’ (19.95-6), e que o verbo voέω (19.112) tem o mesmo radical de νόος.

Os vocábulos específicos e circunstanciais utilizados são particularmente abundantes: δολοφροσύνην e δολοφρονέουσα (rad. δολο-), ἀπάτησεν (rad. ἀπατᾶ-) e ἁῖται, ἄσατο, ἁσθη e ἁῖται, que têm o antigo radical ἄφα-. O verbo ἁάω, utilizado quase sempre na poesia épica e apenas duas vezes na poesia trágica (A. Fr. 417; S. Fr. 628, do *Troilo*), tem o significado básico de ‘turvar o espírito’ e daí, habitualmente na voz média, ‘perturbar’, ‘enganar.’ O substantivo ἄτη, que tem o mesmo radical ἄφα-, deve ser portanto traduzido por ‘ilusão, turvação do espírito’, personificada pela deusa Ἄτη.⁷⁵ O radical νοφ-, ‘pensar, construir na mente’, uti-

⁷⁴ Para a concepção de Héracles, ver *Ehoiae* Fr. 139 (*infra* p. 109) e Pi. N. 10.15-7 (*infra* p. 135).

⁷⁵ Para a relação filológica e semântica entre ἁάω e ἄτη, ver WYATT JR. (1982, p. 248) e, mais recentemente, MALTA (2006, p. 11-6), que também discute as diversas possibilidades de tradução desses vocábulos para

lizado mais frequentemente em formas nominais e verbais que indicam operações efetuadas pela inteligência (como no supracitado v. 9.112), pode eventualmente assumir o significado de ‘tramar, maquirar, planejar’, em relação ao engano, especialmente na *Od.* (e.g. 2.382 e *infra* p. 56 e 80) e em poemas mais recentes, e.g. os de Hesíodo (*infra* p. 90) e de Alceu (*Fr.* 38a.6, *infra* p. 115).

A enganadora aparência dos deuses. No engano conhecido por “sonho funesto” (*supra* p. 38), Sonho assumiu a forma do velho Nestor para enganar Agamêmnon. Outro notável engano, que podemos denominar “seta de Pândaro” (4.14-239), ilustra igualmente um dos recursos mais usados pelos deuses para enganar os mortais: a mudança transitória de forma, por ilusão ou metamorfose.⁷⁶

Depois do duelo entre Alexandre e Menelau (3.67-382), troianos e gregos estavam em um impasse (4.14-9; 82-5). Para que a luta recomeçasse e assim pudesse completar a promessa feita a Tétis, Zeus ordenou que Atena providenciasse o fim da trégua (4.64-74). A deusa assumiu então a forma de um troiano e, assim disfarçada, incitou Pândaro a lançar uma seta contra Menelau, provocando o reinício das hostilidades (4.86-239). Note-se que, mais uma vez, o enganador pertence à esfera divina (X = Zeus / Atena), os enganados pertencem à esfera dos mortais (Y = Pândaro / gregos) e o ato enganoso (A = ilusão) envolve os poderes sobrenaturais das divindades e é, ademais, bem sucedido. Note-se que Agamêmnon percebeu que se tratava de um engano (ἀπάτης, 4.168) perpetrado contra os gregos mesmo sem saber quem havia sido o autor ou instigador da façanha.

Padrão semelhante ao da “seta de Pândaro” é o engano de Atena (X) contra o troiano Heitor (Y), quando a própria deusa assumiu a forma de seu irmão Deífobo (A) para deixá-lo à mercê da fúria da Aquiles (22.214-47). O mesmo se pode dizer do engano que Apolo (X) aplicou, pouco antes, em Aquiles (Y), tomando o aspecto do troiano Agenor (A) para distrair o guerreiro grego e, assim, facilitar a fuga dos outros troianos (21.595-22.21).

---

o português. Nesse estudo, Malta também destaca o parentesco entre ἄτη e ἀπάτη (p. 38-40). Ver também TORRANO (2010, p. 16-9).

⁷⁶ IRVING (1990) reserva o vocábulo “metamorfose”, que utilizo aqui em suas acepções mais amplas, para as mudanças definitivas da forma corporal sofridas, em geral, pelos mortais; as divindades que mudam transitariamente de forma (“shape-shifters”), como Nereu, Proteu e Tétis, são tratadas à parte. Em nenhum momento de seu interessante e detalhado estudo é abordada a questão das transitórias mudanças de aspecto dos deuses, muito frequentes na *Il.* e na *Od.*

Em geral, [Homero] não recorria ao vocabulário especializado para descrever os divinos enganos por ilusão. Nesse último exemplo, no entanto, ele pontuou a narrativa com três vocábulos apropriados à descrição de enganos, um deles com o já conhecido radical *δολο-*: αὐτὰρ ὁ Πηλεΐωνα **δόλῳ** ἀποέργαθε λαοῦ, ‘e ele [sc. Apolo], com um engano, afastou o filho de Peleu das tropas’ (21.599); **δόλῳ** δ’ ἄρ’ ἔθελγεν Ἀπόλλων, ‘e por meio de um engano Apolo o iludiu’ (21.604); **ἔβλαψάς** μ’, ‘iludiste-me’ (22.15). O radical de *ἔβλαψας* (*βλαπ-*), ‘atrapalhar’, ‘prejudicar’, ‘causar dano enganando’, está ligado ao engano de forma incidental.

Outro tipo de engano por ilusão foi praticado por Zeus, ao mudar a forma de Ὀνειρος para enganar Agamêmnon (2.20, *supra* p. 38), e por Apolo (5.445-53), ao criar uma imagem (εἰδωλον, rad. **weid-*, 5.449 e 451) de Eneias, que havia sido ferido. A imagem criada por Apolo enganou gregos e troianos, pois o deus levou o verdadeiro Eneias para longe e os guerreiros ficaram se digladiando em torno do fantasma. Esses enganos com mudanças de forma, especialmente as que um deus produz em um mortal, aparecem várias vezes na *Od.*, nos enganos produzidos por Atena (*infra* p. 60), e também em Estesícoro (*infra* p. 119). No engano de Apolo, o radical **weid-* carrega a ideia básica de ‘ver’ e marca, circunstancialmente, o engano por ilusão.

Divinas e desonestas histórias. Um tanto incomum na *Il.* é a ocorrência da “história desonesta”, muito frequente na *Od.* (cf. 13.295), recurso que constitui um engano em si mesmo ou se apresenta apenas como um dos elementos de engano mais amplo e mais complexo. Exemplo típico é a sucessão de mentiras contadas por Hermes (*Il.* 24.334-464). O *engano mais amplo* foi enunciado por Zeus, o autor do plano (24.336-8), ao encarregar Hermes de levar Príamo até a tenda de Aquiles, de modo que ninguém o visse. Essa deliberação de Zeus também funciona, de certa forma, como um prenúncio do engano, pois o deus foi qualificado por Íris de ἄφθιτα **μήδεα** εἰδώς, ‘conhecedor de imperecíveis astúcias’ (24.88), ao informar Tétis dos desígnios do pai dos deuses e dos homens. Interessante é que Príamo foi avisado por Íris que Hermes o guiaria (24.152-4 ≅ 181-3), mas quando o idoso rei encontrou o deus com aspecto humano (24.347-8) — um engano por ilusão — foi convencido pela fictícia história contada pelo deus (24.360-439). Posteriormente, ao chegar à tenda (ou cabana, cf. 24.448-58) de Aquiles, o próprio Hermes revelou sua identidade ao ancião (24.460-4). [Homero] não recorreu a vocábulos específicos na descrição do engano, apenas ao substantivo plural *μήδεα*,

cuja raiz (*med-/mēd- > μεδ-/μηδ-) significa basicamente ‘pensamento que regula, organiza’), e daí ‘conselho, plano, arte’, palavra bastante ligada à μῆτις (*supra* p. 20) e só em parte vinculada ao engano (e.g. *Il.* 2.340 e 3.202; *h. Merc.* 406, p. 98).⁷⁷ Apesar disso, alguns itens da historinha mentirosa de Hermes iriam se tornar, ao longo da *Odisseia*, um verdadeiro tema dentro de tema (397-400):

Μυρμιδόνων δ' ἔξειμι, πατήρ δέ μοι ἔστι Πολύκτωρ.
ἀφνειὸς μὲν ὃ γ' ἐστί, γέρων δὲ δὴ ὥς σὺ περ ᾗδε,
ἔξ δέ οἱ υἱες ἔασιν, ἐγὼ δέ οἱ ἔβδομός εἰμι·
τῶν μέτα παλλόμενος κλήρω λάχον ἐνθάδ' ἔπεσθαι. 400

Sou um dos mirmidões e meu pai é Políctor.
Ele é efetivamente rico e ancião, assim como tu és,
e tem seis filhos; eu sou o sexto.
Tirada a sorte, dentre eles fui destinado a vir para cá. 400

Notar os elementos genealógicos dessa passagem, referentes a um rei distante, cuja família o interlocutor dificilmente conheceria, mesmo que já tivesse ouvido falar dela; a posição hierárquica familiar relativamente inferior (sexto filho) e também a presença do enganador naquele local por razões alegadamente fora de seu alcance.

1.2 Os heróis também enganam

Até aqui, foram discutidos enganos praticados pelos deuses entre eles mesmos ou contra gregos e troianos⁷⁸, sempre eficazes e bem sucedidos. [Homero] descreve, igualmente, enganos mal sucedidos, mas sempre fora da esfera divina, i.e., entre os pobres mortais. São bons exemplos o engano de Agamêmnon contra os gregos (2.72-211), o de Anteia contra Preto, o de Preto contra Belerofonte (6.155-95) e o da mãe de Fênix contra o marido (9.446-84). O célebre “engano da armadura”, notável pelo fato de Pátroclo vestir a armadura de Aquiles para enganar os troianos e afastá-los das naus gregas (11.618-803, livros XVI-XVII e 18.1-242) foi, por outro lado, bem sucedido, apesar do custo.

⁷⁷ Essa raiz originou vocábulos de significado muito diverso, e.g. o lat. *medicus*, ‘médico’, e o gr. μέδων, ‘governante, guia’, este último derivado do radical do presente do verbo μέδομαι.

⁷⁸ Sobre o caráter eminentemente enganador das ações dos deuses contra mortais e também contra outros deuses, ver DEICHGRÄBER (1952, p. 108-41), KARP (1977) e SMITH (1988).

Διάπειρα Ἀγαμέμνονος. [Homero] narrou o engano de Agamêmnon contra os gregos, chamado de “*Διάπειρα episode*” por COOK (2003, p. 165), logo depois (2.72-211) do episódio do sonho enganador (*supra* p. 38). Esse episódio reflete uma μηχανή desastrosamente implementada pelo nada inspirador comandante da coalização grega e, conseqüentemente, malsucedida. Em resumo, Agamêmnon resolveu por à prova o ânimo das tropas e, após reuni-las, disse que Zeus voltara atrás em suas promesas, que Troia não poderia ser conquistada e que todos deveriam voltar para casa. Os soldados dispararam, então, rumo às naus, mas foram impedidos a tempo por Odisseu. A aparente intenção de Agamêmnon era ‘testar’ (πειρᾶται, 2.193) o ânimo guerreiro dos soldados e, certamente, obter resultado contrário ao que obteve. Depois de nove anos de luta (2.295), estavam todos cansados de sitiar Troia, saudosos de casa, e logo depois da conclamação do incompetente enganador para que todos voltassem à terra pátria (2.140), começou a quase irrefreável debandada geral,⁷⁹ contida com alguma dificuldade por Odisseu.

O engano intentado por Agamêmnon estava centrado em uma única mentira, a de que Zeus voltara atrás em sua promessa (111-5):

Ζεύς με μέγα Κρονίδης ἄτηι ἐνέδησε βαρείη
σχέτλιος, ὃς πρὶν μὲν μοι ὑπέσχετο καὶ κατένευσεν
Ἴλιον ἐκπέρσαντ’ εὐτείχεον ἀπονέεσθαι,
νῦν δὲ κακὴν ἀπάτην βουλευσατο, καί με κελεύει
δυσκλέα Ἄργος ἰκέσθαι, ἐπεὶ πολὺν ὄλεσα λαόν.
(...)

115

μᾶψ οὕτω τοιόνδε τοσόνδε τε λαὸν Ἀχαιῶν
ἄπρηκτον πόλεμον πολεμίζειν ἡδὲ μάχεσθαι
ἀνδράσι παυροτέροισι, τέλος δ’ οὐ πῶ τι πέφανται·

120

Zeus, o filho de Crono, em grave perdição me prendeu,
impiedoso, ele que antes me prometera e concedera
que eu partiria após destruir a bem muralhada Ílion.
Agora, horrível engano planejou e me ordena
ir para Argos sem glória, depois que perdi muitos homens.
(...)

115

desse modo, em vão tamanha hoste de Aqueus
guerreou sem sucesso e lutou
por fim contra homens menos numerosos, sem nenhuma finalidade.

120

⁷⁹ Ver também a análise de AUBRETON (1968, p. 196-7).

Observe-se que no v. 2.114 [Homero] empregou dois vocábulos ligados ao engano, ἀπάτην e βουλεύσατο, ao descrever a alegada mentira de Zeus, ou seja, marcou uma mentira verdadeira (a de Agamêmnon, 2.114-5) com uma mentira falsa (a de Zeus, 2.111), representada pela expressão ἄτη ἐνέδησε βαρείη (2.111), onde o verbo ἐνδέω (rad. *deā₁-/dā₁- > δη-/δε-), ‘ligar, atar, amarrar’ foi traduzido por ‘enredar’ para marcar sua leve e circunstancial relação com o engano. Nessa passagem, aliás, [Homero] quase igualou semanticamente os vocábulos ἄτη e ἀπάτη (WYATT JR., 1982, p. 250). O verbo πείθω, ‘persuadir’, empregado por Agamêmnon nos vv. 139-40, **πειθώμεθα πάντες** / **φεύγωμεν** ..., ‘convençamo-nos todos; / fujamos ...’ é mero recurso retórico e não parece associado ao engano, como em outras ocorrências discutidas adiante. O advérbio μᾶψ, ‘em vão, inutilmente, sem motivo’ (120), nesse contexto está sem dúvida associado ao engano. Sua etimologia é desconhecida.

Pode-se fazer outra leitura do episódio, como defendem alguns estudiosos (v.g KNOX e RUSSO 1989, p. 354-6; MCGLEW 1989, p. 284) e como afirmou, lealmente, Odisseu, ao dizer que não se podia saber, ainda, qual a intenção do filho de Atreu (2.192). Nessa linha de interpretação, ao preannunciar o engano (2.73-5), Agamêmnon já antevia o insucesso (2.75) e desde o começo seu plano era criar uma oportunidade de incentivar e motivar as tropas, desgastadas pela longa guerra; ele só não contava com a totalidade dos soldados abandonando célere o acampamento, imediatamente após seu discurso (2.142-54). A meu ver, aceitar essa interpretação implicaria também aceitar conhecimentos de psicologia reversa (MCGLEW, 1989, p. 283), alta capacidade de previsão, habilidade para planejar e uma sutileza que Agamêmnon não demonstrou em nenhuma parte da *Il.*, da *Od.* ou de outras fontes da tradição mítica.⁸⁰ A caracterização desse episódio como um mal sucedido engano de Agamêmnon⁸¹ me parece mais compatível com as características pessoais do atreído na *Il.* Como notou e.g. AUBRETON (1968, p. 197), ele era “incapaz de realizar qualquer plano” e essa é uma das diversas fraquezas que

⁸⁰ Diversas opiniões sobre essa controvertida passagem da *Ilíada* e, em especial, sobre o frustrado “teste” de Agamêmnon e suas verdadeiras motivações e intenções, estão resumidas no artigo de KNOX e RUSSO (1989). Apesar de argumentarem a favor de um Agamêmnon imaginativo e manipulador, os autores não deixaram de reconhecer (p. 356) o frustrado engano que o episódio indubitavelmente retrata, mencionando *Agamemnon's great deception*, ‘um grande engano de Agamêmnon.’ COOK observou (2003, p. 166), igualmente, que Agamemnon tentou *persuadir* o exército.

⁸¹ Leitura semelhante à de MALTA (2006, p. 119-21), que analisou o episódio em relação à ἄτη de Agamêmnon induzida por Zeus (cf. 2.111).

caracterizam o rei de Argos em obras de Eurípides e de outros poetas.⁸²

Engano à distância e o tema de Putifar. Outro notável engano da esfera mortal é, na realidade, uma sequência de três enganos ou subenganos, todos praticados contra o herói coríntio Belerofonte, hóspede de Preto (gr. Προϊτος), rei de Tirinto.⁸³ A história é narrada pelo lício Glauco, neto de Belerofonte e aliado dos troianos (6.155-95): o primeiro engano foi tentado por Anteia, esposa de Preto; o segundo, consequência do primeiro, por Preto; e o terceiro, consequência do segundo, por Iobates, rei da Lídia, pai de Anteia e sogro de Preto.

O primeiro subengano é resultado da ilícita paixão de Anteia por Belerofonte. A rainha tentou, inutilmente, seduzir o hóspede do marido (6.159-61) e, quando o herói repeliu seus avanços (6.161), acusou-o falsamente de tentar violentá-la (6.163). Preto acreditou na mentira da esposa (6.166-7) e, naturalmente, decidiu castigar o inocente Belerofonte. Esses itens se ajustam perfeitamente a um antigo tipo de engano intitulado “tema de Putifar” (*infra* p. 372), μηχανή caracterizado pela mentira contada ao marido pela esposa rejeitada, como se vê na história contada por Glauco (163): ἦ δὲ **ψευσσαμένη** Προϊτον βασιλῆα προσηύδα, ‘e ela falou, mentirosa, ao rei Preto.’ O subengano de Anteia foi bem sucedido, pois Preto acreditou na esposa (166-7) e decidiu castigar o acusado. Preparou um segundo subengano, prenunciado no v. 157, οἱ Προϊτος κακὰ **μήσατο**, ‘contra ele [sc. Belerofonte] Preto tramou coisas malignas’ (6.157), e descrito mais adiante (6.168-70):

πέμπε δέ μιν Λυκίην δέ, πόρεν δ’ ὃ γε σήματα λυγρὰ
γράψας ἐν πίνακι πτυκτῶι θυμοφθόρα πολλά, 170
δείξει δ’ ἠνώγειν ὧι πενθερῶι ὄφρ’ ἀπόλοιτο.

Enviou-o então à Lídia e deu-lhe sinais perniciosos:
escreveu, em tabuinhas dobradas, muitas coisas destruidoras 170
e mandou-o mostrar ao sogro, para que este o matasse.

Esse engano é o que poderíamos chamar de “engano à distância” ou “tele-engano”, pois o enganador recorreu a uma carta (6.170), levada pelo próprio enganado, para que o engano tives-

⁸² Há numerosos estudos e comentários sobre os desacertos, a fraqueza, a incapacidade de liderança e demais falhas da personagem de Agamêmnon na épica e na tragédia. Para o tratamento dado por Eurípides ao tema, notadamente na *Hec.* e na *IA*, ver BLAIKLOCK (1952, p. 101-21).

⁸³ Segundo a *Il.* 6.158-9 e os *Fr.* 35 e 80 das *Ehoiae*, Preto reinava em Argos; *Ehoiae Fr.* 77 e fontes tardias (e.g. Paus. 2.16.2) o localizam em Tirinto.

se efeito em outro local, longe do enganador. Como o enganado (Belerofonte) levou a carta fatal ao destinatário (Iobates), pode-se dizer que o segundo engano foi parcialmente bem sucedido. A finalidade de Preto era a morte de Belerofonte por outras mãos (167;170), mas essa parte do engano obviamente não deu certo.

Iobates, sogro de Preto e destinatário da carta, também não quis, pura e simplesmente, matar o herói, pela mesma razão que impediu Preto de fazê-lo: a sagrada relação entre hospedeiro e hóspede (167; 173-4). Preparou então o terceiro subengano, mais exatamente uma série de três emboscadas certamente fatais (187-90), disfarçadas em missões ou tarefas: a luta contra a Quimera (179-83), a luta contra os Sólimos (184) e a luta contra as Amazonas (186). Belerofonte saiu vitorioso das três empreitadas e ainda escapou de uma quarta e última tentativa de Iobates, que lhe preparou emboscada tradicional, com soldados escondidos que esperavam o seu regresso (6.187-90).

Nesses três subenganos sequenciais, [Homero] empregou quatro vocábulos explicitamente ligados ao conceito de engano, dois deles já encontrados sob outras formas: *ψευσάμενη* (rad. *ψευδ-*, 163), *δόλον* (rad. *δολο-*, 187) e *μήσατο* (rad. *μηδ-*, 157). O substantivo concreto *λόχος* (rad. *λ^o/οχ^e/ο-*, 189), ‘emboscada, cilada, tocaia’, tem evidente relação com o engano, notadamente com os aspectos mais concretos e diretos do procedimento enganoso.⁸⁴

Fênix. Outro engano malsucedido e em parte ligado ao *tema de Putifar* é narrado brevemente pelo idoso Fênix, preceptor de Aquiles, no meio da “cena da embaixada ” (9.447-57). Amíntor, pai de Fênix, apaixonara-se por uma concubina (9.449 e 452) e, por causa dela, desonrava a rainha, mãe de Fênix (9.450-1). No intuito de fazer o marido odiar a amante, a rainha pediu ao filho que seduzisse a escrava (9.451-3), i.e., que enganasse Amíntor quanto à lealdade da amante. Fênix fez sua parte (9.453), mas o engano não deu certo, pois embora a concubina tivesse realmente demonstrado deslealdade ao rei, Amíntor se convenceu de que o filho era ainda mais desleal, talvez por ter a concubina acusado o jovem Fênix de tê-la forçado, e se voltou contra ele (9.449; 9.453-7).

Embora todos os elementos do engano sejam relativamente nítidos, nenhum vocábulo específico foi utilizado em sua descrição, a menos que levemos em conta o verbo *πιθόμην*, forma média do verbo *πείθω*, ‘persuadir’, eventualmente ligado ao engano e empregado por

⁸⁴ Sobre a emboscada nos poemas homéricos e suas relações com o engano, ver EDWARDS (1985).

Fênix ao mencionar a súplica da mãe (9.453). Nesse contexto, no entanto, a forma média do verbo assume o sentido de ‘obedecer’ — e efetivamente o jovem Fênix obedeceu à mãe quando ela λισσέσκετο, ‘implorou’ que seduzisse a concubina do pai (9.451-2). Ou seja, a enganadora não recorreu a vocábulo ou recurso retórico específico para angariar a participação do filho no frustrado ato enganoso.

Um humano engano por ilusão. O protótipo homérico da ilusão na esfera humana é o bem sucedido engano de Nestor contra troianos e gregos, que contou com a colaboração de Aquiles e Pátroclo e está descrito em detalhes entre os vv. 16.1 e 18.1-242, compreendendo os livros XVI e XVII e ainda boa parte dos versos do livro XVIII da *Il.* O prenúncio do engano pode ser, no entanto, encontrado bem antes (11.783-803), nos lábios de Nestor, velho e astuto planejador, ao se dirigir a Pátroclo, executor da ação enganadora (11.796-801):

ἀλλὰ σέ περ προέτω, ἅμα δ' ἄλλος λαὸς ἐπέσθω
Μυρμιδόνων, αἶ κέν τι φόως Δαναοῖσι γένηαι·
καί τοι τεύχεα καλὰ δότω πόλεμον δὲ φέρεσθαι,
αἶ κέ σε τῷ εἴσκοντες ἀπόσχονται πολέμοιο
Τρῶες, ἀναπνεύσωσι δ' ἀρήϊοι υἱὲς Ἀχαιῶν
τειρόμενοι· (...) 800

Que ele [sc. Aquiles] pelo menos te envie, em companhia do resto dos
Mirmidões, para que te tornes uma luz para os Dânaos.
E que te dê a bela armadura para à luta levar,
a fim de que, tu e ele parecidos, afastes da luta
os troianos e, assim, respirem os enfraquecidos filhos
dos Aqueus; (...) 800

Nessa passagem, repetida pouco depois por Pátroclo (16.38-43), [Homero] renunciou, sintetizou e revelou a finalidade do engano (11.798-9), mas sem recorrer ao vocabulário específico, mas o verbo εἴσκω (799, rad. *φεικ-*), ‘fazer / julgar parecido,’ e daí ‘comparar’, sugere claramente o disfarce e o engano.⁸⁵ Embora o companheiro de Aquiles tenha seguido esse plano e toda a narrativa do engano gire em torno de sua atuação, Nestor deve ser considerado, sem dúvida alguma, o inspirador e idealizador do engano. A capacidade de planejar do velho guer-

⁸⁵ O radical *φεικ-* e seus numerosos derivados (e.g. εἰκών, ‘imagem’ e *εἴκω, pf. ἔοικα, ‘ser parecido’) associam o sentido geral e relativamente concreto de imagem, representação e semelhança. Alguns derivados têm sentidos mais abstratos, e.g. εἰκάζω, ‘conjeturar’ (i.e., deduzir por comparação).

reio já havia sido divulgada pelo poeta em pelo menos duas passagens. Na primeira (7.324-5 = 9.93-4), Nestor foi associado diretamente aos bem conhecidos vocábulos *μητις* e *βουλή*; na segunda (10.19-20), o poeta afirma que Nestor era capaz de *μητιν ἀμύμονα τεκταίνομαι*, ‘montar um plano irrepreensível’.⁸⁶ O radical do verbo *τεκταίνω* é o mesmo do vocábulo *τέχνη* (**tek^s*- + -*av*- > *τεκταν*-) e tem a acepção concreta de ‘trabalhar a madeira’ (e.g. *Il.* 5.62), mas pode também assumir, metaforicamente, o sentido de ‘tramar, planejar com astúcia’ (LSJ s.u. *τεκταίνω*; Chantr. s.u. *τέκτων*) e ser, desse modo, incidentalmente ligado ao conceito de engano.

No início do livro XVI, Pátroclo pediu emprestada a armadura de Aquiles e solicitou que o amigo mandasse os Mirmidões à batalha, utilizando praticamente as mesmas palavras empregadas por Nestor (11.796-801 $\cong$ 16.38-43). Uma das principais consequências do ato enganoso, a morte de Pátroclo, é anunciada pouco depois (16.46-7). O filho de Tétis concordou (16.64-5) e emprestou a Pátroclo suas armas e seu carro de combate (16.124-54), enviou os Mirmidões em sua companhia (16.155-220) e recomendou ao amigo (80-7) — e implorou a Zeus (16.246-50) — que ele só afastasse das naus gregas o perigo imediato e voltasse, com os Mirmidões, logo depois. O comentário do poeta, de que Zeus ouviu a prece, mas concedeu a Aquiles apenas uma parte dela (16.249-52), é um prenúncio da morte de Pátroclo e do desfecho do engano.

Em uma das mais longas sequências do poema (*Il.* 16.256-18.21),⁸⁷ [Homero] contou que os troianos foram enganados (16.278-83), certamente ‘convencidos’ (*ἐλπόμενοι*, 16.281) pelo disfarce de Pátroclo, e então descreveu detalhadamente as façanhas dos combatentes de ambos os lados. O engano não durou muito, pois na altura do v. 16.543⁸⁸ Glauco já sabia que a armadura de Aquiles escondia, na realidade, apenas o amigo do filho de Peleu e Tétis. Seguem-se mais relatos de mortes e feitos guerreiros, da morte de Pátroclo (16.777-867), da renhida luta em torno do cadáver do herói (todo o livro XVII, i.e. 17.1-761) e da chegada da notícia a Aquiles. Depois de uma digressão sobre o luto de Aquiles e de Tétis (18.22-147), [Homero] voltou à narração da batalha e da luta em torno do cadáver de Pátroclo e contou como, inspirado por Íris (enviada por Hera, 18.166-202) e adornado por Atena (18.203-14), Aquiles

⁸⁶ Ver também, a propósito da capacidade planejadora de Nestor, DÉTIENNE e VERNANT, 2008, p. 18.

⁸⁷ 1391 versos, extensão semelhante à de uma tragédia de Sófocles ou de Eurípides.

⁸⁸ 287º verso da narrativa iniciada em 16.256, i.e. pouco depois do começo do episódio.

se mostrou aos troianos sem armadura e sem armas e afugentou-os assim mesmo (18.215-38), fazendo cessar o combate (18.239-42).

O engano de Nestor contra os troianos teve indubitavelmente bom termo, uma vez que a finalidade do plano sugerido por ele a Pátroclo era afastar os troianos da luta, a fim de que os gregos respirassem um pouco. Há algumas ocorrências de vocábulos com radical ligado ao engano, encontrados anteriormente (e.g. ἀμήχανος, 16.29; βούλετο, 16.121; πείθεν, 17.33), na longa descrição do engano, mas percebe-se pelo contexto que nenhum deles pode ser associado ao enganador, ao enganado ou ao ato enganoso.

A ação central do engano foi o disfarce utilizado por Pátroclo, em essência uma variante humana dos “enganos por ilusão” praticados pelos deuses ao assumir a forma de um mortal (*supra* p. 43 sqq.). O que caracteriza um engano por ilusão “divino”, em comparação com um engano por ilusão “humano” é, obviamente, o envolvimento de forças sobrenaturais no primeiro tipo, em que o deus enganador assumia literalmente uma forma que enganava os mortais, pelo menos durante algum tempo (e.g. 13.43-72). No segundo tipo, ilustrado pelo engano em questão, convém assinalar que Pátroclo utilizou recursos puramente humanos (uso de disfarce, motivação, coragem, destreza guerreira) para enganar os troianos durante algum tempo, e esses recursos são justamente a pedra angular do ato enganoso “humano”. Pode-se argumentar, no entanto, que o sucesso do plano de Nestor deve menos ao disfarce de Pátroclo e mais à sua morte e à violenta reação de Aquiles para o sucesso do engano. É possível, mas não há evidência de que a morte de Pátroclo tenha sido planejada ou prevista por Nestor.

Δολώνεια. O livro X da *Il.* descreve uma das mais antigas aventuras de espionagem conhecidas, a bem sucedida incursão noturna de Odisseu e Diomedes ao acampamento inimigo, a morte de Δόλων, espião troiano, e a morte de Reso, um dos recém-chegados aliados dos troianos. O título tradicional do livro, Δολώνεια, ‘Doloneia’ (e.g. Ael. *VH* 13.14.3), tem uma característica ímpar: deriva do nome do infeliz Δόλων, cujo nome deriva por sua vez de um dos três radicais mais importantes do engano (δολο-). A espionagem é, por si só, um ato usualmente enganoso, mas a *Doloneia* contém pelo menos um engano importante, relacionado com o interrogatório e a morte de Dólon.

O troiano, um dos mais incompetentes espões da literatura mundial, é capturado pelos dois “colegas” gregos logo depois de iniciar sua missão e antes de ter feito qualquer coisa.

Apavorado, diz imediatamente a Diomedes e a Odisseu que vale mais vivo do que morto e que seu pai⁸⁹ pagará um bom resgate em troca de sua vida (10.376-81). O ‘astucioso Odisseu’ (πολύμητις Ὀδυσσεύς, 10.382 e 423) responde (10.383-4):

θάρσει, μηδέ τί τοι θάνατος καταθύμιος ἔστω.
ἀλλ’ ἄγε μοι τόδε εἰπὲ καὶ ἀτρεκέως κατάλεξον·

Coragem, não deixes a morte te pesar no coração.
Vamos, diga-me isto, e conta tudo verdadeiramente:

É exatamente o que faz Dólon (10.390-445), sem dúvida pensando que conseguiria se salvar (10.454-5), sem dúvida um exemplo de autoengano (*supra* p. 12). Logo depois de contar o que sabia, Diomedes cortou a cabeça do troiano (10.455-7), como antecipara lealmente ao capturá-lo (10.370-1) e confirmara pouco antes de executá-lo (10.446-53). Esse comportamento “leal” e direto de Diomedes contrasta com o comportamento astucioso e enganador de Odisseu, que deu a Dólon a impressão de que, fornecendo as informações exigidas, o espião troiano seria poupado. Note-se que Odisseu não disse nenhuma mentira e que [Homero] nem mesmo usou o vocabulário do engano para descrever o episódio mas, mesmo assim, “Odysseus tricks Dolon” (HESK, 2000, p. 12; ver também RABEL, 1991, p. 289, nota 12). O infeliz e incompetente espião não sabia, ou se sabia o medo o fez esquecer, que Odisseu era capaz de dizer ‘mentiras semelhantes a verdades’ (*Od.* 19.203, ver p. 76, *infra*) e que, para enganar, lhe bastava a expressão facial, o tom de voz e a maneira pela qual dizia determinadas coisas (e.g. *Od.* 11.263-4, p. 56, *infra*). Note-se, no entanto, que em outra ocasião Odisseu não conseguiu enganar Aquiles dessa forma (RABEL, 1991, p. 289).

Há outros possíveis enganos na *Doloneia*, bem pouco evidentes e muito menos definidos. Ao justificar sua incursão, Dólon alegou que Heitor o convencera através de ‘muitas ilusões’ (πολλῆισίν ... ἄτηισι, 10.391), certamente uma forma de engano (*supra* p. 41; MALTA, 2006, p. 202). Se, ao descrever o estranho traje que Dólon colocou antes de sua missão de espionagem (10.333-5)⁹⁰, [Homero] quis dar a entender que se tratava de um disfarce para que

⁸⁹ O pai de Dólon se chamava Εὐμήδης, ‘Eumedes’ (10.314), nome sem dúvida ligado a enganos bem sucedidos (lit. ‘o de belos planos’: MALTA, 2006, p. 203). Uma pequena amostra dos dotes humorísticos de [Homero], possivelmente... outro exemplo: *Il.* 6.230-6.

⁹⁰ O guarda-roupa dos três espiões da *Doloneia* está certamente ligado ao mundo animal e se reveste de um certo simbolismo. Dólon usava um gorro de furão e uma pele de lobo, Odisseu, um capacete de presas de ja-

ele passasse despercebido — o texto é lacônico e realmente não permite essa conclusão — teríamos aqui mais um engano, e especificamente um “humano” engano por ilusão, semelhante ao da armadura de Pátroclo (*supra* p. 50 sqq.).⁹¹ Já o roubo dos cavalos de Reso não configuraria, em minha opinião, um engano, pois enquanto Odisseu pegava os animais (10.498-501), Diomedes matava seu adormecido dono (10.494-6): notar o advérbio τότε, ‘enquanto isso’, no v. 10.498. O caso dos cavalos de Reso está mais para um bem sucedido assalto, ação direta e nada enganosa.

2. A *Odisseia*

2.1 Odisseu πολύμητις

O poema deve seu título ao mais notável enganador de toda a literatura grega: Odisseu, filho de Laerte, homem capaz de μυθεῖται κατὰ μοῖραν, ‘medir as palavras’ (*Od.* 17.580; cf. *Il.* 18.186) e de βουλευέμεν ἢ δὲ μάχεσθαι, ‘planejar e lutar’ (*Od.* 14.491), mas cujo cartão de visitas era o δόλος, ‘o engano’ (*Od.* 9.19-20):

εἶμ' Ὀδυσσεὺς Λαερτιάδης, ὃς πᾶσι δόλοισιν
ἀνθρώποισι μέλω, καὶ μευ κλέος οὐρανὸν ἵκει. 20

Eu sou Odisseu, filho de Laerte; por todos os meus ardis
sou conhecido entre os homens, e minha fama chega ao céu. 20

[Homero] afirma que περὶ κέρδεα πολλὰ καταθνητῶν ἀνθρώπων / οἷδ' Ὀδυσσεύς, ‘dentre os homens mortais, é Odisseu quem conhece muitos enganos’ (*Od.* 19.285-6) e, tanto na *Il.* quanto na *Od.* o herói é invariavelmente πολύμητις, ‘de muitas habilidades’ (*Il.* 1.311),⁹² e sem dúvida deve ser considerado o paradigma épico do enganador humano, competente e eficaz, embora a *Il.* não descreva nenhum engano associado especificamente a ele. O vocábulo

---

vali (10.261-5) e Diomedes, um elmo de couro de boi, mas sem chifres (10.257-8). Os animais invocados para os dois gregos são diretos e agressivos; os animais do troiano também são mortais, porém bem menos diretos.

⁹¹ A narrativa de [Homero] foi assim interpretada pelo Pseudo-Eurípides, que se baseou nela para configurar um engano malsucedido na tragédia *Reso* (208-15): Dólon planejava se disfarçar com a pele de lobo para enganar as sentinelas gregas (ver ELDERKIN, 1935).

⁹² Um dos mais repetidos epítetos de Odisseu nos poemas homéricos: *Il.* 1.311, 440 e mais 17 ocorrências; *Od.* 2.173, 4.763 e mais 66 ocorrências.

κέρδος (rad. κερδ^ε/σ-), basicamente ‘ganho, lucro, vantagem’, no plural tem o sentido de ‘artimanhas, astúcias, embustes’ (i.e. ‘ganho obtido por habilidade’, *Il.* 6.153, 23.322 e 709) e é utilizado nos poemas homéricos para as enganosas qualidades Atena, Odisseu e Penélope, como se verá adiante, pode assumir ocasionalmente o sentido subjacente de ‘ganho obtido por habilidade, artimanha’ (ROISMAN, 1990a, p. 26 e 35). Compare-se *Il.* 6.153, a propósito de Sísifo, o mais astuto dos mortais, e *Il.* 23.322, a propósito das instruções de Nestor para que o filho, em desvantagem, vença assim mesmo a corrida de carros disputada nos funerais de Pátroclo.⁹³

Odisseu é, portanto, πολύμητις ... κέρδεα εἰδώς, ‘muito habilidoso e conhecedor de artimanhas’ (*Il.* 23.709). Na *Od.* o veterano Nestor recorda o amigo com admiração e com vocábulos ligados ao engano (*Od.* 3.118-22):

εἰνάετεσ γάρ σφιν κακὰ **ῥάπτομεν** ἀμφιέποντες
παντοίοισι **δόλοισι**, μόγις δ’ ἐτέλεσσε Κρονίων.
ἔνθ’ οὐ τίς ποτε **μῆτιν** ὁμοιωθήμεναι ἄντην
ἤθελ’, ἐπεὶ μάλα πολλὸν ἐνίκᾳ δῖος Ὀδυσσεὺς
παντοίοισι **δόλοισι**, (...)

120

Durante nove anos nos ocupamos em tramar males contra eles,
com ardis de todo tipo, e duramente os cumpriu o filho de Crono.
Lá não havia outro que se comparasse (a ele), em astúcia e
determinação; bem acima de todos estava o divino Odisseu,
com ardis de todo tipo, (...)

Observar que Nestor utilizou, além de vocábulos já conhecidos, o verbo ῥάπτω (118), “juntar costurando” (rad. ῥαπ-),⁹⁴ que metaforicamente deve ser entendido como ‘conspirar, maqui-nar’ e pode, consequentemente, ser considerado um componente circunstancial do léxico do engano.

É justamente na *Od.* que encontramos diversos exemplos das mais enganosas — e pe-rigosas — qualidades⁹⁵ de Odisseu, todas elas decorrentes de sua sagacidade ou astúcia (μῆ-

⁹³ Sobre esse episódio, ver também DÉTIENNE e VERNANT (2008, p. 17-30).

⁹⁴ Há numerosas ocorrências desse radical no dialeto micênico (e.g. *ra-pe-te*, *e-ra-pe-me-na*, *ra-pi-ti-ra*₂) mas, dada a natureza das tabuinhas micênicas, as palavras registradas pelos escribas devem estar ligadas aos significados mais concretos do radical.

⁹⁵ RICHARDSON (2006, p. 337) afirma, com uma ponta de desaprovação, que *among epic heroes, Odysseus is the con artist.*

τις). Essa qualidade mental permitia que o herói suportasse praticamente tudo, sem perder de vista sua capacidade de sair das maiores enrascadas, quase sempre às custas de inteligentes e eficientes enganos (20.17-21):

“τέτλαθι δῆ, κραδίη· καὶ κύντερον ἄλλο ποτ’ ἔτλης,
ἤματι τῶι, ὅτε μοι μένος ἄσχετος ἦσθιε Κύκλων
ἰφθίμους ἐτάρους· σὺ δ’ ἐτόλμας, ὄφρα σε **μῆτις**
ἐξάγαγ’ ἐξ ἄντροιο ὀϊόμενον θανέεσθαι.” 20

“Aguenta, coração! Aguentaste coisas mais vergonhosas antes,
naquele dia em que o Ciclope de força incontrolável devorou
os vigorosos companheiros. E aguentaste até que tua astúcia
te libertou da caverna onde temias estar a ponto de morrer.” 20

[Homero] utilizou outros vocábulos inequivocamente enganosos (βουλευέμεν e δόλοισ-iv) ao qualificar Odisseu. A palavra μῆτις, já comentada várias vezes, define em princípio qualidades abstratas como “sagacidade” e “inteligência” de modo geral. Aplicada a Odisseu, no entanto, μῆτις e qualquer outra palavra com o sentido de “inteligência”, “inventividade” e “astúcia” assume tonalidades próprias do engano e marca distintamente o herói, colocando-o acima de seus pares. O próprio Zeus, aliás, reconhecia que Odisseu περὶ μὲν νόον ἐστὶ βροτῶν, ‘superava, pela mente, os mortais’ (1.65-6), i.e., pela capacidade de pensar, planejar e tramar (cf. rad. νοφ-, p. 42). Odisseu era, ademais, um excelente mentiroso (cf. Pl. *Hp. Mi.* 365a-c) e sem essa importante qualidade seus pendores enganosos renderiam poucos frutos. Não era apenas sua habilidade retórica, como sugeriu RUTHERFORD (2002, p. 69-70), que sustentava suas mentiras; a técnica narrativa, a linguagem corporal, a habilidade de representar — sua atuação como mendigo, nos livros XIV-XXI, é quase perfeita —, as palavras bem medidas, enfim, tudo nele era plausível e convincente (11.362-8):

ὃ Ὀδυσσεῦ, τὸ μὲν οὐ τί σ’ εἴσκομεν εἰσορόωντες
ἠπεροπήά τ’ ἔμεν καὶ **ἐπὶ κλοπον**, οἷά τε πολλοὺς
βόσκει γαῖα μέλαινα πολυσπερέας ἀνθρώπους 365
ψεύδεά τ’ ἀρτύνοντας, ὅθεν κέ τις οὐδὲ ἴδοιτο·
σοὶ δ’ ἐπὶ μὲν μορφῇ ἐπέων, ἔνι δὲ φρένες ἐσθλαί,
μῦθον δ’ ὥς ὅτ’ ἀοιδὸς ἐπισταμένως κατέλεξας.

Odisseu, a nós não pareces, quando te contemplamos,
enganador ou trapaceiro, como muitos

homens largamente espalhados que a terra negra alimenta 365
e que armam mentiras sobre coisas que ninguém viu;
tuas palavras têm bela forma, são nobres teus sentimentos,
e contaste a história como um habilidoso aedo.

O substantivo μῦθος, ‘relato, história, conto’, de etiologia obscura, naturalmente pode ter conotação enganosa de acordo com o conteúdo do relato. Observar, por outro lado, o raro vocábulo ἡπεροπεύς (= ἡπεροπευτής, rad. *ἡπεροπ-), ‘impostor, embusteiro, enganador’, diretamente ligado ao engano, utilizado também pelo poeta do *h. Merc.* (*infra* p. 98) e o vocábulo ἐπίκλοπος, ‘desonesto, astuto, de muitos truques’, circunstancialmente ligado ao engano e que tem o mesmo radical de κλέπτω, ‘furtar ou roubar.’ O radical κλέ/οπ-, utilizado algumas vezes nos poemas homéricos em relação aos furtos de Hermes (e.g. *Il.* 5.390 e 24.109) e ao avô de Odisseu, Autólico (*Od.* 19.396), os dois mais notórios ladrões da mitologia grega, pode ser naturalmente associado ao engano nos casos de subtrações não percebidas, no momento do ato enganoso, pelo dono dos bens roubados (*infra* p. 109). Mais tarde, do fim do século século -V em diante, o radical passou a ser cada vez mais associado a enganos de forma genérica ou abstrata, sem vínculo direto com furtos e roubos, e.g. Hes. *Th.* 613 (*infra* p. 88), Ps.-Hp. *Morb.* 2.12, Pl. *R.* 413b e *Lg.* 933e.

As qualidades enganosas de Odisseu tinham, indubitavelmente, sanção divina. Ao longo de todo o poema, Atena sempre protegia o herói (13.301),⁹⁶ assim como seu filho Telêmaco e sua esposa Penélope (2.286), e a própria deusa afirmava que ele era, efetivamente, um homem πολυμήχανος (1.205)⁹⁷, ‘de muitas estratagemas’, palavra que contém o radical μάχᾱνᾱ-, ligado ao engano. Na *Il.* uma recorrente série de epítetos, condensada em um único verso, διογενὲς Λαερτιάδῃ **πολυμήχαν’** Ὀδυσσεῦ (2.173),⁹⁸ reiterava seguidamente essa qualidade do herói de Ítaca. Esses adjetivos encadeados sintetizam, aliás, algumas características dos enganos de Odisseu: Λαερτιάδῃ, ‘filho de Laerte’, filho de um homem mortal e, consequentemente, homem e mortal como o pai, o que indica que seus enganos se dão na esfera humana; διογ-

⁹⁶ Ver também, na *Il.* 23.740-84, a corrida entre Odisseu e Ájax, filho de Oileu, nos jogos fúnebres em honra de Pátroclo.

⁹⁷ Esse epíteto ocorre, em relação a Odisseu, sete vezes na *Il.* (2.173, 4.358, etc.) e 17 vezes na *Od.* (1.205, 5.203, etc.). Πολυμήχανος também qualifica, apenas uma vez, a feiticeira Circe (*Od.* 23.321).

⁹⁸ Esse é um dos sintagmas “padronizados” da *Il.* e da *Od.*: = *Il.* 2.173 = 4.358 = 8.93 = 9.308 = 9.624 = 10.144 = 23.723 = *Od.* 5.203 = 10.401, 456, 488 e 504 = 11.60, 92, 405, 473 e 617 = 13.375 = 14.486 = 16.167 = 22.164 = 24.542.

ενὲς, ‘divino’, por que eles são eficazes e bem sucedidos, como os enganos efetuados pelos deuses, e πολυμήχανος, ‘de muitos expedientes’ porque a inventividade do herói tinha, aparentemente, limites difíceis de precisar. Odisseu tem ainda outro epíteto superlativo, porém utilizado bem menos vezes (*Od.* 1.1; 10.330): πολύτροπος, adjetivo derivado do radical τρῶπ-, ‘voltar / volta’, que significa dar muitas voltas (‘viajar muito’, *Od.* 1.1) ou ter mente que dá muitas voltas, i.e., mente astuta, enganosa (*h. Merc.* 13 e 439, ver p. 95; cf. *Pl. Hp. Mi.* 364e).

2.2 As enganadoras divindades da *Odisseia*

Os enganos de Odisseu são descritos a partir do livro IV. Antes deles, porém, o poeta descreve outros enganos igualmente importantes, como vários “divinos” enganos por ilusão. Esses enganos, estabelecidos em torno de uma metamorfose divina, em que um deus assume a forma humana para iludir os mortais, são relativamente pouco complexos, invariavelmente bem-sucedidos e a descoberta da natureza divina do enganador disfarçado é quase sempre uma iniciativa do próprio deus. Nos demais casos, a descoberta da real identidade do enganador não afeta, em absoluto, o resultado do engano.

Atena. Enganos assim são relativamente comuns na *Od.* e já aparecem no livro I, e não é de estranhar a notável quantidade de atos enganosos implementados pela deusa Atena pois, como ela mesma disse a Odisseu, ἐγὼ δ’ ἐν πᾶσι θεοῖσι / μήτι τε κλέομαι καὶ κέρδεσιν, ‘eu, de todos os deuses / sou celebrada pela sagacidade e pelas artimanhas’ (18.298-9).

Hera foi a mais destacada divindade enganadora da *Il.* (p. 39 e 41); na *Od.*, Atena assume esse papel e Odisseu não deixa de admirar e reconhecer a divina eficiência de sua protetora (3.312-3):

ἀργαλέον σε, θεά, γνῶναι βροτῶι ἀντιάσαντι
καὶ μάλ’ ἐπισταμένωι· σὲ γὰρ αὐτὴν παντὶ εἴσκεις.

É difícil, deusa, para o mortal que te encontra, reconhecer-te,
por mais que preste atenção, pois a tudo te assemelhas.

Em um dos mais emblemáticos enganos por ilusão efetuados pela deusa, ela assumiu a forma humana de Mentis, líder dos tálios,⁹⁹ durante o tempo necessário para instruir Telêmaco, o

⁹⁹ Comerciantes e piratas (*Il.* 2.625-30 e 13.691-2; *Od.* 14.452, 15.427 e 16.426) que, na Antiguidade, e-

jovem filho de Odisseu (1.96-323). Sua intenção era encorajá-lo e lhe dar forças (1.88-9) para suportar os problemas provocados pela ausência do pai, notadamente a impudência e as ameaças dos pretendentes de sua mãe Penélope, e para ele começar a agir por conta própria (1.156-168; 1.225-305). O engano de Atena é descrito por [Homero] de forma bem mais elaborada do que os enganos por ilusão da *Il.* (*supra* p. 43 sqq.) pois, além da mudança de forma, Atena criou também uma “história desonesta” para reforçar as credenciais de Mentos, amigo de Odisseu, junto a Telêmaco (1.169-212; 1.314-8; 1.417-9). A frase dita inicialmente por Atena-Mentos foi, justamente, uma grande mentira (1.179): ἐγὼ τοι ταῦτα μάλ’ ἀτρεκέως ἀγορεύσω, ‘eu a ti falarei dessas coisas com veracidade’. Naturalmente, como em toda mentira bem contada, nem tudo era falso, pois não era inverossímil que Odisseu tivesse se encontrado em alguma ocasião com alguém como Mentos, antes de ir para Troia (1.209-10; 257-65). Estava igualmente correta a parte que informava estar Odisseu preso em uma ilha (1.187-8). Tudo o mais, no entanto, foi inventado pela deusa para atingir seus propósitos (*infra* p. 71) e, cumpridas suas finalidades, ela nem mesmo se preocupou em esconder de Telêmaco que estivera conversando com uma divindade: ao partir, fez nova metamorfose e se afastou em forma de ave (1.319-20). Esse engano não está associado a nenhum vocábulo específico.

Mais adiante, nos livros II e III, encontramos outro engano por ilusão preparado por Atena, mais uma vez em favor de Telêmaco, a quem a deusa queria ajudar a obter um barco para a viagem. Sua finalidade era fazer o jovem sair de Ítaca, à procura de informações sobre o paradeiro do pai, e em sua companhia (2.285-7); é provável, ademais, que a deusa soubesse dos planos dos pretendentes para matá-lo (*infra* p. 81). Esse engano de Atena é um engano duplo, que mereceu da parte de [Homero] uma de suas mais longas descrições (2.267-96 e 2.382-3.372). A deusa assumiu primeiramente a forma de Mentor, um dos amigos de Odisseu em Ítaca (2.267-96), depois a forma de Telêmaco (2.382-92) e depois, mais uma vez, a forma de Mentor, que manteve até completar seus desígnios (2.393-3.372), em Pilos. Atena gostava, aparentemente, desse aspecto; bem no meio da matança dos pretendentes, assumiu de novo a forma de Mentor (22.205-40) e depois, no final do poema (24.502-48), fez o mesmo para conciliar Odisseu e os familiares dos pretendentes mortos. Uma das dessas transformações foi

---

ram geralmente associados às ilhas Equíades (E. *IA* 284-7). Na época do Pseudo-Apolodoro (2. 4.5-8) os tálios eram ainda situados ali e, também, vinculados ao mito de Anfitrião, pai de Hércules (ver *Scut.* 19, *infra* p. 109 e também Fz. 1, p. 167-8, nota 4). Acredita-se atualmente que eles ocupavam a pequena ilha de Μεγανήσι, bem próxima da costa sul-sudeste da ilha Lêucade (TALBERT, 2000).

percebida por Noémon, dono do barco emprestado a Telêmaco. Noémon assistiu a partida de “Mentor” e Telêmaco e, pouco depois, viu o amigo de Odisseu em Ítaca (4.653-56); concluiu, acertadamente, que o Mentor que vira embarcar para Pilos só podia ser uma divindade disfarçada.¹⁰⁰ De qualquer modo, no final do engano, Atena abandonou a aparência de Mentor e deixou Pilos na forma de um corvo, à vista de Nestor, de Telêmaco e de todos os presentes (3.371-2). Odisseu reconheceu Atena nas duas últimas vezes em que a deusa assumiu a forma de Mentor e, durante a matança dos pretendentes, a transformação da deusa terminou quando “Mentor” se tornou uma andorinha (22.239-40) que ficou observando a matança em uma trave do teto, sem ninguém notar. No fim do livro XXIV, todos perceberam, pela voz, que se tratava de uma divindade, mas Atena manteve a forma de Mentor até o último verso do poema. Quanto à epifania de Atena junto a Telêmaco em Esparta, durante a noite (15.1-43), [Homero] não revelou se a deusa assumiu forma humana ou se Telêmaco sonhava acordado; talvez ele tenha apenas ouvido, assim como o moribundo Hipólito (E. *Hipp. B* 1389-439), a divina voz.

Convém notar que Atena não é a única divindade da *Od.* que gostava de assumir forma de ave: Leucoteia, para conversar com Odisseu em sua jangada, assumiu a forma de um mergulhão (5.333-8 e 351-3).

Há outros enganos por ilusão em que Atena se esconde, direta ou indiretamente, sob a imagem de um ser humano. Na ilha de Esquéria,¹⁰¹ terra dos feácios, ela assumiu a forma de uma donzela com um cântaro para indicar a Odisseu a localização do palácio do rei Alcínoo (7.18-42), mas ele não deixou de reconhecer a presença divina (13.322-3). Durante os jogos atléticos disputados no dia seguinte, a deusa assumiu o aspecto de um dos feácios para animar o herói, após o lançamento do disco (8.194-200). Dessa vez, ninguém percebeu. Com a finalidade de preparar o regresso de Odisseu a Ítaca, invadiu os sonhos de Nausícaa, filha do rei dos feácios, na forma da filha de Dimante, para dirigí-la à praia onde Odisseu apareceria, depois do último naufrágio (6.13-47). Notável variante desse último padrão é o engano do fantasma com o aspecto de Iftima, irmã de Penélope, que Atena enviou à esposa de Odisseu, como um sonho, para acalmá-la durante a estada do filho em Esparta. O fantasma cumpriu seu

¹⁰⁰ O antropônimo Νοῦμων significa lit. ‘aquele que compreende’, ‘inteligente’. Tem o mesmo radical de νόος e, no contexto, pode ser entendido como ‘aquele que não é enganado’.

¹⁰¹ A exata localização da ilha de Esquéria, motivo de extensos debates desde a Antiguidade (e.g. Str. 1.2.18, Tib. 1.3.3) continua desconhecida. É provável que [Homero] tenha simplesmente criado uma ilha fictícia para nela situar um povo fictício, imaginando-a talvez em alguma parte do Mediterrâneo Oriental.

papel e desapareceu pelo ferrolho da porta (4.795-840). Por causa disso, ou pelo fato de sua irmã morar longe (4.809-10), Penélope não deixou de notar aí a mão da divindade (4.830).

Hefesto. Na *Il.*, Hefesto é um deus de muitas facetas, que [Homero] destaca com ênfases igualmente variadas. Suas qualidades de artífice divino, criador de coisas maravilhosas e concretas como as belíssimas armas de Aquiles (*Il.* 18.457-615),¹⁰² de agressivo e eficiente guerreiro (21.331-82) e de tragicômico diplomata (1.571-611) são bastante conspícuas, mas a engenhosidade não concreta e a sagacidade do deus em outros assuntos é sugerida, com muita circunspeção, em uma única passagem, Ἡφαίστοιο πολύφρωνος, o ‘sagaz Hefesto’ (21.367). Na *Od.*, a sagacidade do deus é explorada bem mais extensivamente. Sem deixar de mencionar a maravilhosa capacidade artística de Hefesto (e.g. 4.615-19, 7.91-4, 15.115-9, 24.73-5), o poeta destaca sua capacidade enganadora no célebre e bem sucedido engano praticado contra Ares e Afrodite (8.266-366), em que o aedo Demódoco recorre duas vezes a esse mesmo epíteto, πολύφρων, para qualificá-lo (8.297 e 327).¹⁰³ O radical desse adjetivo, φρ^ε/οv- (talvez *φργδ-), é circunstancialmente ligado ao tema, pois ele se assemelha aos epítetos empregados usualmente para evocar os atributos mentais de Crono, Zeus e Prometeu, três divindades voltadas para o engano cosmogônico, como se verá no estudo da *Th.* de Hesíodo (*infra* p. 85-88).

Afrodite, esposa de Hefesto, traía o marido com o deus Ares (8.267-70) até que, certo dia, esses ilícitos e amorosos enganos foram descobertos por Hélios, que imediatamente avisou Hefesto (8. 270-1). O sagaz Hefesto preparou um contraengano, i.e., um engano para se vingar do engano que sofria, depois de κακὰ φρεσὶ βυσσοδομεύων, ‘meditar coisas más profundamente’ (8.273). Τεῦξε δόλον, ‘construiu uma armadilha’ (8.276 e 282),¹⁰⁴ indubitavelmente inspirada na armadilha que ele havia, certa vez, preparado para prender Hera (*h. Hom.* 1, p. 92 e Alc. *Fr.* 349, p. 116), e dispôs δεσμοὶ τεχνήεντες, ‘correntes astuciosamente forjadas’, δολόεντα, ‘enganosas’ em torno de sua cama (8.281-2 e 297). Quando Ares e Afrodite lá se encontraram, durante uma enganadora ausência de Hefesto (8.283-96) — note-se que, aqui, [Homero] empregou o sintagma verbal εἴσατε ἴμεν, ‘fingiu ir’ (8.283) — ficaram irremedia-

¹⁰² Na *Il.* há também muitas menções a palácios e a belíssimos objetos confeccionados por Hefesto, e.g. 1.606-8, 2.101-4, 8.194-5, 15.309-10, 18.417-21.

¹⁰³ A enganosa faceta de Hefesto fica evidente, ademais, pela comparação com o tratamento dado pelo poeta a Odisseu, que recebe o mesmo epíteto em 1.83, 14.424, 14.464, 20.239, 20.329 e 21.204.

¹⁰⁴ Aqui, assim como em 8.494 (ardil do cavalo de Troia) e em 19.137 (ardil da teia de Penélope) o sentido enganoso do radical δολο- assume tonalidades mais concretas (*supra* p. 16).

valmente presos (8.296-99) pelo δόλος, ‘ardil / armadilha’ e pelas correntes (8.317) instaladas pela enganosa τέχνη de Hefesto, e expostos ao riso de Apolo e Hermes (8.300-66) e à sisudez de Posídon (8.344-4). Planejamento e execução de um ato enganoso sugere, evidentemente, uma complexa μηχανή, como a discutida a propósito da Διὸς ἀπάτη (*supra* p. 39) de Hera, embora o design geral do engano seja mais compatível com uma arapuca ou armadilha, principalmente. O subengano da ausência forjada de Hefesto, que podemos imaginar como uma história mentirosa sem discurso, embora em algum momento o deus deve ter comentado que iria se ausentar (8.283), colocou a armadilha em andamento e acrescentou mais um item à complexidade do engano. Note-se, além dos radicais já conhecidos, a composição do verbo βυσσοδομεύω (8.273) < βυσσός + δομεύω, onde δομέω, ‘construir’, vem do radical *domo-, ‘construção’, de sentido habitualmente concreto. No contexto, significa ‘contruir algo no fundo do espírito’, i.e., tramar um engano.

Idoteia e Proteu. Também complexa e das mais notáveis é a elaborada ‘emboscada’ (λόχος e λοχάω, 4.388, 395 e 463) ou ‘ardil’ (δόλον, 4.437) que Idoteia, filha de Proteu, planejou e ajudou a executar em favor de Menelau (4.363-572). A finalidade era extrair informações sobre o regresso de Menelau (4.424) do relutante e bem informado Proteu, o velho do mar (4.365, etc.).

Na primeira parte do engano, Idoteia fez o minucioso planejamento da emboscada (4.388-425) e, na segunda parte, Menelau e seus companheiros seguiram fielmente as orientações da deusa, com sucesso (4.431-71). Uma das recomendações foi que Menelau e três companheiros se disfarçassem, cobertos com a pele de quatro focas, providenciadas por ela mesma (4.435-46), e esperassem o deus escondidos entre as focas vivas que ali costumavam ficar, ao sol, e eram contadas diariamente por ele (4.411-2; 451). O truque permitiu que Proteu não notasse a presença de Menelau, que conseguiu então surpreender e segurar firmemente o deus. A princípio, Proteu tentou enganar Menelau com seus ὀλοφώϊα, ‘atos perniciosos’ (4.410 e 460) ou δολίης τέχνης, ‘ardilosas artes’ (4.455), mudando várias vezes de forma (4.456-8), mas logo percebeu que esse engano era ineficaz e deu a Menelau as informações solicitadas (4.468-570), tornando assim o plano de Idoteia um engano bem-sucedido. O adjetivo ὀλοφώϊος, ‘pernicioso, destrutivo, mortal’ (4.410, 4.460 e 17.248), em [Homero] pode assumir isoladamente o significado de ‘artes perniciosas’ e, por extensão, ‘artes enganosas’, de acordo

com o contexto. É provável que ὀλοφώιος e ἐλεφαίρομαι, ‘enganar’, derivem do mesmo radical, *ἐλεφαρ-.

Há, no episódio de Proteu, dois enganos por ilusão encadeados: o bem planejado e bem-sucedido engano de Idoteia e Menelau contra Proteu, e o improvisado engano do deus Proteu contra o humano Menelau, que não deu certo. Essa μηχανή tem, portanto, elementos divergentes de outros enganos homéricos. Temos, sim, a participação de dois deuses e, como na Διὸς ἀπάτη (*supra* p. 39), a deusa é a enganadora e o deus, o enganado; mas, ao contrário da maioria dos divinos enganos por ilusão (*supra* p. 43), o engano de Proteu foi ineficaz, enquanto o disfarce que Menelau e os companheiros tiveram que usar, característico do engano por ilusão humano (*supra* p. 50), foi eficaz. O engano de Idoteia tem, aliás, tonalidades nitidamente humanas e mortais; sem as referências à sua divindade e à de Proteu, o planejamento e a execução do ato enganoso passariam sem dificuldade por um engano efetuado inteiramente no plano dos mortais. A pele de foca usada por Menelau para passar despercebido e a armadura usada por Pátroclo para ser notado (*supra* p. 50) tinham, ademais, a mesma finalidade: criar uma enganadora e eficiente ilusão restrita à esfera humana, em que tanto o enganador disfarçado como o enganado são mortais.

Notar, finalmente, a relativa abundância de vocábulos ligados ao engano (4.388, 395, 410, 437, 455, 460, 463, cf. p. 63), pouco frequentes nos “divinos” enganos por ilusão e bem mais comuns nos enganos por ilusão da esfera humana.

2.3 Enganos de Odisseu em Troia e na viagem de volta

A trajetória de Odisseu durante e depois da guerra de Troia é coalhada de enganos de complexidade variável, quase todos muito bem sucedidos.

Espionagem em Troia. Em mais um engano por ilusão, totalmente desenvolvido na esfera dos mortais, Odisseu se disfarçou de mendigo para realizar uma bem sucedida missão de espionagem no interior de Troia (4.242-61). Embora a descrição de [Homero] seja sucinta, esse é um dos mais importantes enganos de Odisseu nos poemas homéricos, pelo menos do ponto de vista da influência do tema nos dramas de Eurípides (*infra* p. 230). A aventura de Odisseu é narrada por Helena, durante a estada de Telêmaco em Esparta: ο herói ἄλλωι δ’ αὐτὸν φωτὶ κατακρύπτων ἦϊσκε / δέκτηι, ‘se escondeu na forma de outro homem, / um pedinte’

(4.247-8), conseguiu entrar em Troia e só foi reconhecido e confrontado por Helena (4.250), mas ele **κερδοσύνηι** ἄλέεινεν, ‘a evitava por meio de astúcias’ (4.251). Com a ajuda de Helena, Odisseu retornou ao acampamento dos gregos com muitas informações (4.258).

De todas as palavras do engano que [Homero] utilizou nessa aventura, não havíamos ainda encontrado o radical κρυπ-, ‘esconder’, presente na forma verbal κατακρύπτω, que tem a mesma tradução do radical básico ε está vinculado ao engano de forma circunstancial, embora em outras ocasiões o verbo κρύπτω possa refletir o engano de forma muito direta. Para uma discussão do verbo e suas relações com o engano, notadamente os de Hermes, ver BROWN (1947, p. 9-10).

A capa de Toas. Mais um engano ocorrido em Troia (14.462-506), o da “capa de Toas” (NEWTON, 1997-1998, p. 154) foi relatado pelo próprio Odisseu durante o engano que ele e Atena armaram contra os pretendentes, um engano simples dentro de outro engano mais complexo (*infra* p. 74). Na cabana do porqueiro Eumeu, Odisseu havia se identificado, mentiroso, como um dos filhos de Castor, e contou uma história sobre si mesmo (14.462-503), talvez até verdadeira (WERNER, 2004, p. 143-5). Afirmou que o “filho de Castor” havia participado de um grupo que vigiava os muros de Troia e, na ocasião, presenciara um dos enganos de Odisseu. A noite estava particularmente fria e o “filho de Castor”, enganado por um deus (ἦπαφε, 14.488), não levava a capa e sentia muito frio.¹⁰⁵ Odisseu, então, **νόον** σχέθε τόνδ’ ἐνὶ θυμῷ ‘teve em seu âmago o seguinte pensamento’ (14.490) em seu benefício: mentiu que lhe viera um sonho vindo dos deuses (14.495) — i.e., um presságio — e emendou que alguém deveria ir chamar mais companheiros. Toas, um dos membros do grupo, deixou a capa e foi imediatamente até o acampamento grego, e assim o “filho de Castor” pôde passar a noite com a sua capa.

O engano praticado por Odisseu é evidente, uma vez que ele disse uma meia verdade fundada em uma mentira;¹⁰⁶ faltam vocábulos na descrição do engano propriamente dito, mas há menções a Odisseu ‘de muitos planos’ (πολυμήχανος, 14.485), à sua ‘mente’ (νόος, 14.490), à sua capacidade de ‘urdir planos’ (βουλευόμεν, 14.491) e à falsa afirmação do sonho enviado pelos deuses (14.495), que em [Homero] está frequentemente vinculado ao engano

¹⁰⁵ Aqui, a despeito da presença de uma forma verbal de ἀπαφίσκω, ‘enganar’, ligado diretamente ao engano (ver nota 69, p. 41), temos apenas uma figura de linguagem, e não um engano.

¹⁰⁶ Não é nenhum absurdo, em termos militares, um grupo avançado pedir reforços.

(*supra* p. 366). Note-se ainda que o radical βουλευ-, (*infra* p. 18), foi usado nessa oportunidade para qualificar Odisseu de forma geral, não para qualificar o engano que ele planejou.

O cavalo de Troia. Esse célebre episódio, situado cronologicamente antes dos eventos da *Od.*, é indubitavelmente o mais conhecido de todos os enganos da literatura grega¹⁰⁷ e o mais emblemático triunfo de Odisseu, a quem os gregos confiaram todos os procedimentos (8.502, 11.524-6). A descrição parcial do episódio aparece em pelo menos quatro instâncias (4.271-89, 8.492-5, 8.500-21 e 11.523-32). Na primeira e na última instância, Odisseu é o narrador; na segunda, Menelau e, na terceira, o aedo Demódoco; para reconstituir o engano, é necessário combiná-las.¹⁰⁸ O “cavalo de Troia” é um engano razoavelmente complexo e compreende, além da ideia do engano, do planejamento e da construção (8.493; 11.523) do cavalo oco de madeira (4.272; 8.492-3; 8.515) e da emboscada propriamente dita (8.515; 11.525-6), com os gregos escondidos no interior do cavalo (4.272-3; 8.495; 8.503; 8.512-3), três outros subenganos: a falsa fuga dos aqueus (8.500-3), o engano que fez os troianos levarem o cavalo para o interior da cidadela (8.494; 8.504) e o frustrado contraengano de Helena, que desconfiara da presença dos gregos (4.274-289). [Homero] não revela, infelizmente, quem teve a ideia do cavalo oco, recheado de guerreiros; apenas menciona que Epeio o construiu, juntamente com Atena. Mas quem lê a *Od.* e se familiarizou com o estilo de [Homero] e de suas histórias presente, sem dúvida, que Odisseu deve ter sido o idealizador do engano.¹⁰⁹ Nos vv. 14.217-8, por exemplo, Odisseu informa: ὁπότε κρίνοιμι λόχονδε / ἄνδρας ἀριστῆας ..., ‘quando eu escolhia, para uma emboscada, / os melhores homens ...’

O primeiro “subengano” é a falsa fuga dos gregos, que fingiram ir embora depois de queimar as tendas (8.500-3), ato mentiroso que pode certamente ser considerado uma variante das histórias mentirosas. A finalidade desse engano preliminar era certamente baixar as defesas do adversário e, sem dúvida, teve êxito. [Homero] informa que Odisseu levou o cavalo para a acrópole de Troia com um ardil (δόλον, 8.494) e, em outra instância, que os próprios troianos o levaram (8.504). Esse pode ter sido o segundo “subengano”, que nesse caso não teria

¹⁰⁷ Ver também a história egípcia da captura de Jafa pelo oficial Djehuty (*supra* p. 24).

¹⁰⁸ As mais completas descrições do episódio do cavalo de Troia, em fontes antigas, podem ser encontradas no canto II da *Eneida* de Virgílio (-29/-19) e no canto XII da *Queda de Troia (Posthomérica)* de Quinto de Esmirna (fl. c. 450).

¹⁰⁹ Virgílio não atribui a ideia do cavalo a ninguém; Quinto de Esmirna a atribui a Odisseu; e o autor da *Il. Parv.*, a Atena (*infra* p. 99).

sido revelado pelo narrador, ou pode ser uma referência à falsa fuga, que poderia ser, então, o bem sucedido engano que induziu os troianos a levar o cavalo para Troia.¹¹⁰ O terceiro “sub-engano” é bem definido pelo narrador, Menelau: dentro da cidadela, desconfiada da presença dos gregos, Helena tentou enganá-los e fazê-los se revelar, chamando pelo nome os melhores dentre os gregos e imitando a voz das esposas de todos os gregos. O engano de Helena falhou, pois Odisseu impediu que Menelau, Diomedes e Ânticlo respondessem (4.274-289). O “cavalo de Troia”, como se sabe, foi um estratagema muito bem sucedido (8.511-20) e também foi, de certa forma, uma ilusão, pois onde havia um cavalo de madeira recheado de gregos armados, os troianos só enxergaram um cavalo de madeira... A natureza enganosa do episódio foi bem marcada pelos narradores através de vocábulos ligados ao engano: κοῖλον λόχον, ‘côncava emboscada’ (4.277; 8.515); δόλον, ‘um ardil’ (8.494); e πυκινὸν λόχον, ‘bem construída emboscada’ (11.525-6).

O ciclope Polifemo. Em seu tortuoso caminho de volta a Ítaca, as naus de Odisseu chegaram à paradisíaca ilha dos Ciclopes (9.106-41), onde Odisseu teve que empreender outro célebre engano (9.181-542), dessa vez para salvar sua vida e a de seus companheiros. Um grupo liderado por Odisseu desceu à terra e logo se encontrou em situação desesperadora, ‘sem expedientes’ (ἀμηχανία, 9.295), pelo menos à primeira vista. O grupo ficou preso em uma caverna com a única entrada fechada por enorme rocha, em companhia de um rebanho de carneiros e de um gigantesco e violento antropófago chamado Polifemo (9.403) que havia, sem nenhuma cerimônia, matado e devorado dois homens. O apurado instinto de Odisseu não deixara de avisá-lo, pois antes da morte de seus homens, ao ser inquirido pelo Ciclope, respondeu-lhe com δολίοισ’ ἐπέεσσι, ‘enganosas palavras’ (9.282): eles eram pobres náufragos e sua nau não estava ancorada na ilha (9.279-86). Esse primeiro engano de Odisseu na ilha do Ciclope foi certamente um prenúncio do próximo engano, necessário à salvação. Note-se a abundância de vocábulos ligados ao engano (9.420-4):

αὐτὰρ ἐγὼ βούλευον, ὅπως ὅχ’ ἄριστα γένοιτο,
εἴ τιν’ ἐταίροισιν θανάτου λύσιν ἢ δ’ ἐμοὶ αὐτῶι
εὐροίμην· πάντα δὲ δόλους καὶ μῆτιν ὕφαινον,

420

¹¹⁰ Na *Eneida* de Virgílio (2.195-6), foi o enganoso discurso do grego Sínon que convenceu os troianos a levar o cavalo para dentro da cidadela: *talibus insidiis periurique arte Sinon / credita res captique*, ‘por essas insídias e pela artimanha do perjuro Sínon / acreditamos na história e fomos enganados.’

ὥς τε περὶ ψυχῆς· μέγα γὰρ κακὸν ἐγγύθεν ἦεν.
ἦδε δέ μοι κατὰ θυμὸν ἀρίστη φαίνεται βουλὴ·

mas eu meditei como poderia fazer o melhor,
e se encontraria um jeito de libertar da morte eu e
meus companheiros. Teci na mente todos os enganos
em favor da vida, pois grande mal se avizinhava.
E este pareceu ao meu espírito o melhor plano:

420

O substantivo ἀμηχανία, ‘sem expedientes’, utilizado por [Homero] alguns versos antes (9. 295) do engano e mencionado há pouco, configura notável recurso léxico e narrativo que prenuncia, por oposição ao epíteto tradicional de Odisseu, πολυμήχανος (*supra* p. 57), a complexa μηχανή planejada e empreendida pelo herói logo depois da morte dos primeiros companheiros (9.287-318).¹¹¹ O radical do verbo ὑφαίνω, ‘tecer, tramar’ (9.422), utilizado por Odisseu para se referir ao engano que preparou, é formado pela raiz indo-europeia *webh-/ *ubh- (*ubh- > ὑφ- + -αν- > ὑφαίνω), ligada primariamente ao ato concreto de ‘tecer’ e ao ato abstrato de ‘planejar um engano’. Como se verá adiante (p. 79), *tecer* e *enganar* são se tornaram conceitos praticamente intercambiáveis na cultura grega.

Note-se finalmente que esse engano pode ser descrito como um minucioso e bem executado plano que levou um grupo de gregos a escapar do captor bárbaro e violento que o detinha contra sua vontade, tema que Eurípides utilizaria, mais de três séculos depois, em suas “tragédias de plano e fuga” (*infra* p. 370).

Dentro da caverna de Polifemo, o herói primeiro preparou uma arma (o tronco de ponta aguçada) e a escondeu; segundo, apresentou o ciclope ao vinho que trouxera por causa de um pressentimento (9.213-5) e o embriagou; terceiro, por segurança, disse a ele que seu nome era Οὔτις, ‘Ninguém’; quarto, enquanto o monstro dormia pesadamente (por conta do vinho), furou seu único olho com a arma (9.515-6); quinto, disfarçou a si mesmo e aos outros embaixo dos carneiros; sexto, quando o ciclope finalmente tirou a rocha da saída da caverna, todos escaparam, pois ele só tateava o dorso das ovelhas.

O engano de Odisseu contra Polifemo se estendeu além da fuga do herói e dos companheiros sobreviventes, uma vez que a providência do herói enganou também os colegas do Ciclope. Ao gritar por ajuda, o agora cego Polifemo disse aos outros ciclopes (9.408): Οὔτίς με

¹¹¹ Interpretação inspirada em um breve comentário de HEUBECK (1989, p. 29) a *Od.* 9.295.

κτείνει δόλωι οὐδὲ βίηφι, ‘Ninguém me mata pelo engano e pela violência’. Ao ouvir isso¹¹² os outros Ciclopes simplesmente lhe disseram para rezar a Posídon e foram embora. É bem verdade que eles a princípio desconfiaram de algum engano (δόλωι, 9.406), mas a resposta de Polifemo, armada pelo ardiloso Odisseu, desarmou-os. E o herói ainda riu, ὥς ὄνομ’ ἐξαπάτησεν ἐμὸν καὶ μῆτις ἀμύμων, ‘porque os enganara o nome¹¹³ e a impecável artimanha’ (9.414). O episódio da “ilha do Ciclope” tem, apesar de tudo, cores nitidamente cômicas e foi transposto por Eurípides para o drama satírico *Cíclope* (Κύκλωψ Σατ.) em data incerta (-424? -408?). Os poetas cômicos Aristias e Cratino também recorreram a ele em suas obras (ver USSHER, 1971 e SEAFORD, 1982).

A ilha de Circe. Odisseu e seus companheiros se envolveram em outros enganos durante a viagem de volta a Ítaca, notadamente em Eéa,¹¹⁴ ilha onde vivia a feiticeira Circe (10.135-495). O primeiro deles foi empreendido por Circe, contra os companheiros de Odisseu (10.226-60); o segundo, por Hermes, contra Circe (10.275-347). Ao chegar à ilha, Odisseu avistou fumo e enviou Euríloco e mais um grupo de 22 homens para investigar. Os homens se aproximaram do palácio de Circe e encontraram lobos e leões, animais habitualmente selvagens que, no entanto, ficaram saltando em torno deles. Avistaram a feiticeira junto a um tear, ela os convidou a entrar e lhes serviu comida e bebida, porém misturada com φάρμακα λυγρά, ‘drogas perniciosas’ (10.236) que os fizeram esquecer a pátria. Batendo neles com uma varinha (10.238), Circe finalmente transformou-os em porcos. Euríloco foi o único a escapar, pois desconfiara de alguma ‘armadilha’ ou ‘engano’ (δόλον, 10.232 e 259) e não entrara no palácio.

É provável que o narrador tenha renunciado o engano de Circe ao descrever o contraste entre o aspecto selvagem dos leões e lobos que cercavam o palácio e seu comportamento de

¹¹² Jogo de palavras de [Homero]: se não considerarmos οὐτίς nome próprio, temos a expressão adverbial οὐ ... οὐδὲ, e o verso poderia ser traduzido por ‘ninguém me mata, nem pelo engano e nem pela violência.’

¹¹³ Sobre a ambiguidade e o enganoso potencial do nome Οὐτίς, ver SIMPSON (1972).

¹¹⁴ Como no caso da ilha de Esquéria (ver nota 101, p. 60), a localização exata da ilha de Circe não é conhecida e o mais provável é que se trate de uma terra mítica, imaginada por [Homero]. A tradição de naufragos que chegam a ilhas maravilhosas e desconhecidas, onde sobrevivem graças à ajuda de divindades remonta, no mínimo, ao conto egípcio *Aventuras de um naufrago*, anotado pelo escriba Amon-ã no *P. Leningrad 1115* (s. -XX/-XVI), conservado atualmente em Moscou, provavelmente no Государственный Музей Изобразительных Искусств им. А.С. Пушкина. Nesse conto, pelo menos um milênio mais antigo do que a *Odisseia*, um naufrago chega à mágica Ilha *do Ka*, ‘da Abundância’ (ver ARAÚJO, 2000, p. 77), que aliás tinha muitas semelhanças com a ilha do Ciclope.

cães domésticos (10.214-9), e ao dizer, nessa ocasião, que Circe lhes dera κακὰ φάρμακα, ‘drogas nocivas’ (10.213). O substantivo φάρμακον (a etimologia do radical é incerta: CHATRINE, 1999, s.u.) tem a acepção genérica de ‘droga’, mas também pode ser empregado no sentido de ‘poção mágica’, de ‘remédio’ ou de ‘veneno’, de acordo com o contexto e com adjetivos que usualmente o acompanham. Assim como o vinho, poções e drogas podem ser agentes de enganos, pois são facilmente disfarçados de alimentos que todos precisam consumir. Assim como as bebidas alcoólicas, elas têm o potencial de perverter o comportamento normal, e.g. ‘esquecer a pátria’ (10.236) ou ‘esquecer todos os males’ (4.221). Há, na mitologia grega, vários episódios em que a alteração de comportamento provocada pelo excesso de vinho levou a enganos, i.e., a comportamentos opostos ao desejado pelo bebedor: Dioniso embebedou Hefesto para que ele libertasse Hera (*infra* p. 92 sqq.); Odisseu embebedou o Cíclope para cegá-lo sem sobressaltos (*supra* p. 66 sqq.); Apolo embriagou as Moiras para convencê-las a poupar Admeto (*infra* p. 140). De forma análoga ao caso de Circe e dos companheiros de Odisseu, uma droga (φάρμακον) administrada por Helena enganou a tristeza de Menelau, Telêmaco e Psístrato durante seu encontro em Esparta (*Od.* 4.183-239). Podemos fazer um paralelo entre Circe e Helena: ambas eram mulheres e deusas,¹¹⁵ ambas teciam (cf. *Il.* 3.125-8 e *Od.* 4.133-5, 10.220-8 e 10.254),¹¹⁶ ambas conheciam as propriedades das drogas, ambas utilizaram drogas para enganar (WERNER, 2004, p. 85-6). A grande diferença reside na finalidade dos enganos: aqui, Helena ilustra a capacidade benéfica das drogas; Circe, a capacidade maléfica. Devemos incluir φάρμακον e seus derivados, portanto, entre os vocábulos circunstanciais do engano.

O vinho não tem antídoto; a única forma de evitar qualquer um de seus efeitos é não consumi-lo. Muitas drogas nocivas, no entanto, têm antídoto, i.e, existe uma antidroga que anula ou reverte os efeitos indesejáveis, e o engano que Hermes aplicou em Circe, o segundo da ilha de Eéa, baseou-se nesse princípio (10.274-335). O deus avisou Odisseu a respeito das drogas de Circe (10.276, 282-5), de seu hábito de colocá-las na comida (10.290) e sobre suas ‘artes perniciosas / enganadoras’ (ὄλοφώϊα δήνεα, 10.289). Ofereceu-lhe um eficiente antídoto (10.287-8, 290-2 e 302-6), a planta chamada alegoricamente de μῶλυ (CLAY, 1972, p. 128) por [Homero] e, graças a ela, Odisseu ficou imune aos feitiços físicos (transformação em por-

¹¹⁵ Ver o item *Fontes Antigas* na análise da *Hel.*, especialmente a nota 379 (p. 219).

¹¹⁶ Feminino, tecelagem e engano se associam nitidamente no episódio da teia de Penélope (*infra* p. 78).

co) e mentais (esquecimento da pátria) de Circe (10.316-29). A feiticeira então hospedou Odisseu em sua cama e seus companheiros, em outras partes do palácio durante um ano, depois de dar a entender que contra eles não intentaria outro engano (δόλον, cf. 10.380-1). Odisseu, grande *expert* nesses assuntos, por segurança pediu que a feiticeira provasse sua boa fé, antes de comer e beber em seu palácio, revertendo a transformação dos companheiros (10.375-406). Circe atendeu seus pedidos e tudo acabou bem.

Já conhecemos o adjetivo ὀλοφώιος, que tem frequentemente a conotação de ‘engana-dor’ (e.g. *Od.* 4.410, p. 63). Δήνεα, ‘planos, desígnios, artes’ (10.289) é uma antiga forma do radical *δανσο-, provavelmente ligado ao indo-europeu *d̥ns-, ‘poder miraculoso, habilidade’, empregado somente no plural e que, nessa passagem, pode se referir aos poderes de Circe ou à sua capacidade de enganar.¹¹⁷ Isoladamente (e.g. *Il.* 4.361, Hes. *Th.* 236 e Semon. *Fr.* 7.78), δήνεα significa apenas ‘planos’, sem conotação enganosa obrigatória.

Observe-se, ainda, que tanto Polifemo quanto Circe haviam sido anteriormente avisados (Polifemo, 9.507-16; Circe, 10.330-2) a respeito da chegada do astuto (πολύτροπος, 10.330) Odisseu e portanto deveriam estar preparados. Apesar disso, nenhum dos dois foi capaz de evitar os enganos de que foram vítimas. No caso de Circe, pode-se alegar que Odisseu foi apenas um agente do engano de Hermes, mas temos que reconhecer que enganos cercavam e de certa forma perseguiram nosso ardiloso herói em todos os seus caminhos...

2.4 Odisseu em Ítaca

Em *Od.* 13.187-299 começa o mais longo e complexo engano do poema, preparado por Odisseu e Atena e implementado por eles e por Telêmaco contra os pretendentes. O engano que resultou na morte de todos os pretendentes praticamente termina em *Od.* 22.389, i.e., cerca de dez “livros” depois.

Uma história desonesta. Os feácios haviam deixado o adormecido Odisseu e suas riquezas em uma praia de Ítaca nos vv. 13.114-25 e, no v. 13.187, o herói finalmente acorda. Não reconheceu, a princípio, nem a ilha (13.187-90) e nem Atena, que se apresentou a ele na forma de um jovem gentil (13.221-6). O herói perguntou onde se encontrava (13.228-52) e se

¹¹⁷ O advérbio ἄδηνέως, do mesmo radical, significa ‘sem fraude / malícia’.

emocionou ao saber que finalmente estava em sua própria terra (13.344-60), mas tentou enganar a deusa com uma de suas típicas “histórias desonestas” (13.253-86), anunciada explicitamente por [Homero] (13.253-5):

καί μιν φωνήσας ἔπεα πτερόεντα προσηύδα·
οὐδ’ ὃ γ’ ἀληθέα εἶπε, πάλιν δ’ ὃ γε λάζετο μῦθον,
αἰὲν ἐνὶ στήθεσσι νόον πολυκερδέα νομῶν· 255

e, dirigindo-se a ela, disse palavras aladas,
mas não falou verdades; antes, se ateve a uma história,
sempre no peito um pensamento muito astucioso revolvendo. 255

Essas fictícias historinhas de Odisseu, uma de suas marcas mais características,¹¹⁸ têm precedentes nos próprios poemas homéricos, mais exatamente na história contada por Hermes a Príamo (*supra* p. 44) e na história contada por Atena, na forma de Mentos, a Telêmaco (ver 1.179-212, p. 58). [Homero] nem sempre prenuncia esse tipo de engano com vocábulos específicos, mas pelo menos nessa oportunidade recorreu a um circunlóquio, οὐδ’ ὃ γ’ ἀληθέα εἶπε, ‘mas ele não falou verdades’ (13.254) para introduzir a história. Odisseu contou (13.255-86) que era cretense, estivera em Troia, matara um dos filhos de Idomeneu em uma emboscada — um engano dentro de outro engano (13.267-71) — e pedira a marinheiros fenícios que o levassem embora, mas o vento os afastara do caminho e conduzira seu navio a Ítaca. Como de hábito, o relato tinha um fundo de verdade, pois o herói Idomeneu era realmente cretense e lutara em Troia (e.g. *Il.* 2.645-52). A finalidade da história mentirosa de Odisseu foi, com certeza, despertar a boa vontade do ouvinte, uma vez que o herói estava sozinho em uma praia deserta, que aliás não reconhecia, acompanhado das riquezas que ganhara dos feácios (13.207-8). Esse recurso retórico — nem sempre enganoso —, mais tarde chamado de *captatio benevolentiae* pelos oradores romanos, foi catalogado por Aristóteles¹¹⁹ no século -IV e tem, nessa elaborada mentira de Odisseu, uma de suas mais remotas ocorrências.

¹¹⁸ Em vários estudos essas histórias são chamadas de *mentiras cretenses*, devido à alegada ascendência cretense do fictício herói da história (somente na última história, contada a Laerte em 24.243-314, Odisseu mudou a nacionalidade do herói da historinha). Ver referências e comentários em CALLAWAY (1998, p. 159). Sobre as mentiras de Odisseu, ver especialmente Pl. *Hp. Mi.*, WALCOT (1977) e RUTHERFORD (2002, p. 69-73); Rutherford fez, aliás, uma lista bem completa, analisando-as do ponto de vista da habilidade retórica de Odisseu. Para uma análise das mentiras cretenses em relação à μῆτις e ao engano, consultar WERNER (2004, p. 141-5).

¹¹⁹ Cf. εὖνοον ποιῆσαι (Arist. *Rh.* 1315a) e Cic. *Inv.* 1.21.12 e 22.1. De acordo com a retórica clássica tradicional, a *captatio benevolentiae* deve ser colocada no *exordium* (gr. προοίμιον) do discurso.

A deusa então se revelou ao herói (13.287-90) e os dois enganadores trocaram, inicialmente, algumas gentilezas. Essa passagem (13.291-9) tem uma das maiores concentrações de vocábulos ligados ao engano de toda a literatura grega, cerca de 1,3 em cada verso...:

“**κερδαλέος** κ’ εἴη καὶ **ἐπίκλοπος**, ὅς σε παρέλθοι
 ἐν πάντεσσι **δόλοισι**, καὶ εἰ θεὸς ἀντιάσειε.
 σχέτλιε, **ποικιλομήτα**, **δόλων** ἅατ’, οὐκ ἄρ’ ἔμελλες,
 οὐδ’ ἐν σῇ περ ἐὼν γαίῃ, λήξιν **ἀπατάων**
 μύθων τε **κλοπίων**, οἳ τοι πεδόθεν φίλοι εἰσίν. 295
 ἀλλ’ ἄγε μηκέτι ταῦτα λεγόμεθα, εἰδότες ἄμφω
κέρδε’, ἐπεὶ σὺ μὲν ἐσσι βροτῶν ὄχ’ ἄριστος ἀπάντων
βουλῇ καὶ **μύθοισιν**, ἐγὼ δ’ ἐν πᾶσι θεοῖσι
μήτι τε κλέομαι καὶ **κέρδεσιν**. (...)”

“Sumamente enganador e manhoso seria quem te superasse
 em todas as tramoias, ainda que fosse um deus.
 Abominável, cheio de astúcias, de estratégias insaciável,¹²⁰
 nem em tua terra renuncias aos enganos
 e às histórias desonestas que, no fundo, são gratas a ti.¹²¹ 295
 Mas não falemos disso, pois somos ambos versados
 em enganos; de longe és, entre os mortais, o melhor
 em planos e histórias, e de todos os deuses
 sou eu famosa pela habilidade e pelos enganos. (...)”

Atena e Odisseu planejam. Como de praxe, a narrativa de [Homero] sobre o longo engano tem muitas digressões, algumas repetições e diversas rememorações. Entre os vv. 13.303 e 13.441, a deusa colocou o herói a par da situação de sua família em Ítaca (13.375-8) e, com ele, preparou um plano para esconder os presentes recebidos, matar todos os abusados pretendentes e recuperar o controle de sua casa e de seus bens. Na parte final do livro XIII, o plano toma forma e já começa a ser implementado. Note-se, no entanto, que Atena já havia anunciado a Telêmaco, nos livros I e II (Mentes-Atena, 1.295-6; Mentor-Atena, 2.283-4), a es-

¹²⁰ Odisseu foi chamado de ἄτος δόλων pelo troiano Soco na *Il.* 11.430, provavelmente com a intenção de fazer um trocadilho. Ἄτος πολέμοιο, ‘de guerra(s) insaciável’ é habitualmente epíteto de Ares (5.388, 5.863, 6.203), de Aquiles (13.746) ou de Heitor (22.218, variante: μάχης ἅατόν, ‘de lutas insaciável’). A historinha mentirosa de Odisseu realmente deixara a deusa de bom humor (13.287).

¹²¹ Essa referência sobre o uso não utilitário do engano é única na poesia épica. Segundo Atena, Odisseu mentia / enganava não só porque precisava ou porque tinha predisposição e capacidade intelectual para resolver problemas dessa forma, mas também porque gostava disso... Horace Walpole (1717/1797) disse, em uma carta de 31/12/1769: *the world is a comedy to those that think, a tragedy to those that feel*. A frase tem sido erroneamente atribuída a Jean de La Bruyère (1645/1696).

sência de seu plano: ‘matar através de engano’ (κτείνης **δόλωι**, 1.295), e que Tirésias predisse a mesma coisa (11.118-20). Mesmo sem contarmos a passagem acima apresentada (13.291-9), o léxico específico ou incidental do engano aparece em várias partes do texto: ἵνα τοι σὸν **μῆτιν ὑφῆνω**, ‘para tramar um plano (astucioso) contigo’ (13.303); κρύψω, ‘para esconder’ (13.304) ἐμῇ **βουλῇ** τε νόωι, ‘por minha deliberação e meu pensamento’ (13.305), νόημα (rad. νοF-), ‘desígnio’ e também ‘plano’ (13.330), φραζέσθην e φράζευ, formas do verbo φράζω, ‘planejar’ (13.373 e 376; rad. φράδ- < φρ°/οv- ?),¹²² ἵνα τοι σὸν μῆτιν **ὑφῆνω** ≅ μῆτιν **ὑφηνον**, ‘para tecer contigo um plano astucioso’ (13.303 e 386, ver p. 78 sqq.), ‘tecer (tramar) um plano’ (13.303 e 386). [Homero], ao longo do engano, repetiu duas vezes o verso μνηστήρεσσι φόνον σὸν Ἀθήνῃ **μερμηρίζων**, ‘planejando, juntamente com Atena, a matança dos pretendentes’ (19.2 = 19.52), para lembrar seu público que o plano estava em andamento. Em 17.539-47 e 19.515-58, colocou nos lábios da própria Penélope uma previsão favorável a respeito do plano e, em 20.97-121, relatou um presságio favorável observado pelo próprio Odisseu e por uma serva fiel. Na verdade, o narrador nunca deixa de assinalar, aqui e ali, que o funesto destino dos pretendentes está selado e que sua morte ocorrerá logo, como planejado.

A μηχανή de Atena e Odisseu, que envolveria a ajuda de Telêmaco a partir de 16.233 — logo depois que o pai se revelou ao filho e lhe disse δυσμενέεσσι φόνου πέρι **βουλευόμεν**, ‘planejemos a morte de nossos inimigos’ — era complexa, lógica e paradoxalmente simples ao mesmo tempo. Como uma bem planejada operação militar, seria bem sucedida se pudesse ser bem executada e sua finalidade básica era possibilitar a Odisseu, praticamente sozinho e pouco armado, vencer mais de uma centena de poderosos pretendentes (16.244). O plano destinado a compensar e reverter a óbvia desvantagem de Odisseu tinha as seguintes etapas, algumas nitidamente enganosas, outras simplesmente estratégicas: primeiro, mudar a aparência de Odisseu, para que nem amigos e nem inimigos o reconhecessem; segundo, informar-se sobre a lealdade da esposa e dos servos durante sua ausência, assim como da capacidade guerreira do filho; terceiro, determinar a quantidade e a qualidade guerreira dos pretendentes; quarto, introduzir Odisseu na sua casa, em segredo e em segurança, para conseguir armas; quinto, isolar e desarmar todos os pretendentes, para minimizar ao máximo sua capacidade de reação; sexto, implementar a emboscada (que também pode ser vista, em parte, como uma a-

¹²² Cf. S. *El.* 197: **δόλος** ἦν ὁ **φράσας**, ἔπος ὁ κτείνας, ‘o engano foi o planejador e a luxúria, a matadora’ (*infra* p. 184).

rapuca) e sétimo, matar todos eles.

Histórias mentirosas, falsos mendigos e armas verdadeiras. Podemos caracterizar a primeira etapa da μηχανή como um engano por ilusão “misto”, providenciado pela deusa Atena em benefício de um mortal, que ficou totalmente irreconhecível. A deusa mudou tanto o aspecto físico, quanto os trajes de Odisseu, deixando-o igual a um velho mendigo (13.397-403 e 429-38), utilizando recursos típicos dos enganos por ilusão “divinos”. Observe-se que essa metamorfose provisória, pelo menos no entender de [Homero], estava mais próxima da mágica e da feitiçaria do que dos poderes sobrenaturais das divindades, tanto que Atena recorreu a uma varinha (13.429) para efetuar a transformação de Odisseu, assim como a feiticeira Circe (10.238) algum tempo antes (*supra* p. 69). A grande diferença é que Atena não precisou de nenhum φάρμακον... Só não se pode dizer que o disfarce era perfeito porque o aspecto do “mendigo” fez Filécio, o boieiro (20.204-7), e Euricleia, a antiga ama do herói (19.379-85), recordarem Odisseu. Note-se finalmente que a iniciativa da deusa de propor (ou impor, 13.397) a mudança na aparência de Odisseu nada mais era do que a sofisticação de um disfarce já utilizado anteriormente por Odisseu, com sucesso, em sua missão de espionagem na cidade troiana (*supra* p. 63).

Na segunda etapa do grande engano, o disfarçado Odisseu se dirigiu à choupana do porqueiro Eumeu, de cuja lealdade Atena tinha certeza e que poderia lhe dar todas as informações necessárias (13.404-11; 14.1-4). Os cães receberam mal o astuto (κερδοσύνῃ, 14.31) “mendigo”, mas o porqueiro o recebeu muito bem e lhe perguntou, depois das atenções de praxe (14.32-190), quem era ele. Odisseu contou-lhe então uma de suas mais elaboradas “histórias desonestas” (14.199-408), com elementos muito semelhantes aos da história que Hermes contou a Príamo (24.397-400; *supra* p. 44 sqq.) e às demais histórias da *Od.*, mas todos eles desenvolvidos ao longo de muitos versos: natural de região distante (Creta), pai rico, irmãos, o sorteio, a presença ali por razões independentes de sua vontade. Mas, assim como na história contada a Atena (13.256-86), colocou enganos dentro do engano, contando que havia sido enganado duas vezes e escravizado, e ainda que havia encontrado Odisseu durante a viagem... Nesses “enganos internos” Odisseu recorreu a várias formas nominais e verbais do léxico do engano, assim como Eumeu, ao comentar a história do hóspede: ἀπατήλια εἰδώς, ‘conhecedor de enganos’ (14.288); μ’ ... παρπεπιθὼν, ‘tendo me enganado’ (14.290); ψεύδεα

βουλευσας, ‘tendo planejado mentiras’ (14.296); **κρυφιδόν** (rad. **κρυπ-**), ‘secretamente’ (14.330); **περιμηχανόωντο**, ‘planejaram arditosamente’ (14.340); **ψεύδεσθαι**, ‘mentir’ (14.365); **ἐξήπαφε** (14.379);¹²³ **ψεύδεσσι**, ‘mentira’ (14.387); **πείθω**, ‘convencer’ (14.392). E nessa mesma ocasião, um pouco mais tarde, Odisseu contou o engano da capa de Toas, já discutido anteriormente (*supra* p. 64). Um interessante elemento das histórias de Odisseu são os juramentos oferecidos por ele, mas não jurados, revestidos de verdade porém não aceitos pelos seus interlocutores, nomeadamente Eumeu (14.151-72), Penélope (19.302-9) e Filício (20.229-35). Ou seja, as mentiras de Odisseu mereciam crédito, mas as verdades que enunciava, não... Esse recurso certamente aumentava o suspense da narrativa (CALLAWAY, *idem*) e evocava uma certa cumplicidade entre poeta e audiência, muito semelhante à ironia trágica. A técnica do juramento oferecido, mas não admitido, seria utilizada posteriormente pelo autor do *h. Merc.* no engano de Hermes contra Apolo (*infra* p. 96).

Depois que Odisseu se revelou a Telêmaco — ou melhor, depois que Atena desfez momentaneamente, com sua varinha (16.172 e 455), o disfarce de mendigo para que Odisseu pudesse se apresentar ao filho (16.156-320 e 452-9) —, ambos trocaram ideias sobre o plano (16.222-321). Durante essa conversa e, mais tarde, interrogando Eumeu, o herói percebeu que podia contar com Telêmaco e com o próprio Eumeu, e soube ademais que Penélope esperava ansiosa o retorno do marido, partes mais importantes da segunda etapa do plano; e Telêmaco falou ao pai sobre o número e qualidade militar dos pretendentes (16.245-69), o que constituiu a terceira etapa. Dessa etapa em diante Odisseu contou, aliás, com o precioso auxílio de seu filho Telêmaco, que de modo algum desmereceu sua ascendência¹²⁴ e muito ajudou os enganos do pai e de Atena, por exemplo em suas numerosas atuações diante de Eumeu, de Euricleia, dos pretendentes e até da própria mãe.

Odisseu iniciou, então, a quarta e a quinta etapas, explicando ao filho como retirar as armas do mégaro,¹²⁵ sem despertar suspeitas, deixando apenas as que eles usariam (16.281-98), e contou que pretendia se aproximar dos pretendentes com aquele aspecto de mendigo (16.272-80). O herói reiterou, ainda, que só Telêmaco podia saber que o mendigo e Odisseu

¹²³ Verbo **ἐξαπαφίσκω** (ver nota 69, p. 41).

¹²⁴ “It would be a strange thing indeed if, with Autolykos for great-grandfather, Odysseus for father, Penelope for mother and Athena for divine patron, Telemachos should grow to manhood with not a trace of the congenital proclivity for deception, or if we prefer, for artful invention” (AUSTIN, 1969 p. 46).

¹²⁵ Transcrição do gr. **μέγαρον**: usualmente grafada *mégaron*, mas dicionarizada assim em português.

eram a mesma pessoa (16.299-303). No dia seguinte, Telêmaco ordenou que Eumeu conduzisse o mendigo aos pretendentes (17.9-25), e ele obedeceu (17.182-262).

A quarta e quinta etapas do ardiloso plano de Odisseu e Atena foram longamente descritas por [Homero]: Odisseu-Mendigo se apresentou aos pretendentes e esmolou, para enganá-los, suportando diversos abusos verbais e físicos dos próprios pretendentes e de servas infiéis (17.263-20.394). Sua atuação e o disfarce providenciado por Atena enganaram a todos e, embora o herói tenha sido reconhecido duas vezes, uma pelo fiel cão Argos (17.291-327) e outra pela fiel ama Euricleia (19.350-507),¹²⁶ o resultado foi excelente: os pretendentes aceitaram sua presença no mégaro, o que encerrou a quinta etapa do plano. Observe-se que Odisseu contou histórias desonestas ao pretendente Antínoo (17.419-44) e à serva Melanto (19.75-80) — nesse último caso com muita brevidade —, similares à que contara anteriormente ao porqueiro Eumeu (14.199-408, p. 74), e que também contou a Penélope ‘muitas mentiras semelhantes a verdades’ (ψεύδεα πολλὰ λέγων ἐτύμοισιν ὁμοῖα, 19.203), ao lhe contar outra versão de suas célebres e desonestas historinhas, mantendo sempre, porém, a falsa ascendência cretense (19.165-307). Ao falar com a esposa, Odisseu se conteve com algum custo, mas conseguiu esconder dela sua identidade, a bem do engano (δόλωι, 19.212) que estava executando.

A competição dos machados. A emboscada para os pretendentes, sexta etapa do plano, começou a ser preparada quando Penélope decidiu instituir a “competição dos machados” (19.570-87; 21.1-83) para determinar a escolha de seu novo marido e se estendeu até o v. 21.415. Os pretendentes, reunidos em torno dos machados enfileirados por Telêmaco, tentavam sem sucesso preparar o poderoso arco de Odisseu; enquanto isso, Telêmaco, Eumeu, Filécio e até Euricleia armavam uma rede para apanhar homens (ἄνδρῶν ... ἐν ἔρκεσι, 21.238 e 384), i.e., uma armadilha ou uma emboscada, marcada nesse verso pelo vocábulo ἔρκος (rad. ἔρκε/ο-, etimologia incerta), ‘barreira’ e também ‘rede para pássaros’, muito usado em metáforas enganosas. Odisseu primeiro revelou seu disfarce a Eumeu e a Filécio, informando os dois de sua esperada participação no plano (21.188-244); depois, Penélope e Telêmaco autorizaram o “velho mendigo” a tentar vergar o arco e, enquanto ele distraía os pretendentes, examinando cuidadosamente o grande arco, Telêmaco enviou Penélope e suas criadas para seus a-

¹²⁶ Sobre o reconhecimento de Odisseu durante esse engano, mais exatamente de seu disfarce, ver ROISMAN (1990b).

posentos, Filécio trancou os portões do pátio, Euricleia fechou a única entrada do mégaro, com todos os servos do lado de fora, e Telêmaco se armou. No momento em que Odisseu-Mendigo fez a seta atravessar o orifício dos machados enfileirados e Telêmaco, bem armado, se colocou ao seu lado (21.416-34), começou e logo terminou a etapa final do plano, que não deixaria nenhum pretendente vivo (22.1-389).

A narrativa das duas últimas etapas do plano, embora detalhada, tem poucos vocábulos ligados ao engano, em geral nos epítetos habituais de Odisseu e na descrição dos presságios sobre o resultado do plano. Alguns subenganos foram contados através das digressões do poeta, mas esses enganos não têm relação direta com o plano arquitetado contra os pretendentes. Os enganos próprios ao plano conduziram Odisseu e Telêmaco ao momento em que os dois enfrentariam, com a ajuda dos servos fiéis e de Atena, todos os inimigos ao mesmo tempo. Desse momento em diante, o poeta se concentrou na natureza guerreira da sexta e da sétima etapa, repletas de descrições de manobras militares, de estratégias e de combates.

[Homero] retomou o léxico do engano logo depois da matança, ao contar como Penélope recebeu a notícia da volta do marido e do fim de todos os pretendentes (23.5-9). Ela não acreditou em Euricleia (23.62), embora a velha ama tenha sido enfática: αἶ κέν σ' ἐξαπάφω κτεῖναι μ', 'se eu te engano, mata-me' (23.79). E ao reencontrar Odisseu, Penélope colocou-o à prova, fazendo-o descrever detalhadamente o tálamo que só os dois e uma criada conheciam, e só então o abraçou e lhe deu as merecidas boas vindas (23.164-230). A rainha então se justificou (23.215-7), alegando temer possíveis enganos (DUARTE 2010b, p. 180):

αἰεὶ γάρ μοι θυμὸς ἐνὶ στήθεσσι φίλοισιν	215
ἔρρίγει, μή τίς με βροτῶν ἀπάφοιτ' ἐπέεσσιν	
ἐλθών· πολλοὶ γὰρ κακὰ κέρδεα βουλευούσιν.	
pois a alma em meu querido peito sempre	215
estremecia, se acaso viesse um homem me enganar	
com palavras; muitos são os que planejam pérfidos enganos.	

O engano contra os pretendentes não foi o último engano de Odisseu que o poeta da *Od.* contou. Pouco depois o herói fez o aedo tocar a φόρμιγξ¹²⁷ e Telêmaco e os servos dançarem,

¹²⁷ A *fórmix* era um instrumento de cordas menor e mais leve do que a lira, em forma de crescente, de sonoridade mais delicada. [Homero] sempre se referia à κιθάρα, 'cítara' (e.g. *Il.* 13.731, *Od.* 1.159) ou à φόρμιγξ, 'fórmix' (e.g. *Il.* 1.603, *Od.* 8.67), e nunca à lira (gr. λύρα).

para que não se notasse a morte dos pretendentes fora do palácio (23.117-52), enganando assim todos os que viviam ali perto, em volta da propriedade. No dia seguinte, ao visitar seu velho pai, Laerte, contou-lhe uma de suas “histórias desonestas” antes de se revelar (24.244-79 e 24.302-15; ver nota 118, p. 71).

2.5 Outros enganos da *Odisseia*

A teia de Penélope. Assim como Atena não é a única divindade enganadora da *Od.*, Odisseu não é o único mortal enganador do poema. Um dos mais célebres enganos da literatura grega, conhecido por “teia de Penélope”, é uma inteligente e parcialmente bem-sucedida μηχανή implementada por Penélope contra os pretendentes¹²⁸, contada em três instâncias (*Od.* 2.87-127; 19.137-61; 24.128-46)¹²⁹ que repetem, ao pé da letra, muitos versos: na primeira instância, o engano é narrado por Antínoo, um dos pretendentes, na segunda, por Penélope e na terceira, pela sombra de Anfídamante, outro pretendente. Antínoo inicia a descrição do livro II afirmando que a mãe de Telêmaco περιῖ κέρδεα οἶδεν, ‘sabe obter ganhos através de artimanhas’ (2.88) — lembremos que, na *Il.*, o poeta diz expressamente que Odisseu é, entre outras coisas, κέρδεα εἰδώς, ‘perito em artimanhas’ (23.709) — e a seguir aconselha o jovem a devolver a mãe ao seu avô (2.113), especificando as condições seguintes (2.115-122):

εἰ δ' ἔτ' ἀνιῆσει γε πολὺν χρόνον νῆας Ἀχαιῶν, τὰ φρονέουσ' ἀνὰ θ υμόν, ἃ οἱ περιῖ δῶκεν Ἀθήνη, ἔργα τ' ἐπίστασθαι περικαλλέα καὶ φρένας ἐσθλὰς κέρδεά θ', οἷ' οὐ πά τιν' ἀκούομεν οὐδὲ παλαιῶν, τάων αἰ πάρος ἦσαν εὐπλοκαμῖδες Ἀχαιαί, Τυρώ τ' Ἀλκμήνη τε εὐστέφανός τε Μυκῆνη· τάων οὐ τις ὁμοῖα νοήματα Πηνελοπείη ἦιδε (...)	115 120
se ela afligir por muito tempo os filhos dos Aqueus, disposta em sua mente a recorrer ao que Atena lhe concedeu, saber fazer belos trabalhos, ter mente sagaz e também artimanhas. Disso nada ouvimos falar entre as antigas, entre as Aqueias de belos cachos do passado,	115

¹²⁸ A bibliografia sobre o episódio é extensa. Ver e.g. comentários e referências de RUSSO (1992, p. 80-2) à *Od.* 19.137 e 19.149-50.

¹²⁹ Ver, a propósito, WOOLSEY (1941, p. 168-70) e LOWENSTAM (2000).

Tiro, Alcmena e Micene de bela coroa;
nenhuma delas tinha pensamentos iguais aos de
Penélope. (...)

120

A amarga indignação de Antínoo (e dos demais pretendentes) tinha, certamente, uma boa razão... Penélope havia colocado um amplo tear em seus aposentos (2.94-5) e pedira que eles não a desejassem para esposa enquanto ela não terminasse um sudário para o velho Laerte, seu sogro, com o que todos concordaram (2.96-103). Mas ela tecia durante o dia e desfazia o trabalho à noite (2.105), enganosa façanha que os pretendentes levaram mais de três anos para perceber, e isso graças à traição de uma serva (2.106-110). Eles realmente não eram muito espertos, mas o indignado Antínoo e Anfimedonte, outro pretendente, ao menos souberam apreciar a habilidade artística da tecelã (2.109-10; 2.116; 24.145). A finalidade desse artil (δόλον, 2.93), que Penélope ἐνὶ φρεσὶ **μερμήριξε**, ‘planejou em sua mente’ (2.93)¹³⁰ era, sem dúvida ganhar ainda mais tempo, depois de já ter “enrolado” os pretendentes com (falsas) esperanças e mensagens (2.91-2).

Além dos vocábulos especializados utilizados abertamente na descrição do engano (κέρδεα, 2.88 e 118; δόλον, 2.93 e 2.106), [Homero] utilizou numerosas formas nominais e verbais de νόος, ‘mente (sagaz)’ (2.92, 121, 122, 124), de θυμός, ‘espírito, inclinação’ (2.112 e 116) e de φρήν, ‘coração, mente’ (2.93, 116 e 117) que, no contexto, são referências aos ardis presentes — e futuros — que a esposa de Odisseu era capaz de inventar. Observe-se, ademais, que o engano de Penélope envolveu o *ato de tecer*. O vínculo entre *tecer* e *enganar* é bem marcado em toda a *Od.*, como já vimos no engano de Odisseu contra o Ciclope (9.422, p. 67) e no plajejamento do engano contra os pretendentes (13.303 e 386, p. 72), principalmente nas instâncias em que os vocábulos ὑφαίνω, ‘tecer’, δόλος e μῆτις (*Od.* 5.356, 9.422, 4.678, 4.739, 13.303 e 396) surgem de forma recorrente. Na *Il.*, por outro lado, esse vínculo é nítido somente no v. 6.187, referente ao engano de Iobates contra Belerofonte (*supra* p. 48 sqq.); em outros versos (3.212, 7.324 = 9.93) é, no máximo, levemente sugestivo.¹³¹ De modo geral,

¹³⁰ Antínoo revelou, aqui, uma certa finura: dado o contexto, φρήν pode ser traduzido como ‘coração’ ou como ‘mente’. Inclinei-me para a segunda alternativa, já que ele acabara de mencionar o δόλος, o ‘ardil’ de Penélope.

¹³¹ Ver, a propósito desse *padrão enganoso* nos poemas homéricos e seu caráter metafórico, o artigo de MOULTON (1979, p. 289-90). Sobre a utilização circunstancial de ὑφαίνω e μῆτις para designar planos enganosos, cf. B. 16.24-5 e 17.51-2 (q.u. p. 124 sqq.).

“tecer” é quase sempre utilizado com o sentido de “tramar” ou de “planejar enganos”.

Na segunda instância da história (19.137-61), Penélope esclareceu um pouco mais seu comportamento enganoso: ἐγὼ δὲ δόλους τολυπεύω, ‘e eu, eu teço ardis’ (19.137); ὥς τρίετες μὲν ἔληθον ἐγὼ καὶ ἔπειθον Ἀχαιοῦς, ‘e assim, por três anos, me aconteceu de enganar os aqueus’ (19.151); οὔτε τιν’ ἄλλην μῆτιν ἔθ’ εὐρίσκω, ‘nem planejo, no momento, outra sagacidade’ (19.158). Notar o duplo sentido de τολυπεύω, ‘enrolar a lã’ (“sem etimologia”, Chantre, s.u. τολύπη) e daí ‘maquinar’ (ver Bailly, s.u. τολυπεύω e RUSSO, 1992, p. 81). Eis os vocábulos relacionados ao engano e que não foram utilizados por [Homero] na primeira instância: πείθω (19.151) e μῆτις (158), já conhecidos, e εὐρίσκω (rad. *e-wr-e- > *ἐφρε-, provavelmente), que significa primariamente ‘encontrar, descobrir, inventar’, mas também tem o sentido de ‘maquinar, planejar’ (19.158; cf. Ps.-A. *Pr.* 468) e, assim, pode ser circunstancialmente vinculado ao engano. Não há, na terceira instância da “teia de Penélope” (24.128-46), elementos enganosos ainda não discutidos.

Esse engano só não foi totalmente bem sucedido porque os pretendentes descobriram tudo antes do regresso de Odisseu. A astuciosa Penélope possuía, indubitavelmente, boa parcela da inteligência (νόος) e da capacidade de planejamento enganoso (πολυμηχανία) que caracterizavam o marido, ao contrário das esposas gregas tradicionais, como se queixou Antínoo nos vv. 118-22 (*supra* p. 78). Sua habilidade enganadora emerge igualmente nas passagens que contam como ela manobrava os pretendentes (1.249-50 ≅ 13.380-1 ≅ 16.126-7 ≅ 24.126-7), e pelo menos as passagens 13.380-1 e 24.126-7 podem ser consideradas prenúncios do engano de Penélope, pois contêm as palavras νόος e φραζομένη (13.381 e 24.127, respectivamente), usadas por [Homero] outras vezes ao se referir à teia de Penélope (*supra* p. 79). Resalte-se, finalmente, que esses aspectos da personalidade de Penélope têm sido pouco valorizados pelos estudiosos até o momento (MARQUARDT, 1985; ver, porém, DOHERTY, 1991).

O enganoso plano de Nausícaa. De outro calibre é o singelo engano planejado (ἐνόησεν, 6.251) e praticado por Nausícaa, com a finalidade de introduzir Odisseu na corte de seu pai, Alcínoo, rei dos feácios, sem se expor a censuras por ter tido contato com um homem antes de se casar (6.251-7.328) e sem dar a impressão de que Odisseu chegara à ilha como um náufrago. Ela deu ao náufrago algumas roupas e mandou-o se apresentar diretamente no palácio do pai, sem mencionar que a encontrara antes, e o instruiu a dirigir as súplicas à mãe...

O plano, μηχανή bem simples e eficaz, foi bem sucedido e muito ajudou Odisseu, pois foram os feácios que o levaram de volta a Ítaca. A mãe de Nausicaa percebeu o engano, pois as roupas que o náufrago usava eram de seu filho, mas, como no caso dos divinos enganos por ilusão, a descoberta do “disfarce” não atrapalhou o bom resultado do engano.

Pretensões e pretendentes. Os pretendentes chegaram, também, a preparar um engano, mais exatamente uma emboscada contra Telêmaco. Antínoo teve a traiçoeira ideia, aprovada pelos demais, de equipar uma nau e deixá-la esperando a volta do filho de Odisseu, que havia partido há pouco para Pilos e Esparta em busca de informações sobre o paradeiro do pai (4.669-786 e 4.841-7). [Homero] começou a descrever esse mal sucedido engano entre os vv. 4.660 e 4.847, porém interrompeu o relato para falar sobre o paradeiro e as atribuições de Odisseu e só voltou a tratar do assunto mais de dez “livros” depois, nos vv. 13.425-7 e 15.27-31, completando a narrativa no final do livro XVI. Telêmaco, durante a viagem de volta, já ciente da emboscada, pensou se escaparia ou não da morte (15.299-300), mas Atena já previra (13.427 e 15.31) que a emboscada não daria certo e orientou o jovem a efetuar um contraengano, i.e., navegar longe das ilhas e desembarcar em uma praia distante da pólis.¹³² Ele assim fez (15.33-7; 15.495-507) e logo Penélope e os pretendentes receberam a notícia de que Telêmaco voltara incólume (16.333-70), e então Antínoo propôs nova cilada aos companheiros (16.342-477 e 448-9), mas que não chegou a ser executada (20.241-7). Os vocábulos do engano permeiam essa muito interrompida narrativa: λοχήσομαι e λοχόωντες, ‘preparar emboscada’ (4.670 e 16.369); βουλάς e βουλή, ‘planos’ (4.677, 16.412, 20.245); ἐράπτομεν, ῥάπτεις e ῥάπτειν, ‘tramar’ (16.379, 422 e 423); e μήτιν ὕφαινον / ὕφήνας, ‘tecer um ardil’ (4.678 e 4.739).

Nessa última expressão, literalmente ἐνὶ φρεσὶ μήτιν ὕφήνας, ‘na mente tecer um ardil’ (4.739), Penélope associou vocábulos do engano ao idoso Laerte, pai de Odisseu, imaginando se ele poderia encontrar alguma saída para o perigo que Telêmaco corria. É a única referência, nos poemas homéricos, à capacidade de enganar da linhagem paterna de Odisseu. [Homero] conta que Autólico, avô materno do herói, a todos ultrapassava em κλεπτοσύνη, ‘roubalheira,

¹³² Justifico o uso dessa denominação no contexto dos poemas homéricos pelo fato de a pólis grega ter sido formada ou instituída, segundo os últimos estudos históricos, durante a Idade das Trevas, mais ou menos na mesma época da composição oral dos poemas homéricos.

logros' e ὄρκος, 'juramento' (19.395-6) — provável referência a falsos juramentos¹³³ —, mas nada diz sobre a tradição de Sísifo, o mais ardiloso (κέρδιστος) dos homens (*Il.* 6.153), ser o verdadeiro pai de Odisseu. A primeira referência a essa versão alternativa da ascendência de Odisseu se encontra, até onde sabemos, na tragédia esquiliana *Julgamento das Armas* (Ὀπλων κρίσις, *Fr.* 174-8), de data incerta; posteriormente, Sófocles e Eurípides sempre lembrariam de Sísifo como o verdadeiro progenitor de Odisseu (*S. Aj.* 189, *S. Ph.* 417 e 625, *S. Fr.* 567; *E. Cyc.* 104, *E. IA.* 524 e 1362).

[Homero] apresenta os pretendentes quase sempre sob um viés muito negativo e, embora na maioria das vezes se refira a eles coletivamente, alguns recebem um certo destaque, como Antínoo, Eurímaco e Anfínomo. Antínoo (gr. Ἀντίνοος), o pretendente que planejou o engano contra Telêmaco, parece ter sido criado pelo poeta para ser uma imagem negativa e contrária de Odisseu.¹³⁴ Enquanto nosso herói se distingue por qualidades que advêm da μήτις e de seu νόος, Antínoo é invariavelmente mostrado como um anti-Odisseu com uma anti-nόος, como se depreende da composição de seu nome (ἀντί + νόος). Realmente, ao longo do poema — e em especial nos episódios da teia de Penélope, na emboscada contra Telêmaco e nos impromptos dirigidos por Antínoo a Odisseu-Mendigo — Antínoo quase sempre mostra pouco juízo, pouca sabedoria, pouca moderação e pouca inteligência.

Homérica *Oresteia*. Ainda há um último engano da esfera mortal a ser discutido: o de Egisto e Clitemnestra contra Agamêmnon, mencionado em diversas instâncias por Zeus, Nestor, Proteu, Odisseu e outros personagens (*Od.* 1.29-30, 35-43, 46-7, 298-300; 3.193-8, 232-35, 248-75 e 303-10; 4.512-37 e 4.545-7; 11.387-464; 24.19-22, 96-7 e 199-202).¹³⁵ Cada narrador conta uma parte da história, às vezes com elementos divergentes, e para reconstituir a versão homérica do mito é preciso reunir, justapor e fundir as informações. Na compacta narrativa resultante,¹³⁶ pontuada por diversos vocábulos específicos, é possível distinguir a sequência das principais ações enganosas que cercaram a morte de Agamêmnon, rei de Argos, comandante dos gregos em Troia.

¹³³ Ou a juramentos tendenciosos, e.g. o de Hera a Zeus (*Il.* 15.36-44). Ver CALLAWAY (1993, p. 17-9).

¹³⁴ Para os principais elementos que opõem pretendentes e família de Odisseu, ver AUSTIN (1969, p. 54).

¹³⁵ Segundo OLSON (1990, p. 57-8), [Homero] utilizou o tema de forma intermitente ao longo do poema para *deceive, mislead, frighten and intrigue his audience*.

¹³⁶ Ver também WOOLSEY (1941, p. 167-81) e a reconstituição proposta por ele.

O ardiloso (δολομήτης / δολόμητις, 1.300; 3.198, 250 e 308; 4.525) Egisto seduziu (3.264), levou para casa (3.272) e se uniu a Clitemnestra, esposa de Agamêmnon (1.35-6), enquanto o rei e os gregos assediavam Troia (3.262-3). Segundo Nestor, Clitemnestra resistiu, a princípio (3.265-72). Apesar dos avisos dos deuses (1.37-9) e com enganadora habilidade (δολίην τέχνην, 4.529), Egisto tramou coisas vergonhosas (ἀεικέα **μερμηρίζων**, 4.533), i.e., planejou (μήσατο, 3.249 e 261) o engano (δόλῳ, 3.235) que matou o rei de Argos (ou Micenas 3.304) em seu próprio lar (3.234), assim que ele voltou de Troia (1.36 e 300; 3.194-5 e 233-4). Quando o barco de Agamêmnon chegou (4.520-3), foi avistado por um vigia a soldo de Egisto, que se apressou a avisar o patrão (4.524-8). Egisto imediatamente armou uma armadilha, dissimulada por um banquete (4.531; 11.414-5) de boas vindas. No palácio, primeiro deixou emboscados (λόχον, 4.531) vinte homens, depois recebeu festivamente Agamêmnon e seus companheiros (4.532-3), levou-os para dentro (4.537) e, depois do banquete, matou o rei (como a um boi) e todos os seus companheiros (4.534-6; 11.387-9, 11.409-15; 24.19-22).

A ardilosa (δολόμητις, 11.422) Clitemnestra ajudou Egisto a matar Agamêmnon (3.235; 11.410) e ainda matou pessoalmente Cassandra, filha de Príamo (11.421-3), que o rei trouxera de Troia. A sombra de Agamêmnon revelou a Odisseu, no entanto, que ela não só ajudou Egisto, mas τοιαῦτα μετὰ φρεσὶν ἔργα βάλλεται, ‘colocou essas façanhas em sua mente’ (11.428), i.e., planejou (ἐμήσατο, 11.429) e preparou a morte do marido (11.430), estendendo-lhe uma armadilha (δόλον, 11.439) — matou-o, enfim (11.452-3; 24.199-200). No problemático livro XXIV, que muitos consideram uma interpolação,¹³⁷ a sombra de Agamêmnon lamentou ter morrido às mãos de Egisto e de Clitemnestra (24.96-7). Como se vê, diversos vocábulos do léxico do engano permeiam a narrativa de [Homero].

No livro IV, Proteu profetizou que Orestes, filho de Agamêmnon, mataria Egisto e que Menelau assistiria ao funeral dele (4.545-7). Desde o livro I, no entanto, o poeta da *Od.* conta que Orestes havia matado Egisto quando se tornou adulto e sentiu saudades da terra, i.e., ao retornar para Argos (1.29-30, 40-1, 43; 298-300; 3.196-8). Quanto à morte de Clitemnestra, o poeta mencionou que seu funeral ocorreu juntamente com o de Egisto (3.309-10), mas não disse exatamente quem a matou. GANTZ (1993, p. 676), no entanto, acredita que esses versos

¹³⁷ A literatura sobre esse tópico é extensa e se acumula desde a Antiguidade. Ver RUTHERFORD (1996, p. 75-7) para um sumário dos principais argumentos e referências bibliográficas.

informam, de forma elíptica, que Orestes efetivamente matou sua mãe.¹³⁸

Conhecemos os detalhes da vingança de Orestes e dos enganos que resultaram na morte de Egisto e de Clitemnestra porque essa história foi mencionada muito depois por Píndaro (*P.* 11.15-8, ver p. 136) e por Estesícoro (*Fr.* 210-9, p. 181), e imortalizada no século -V pelas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, como se verá mais adiante (p. 180 sqq.). Se dependêssemos apenas das informações de [Homero], nada saberíamos... ele não descreveu nem a morte de Egisto, nem a de Clitemnestra e nem forneceu qualquer outro detalhe revelador.

3. Hesíodo

A teogonia dos enganos. Hesíodo colocou, entre os filhos gerados diretamente pela sombria Núξ, ‘Noite’ (213, 224), uma divindade abstrata e terrível: Ἀπάτη, o Engano personificado (224), assim configurando a origem divina dos enganos praticados pelos deuses e pelos homens. Como veremos adiante, na visão de Hesíodo o engano foi necessário à formação do Universo tal qual o conhecemos.

Hesíodo nada mais diz a respeito de Ἀπάτη, mas no mesmo verso conta que o irmão mais próximo de Ἀπάτη, gerado quase ao mesmo tempo, é Φιλότης, ‘Amor’.¹³⁹ Mais adiante, ficamos sabendo que Afrodite, a deusa do amor, recebeu na partilha das atribuições divinas, entre outras coisas, ‘os enganos’ (ἐξαπάτας, 205), e isso certamente confirma o vínculo entre amor e engano, relativamente frequente nos épicos: *seduction ... can be taken as a special form of trickery* (NORTWICK, 1980, p. 2).¹⁴⁰ Mais tarde, Safo de Mitilene associaria, em definitivo, o amor ao engano e, em especial, à persuasão (*infra* p. 114). A ligação entre noite e engano será comentada adiante (p. 95), juntamente com o *h. Merc.*

Ἔρις, ‘Discórdia’, irmã de Ἀπάτη e de Φιλότης, por sua vez gerou diretamente Ψευδεά, ‘Mentiras’ (229), e Ὀρκος, ‘Juramento’, que muito ‘aflige os homens que andam sobre a terra quando alguém jura em falso’ (231-2). As filhas de Noite são “potências negativas” (DETIENNE, 1967, p. 24), contrapostas por Hesíodo aos conceitos positivos de ἀληθής, ‘não escondido

¹³⁸ Ver também, mais adiante (p. 180), a análise da *E. El.*

¹³⁹ Em [Homero] e Hesíodo, φιλότης é quase sempre utilizado no sentido de “amor carnal” (LSJ, s.u.). Cf. *Il.* 14.197-9 (*supra* p. 39) e *h. Ven.* 149-51.

¹⁴⁰ Ver também a nota 68 da p. 40, a propósito do engano amoroso nos poemas homéricos, e duas passagens de Píndaro (*P.* 4.219 e 9.38-43) na p. 134.

= verdadeiro' e ἀψευδής, 'não enganoso = confiável', e ainda infalível (νημερτής) qualidades atribuídas a Nereu, filho mais velho de Πόντος, 'o Mar', que só conhece 'corretos e favoráveis planos' (233-6; idem, nota 6).¹⁴¹ São justamente os enganos das divindades da terra e do céus que Hesíodo descreve rapidamente na *Th.*, predominantemente, e também em *Op.*

Zeus δόλωι ... ἐξαπατήσας 'enganou, por meio de um ardil' suas próprias entranhas, para gestar Atena (889), enquanto as Μοῦσαι, 'Musas', filhas de Zeus e de Mnemosine, coletivamente assim se apresentaram, nos primeiros versos do poema (26-8):

ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα,
ἴδμεν δ' εὔτ' ἐθέλωμεν ἀληθέα γηρύσασθαι.

Sabemos contar muitas mentiras parecidas com a verdade,
mas sabemos, se desejarmos, cantar a verdade.

O poeta utilizou, sem dúvida, um vocábulo do engano na expressão ψεύδεα λέγειν, 'contar coisas mentirosas' (26), e em oposição ao seu antônimo, ἀληθέα, 'coisas verdadeiras', na oração adversativa seguinte, o que sem dúvida configura o caráter enganoso das Musas. A julgar, no entanto, pela expressão ἀληθέα γηρύσασθαι, 'cantar verdades' (27), é mais provável que Hesíodo tenha se referido a outro tipo de engano, mais exatamente à inspiração que os poetas necessitavam para criar ficções parecidas com a realidade (PRATT, 1993, p. 1-9).¹⁴²

Urano, Gaia e Crono. O engano, em Hesíodo, é um dos recursos necessários à formação e ordenamento do mundo. O primeiro engano descrito com um certo detalhe é justamente o "engano cosmogônico" armado por Crono e Gaia contra Urano (159-82), cronologicamente situado na época das primeiras gerações divinas.¹⁴³ Urano ἀεικέα μῆσατο ἔργα, 'tramou obras vergonhosas' (166, 172), i.e., mantinha os filhos recém-nascidos no interior de Gaia (156-60). A deusa, atulhada (160), δολίην δὲ κακὴν ἐπεφράσσατο τέχνην, 'planejou maligna e ardilosa

¹⁴¹ Cf. *Od.* 4.349: Proteu, o velho do mar de [Homero], é também νημερτής.

¹⁴² Esse dístico é uma das mais estudadas e comentadas passagens da *Th.* de Hesíodo. Ver também as citações de Aristóteles, Plutarco e Sinésio *supra* (p. 59), Simon. *Fr.* 14, Pi. *Fr.* 52h.15-20, Pl. *R.* 376e-383c, entre muitas ocorrências, e a abundante bibliografia coligida por PRATT (1993) sobre ficção e literatura arcaica. Consultar os artigos de BELFIORE (1985) e de KATZ e VOLK (2000) sobre outros aspectos da enigmática afirmação das musas, e também os comentários de MOST (2006, p. xxii-xxiv).

¹⁴³ Como se verá adiante, a geração divina mais antiga oprime a nova, que sucede a antiga através de métodos enganosos. Ver DÉTIENNE e VERNANT (2008, p. 92-6) para uma comparação entre a astúcia de Urano, de Crono e de Zeus.

arte' (160): colocou uma foice nas mãos do filho mais novo, Crono, e a ele *δόλον* δ' ὑπεθήκατο πάντα, 'sugeri o ardil todo' (175). Crono, κρύψασα λόχῳι, 'escondido, em emboscada' (174) ou ἐκ λοχέοιο, 'emboscado' (178), castrou Urano e interrompeu, assim, o atulhamento de Gaia. Hesíodo não esclarece o que ocorreu depois. A julgar por outras partes do poema, Crono não libertou todos os irmãos presos ou, pelo menos, prendeu novamente os irmãos monstruosos, como os Hecatônquiros e os Ciclopes (501-2; 617-20). De qualquer modo, a principal finalidade do engano planejado por Gaia, castigar Urano (165), foi plena e satisfatoriamente atingida.

Em sua descrição, Hesíodo recorreu a numerosas formas vocabulares conceitualmente ligadas a enganos, já discutidas anteriormente: *δολίην* (160), *δόλον* (175), *τέχνην* (160), κρύψασα, λόχῳι (174) e λοχέοιο (178). Também é notável, nesse engano, o uso de dois verbos com o sentido básico de 'planejar astuciosamente, urdir' (ἐπιφράζω, 160; μήδομαι, 166 e 172) e de uma forma médio-passiva do verbo πείθω, πείθεσθαι (165), empregado por Gaia para persuadir os filhos a castigar o pai. O epíteto de Crono, ἀγκυλομήτης, 'de retorcidos / intrincados pensamentos' ou de 'mente sutil' (168),¹⁴⁴ sinaliza que o executor do engano de Gaia contra Urano não era apenas um "homem de ação"; seus pensamentos não eram retos e diretos, sua mente dava voltas e planejava, astuciosamente, seus atos. A inata astúcia de Crono não o impediu, no entanto, de cometer um erro parecido com o de seu enganado pai.

Crono, Reia e Zeus. Depois da castração de Urano, Crono se tornou rei dos deuses (462) e, assim como Urano, decidiu ocultar os filhos dentro de uma divindade, mas teve pelo menos a consideração de escondê-los dentro de si mesmo, sem incomodar a mãe deles, Reia (459-67). Hesíodo conta que, assim como no engano de Gaia contra Urano, a mãe reagiu ao ocultamento dos filhos com um engano (453-506) que, no final, desencadeou a *titanomaquia* (617-721) e o fim da hegemonia do voraz engolidor de filhos.¹⁴⁵ O bem sucedido engano de Reia, que tem vários paralelos com o engano de Gaia e Crono contra Urano, teve a finalidade de evitar que o filho mais novo, Zeus, fosse também engolido pelo pai. A deusa implorou para que Urano e Gaia μῆτιν συμφράσσασθαι,¹⁴⁶ 'tramassem uma astúcia / um engano' (471) para

¹⁴⁴ Crono é denominado ἀγκυλομήτης desde os poemas homéricos (e.g. *Il.* 2.205 e 319; *Od.* 21.415).

¹⁴⁵ A deposição de Urano por Crono e a subsequente deposição de Crono por Zeus são mencionadas por Ésquilo no *Ag.* 168-73.

¹⁴⁶ O radical é φρᾶδ-, o mesmo do verbo φράζω (*supra* p. 73).

que pudesse dar à luz o filho querido e, também, para que o astucioso Crono fosse punido (472-3). Os dois antigos deuses podem eventualmente ter planejado o engano, mas foi Reia quem o executou com grande eficiência. Zeus nasceu às escondidas (482) e ela deu a Crono uma pedra, embrulhada em cueiros, que ele engoliu sem olhar bem (485-90), configurando assim um dos mais interessantes enganos da poesia épica¹⁴⁷: o deus foi enganado por um simples cueiro (σπάργανον, 485), nessa ocasião disfarce que deve ser indubitavelmente visto como parte de ilusão tipicamente “humana”, assim como a armadura de Pátroclo (*supra* p. 50), a pele de foca de Menelau (*supra* p. 62) e os trajes andrajosos de Odisseu (*supra* p. 63).

Posteriormente, Gaia e Zeus também recorreram a um engano para obrigar Crono a regurgitar os filhos engolidos (492-500). Hesíodo só informa a preparação e o resultado, especificando que Crono Γαίης ἐννεσίησι πολυφραδέεσσι¹⁴⁸ δολωθείς, ‘foi enganado pelas muito sábias sugestões de Gaia’ (494) e νικηθείς τέχνησι βίηφί τε παιδὸς ἑοῖο, ‘foi vencido pelas violentas artes de seu filho’ (496). Seria τέχνησι βίηφί uma referência à derrota militar de Crono na *titanomaquia* (617-721), que Hesíodo descreve mais adiante? Ele não revela qual foi e nem como foi, exatamente, o engano praticado por Gaia e Zeus,¹⁴⁹ mas que houve um engano é certo, dada a presença de vocábulos específicos do engano, δολωθείς (494) e τέχνησι (496). Fontes tardias informam que Métis (gr. Μῆτις), primeira esposa de Zeus e personificação da sagacidade, inclusive da sagacidade que engana, conseguiu dar a Crono uma droga emética (φάρμακον, Apollod. 1.2.1) ou então que Noite aconselhou Zeus a lhe dar mel (μέλιτι, Porph. *Antr.* 16.8). Se esse engano não revelado por Hesíodo envolvia uma dessas possibilidades, podemos considerá-lo uma variante dos enganos de Helena e de Circe, em que a ingestão de uma determinada substância assegurou o desfecho do engano (*supra* p. 69).

Prometeu e Zeus. Um dos filhos do titã Iápeto, Prometeu de ‘ambíguos desígnios’ (ποικιλόβουλος, 521) ou de ‘retorcidos pensamentos’ (ἀγκυλομήτης, 546), é outra das antigas divindades gregas capazes de planejar e executar enganos, e suas credenciais são os radicais βουλευ- e μητι-, presentes nos epítetos mencionados. Suas duas façanhas enganosas mais conhecidas foram empreendidas contra Zeus, com a louvável finalidade de ajudar os seres hu-

¹⁴⁷ Engano reconhecido e discutido por DAVIDSON (1995), que no mesmo artigo estudou o tema da substituição da criança pela pedra nas narrativas míticas.

¹⁴⁸ Πολυφραδέης, lit. “muito eloquente / sábio”. O radical também é φραδ- (*supra* p. 73).

¹⁴⁹ Segundo DAVIDSON (1995, p. 366), aqui Hesíodo deixou uma “ponta solta”.

manos. A primeira foi a divisão dos sacrifícios entre deuses e homens (535-60) e a segunda, o furto do fogo (561-612). Embora tenham sido bem sucedidos a princípio, Zeus contrapôs a cada um desses enganos uma punição ao homem — o que, em última análise, acabou prejudicando a humanidade. Essa é a razão, talvez, de outro epíteto de Prometeu, o dubio adjetivo ἀκάκητα (= ἄκακος), ‘não mau, benfazejo’, que pode ser também traduzido para ‘sem malícia’ (613), mas isso não o vincula necessariamente ao léxico do engano. Os atos enganosos de Prometeu eram, enfim, eficazes a curto prazo, mas um tanto prejudiciais à humanidade, a longo prazo: οὐκ ἔστι Διὸς κλέψαι νόον οὐδὲ παρελθεῖν, ‘não é possível enganar, nem sobrepujar a mente de Zeus’ (613), disse o poeta.¹⁵⁰ Observar, aqui, o emprego do verbo κλέπτω, ‘roubar’, com o sentido genérico de ‘enganar.’

O primeiro engano planejado e empreendido por Prometeu ocorreu em Mecone¹⁵¹ (535-60), quando homens e deuses decidiam a questão da divisão dos sacrifícios, i.e., que parte dos animais sacrificados iria caber aos deuses e que parte caberia aos homens. Prometeu sacrificou então um boi, já com a intenção de Διὸς νόον ἐξαπαφίσκων, ‘enganar a mente de Zeus’ (537; ver nota 69, p. 41), e dividiu-o em duas porções, δολίῃ τέχνῃ, ‘com ardilosa arte’ (540; 547; 555; 560): uma delas, a menos atraente, escondia as melhores porções (538-9) e a outra, muito atraente, escondia apenas os ossos (540-1). Zeus chamou sua atenção, por causa da desigualdade (543-5), mas Prometeu δολοφρονέων, ‘planejando um ardil’ (550), lhe disse para escolher assim mesmo (548-9). Zeus escolheu, então, a porção mais atraente, e daí em diante, apenas os ossos dos animais sacrificados eram oferecidos aos deuses (556-7).

Zeus, porém, não foi propriamente enganado pelo ardil (δόλον, 551 e 562) do filho de Iápeto e fez conscientemente a pior escolha, pois já previra que os homens iriam sofrer coisas más por causa disso (551-2; 562). Irado (558, 561) — ou, mais provavelmente, fingindo-se irado — Zeus negou o fogo aos homens, mas foi enganado (ἐξαπάτησεν, 565) pela segunda vez, pois Prometeu roubou (κλέψας, 566) o fogo dos deuses em uma férula oca (566-7) e entregou-o aos homens (568-9). Em *Op.* 50-5, Hesíodo contou esse engano mais uma vez,¹⁵²

¹⁵⁰ Na opinião de Hesíodo, é claro. Na *Il.*, Hera enganou Zeus em pelo menos duas ocasiões importantes: na Διὸς ἀπάτη (q.u. p. 39) e no nascimento de Héracles (q.u. p. 41).

¹⁵¹ Μεκόννη era, provavelmente, o antigo nome de Sicíon, pólis situada na extremidade nordeste do Peloponeso, perto de Corinto e do Golfo de Corinto (KIRK, 1970, p. 228).

¹⁵² O segundo engano de Prometeu (roubo do fogo) e os dois enganos de Zeus (ocultamento do fogo e Pandora), discutidos adiante, são contados por Hesíodo, com algumas diferenças, na *Th.* e em *Op.* Ver, a propó-

destacando ademais que Prometeu ἔκλεψ’, ‘roubou’ (51) o fogo, e que κλέψας ... φρένας ἡπεροπεύσας, ‘roubou ... enganando as entranhas’ de Zeus (55). Os vocábulos especializados habituais (rad. ἀπατᾶ-, δολο-, τεχν-, κλέ/οπ-) e o raro verbo épico ἡπεροπεύω, ‘enganar, seduzir’, marcam os dois enganos de Prometeu. O radical desse verbo está, naturalmente, vinculado ao engano (*supra* p. 56).

Em *Op.* o ocultamento do fogo (42-51), efetuado pelo encolerizado (47) porém ‘sagaz’ Zeus (μητιόεντος, 51), é relatado de novo, através de três formas do radical κρυπ-, quase em sequência: κρύψαντες (42), ἔκρυψε (47) e κρύψε (50). O epíteto de Zeus deriva do radical μητι- e sua associação ao radical κρυπ- nesse episódio marca a pequena vingança divina como um ato enganoso de Zeus contra a humanidade. O engano de Prometeu em Mecone deve ser considerado uma μηχανή de pequena complexidade que envolveu, de certa forma, uma ilusão do tipo “humano”, uma vez que Prometeu apenas disfarçou as duas porções sacrificiais para iludir Zeus. O segundo engano é também desse tipo, mas o ato enganoso foi intelectualmente muito menos complexo e não envolveu nenhuma ilusão, e sim um simples e tradicional furto, em que o ocultamento do fogo para possibilitar o furto é uma ação bastante simples e direta.

Pandora. Hesíodo informa na *Th.* que Zeus providenciou, depois disso, um grande e perene mal para a humanidade, aliás um belo mal (585): a primeira mulher, ancestral de todas as outras (570-612). Essa mulher, não nomeada nesse poema, foi entregue aos homens através de um engano, descrito detalhadamente em *Op.* 56-105. Zeus, primeiro, ordenou a Hefesto que a moldasse a partir do barro, bela como as deusas imortais, e os deuses — entre eles Πειθώ, a Persuasão personificada — a adornaram magnificamente com beleza, graça, belas vestes e joias, e ainda com duvidosas e enganosas “qualidades”, tais como mente desavergonhada (67), ἐπίκλοπον ἦθος, ‘dissimulado comportamento’ (67 e 78) e capacidade para ψεύδεά θ’ αἰμυλίους τε λόγους, ‘falsidade e palavras enganosas e adadoras’ (78), essas últimas sintomaticamente concedidas pelo deus Hermes. A seguir, Zeus lhe deu o nome de Pandora (81) e a deu de presente a Epimeteu, irmão de Prometeu (84-5), que a aceitou de bom grado, a despeito dos avisos de Prometeu (86-8). Inadvertidamente ou não, Pandora logo liberou todos os males que hoje assolam a humanidade (90-104) e eram esses, exatamente, os enganosos desígnios de Zeus (βουλῆισι, 99) ao colocar diante de Epimeteu a primeira mulher, esse δόλον

ἀμήχανον, ‘irresistível engano’ (83).

Note-se que o radical αἰμυλο- do v. 374 tem etimologia desconhecida e o sentido específico de ‘enganador que usa palavras lisonjeiras,’ e está, portanto, diretamente ligado ao engano. Hesíodo termina a narração do engano com uma expressão semelhante à de *Th.* 613 (*supra* p. 88), ‘não há como escapar da mente (νόον) de Zeus’ (105). Acredito que se referia explicitamente aos enganos planejados e implementados pelo rei dos deuses, marcados pelo radical βουλευ- apenas seis versos antes (99).

4. Os hinos homéricos

Hino 5: a Afrodite. Para marcar o vínculo entre Afrodite, sedução amorosa e engano (*supra* p. 84), o autor do *h. Ven.* começou o poema com um “não engano” (5.7-33), destacando as três únicas divindades que Afrodite οὐ δύναται πεπιθεῖν φρένας οὐδ’ ἀπατῆσαι, ‘não consegue nem persuadir o coração, nem enganar’ (5.7): Atena, Ártemis e Héstita. Ninguém mais, nem deus nem mortal (5.35), consegue escapar dos enganos amorosos patrocinados por Afrodite. Note-se que a ênfase do não engano é marcada pelas negações οὐ ... οὐδέ e pelos dois radicais do engano, πειθ- e ἀπατᾶ-.

Logo depois o poeta passa aos enganos e conta que Zeus ἄγκυλομήτης, ‘de retorcidos pensamentos’ (5.43; cf. Hes. *Th.* 168 e 546) colocou em Afrodite o desejo por Anquises, um jovem e belo troiano (5.45-6; 53-5; 66; 103; 113-4), a fim de evitar que ela risse e se gabasse dos deuses e deusas apaixonados, respectivamente, por mulheres e homens mortais (5.48-52). Zeus planejou ou induziu, portanto, a paixão da deusa e o encontro entre ela e Anquises, mas quem executou os enganos necessários a esse encontro foi a própria Afrodite.

Para cumprir o plano de Zeus, a deusa primeiro se preparou para o encontro com Anquises (5.58-66 e 86-90), de forma muito similar à de Hera na Διός Ἀπάτη (cf. *Il.* 14.166-87, ver p. 39 sqq. e NORTWICK, 1980). Depois implementou o engano propriamente dito, que por sua vez compreendia dois subenganos que completavam um ao outro. O primeiro subengano foi um típico engano por ilusão “divino”, pois a deusa se apresentou a Anquises na forma de uma maravilhosa donzela, para não assustá-lo (5.81-3). Anquises dirigiu-se à jovem que tinha diante de si como a uma deusa, ou porque pressentiu a presença da divindade (5.84-5, 92-106, 185-6), ou porque era um rapaz muito galante. Afrodite negou peremptoriamente ser uma

deusa (109), i.e. mentiu, e Anquises não deixou, no dia seguinte, de observar diplomaticamente, com muito tato: οὐ νημερτὲς ἔειπες, ‘não falaste com sinceridade’ (5.186). Esse foi o segundo subengano, reforçado por uma elaborada e falsa historinha contada pela deusa (5.107-42) sobre sua pretensa família, seu pretenso lar e outros detalhes necessários para explicar sua súbita presença ali. A elaborada mentira da deusa lembra indubitavelmente as “histórias desonestas” de Odisseu e as enganosas identidades que o herói criava, como se viu no estudo da *Odisseia* (e.g. *Od.* 13.253-86, 192-359: *supra* p. 71 e 74). Deve-se notar, ademais, que ela explicou sua súbita presença ali pela intervenção de Hermes, um dos mais enganosos deuses do Olimpo (5.117-8, 121-9, 147). Depois de passar a noite com Anquises, a deusa reverteu os dois enganos que aplicara: mostrou parte de sua aparência divina (5.172-9), para que Anquises a reconhecesse (5.181-6), e contou-lhe a verdade (5.192-9, 247-91). Pode-se dizer, portanto, que o hino tem um não engano no início e dois não enganos no fim.

Hino 2: a Deméter. Há três enganos bem definidos nesse hino: o primeiro é um engano por ilusão de Deméter contra a família de Celeu, em Elêusis (2.94-104); o segundo, a história mentirosa contada pela deusa às filhas de Celeu (2.119-44); e o terceiro, o engano de Hades contra Deméter e Zeus (2.357-74, 390-413, 445-7 = 463-5).

Desgostosa com Zeus por causa do rapto de Perséfone, Deméter afastou-se do Olimpo (2.92-4) e assumiu a aparência (εἶδος) de uma velha ama (2.94-5; 101-4). Ninguém a reconheceu, a princípio, até seu primeiro encontro com Metanira, esposa de Celeu, que logo presenciou sua natureza divina (2.188-91). Posteriormente, surpreendida por Metanira ao tentar tornar o jovem Demofonte imortal (2.242-67), a própria deusa se revelou (2.268-80). Esse “divino” engano por ilusão é semelhante aos enganos desse tipo analisados anteriormente e nenhum vocábulo específico foi utilizado pelo poeta na descrição. O segundo engano, a “história desonesta” contada por Deméter às filhas de Celeu, é também similar a uma das longas histórias contadas por Odisseu durante o engano contra os pretendentes (*Od.* 14.199-408: *supra* p. 74) e não há, portanto, nenhum elemento novo a discutir.

O terceiro engano do *h. Cer.* é provavelmente o primeiro engano do sombrio deus Hades nos poemas épicos.¹⁵³ Quando Zeus mandou Hermes buscar Perséfone, algum tempo depois do rapto, Hades “sorriu com as sobrancelhas” (2.357-8), provável prenúncio do engano

¹⁵³ Para outro raro engano de Hades, ver o texto sobre a *Heracleia*, de Paniassis, e o *Mín.* (*infra* p. 105).

que o deus preparava, pois se nada fizesse a bela Perséfone jamais retornaria ao mundo subterrâneo (2.373-4). Deu então à jovem λάθρηι, ‘às escondidas’ (2.372), uma semente de romã para comer, mas só depois de olhar para os lados (2.373), certamente para ter certeza de que o manhoso Hermes nada notara.¹⁵⁴ O truque de Hades, narrado sem os vocábulos específicos do engano, foi intuído por Deméter ao reencontrar a filha e, para descrever essa impressão da deusa, o poeta recorreu a eles liberalmente: Deméter δόλον θυμός τιν’ ὄϊσατο, ‘suspeitou, no íntimo, de algum ardil’ (2.91) e perguntou à filha: καὶ τίνι σ’ ἐξαπάτησε δόλοι κρατερὸς Πολυδέγμων, ‘com que ardil te enganou o poderoso Hospedeiro-Mor’ (2.403a-4)?¹⁵⁵ Graças ao seu bem planejado, bem executado e bem sucedido engano, o competente Hades garantiu a companhia da esposa pelo menos durante três meses do ano (2.399-400, 445-7 e 463-5).

Hino 1: a Dioniso. No primeiro fragmento (1a) o autor fez uma rápida referência ao segundo nascimento de Dioniso, ao dizer que Zeus ἔτικτε, ‘trouxe ao mundo’ (1a.7) o bebê de Sêmele, e a um engano que Zeus tentou aplicar em Hera, pelo menos durante um certo tempo (Pherecyd. 3 F 90): ‘esconder’ (κρύπτων, 1a.8) o jovem Dioniso. Adiante, nos vv. 5-14 do terceiro fragmento, há um engano muito mais nítido, bem marcado por vocábulos específicos:

ἔμβα]λε Ταρταρίησιν ἀλυκτ[οπέδησι δολώσας.	5
τίς σ[ε, φίλη, λύσειεν; ἐπιζώ[στρον δ’ ἀλεγεινή	
πάν]τοθεν [ἀμ]φιβέβηκε τ[εὸν δέμας· αὐτὰρ ὁ γ’ ἄλλως	
οὔτ’ ἄ]ρ’ ἐφη]μοσύ]νης μεμν[ημένος οὔτε λιτάων	
βουλή]ν ἀστυ[φέλι]κτον ἔωι σ[υμφράσσατο θυμῶι.	
ὥμό]ν, ἀδελ[φειή,] τέκες υἱ[έα·	10
τεχ]νήεις [καὶ] χωλὸς ἐὼν .[	
]ς πρό[σθε π]οδῶν ἀγαθ[	
enganou, colocando(-te) Tartáreos, inquebráveis grilhões.	5
E quem te libertaria, querida? Dolorosa cinta	
envolve teu corpo todo e, enquanto isso, ele nem a	
ordens dá atenção, nem a outras súplicas,	
e excogita em seu íntimo inflexível plano.	
Cruel filho, irmã, deste à luz,	10
astucioso e coxo, ...	

¹⁵⁴ Comentário baseado em nota preparada para outro trabalho (RIBEIRO JR., 2010b, nota 26, p. 256).

¹⁵⁵ Esse epíteto de Hades, repetido várias vezes no *h. Cer.* (2.17, 31, 404, 430), tem um quê de enganoso. A qualificação se devia à irônica anedota de que o deus recebia a todos em seu reino e os entretinha tão bem que ninguém ia embora. Até Ésquilo aderiu à ironia e disse, em *Suppl.* 157, que ele era o deus πολυξενότατον, ‘que recebia muitos hóspedes’. Cf. Paus. 5.20.3.

... anteriormente ... pés bons ...

A passagem se refere ao mito do retorno de Hefesto ao Olimpo (WEST, 2001, p. 2-4; HEDRE-EN, 2004). Sabemos, devido à similaridade com o engano que Hefesto aplicou a Ares e Afrodite (*Od.* 8.266-366, ver p. 61) e por outras fontes sobre o retorno (*Alc. Fr.* 349, p. 116; *Pi. Fr.* 283, p. 136; Paus. 1.20.3), que o enganador Hefesto prendeu a própria mãe, Hera, com laços que só ele poderia soltar. Zeus, nos versos seguintes (1c.19-22), menciona Ares e Dioniso e, no quarto fragmento (depois de extensa lacuna), estabelece as honras de Dioniso; sem dúvida o deus do vinho foi bem sucedido no convencimento de Hefesto. Segundo Pausânias (1.20.3), o método de convencimento — e consequentemente o método de enganar empregado por Hefesto, nada propenso a soltar a mãe (1c.7-9) — envolveu o uso do vinho, uma das especialidades de Dioniso. Numerosas cenas de vasos¹⁵⁶ mostram, efetivamente, o deus coxo embriagado e em companhia de Dioniso. A mais antiga fonte desse engano de Dioniso contra Hefesto é de natureza iconográfica (Fig. 2, p. 93), data do início do s. -VI e deve ter sido criada um pouco antes do vaso François (c. -570), que aliás também tem uma cena associada ao engano de Hefesto contra Hera (CARPENTER, 1991, p. 13).

Figura 2. Retorno de Hefesto. Notar os pés da figura sobre a mula. Início do s. -VI.

Hino 3: a Apolo. Há pelo menos três enganos e os dois últimos são dois bem sucedidos e “divinos” enganos por ilusão de Apolo contra marinheiros de Creta, com a finalidade de levar seu barco até Delfos, para lá eles servirem o deus (3.397-450). Inicialmente o deus assumiu a forma de um grande golfinho (3.400-1) e, depois, a de um homem jovem (3.449-50). A primeira ilusão foi revelada pelo próprio deus (3.440-7) e a segunda, intuída inicialmente pelos marinheiros (3.464), foi finalmente revelada por Apolo (3.480), que se identificou formalmente diante deles. Nenhum vocábulo do léxico do engano foi utilizado.

O primeiro engano é bem mais complexo e foi aplicado pela fonte Telfusa contra Apolo (3.244-387). Ao perceber que o deus contruiria um templo perto dela, em terreno propício

¹⁵⁶ Para uma visão geral dos documentos iconográficos do “retorno de Hefesto”, ver CARPENTER (1991, p. 13-4) e GANTZ (2003, p. 75-6).

(3.244), a fonte Telfusa fez um discurso (2.331) que πέπιθε, ‘persuadiu’ (3.275) o deus a erguer o templo em outro lugar, Crisa, menos barulhento (3.270-1), para que a glória daquele lugar fosse só dela (3.275-6). O engano de Telfusa teve, conseqüentemente, elementos retóricos, parte de uma perigosa armadilha, pois perto de Crisa vivia a monstruosa serpente¹⁵⁷ que Apolo teve que matar com suas flechas (3.300-1; 357-62) antes de tomar posse do local. Observe-se que o vocábulo ἀπήμων, ‘propício’, pode ser literalmente traduzido por ‘não prejudicial’ e, qualificando assim o lugar onde Apolo inicialmente pretendia construir seu templo, o narrador fez um contraste com o perigoso lugar recomendado por Telfusa, caracterizando portanto a expressão como um prenúncio do engano preparado pela fonte. Após uma digressão sobre a origem da serpente e do monstruoso Tífon (3.305-54), o narrador conta (3.375-7) que Apolo finalmente se deu conta de que havia sido enganado pelos recursos retóricos da fonte, marcando o engano com o verbo épico ἐξαπαφίσκω (nota 69, p. 41) e com o substantivo νόος (p. 42):

καὶ τότ’ ἄρ’ ἔγνω ἦισιν ἐνὶ φρεσὶ Φοῖβος Ἀπόλλων	375
οὐνεκά μιν κρήνη καλλίρροος ἐξαπάφησε·	
(...)	
στῇ δὲ μάλ’ ἄγχ’ αὐτῆς καὶ μιν πρὸς μῦθον ἔειπεν·	378
“Τελφοῦς”, οὐκ ἄρ’ ἔμελλες ἐμὸν νόον ἐξαπαφοῦσα”.	
E então Febo Apolo percebeu no íntimo que com isso	375
ela, a fonte de bela corrente, o enganou.	
(...)	
Ficou de pé, bem perto dela e lhe disse:	378
“Telfusa, não estavas destinada a enganar minha sagacidade.”	

Segundo o poeta, a enganadora fonte foi posteriormente castigada por Apolo (3.382-6) e não conseguiu tirar proveito de seu bem implementado, porém malsucedido engano.

Hino 4: a *Hermes*. Esse poema de 580 versos é uma das realizações mais intrigantes da poesia antiga e bem cedo foi associado ao engano, mais especificamente ao caráter eminentemente furtivo dos roubos do jovem Hermes (ver Luc. *DDeor.* 11). Os eruditos modernos também destacam há muito tempo as enganosas características do hino, e.g. H.N. COLERIDGE (1830, p. 199-200):

¹⁵⁷ A tradição grega posterior deu o nome ‘Píton’ (Πύθων, Ephor. 70 F 31b) à serpente.

In this hymn Hermes is gifted with the character of a perfect Spanish Picaro, a sort of Lazarillo de Tormes¹⁵⁸ among the gods, stealing their goods, playing them tricks, and telling such enormous, such immortal lies, to screen himself from detection, that certainly no human thief could ever have the vanity to think of rivalling them on earth.

Bem antes do autor do anônimo *h. Merc.*, no entanto, o poeta lírico Alceu escreveu um *hino a Hermes* a respeito do engano perpetrado pelo precoce Hermes contra seu irmão Apolo (*infra* p. 117). Desse hino restam, no entanto, somente os versos iniciais, minúsculos fragmentos de alguns versos subsequentes e breves comentários de eruditos gregos e romanos tardios, de modo que o hino homérico é, no momento, nossa principal fonte sobre o episódio.

Os artifícios e truques que o recém-nascido Hermes, o *trickster* grego,¹⁵⁹ utilizou contra seu irmão Apolo no *h. Merc.* refletem de forma marcante seus divinos atributos de deus do roubo, do engano¹⁶⁰ e do pastoralismo (West¹, p. 13). O narrador logo destaca essas “qualidades” que bem cedo o deus mereceu (4.13-4): πολύτροπος, ‘astuto, manhoso’, αἰμυλομήτης, ‘enganador’, ληϊστήρ, ‘ladrão’, ἐλατῆρα βοῶν, ‘condutor de bois’, contando ainda que no dia de seu nascimento, à noite, ‘roubou’ (κλέψεν, 18) o gado de Apolo. A inventividade de Hermes (a lira, 4.24-61; pauzinhos para acender o fogo, 4.108-15; sandálias para despistar, 4.79-81), assim como parte da engenhosidade de seu irmão Hefesto (p. 61 sqq. e p. 113), são habilidades nitidamente vinculadas ao engano.

No *h. Merc.* a escuridão da noite é invariavelmente associada às atividades enganosas de Hermes (4.66-7; 97), o que sem dúvida corresponde ao conceito hesiódico de que Ἀπάτη, o Engano personificado, é filho de Νύξ, personificação da Noite (*supra* p. 84). Hermes nasceu

¹⁵⁸ O *pícaro* era um anti-herói enganador, espécie de *trickster* (*supra* p. 84) renascentista de origem espanhola. Os romances e contos ditos *picarescos* parodiavam livros de cavalaria, epopeias, romances, novelas e seus heróis virtuosos e corretos, muito em voga na Europa medieval. O gênero *picaresco* tem raízes na Literatura Clássica (e.g. o Λούκιος ἡ Ὀνος, atribuído a Luciano de Samósata, o *Satiricon* de Petrônio e o *Metamorphoses / Asinus aureus* de Apuleio), mas quem realmente iniciou esse gênero literário nos tempos modernos foi Lazarillo de Tormes, personagem do romance espanhol anônimo *La vida de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, publicado em 1554. O Lazarillo espanhol corresponde ao imaginário e bem mais antigo Till Eulenspiegel alemão e, ainda, aos anti-heróis da literatura árabe, descritos por Badi’ al-Zama-n al-Hamadha-ni (967/1007) e por Abu l-Tahir Muhammad Ibn Yusuf Al-Tamimi Al-Saraqusti, Ibn Al-Astarkuwi (m. 538/1143).

¹⁵⁹ Para uma discussão da caracterização de Hermes como *trickster*, ver BROWN (1947, p. 3-31) e o ensaio de CARVALHO (2010).

¹⁶⁰ Antes do *h. Merc.*, o caráter enganador e *trickster* do deus recebeu algum relevo em uma breve menção no último canto da *Il.* (24.9), na história mentirosa que contou a Príamo (*Il.* 24.390-404, p. 44) e no episódio de Circe (*Od.* 10.274-335, ver p. 69 sqq.).

de um engano noturno, pois Zeus e Maia enganaram Hera à noite, enquanto a esposa de Zeus dormia (4.7-8) e ele é, ademais, νυκτὸς ὀπωπητήρα, ‘o que observa à noite’ (4.15) e o que ἡπ-εροπεύει / νύκτα δι’ ὀρφναίην φῦλα θνητῶν ἀνθρώπων, ‘engana / na noite escura a raça dos homens mortais’ (4.577-8) e dos imortais. O roubo do gado de Apolo ocorreu, naturalmente, bem no fim do dia e durou toda a noite (4.18 e 68-70; 140-5) e, para contrastar, o brilhante Apolo só saiu em busca do gado roubado ao amanhecer (4.184-7).

Dos três enganos presentes no hino, o primeiro e o último não têm relação direta com as atividades enganosas de Hermes. O primeiro é o citado engano de Zeus e Maia contra Hera; o outro está embutido em uma rápida menção ao oráculo das três donzelas (4.552-66). Essas antigas mestras da profecia (4.556), comparáveis a abelhas (4.558-9), falam a verdade quando se alimentam de mel (4.560-1) mas, ἀπονοσφισθῶσι, ‘quando excluídas (roubadas)’ de seu alimento (4.562), ψεύδονται, ‘mentem’ (4.563), i.e., enganam.¹⁶¹

O tema do hino é o engano de Hermes contra Apolo, complexa μηχανή¹⁶² constituída de ações enganosas mais ou menos independentes, porém coesas, planejadas e implementadas com eficiência pelo bebê Hermes. A estrutura do engano pode ser assim resumida: depois do prenúncio e da menção ao planejamento (4.66-7), ocorre o furto propriamente dito (4.74), seguido do subengano para ocultar as pegadas (4.75-86), do ocultamento do roubo (4.101-7) e da volta de Hermes ao lar, quando então representou, enganosamente, o papel de criança inocente (4.148-53; 240-2; 278-80). Embora não tenha sido visto cometendo o furto (4.143-5), Hermes deixou pistas (4.134-6) e nem se preocupou muito com uma testemunha da passagem do gado roubado (4.87-95). Questionado duramente pela desconfiada mãe (4.155-61), Hermes reconheceu que havia cometido um roubo (4.166-7) e impudentemente ameaçou cometer outros, a fim de receber as honras a ele devidas (4.172-81). De certa forma, previu que seria descoberto por Apolo (4.176) e que lhe dariam as honras pretendidas (4.173). Descobertos o roubo e seu autor (4.185-234), os enganos de Hermes não cessaram: ameaçado pelo irmão (4.253-9), enfrentou-o com mentiras e protestos de inocência (4.261-73; 310-11; 313-19), e ainda se ofereceu para jurar — falsamente — que nada sabia daquela história (4.274-7). Mais tarde, diante do próprio Zeus, manteve suas descaradas mentiras e ainda se comprometeu,

¹⁶¹ Sobre a interpretação dessa passagem e o antigo oráculo, ver West¹ (p. 157, nota 40) e RICHARDSON (2010, p. 219-21).

¹⁶² TZIFPOULOS (2000, p. 148), anteriormente, também classificou assim o engano de Hermes.

mais uma vez, a jurar (em falso, claro: 4.322-90). Zeus, porém, não se deixou enganar (4.391-4), Apolo encontrou o gado roubado (4.397-417), logo depois os dois irmãos se entenderam e Hermes finalmente obteve suas honras (4.417-578).

O tema principal do *h. Merc.* e até mesmo a sequência de narrativas e diálogos é indubitavelmente passível de dramatização, tanto que a ideia ocorreu a Sófocles em algum momento do século -V, quando se inspirou no hino para criar o drama satírico *Os Rastreadores* (Ἰχθυευταί, *Fr.* 314-8).¹⁶³ O poeta do *h. Merc.* descreveu detalhadamente o roubo propriamente dito, mas em termos de engano esse ato, em si, nada tem de especial. São notáveis, por outro lado, os truques que Hermes utilizou para cobrir os rastros do gado e as próprias pegadas, discutidos detalhadamente por DÉTIENNE e VERNANT (2008, p. 270-73), os recursos retóricos empregados por Hermes para convencer Apolo e Zeus de que nada tinha a ver com o roubo, analisados por GÖRGEMANNS (1976), e a intenção de jurar em falso — o bebê Hermes não chegou a pronunciar nenhum juramento (CALLAWAY, 1993, p. 23) — que FLETCHER (2008, p. 20) estrutura, discute e denomina, acertadamente, “quasi-oaths”. O parentesco entre os “juramentos” de Autólico,¹⁶⁴ de Odisseu (*supra* p. 75) e de Hermes, assim como sua relação com o engano, foram já pormenorizadamente estudados (BROWN, 1947, p. 8-9 e CALLAWAY, 1998) e convém reiterar, apenas, que a capacidade de manipular juramentos é uma das características dos *tricksters* (*supra* p. 23) de todas as culturas (FLETCHER, 2008, p. 20).

Os três principais enganos do *h. Merc.* são marcados, segundo SOWA (1984, p. 158; 332 sqq.), por mais de sessenta ocorrências de vocábulos relacionados ao engano. Minha própria lista tem exatamente 61 ocorrências, enumeradas na Tab. 2 (*infra* p. 98), pois deixei de contar algumas metáforas contextuais e relativamente obscuras para “roubar” e para “ladrão”, e.g. σκευάζοντα κατ’ οἶκον ἄτερ ψόφου, ‘tendo arrumado a casa sem ruído’ (4.285)¹⁶⁵, μελαίνης νυκτὸς ἑταῖρε, ‘companheiro da negra noite’ (4.290), ἐλάζυτο, ‘pegou’ (316), ἔλασσα, ‘levou’ (4.379, cf. *Od.* 12.353) e vocábulos ligados a ladrões que roubam sem enganar, e.g. πορθήσω,

¹⁶³ A datação desse drama satírico é muito controvertida; ver LUCAS DE DIOS (1983, p. 155) e LLOYD-JONES, 2003, p. 140-77.

¹⁶⁴ Além da *Od.* 19.395-7, a paternidade de Autólico (Hermes e Filonis) e suas habilidades são mencionadas pelo autor das *Ehoiae* (*Fr.* 65 e 67-8, *infra* p. 109), por Ferécides (3 F 120) e possivelmente por Eurípides, nos dramas satíricos *Autólico A* e *Autólico B* (*Fr.* 282-4), de data incerta. Dentre essas fontes antigas, no entanto, a única menção conhecida à sua habilidade de enganar por meio de perjúrios ainda é *Od.* 19.395.

¹⁶⁵ Expressão obscura. Essa interpretação é de ALLEN e SIKES (1904, ad. loc.), geralmente acompanhada pelos editores subsequentes do *h. Merc.*

‘saquearei, pilharei’ (180), κεραϊστήν, ‘saqueador’ (4.336; cf. *Il.* 16.830) e ainda ἀπονοσφισ-
θῶσι, ‘excluídas / roubadas’ (4.562). Não incluí na contagem, ademais, algumas ocorrências
de radicais ligados ao engano, mas com outros significados no contexto, e.g. τέχνη (4.465 e
511), vocábulo empregado por Hermes para se referir à sua habilidade com a lira.

Tabela 2. Radicais e vocabulário do engano no *h. Hom.* 4 (= *h. Merc.*).

αἰμυλο-	αἰμυλομήτης (13), αἰμυλίοισι (317)
ἀπατᾶ-	ἐξαπατᾶν (318), ἀπατήσω (462, 545)
βουλεν-	βουλῆσι (413)
δολο-	δόλον (66), δολίης (76), δολίης (245), δολοφραδές (282) δολοφροσύνην (361), δολομήτα (405)
*ἡπεροπ-	ἡπεροπευτά (282), ἡπεροπεύει (577)
κερδ^ε/οσ-	κερδαλέοισι(ν) (162, 463), κερδαλέον (495)
κλ^ε/οπ-	κλέψεν (18), κλοπόν (276), ἔκλεψα (310), κλέψας (340) κλεψίφρονος (413), ἀνακλέψης (515), ἀποκλέψειν (522)
κρυπ-	ἀπέκρυψε (394), ἐγκρύψαι (416)
*ληϊᾶ-	ληϊστῆρ (14), φιλολήϊος (335), ληισίμβροτοι (339)
μᾶχᾶνᾶ-	ἀμήχανα (157), πολυμήχανον (319), ἀμήχανος (346) μηχανιῶτα (436), ἀμηχανέων (447)
μηδ-	κακομηδέα (389), μέμηδας (437) ¹⁶⁶ , μήδεα (456)
μητι-	αἰμυλομήτης (13), ποικιλομήτα (155, 514), πολύμητις (319) μῆτιν (346), δολομήτα (405)
πειθ-	πείθεο (378)
φῖλᾶ-	φηληταί (67) ¹⁶⁷ , φηλητεύσειν (159) ¹⁶⁸ , φηλητέων (175, 292) φηλητήν (214), φηλητα (446) ¹⁶⁹
τεχν-	τέχνης (76, 166), τέχνησιν (317), τέχνη (447)λ
τρ^ε/οπ-	πολύτροπος (13), πολύτροπε (439), ἐντροπίησιν (245)
φωρ-	φωρῆς (136), φωρῆν (385)
ψευδ-	ψεύδεσθαι (369), ψεύδονται (563)

¹⁶⁶ ALLEN & SIKES (1904): μέμηλας. West¹: μέμηδας, de acordo com a correção de Page. Se a forma ver-
bal μέμηδας é efetivamente a correta, será a única ocorrência conhecida do perfeito de μήδομαι (ver Bailly e
LSJ, s.u.).

¹⁶⁷ ALLEN & SIKES (1904): φηληταί. West¹: φιληταί.

¹⁶⁸ ALLEN & SIKES (1904): φηλητεύσειν. West¹: φιλητεύσειν.

¹⁶⁹ ALLEN & SIKES (1904): φηλητα. West¹: φιλητα.

Os radicais ligados ao engano e ainda não discutidos nas páginas precedentes referem-se, todos, a roubos e a ladrões; alguns vinculam-se muito levemente ao engano, e talvez apenas ao engano de Hermes no presente *hino*. O radical *ληϊᾱ-, ‘butim’, de etimologia controvertida, usualmente designa roubos, notadamente os efetuados por piratas. O radical φωρ-, que em grego tem sempre a conotação de ‘ladrão’, vem no entanto do indo-europeu *bher-, que significa ‘aquele que leva consigo’, não necessariamente um ladrão. Mas o radical φῑλᾱ-, de origem incerta, tem o significado concreto de ‘ladrão’. Note-se, finalmente, que muitos radicais do engano ocorrem na forma de epítetos de Hermes (ver GREENE, 2005).

5. Poemas “cíclicos” e outros épicos heroicos

Pequena *Ilíada*. O poema tem pelo menos quatro enganos: o de Odisseu contra Heleno, o do “cavalo de Troia”, o da missão de espionagem de Odisseu em Troia e o do furto do *paládio*. O primeiro engano (*Arg.* 2) envolve uma emboscada, como se depreende da única informação encontrada no resumo de Proclo: μετὰ ταῦτα Ὀδυσσεὺς **λοχήσας** Ἐλενον λαμβάνει, ‘depois disso Odisseu, emboscado, captura Heleno’. E não há informações sobre os detalhes dessa emboscada em nenhuma fonte antiga ou recente.

No segundo engano (*Arg.* 4 e *Fr.* 12), já bem conhecido e analisado no estudo da *Od.* (*supra* p. 65 sqq.), o autor do poema informa que o construtor do cavalo de madeira seguiu um enganoso plano da deusa Atena: Ἐπειὸς κατ’ Ἀθηνᾶς **προαίρεσιν** τὸν δούρειον ἵππον κατασκευάζει, ‘Epeio, de acordo com o plano de Atena, construiu o cavalo de madeira (*Arg.* 4). O substantivo προαίρεσις (rad. provável: ἄρρε-), ‘escolha, finalidade, plano’, tem o significado básico de ‘escolher’, mas nessas circunstâncias pode ser perfeitamente traduzido para ‘plano’ — o que sem dúvida reflete a impressão que essa parte do poema, que prenuncia o engano, deixou em Proclo.

O terceiro engano pode ser deduzido da menção a Odisseu, a trapos e a um mendigo (*Fr.* 9). Como o poema relata eventos anteriores à *Od.*, só pode se tratar da missão de espionagem descrita no livro IV desse poema, já discutida *supra* (p. 63), mencionada no resumo de Proclo para a *Il. Parv.* (*Arg.* 4), sem mais detalhes.

O último engano da *Il. Parv.* tem conexão com o furto do *paládio* (*Fr.* 11), antiga estatueta de Atena guardada pelos troianos, episódio não descrito nos poemas homéricos. Essa era

uma das condições que deviam ser cumpridas para que Troia pudesse ser finalmente conquistada pelos gregos (*Il. Pers. Fr.* 4) e podemos ter certeza de que o episódio era de natureza enganosa devido à presença da forma nominal κλοπῆς, ‘roubo’, da forma verbal κλέψαντες, ‘roubar’ (notar o rad. κλ^ε/οπ-) e dos nomes dos autores da façanha, Odisseu e Diomedes. Uma outra informação transmitida pelo *Fr.* 11, bastante atípica,¹⁷⁰ diz que Odisseu e Diomedes voltavam para o acampamento grego depois de roubar o *paládio* quando Odisseu tentou matar o companheiro pelas costas, com a espada, mas Diomedes percebeu a traição a tempo (*supra* p. 128) e evitou a morte.

Etiópica. O poema tem apenas um possível engano, relacionado com a morte de Aquiles (*Arg.* 3). Considero “possível” porque, segundo a tradição, Apolo enganou Aquiles para que Alexandre / Páris o matasse, e o resumo de Proclo diz apenas que o herói foi morto por Páris e Apolo. Pode se tratar, naturalmente, de mera referência ao fato de que Apolo participou, de alguma forma, da morte de Aquiles (*Il.* 19.409-10 e 416-7; 21.276-8; cf. Verg. *Aen.* 6.56-8), mas não é improvável que o autor da *Aeth.* tenha descrito o episódio com todos os detalhes. De qualquer modo, informações explícitas sobre o fim do herói aparecem, pela primeira vez, no *Peã* 6 de Píndaro (*infra* p. 132), mais de um século depois da *Aeth.*

Saque de Ílion. Dois enganos estão presentes: o do cavalo de Troia (*Arg.* 1-2 e *Fr.* 1) e o do roubo do Paládio (*Fr.* 4) e nenhuma informação adicional sobre o primeiro engano (ver p. 65 e p. 99) é fornecida pelo autor, ou por Proclo. Quanto ao roubo do Paládio, comentado há pouco a propósito da *Il. Parv.*, temos um dado complementar que estabelece uma variante enganosa para o episódio: os troianos mantinham uma réplica (gr. εἰκόν) da estatueta para enganar (διαφέρειν **ἀπάτης**) os que planejavam (ἐπιβουλευόντων) algo. Sabemos, no entanto, que as providências enganosas dos troianos não impediram a destruição da cidade... é provável que Odisseu não se deixou enganar e roubou o Paládio verdadeiro.

Tebaida. Há apenas um engano (*Fr.* 11), semelhante ao engano por ilusão contado pelo autor do *Cypr. Fr.* 10-11 (*infra* p. 103): Posídon se apaixonou por uma das Erínias, transformou-se em cavalo para seduzí-la e mais tarde ela deu à luz o cavalo Árion. Supõe-se, consequentemente, que a deusa tentou enganar Posídon assumindo a forma de uma égua. O mesmo

¹⁷⁰ Conservado por Pausânias, o Aticista, autor da obra Ἀττικῶν ὀνομάτων συναγωγή, ‘Coleção de Palavras do Dialeto Ático’. Desse autor só sabemos que era lexicógrafo e que viveu no s. II.

fragmento tem um complemento de Pausânias (8.25.7-8), que sugere também um episódio similar em que Deméter é o par de Posídon.

Retornos. Nenhum engano evidente faz parte do argumento conservado por Proclo ou dos escassos fragmentos sobreviventes, mas rápidas alusões a mitos com enganos conhecidos a de outras fontes antigas podem indicar que eles estavam igualmente presentes no poema completo.

Assim, a viagem de Menelau ao Egito (*Arg.* 1) pode ter contido algum dos enganos presentes na *Hel.* (*infra* p. 218); os naufrágios dos gregos no Cabo Cafereu¹⁷¹ (*Arg.* 3 e *Fr.* 11) evocam o engano de Náuplio, contado na *Hel.* (*infra* p. 231) e, um pouco antes, no *Pal.* (q.u. *infra* p. 323) de Eurípides; as referências a Orestes, a Pílates e à vingança contra Egisto e Clitemnestra (*Arg.* 5) e à morte de Agamêmnon (*Fr.* 10) indicam que o poema deve ter feito pelo menos algumas menções aos enganos descritos nas tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides; e o caldeirão de Medeia citado no *Fr.* 6 (ver Fig. 5, p. 166) pode ter descrito o engano dela contra Pélias, descrito nas *Pld.* (*infra* p. 260) de Eurípides.

Cantos Cíprios. Há pelo menos oito enganos: os dois primeiros envolvem Odisseu e Palamedes; o terceiro e o quarto, Agamêmnon, sua filha Ifigênia, Ártemis e o exército grego; o quinto, Zeus e Nêmesis; o sexto, os Dióscuros e os dois últimos, Tétis, Licomedes, Aquiles e Odisseu.

Os dois primeiros enganos são sequenciais e complementares. Quando Agamêmnon conclamou os reis gregos a se reunirem pela primeira vez em Áulis (*Arg.* 5-6), invocando os juramentos efetuados,¹⁷² Odisseu não queria participar e fingiu ter enlouquecido, o que podemos considerar uma forma elaborada de mentira, aparentada às representações dramáticas e compatível com outras atuações “teatrais” do herói na *Odisseia*. Palamedes percebeu, porém, a natureza da “loucura” de Odisseu e expôs seu engano através de um contraengano: sugeriu que pegassem o pequeno Telêmaco para castigá-lo e... o resumo de Proclo para nesse ponto. Sabemos, porém, que a atuação de Palamedes foi muito convincente e eficaz porque depois disso Odisseu participou ativamente da Guerra de Troia. Há, possivelmente, um eco desse e-

¹⁷¹ Promontório situado no extremo sul da Eubeia, lado leste.

¹⁷² Anos antes da Guerra de Troia, em Esparta, na reunião dos pretendentes à mão de Helena. Ver relato do episódio em E. *IA* 49-85 e lista dos pretendentes em *Ehoiae Fr.* 196-204.

pisódio na *Odisseia* (24.115-9), quando a sombra de Agamêmnon comenta que Odisseu precisou ser convencido a participar da expedição. O verbo utilizado pelo poeta, *παραπείθω*, ‘vencer através da persuasão’, nas formas passivas pode ser traduzido por ‘iludido, enganado.’

O terceiro e o quarto enganos, os mais elaborados dentre os conservados pelos poetas cíclicos, são também sequenciais e complementares e ocorrem durante a segunda reunião dos gregos em Áulis (*Arg.* 8):¹⁷³

καὶ τὸ δεύτερον ἡθροισμένου τοῦ στόλου ἐν Αὐλίδι Ἀγαμέμνων ἐπὶ θηρῶν βαλὼν ἔλαφον ὑπερβάλλειν ἔφησε καὶ τὴν Ἄρτεμιν. μηνίσασα δὲ ἡ θεὸς ἐπέσχεν αὐτοὺς τοῦ πλοῦ χειμῶνας ἐπιπέμπουσα. Κάλχαντος δὲ εἰπόντος τὴν τῆς θεοῦ μῆνιν καὶ Ἰφιγένειαν κελεύσαντος θύειν τῇ Ἀρτέμιδι, ὥς ἐπὶ γάμον αὐτὴν Ἀχιλλεῖ μεταπεμψάμενοι θύειν ἐπιχειροῦσιν. Ἄρτεμις δὲ αὐτὴν ἐξαρπάσασα εἰς Ταύρους μετακομίζει καὶ ἀθάνατον ποιεῖ, ἔλαφον δὲ ἀντὶ τῆς κόρης παρίστησι τῷ βωμῷ.

E quando a expedição se reuniu em Áulis pela segunda vez, Agamêmnon atingiu um cervo durante uma caçada e disse ter superado até mesmo Ártemis. Encolerizada, a deusa impediu a navegação, enviando tempestades. Calcas, então, falou da cólera da deusa e exortou-os a sacrificar Ifigênia a Ártemis. Mandando buscá-la a pretexto de um casamento com Aquiles, eles tentaram sacrificá-la, mas Ártemis arrebatou-a, transportou-a para os Tauros, tornou-a imortal e colocou sobre o altar uma corça no lugar da donzela.

Em primeiro lugar, temos a bem sucedida mentira de Agamêmnon. Alegando o falso casamento da filha com Aquiles, o comandante dos gregos fez Ifigênia vir até Áulis para o sacrifício, tema que Eurípides desenvolveria, posteriormente, na *IT* (*infra* p. 201) e na *IA* (*infra* p. 253). Na sequência desse engano, durante o sacrifício de Ifigênia, Ártemis providenciou um engano ainda maior, enganando todo o exército grego com uma substituição: levou a donzela para longe, para a terra dos tauros¹⁷⁴ e deixou uma corça em seu lugar. A manobra pode ser considerada uma variante do divino engano por ilusão: onde antes havia uma jovem, de repente surgiu uma corça... (ver *IT infra* p. 200 sqq.). Note-se também o uso do sintagma ὥς + ἐπὶ

¹⁷³ Tradução já publicada (RIBEIRO JR., 2010a, p. 81). Nesse artigo, os dois enganos da passagem foram reconhecidos, mas só brevemente mencionados.

¹⁷⁴ Povo oriundo do Cáucaso (mais exatamente do Irã atual), estabelecido na Crimeia desde o início do I milênio a.C., distinto dos Citas que dominaram a península depois do século -VII. Os gregos que navegavam pelo Mar Negro conheciam os táurios desde fins do s. -VII, pelo menos, mas a primeira referência grega a eles é a de Heródoto (4.99-103), mais ou menos da mesma idade de Eurípides. Ver CROPP (2000, p. 44, n. 48; p. 47-50).

(*supra* p. 20) para transmitir uma mentira ou falsidade, que procurei reproduzir através da tradução ‘a pretexto de’. Ele marca especificamente o engano do “falso casamento.”

No quinto engano (*Fr.* 10-11), uma divindade mudou de forma para enganar outra divindade. A motivação dessa metamorfose é, no entanto, um pouco diferente dos outros enganos por ilusão já analisados: Zeus perseguiu diligentemente a deusa Nêmesis com intenções amorosas e ela, tentando escapar do deus, se transformou em peixe, em ganso e em outras criaturas. Não foi bem sucedida, a despeito de seus esforços: engravidou e, no devido tempo, nasceu Helena de Troia.¹⁷⁵

O *Arg.* 3 do poema e mais os *Fr.* 16 e 17 relatam um engano relativamente complexo, constituído por dois subenganos, aplicado pelos Dióscuros contra seus parentes da Messênia, Idas e Linceu. O primeiro deles é um furto (*Arg.* 3): Castor e Polideuces ‘subtraíram’ (ὕφαιρ-οῦμενοι) algumas cabeças do gado de Idas e Linceu pouco antes de sua divinização, engano bem sucedido a princípio. O segundo engano, mal sucedido, é uma decorrência do primeiro: os Dióscuros se esconderam (κρυφθέντα, *Fr.* 16) em um carvalho oco para não serem encontrados (ocultamento, por causa do roubo? emboscada?) pelos primos, que logo perceberam o roubo e os perseguiam. Idas viu, de longe, os dois Dióscuros escondidos dentro de um carvalho vazio (*Fr.* 16). Sabemos que na luta que se seguiu Idas, Linceu e Castor morreram, Idas fulminado por Zeus (*Fr.* 16-7; *Pi. N.* 10.55-90). Ao descrever o engano, Proclo, autor do *argumento* do poema, e o escoliasta de Píndaro que conservou o *Fr.* 16 (*Σ Pi. N.* 10.110), recorreram a dois vocábulos circunstanciais do engano, ὑφαίρῃω e κρύπτω, respectivamente. O verbo ὑφαίρῃω tem o mesmo radical — ainda não determinado pelos filólogos — de αἰρῃω, ‘pegar com as mãos’, e também significa ‘subtrair, roubar’, conforme o contexto em que é usado (ver também p. 99).

O sétimo e penúltimo engano dos *Cypr.* (*Fr.* 19) é também um engano por ilusão ligeiramente diferente dos demais, preparado e executado no plano dos mortais. Sabendo que Aquiles estava destinado a morrer em Troia, caso se juntasse à expedição grega (*Il.* 9.410-16), Peleu levou o filho à ilha de Esquiros, onde o deixou sob os cuidados do rei Licomedes. O rei vestiu o jovem Aquiles com roupas femininas e o criou entre suas próprias filhas,¹⁷⁶ mantendo

¹⁷⁵ Essa é uma versão “alternativa” do nascimento de Helena; a canônica pode ser encontrada em E. *Hel.* 16-21). Ver GANTZ (1993, p. 318-21) para uma discussão das versões e das fontes antigas.

¹⁷⁶ Há duas outras importantes referências a transvestismo na literatura antiga: o episódio de Héracles e

do-o escondido durante um bom tempo. Os gregos, no entanto, desconfiaram de alguma coisa e encarregaram Odisseu de achar Aquiles. Ele resolveu procurar o jovem em Esquiros e teve a ideia de dispor, diante do quarto das donzelas, armas, cestos e instrumentos de tecelagem, e aí as mocinhas pegaram cestos e instrumentos de tecelagem, enquanto Aquiles se revelou ao empunhar as armas de forma muito pouco feminina...¹⁷⁷ Dessa forma, o ardiloso truque de Odisseu constitui o oitavo engano, que anulou o engano por ilusão de Licomedes.

Resta discutir um último e possível engano que, na verdade, é apenas sugerido pelo primeiro fragmento do poema, conservado por um dos escoliastas da *Il.* (*Fr.* 1 = Σ^D *Il.* 1.5). O poeta dos *Cypr.* diz que a Guerra de Troia foi planejada por Zeus, assim como as Guerras Tebanas,¹⁷⁸ para reduzir a quantidade de mortais sobre a terra, o que estava sobrecarregando Gaia. O engano ou possíveis enganos envolvidos não estão muito bem caracterizados no fragmento, apesar do escoliasta ter utilizado o vocábulo βουλή, ‘desejo, plano’, que tem radical circunstancialmente associado ao engano (*supra* p. 18). Zeus parece ter se aconselhado sobre os métodos para aliviar Gaia com Têmis (*Arg.* 1) e/ou com Momo, ‘Escárnio’ (gr. Μόμος; Hes. *Th.* 214), outro dos filhos de Noite. Os dois métodos escolhidos não foram propriamente enganosos, se considerarmos estritamente a informação do escólio: providenciar o casamento de Têtis com um mortal (o que desencadeou a Querela da Beleza e o julgamento de Páris) e engendrar uma bela filha (Helena).

Alcmeônida. Nos fragmentos que nos restaram da *Alcmeon.* há apenas um possível engano (*Fr.* 6), a julgar pela menção ao carneiro dourado que havia nos rebanhos de Atreu. Conhecemos os enganos envolvidos nesse episódio através de outras fontes, e a segunda mais antiga é o próprio Eurípides, que abordou o tema *en passant* na *El.* (699-712: *infra* p. 191), na *IT* (196-7: *infra* p. 209) e um tanto mais detalhadamente no *Or.* (812-3 e 997-1000: *infra* p. 235); é possível, ainda, que o poeta tenha encenado o episódio e suas consequências em seu *Thy.* (q.u. p. 270), tragédia provavelmente mais antiga do que *El.*, *IT* e *Or.*

Não se pode descartar, naturalmente, a possibilidade de o poeta da *Alcmeon.* ter descrito

---

Ônfale (Ov. *Her.* 9.53-118) e o disfarce de Penteu em *Ba.* (p. 242 sqq.). No caso de Hércules e de Ônfale, não há enganos envolvidos.

¹⁷⁷ Outro comportamento pouco feminino de Aquiles durante sua estada em Esquiros é informada pelo mesmo *Fr.* 19: a gravidez de Deidâmia, filha de Licomedes. Como mencionaram anteriormente a *Il.* 19.326-7 e *Od.* 11.506-9, Aquiles tinha um filho, Neoptólemo, criado nessa ilha durante a guerra.

¹⁷⁸ Episódios do Ciclo Tebano, conhecidos por “Sete contra Tebas” e “Epígonos”.

todos os enganos envolvidos nesse episódio. Esse relato provavelmente serviu de base, posteriormente, para Pherecyd. (3 F 133) e para Eurípides.

Heracleia e Míncias. Sabe-se que um provável engano aplicado por Hades levou Teseu e seu amigo Pirítoo, rei dos lápitas, a uma longa permanência no mundo subterrâneo. Os dois amigos tinham a pretensão de raptar Perséfone, sombria mas belíssima esposa do rei do mundo subterrâneo e, a julgar por uma informação do Pseudo-Apolodoro (*Epit.* 1.24), ambos foram ἐξαπατᾶται, ‘enganados’ pelo deus e ficaram presos em seus assentos. Essa história era contada, provavelmente, pelo poeta do *Min.*: os fragmentos 1 e 7 falam de Teseu e Pirítoo no Hades, mas não fornecem nenhuma informação sobre o engano de Hades contra eles.

O *Fr.* 17 da *Heracleia* de Paniassis também menciona Teseu e Pirítoo sentados no Hades, presos na rocha por suas próprias carnes. Nenhum engano é mencionado, mas é certo que o poeta deve ser contado a história toda, inclusive o engano de Hades contra os dois incautos heróis. Infelizmente, nenhuma fonte antiga ou recente informa como foi exatamente o engano de Hades contra os dois heróis.

6. Os catálogos pseudo-hesiódicos

Ifigênia. O engano de Ártemis contra os gregos, narrado mais ou menos na mesma época pelo poeta dos *Cypr.* (*supra* p. 102), foi também sucintamente relatado pelo anônimo autor das *Ehoiae* (*Fr.* 19.17-22), mas sem recorrer ao léxico especializado:¹⁷⁹

Ἴφιμέδην μὲν σφάξαν ἐυκνή[μ]ιδες Ἀχαιοὶ
βωμῶ[ι] ἔπ' Ἀρτέμιδος χρυσηλακ]άτ[ου] κελαδεινῆς,
ἦματ[ι] τῶι ὅτε νηυσὶν ἀνέπλ]εον Ἴλιον ἐ[ῖ]σω
ποινή[ν] τεισόμενοι καλλίς]φύρου Ἀργειῶ[ν]ης,
εἶδω[λον]· αὐτὴν δ' ἐλαφηβό]λος ἰοχέαιρα
ῥεῖα μάλ' ἐξεσά[ωσε, καὶ ἀμβρος]ίην [ἐρ]ατῆ[ιν]ην
στάξε κατὰ κρῆ[θεν, ἵνα οἱ χ]ρῶς [ἐ]μπε[δ]ο[ς] ἐ[ῖ]η,
θῆκεν δ' ἀθάνατο[ν καὶ ἀγήρ]αον ἦμα[τα] πάντα.
τὴν δὲ νῦν καλέο[υσιν ἐπὶ χ]θονὶ φῦλ' ἀν[θρώπων]

20
25

¹⁷⁹ A tradução de parte do *Fr.* 19 Most (= 23a Merkelbach-West) das *Ehoiae* e alguns elementos da análise, além da discussão dos nominativos Ifigênia e Ifimédia e da possibilidade de existirem duas versões do sacrifício de Ifigênia, foram já publicados anteriormente (RIBEIRO JR., 2004). Para o presente trabalho, a tradução recebeu pequenos retoques.

Ἄρτεμιν εἰνοδίην, πρόπολον κλυτοῦ ἰοχελείρης.

A Ifimédia sacrificaram os Aqueus de boas grevas,
sobre o altar da clamorosa Ártemis da flecha de ouro,
no dia em que, com as naus, navegaram para Troia,
a fim de infligir castigo por causa da Argiva de belos tornozelos; 20
uma imagem: a ela a caçadora de cervos, atiradora de flechas,
muito facilmente salvou, e agradável ambrosia
derramou da cabeça aos pés, para tornar-lhe duradoura a pele,
e deixou-a imortal e sem envelhecer, para sempre.
Atualmente, sobre a terra, as raças de homens a chamam 25
de Ártemis protetora de caminhos,¹⁸⁰ servidora da gloriosa atiradora de
[flechas.

Note-se que os dois poetas relataram mais ou menos a mesma versão do sacrifício de Ifigênia, caracterizada pelo salvamento e pela imortalização da filha de Agamêmnon. Para outros detalhes e a associação entre os nomes “Ifigênia” e “Ifimédia”, ver a discussão da *IT* (*infra* p. 200).

Clitemnestra. No mesmo fragmento, vv. 9, 13-14 e 27-30, o poeta mencionou elipticamente outro engano, o de Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon, já discutido a propósito da *Od.* (*supra* p. 82 sqq.). A menção ao engano é muito sutil e configura, mais apropriadamente, um prenúncio do plano enganoso preparado e empreendido por Egisto e Clitemnestra: a esposa de Agamêmnon tinha, antes do sacrifício de Ifimédia / Ifigênia, ‘olhos de novilha’ (βοῶπις, 19.9) e, posteriormente, ominosos ‘olhos sombrios’ (κυανῶπις, 19.14 e 27). A julgar pelos eventos que resultaram em sua morte pelas mãos do próprio filho (19.29-30), a sombra nos olhos de Clitemnestra não era, decididamente, produzida pela tristeza de ter perdido uma filha por culpa do marido, mas uma sinalização dos terríveis planos que preparava contra ele,¹⁸¹ comentados pelo poeta da *Od.* (*supra* p. 82) e que Ésquilo detalharia anos depois na *Oresteia* (*infra* p. 180 sqq.).

¹⁸⁰ I.e. Hécate (= *Ehoiae* Fr. 20a,b). Para outras associações entre Hécate e outras divindades, ver GANTZ, 1993, p. 26-7. Mas a versão canônica e mais antiga da origem de Hécate é ainda a de Hesíodo (*Th.* 409-13).

¹⁸¹ Outro caso interessante de sinalização de enganos através dos olhos é o de Capitu, personagem de Machado de Assis (*Dom Casmurro*, publicado em 1899) e seus famosos “olhos de ressaca.” Segundo SCHWARZ (1997, p. 10), “ela traz o **engano** e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça” (grifo meu). Mas esse é um engano ligado à sedução e a Afrodite, muito menos sombrio do que o de Clitemnestra... (*supra* p. 84).

Nesso, Dejanira e Héracles. No *Fr.* 22 das *Ehoiae*, vv. 17-24, encontramos o bem conhecido engano do centauro Nesso contra Héracles, intermediado inadvertidamente pela esposa do herói, Dejanira:

(...) κ[αὶ ἐπὶ]φ[ρ]ονα Δηϊάνειραν,
 ἢ τέχ' ὑποδηθεῖ[σα βίηι Ἡρ]ακλῆ[ε]ίηι
 ὕλλον καὶ Γλῆνον καὶ [Κτή]σιππον καὶ Ὀνεΐτην·
 τοὺς τέκε καὶ δεῖν' ἔρξ[', ἐπεὶ ἀάσατ]ο μέγα θυμῶι, 20
 ὁππότε φάρμακον .[ἐπιχρί]σασα χιτῶνα
 δῶκε Λίχῃ κήρυ[κι] φέρειν· ὃ δὲ δῶ[κεν] ἄνακτι
 Ἀμφιτρωνιά[δ]ηι Ἡ[ρακλῆ]ϊ πτολιπό[ρ]θωι.
 δ[εξ]αμένωι δέ οἱ αἶψα τέλος θανάτοι[ο] παρέστη·

(...) e a pensativa Dejanira,
 que deu à luz, submetida pela força de Héracles,
 a Hilo, Gleno, Cresipo e Onete.
 A eles deu à luz e (fez) coisas terríveis: agiu com a mente grandemente
 [iludida, 20

quando o veneno aplicou à túnica e a
 entregou para o arauto Lico levar. Ele a deu ao Senhor
 Héracles, filho de Anfitrião, saqueador de póleis e,
 quando ele a recebeu, a morte rapidamente o encontrou.

Na passagem estão presentes três conhecidos vocábulos ligados ao engano: uma forma do verbo ἀάω (20), o substantivo φάρμακον (21) e o adjetivo ἐπίφρων (17), ‘pensativo, que medita.’ Observe-se que o autor do *Catálogo* seguiu, no engano do *Fr.* 22, a tradição épica dos enganos mediados por agentes químicos, como foi visto no episódio do engano de Circe contra os companheiros de Odisseu (*supra* p. 69).

O complexo engano de Nesso, que contém o engano de Dejanira e cujo bem sucedido resultado final resulta na morte de Héracles, foi possivelmente abordado por Arquíloco (cf. *Fr.* 286) anos antes do autor das *Ehoiae*. O episódio foi descrito posteriormente, de forma mais completa, por Baquílides (16, p. 124), por Sófocles (*Tr.* 663-861) e pelo Pseudo-Apolodoro (2.7.6-7). O tratamento mais completo é o da tragédia sofocliana *Tr.*, que não é, necessariamente, mais recente do que o poema de Baquílides (Camp. 4, p. 215, nota 2). É possível, finalmente, que a fonte comum de todas as versões conhecidas do engano de Nesso seja o épi-

co perdido *A Captura da Ecália*¹⁸² (JEBB, 1905, p. 222-3).

Atalanta. A bela filha de Esqueneu (*Ehoiae Fr.* 48-51)¹⁸³ se casou com um de seus numerosos pretendentes graças a um engano. Esqueneu determinou que a filha seria concedida ao pretendente que a vencesse em uma corrida e que, por outro lado, o perdedor seria morto. A jovem nunca havia perdido uma corrida, e então Hipomenes ‘planejou um engano’ (δολοφρονέων, *Fr.* 48.33) para se dar bem: durante a corrida, deixou cair três belas maçãs, ‘presentes da dourada Afrodite’, e o tempo perdido pela moça para recolher as maçãs foi suficiente para que Hipomenes vencesse.

Enganos de Periclímene e de Zeus. O engano seguinte (*Ehoiae Fr.* 31-2 e 71) é uma versão humana dos divinos enganos por ilusão discutidos a propósito da *Il.* e da *Od.*: o mortal Periclímene, filho de Neleu e irmão de Nestor (*supra* p. 50), recebeu de Posídon a capacidade de mudar de forma, e.g. águia, formiga, abelha e serpente. Durante o ataque de Hércules a Pilos (*Il.* 11.689-93), Periclímene matou muitos atacantes — e não está claro se através do valor guerreiro ou da capacidade de enganar o adversário, mudando de forma (GANTZ, 1993, p. 84) — até que Hércules o deteve, com a ajuda de Atena. A deusa revelou ao herói que Periclímene, na forma de abelha, pousara em sua carruagem, e Hércules então matou-o com uma flecha.

Observe-se que a mudança de forma de Periclímene, apesar de envolver um mortal, tem todas as características dos “divinos” enganos por ilusão, também mencionados pelo autor das *Ehoiae* no *Fr.* 72, em que Zeus transforma Ió em novilha para tentar enganar Hera, e no *Fr.* 89, que descreve a transformação de Zeus em touro para enganar (ἀπάτησας) e seduzir a jovem Europa.

Mestra. A curiosa história da filha de Erisícton (*Fr.* 69-71) envolve também um engano por ilusão “divino”, com mudança real de forma, mas desenvolvido na esfera humana. Erisícton havia sido condenado por Deméter a ter uma fome terrível e contínua, e para saciá-la ele

¹⁸² Gr. Οἰχαλίας ἄλωσις. Atribuído ao legendário “Creófilo de Samos”, amigo de [Homero], por Estrabon (14.1.18). Restam-nos desse poema, que pode ser tão antigo quanto os de [Homero] e Hesíodo, apenas quatro testemunhos e três pequenos fragmentos, muito pouco informativos. Na Ecália reinava Êurito, pai de Iole, ambos personagens do Ciclo de Hércules. Ainda não se sabe em que região da Grécia se localizava esse mítico reino.

¹⁸³ Os mitos gregos falam de duas Atalantas (Ps-Apollod. 3.9.2; ver SMITH, 1867, s.u. e GANTZ, 1993, p. 335-9): uma delas é a filha de Iaso, virgem caçadora da Arcádia que participa da caça ao javali de Cálidon e dos jogos fúnebres de Pélias, e a outra é a filha de Esqueneu, da Beócia, de quem falamos aqui.

vendia sua bela filha Mestra todos os dias; ela, porém, mudava de forma, fugia, voltava para junto do pai e se transformava de novo em mulher, para que ele pudesse vendê-la outra vez. O *Fr.* 69.18-25, conta que ele ‘enganou’ (ἀπάτησε), assim, o próprio Sísifo¹⁸⁴ (*infra* p. 115), o que não é pouco.

Autólico. Os escassos e danificados versos dos *Fr.* 67-8 mencionam Autólico, o enganador avô de Odisseu, ladrão comparável ao divino Hermes, ambos presentes em poemas épicos anteriores e contemporâneos (*supra* p. 81, 57 e 97). De acordo com os fragmentos, Autólico era capaz de alterar a aparência de cavalos roubados, mudando suas cores (*Fr.* 68). Isso também configura um “humano” engano por ilusão, semelhante ao que discutimos ao falar de Pátroclo (*supra* p. 50), a não ser que se tratasse de mágica, como vimos nas transformações provocadas por Circe (*supra* p. 68).

Belerofonte e Peleu. Nos últimos versos do *Fr.* 69 (105-15), o poeta das *Ehoiae* mencionou Belerofonte, Pégaso, Quimera e o casamento de Belerofonte com a filha de Iobates, personagens dos enganos que envolvem Beleforonte, mas sem descrever nenhum deles. Esses enganos já foram analisados durante o estudo da *Il.* (*supra* p. 48). Nos *Fr.* 149-150 é mencionada rapidamente a história de Peleu, Acasto e a “esposa de Acasto”, que envolve um engano descrito mais tarde por Píndaro e que será analisado *infra* (p. 130 sqq.).

A concepção de Héracles. O *Fr.* 139 das *Ehoiae* corresponde, em grande parte, aos vv. 1-56 do poema *Escudo de Héracles* (gr. Ἀσπίς, lat. *Scutum*), atribuído a “Hesíodo” nos manuscritos medievais, mas de origem efetivamente desconhecida.¹⁸⁵ Nessa passagem, o poeta descreveu o engano empreendido por Zeus para conceber Héracles, unindo-se enganosamente com a virtuosa Alcmena (*Il.* 14.323-4), esposa de Anfitrião, ambos descendentes de Perseu.

¹⁸⁴ Nos vv. 17-8 do *Fr.* 69 lê-se

[   ]σι κλ.[.....]οις[.....]σι
[   ]ἀπάτησε πολύφρονά [πε]ρ μάλ' ἐόντ[α]

A reconstrução conjectural Σίσυφον ἐξαπάτησε, ‘ele enganou Sísifo,’ aparentemente defendida por Merck, foi adotada por Merkelbach e West (ver SMW *Fr.* 43a ad loc.) e por Most.

¹⁸⁵ Os manuscritos do *Scut.* relatam, do v. 57 até o final (v. 480), o encontro entre Héracles e Cicno, aventura que nada tem de genealógica e foi criada, provavelmente, entre o fim do s. -VII e a primeira metade do s. -VI. Em sua história reconstrução das *Ehoiae*, Merkelbach e West (1967; ver SMW), acompanhando uma informação da hipótese do Ἀσπίς, propuseram a inclusão dos vv. 1-56, que tratam do nascimento de Héracles, no *Fr.* 195 SMW (= *Fr.* 139 Most) das *Ehoiae*, e esse procedimento foi seguido pelos demais estudiosos. O *Escudo de Héracles* propriamente dito vai, portanto, do v. 57 ao v. 480 dos manuscritos medievais que conservam o *Scut.*

Aliás, Zeus era também pai de Perseu (*infra*, p. 112).

Em síntese, Alcmena era filha de Electrion, muito formosa e muito fiel ao marido, Anfitrião (2-10). Ambos viviam exilados em Tebas (2, 13) e Anfitrião ainda não tinha se unido à jovem esposa porque havia prometido, antes disso, vingar a morte dos cunhados, mortos durante uma luta contra os Táfiος e os Teléboas (14-19).¹⁸⁶ Enquanto Anfitrião combatia, chefiando os tebanos e outros aliados, Zeus se apresentou a Alcmena na forma de Anfitrião¹⁸⁷ (cf. Pi. N. 10.15-7, p. 135) e engendrou Héracles; na mesma noite, Anfitrião retornou vitorioso e engendrou o irmão de Héracles, Íficles. Mais tarde, como relata também o poeta da *Il.* (q.u. *supra* p. 41), Alcmena deu à luz gêmeos: Héracles, filho de Zeus, e Íficles, filho de Anfitrião (27-56).

O poeta descreveu de forma muito evidente as enganosas intenções de Zeus, seu plano e o engano conduzido por ele (*Fr.* 139.34-43 = *Scut.* 27-36):¹⁸⁸

(...) πατήρ δ' ἀνδρῶν τε θεῶν τε
 ἄλλην **μητιν ὕφαινε** μετὰ φρεσίν, ὥς ῥα θεοῖσιν
 ἀνδράσι τ' ἀλφειστῆισιν ἄρης ἀλκτῆρα φυτεύσαι.
 ὄρτο δ' ἀπ' Οὐλύμποιο **δόλον** φρεσὶ βυσσοδομεύων, 30
 ἱμεῖρων φιλότητος ἐνζώνοιο γυναικός,
 ἐννύχιος· τάχα δ' ἴξε Τυφαόνιον· τόθεν αὖτις
 Φίκιον ἀκρότατον προσεβήσατο **μητίετα** Ζεύς.
 ἔνθα καθεζόμενος φρεσὶ **μήδετο** θέσκελα ἔργα·
 αὐτῇ μὲν γὰρ νυκτὶ τανισφύρου Ἥλεκτρωνῆς 35
 εὐνῇ καὶ φιλότητι μίγῃ, τέλεσεν δ' ἄρ' ἐέλδωρ·

(...) e o pai dos deuses e dos homens
 tramou outra artimanha em seu espírito, para engendrar
 um protetor de deuses e de homens laboriosos contra a destruição.
 Ele avançou desde o Olimpo, no âmago a artimanha ponderando, 30
 desejando se unir à bem cinturada mulher,
 à noite. Logo atingiu o Tifônion¹⁸⁹, e de lá, de novo,
 ao pico Fício¹⁹⁰ subiu o astucioso Zeus.

¹⁸⁶ Povos que viviam no extremo oeste da Grécia. Ver também nota 99, p. 58.

¹⁸⁷ Essa informação não é dada pelo poeta das *Ehoiae*; segundo o Σ *Od.* 11.266 (= Pherecyd. 3 F 13b), essa informação vem de Ferécides e de Herodoro. Herodoro era contemporâneo de Ferécides e escreveu pelo menos duas obras, uma sobre Héracles e uma *Argonática*, citadas por Ateneu, Plutarco e outros autores tardios.

¹⁸⁸ A numeração dos versos é a do texto do *Scutum*.

¹⁸⁹ Montanha próxima do Monte Olimpo (PALEY, 1861, p. 237). O nome é uma referência ao monstruoso Tífon (gr. Τυφών), um dos maiores inimigos derrotados por Zeus. De acordo com o Σ Pi. I. 1.31, muitas montanhas eram consideradas o túmulo desse monstro, inclusive uma na Eubeia (ver FARNELL, 1882, p. 305).

Lá sentado, tramou no espírito extraordinária façanha:
com ela, a filha de belos tornozelos de Electrion, durante a noite 35
se deitou e se uniu em amor, e consumou seu desejo.

Notar a abundância de vocábulos específicos (δόλος, 30) e circunstanciais (ὀφθαίνω, 28; μήτις, 28; μητίετα, 33; e μήδομαι, 34) do engano, e que o poeta não esclareceu como Zeus enganou uma esposa reconhecidamente virtuosa. De acordo com GANTZ (1993, p. 375-6), se levarmos em conta apenas o relato das ações de Zeus, Alcmena pode ter sido seduzida, e não enganada. Essa questão foi, no entanto, posteriormente esclarecida por outros autores, o mais antigo dos quais é Píndaro, que na ode *N.* 10.13-8 estabeleceu o engano de Zeus de forma indubitável (q.u. *infra* p. 135) e, na *I.* 7.5-7 apresentou até mesmo uma versão alternativa do engano (q.u. *infra* p. 136).

O Minotauro. O *Fr.* 93 (= *P. Tebt.* 690) está bastante danificado, mas há dados suficientes para identificarmos parte da conhecida história do Minotauro, e.g. Μίνωϊ, ‘Minos’ (10), ἡράσ[σατο, ‘tomado de desejo’ (13), †ταύρω†, ‘touro’ (14), θαῦμα ἰ[δεῖν], ‘maravilha de se ver’ (16). Sabemos por fontes posteriores que a concepção do monstro envolveu um bizarro engano, motivado pela paixão de Pasífae pelo touro saído do mar, mas esse engano não está descrito na parte conservada do papiro. Ver adiante (p. 126) a *Ode* 26 de Baquilides para mais detalhes.

Actéon. Nos *Fr.* 161-2, o autor das *Ehoiae* provavelmente contou o mito do tebano Actéon, filho de Autônoe, irmã de Sêmele, que morreu trucidado por seus próprios cães de caça graças a um engano por ilusão do tipo “divino”. O episódio é bem conhecido a partir de cenas de vasos de meados do século -VI em diante¹⁹⁰ e pelas tradições conservadas pelos mitógrafos tardios (e.g. Ps.-Apollod. 3.4.4, D.S. 4.3-5, Ov. *Met.* 3.138-252, Ps.-Hyg. *Fab.* 180): o infeliz sobrinho de Sêmele inadvertidamente viu Ártemis enquanto a deusa se banhava e foi então μετεμορ]φώτε εἰ[ς] ἐλάφου δόκησιν διὰ βο[υλὴν] Ἀρτέμ[ι]δος, ‘mudado para a forma de uma corça, pela vontade de Ártemis’ (161a = *P. Mich.* inv. 1447 ii.1-6); enganados pela trans-

¹⁹⁰ Montanha próxima de Tebas; o nome é uma referência à Esfinge (gr. Φῖξ).

¹⁹¹ O exemplar mais antigo é uma taça *Siana* de figuras negras de -570/-550, encontrada em Bomarzo e hoje perdida. Um desenho da cena está disponível em JACOBSTHAL (1929, fig. 2 da p.2).

formação, seus cães o cercaram e mataram.¹⁹²

Esse engano é único, de certa forma, pois a enganadora é a deusa Ártemis e os enganados são os cães de caça de Actéon. Note-se o uso do substantivo δόκησις, ‘aparência’ (rad. *dek-), pelo autor do papiro, vocábulo posteriormente utilizado por Eurípides para se referir ao fantasma de Helena (cf. *Hel.* 36, p. 223).

Zeus e Endímion. Nas *Grandes Ehoiae* há pelo menos um engano evidente (Ps.-Hes. *Fr.* 198), aplicado por Zeus contra Endímion. Esse herói é mais conhecido devido a seus amores com Selene,¹⁹³ mas nesse poema ele é o ator principal de um engano por ilusão idêntico ao que Zeus aplicou em Íxion (*infra* p. 133 sqq.). O leitor do poema informa, em poucas palavras, que Endímion foi levado para o céu por Zeus, se apaixonou por Hera, foi enganado (παραλογισθῆναι) por uma figura feita de nuvem e foi então lançado ao Hades.

O verbo παραλογίζομαι deriva do substantivo παράλογος, que vem do radical indo-europeu *leg- e se refere basicamente a um ‘erro de cálculo,’ a uma ocorrência imprevista ou não calculada. Esse verbo, um dos derivados de λέγω, pode ser traduzido por ‘enganar,’ em termos abstratos e de acordo com o contexto. De qualquer modo, o radical do verbo não está ligado aos enganos arcaicos e se o fragmento efetivamente reproduz os versos originais, a forma παραλογισθῆναι é sua primeira ocorrência com o sentido de ‘enganar,’ antes do século -IV. Depois de Eurípides há ocorrências, por exemplo, em Aeschin. 3.221; Arist. *Pol.* 1307b e Arist. *Rh.* 1397a.

Perseu, Dânae e Acrísio. O Ps.-Hes. *Fr.* 241 (= *P. Cair.* 45624), atribuído por Merkelbach e West (SMW, *Fr.* 135 ad loc.) às *Ehoiae* e por Most (*Fr.* 241 ad. loc), tentativamente, às *Grandes Ehoiae*, menciona sinteticamente a genealogia de Abas, filho da danaide Hipermestra. Um de seus descendentes, Perseu, nasceu a partir de um engano de Zeus, que seduziu Dânae, filha de Acrísio, na forma de uma “chuva de ouro” (241.2-5):

.....]Ἀβας· ὃ δ' ἄρ' Ἀκρίσιον τέ[κεθ' υἱόν.
..... Περσῆα, τὸν εἰς ἄλλα λά[ρνακι
..... ἄ]νέτειλε Διὶ χρυσεῖ[

¹⁹² Em algumas versões, Actéon foi punido porque cortejou sua tia Sêmele, reservada a Zeus (Stesich. *Fr.* 236, p. 122; Acus. 2 F 33). Em *Ba.* 337-40 (*infra* p. 251), Eurípides afirmou que ele foi punido por dizer que caçava melhor do que Ártemis.

¹⁹³ Para as diversas variantes do mito de Endímion, ver GANTZ (1993, p. 35).

....].ηι Περσῆα φίλον τ[	5
... ... Abas. Ele engendrou um filho, Acrísio.	
... ... Perseu, que no mar, em uma caixa	
... ... teve para Zeus dourad...	
... ... o querido Perseu ...	5

Aqui, apesar da falta do léxico, o engano pode ser deduzido a partir de certos detalhes do fragmento, como a caixa em que Dânae e Perseu foram lançados ao mar e a menção a Zeus e ao ouro. Tudo isso será esclarecido por autores posteriores, entre eles Píndaro (*P.* 12.17-8: *infra* p. 135) e o próprio Eurípides: ver análise da *Dan.* (*infra* p. 301) e do *Arch.* (*infra* p. 331).

7. Poesia lírica

7.1 Os líricos mais antigos

Arquíloco de Paros. Possivelmente o mais antigo dos poetas líricos.¹⁹⁴ Apesar do pequeno tamanho dos fragmentos, há sinais da presença do engano. O *Fr.* 286 pode ter originalmente contido o engano de Nesso contra Hércules, que conhecemos graças a descrições posteriores (ver p. 107 e 124), mas apenas uma citação sugestiva e muito posterior desse engano sobreviveu (D. Chr. 60.1). Os *Fr.* 24, 184 e 298 têm vocábulos do léxico do engano, mas não foi conservada a descrição do engano propriamente dito: [ ]ν ἔστι **μηχανή**, ‘... existe um plano’ (*Fr.* 24); τῇ μὲν ὕδωρ ἐφόρει / **δολοφρον(έου)σα** χειρί, θήτερη δὲ πῦρ, ‘água ela carregava na / mão, com enganosa intenção, e na outra, fogo’ (*Fr.* 184) e Ζεὺς ἐν θεοῖσι μάντις **ἄψευδέστατος**, ‘Zeus é, dentre os deuses, o mais verdadeiro’¹⁹⁵ dos videntes’ (*Fr.* 298).¹⁹⁶ No *Fr.* 128.1 temos o vocábulo ἀμηχάνοισι, que eventualmente pode estar ligado ao engano, mas sem o contexto exato nada se pode afirmar. No *Fr.* 173, finalmente, que contém uma de suas invectivas contra Licambes, o poeta menciona ter sido vítima de um perjúrio, e talvez de um perjúrio intencional, recurso muito usado por enganadores como Hermes, Autólico e Odisseu

¹⁹⁴ Há, na verdade, uma certa superposição entre as datas habitualmente atribuídas a Arquíloco de Paros (n. -700/-650), a Semônides de Amorgos e a Calino de Éfeso (ambos *fl.* c. -650) pelos eruditos. Para as datas de Arquíloco, ver LAVELLE, 2002.

¹⁹⁵ Lit. ‘o menos mentiroso’.

¹⁹⁶ O *Fr.* 298 está entre os *fragmenta dubia* de Arquíloco (ver Gerber, p. 272 e p. 275, nota 1).

(*supra* p. 96):

ὄρκον δ' ἐνοσφίσθης μέγαν
ἄλας τε καὶ τράπεζαν.

e puseste de lado o grande juramento
(que juraste) pelo sal e pela mesa.

Semônides e Mimnermo. De Semônides de Amorgos temos apenas o v. 94 do *Fr.* 7, no qual o poeta faz uma referência à μηχανή, ao ‘plano, artifício’ de Zeus, quando o deus criou os diversos tipos de mulher de acordo com modelos animais — segundo Semônides, naturalmente.

O *Fr.* 1.3 de Mimnermo de Cólofon contém a expressão κρυπταδίη φιλότης, ‘amor secreto’, que aparentemente segue a concepção homérica e hesiódica (*supra* p. 41 sqq. e p. 84, respectivamente) do caráter enganador da sedução amorosa. Cito também, mas com reserva, o *Fr.* 22, considerado dubio ou espúrio pelos editores, que contém uma passagem do Σ Ps.-Lyc. 610, atribuída pelo escoliasta a Mimnermo: καὶ ἐλθεῖν εἰς Ἰταλίαν πρὸς Δαῦνον βασιλέα, ὅστις αὐτὸν <δόλωι> ἀνεῖλεν, ‘ele (= Diomedes) fugiu para a Itália, para junto do rei Dauno, que o matou através de uma armadilha’. Minha hesitação se deve principalmente ao fato de a palavra δόλωι ter sido suprida por Scheer (v. 2, ad loc.), editor do escólio.

Safo de Mitilene. A poetisa não deixou de mencionar o vínculo entre amor e engano, já abordado por [Homero], Hesíodo e Mimnermo, nos primeiros vv. de seu *Fr.* 1:

⊗ Ποικιλόθροιν' ἄθανάτ' Ἀφρόδιτα,
παῖ Διὸς δολιόπλοκε, λίσσομαί σε,

Imortal Afrodite, do trono ricamente trabalhado,
filha de Zeus, tecelã de ardis, eu te suplico.

Note-se que Safo também mencionou a antiga relação entre tecer e enganar, que remonta ao engano de Penélope contra os pretendentes (*supra* p. 78). Πλόκος, o segundo componente de δολοπλόκος, tem o mesmo radical de πλέκω, ‘trançar, entrelaçar, tecer’ (πλ^ε/οκ-). Esse verbo, metaforicamente, pode ser traduzido por ‘tramar enganos.’

Em outro verso (*Fr.* 94.1), a poetisa menciona brevemente e por oposição os enganos que envolvem a decepção amorosa (REINACH, 1902, p. 65): τεθνάκην δ' ἁδόλως θέλω, ‘eu

queria, honestamente,¹⁹⁷ estar morta.’ A persuasão (πειθώ, *Fr.* 1.18 e 97.29) é um componente reconhecido dos enganos do amor e, nos poemas de Safo, a persuasão personificada, juntamente com seus truques e enganos (JARRAT, 2002, p. 21), está diretamente associada a Afrodite. No *Fr.* 90.5-8 (= *P. Oxy.* 2293 *fr.* 1a col. ii ≅ *Fr.* 200), um antigo e anônimo comentarista lembra que até mesmo ἔν ἄλλοις δὲ θυγατέρα (τῆς) Ἀφροδίτης εἶρηκε τῇ[ν] Πειθώ, ‘em outras (passagens) ela chamou Persuasão de filha de Afrodite.’

Alceu de Mitilene. Mais ou menos na mesma época, Alceu de Mitilene, no *Fr.* 283, associou amor e engano de forma bem mais enfática, ao descrever o conhecido mito do “rapto” de Helena por Páris / Alexandre através do léxico do engano:

κ' Ἀλένας ἐν στήθε[ε]σιν [ἐ]πτ[ό]αισε θῦμον Ἀργείας, Τροίῳ δ' [ὕ]π' ἄν[δ]ρος ἐκμάνεισα ξ[εν]ναπάτα 'πί π[ό]ντον ἔσπετο νᾶϊ, (...)	5
πειθ' ἔρω(ι) θῦμο[	9
e (Afrodite?) agitou no peito o coração da Argiva Helena, e pelo homem de Troia, o enganador de anfitriões, enlouquecida, no mar acompanhou-o em uma nau, (...)	5
em seu âmago persuadida pelo amor	9

Note-se que aqui o verbo πείθω, ‘persuadir’ (v. 9) está indubitavelmente associado ao engano amoroso e, naturalmente, a Afrodite. Alceu também caracterizou com precisão o troiano Alexandre, enganador de Menelau e violador das sagradas leis da hospitalidade, através do substantivo composto ξεναπάτης, ‘aquele que engana o hospedeiro / anfitrião’ que sintetiza a um só tempo as duas ideias (ξένος + ἀπατάω). Em Heródoto (2.113-20) há também uma versão em prosa do rapto de Helena que contém várias referências desairosas aos enganos perpetrados por Alexandre contra Menelau.

Em outros poemas, Alceu descreveu também outros tipos de engano. No *Fr.* 38A encontramos a mais antiga descrição, ainda que parcial, de um dos enganos de Sísifo, considera-

¹⁹⁷ Lit. ‘sem enganos’. Ver BURNETT, 1979, p. 21-3, que propõe na p. 22 a seguinte leitura do *Fr.* 94.1: *I don't deceive you, I want to die.*

do pelo poeta da *Il.* (6.153) e por Píndaro (*O.* 13.52) o mais ardiloso e enganador de todos os mortais:

καὶ γὰρ Σίσυφος Αἰολίδαις βασιλεὺς [ἔφα
ἄνδρων πλεῖστα **νοησάμενος** [θανάτῳ κρέτην·
ἀλλὰ καὶ **πολύιδρις** ἔων ὑπὰ κᾶρι¹⁹⁸ [δὶς
διννάεντ' Ἀχέροντ' ἐπέραισε, (...)

e o rei Sísifo, filho de Éolo, considerado
o maior dos homens, pensou ser mais poderoso do que a morte;
embora muito hábil, por força do destino duas vezes
atravessou o turbilhonante Aqueronte,¹⁹⁹ (...)

Os detalhes não mencionados por Alceu e seus antecessores foram supridos pelo ateniense Fércides (3 F 119): Sísifo conseguira prender Tânato, a morte, e consequentemente ninguém morria. Algum tempo depois, porém, Ares conseguiu libertar Tânato e entregou Sísifo a ele. Mas o providente Sísifo instruíra a esposa a não lhe prestar honras fúnebres e, por isso, Hades permitiu que ele voltasse para censurá-la.²⁰⁰ De novo entre os vivos, o espertalhão ficou em Corinto até morrer de velhice, mas aí teve que voltar ao mundo subterrâneo pela segunda e última vez e foi então exemplarmente punido (ver *Od.* 11.593-600). Há dois vocábulos circunstanciais do engano: uma forma verbal do conhecido verbo *voéō* e o adjetivo *πολύιδρις*, ‘muito hábil / sábio’. A segunda parte do adjetivo, *ιδρις*, tem o mesmo radical de *εἶδωλον* (*supra* p. 44), **weid-*, que pode assumir o significado de ‘ter conhecimento por ter visto’, i.e., ‘saber’ ou ‘ter habilidade’.²⁰¹

No *Fr.* 349, Alceu cantou o já conhecido engano de Hefesto contra Hera, parte do mito do retorno de Hefesto ao Olimpo (*supra* p. 92), que envolve também os deuses Ares e Dioniso.²⁰² O fragmento pertencia, aparentemente, a um hino dedicado ao nascimento de Hefesto e

¹⁹⁸ O antigo substantivo *κῆρ* remonta aos poemas homéricos, onde tem o sentido básico de ‘morte’ ou ‘destruição’ (e.g. *Il.* 2.302, *Od.* 17.547). Também representa uma antiga divindade (*Κῆρ*) ou divindades (*Κῆρες*) – Quer / Queres – que traz / trazem morte violenta. Nos dialetos eólico e dórico, grafa-se *Kᾱr* e *Kᾱρες*. Na *Il.*, às vezes a palavra assume o sentido de ‘destino’, especialmente no plural (e.g. 8.73). Ver GANTZ (1993, p. 7-9).

¹⁹⁹ Um dos rios do Hades (*Od.* 10.513-5).

²⁰⁰ Sobre a ideia de que sem rituais apropriados o morto não é admitido no mundo subterrâneo, ver *Il.* 23.65-79 e o livro de JOHNSTON (1999, p. 9-11), com referências.

²⁰¹ É também o mesmo radical de *οἶδα*, ‘saber’, pf. do verbo *εἶδω.

²⁰² Alguns editores atribuem o *Fr.* 381, *Ἐρραφέωτ', οὐ γὰρ ἄναξ*, ‘Cabrito, o senhor não ...’, também ao hino a Hefesto de Alceu, por se tratar de provável menção a Dioniso. *Εἰραφιότης*, cujo radical se refere prova-

é constituído quatro pequenos trechos de várias partes do poema original, cada uma delas conservada por uma fonte diferente:

ὥστε θεῶν μηδ' ἔν' Ὀλυμπίων	(a)
λῦσ' ἄτερ φέθεν	
ὁ δ' Ἄρευς φαῖσί κεν Ἄφαιστον ἄγην βίαι	(b)
εἰς τῶν δυοκαιδέκων	(c)
γέλαν δ' ἀθάνατοι θεοί	(d)

... de modo que nenhum dos deuses Olímpicos
a libertasse, exceto ele ...
... e Ares disse que traria Hefesto à força ...
... um dos doze ...
... e os deuses imortais riam ...

O engano não é mencionado diretamente e não foi utilizado o léxico do engano, mas o episódio é bem conhecido e não é difícil preencher as lacunas: Hefesto enganou e prendeu Hera com laços inextrincáveis que só ele sabia soltar (a); Ares ameaçou ou tentou trazer o irmão à força, para soltar Hera (b); depois de tudo resolvido, Dioniso foi admitido entre os doze grandes deuses do Olimpo (c); finalmente, durante a interação habitual entre os deuses, Hefesto era capaz de despertar o riso (cf. *Il.* 1.595-600 e *Od.* 8.325-7).

Pausânias (7.20.4 = Alc. *Fr.* 308c) lembrava-se de um *hino a Hermes* composto por Alceu, pelo menos um século antes do autor do *h. Merc.* (*supra* p. 90 sqq.), no qual o poeta igualmente contou ὡς ὁ Ἑρμῆς βοῦς ὑφέλοιτο τοῦ Ἀπόλλωνος, ‘como Hermes roubou o gado de Apolo’ na ocasião do nascimento do deus (Alc. *Fr.* 308a-b e d). No *Fr.* 306c.1 sobreviveram apenas alguns vocábulos esparsos do léxico do engano utilizado por Alceu, como κλοπή e κλ]οπήν, ‘roubo’ (vv. 13 e 19, respectivamente). No *Fr.* 308d, conservado por Horácio, consta que Apolo riu ao perceber que Hermes roubara até mesmo sua aljava: *uiduus pharetra risit Apollo*, ‘Apolo riu ao se ver sem aljava’ (Hor. *Carm.* 1.10.11-12). Ao mencionar o *hino*, utilizou o verbo ὑφαιρέω, que já vimos na discussão dos enganos dos *Cypr.* (*supra* p. 103).

Temos também uma interessante informação do Σ Ar. Av. 1648 sobre a ocorrência do engano no léxico de Alceu (*Fr.* 445):

---

velmente a ‘cabrito’ (ἔριφος, ver HUMBERT, 1936, p. 177, nota 1), é um conhecido epíteto de Dioniso (e.g. *h. Hom.* 1a.2, 1d.8 e 11; *Orph. H.* 48.2).

τῷ διαβάλλεται χρῶνται ἐπὶ τοῦ ἐξαπατᾶν ... παρόμοιον δὲ καὶ τὸ Ὀμηρικὸν “παραβλήδην ἀγορεύων” καὶ παρ’ Ἀλκαίῳ “παραβάλλεται σε.”

Eles usam διαβάλλεται, ‘desacreditam’, no sentido de ἐξαπατᾶν, ‘enganar’ ... É similar à expressão homérica “dizendo obliquamente” (*Il.* 4. 6) e também à de Alceu, “eles te enganam.”

O poeta também utilizou alguns vocábulos do engano já discutidos anteriormente em poemas onde o estado altamente fragmentário dos versos impede a determinação do contexto ou, pior ainda, a autoria. O primeiro exemplo é certamente de Alceu: ὁ δ’ ὥς ἀλώπα[/ ποικ[ι]λόφρων,²⁰³ ‘ele, como a raposa / de muitos ardis’ (*Fr.* 69.6-7). O segundo exemplo pode ser de Alceu ou de Safo: δολοπ[λόκω] Κύ[π]ριδ[ος], ‘Cípris, tecedora de enganos’ (*Sapph.* uel *Alc. Fr. inc.* 42.7; cf. *Sapph. Fr.* 1.1-2, *supra* p. 114).

Sólon de Atenas. Em suas elegias há apenas um engano importante, mencionado ironicamente por ele mesmo (*Fr.* 33.3-4) ao recorrer a uma metáfora de caçador para explicar aos amigos, na terceira pessoa, porque recusara a tirania (*Plu. Sol.* 14):

περιβαλὼν δ’ ἄγρην ἀγασθεὶς οὐκ ἐπέσπασεν μέγα
δίκτυον, θυμοῦ θ’ ἀμαρτῇ καὶ φρενῶν ἀποσφαλεῖς·

Envolvida a caça, maravilhado, não puxou a grande
rede, enganado simultaneamente por mente e coração.

Essa é a primeira ocorrência conhecida do radical *σφαῖ/-, cujo sentido concreto é ‘fazer alguém cair durante a luta’, ‘derrubar’, e daí o sentido figurado, ‘enganar, trapacear’. Em Sólon, o participio aoristo passivo de ἀποσφάλλω, derivado do verbo σφάλλω, ‘enganar’, aparece em um verso trocaico afim à estrutura métrica da tragédia clássica, e em Ésquilo encontramos a primeira ocorrência do radical entre os poetas trágicos (ἀποσφαλεῖσιν, *Pers.* 392). A referência à rede (δίκτυον) usada por caçadores e pescadores (e.g. *Od.* 22.386), é uma óbvia metáfora aos enganos praticados por eles para apanhar suas presas, e.g. espreitas, emboscadas, iscas... e essa metáfora se tornou muito comum na poesia trágica, pelo menos a partir de Ésquilo.²⁰⁴ O

²⁰³ = ποικιλομήτης (LSJ, s.u.). Eurípides recorreu ao vocábulo em *Hec.* 131 para se referir a Odisseu. Ver a análise da tragédia *infra* p. 175 sqq.

²⁰⁴ Antes de Ésquilo, o radical aparece uma vez na *Od.* (22.386), uma vez nas *Ehoiae* (*Fr.* 8), na forma de nome próprio e, possivelmente, uma vez em Píndaro (*Fr. inc.* 260). Na obra de Ésquilo, se incluirmos o discuti-

radical *δικτῷσ-, ‘ação daquele que lança’, pode ter origem pré-helênica e já aparece nas tabuinhas micênicas, sob a forma concreta de-ku-tu-wo-ko, que possivelmente significa ‘fabricante de redes’.²⁰⁵

Íbico. No v. 10 do *Fr.* 282a (= *P. Oxy.* 1790 *fr.* 1), o poeta menciona o ξειναπάτ[α]ν Π[άρι]ν, ‘Páris, o enganador de hospedeiros / anfitriões’, evocando portanto o mesmo engano abordado por Alceu no *Fr.* 283 (*supra* p. 115) através do mesmo vocábulo (ξεναπάτης).

Nos primeiros versos do mesmo fragmento encontramos a versão de Íbico do plano de Zeus para a guerra de Troia (*Fr.* 282a.1-9) e o bem sucedido resultado do enganoso empreendimento divino:

...]αὶ Δαρδανίδα Πριάμοιο μέ-
γ' ἄς]τυ περικλεῆς ὄλβιον ἠνάρων
Ἄργ]οθεν ὀρνυμένοι
Ζη]νὸς μεγάλιο βουλαῖς
ξα]νθαῖς Ἑλένας περὶ εἶδει
δῆ]ριν πολύμνον ἔχ[ο]ντες
πό]λεμον κατὰ [δ]ακρ[υό]εντα,
Πέρ]γαμον δ' ἀνέ[β]α ταλαπεῖριον ἄ]τα
χρυ]σοέθειραν δ[ι]ὰ Κύπριδα.

5

... do filho de Dárdano, Príamo, a
grande cidade, afamada e abençoada, destruíram,
erguendo-se desde Argos
segundo os planos do grande Zeus
para a figura da loura Helena,
suportando decantada disputa
na guerra em tudo pranteada.
A ruína destruiu a muito sofrida Pérgamo
por causa de Cípris de dourados cabelos.

5

Note-se, além do vocábulo circunstancial do engano βουλή (v. 4) para marcar o plano de Zeus, que o poeta atribuiu a culpa dos enganamentos que vitimaram Troia mais a Cípris (Afrodite) do que a Helena, consoante o tradicional vínculo entre amor e engano estabelecido desde os poemas homéricos. Lembro ademais que ἄτα é a forma dórica de ἄτη, ‘turvação de espírito’,

do *Prometeu Acorrentado*, há pelo menos 20 ocorrências. Ver análise da E. *El. infra* p. 184.

²⁰⁵ Ver transcrição da tabuinha em Linear B *supra* p. 15.

designação das falsas crenças induzidas nos mortais pelos deuses, personificadas pela enganadora divindade Ἄρτη.

Estesícoro. Um dos mais conhecidos enganos da cultura grega, o do “fantasma de Helena”, é tradicionalmente associado ao poeta Estesícoro de Himera a partir do testemunho de Platão (*Phdr.* 243a; *R.* 586c). No *Fedro*, Platão lembra que Estesícoro perdeu a visão quando cantou a versão homérica do mito de Helena (talvez no poema Ἐλένη, *Fr.* 187-91) e que a recuperou depois de compor uma *Palinódia* (gr. Παλιννοιδία = *Retratação*, lit. *Canto Contrário*). Na opinião de ALLAN (2008, p. 19-22), no entanto, Estesícoro ‘blasfemou’ (Isoc. 10.64) contra Helena e se retratou em um mesmo poema.

Diversos outros comentadores antigos (Isoc. 10.64, Aristid. *Pan.* 131, D. Chr. 11.40) apoiam a primazia de Estesícoro, embora um escoliasta (Σ Ps.-Lyc. 822) tenha sustentado, com bem menos credibilidade (WOODBURY, 1967, p. 159), que o fantasma já havia sido mencionado por “Hesíodo” (*Fr. inc.* 358). GRIFFITH (2002, p. 241-3), no entanto, concorda com a versão de que Estesícoro não foi o primeiro poeta a mencionar o fantasma de Helena, mas baseia suas convicções somente nas possíveis semelhanças entre esse fantasma e o fantasma de Ifigênia, que teria sido criado por Ártemis para enganar os gregos em Áulis (*Ehoiae Fr.* 19: *supra* p. 105). Eu particularmente concordo com a semelhança, mas não creio que, com os dados disponíveis no momento, seja lícito retroagir o fantasma de Helena além de Estesícoro. É bem verdade que Helena tem, desde os poemas homéricos, nítidos vínculos com imagens enganosas e a especial habilidade de ver além das aparências (MELTZER, 2006, p. 200). Na *Il.*, reconheceu Afrodite disfarçada sob a forma de uma anciã que ela conhecia (*Il.* 3.385-99); na *Od.*, identificou Telêmaco antes do jovem se dar a conhecer (4.138-46), praticamente descobriu o engano do cavalo de madeira (4.271-89) e, finalmente, conseguiu perceber Odisseu por baixo dos horríveis trajes de mendigo, durante a aventura de espionagem do herói em Troia (4.240-58). Mas isso é, a meu ver, insuficiente para retirar de Estesícoro o mérito de ter sido o primeiro poeta a cantar o fantasma de Helena.

Os únicos e poucos versos das *Palinódias* (*Fr.* 192-3) que chegaram até nós foram descritos, mas só parcialmente reproduzidos por Platão (*Phdr.* 243a) e não mencionam diretamente o engano. Na *R.* 586c, no entanto, o filósofo afirmou que gregos e troianos combateram em Troia ἀγνοῖαι τοῦ ἀληθοῦς, ‘por ignorância da verdade’, diplomática e eufemística expres-

são que simplesmente significa que os dois lados foram totalmente enganados. Enfim, tudo o que sabemos sobre a(s) Palinódia(s) se baseia nos testemunhos mencionados acima e no anônimo autor do *P. Oxy.* 2506 (*fr.* 26, col. i), datado do século II, que confirma a versão de que um fantasma de Helena esteve em Troia e que a verdadeira Helena permaneceu no Egito, com Proteu. Esse Proteu, segundo Heródoto (2.112), não era um deus (cf. *Od.* 4.384-6: *supra* p. 62), mas um faraó originário de Mênfis, que teria consagrado um templo a Helena em seu jardim.

ALLAN (2008, p. 20-1) fez, a meu ver com toda razão, um notável paralelo entre o fantasma de Eneias (*Il.* 5.445-53: *supra* p. 44), criado por Apolo para enganar gregos e troianos que lutaram ‘em volta’ do fantasma²⁰⁶ durante uma das batalhas, e o fantasma de Helena, criado igualmente para confundir os dois lados (*Pl. R.* 586c) durante a guerra de Troia. No caso de Helena, porém, a divindade que criou o fantasma não é mencionada por nenhuma de nossas fontes sobre as obras perdidas de Estesícoro. Eurípides diz que foi Hera quem criou a imagem (*Hel.* 31-5: *infra* p. 223).

Sabe-se, graças ao *Fr.* S 127 (= *P. Oxy.* 2619 *fr.* 41), que Estesícoro escreveu um poema intitulado *O Cavalo de Madeira* (*Ἰππ[ος] δοῦρ[ε]τος*, *Stesich. Fr.* S 88-132), que pode igualmente ter sido parte de um outro poema mais longo, *O Saque de Troia* (gr. Ἰλίου Πέρσις, *Stesich. Fr.* 196-205). O autor não deve ter deixado de descrever ou de pelo menos mencionar os diversos enganos envolvidos no episódio, descritos no estudo da *Od.* (*supra* p. 65), da *Il. Parv.* (*supra* p. 99) e do *Il. Pers.* (*supra* p. 99). O *Fr.* S 88 (= *P. Oxy.* 2619 *fr.* 1+47 col. ii), especificamente, parece mostrar a discussão entre os troianos a respeito da entrada do cavalo abandonado na cidadela. O fragmento seguinte (S 89 = *P. Oxy.* 2619 *fr.* 15b+30+31) mostra certamente um engano, possivelmente o de Sínon (nota 110, p. 66), que resultou na entrada do cavalo em Troia:

νῦν δ' ἄ[σ]εν [χα]λεπῶς πα[ρὰ] καλλιρόους
 δίνα[ς] Σιμόεντος ἀνὴρ [
 θ]εῖ[α]ς ἰ[ό]τατι δαεῖς σεμν]ῆς Ἀθάνας
 μέτ[ρα] τε καὶ σοφίαν, τοῦ [
 ]ος ἀντὶ μάχα[ς]

e agora (nos) enganou cruelmente, junto aos redemoinhos

5

²⁰⁶ Ou ‘por causa’: ἀμφί, *Il.* 5.451.

do Simoente de belo fluir, um homem ...
ao ensinar, pela vontade da augusta deusa Atena,
as medidas e também a astúcia dele
... ao invés de lutar ...

Μέτρα, ‘medidas’, provavelmente se refere ao tamanho do cavalo (maior do que as portas de Troia), um dos elementos do engano desse episódio, e a forma aorística ἄσεν pertence ao já conhecido verbo ἄω, ‘turvar o espírito, enganar’ (supra p. 42). O substantivo σοφία, rad. σοφ-, cuja etimologia é desconhecida e não havia sido ainda mencionado, significa ‘inteligência, habilidade’²⁰⁷ e pode ser usado, metaforicamente, no sentido de ‘astúcia’ e, portanto, de ‘engano.’

Em um fragmento (S 15 = *P. Oxy.* 2617 fr. 4+5 col. ii) do poema *Gerioneida* (gr. Γαρυονήϊς), Estesícoro utilizou o vocábulo ἐπικλοπάδαν, ‘manhosamente’, que pertence ao léxico do engano épico (e.g. *Od.* 13.291), para descrever a flecha embebida com os fluidos da Hidra de Lerna, colocada por Héracles na testa do monstruoso Gerion. Pode-se argumentar que molhar uma flecha no mortal sangue da Hidra é um procedimento enganoso, tanto quanto as drogas de Circe e de Helena (*supra* p. 69), mas o contexto em que Héracles a utilizou não configura propriamente um engano, pois os dois oponentes estavam obviamente lutando frente a frente e uma flechada na testa não precisa da ajuda de nenhum veneno para matar.

Estesícoro também compôs uma *Oresteia* (*Fr.* 210-9), que certamente continha os enganos envolvidos no assassinato de Agamêmnon e na sangrenta vingança de Orestes e Elektra. Esses enganos serão discutidos mais à frente, na análise da *El.* (*infra* p. 181). Na *Oresteia* o poeta também mencionou outra filha de Agamêmnon, Ifigênia (*Fr.* 215 e 217), e talvez tenha descrito algum dos enganos envolvidos em seu pretenso sacrifício em Áulis, discutidos *supra* (*Cypria*: p. 102; *Ehoiae*: p. 105) e *infra*, na *IT* (p. 202) e na *IA* (p. 251).

No *Fr.* 236, finalmente, o poeta abordou a lenda de Acteón e, certamente, o engano por ilusão que o vitimou (cf. *Ehoiae Fr.* 161-2, p. 111). Segundo Pausânias (9.2.3), Estesícoro escreveu que ἐλάφου περιβαλεῖν δέρμα Ἀκταίωνι τὴν θεόν, ‘a deusa envolveu Acteon com uma pele de corça’, i.e., efetivamente transformou-o em uma corça, uma vez que Ártemis não tinha qualquer motivo para recorrer a um engano por ilusão do tipo humano.

²⁰⁷ A mais antiga ocorrência desse radical encontra-se na *Il.* 15.412, onde foi empregado em relação à ‘habilidade técnica’ do construtor de navios, sob a proteção da deusa Atena.

Hipônax. Um dos fragmentos do *P. Argent.* 3, que alguns estudiosos atribuem ora a Hipônax, ora a Arquíloco (KIRKWOOD, 1961), tem ligações com o engano. Nos vv. 10-11 do Hippon. *Fr.* 117, usualmente atribuído a Hipônax, temos um nítido engano, certamente relacionado com um roubo ou furto, pois o autor pouco antes, no v. 8, chama o destinatário do poema de φῶρα, ‘ladroão’. Eis os versos referentes ao engano:

ἐκεῖνος ἡμερσέ[ν σε τῆς ἀπαρτί]ης, ²⁰⁸	10
πᾶς δὲ πέφηνε δό[λος].	
Ele te roubou o espólio,	10
e todo o engano ficou evidente.	

Note-se que o verbo ἀμέρδω, ‘privar de’, está circunstancialmente vinculado ao engano ao assumir o sentido de ‘fraudar, roubar’ (e.g. *Il.* 16.52). A origem de seu radical é desconhecida.

Teógnis. As ocorrências do engano em Teógnis e na *Theognidea* são, predominantemente, ligados à ética do engano, mas duas delas fogem um pouco do usual contexto moralizante dessa coleção. Na primeira (Thgn. 58-60 ≅ 1110-14), o poeta descreve o comportamento habitual de seus conterrâneos de forma muito semelhante à da anedota contada por Heródoto em meados do século -V (*supra* p. 21):

(...) τίς κεν ταῦτ' ἀνέχοιτ' ἐσορῶν;
 ἀλλήλους δ' ἀπατῶσιν ἐπ' ἀλλήλοισι γελῶντες,
 οὔτε κακῶν γνώμας εἰδότες οὔτ' ἀγαθῶν.
 Quem suportaria ver essas coisas?
 Eles enganam uns ao outros, zombando uns dos outros,
 sem meios de saber como parecem tanto os maus quanto os bons.²⁰⁹

Na segunda ocorrência (Thgn. 702-12), a título de *exemplum* (ver HENDERSON, 1983), é rapidamente contada uma parte do mito de Sísifo:

πλείονα δ' εἰδείης Σισύφου Αἰολίδεω,
 ὅστε καὶ ἐξ Αἰδέω πολυῦδρίησιν ἀνῆλθεν

²⁰⁸ Na edição de Gerber, [ν σε . . . . .]ης. Adotei a conjectura de West: [ν σε τῆς ἀπαρτί]ης.

²⁰⁹ Teógnis utiliza, em suas elegias, ἀγαθός e ἐσθλός para se referir aos aristocratas, e κακός e δειλός para os homens “do povo” (ver KONSTAN, 1997, p. 71).

πείσας Περσεφόνην αἰμυλίοισι λόγοις, (...)	704
ἄλλ' ἄρα κάκειθεν πάλιν ἦλυθε Σίσυφος ἥρως ἐς φάος ἡελίου σφῆισι πολυφροσύναις –	711
saiba mais do que Sísifo, filho de Éolo, que através de suas habilidades também voltou do Hades, tendo enganado Perséfone com manhosas palavras, (...)	704
mas até desse lugar o herói Sísifo retornou para a luz do sol, graças à sua grande sabedoria –	711

Note-se o recurso extensivo ao léxico circunstancial do engano, associado também ao campo semântico da μῆτις, e a utilização do adjetivo πολύϊδρις, ‘muito sábio, hábil’, para designar eufemisticamente a sagacidade e a capacidade de enganar de Sísifo.

7.2 Baquilídes e Píndaro

Embora a cronologia de Baquilídes seja ainda um tanto incerta, a maioria dos estudiosos acredita que Baquilídes e Píndaro tinham aproximadamente a mesma idade. Suas obras mais antigas datam do fim do Período Arcaico e das primeiras décadas do Período Clássico, mas o engano não adentra o século -V somente com os líricos, pois alguns dos trágicos mais antigos — Frínico e Ésquilo, pelo menos — eram pouco mais velhos do que eles. A data das primeiras tragédias atenienses é semelhante à dos primeiros poemas de Baquilídes e de Píndaro.

Baquilídes: Nesso e Dejanira. O mais importante engano abordado por Baquilídes é o do segundo ditirambo (= B. 16), no qual reencontramos o centauro Nesso e sua involuntária “auxiliar”, Dejanira, esposa de Héracles. O episódio foi descrito anteriormente pelo autor das *Ehoiae* (*supra* p. 107)²¹⁰ e Baquilídes retoma o engano de forma resumida (JEBB, 1905, p. 222; PLATTER, 1994, p. 338), porém inequívoca nos vv. 23-35:

τότ' ἄμαχος δαίμων Δαῖτανείραι πολύδακρυν ὕφα[νε μῆτιν ἐπίφρον' ἐπεῖ	25

²¹⁰ No controvertido *Fr.* 64 de Baquilídes (= *P. Berol.* 16140; ver SNELL, 1940), anteriormente atribuído a Píndaro, há uma variante da tentativa de rapto de Dejanira por Nesso, mas sem menção ao filtro venenoso... nele, Héracles mata o centauro com sua clava, e não com uma flecha.

πύθετ' ἀγγελίαν ταλαπενθέα, Ἴολαν ὅτι λευκώλενον Διὸς υἱὸς ἀταρβομάχας ἄλογον λιπαρὸ[ν] ποτὶ δόμον πέμ[π]οι. ἃ δύσμορος, ἃ τάλ[αι]ν', οἷον ἐμήσατ[ο]. φθόνος εὐρυβίης νιν ἀπώλεσεν, δνόφεόν τε κάλυμμα τῶν ὕστερον ἐχομένων, ὅτ' ἐπὶ {ποταμῶι} ῥοδόεντι Λυκόρμαι δέξατο Νέσσου πάρα δαιμόνιον τέρ[ας].	30 35
E então a inconquistável divindade para Dejanira urdiu o muito lamentado e astucioso plano, quando ela soube das aflitivas notícias de que Iole de alvos braços o filho de Zeus, o que não teme o combate, enviara à sua brilhante casa para ser sua esposa. Ah, desafortunada, ah, infeliz, o que tramaste! Um violento ciúme a destruiu, com o sombrio véu que o futuro encobriu, quando nas róseas margens do rio Licormas recebeu de Nesso o sinal da divindade.	25 30 35

Note-se o uso de vocábulos já conhecidos nos vv. 24, 25 e 30 e, em especial, a expressão épica ὑφαίνω μῆτιν, 'urdir um plano', já discutida a propósito de Odisseu e Penélope na *Od.* (p. 78 sqq.).²¹¹ Apesar do engano preparado e executado por Dejanira contra Hércules ter sido descrito com todas as características de uma μηχανή feminina (v. 30), desencadeada por uma outra μηχανή complexa (o engano de Nesso contra Dejanira, v. 35), que também se desenvolve dentro da esfera humana, Baquílides apresenta todo o episódio como um plano divino (δαίμων, v. 23; δαιμόνιον, v. 35), possível metáfora do inflexível e predeterminado destino dos seres humanos.²¹² Ou seria uma alusão mais ou menos obscura à deusa Hera, a grande divindade enganadora da *Il.*, que perseguiu Hércules durante toda sua existência, a começar pelo

²¹¹ Essa mesma expressão, ὑφαίνω μῆτιν, foi utilizada por Baquílides em seu terceiro ditirambo (B. 17.51-2) para descrever um plano de Mínos contra o jovem Teseu, sem conotações enganosas. Mínos não escondeu sua intenção de provocar a morte de Teseu.

²¹² Campbell (Camp. 4, p. 213, nota 8) associou o δαίμων dos vv. 23 e 35 a um genérico e anônimo 'Destino', assim como, de certo modo, PLATTER (1994, p. 346-8). Para uma discussão mais detalhada desse e de outros aspectos do ditirambo, ver o artigo de Platter.

nascimento?²¹³ Baquílides efetivamente deixa esse aspecto do poema à imaginação do leitor — técnica que, aliás, utilizava com alguma frequência, particularmente nos ditirambos (PLATTER, 1994, p. 339).

Baquílides: Pasífae e o touro. O engano de Pasífae contra o touro de Creta, que resultou na concepção do Minotauro, foi descrito por Baquílides na fragmentária *ode* 26, que corresponde aparentemente a um ditirambo. Eis o texto completo do papiro (*P. Oxy.* 2364 *fr.* 1):

φρα . [	
Πασι[φ]ά[α	
ἐν Κύπ[ρις φύτευσε	
πόθον [	
Εὐπαλά[μοι'] νίε[ι]	5
τεκτόν[ω]ν σοφω[τάτῳ]	
φράσε Δαιδάλωι ἄσπετον	
νόσον· ὄρκια πισ[τ'] ἔλαβε ξυλίναν	
τ]ε τεύχειν κέλευ[σε βοῦν, ἵνα	
μείξειε ταυρείῳ σ[θένει δέμας	10
κρύπτουσα σύννο[μον εὐνὰν	
Μίνωα [τ]οξοδάμαν[τα,	
Κνωσσίων στρατα[γέταν·	
ὁ δ' ἐπεὶ μάθε μῦθο[ν	
σχέτο φροντίδι· δε[ῖσε γὰρ	15
.....]ἀλόχου[	
...	
em Pasífae	
Cípris produziu	
desejo ...	
ao filho de Eupalamo,	5
o mais hábil dos artífices,	
Dédalo, revelou ela indizível	
doença; juramentos leais tomou (ela) e de madeira	
uma vaca instou-o a preparar, para	
unir seu corpo ao vigor taurino,	10
escondendo (isso) de seu companheiro de leito,	
Minos, o que conquista com o arco,	
comandante dos homens de Cnossos;	
quando ele soube da história,	

²¹³ Na verdade, Hera começou a perseguir Hércules quando ele ainda no útero da mãe, e já com um engano (*Il.* 19.91-133: *supra* p. 41).

ficou preocupado, pois temeu
... da esposa ...

Aqui, os vocábulos associados às concretas habilidades de artífice (τέκτων σοφός, 6) de Dédalo assumem também uma conotação nitidamente enganosa, pois foi ele, em última análise, o criador do artifício que permitiu a Pasífae enganar o touro e conceber o Minotauro. O verbo κρύπτω (11), além de acentuar o caráter enganador do procedimento de Pasífae, configura um duplo engano, i.e., a rainha enganou o touro e ao mesmo tempo enganou seu marido.

Até onde sei, esse é o único exemplo de engano empreendido por um ser humano contra um animal, o que torna o tradicional mito da zoofilia de Pasífae ainda mais espantoso.

Baquílides: *uaria*. Em outras odes de Baquílides, a presença do engano é incidental e bem menos definida. No primeiro ditirambo (*Fr.* 15.57-61), o poeta menciona os ‘volúveis enganos’, αἰόλοις κέρδεσσι (15.57) de Ὑβρις, a ‘Desmedida’, no contexto associada a Páris, o raptor de Helena. No v. 116 do terceiro ditirambo (= *B.* 17), o poeta se refere à deusa do amor como δόλιος Ἀφροδίτα, ‘a enganosa Afrodite’, acompanhando assim seus antecessores no reconhecimento da associação entre amor e engano (ver, *supra* a nota 53, p. 40, e as discussões das p. 84, 115 e 114). No *Fr.* 10, provavelmente pertencente a um ditirambo, Baquílides cantou o bem sucedido engano de Zeus contra Europa, ocasião em que o deus assumiu a forma de um touro para enganá-la e seduzí-la (engano por ilusão do tipo “divino”). O poeta provavelmente recorreu ao vocabulário do engano, a julgar pelo testemunho do escoliasta de [Homero] que descreveu a versão de Baquílides (Σ^{AB} *Il.* 12.292): οὕτως τε τὴν Εὐρώπην ἀπατήσας ... , ‘depois de enganar Europa desse modo ...’. Outra forma do mesmo vocábulo, ἀπατα[η]ς, reconstituído a partir do fragmento de uma canção amorosa (ἐρωτική) atribuída com alguma relutância a Baquílides (*Fr.* 19 = *P. Oxy.* 2361 *fr.* 1),²¹⁴ não pôde ser ainda identificada com nenhum contexto mítico conhecido. Em um trecho do *Fr.* 26, conservado por Clemente de Alexandria, o engano aparece em contexto gnômico: οὐ γὰρ ὑπόκλοπον φορεῖ βροτοῖσι φωνάεντα λόγον, ‘pois não há engano na voz dotada de fala levada aos mortais’. Note-se a ocorrência do já conhecido radical κλέ/οπ-, que significa primariamente ‘roubar’.

Nemeias 7 e 8: Píndaro e Odisseu. Antes de discutir os enganos da sétima e da oitava

²¹⁴ Para Campbell (*Camp.* 4, p. 273, nota 1), o fragmento também pode ser de Píndaro ou de Anacreonte.

Nemeia de Píndaro, é preciso fazer uma breve digressão sobre a queda do prestígio de Odisseu entre os poetas arcaicos posteriores a [Homero]. A astúcia, a capacidade de enganar e a habilidade guerreira do herói eram muito valorizadas pelos poetas da *Il.* e da *Od.*, mas posteriormente a apreciação dessas características começou a declinar e Odisseu foi então colocado sob luzes um pouco diferentes. Segundo PRATT (1983, p. 58-9), reconheceu-se provavelmente que alguém tão hábil em mentiras e em enganos para sair de situações adversas e perigosas seria, igualmente, capaz de usar essas habilidades contra amigos e aliados em determinadas circunstâncias. Essa diminuição e até inversão do “prestígio heroico” de Odisseu²¹⁵ começou, por assim dizer, com os poetas cíclicos. Pelo menos dois exemplos chegaram até nós, um da *Il. Parv.* e outro dos *Cypr.* Na *Il. Parv. Fr. 11* (*supra* p. 99) o poeta conta que Odisseu tentou matar Diomedes à traição, logo depois do roubo do paládio, e o autor dos *Cypr.* (*Arg. 5-6*, ver p. 98), por sua vez, relata que Odisseu recorreu a um engano para evitar sua ida a Troia, detectado e exposto por Palamedes. Essa visão negativa de Odisseu foi posteriormente incorporada pelos poetas trágicos, que inspiraram suas tragédias sobre a Guerra de Troia mais nos poemas cíclicos do que nos poemas homéricos (HOPKINSON, 2000, p. 14).

Pouco antes ou pouco depois das tragédias mais antigas, encontramos muita hostilidade contra Odisseu nas odes de Píndaro. Ele dizia, por exemplo, que Palamedes o ultrapassava em σοφία (*Fr. 260*),²¹⁶ mas se vê realmente o quanto Odisseu não era apreciado nos vv. 20-21 da sétima *Nemeia*, quando poeta diz francamente que a história de Odisseu se tornou maior do que devia graças aos “doces versos de Homero.” E na oitava *Nemeia* (32-4), escrita mais ou menos uma década depois, ao mencionar a disputa pelas armas de Aquiles entre Ájax e Odisseu, vencida por Odisseu (*Aeth. Arg. 4*; *Il. Parv. Arg. 1* e *Fr. 2*), Píndaro insinuou que Odisseu tinha inveja de Ájax e que venceu o pleito graças a enganosas qualidades retóricas, e não ao seu valor como guerreiro (23-7). E finalmente comentou, através do léxico do engano (32-4):

(...) ἐχθρὰ δ' ἄρα **πάρφασις** ἦν καὶ πάλαι,
αἰμύλων μύθων ὁμόφοι-
τος, **δολοφραδής**, κακοποιὸν ὄνειδος·
ἃ τὸ μὲν λαμπρὸν βιάται,
τῶν δ' ἀφάντων κῦδος ἀντείνει σαθρόν.

²¹⁵ O texto básico para a comparação entre os dois extremos, o Odisseu homérico (visão positiva) e o Odisseu trágico (visão negativa) é o estudo de STANFORD (1968, especialmente p. 108-117).

²¹⁶ Reconstituição de SLATER (1969, s.u. Ὀδυσσεύς, Ὀδυσεύς). Ver também HENRY (1999).

(...) a detestável fala enganosa também existia antigamente,
 companheira de adadoras histó-
 rias, mente astuta, nociva desgraça;
 ela suprime o que é claro,
 e glória defeituosa estende aos obscuros.

O radical *δολο-* (33) é bem conhecido, mas *παράφασις* (32), lit. ‘encantamento, engodo’, que Píndaro vincula diretamente a Odisseu, em sua obra tem o sentido de ‘informação falsa’ e se traduz como ‘fala enganosa’ (LSJ, s.u.; também SLATER, 1969, s.u.). O radical básico de *παράφασις* é o mesmo do antigo verbo *φημί* (**bheə₂-*), ‘falar’.

Nemeia 5: Peleu e Hipólita. Dois anos depois, Píndaro contou detalhadamente a história do jovem Peleu, de Acasto, rei de Iolco, e de Hipólita, filha de Creteu e esposa de Acasto, mencionada anteriormente pelo poeta das *Ehoiae* (Fr. 149-50, p. 109), na N. 5.25-34:

(...): αἰ δὲ πρότιστον μὲν ὕμνη- 25
 σαν Διὸς ἀρχόμεναι σεμνὰν Θέτιν
 Πηλέα θ', ὥς τέ νιν ἄβρα
 Κρηϊθεῖς Ἰππολύτα δόλῳι πεδᾶσαι
 ἤθελε ξυνᾶνα Μαγνήτων σκοπόν
πείσαισ' ἀκοίταν ποικίλοις **βουλευμασιν**,
ψεύσταν δὲ ποιητὸν συνέπαξε λόγον,
 ὥς ἦρα νυμφείας ἐπεῖρα 30
 κεῖνος ἐν λέκτροις Ἀκάστου
 εὐνᾶς: τὸ δ' ἐναντίον ἔσκεν· πολλὰ γάρ νιν παντὶ θυμῷ
 παρφαμένα λιτάνευεν.
 τοῖο δ' ὄργαν κνίζον αἰπεινοὶ λόγοι·
 εὐθὺς δ' ἀπανάνατο νύμφαν,
 ξεινίου πατρὸς χόλον 33
 δείσαις: (...)

(...); elas começaram primeiro 25
 por Zeus e (a seguir) cantaram a sagrada Tétis
 e Peleu, e como a graciosa Hipólita,
 filha de Creteu, o enredou em um engano.
 Ela o desejava, e ao guardião dos Magnésios,
 seu marido, convenceu com intrincados planos.
 Construiu uma história falsa, inventada,
 de que atentara contra as núpcias, 30
 ele [sc. Peleu], contra o leito de Acasto,
 mas foi o contrário: muitas vezes ela, de todo coração,

rogava e lhe falava docemente,
 mas ele encolerizou-se com as impetuosas palavras
 e recusou francamente a jovem casada,
 temendo a cólera do pai da
 hospitalidade;²¹⁷ (...) 33

Todos os elementos do conhecido tema de Putifar (supra p. 48) estão presentes: a mulher sedutora e mentirosa, o jovem herói virtuoso, o marido enganado pela calúnia da esposa contra o hóspede. Os radicais do vocabulário do engano são conhecidos: δόλος (26), βούλευμα (28) e πείθω (28), este utilizado no sentido de convencer alguém sendo mentiroso (ψεύστης, 29). Como vimos na análise do episódio de Belerofonte e Anteia (supra p. 48), há enganos dentro de enganos.

Nemeia 4: Peleu e Hipólita de novo. Posteriormente, na quarta *Nemeia*, o poeta voltou a utilizar esse mesmo engano, mais uma vez com muitos detalhes e com uma informação adicional sobre as providências tomadas por Acasto e suas consequências (54-61):

Παλίου δὲ πὰρ ποδὶ λατρίαν Ἰαολκόν
 πολεμίας χερὶ προστραπών 55
 Πηλεὺς παρέδωκεν Αἰμόνεσσιν
 δάμαρτος Ἰππολύτας Ἀκάστου **δολίαις**
τέχναισι χρησάμενος·
 τᾷ Δαιδάλου δὲ μαχαίραι φύτευέ οἱ θάνατον
 ἐκ **λόχου** Πελῖας παῖς· ἄλλακε δὲ Χίρων, 60
 καὶ τὸ μόρσιμον Διόθεν πεπρωμένον ἔκφερεν·
 Mas, junto ao sopé do Pélion, contra Iolco
 a aguerrida mão estendeu 55
 Peleu, entregando-a escravizada aos hemones,²¹⁸
 depois de as enganosas artes de Hipólita, esposa
 de Acasto, ter experimentado.
 Pela espada do Habilidoso a morte dele planejou,
 em emboscada, o filho de Pélias; mas Quíron a afastou 60
 e cumpriu o destino estabelecido por Zeus.

Note-se, nessa passagem, a presença dos radicais δολο- e *tek^s-, ligados ao engano de Hipólita-

²¹⁷ Ξεινίου πατρός é uma referência a Ζεὺς ξένιος, i.e., a Zeus enquanto protetor da hospitalidade.

²¹⁸ Povo tessaliano que vivia perto de Iolco e de outras regiões da Tessália (ver CHRISTOPOULOS, 1974, p. 368; HORNBLLOWER, 2004, p. 171).

ta, e o radical $\lambda^e/\chi^e/o-$, ligado à emboscada preparada por Acasto para punir o suposto violador das sagradas leis da hospitalidade. Píndaro informa que a emboscada envolvia uma espada e falhou, graças a Quíron, mas não dá outros detalhes. Felizmente para nós, o escoliasta (Σ Pi. N. 4.95 = *Ehoiae Fr.* 150) foi mais generoso e mencionou o mal sucedido engano de Acasto através do léxico do engano, contando que o rei evitara matar Peleu e concebera o seguinte plano ($\beta\omicron\upsilon\lambda\eta$): esconder ($\kappa\rho\upsilon\psi\alpha\iota$) a espada do herói no Monte Pélion, para que ele ficasse à mercê dos Centauros enquanto a procurava. Píndaro provavelmente utilizou $\delta\alpha\acute{\iota}\delta\alpha\lambda\omicron\varsigma$, ‘habilitoso, astucioso’, como epíteto de Hefesto ou de Hermes (cf. *Il.* 8.195 e *Hes. Op.* 64, em que o adjetivo foi usado em relação às obras de Hefesto). Segundo o escoliasta, foi Hefesto ($\pi\epsilon\rho\iota\kappa\lambda\upsilon\tau\omicron\varsigma$ Ἀμφιγυήεις, ‘o renomado Coxo’) quem deu a Peleu a maravilhosa espada, que o fazia ser bem-sucedido nas caçadas e, naturalmente, vencedor nas lutas.

Olímpica 1: Tântalo e Pélops. Na primeira *Olímpica*, o poeta apresenta as duas versões mais antigas do mito de Pélops. A primeira versão, que Píndaro credits a seus antecessores (36) e é sumariamente mencionada (24-6; 48-51), foi celebrizada décadas depois pela *Oresteia* esquiliana e pela *IT* de Eurípides (*infra* p. 208): em um banquete, Tântalo serviu aos deuses pedaços de Pélops, então um menino, para testar sua onisciência; mas os deuses não foram enganados, reviveram Pélops²¹⁹ e castigaram exemplarmente Tântalo (*Od.* 11.582-92). O poeta considerou absurda e enganosa essa versão (52-3), declarando enfaticamente — através do léxico do engano já conhecido — que (28-9)²²⁰

ἢ θαύματα πολλά, καὶ πού τι καὶ βροτῶν φάτις ὑπὲρ τὸν ἀλαθῆ λόγον δεδαιδαλμένοι ψεύδεσι ποικίλοις ἐξαπατῶντι μῦθοι.	28b
maravilhas há muitas, mas sem dúvida entre os mortais também um rumor ultrapassa o relato verdadeiro; histórias exageradas enganam através de retorcidas mentiras.	28b

Na versão da lenda que considera verdadeira (25-6; 35-66), o poeta conta que Posídon se apaixonou pelo jovem e belo Pélops e levou-o para o Olimpo, onde ele viveu algum tempo e,

²¹⁹ Baquílides também conhecia a história da ressurreição de Pélops (ver *Fr.* 42).

²²⁰ Essa difícil passagem tem sido muito discutida, mas as diversas lições não alteram substancialmente o sentido (PUECH, 1931, p. 27, nota 5). Na tradução, levei em conta a interpretação preconizada por VERDENIUS (1988, p. 18-20).

quando Tântalo foi punido pelos deuses devido a uma outra transgressão, Pélops foi devolvido ao palácio do pai. Segundo Píndaro, devido ao súbito desaparecimento e à longa ausência de Pélops, vizinhos invejosos (47) inventaram a história que se tornou a variante mais conhecida do episódio, o que configura uma tentativa de racionalização da variante mais antiga do mito.

Peã 6: a morte de Aquiles. Em um trecho do sexto *Peã* (= *Fr.* 52f.74-86), reconstituído através de diversos papiros fragmentários,²²¹ Píndaro menciona rapidamente a morte de Aquiles, cantada anteriormente pelo poeta da *Aeth.* (*supra* p. 100), pelas mãos de Apolo:

πανθοῶ[ν ²²² – υ υ – υ υ –	
δ' ἐς Τροίαν υ υ υ – υ υ	75
ἦνεγκε[ν υ υ – θρασυμή-	
δεα πάϊς [– υ –	
υ υ – υ –] / ὃν ἐμβαλ[λ – – υ – υ –	
Πάριος ἐκ[αβόλος βροτη-	
σίωι δέμαϊ θεός,	80
Ἰλίου δὲ θῆκεν ἄφαρ	
ὀπιτέραν ἄλωσιν,	
κυανοπλόκοιο παῖδα ποντίας	
Θέτιος βιατάν,	
πιστὸν ἔρκος Ἀχαι-	85
ῶν, θρασεῖ φόνωι πεδάσας·	
... rápido ...	
e para Troia ...	75
trouxe ... resolu-	
tos (?) filho ...	
... / que atingiria (?) ...	
na mortal forma de Páris,	
o deus que de longe atira,	80
e a captura de Ílion	
afastou de imediato,	
ao poderoso filho da (ninfa) do mar	
Tétis, de escuros cabelos,	
confiável defensor dos Aqueus,	85
enredando em audaciosa morte.	

²²¹ A passagem em questão está no *P. Oxy.* 841, conhecido desde 1908.

²²² SM: πανθοῶ[ν. Race: Πανθοῶ[. Pântoo (gr. Πάνθοος) era um sacerdote troiano (*Il.* 3.146; Verg. *Aen.* 2.319 e 430).

Note-se que a morte de Aquiles ocorreu, segundo Píndaro, graças a um típico e “divino” engano por ilusão de Apolo contra Aquiles. O caráter enganoso do plano de Apolo transparece também no verbo *πεδάω*, lit. ‘atar com grilhões’ (85), que traduzi por ‘enredar’ para marcar bem seu vínculo circunstancial com o engano. Seu radical (*πεδ-*) é o mesmo de *πούς*, ‘pés’ (**pōd-*), mas com vocalismo -ε-.

Pítica 2: Íxion. Na segunda *Pítica* (21-48), o poeta conta a história de Íxion, rei dos Lápitias, povo do sudeste da Tessália, e seu mito contém dois enganos: o primeiro, executado pelo próprio Íxion e o segundo, por Zeus. No primeiro caso, Íxion foi o enganador; no segundo, o enganado. Quando cortejou sua esposa, Dia, Íxion prometera ao futuro sogro, Dioneu (ou Eoneu), diversos presentes, conforme o costume, mas não os entregou; ao ser cobrado, atraiu Dioneu a uma armadilha cheia de carvões em brasa e o matou.²²³ O crime despertou tamanho horror entre os gregos que ninguém queria purificar o assassino; Zeus, no entanto, fez isso e também admitiu o velhaco no Olimpo. Mas, além de homicida, Íxion era mal agradecido e tentou seduzir Hera, a rainha dos deuses, e enganar amorosamente seu benfeitor, mas Zeus moldou uma nuvem à imagem de sua esposa e assistiu, divertido, à sedução da nuvem semelhante a Hera.

Mas tamanho desrespeito naturalmente não podia ficar impune e mais tarde Zeus providenciou para que Íxion fosse atado a uma roda de fogo, destinada a girar ininterruptamente por toda a eternidade, e para que ele repetisse ininterruptamente as palavras ‘retribui teu benfeitor com gentileza’ (24). Píndaro recorreu três vezes a vocábulos já conhecidos do léxico do engano: ao se referir ao assassinato de Dioneu, disse que Íxion agiu *οὐκ ἄτερ τέχνας*, ‘não sem um logro’ (32), e ao mencionar a criação da nuvem, *δόλον ... Ζηνός*, ‘ardil de Zeus’ (39-40), *ψεῦδος γλυκύ*, ‘doce mentira’ (37).

Nemeias 3 e 4: Peleu e Tétis. Na terceira *Nemeia*, Píndaro retornou ao mitos de Peleu para descrever como *ποντίαν Θέτιν κατέμαρψεν ἐγκονητί*, ‘pegou Tétis, a (ninf) do mar, com esforço’ (35-36), nítida alusão ao engano que a deusa empregou para tentar evitar seu casamento com um mortal, decretado por deuses mais poderosos (*Il.* 24.534-7, *Ehoiae Fr.* 151, *Pi. N.* 5.34-7 e *I.* 8.26a-49). A mais antiga representação desse malogrado engano é, provavel-

²²³ Esse detalhe é dado por *A. Fr.* 184 e 186-186a (*As Perrébias*: ver p. 328 sqq.), e por *Σ Pi. P.* 2.40.

mente, o da arca de Cípselo, de c. -658/-628,²²⁴ descrito por Pausânias no século II (5.18.5). A cena mostrava Peleu agarrando Tétis, do corpo da ninfa emergindo uma serpente que ameaçava o herói. Sabemos, a partir de cenas semelhantes em vasos de figuras negras pouco mais recentes,²²⁵ que a deusa mudou de forma várias vezes para enganar e se livrar do “noivo”, mais ou menos como Proteu tentou inutilmente fugir de Menelau, na *Od.* (*supra* p. 62 sqq.). Posteriormente, na *quarta* Nemeia (vv. 62-5), Píndaro fez o mais antigo relato literário disponível das metamorfoses de Tétis.

Pítica 3: Corônís e Apolo. Na terceira *Pítica*, temos um relato da audaciosa atitude de Corônís, mãe de Asclépio, de enganar amorosamente Apolo com Ísquis, um simples mortal (24-37)²²⁶, episódio provavelmente já contado anteriormente pelo autor das *Ehoiae* ou das *Grandes Ehoiae* (*Fr.* 239). Píndaro recorreu a diversos vocábulos especializados, específicos ou circunstanciais: Coronis οὐδ’ ἔλαθε σκοπόν, ‘não enganou a vigilância’ (27); seus atos foram ψευδέων, ‘falsidades’ (29), ἄθεμιν τε δόλον, ‘e um ímpio engano’ (32); κλέπτει τέ μιν / οὐ θεὸς οὐ βροτὸς ἔργοις οὔτε βουλαῖς, ‘nem deus nem mortal o engana [sc. Apolo], nem com atos e nem com planos’ (29-30).

O verbo λανθάνω (rad. λᾶθ- ?) significa, literalmente, ‘deixar de notar’, mas no contexto em que Píndaro o empregou, ‘não iludir ou não fugir da vigilância’ (i.e., sem deixar de ser notada), ele pode ser evidentemente traduzido por ‘enganar’.

Pítica 4. Os Argonautas. Na quarta *Pítica*, que contém o mais antigo relato da juventude de Jasão e da viagem dos Argonautas que chegou aos nossos dias, o poeta não descreve especificamente nenhum engano e faz apenas rápidas referências a enganos conhecidos. Nos vv. 159-62, fala de Frixo e Ino, personagens de engano aproveitado posteriormente por Eurípides nas suas tragédias *Phr. A* e *Phr. B* (*infra* p. 319 sqq.), porém não relatado nem por Píndaro e nem pelos poetas anteriores. Depois, conta que os semideuses que acompanharam Jasão na aventura foram inspirados pela παμπειθῇ ... Ἥρα, ‘toda-persuasiva ... Hera’ (184), epíteto que

²²⁴ As datas correspondem às três décadas de duração da tirania de Cípselo em Corinto (Hdt. 5.92, Arist. *Pol.* 1315b), aceitas pela maioria dos historiadores. Ver SEALEY (1976, p. 53).

²²⁵ Um dos mais antigos é uma ânfora mélica conservada em Kavala, Αρχαιολογικό Μουσείο Καβάλας A108. Uma breve lista com outros vasos um pouco mais recentes está disponível em GANTZ, 1993, p. 229.

²²⁶ A rigor, tentar enganar uma divindade é uma forma de autoengano... Píndaro utilizou a expressão μεγάλην ἀνάταν, ‘enorme delusão’ para qualificar a atitude de Corônís (*P.* 3.24).

evoca a enganadora Hera dos poemas homéricos (*supra* p. 41); que Medeia se uniu a Jasão instigada por Πειθώ, a persuasão personificada (219), sem dúvida vinculável à sedução amorosa e aos enganos nela envolvidos (*supra* p. 84 e 114; Pi. *P.* 9.38-43; E. *Med.* 526-8); e que Medeia foi a matadora de Pélias (250) e que ele morreu em consequência de βουλαῖς ἀκνάμπτοις, ‘inflexíveis desígnios’ (72). O conhecido substantivo βουλή faz certamente referência ao engano utilizado pela feiticeira, aproveitado por Eurípides na tragédia *Pld.* (*infra* p. 260).

Nemeia 10: Zeus e Alcmena. Na décima *Nemeia*, provavelmente o mais recente dos epínicios do *corpus pindaricum*, o poeta menciona o disfarce utilizado por Zeus para enganar Alcmena, a casta esposa de Anfitrião, e gerar Héracles (10.15-7):

(...) τῷ ὅψιν ἐειδόμενος	15
ἀθανάτων βασιλεὺς αὐτὰν ἐσῆλθεν,	
σπέρμ’ ἀδείμαντον φέρων Ἡρακλέος·	
(...) mostrando-se com o aspecto dele [sc. Anfitrião],	15
o rei dos imortais entrou na casa	
levando a destemida semente de Héracles.	

Trata-se certamente de um divino engano por ilusão, em que o poeta dispensou o uso do léxico específico, recorrendo apenas ao verbo *εἶδω, ‘ser, parecer’ (15) para marcar circunstancialmente a ilusão. Esse é o começo da história que resultou na gravidez de Alcmena e, na *Il.* 19.91-133 (*supra* p. 41) em um dos mais interessantes enganos praticados por Hera.

Na mesma ode (55-90), Píndaro dá diversos detalhes sobre o roubo do gado de Idas e Linceu pelos Dióscuros, já conhecido pelo autor dos *Cypr.*, mas sem recorrer ao léxico do engano. Os enganos envolvidos no episódio já foram discutidos anteriormente, na p. 103.

Enganos pindáricos diversos. Os enganos dos últimos parágrafos são os mais significativos dentre os poemas de Píndaro, no escopo deste trabalho; em algumas pequenas passagens, no entanto, o poeta fez também menções rápidas e sucintas a outros enganos conhecidos através de outros autores.

Na 12ª *Pítica*, provavelmente a mais antiga das odes pindáricas, o poeta mencionou rapidamente o nascimento de Perseu (17-8), fruto de um dos mais célebres enganos por ilusão de Zeus, já conhecido pelo poeta das *Grandes Ehoiae* (*supra* p. 112), mas sem recorrer ao léxico especializado. Na segunda *Olímpica* e na terceira *Pítica* há também breves menções a

Sêmele, filha de Cadmo, morta por um raio (*O.* 2.25-7 e *P.* 3.98-9), episódio que teoricamente contém um engano de Hera, descrito anos depois por Eurípides em *Ba.* (*infra* p. 242 sqq.). Na 11ª *Pítica*, apontou o δόλου ... δυσπενθέος ‘amargamente lamentado engano’ (18) de Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon, já comentado durante a análise da *Od.* (*supra* p. 82), o envio do pequeno Orestes para junto de Estrófio, na Fócida (11.15-22 e 34-5; *infra* p. 181) e a vingança de Orestes (11.36-7) contra os assassinos do pai, que seria dramatizado na forma de engano alguns anos depois pelos três grandes trágicos (*infra* p. 180 sqq.).²²⁷ Na *décima* Olímpica (*O.* 10.31-6), o poeta fala de Augias, o rei da Élide que enganou Héracles durante o seu quinto trabalho com uma mentira. Na 13ª *Olímpica*, o ardiloso Sísifo é lembrado através de epíteto circunstancialmente ligado ao engano, πυκνότατον παλάμαις ὥς θεόν, ‘sagacíssimo em astúcias como um deus’ (*O.* 13.52). O substantivo παλάμη, concretamente ‘palma da mão’ e metaforicamente ‘habilidade, astúcia’, vem de uma antiga radical indo-europeu (*p^hl₂- + -μ-, cf. lat. *palma*) e faz parte do vocabulário da μήτις e do vocabulário circunstancial do engano. Na 7ª *Ístmica*, Píndaro fez uma espécie de “transferência de enganos” (5-7), ao associar a chuva de ouro, disfarce utilizado por Zeus para enganar e seduzir Dânae, ao engano que o deus empreendeu contra Alcmena a fim de engendrar Héracles (cf. Σ Pi. *I.* 6(7).10).

E no *Fr.* 283, talvez parte de um dititambo (SM v. 2 ad loc.), o poeta abordou mais uma vez o engano descrito no mito do retorno de Hefesto ao Olimpo: (Ἥρα) παρὰ Πινδάρῳι ... ὑπὸ Ἡφαίστου δεσμεύεται ἐν τῷ ὑπ’ αὐτοῦ κατασκευασθέντι θρόνῳ, ‘Hera, de acordo com Píndaro ... foi encadeada por Hefesto ao trono construído por ele mesmo.’ A menção a Hera, a Hefesto e ao trono é muito clara (cf. *h. Hom.* 1c.5-14, p. 92 e Alc. *Fr.* 349, p. 116).

²²⁷ Os versos da *P.* 11.15-37 são às vezes chamados de “*Oresteia* de Píndaro.”

ANÁLISE DAS TRAGÉDIAS DE EURÍPIDES

[ἄλ]λὰ καὶ	mas ele também
[ἡῤ]ξ]εν καὶ ἐ-	a aumentou e a-
[τε]λείωσεν	perfeíçoo
ὥς τε τοῖς	de modo a
μετ' αὐτὸν	não deixar (nada)
ὑπερβολὴν	para seus suces-
μὴ λιπεῖν·	sores incrementarem.
[κ]ατὰ μὲν οὖν	Era essa, de fato,
[τ]ὴν τέχνην	a arte
[ἄ]νθρωποι τοιοῦ-	desse ho-
τος·	mem [sc. Eurípides].

Satyr. *Fr.* 8 (= *P. Oxy.* 1176, s. II)

1. As tragédias integrais

1.1 *Alceste* (Ἀλκηστις)²²⁸

O enredo da *Alc.*, a mais antiga das tragédias euripidianas integralmente conservadas, se baseia no mito do retorno de Alceste após sua morte, associado por Eurípides ao ciclo de Héracles. O herói teria ajudado Alceste durante sua passagem por Feras, na Tessália, a caminho de seu oitavo Trabalho, a captura das éguas antropófagas do trácio Diomedes. A partir do Período Clássico, os “12 Trabalhos” de Héracles costumam ser denominados ‘disputas’, ἄθλοι, as façanhas realizadas por ocasião dos trabalhos, ‘trabalhos paralelos’, πάρεργα, e todas as outras aventuras, ‘feitos’, πράξεις (CARPENTER, 1991, p. 117). A aventura de Héracles em Feras é, portanto, um πάρεργον.

Fontes antigas. Alceste era uma das filhas de Pélias, soberano de Iolco, Tessália, que se casara com um dos argonautas, Admeto, rei de Feras (*Il.* 2.711-5; *Od.* 11.256-7; *Hes. Th.* 992-9; *Ehoiae Fr.* 37.16-22; *Pi. P.* 4.93-171; *Pherecyd.* 3 F 105).²²⁹ Admeto e Héracles provavelmente se tornaram amigos durante a expedição à Cólquida.

Embora o mito de Héracles seja muito antigo e remonte, provavelmente, aos tempos micênicos (NILSSON, 1932, p. 187-220), é provável que a sequência canônica de suas numerosas façanhas, que constituem o complexo Ciclo de Héracles, tenha sido estabelecida frouxamente no Período Clássico, e de forma relativamente artificial (CARPENTER, 1991, p. 117). A organização dos principais eventos de sua movimentada vida foram concluídas tardiamente pelos mitógrafos do início da Era Cristã, nomeadamente Diodoro Sículo e o Pseudo-Apolodoro. Diante da antiguidade do Ciclo de Héracles, portanto, as primeiras referências pré-euripidianas ao oitavo Trabalho de Héracles podem ser consideradas relativamente tardias: o hoje perdido “trono” de Amiclas (s. -VI), uma taça de figuras negras de Psiax (c.

²²⁸ Ver Dg. 1, p. 31-83. Diversos aspectos dos enganos presentes na *Alc.*, discutidos na comunicação individual *Três enganos na Alceste de Eurípides*, apresentada durante o XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos (*Amizade e prazer no Mundo Antigo*, Natal, 21-25 de setembro de 2009), embasaram a presente análise.

²²⁹ Pélias é o rei que desencadeou a busca ao toão de ouro (*Pi. P.* 4.156-67) e iniciou o Ciclo dos Argonautas, entre os quais Jasão, Héracles e Admeto devem ser contados. Alceste é possivelmente a interlocutora de Pélias no *Fr.* 603 de Eurípides (*Pld.: infra* p. 260).

-520)²³⁰ e o *Fr.* 166 de Píndaro (KURTZ, 1975).

Poetas trágicos e *Alc.* A parte do mito de Alceste que trata da morte e do retorno ao mundo dos vivos da esposa de Admeto, bem conhecida a partir da representação da tragédia homônima de Eurípides, pode ter sido moldada pelos poetas trágicos que o antecederam. Frínico certamente usou esse tema em sua *Alceste* (Ἀλκηστις, *Fr.* 1c-3),²³¹ representada no fim do século -VI ou no início do século -V, e é possível que Sófocles tenha desenvolvido o mesmo tema, caso seja de sua autoria a tragédia *Admeto* (Ἀδμητος), cuja existência ainda está em discussão.²³²

As escassas informações disponíveis não permitem, infelizmente, qualquer conclusão; por enquanto devemos realmente considerar a *Alc.* de Eurípides nossa fonte mais antiga. Entre os mitógrafos tardios (e.g. Ps.-Apollod. 2.8) o vínculo entre Héracles, Admeto e Alceste está bem estabelecido, provavelmente por causa da influência da *Alc.* euripídiana.

Apolo e as Moiras. O retorno de Alceste da morte tem relação direta com outro antigo mito, o do adiamento da morte de seu marido Admeto. Apolo havia sido castigado por Zeus e precisava servir um mortal durante um ano, e a escolha recaiu sobre Admeto (*Ehoiae Fr.* 58-9). Apolo ficou tão impressionado pelo tratamento recebido em Feras, como simples mortal, que convenceu as Moiras a deixar que Admeto adiasse sua morte, desde que alguém consentisse em morrer em seu lugar — exatamente o que faz Alceste na tragédia de Eurípides. Esse mito era provavelmente antigo e DALE (1961, p. xiii) acredita que esse tema tenha sido abordado, pela primeira vez, na *Alceste* de Frínico, mas não apresenta nenhuma evidência a favor. Mais tarde, nas *Eu.* de Ésquilo,²³³ encontramos pela primeira vez um sucinto relato do episódio durante um debate entre o Coro, formado pelas Erínias, e Apolo (723-8):

²³⁰ Conservada atualmente em Leningrado, Государственный Эрмитаж (Museu Hermitage) 9270.

²³¹ Dessa tragédia temos apenas um testemunho e dois pequenos fragmentos. Pelo menos um deles (*Fr.* 2), σῶμα δ' ἀθαμβὲς ἡγυιοδόνητον / τείρει, 'e o corpo destemido, movido pelo braço (?) / molesta', pode ser uma referência à luta entre Héracles e Tânato (CONACHER, 1967, p. 328). Ver TrGF I (p. 73) e, para um sumário das diferentes emendas e leituras dessa corrompida passagem, DALE (1961, p. xiii-xiv).

²³² Nenhum fragmento conhecido pode ser atribuído a essa tragédia com qualquer grau de certeza. Dois pequenos e incertos fragmentos (851 e 911) podem pertencer ao *Admeto* ou, talvez, a outro drama sofocliano, *Eumelo* (Εὐμήλος, *Fr.* 204-5). Ver TrGF 4 (p. 193, 558 e 580) e LLOYD-JONES (2003, p. 82-3, 373 e 393).

²³³ A *Oresteia* de Ésquilo foi representada pela primeira vez em -458.

ΧΟΡΟΣ

τοιαῦτ' ἔδρασας καὶ Φέρητος ἐν δόμοις·
 Μοίρας **ἔπεισας** ἀφθίτους θεῖναι βροτούς. 724
 (...)
 σύ τοι παλαιὰς διανομὰς καταφθίσας 727
 οἴνῳ **παρηπάφηςας** ἀρχαίας θεάς.

CORO

isso fizeste, no palácio de Feres:
 persuadiste as Moiras a tornar imortais os mortais . 724
 (...)
 tu arruinaste antigas atribuições²³⁴
 e por meio do vinho enganaste velhas deusas.

Note-se o uso que Ésquilo fez dos verbos *πείθω* e *παραπαφίσκω*, ambos vinculados ao engano, e a referência ao vinho como meio de enganar (*supra* p. 69).

Vinte anos depois, Eurípides apresentou sua versão do engano de Apolo contra as Moiras na *Alc.*(10-14; 32-47), fato notado anteriormente por GRUBE (1961, p. 129) e por CONACHER (1967, p. 327). Esse é o primeiro engano da tragédia e ocorre totalmente na esfera divina. Não é mostrado em cena, transparece apenas no diálogo entre Apolo e Tânato e podemos considerá-lo ademais uma *μηχανή* de pequena complexidade, pois exigiu uma única ação para ocorrer. A intenção do deus, explícita, foi proteger Admeto da morte (11-12): *παιδὸς Φέρητος, ὃν θανεῖν ἐρρυσάμην / Μοίρας δολώσας*, ‘no filho de Feres, que protegi da morte / ao enganar as Moiras’. E Tânato confirma (32-4):

οὐκ ἤρκεσέ σοι μόνον Ἀδμήτου
 διακωλῦσαι, Μοίρας **δολίῳι**
σφήλαντι τέχνῃ; (...)
 não protegeste Admeto do destino
 atrapalhando as Moiras, confundindo-as
 com dolosa habilidade? (...)

O poeta não forneceu muitos detalhes do episódio, provavelmente bem conhecido dos atenienses e temporalmente situado antes da ação trágica, mas não deixou de recorrer ao léxico do engano: *δολόω* (12), *δόλιος* (33), *τέχνῃ* e *σφήλαντι* (34). Note-se que traduzi conserva-

²³⁴ Após a *titanomaquia*, Zeus distribuiu as honras e atribuições dos deuses (cf. Hes. *Th.* 390-403; 881-5).

doramente o verbo σφάλλω como ‘confundir’, mas em contexto menos sóbrio, menos trágico, outra possibilidade seria a tradução pelo verbo ‘trapacear’, já que essa façanha de Apolo está intimamente ligada a atributos típicos de um de seus irmãos, Hermes. Do ponto de vista mítico, podemos igualmente associar o ato enganoso de Apolo a outro irmão, Dioniso, que certa vez usou o vinho para “convencer” o relutante Hefesto a voltar para o Olimpo, como vimos no *h. Hom.* 1c (*supra* p. 92) e em outros poemas anteriores a Eurípides (*Alc. Fr.* 349, p. 116; *Pi. Fr.* 283, p. 136). O uso do vinho e outras substâncias químicas com a finalidade de enganar remonta aos poemas homéricos (*supra* p. 69) e, descontada a ambiguidade de suas profecias veiculadas através do Oráculo de Delfos e o episódio da mudança de forma para enganar Aquiles (*supra* p. 132), o engano não costuma ser uma característica específica de Apolo. Para efetivar o engano contra as Moiras o deus teve que usar, por exemplo, recursos e expedientes típicos de seus irmãos Hermes e Dioniso.

Admeto contra Héracles. Três enganos estão presentes na *Alc.* O primeiro deles, como vimos, não é criação de Eurípides, mas dois outros, o de Admeto contra Héracles (509-45) e o de Héracles contra Admeto (1008-158) são, pelo menos enquanto não surgem novas informações sobre os dramas perdidos de Frínico e de Sófocles. O engano de Admeto foi notado pelos estudiosos há tempos (e.g. HARSH, 1944, p. 166).

O segundo engano se dá em cena, ao longo do diálogo entre Admeto e Héracles (509-45), e envolve recursos retóricos característicos das “falsas histórias” da épica. Morta Alceste, mesmo assim o rei acolhe o velho amigo em seu palácio e disfarça o luto pela esposa (551-67). Admeto procura enganar Héracles, para evitar que ele procure outro hospedeiro (538), o que seria uma ‘desgraça’ (539). O diálogo entre ambos tem formato esticomítico e configura um verdadeiro ἀγών: Héracles não quer incomodar o amigo, mas Admeto faz questão de ser incomodado (509-50).²³⁵

ADMETO

Salve, filho de Zeus, do sangue de Perseu!

HÉRACLES

Também te saúdo, Admeto, (feliz) senhor dos Tessálios! 510

Ad. Eu gostaria de ser; conheço bem tua amizade por mim.

Hr. Qual o motivo da cabeça raspada, do evidente luto?

²³⁵ Texto original no *Anexo B*, p. 438.

- Ad. Devo, ainda hoje, sepultar um morto.
 Hr. Que o deus afaste a desgraça de teus filhos!
 Ad. Estão vivos e em casa os filhos que gerei. 515
 Hr. Teu pai realmente estava na idade, se foi ele que partiu.
 Ad. Meu pai vive e também aquela que me deu à luz, ó Héracles.
 Hr. Não foi Alceste, tua esposa, quem morreu?
 Ad. Dupla é a história que, sobre ela, posso te contar.
 Hr. Disseste que ela está morta, ou que ainda está viva? 520
 Ad. Ela existe e não mais existe, o que me causa dor.
 Hr. Não compreendo nada, realmente; dizes coisas obscuras.
 Ad. Não sabes do destino que está reservado a ela?
 Hr. Sei, ela se dispôs a morrer em teu lugar.
 Ad. Como pode então estar viva, se concordou com isso? 525
 Hr. Ah, não chores tua esposa, espera o momento certo.
 Ad. Quem está para morrer, está morto; quem morreu, não mais existe.
 Hr. Existir e não existir são consideradas coisas bem diferentes.
 Ad. Tu fazes a distinção, Héracles, mas eu interpreto assim.
 Hr. Quem lamentas, então? Qual ente querido morreu? 530
 Ad. Uma mulher; falávamos precisamente de uma mulher.
 Hr. Estrangeira, ou alguém que nasceu em tua família?
 Ad. Estrangeira, mas ligada à minha casa.
 Hr. E como, em tua casa, perdeu ela a vida?
 Ad. Morto o pai, foi criada aqui como órfã. 535
 Hr. Ah, Admeto, se eu tivesse te encontrado livre de angústias...
 Ad. O que vais fazer? Que história é essa?
 Hr. Vou me dirigir ao lar de outro hospedeiro.
 Ad. Meu senhor, não! Que essa desgraça não me aconteça.
 Hr. Na hora da angústia, um hóspede que chega é inoportuno. 540
 Ad. Os que morreram, mortos estão. Entra na casa!
 Hr. É vergonhoso hóspedes festejarem ao lado dos que choram.
 Ad. Os quartos de hóspedes ficam à parte, (para lá) nós te levaremos.
 Hr. Deixa-me ir e ficarei infinitamente grato a ti.
 Ad. Não, não deves ir para o lar de outro homem. 545
 Tu, conduze-o aos quartos de hóspedes mais
 afastados da casa, abre e aos atendentes diz para
 disponibilizar alimento em abundância. Fecha bem
 as portas internas: não é conveniente aos que festejam
 ouvir suspiros, e nem aos hóspedes se afligirem. 550

Trata-se, portanto, de um enganoso discurso com elementos retóricos, que gira exclusivamente em torno das técnicas de argumentação que Admeto utilizou para convencer Héracles a não acreditar em suas primeiras impressões. Para GREGORY (1991, p. 43), esse engano de Admeto

é, especificamente, um “nobre engano”, ideia que provavelmente passou pela mente de Eurípides ao compor a *Alc.* ou, pelo menos, ao qualificar de “nobre traição” o engano perpetrado por Teonoé contra o próprio irmão (*Hel.* 1633: *infra* p. 230), anos depois.

O núcleo desse sofisticado engano de Admeto se baseia nas suas palavras dúbias e na pouca vontade (ou incapacidade) de Hércules para entendê-las, recurso utilizado por Ésquilo no *Ag.* 587-616 e 855-974.²³⁶ O Agamêmnon de Ésquilo, assim como o Agamêmnon homérico, não era um bom entendedor (*supra* p. 46) e não se deve esquecer que, na *Alc.*, Eurípides representou um Hércules típico dos dramas satíricos, o “homem forte que precisa sobrepujar o ogre” (SEIDENSTICKER, 2005, p. 50), e não um Sócrates recoberto de pele de leão.²³⁷

O duplo sentido das primeiras palavras de Admeto (511), relativas à sua felicidade atual, preludiam o engano contra Hércules.²³⁸ O herói percebeu, naturalmente, que entrava em uma casa enlutada (512) e concluiu, por exclusão (515-7), que o amigo perdera a esposa (517); as explicações de Admeto, no entanto, desarmaram-no. Se o herói fosse mais desconfiado, o que de certa forma não se justifica em uma conversa informal entre dois amigos que se reencontram, teria percebido tudo, pois Admeto não faltou com a verdade, simplesmente apresentou as partes da verdade que não permitiriam, à primeira vista, identificar a morta. Segundo Aristóteles (*Rh.* 1356a), τοῖς γὰρ ἐπιεικέσι πιστεύομεν μᾶλλον καὶ θᾶπτον, ‘nós confiamos mais e mais rapidamente nos bons’. Assim, o engano foi bem sucedido, pois Hércules decidiu confiar no amigo e aceitou a hospitalidade sem outros questionamentos.

Eurípides não utilizou o vocabulário específico no diálogo entre Admeto e Hércules, e apenas o verbo κρύπτω aparece, de forma subsidiária (561, 857 e 1038). O Coro, justamente, pergunta a Admeto (561): πῶς οὖν ἔκρυπτες τὸν παρόντα δαίμονα, ‘como então escondeste o presente infortúnio?’ São notáveis, igualmente, as palavras que sinalizam o duplo sentido (διπλοῦς, 519) do discurso de Admeto e a obscuridade de suas palavras (ἄσημα, 522). Mais tarde, porém, Hércules recorreu a pelo menos três vocábulos do engano ao lembrar como Ad-

²³⁶ Nessa tragédia, Clitemnestra engana Agamêmnon abertamente, através de mentiras, palavras e frases de duplo sentido. Ver análise da *El.* *infra* p. 182.

²³⁷ Sobre Hércules como *dramatis persona* trágico, ver BUXTON (1985, p. 82-4).

²³⁸ A palavra grega χαῖρε, ‘salve’, usada por Hércules e por Admeto (509-10), pode também significar ‘alegra-te, rejubila-te, sê feliz’. O duplo sentido é praticamente impossível de ser reproduzido em português, por isso introduzi a palavra “feliz” na tradução do verso 510.

meto o enganara,²³⁹ convencendo-o de que a morta não era Alceste: a princípio, o herói pensou que Admeto havia simplesmente mentido a ele (ἐψεύσατο, 808), mas logo concluiu, corretamente, que ele apenas ‘escondeu fatos’ (ἐκρυπτε, 857) e, com isso, o ‘persuadiu’ (ἀλλ’ ἐπειθέ με, 827). Confrontado pelo amigo, Admeto efetivamente reconhece ter escondido a verdade (ἐκρυψα, 1038).

Héracles contra Admeto. Ao se despedir de Tânato, no início do drama (64-76), Apolo profetizou que um homem poderoso, recebido como hóspede na casa de Admeto, iria arrancar-lhe a mulher à força (69). O deus abandonara, nessa altura, os modos de Dioniso e Hermes que utilizara contra as Moiras e retomara uma de suas atividades mais emblemáticas, a profecia. Sem a intermediação da Pítia de Delfos, suas palavras não foram nem dúbias e nem veladas; mas Tânato, confiante em seu próprio poder, não lhe deu a devida atenção (73-6) — indubitavelmente, uma forma de autoengano. A profecia de Apolo não é uma previsão do engano propriamente dito, mas um prelúdio do terceiro engano que Eurípides delineia na tragédia, 1000 versos mais tarde. Depois que Héracles descobre ter sido enganado por Admeto, decide efetivamente emboscar Tânato, lutar, vencê-lo e levar Alceste de volta, derrotando — literalmente — a morte. A emboscada de Héracles contra Tânato deve ser entendida como um subengano inicial e necessário ao engano que ele empreenderia para enganar Admeto. A segunda parte desse engano compreende dois subenganos praticamente simultâneos: o convencimento de Admeto por meio de um discurso enganador, associado a um engano por ilusão do tipo “humano”: Héracles colocará diante de Admeto sua própria, esposa, Alceste, que ele não reconhecerá por causa do véu, que funciona como um disfarce que esconde sua verdadeira identidade.

É durante a entrega de Alceste a Admeto que o herói formalmente engana, por sua vez, o amigo, fazendo-o aceitar a presença de uma mulher — cuja identidade Héracles não revela — em sua enlutada casa. Esse terceiro engano (1008-158), reconhecido já por POLIAKOFF (1982), envolve uma retribuição de Héracles ao amigo, pela admirável hospitalidade (855-60),²⁴⁰ associada a uma pequena vingança: logo o enganado tornar-se-á enganador e o enganador, o enganado. E aqui se nota a consumada arte do mestre: nessa parte final do engano contra Adme-

²³⁹ Sobre o reconhecimento do engano de Admeto por Héracles, ver também BUXTON (1985, p. 87).

²⁴⁰ Na mitologia grega, a pródiga hospitalidade de Admeto perdia apenas para a divina hospitalidade de Hades. Ver nota 155, p. 92.

to, Eurípides faz Héracles recorrer aos mesmos métodos argumentativos que Admeto antes utilizou para enganá-lo, e Admeto comete um erro semelhante ao que Héracles cometera. Pura simetria: o terceiro engano é uma imagem em espelho do segundo engano.

Héracles anuncia seus planos (837-60), condizentes com a profecia de Apolo, embora não mencione o engano que pretende cometer. Nem mesmo o fato de conduzir Alceste velada, pela mão, prenuncia claramente suas enganosas intenções. Héracles e Alceste chegam então ao palácio de Admeto e os dois amigos conversam. No início do diálogo, Héracles censura Admeto brandamente (1008-18) e, logo depois, recorre a uma metáfora esportiva para descrever, sem mentir, seu vitorioso encontro com Tânato (1019-36). Primeiro, ele pede a Admeto: μοι σῶσον, ‘guarda para mim’ esta mulher (1020), e aqui o herói recorre já a uma dubiedade: o verbo σῶζω, ‘salvar, guardar, proteger’, quando se refere a pessoas, pode também significar ‘manter vivo, salvar da morte’ (ver *Il.* 21.238 e *Od.* 9.430). A seguir, uma verdade incontestável: ‘ela chegou às minhas mãos por meio de muitas penas’ (1025). Segue-se a metáfora esportiva, em que o herói diz ter participado de ‘disputas ... dignas do esforço de campeões’ (1026-7), e que um dos prêmios pela vitória era aquela jovem (1032). Héracles diz, a seguir, outras duas verdades, que a obteve ‘com seu esforço’ (1035), e que Admeto havia sido vitorioso, juntamente com ele (1103). O núcleo do engano de Héracles contra Admeto está, portanto, escondido entre algumas verdades. A seguir, em rápidos versos esticomílicos, Eurípides mostra o convencimento de Admeto; suas objeções à presença da jovem velada em sua casa são todas refutadas pelo herói e o rei finalmente cede (1097-1119).

O léxico do engano não foi utilizado e nos versos transparece apenas a insistência persuasiva (1107) da falsa história de Héracles. Admeto, perturbado pela morte da esposa, naturalmente não se dá conta de nada disso. Assim como Héracles desconfiou, a princípio, da morte de Alceste (518), seus instintos o avisaram, ao examinar a jovem velada e achá-la muito parecida com sua falecida esposa (1061-7). Para um simples mortal era, porém, inconcebível pensar que estava diante da esposa sepultada há pouco. Talvez, em condições normais, Admeto lembrasse que seu amigo Héracles não era um ser humano comum. Dada sua natureza de semi-deus, o herói transitava livremente da esfera humana para a esfera divina, e vice-versa; nos vv. 851-2, por exemplo, ele anunciou que, se necessário, desceria à morada de Perséfone e de seu marido, com a mesma simplicidade com que o ateniense Sócrates diria “vou ao Pireu assistir a uma tragédia de Eurípides” (Ael. *VH* 2.13). Admeto certamente não conhecia a ex-

tensão dos poderes do amigo e foi, por isso, enganado por ele. Como Aristóteles teorizaria posteriormente (*Rh.* 1356a), Admeto cometeu o erro de ser persuadido pelos argumentos de um “homem bom” e aceitou-os não pelo conteúdo, mas pelas qualidades morais do argumentador.

Héracles entregou a jovem velada ao amigo como se entrega uma noiva, fazendo-o tomá-la com a mão direita (1115; 1119).²⁴¹ Admeto está, simbolicamente, contraindo novas núpcias²⁴² com sua falecida esposa.²⁴³ Ao desvelar a jovem recebida, como em uma noite de núpcias, finalmente reconhece Alceste (1023-5). A princípio, pensa que se trata de alguma **κέρτομός** χαρά, ‘brincadeira enganadora’ enviada pelos deuses (1125); Hércules, porém, dissipa suas dúvidas (1126-34). A etimologia do radical (κερ-, σκερ- ou outro) do adjetivo κέρτομος é incerta; ele foi utilizado pelo poeta da *Od.* com a noção de ‘insultar’ (22.287), e em *h. Merc.* 338 e *Hes. Op.* 788 com o sentido de ‘zombador, impudente’,²⁴⁴ mas aqui tem a conotação de ‘ilusório, enganador’ e faz parte, portanto, do léxico circunstancial do engano. Sua presença enfatiza a predisposição e a habilidade dos deuses para enganar (ver p. 43 sqq. e p. 332 sqq.), patente na literatura grega desde os poemas homéricos.

Note-se que esse terceiro engano, que culmina na cena de reconhecimento, se desenrola ao longo de muitos versos, ao contrário do segundo engano, que em termos cênicos é relativamente rápido. Como observaram DALE (1961, p. xv) e POLIAKOFF (1982, p. 141), a técnica utilizada por Eurípides, dispor uma longa e tensa cena de engano antes do alívio da ἀναγνώρισις, produziu intenso efeito dramático na plateia bem nos últimos momentos da tragédia.

1.2 *Medeia* (Μήδεια)²⁴⁵

Medeia, neta do deus Hélio, filha de Eetes, rei da Cólquida, e sobrinha da feiticeira Circe, participa ativamente de três ciclos lendários, todos representados na *Med*: o dos Argonautas, o dos antigos reis de Corinto e o dos antigos reis de Atenas. Ela é um dos personagens fa-

²⁴¹ O assim chamado gesto *XEK*, χεῖρα ἐπὶ καρπῶι (REHM, 1994, p. 11-42).

²⁴² Sobre os rituais de casamento na tragédia grega, ver REHM (op. cit.).

²⁴³ Ver também *Hel.* 722-5 (*infra* p. 227).

²⁴⁴ *Hes. Op.* 788-9 é uma passagem ligada ao engano, mas contém apenas referências puramente teóricas a respeito das características de homens nascidos no sexto dia do mês. Outros vocábulos do léxico estão presentes: ψευδός, αἰμύλος e κρύφιος (rad. κρυπ-).

²⁴⁵ Ver Dg. 1, p. 85-155.

voritos de Eurípides²⁴⁶ e é também personagem das *Pel.* (p. 260) e do *Aeg.* (p. 264). *Med.* pode ter sido a primeira das “tragédias com plano e fuga” de Eurípides (*infra* p. 370).

Fontes antigas. As principais fontes anteriores ou contemporâneas de Eurípides sobre Medeia e sua participação na aventura dos Argonautas são Hesíodo (*Th.* 992-1002), o poeta da *Naup.* (*Fr.* 3-8),²⁴⁷ Píndaro (*P.* 4 *passim*, p. 135; *Ol.* 13.53-4), Ferécides (3 F 22) e a tragédia *As Colquidenses* (Κολχίδες, *Fr.* 336-49), de Sófocles.²⁴⁸ Medeia ajudou os Argonautas, prejudicando o próprio pai, casou-se com o herói Jasão e lhe deu um ou mais filhos. Em Iolco, após o retorno da expedição, ajudou-o a se vingar de seu tio Pélias (ver *Pel.*: *infra* p. 260).

Sobre a estada de Medeia e Jasão em Corinto, temos apenas alguns fragmentos da *Corinthiaca* (Ps.-Eumel. *Fr.* 15-25).²⁴⁹ O anônimo autor dessa obra conta, nos *Fr.* 20 e 23, que Medeia e Jasão reinavam em Corinto,²⁵⁰ tiveram filhos e que Medeia tentou, secretamente e sem sucesso, tornar as crianças imortais colocando-as no fogo.²⁵¹ Elas aparentemente morreram durante o processo e, depois disso, o casal se separou. Jasão voltou para Iolco ‘e Medeia partiu,’ ἀπελτεῖν καὶ Μήδειαν; seu destino não é mencionado por [Eumelo]. Aparentemente, Eurípides não inovou ao apresentar Medeia como assassina dos próprios filhos, mas a variante euripídiana de que ela os matou de propósito, para punir Jasão, foi incorporada ao mito e se tornou, daí em diante, a versão canônica. MASTRONARDE (2002, p. 50-7) discutiu alguns outros possíveis elementos pré-euripídianos do mito de Medeia em Corinto e de sua vingança contra Creonte e Jasão, mas as fontes mencionadas são passagens da própria tragédia, escólios tardios ou trechos de autores posteriores a Eurípides ou de datação incerta.

Nos relatos míticos, Medeia tem reputação de σοφή, ‘sábia, sagaz’ e de ἵδρις, ‘hábil’

²⁴⁶ Ver e.g. KNOX (1977, p. 193).

²⁴⁷ Gr. Ναυπάκτια. Poema épico do século -VI, similar às *Ehoiae* (Paus. 10.38.11 = *Naup. test.* 1).

²⁴⁸ REINHARDT (1933, p. 250) e Radt² (TrGF 4, p. 317-9) admitem que essa tragédia é anterior à *Med.*

²⁴⁹ Gr. Κορινθιακά. Trata-se de um épico regional em poesia ou prosa, tradicionalmente – e incorretamente – atribuído a Eumelo de Corinto: esse autor viveu provavelmente no fim do século -VIII, enquanto a *Corintíaca* data da segunda metade do século -VI (ver WEST, 2002, p. 118-28).

²⁵⁰ Segundo o *Fr.* 9 da *Naup.*, Jasão teria emigrado de Iolco para Cócira, onde seu filho mais velho morreu durante uma caçada. Não se sabe se é uma versão alternativa ou um episódio que ocorreu, possivelmente, antes da estada de Jasão e Medeia em Corinto.

²⁵¹ A tentativa de tornar imortal um mortal por meio do fogo é tema recorrente na mitologia grega (e.g. Tétis e Aquiles, Deméter e Demofonte - p. 91, a pira de Hércules - p. 124 e 135) e também em outras culturas. Ver Fz. 2, p. 311-7.

(285, 539), e efetivamente “sua sabedoria é usada para enganar” (HIRATA, 1991, p. 14).²⁵² O nome *Medeia*, assim como os nomes *Sísifo* e *Odisseu*, tornaram-se praticamente um sinônimo da intersecção e complementaridade dos conceitos de sagacidade e engano, i.e., falar nesses três personagens é o mesmo que evocar a capacidade e a habilidade necessárias para o planejamento e realização de enganos. Para todos os gregos, Sísifo, Odisseu e *Medeia* simbolizavam, na máxima extensão possível, a íntima relação entre μήτις e ἀπάτη / δόλος estabelecida no século -VIII pelos poemas homéricos (e.g. *Il.* 3.202). Ao contrário de “Sísifo” e “Odisseu”, no entanto, a própria etimologia do nome “*Medeia*” (Μήδεια) está diretamente ligada a esses conceitos (HUNTER, 2004, p. 456): Μήδεια, μέδομαι, ‘ocupar-se de, pensar, planejar’,²⁵³ μῆδος (só no pl. μῆδαι), ‘conselhos, planos’, todos vêm da mesma antiga raiz indo-europeia, *med-/mēd-.²⁵⁴ E os enganos de *Medeia*, ela mesma reconhece (*Med.* 384-5, 717-8), estão vinculados ao uso de φάρμακα, ‘drogas’ (cf. *Pi. P.* 4.220-37), assim como os de sua tia Circe (q.u. *supra* p. 69).

Poetas trágicos e *Med.* Há uma antiga controvérsia sobre a originalidade do enredo da *Med.* euripídiana, que seria uma “apropriação” da tragédia homônima (Μήδεια, *Fr.* 1-3) do poeta Neofron, ‘de acordo com Dicearco e Aristóteles’ (*E. Med. Arg.* a.25).²⁵⁵ Embora no momento nenhuma conclusão definitiva seja possível, alguns dos mais respeitados estudiosos de Eurípides, e.g. PAGE (1952, p. xxx-xxxvi), LESKY (1972, p. 301), MASTRONARDE (2002, p. 64), LÓPEZ FÉREZ (2002, p. 242) e DIGGLE (2008, p. 411), se inclinam a favor da originalidade de Eurípides.

Duas outras *Medeias* representadas no final do século -V, ambas praticamente conhecidas só pelo título, são certamente posteriores à de Eurípides: a de Eurípides II (*TrGF* 1, p. 94) e a de Melântio (*Fr.* 1?, ver *TrGF* 1, 138). Curiosamente, a lenda de *Medeia* despertou a atenção dos poetas cômicos muito antes de Eurípides: Epicarmo, ativo no fim do século -VI e na

²⁵² Note-se que o adjetivo ἰδρις está associado a Sísifo (*Thgn.* 703, *supra* p. 123).

²⁵³ Especialmente malefícios, e.g. *Il.* 4.21: κακὰ δὲ Τρώεσσι μεδέσθην, ‘e desgraças para os troianos as duas planejavam.’

²⁵⁴ Cf. Chantr. s.u. μέδω; ver também *supra* p. 20 e 44. Para uma possível origem semítica ocidental do nome *Medeia*, consultar ASTOUR (1967, p. 296-7).

²⁵⁵ Dicearco de Messene (c. -350/-285) foi um dos discípulos de Aristóteles. Ver *testimonia e fragmenta* da *Medeia* de Neofron nos *TrGF* 1 (p. 92-4) e também em MASTRONARDE (2002, p. 57-64). Não há nenhuma informação, nem mesmo aproximada, sobre sua data de nascimento ou morte. Acredita-se que era contemporâneo de Eurípides por causa da controvérsia.

primeira metade do século -V, e Dinóloco, pelos menos uma geração mais jovem do que ele, escreveram comédias intituladas *Medeia* (Epich. *test.* 35; Dinol. *test.* 3 e *Fr.* 4-5).

Na versão de Eurípides, Jasão e Medeia estão exilados em Corinto, anos depois da viagem dos Argonautas e da morte de Pélias. A tragédia aborda a separação do casal e a devastadora vingança de Medeia, que incluiu a morte dos próprios filhos, do rei coríntio Creonte e da filha de Creonte, então casada com Jasão. No final da tragédia, ela foge e se refugia em Atenas (ver *Aeg.*, p. 264), e essa parte do mito deve ser criação de Eurípides, pois não há evidência da fuga de Medeia para Atenas antes de sua época (DAVIES, 1989a) e nenhum poeta trágico, antes de Eurípides, utilizou esse tema.

Med. gira indubitavelmente em torno do tema do engano (BUXTON 1982, p. 64; MASTRONARDE, 2002, p. 10-11 e 18-9) e as evidências disponíveis apontam para uma origem euripidiana do engano principal, preparado por Medeia contra Jasão, Creonte e a filha de Creonte.²⁵⁶ O prólogo da tragédia (1-95) prepara o terreno para o engano propriamente dito, depois de a Ama e o Preceptor resumirem a crítica situação de Medeia naquele momento (KNOX, 1977, p. 194): ela, que abandonou sua própria terra e não pode mais voltar, traída e repudiada pelo marido, será ainda desterrada, juntamente com os dois filhos.

Antigo engano, novo engano. Anterior ao momento temporal da tragédia, esse primeiro engano é lembrado no monólogo inicial da Ama (9-10): κτανεῖν πείσσα Πελιάδας κόρας / πατέρα, ‘ela convenceu as filhas de Pélias a matarem / o pai’.²⁵⁷ A recordação, na qual se destaca o verbo πείθω, reitera a afinidade de Medeia com o engano, presente em referências antigas (e.g. Pi. *P.* 9.38-43, p. 135) e em outras passagens da tragédia (e.g. 285, 303, 305, 391, 529, 783), notadamente o v. 37: δέδοικα δ’ αὐτὴν μὴ τι βουλευέσῃ νέον, ‘temo que ela planeje algo novo.’ Justapostos, os vv. 9-10 e 37 configuram um claro prenúncio do próximo e complexo engano de Medeia, pelo menos do ponto de vista da Ama: a heroína tinha anteriormente enganado as filhas de Pélias e agora era bem capaz de planejar e executar um outro engano que terminasse com sua própria morte (40), com a dos filhos (92-3), com a de Jasão e a de outros (42, 95). Essa “novidade” temida pela Ama tem expressão mais definida no v. 811, cantado pelo Coro: ἐκοίνωσας λόγον, ‘compartilhaste a palavra’, que equivale aproximada-

²⁵⁶ O nome da princesa não é mencionado em nenhuma parte da peça. Em certas hipóteses dos manuscritos da *Med.* (e.g. Ar. Byz. *Arg. E. Med.*), no entanto, ela é chamada de Glauce. Ver JONG (2003, p. 371-7).

²⁵⁷ Cf. *E. Med.* 486-7. Eurípides descreveu esse engano em -455, na tragédia *Pld.* (*infra* p. 260 sqq.).

mente às ‘palavras novas’ de Fedra (*Hipp. B.* 688, p. 163), metáfora para o enganoso plano que se avizinha.

O prólogo igualmente apresenta à plateia os dois aspectos da personalidade da heroína que serão repetidamente evidenciados ao longo da tragédia. O primeiro, arraigado e visceral, caracteriza-se por paixões e sentimentos intensos, dominados a custo, e é representado pelo substantivo θυμός (879, 1056); o segundo, definido pelo verbo βουλεύω (37) e pelo substantivo βούλευμα (1044) — ambos do léxico da μῆτις e da ἀπάτη —, representa o aspecto mais cerebral, mais intelectual e mais perigoso da heroína. A dinâmica, a alternância e a preponderância de um e de outro ao longo da tragédia foram extensivamente estudados *ex professo* nas últimas décadas²⁵⁸ e, aqui, serão discutidos apenas a estrutura e os elementos do complexo engano preparado e realizado pelo segundo aspecto da personalidade de Medeia. Seus elementos básicos foram resumidos na Tab. 3 *infra*.

Tabela 3. Componentes do engano da *Medeia*.

	Personagens	Meios
subengano 1	Medeia → Creonte	história falsa, retórica
subengano 2	Medeia → Jasão	mentira
subengano 3	Medeia → Creonte, filha	φαρμάκον
	Medeia mata seus filhos	ação direta
subengano 4	Medeia → Jasão, nobres	fuga de Medeia

O plano de Medeia. Consumida, mas não intelectualmente prejudicada pela dor, Medeia deseja e precisa se vingar da traição de Jasão, uma das mais importantes obrigações do herói mítico e do código heroico masculino (ver também *infra* p. 237).²⁵⁹ O preparo do engano que resultará em sua terrível vingança começa já no início do primeiro episódio, quando Medeia invoca a tradicional discreção do Coro (259-63):

τοσοῦτον οὖν σου τυγχάνειν βουλήσομαι,

²⁵⁸ Cf. SCHLESINGER (1966, p. 70-1). Uma revisão comentada da extensa literatura sobre os dois aspectos da personalidade de Medeia está disponível em FOLEY (1989).

²⁵⁹ Cf. 807-9. A propósito da associação de Medeia com os princípios do heroísmo masculino, ver KNOX (1977) e MASTRONARDE (2002, p. 14 e 19), entre muitos outros.

ἦν μοι πόρος τις **μηχανή** τ' ἐξευρεθῆι 260
 πόσιν δίκην τῶνδ' ἀντιτείσσασθαι κακῶν
 [τὸν δόντα τ' αὐτῷ θυγατέρ' ἦν τ' ἐγῆματο],
 σιγᾶν. (...)

Isso, portanto, de ti pretendo obter:
 se por mim for descoberto um caminho ou plano 260
 para terem punição por esses males meu marido
 [e aquele que lhe deu a filha em casamento],
 silêncio! (...)

O uso do vocábulo *μηχανή* nessa passagem para caracterizar o meio pelo qual a esposa traída se vingará não apenas configura o engano, mas também define o seu tipo: Medeia está concebendo uma *μηχανή*, um ‘plano’ (260), contra o ex-marido e contra Creonte.

Medeia contra Creonte.²⁶⁰ O primeiro elemento da *μηχανή* de Medeia começa no primeiro episódio (271-323), quando Creonte vem notificar Medeia do exílio e justificar o édito pelo temor que sente das reputadas habilidades (285, 539-41) da exilada — que Medeia procura subestimar, um tanto hipocritamente, afirmando não ser “muito” sagaz: εἰμὶ δ' οὐκ ἄγαν **σοφή** (305). O léxico circunstancial do engano está representado pelos vocábulos *σοφός* (285, 295, 298-9, 303, 305) e *ἰδρις* (285), utilizada para qualificar Medeia, e pela forma verbal *βουλεύεις* (317), que se refere a um possível plano / engano preparado por ela. Ao responder a Creonte (292-315), minimizando cinicamente suas qualidades enganosas, Medeia dá início ao primeiro subengano: persuadir o rei a deixá-la permanecer em Corinto um único dia, para ter tempo de colocar seu plano em execução. Eis os trechos mais relevantes do diálogo entre Creonte e Medeia (323-63) e do monólogo seguinte (364-409), no qual ela fala consigo mesma sobre o engano que prepara:²⁶¹

MEDEIA
 Não, por teus joelhos e por tua recém-casada filha! 324
 CREONTE
 Desperdiças palavras, nunca (me) convencerias. 325
 (...)

Me. (...) Mas eu te imploro, Creonte. 336
 (...)

²⁶⁰ Esse subengano foi estudado anteriormente por VÍLCHEZ (1976, p. 110-4).

²⁶¹ Texto original no *Anexo B*, p. 439.

	Iremos para o exílio; não é isso que te suplico. ²⁶²	338
	(...)	
	Permite que eu permaneça este único dia.	340
	(...)	
Cr.	[E agora, se deves permanecer, fica um só dia.	355
	(...)] (...)	
Me.	Parece-te que eu alguma vez o adularia,	368
	a menos que tivesse vantagem ou planejasse algo?	
	Eu nem falaria com ele, nem lhe tocaria as mãos.	370
	Ele chegou a tamanha loucura	
	que, sendo-lhe possível vencer os meus planos	
	ao me exilar da terra, permitiu-me ficar	
	este dia, no qual três de meus inimigos em cadáveres	
	tornarei, o pai, a filha e meu marido.	375
	(...)	
	(...) se eu for agarrada	381
	entrando no palácio com minhas artes,	
	provocarei o riso de meu inimigos e serei morta.	
	Melhor o meio direto, aquilo que fazemos, por natureza, ²⁶³	
	com muita habilidade: matá-los com drogas.	385
	(...)	
	Se a nós uma torre parece segura	390
	irei até ela para matar, arditamente e em silêncio.	
	(...)	
	Mas, vamos! Nada poupa daquilo que sabes,	401
	Medeia, (nada) do que planejas e de tuas artes.	

Medeia conseguiu enganar Creonte através de recursos puramente retóricos, marcados pelo verbo *παίθω* (325), o vocábulo circunstancial do engano mais utilizado nessas situações: aceitou a sentença do rei, chamando-o até de ‘sensato’ (*σωφρονῶν*, 311) um pouco antes da súplica, não se negou a obedecer sua ordem (338) e apresentou-lhe uma petição aparentemente razoável (340).²⁶⁴ Medeia foi tão eficiente que o rei teve que concordar, contrariando até seus próprios instintos (349-52). Suas afirmações literais e ‘verdadeiras / não enganosas’ (*ἀ-ψευδής*, 354) ao deferir a súplica destacam, pelo contraste, o comportamento enganador de

²⁶² Lit. ‘não é por isso que acontece de nos aproximamos de ti como suplicantes’. Em português, longo demais para um verso...

²⁶³ Talvez uma alusão à sua tia, a feiticeira Circe. Na *Med.* Eurípides não dá nenhum destaque aos aspectos mágicos da lenda de Medeia, que recebe mais ênfase em poetas posteriores, como Apolônio de Rodes (e.g. A.R. 3.1026-62 e 1278-1407) e Sêneca (MASTRONARDE, 2002, *Med.* 397 ad loc.; CARDOSO, 2005, p. 51-3).

²⁶⁴ Sobre as técnicas usadas por Medeia para convencer Creonte, ver EASTERLING (2003, p. 192-3).

Medeia durante o diálogo. O Coro, já avisado por Medeia nos vv. 259-63, comentados há pouco, naturalmente percebe o ocorrido e comenta filosoficamente, no início do primeiro estásimo, que ‘entre os homens há planos enganadores’, ἀνδράσι μὲν δόλῃαι βουλαί (412). O curto intervalo de tempo obtido pelo primeiro subengano era tudo o que Medeia precisava para executar a μηχανή toda (368-75). Ela então debate consigo mesma a respeito do melhor método para matar o marido, o rei e a nova esposa de Jasão, e por fim decide fazer o que sabe melhor: matar por meio de drogas (384-5). No final do monólogo, Medeia modestamente atribui o engano planejado e as habilidades descritas à sua natureza feminina (407-9),

Μη. (...) πρὸς δὲ καὶ πεφύκαμεν
 γυναῖκες, ἐς μὲν ἔσθλ’ ἀμήχανόταται,
 κακῶν δὲ πάντων τέκτονες σοφώταται.

Me. (...) Ademais somos nós,
 mulheres, sem recursos para bravuras,²⁶⁵
 mas habilíssimas artesãs de todos os males.

e não ao que ela, pessoalmente, sabia (401). Nessa passagem, uma das mais conhecidas da tragédia, é notável o entrelaçamento dos radicais do engano com os do feminino: γυνή - ἔσθλός - ἀμήχανος e γυνή - κακός - σοφή.

Esse bem-sucedido subengano de Medeia contra Creonte é permeado de vocábulos do léxico do engano (cito apenas os das passagens selecionadas): πείθω (325), τεχνάομαι (369, 382, 402), βούλευμα (372) e βουλεύω (402), σοφός (385, 409), φάρμακον (385), δόλος (391) e ἀμήχανος (408, ver p. 41). Note-se ainda que o verbo κερδαίνω (369), que tem o mesmo radical de κέρδος (*supra* p. 54), foi utilizado no sentido básico de ganhar, obter vantagem, o que no contexto tem apenas uma leve conotação enganosa; que o sintagma σιγῇ φόνον ‘fazer silêncio para matar, matar secretamente ou silenciosamente’ (391), não tem vocábulos do léxico, mas descreve um ato enganoso; e que τέκτων, lit. ‘carpinteiro’, mas também ‘artífice, mestre em qualquer arte’, tem sentido concreto no v. 409, mas seu radical deriva do mesmo radical indo-europeu de τέχνη (*supra* p. 19) e, desse modo, pode ter conotação enganosa no contexto em que foi utilizado.

²⁶⁵ I.e., ações diretas de âmbito guerreiro, caracteristicamente masculinas. Cf. e.g. *Med.* 248-51 e *Dan. Fr.* 321 (*infra* p. 304). Ver comentários sobre ἔσθλᾱ (408) em MASTRONARDE (2002, ad loc.).

Delineado o plano e asseguradas as condições mínimas para sua implementação, o aparecimento de Egeu no terceiro episódio (663-823) resolve um dos itens que ainda preocupavam Medeia: onde se refugiar depois da morte de seus inimigos (381-3 e 386-9). Assegurado então refúgio seguro e inviolável em Atenas, junto a Egeu (709-58), Medeia revela à plateia mais detalhes do resto de seu plano (764-823). Primeiro, dirá a Jasão ‘palavras doces’ (776), para convencê-lo a obter, junto a Creonte e à nova mulher, a permanência dos filhos em Corinto (774-81); depois, através dos filhos, matará a recém-casada através de um estratagema / engano (δόλοισι, 783), que consistirá no envio de seus filhos até ela, com presentes untados com drogas (φαρμάκοις, 789). Ao colocar os presentes sobre a pele, a princesa terá morte horrível (787-8) e quem a tocar, também morrerá (788). Então ela revela que matará os próprios filhos (792-3, 803-4) e assim, com mais esse profundo golpe (817), arrasará a ‘casa’ de Jasão (794),²⁶⁶ pois ele não mais poderá gerar novos filhos com a recém-casada (804-5). Finalmente, Medeia fugirá (795).

Medeia contra todos. O segundo subengano começa no quarto episódio (866-975). Jasão, chamado por Medeia, ouve algumas das mais descaradas mentiras já contadas em uma tragédia grega, com uma ou outra verdade, em uma longa cena dominada pelo engano e pela ironia trágica.²⁶⁷ Em resumo, Medeia confirma que irá para o exílio (938), mas pede que Jasão interceda junto a Creonte, através de sua filha, para que os filhos de Jasão e Medeia não sejam banidos (938-44). Para incentivar a recém-casada, enviará a ela, através dos filhos, presentes belíssimos que ela deverá receber com suas próprias mãos (947-58; 969-75).

Jasão acredita em tudo e concorda com tudo (908-21), pois Medeia lhe diz exatamente o que ele queria ouvir, “fórmulas de dissuasão, mascaradas em palavras de submissão” (KNOX, 1977, p. 198). Aqui Eurípides nem precisou recorrer aos vocábulos do engano para chamar a atenção para o subengano, pois tudo o que a audiência tinha a fazer era comparar o que Medeia estava dizendo naquele momento com o que ela havia dito anteriormente, em monólogos (214-66 e 364-409) e na longa cena agonística entre ela e Jasão (446-626).

A necessidade do terceiro subengano se aproxima rapidamente, mas antes, no quarto estásimo (976-1001), o Coro prevê a morte dos filhos de Jasão e Medeia, ação direta e não en-

²⁶⁶ Gr. δόμος, lit. ‘casa’, na tragédia frequentemente ‘família’ – ou seja, a nova família de Jasão.

²⁶⁷ As mentiras de Medeia diante de Jasão têm uma certa semelhança com as mentiras contadas pelo bebê Hermes no *h. Merc.* (p. 95 sqq.).

ganadora que constitui o quarto elemento da μηχανή. Assim, com essa morte horrível e terrível (EASTERLING, 2003, p. 187-8), o terceiro subengano é uma consequência direta e natural do segundo e começa no início do quinto episódio (1002-4), quando o Preceptor anuncia a Medeia que a filha do rei recebeu as dádivas e que as crianças não serão mais exiladas. Medeia se entristece, e deixa escapar que a tristeza se deve aos planos enganadores preparados pelos deuses e por ela (1013-4):

ΠΑΙΔΑΓΩΓΟΣ

τί δαὶ κατηφὲς ὄμμα καὶ δακρυρροεῖς;
Μη. πολλή μ' ἀνάγκη, πρέσβυ· ταῦτα γὰρ θεοὶ
κάγῳ κακῶς φρονοῦσ' ἐμηχανησάμην.

PRECEPTOR

Por que a vista baixa e as lágrimas copiosas?
Me. Grande é minha necessidade (delas), velho; pois assim os deuses
e eu, pensando maldosamente, tramamos.²⁶⁸

Medeia sabe que, assegurada a morte da princesa, o próximo passo de seu plano é matar os filhos (1062-4) e essa perspectiva, obviamente, não a alegra. A seguir, um Mensageiro avisa Medeia que a filha de Creonte e o próprio Creonte morreram (1125-6) — ela, pelo contato direto com as drogas (φαρμάκων, 1126 e 1201) e ele, por ter tocado a filha (1204-1221). O Mensageiro também sugere, obliquamente, que ‘os que se imaginam sábios (σοφούς, 1225) ... são culpados das maiores loucuras’ (1225-7), mas Medeia nem se abala diante da insinuação e logo depois reafirma a necessidade de ela mesma matar os filhos — ‘loucura’ ainda maior²⁶⁹ — e depois fugir de Corinto (1236-41). Eurípides finalmente descreve a morte das crianças nos vv. 1271-92, durante o quinto estásimo.

A fuga de Medeia no carro enviado por seu avô, o deus Hélios (1317-22), constitui o quarto — e não muito bem definido — subengano, último elemento do plano. Medeia tinha que escapar de Corinto, se casar com Egeu (1384-5) e, assim, começar vida nova. Mas também era necessário enganar Jasão e os nobres familiares do rei de Corinto, em busca de vin-

²⁶⁸ Silepse de número (plural de modéstia): pela proximidade, possivelmente esse ‘tramamos’ se refere apenas à contribuição de Medeia, e não à dela e à dos deuses em conjunto. Eurípides aparentemente recorreu a essa pequena sutileza gramatical para destacar a maior responsabilidade de Medeia nesse crime (MASTRONARDE, 2002, ad loc.).

²⁶⁹ Para um sumário da enorme quantidade de estudos sobre a disputa entre o amor materno e o desejo de vingança de Medeia na tragédia euripídiana homônima, ver LESKY (1972, p. 313 sqq.).

gança (1316, 1294-1302).

Eurípides delineou e descreveu a μηχανή de Medeia com grande meticulosidade: a enganadora e os enganados são apresentados de forma explícita, a justificativa e o objetivo do engano são claramente mostrados, o planejamento das ações e os meios que serão utilizados são explicados com todos os detalhes, os procedimentos são bem encadeados e cuidadosamente dramatizados, e o resultado final é notado por todos e especialmente por Jasão, principal objeto da vingança de Medeia, mas só quando a enganadora está fora de seu alcance.

Medeia é, em suma, uma enganadora extremamente eficaz. Sua competência para enganar e matar inimigos, diante de situação de franca inferioridade, é espantosa e sua eficiência é evidentemente comparável à de Odisseu contra os pretendentes. Esse engano de Odisseu é, naturalmente, mais complexo do que o de Medeia e ele matou muito mais gente, mas o herói recebeu ajuda divina, foi auxiliado pelo filho e por três servos fiéis e teve mais de um dia para preparar e executar seu plano (*supra* p. 70-78). Medeia não teve nenhuma ajuda divina — direta, pelo menos — e só dispôs de algumas horas para fazer tudo.

A traição de Jasão. Há dois itens finais a discutir: a traição de Jasão a Medeia e a violação do juramento de Jasão podem ser enquadrados na teoria do engano? A favor dessas possibilidades, temos a traição amorosa propriamente dita e o fato de a nova aliança matrimonial de Jasão ter sido conduzida sem o conhecimento de Medeia (225-6), além de Eurípides ter usado o léxico do engano e o nome de Sísifo para descrever o ocorrido: Σισυφείois ... Ἰάσωνος γάμοις, ‘sisíficas núpcias de Jasão’ (405); σοφὸς γεγώς, ‘fui sagaz’ (548) e μὴν βεβούλευμαι κακῶς, ‘não foi mal planejado, não é?’ (567). A primeira passagem é declamada por Medeia, e as duas últimas por Jasão. A alusão a Sísifo, figura mítica célebre pelos juramentos falsos (*supra* p. 96), evoca a violação do juramento e dos votos matrimoniais que Jasão fizera a Medeia, muitos anos antes (e.g. 20-3; 160-3; 492-5), e as duas últimas evocam a sagacidade de Jasão e sua capacidade de planejar e executar enganos. Contra, há o fato de o juramento ter sido efetivamente violado, mas existe a possibilidade de que o juramento nupcial não ter sido um juramento falso na época em que foi pronunciado, i.e., jurado já com intenção de enganar. O mesmo não se pode dizer, naturalmente, dos juramentos efetuados ou oferecidos por certos personagens da poesia épica, e.g. Autólico (*supra* p. 81), Hermes (*supra* p. 96) e, em certa medida, Odisseu (*supra* p. 75).

É lícito afirmar, creio, que o engano efetuado por Jasão não é o juramento violado, mas sim o fato de ele ter conduzido seu novo casamento às escondidas (pelo menos às escondidas de Medeia), conforme os elementos previstos pela teoria de HORNE (*supra* p. 11-13). Mas um casamento real, anunciado ou realizado, é obviamente um evento público e houve um momento, que poderíamos situar sem grande margem de erro alguns dias antes do momento em que a tragédia começa, em que a notícia chegou até Medeia. Comparativamente, a eficiência de Jasão deve ser situada em nível levemente superior ao de outro personagem épico, Agamêmnon. O engano de Jasão durou, pelo menos, algumas horas ou alguns dias (cf. episódio da *διάπειρα*, *supra* p. 46). Tudo isso somado, forçoso é concordar com a abalizada opinião de Medeia (583): Jasão ἔστι δ' οὐκ ἄγαν σοφός, 'não é muito hábil'.

Misoginia. Na *Med.* 573-5, Eurípides faz uma rápida alusão ao caráter misógino da cultura ateniense de sua época²⁷⁰ através das palavras de Jasão:

χρήν γὰρ ἄλλοθεν ποθεν βροτοῦς παῖδας τεκνοῦσθαι, θῆλυ δ' οὐκ εἶναι γένος· χούτως ἂν οὐκ ἦν οὐδὲν ἀνθρώποις κακόν.	575
Deviam os mortais em outro lugar engendrar os filhos e não existir o gênero feminino: assim, não teriam os homens nenhum mal.	575

A passagem não contém, em si mesma, nenhum engano explícito, mas a caracterização das mulheres como um 'mal' (κακόν) que os homens precisam tolerar para produzir descendência (cf. *Men. Pk.* 1013-4 e *Med.* 250-1) evoca de imediato um engano relatado anteriormente por Hesíodo (*supra* p. 89), no qual a primeira mulher, Pandora, é descrita como κακόν (*Th.* 570, 600-2), καλὸν κακόν (*Th.* 585) e δόλον ἀμήχανον, 'irresistível engano' (*Op.* 83).

Note-se que, emoldurando os enganos conduzidos por Medeia nessa tragédia, há diversas outras passagens de caráter misógino, e.g. 263-6, 407-9, 1291-2.

²⁷⁰ A misoginia da cultura ateniense clássica remonta, no mínimo, ao Período Arcaico: ver, entre outros, Hes. *Th.* 570-612; Hes. *Op.* 56-105 e 702-3; Semon. *Fr.* 7; *h. Ven.* 177-90. Consultar também, sobre a misoginia na tradição mítica, LEFKOWITZ (1986, p. 112-32); na tragédia de Ésquilo, ZEITLIN (1978); na de Eurípides, Ar. *Th.* 81-5, MARCH 1990 e MASTRONARDE (2010, p. 271-9).

1.3 O segundo *Hipólito* (Ἰππόλυτος Β')²⁷¹

Hipp. B, tragédia intitulada *Hipólito Coroadado* pelos comentadores antigos,²⁷² é a mais antiga das tragédias completas de Eurípides a se inspirar em um dos episódios do Ciclo Ático, mais exatamente uma das histórias mais obscuras da última fase da vida de Teseu, lendário rei de Atenas. Teseu é um dos personagens mais utilizados por Eurípides em suas tragédias e aparece também em *HF* (*infra* p. 192), *Suppl.* (c. -424/-420), *Hipp. A* (*infra* p. 294), *Aeg.* (*infra* p. 264), *Álope* (Ἀλόπη, *Fr.* 105-13), *Teseu* (Θησεύς, *Fr.* 381-90) e *Pir.* (*infra* p. 334).

Fontes antigas. A *Teseida*²⁷³ conta em seu *Fr.* 1 que o herói ateniense Teseu, filho do falecido rei Egeu,²⁷⁴ se casou com a cretense Fedra, filha de Minos e Pasífae,²⁷⁵ brevemente mencionada na *Od.* 11.321-5 juntamente com sua irmã Ariadne e com a ateniense Prócris. Na ocasião, Teseu provavelmente já tinha um filho crescido, Hipólito,²⁷⁶ e consta que sua mãe era uma amazona (Stesich. *Fr.* 193), provavelmente Antíope.²⁷⁷ Há uma definida, porém breve referência à morte desse filho na *Naup.* *Fr.* 10 e isso é tudo o que nos informam as fontes anteriores à segunda metade do século -V.

De acordo com Plutarco (*Thes.* 28), no entanto, os poetas trágicos conservaram a lenda de Hipólito sem modificações significativas, e assim podemos ter praticamente certeza de que as circunstâncias de sua morte, associadas a Fedra e a Teseu por Eurípides e Sófocles nas últimas décadas do século -V, compõem a mais antiga versão conhecida do mito. Essa versão se tornou a mais conhecida e a mais difundida, graças à influência do *Hipp. B* de Eurípides.

²⁷¹ Ver Dg. 1, p. 201-7.

²⁷² Ἰππόλυτος δεύτερος, (ὁ) καὶ στεφανίας (Ar. Byz. Arg. E. *Hipp. B* 27-8). *Inscriptio*: εὐριπίδου ἰππόλυτος στεφανιφόρος (e.g. em P).

²⁷³ Da *Teseida* (gr. Θησιῖδα), poema épico anônimo do final do século -VI, temos apenas dois curtos fragmentos, conservados por autores tardios.

²⁷⁴ Personagem da *Med.* (*supra*, p. 147) e do *Aeg.* (*infra* p. 264).

²⁷⁵ Personagem de *Cret.* (*infra* p. 285).

²⁷⁶ Em Píndaro, no entanto, o filho de Teseu e Antíope é denominado Demofonte (Pi. *Fr.* 174-6). Nos poemas cíclicos (*Il. Parv.* *Fr.* 17; *Il. Pers.* Arg. 4), Demofonte e Ácamas são os dois filhos de Teseu que estiveram em Troia e resgataram Etra, mãe de Teseu, cativa dos troianos; a mãe deles, no entanto, não é mencionada. No *Hipp. B*, os filhos de Teseu e Fedra não são nomeados (421-2; 1455), e o Pseudo-Apolodoro (*Ep.* 1.18) é o primeiro mitógrafo a considerá-los filhos de Fedra e Teseu.

²⁷⁷ Ou Hipólita, ou Melanipe (ver GANTZ, 1993, p. 283). Não confundir a amazona Antíope com a Antíope da tragédia homônima de Eurípides (*infra* p. 314).

Poetas trágicos, *Hipp. A* e *Hipp. B*. Testemunhos antigos (*Vit. Eur.* iii.2; *Ar. Byz. Arg. E. Hipp. B*) atestam que Eurípides escreveu duas tragédias intituladas *Hipólito*,²⁷⁸ e que o primeiro *Hipólito* (= *Hipp. A*) foi representado antes do segundo (GIBERT, 1977; TALBOY e SOMMERSTEIN, 2006, p. 269-72). Dessa tragédia temos apenas testemunhos e alguns fragmentos, analisados mais adiante (q.u. p. 294-298). A *Fedra* de Sófocles (Φαίδρα, *Fr.* 677-93) pode ter sido representada antes do *Hipp. A* ou antes do *Hipp. B*, mas essa é uma opinião não fundamentada em dados cronológicos específicos (ver TrGF 4, p. 475), o que não exclui a possibilidade de ter sido representada depois das duas tragédias de Eurípides (BARRETT, 1964, p. 29-30). TALBOY e SOMMERSTEIN (2006, p. 288-9) concordam com Barrett e defendem a sequência *Hipp. A*, *Fedra* e *Hipp. B*, que me parece particularmente a mais razoável. Para o presente estudo, no entanto, a importância dessa discussão reside apenas na questão de qual poeta, Eurípides ou Sófocles, abordou o engano de Fedra pela primeira vez. A resposta permanece indefinida.

Comparando o texto completo do *Hipp. B* com os fragmentos e testemunhos do *Hipp. A* e da *Fedra* sofocliana, observa-se que as três tragédias se baseiam no conhecido *tema de Putifar*: Fedra se apaixona pelo jovem Hipólito, ele rejeita o amor da madrasta, Fedra o acusa falsamente de tentar seduzí-la, Teseu acredita e pune injustamente o filho. Mas, ao contrário do que acontece em outras versões, o inocente Hipólito morre — tragicamente, é claro — no final dos três dramas. É possível que Sófocles tenha apresentado a paixão de Fedra sob uma luz menos desfavorável aos olhos dos atenienses (BARRETT, 1964, p. 12-13), uma vez que Teseu não estava apenas ausente, mas retido no Hades (*S. Fr.* 687-687a) juntamente com seu amigo Pirítoos (ver *Od.* 11.630-1; *Min. Fr.* 1 e 7: supra p. 105). A possibilidade de Sófocles ter utilizado o expediente da carta em sua tragédia será discutida durante a análise do *Hipp. A* (*infra* p. 295).

Note-se que a *Naup. Fr.* 10 conta que Hipólito foi posteriormente ressuscitado por Asclépio, mas nenhuma das três tragédias aproveitou essa tradição.

O engano de Fedra.²⁷⁹ O *Hipp. B* é a única tragédia euripidiana completa que se baseia

²⁷⁸ Eurípides escreveu dois *Alcmeons*, dois *Autólicos*, dois *Hipólitos*, duas *Ifigêneas*, duas *Melanipes*, dois *Frixos* e, talvez, dois *Sísifos*. Ver *Anexo A*, p. 437. Apenas os *Hipólitos* e os *Frixos*, no entanto, parecem ter enredos parecidos (CC 2, p. 423, nota 1).

²⁷⁹ VÍLCHEZ (1976, p. 118-21) também estudou alguns dos elementos desse engano.

no tema de *Putifar*, mais especificamente no seu tratamento na *Il.*, no episódio de Belerofonte (*supra*, p. 48). O poeta mostra que o engano foi inspirado e tramado por Afrodite (βουλεύμασιν, 28; ἐμήσατο, 1400), mas executado por Fedra contra o marido e contra Hipólito (BUXTON 1982, p. 64; MELTZER, 2006, p. 64). Fedra estava apaixonada pelo enteado e sua velha Ama tentou estabelecer um relacionamento amoroso entre os dois, à revelia da própria Fedra. Esse amor, apresentado por Eurípides como uma doença (731), para marcar seu caráter impróprio,²⁸⁰ foi repellido com veemência pelo rapaz, que ameaçou revelar tudo (603, 612). Logo, no entanto, Hipólito lembrou de que havia jurado nada dizer (656-8) e se limita a fazer longa, ruidosa e violenta invectiva geral (616-50) contra as mulheres astuciosas (σοφὴν, 640) e sua propensão aos enganos amorosos, e.g. 642-4:

τὸ γὰρ κακοῦργον μᾶλλον ἐντίκτει Κύπρις
ἐν ταῖς σοφαῖσιν· ἢ δ' ἀμήχανος γυνή
γνώμηι βραχεῖαι μωρίαν ἀφηρέθη.

Pois Cípris faz nascer o malfeito sobretudo
nas mais astuciosas; a mulher sem expediente
é afastada do desvario pelo pouco conhecimento.

Note-se o recurso ao léxico do engano (σοφός e ἀμήχανος, 643) nessa generalização do caráter feminino, e que o adjetivo ἀμήχανος, ‘sem expediente’, aqui pode também ser traduzido por ‘sem capacidade de enganar’. Mais adiante, Hipólito também condena a capacidade das mulheres de planejar enganos (βουλεύματα, 650) dentro do próprio lar e a as servas que levam esses planos para fora dele.

Assustada pela violenta reação, e temendo que seu segredo acabasse sendo revelado, Fedra providenciou então uma carta (856) em que acusava falsamente Hipólito de seduzi-la, e essa carta foi encontrada²⁸¹ por Teseu nas mãos de Fedra, após o suicídio. O rei acreditou nas palavras escritas e, enfurecido, invocou Posídon e providenciou a morte do próprio filho. So-

²⁸⁰ O uso da doença como metáfora para distúrbios e comportamentos fora do padrão era relativamente comum e não apenas entre os gregos (ver GRIFFITH, 1983, p. 20-1). Eurípides recorreu a esse τόπος no *Hipp. B* (731), no *Hipp. A* (Fr. 428) e ainda em *Cret.*, onde caracterizou a paixão de Pasífae pelo touro de Creta como uma ‘doença’ enviada por Posídon (Fr. 472e). Sófocles também recorreu a ele em *Tr.* (e.g. 445 e 544) e na *Fedra* (Fr. 680), onde afirmou que a paixão da madrasta de Hipólito era uma das νόσους θεηλάτους, ‘doenças enviadas pelos deuses’. No *Hipp. B* a origem divina da paixão de Fedra é explícita (26-8), pois Afrodite afirma que ela ocorreu por sua vontade.

²⁸¹ Sobre a importância das cartas na tragédia grega, ver HIRATA (2000/2001).

mente no final da tragédia Ártemis revelou, *ex machina*, a verdade a Teseu.

Eis as passagens mais relevantes do engano (688-1058):²⁸²

Fe.	Morreremos. Mas eu preciso é de novas palavras,	688
	pois esse homem, de ânimo inflamado pela cólera,	
	por causa de tua falha [sc. da Ama], contará ao nosso pai,	690
	conterá ao velho Piteu as nossas desditas e	
	encherá a terra inteira de desonrosas histórias.	692
	(...)	
	Morta, todavia, a um outro serei	728
	funesta para que, às custas de meus males, não	
	se mostre superior: associado a essa minha	
	doença, aprenderá a ser moderado.	731
	(...)	
Am.	Ai, ai!	
	Gritai por ajuda, todos os que estão perto do palácio!	776
	Pende de um laço a senhora, a esposa de Teseu.	777
	(...)	
Te.	Oh! Que tabuinha é essa, em sua querida mão	856
	atada? Quer ela me indicar algo de novo?	
	Ou uma carta sobre nosso leito e as crianças	
	a infeliz, suplicante, escreveu?	
	Coragem, desditosa, pois no leito de Teseu	860
	e em sua casa mulher alguma entrará.	
	Até mesmo a impressão, no laço, do sinete de ouro	
	daquela que não mais existe, me agrada.	
	Vamos então abrir os selos que a envolvem,	
	para ver o que esta tabuinha quer dizer.	865
	(...)	
	Grita, grita coisas insuportáveis a tabuinha!	877
	(...)	
	Hipólito ousou o meu leito tocar,	885
	à força, desdenhando o olhar do venerável Zeus.	886
	(...)	
Hi.	Mas terá algum amigo secretamente me caluniado	932
	diante de ti, e sofremos sem ter nenhuma culpa?	933
	(...)	
Te.	A tabuinha, que não admite tirar à sorte,	1057
	diz coisas dignas de crédito contra ti.	1058

²⁸² Texto original no *Anexo B*, p. 440.

Todos os elementos estruturais do engano estão presentes; nenhuma palavra do vocabulário específico, por outro lado, aparece explicitamente. A que mais se aproxima é o verbo διαβάλλω, ‘caluniar’ (932), pois διαβολή, ‘falsa acusação’, é sem dúvida uma forma de mentira. O radical ^{*}g^welə₁- / ^{*}g^wleə₁- é o mesmo do verbo βάλλω, ‘lançar, jogar.’

Fedra se justificou previamente pela necessidade de preservar a reputação (690-2), ainda que à custa de uma mentira que poderia levar Hipólito à perdição (728-9). Ela pretendia morrer (688), se vingar e ao mesmo tempo ensinar uma lição ao altivo e virtuoso jovem que a recusara e ameaçava revelar a todos sua “doença” (689-92; 730-1). O plano todo se forma em sua mente ao longo de um só verso (688): θανούμεθ’. ἀλλὰ δεῖ με δὴ καινῶν λόγων, ‘morremos, mas eu preciso é de novas palavras’. As palavras usadas pela Ama não convenceram Hipólito e levaram, a curto prazo, à perdição de Fedra. Em compensação, ela se prepara para utilizar ‘novas palavras’, que deixarão Hipólito estupefato (932-3) e Teseu, furioso.

É um claro prenúncio do engano, mesclado a uma boa dose de ironia trágica: a palavra λόγος, utilizada por Fedra no plural, presta-se normalmente a vários significados e Eurípides aproveitou-os muito bem. A palavra λόγος era utilizada pelos gregos, entre outras coisas, para se referir a tudo o que envolvia a emissão da palavra ou conjunto de palavras: propostas, rumores, condições, pretextos, menções, conversas, discussões, ensinamentos, revelações, argumentos, disputas legais, narrativas, histórias, tratados, regras, princípios, razões, opiniões, teses, explicações, justificativas, discursos, textos em prosa e... cartas (LSJ, s.u. λόγος).²⁸³

A execução do plano de Fedra foi relativamente simples: ela escreveu a mentirosa carta em uma tabuinha, identificou-a com seu selo pessoal e se matou por enforcamento, segurando cuidadosamente a carta na mão (856-65). Ela contava, sem dúvida, com a difundida crença de que os mortos não mentiam, como se vê nos vv. 959-60: ποῖοι γὰρ ὅρκοι κρείσσονες, τίνες λόγοι / τῆσδ’ ἄν γένοιτ’ ἄν, ‘que juramentos, que palavras seriam mais / poderosas do que esta?’²⁸⁴ Os poetas trágicos nunca mostravam as mortes em cena, mas Eurípides certamente planejou a exibição do corpo da morta, como Sófocles fez com o corpo de Ajax na tragédia homônima, e o efeito patético do conteúdo da carta em Teseu. O dêitico τῆσδε (960) sugere que nesse momento Teseu apontava o cadáver da esposa, que só podia estar à vista. E, ao

²⁸³ Outros exemplos do recurso de Eurípides à polissemia podem ser encontrados na *IA* (ver RIBEIRO JR., 2006, p. 632 e nota 5) e no verso 1020 da *Alc.* (*supra* p. 146).

²⁸⁴ A importância das últimas palavras de um morto, para os gregos em particular, remonta no mínimo à *Ilíada*, quando o moribundo Heitor prevê a morte de seu adversário, Aquiles (22.355-60).

menção de juramentos, o enraivecido Teseu naturalmente pensava na possibilidade de ouvir um falso juramento (*supra* p. 82 e 97) do filho e, portanto, um potencial engano.

O engano de Fedra, motivada pelo medo de ser descoberta e pelo desejo de vingança contra Hipólito, foi conseqüentemente bem sucedido, mas ela não tinha talvez pensado nas últimas e graves conseqüências de seus atos, i.e., na morte de Hipólito. Amaldiçoado pelo pai, Hipólito é exilado e morre pela intervenção de Posídon, que cumpre um dos três votos que concedera a Teseu (887-90; 893-8; 1457-8).²⁸⁵

A vingança de Fedra foi consumada através de um “engano à distância”, planejado e iniciado pela própria Fedra (ou, de certa forma por Afrodite), mas que se desenvolveu e se completou bem longe dela. A presença de seu cadáver em cena, durante o engano, pode parecer à primeira vista uma quebra desse paradigma, mas não é bem assim. Para os antigos gregos, a falecida autora do engano não estava realmente presente (cf. E. *Alc.* 392-5) e, além disso, a carta falava com sua própria voz, pois era costume, ao longo da fase letrada da cultura grega, fazer os próprios objetos “falarem” e apresentarem sua mensagem ao leitor.²⁸⁶ A escrita pode, ademais, ser vista como uma extensão da voz do emissor da mensagem, que atinge os lugares onde ele não pode estar presente.

Como veremos adiante, na discussão da *IA* (*infra* p. 251 sqq.) e do *Pal.* (*infra* p. 323 sqq.), a palavra escrita pode ser usada para enganar, tanto quanto a palavra verbalizada (SEGAL, 1993, p. 100-9). Conseqüentemente, é muito importante para a caracterização do engano a identificação da procedência da mensagem, que no caso do *Hipp. B* é dada pelo sinete. Alguém poderia, afinal, ter simplesmente colocado uma tabuinha anônima entre as mãos da morta, o que teria em cena efeito trágico muito menor.

1.4 *Andrômaca* (Ἀνδρομάχη)²⁸⁷

O enredo da *Andr.* se baseia no retorno dos heróis gregos após a conquista de Troia e no

²⁸⁵ Sobre a discutida questão dos “três votos”, ver comentários de BARRETT (. 46 999 ? e 887-9 ad loc.) e de Van Looy (JVL 2, p. 223, nota 7).

²⁸⁶ Numerosos ex-votos de santuários gregos, vasos decorados e outros objetos de diversas épocas contêm inscrições do tipo “Fulano me dedicou a Apolo”, “Eu sou a taça de Sicrano”, “Beltrano me pintou” e assim por diante (ver HAVELOCK, 1996, p. 199-204). Sobre oralidade e escrita na tragédia, ver SEGAL (1982).

²⁸⁷ Ver Dg. 1, p. 273-332.

destino de alguns personagens troianos, tema abordado por [Homero],²⁸⁸ pelos poetas cíclicos e por vários poetas trágicos antigos. Devido à presença de Andrômaca, viúva do troiano Heitor (*Il.* 6.369-502, 24.704-46), e ainda de Menelau e de Orestes, o texto está também ligado diretamente ao Ciclo Troiano e ainda às lendas dos atridas, que em grande parte constituem uma extensão desse ciclo.²⁸⁹ Eurípides dramatizou, especificamente, a morte de Neoptólemo, filho de Aquiles, e as atribulações de Andrômaca, que Neoptólemo recebera como parte do saque (*Il. Parv. Fr.* 29-30; *Il. Pers. Arg.* 4) e se tornou sua concubina.

Fontes antigas. O retorno de Menelau é descrito na *Od.* em várias passagens dos livros III e IV, mas essas aventuras não têm relação direta com seu papel na *Andr.*. Orestes, filho de Agamêmnon e consequentemente sobrinho de Menelau, na *Od.* é apenas o vingador do traçoeiro assassinato de seu pai (*supra* p. 82 sqq.); seu casamento com Hermíone foi relatado pela primeira vez por Cineton²⁹⁰ (*Fr.* 4), mas essa tradição pode ser bem mais antiga (SOMMERSTEIN, 2006, p. 6).

O retorno de Neoptólemo consta também da *Od.* 3.188-9 e ainda dos *Nosti Arg.* 3-4, mas certos elementos do enredo da *Andr.*, como a ligação entre o casamento da filha de Menelau com Neoptólemo e a morte do filho de Aquiles em Delfos podem ser encontrados somente de forma isolada em Cineton (*Fr.* 4), Pherecyd. (3 F 63-4 = Σ E. *Or.* 1654 e 1655), na *Il. Parv. Fr.* 30 e em Píndaro (*Peã* 6, *Fr.* 52f.99-122; *N.* 7.30-69). Em Íbico (*Fr.* 294) há uma versão divergente: a filha de Menelau se casou com Diomedes, que foi posteriormente imortalizado juntamente com os Dióscuros.

Nenhuma dessas antigas fontes menciona os enganos encontrados na *Andr.*

Poetas trágicos e *Andr.* Dentre os trágicos, Sófocles dramatizou a morte de Neoptólemo em Delfos nas tragédias *Hermíone* (Ἑρμιόνη, *Fr.* 202-3) e *Mulheres da Ftia* (Φθιωτίδες,

²⁸⁸ Além do atribulado retorno de Odisseu a Ítaca, o poeta da *Od.* mencionou ou descreveu os retornos de Nestor, Agamêmnon, Menelau, Idomeneu, Ájax Menor e Neoptólemo, entre outros.

²⁸⁹ Ateneu (7.14.2) é o único a citar 'o poeta que compôs o (retorno) dos Atridas', ó ... τὴν τῶν Ἀτρεϊδῶν ποιήσας. Nada sabemos do poema e do poeta: é possível que o poema era parte de uma obra mais longa (*Nostoi*, provavelmente), ou que Ateneu tenha se referido especificamente aos *Nostoi* (West², p. 17).

²⁹⁰ Obscuro poeta espartano que provavelmente viveu no s. -VI. Escreveu um poema genealógico sobre os descendentes de Agamêmnon e Menelau, e de Jasão e Medeia, dos quais temos cinco fragmentos. A *Tabula Iliaca* (= IG XIV 1292 ii 11) também atribui a ele o poema épico perdido *Edipodeia* (gr. Οἰδιπόδεια), que trata da história de Édipo antes e depois de sua estada em Tebas. Dessa obra restam três fragmentos.

Fr. 694-6)²⁹¹ alguns anos antes de Eurípides, aparentemente (SOMMERSTEIN, 2006, p. 20-1), mas não parece ter recorrido a qualquer engano. Filocles, filho de Polipeito e o poeta trágico Teógnis, ambos contemporâneos de Sófocles e de Eurípides (TrGF 1, p. 139 e 147), escreveram igualmente tragédias em que aparecem a filha de Menelau, Hermíone, Orestes e Neoptólemo (Σ E. *Andr.* 32), mas delas sabemos pouco mais do que isso.

Figura 3. Posição “cronológica” relativa dos dramas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides no mito de Orestes. A morte de Clitemnestra (matricídio) é o *turning point* da linha de vida de Orestes.

Eurípides inovou ao reunir e relacionar alguns episódios míticos mais ou menos isolados nas fontes antigas (e.g. ALLAN, 2000, p. 17), ao atribuir a morte de Neoptólemo em Delos a uma contenda entre Neoptólemo e Orestes, com participação de Apolo, e ao apresentar o idoso Peleu, pai de Aquiles e avô de Neoptólemo, como salvador de Andrômaca e de seu filho. Acusações à “falta de unidade” do enredo dessa tragédia euripídiana tem sido feitas desde a Antiguidade,²⁹² mas *Andr.* resiste bravamente a todos os seus críticos.

²⁹¹ Essas duas tragédias eram, provavelmente, uma só. Ver discussão e referências em SOMMERSTEIN (2006, p. 14-7), que propõe a seguinte sequência de fragmentos (p. 28-40): 202, 694, 696, 695, 203.

²⁹² Para um panorama geral da controvérsia, ver MOSSMAN (1996), KYRIAKOU (1997), ALLAN (2000, p. 40-86), HESK (2000, p. 65-7) e a extensa bibliografia mencionada nesses estudos.

Segundo BLAIKLOCK (1952, p. 162) “Orestes is the most tragic of Euripides’ male characters” e é também figura recorrente na tragédia do século -V. Se levarmos em conta apenas os três grandes trágicos desse século, vamos encontrá-lo no *Télefo* (Τήλεφος, Fr. 238-40: ver p. 277) e na *Oresteia* de Ésquilo, na *Hermíone* (Ἑρμιόνη, Fr. 202-3 e 694-6: ver p. 165), no *Crises* (Κρύσις, Fr. 726-30: ver p. 202) e na *Electra* de Sófocles; na obra de Eurípides, ele tem papel de destaque na *El.* (*infra* p. 180), na *IT* (*infra* p. 200) e no *Or.* (*infra* p. 233). No *Tel.* (*infra* p. 276) e na *IA* (*infra* p. 251), ainda bebê, ele foi provavelmente representado por um boneco (*IA*: KOVACS, 2002, p. 160; *Tel.*: TAPLIN, 1989, p. 35 n. 2).

A participação de Orestes nas diversas tragédias varia de acordo com a fase de sua atribulada trajetória mítica, resumida na Fig. 3 (*supra* p. 166). Na *Andr.*, ele já vingou a morte do pai e se livrou das Erínias de sua mãe, portanto está no começo da última fase de seu mito e vai em busca de Hermíone para começar nova vida. Note-se que, no *Or.* (p. 233 sqq.), Eurípides vai dar outra versão do encontro entre Orestes e Hermíone.

Os enganos da *Andrômaca*. A tragédia de Eurípides contém vários enganos bem definidos e de complexidade variável: um deles (47-8; 83-5; 309-13) é o de Andrômaca contra Hermíone e Menelau; outro (309-464), o de Menelau contra Andrômaca; e um outro (957-1165) o de Orestes contra Neoptólemo. Há ainda, no início da tragédia (29-35; 155-268), um engano potencial, mas não real, o de Andrômaca contra Hermíone, e nos vv. 1104-11 da segunda metade da tragédia um engano potencial de Neoptólemo contra o santuário de Apolo em Delfos.

Todos os enganos da tragédia foram criados por Eurípides e os enganos de Menelau e de Orestes foram já mencionados, mas não ainda convenientemente analisados, por KAMERBEEK (1943) — que considera *Andr.* uma “tragédie à intrigue” (p. 52)²⁹³ — e por ALLAN (2000, p. 24 e 145). HESK (2000, p. 69-84) notou praticamente todos os enganos da tragédia, mas sua discussão se concentrou no engano enquanto caracterização da alteridade e do sentimento anti-espartano vigente em Atenas na época da representação da tragédias,²⁹⁴ epitomi-

²⁹³ KITTO (1950, v. 2, p. 80) expressou a mesma opinião.

²⁹⁴ Interpretação bastante difundida (LÓPEZ FEREZ, 2002, p. 264), pelo menos desde os influentes estudos de Humphrey D.F. KITTO publicados no livro *Greek Tragedy* (1950, v. 2, p. 81). Note-se que a primeira edição data de 1939, primeiro ano da II Guerra Mundial, e que Kitto chamou a política espartana de *Machtpolitik*, ‘política de força’, comparando assim a campanha espartana na Guerra do Peloponeso com a Alemanha nazista. Andrômaca foi representada pela primeira vez cerca de 6 anos depois do início das hostilidades entre Atenas e Es-

zado em uma das falas de Andrômaca (445-9, *infra* p. 172).

Andrômaca contra Hermíone? O primeiro engano, justamente o engano “potencial” que mencionei, aparece no prólogo (monólogo de Andrômaca) e no primeiro episódio (ἄγών entre Hermíone e Andrômaca). Hermíone acusa Andrômaca de torná-la estéril e odiosa ao marido (33, 155-8), Neoptólemo, ‘por meio de drogas secretas’, φαρμάκοις κεκρυμμένοις (32). A habilidade de administrar drogas da mulher não grega (159-60)²⁹⁵, mediante engano (ver *Od.*, p. 69 e *Med.*, p. 149 e 156), está decididamente implícita na acusação, uma vez que Hermíone jamais tomaria esse tipo de drogas consciente ou voluntariamente. Andrômaca nega com firmeza essa acusação (36-7), que mais parece um pretexto de Hermíone do que um engano efetivamente praticado por Andrômaca. Eurípides procurou transmitir ao público uma impressão bem definida sobre o caráter das duas antagonistas (234-5), para que todos logo percebessem que Andrômaca falava a verdade, mas não deixou de assinalar, aqui, o vínculo tradicional entre mulheres, enganos e venenos que remonta a Circe e à *Od.* (*supra*, p. 69).

O caráter de todos os personagens da tragédia é, aliás, claramente delineado pelo poeta desde o começo da tragédia: Andrômaca, Peleu e Neoptólemo são “simpáticos”, e Hermíone, Menelau e Orestes são “antipáticos” (ver e.g. KOVACS, 2005, p. 270). Não importa que Eurípides tenha recorrido aos vocábulos circunstanciais do engano (φάρμακον, 32, 157, 205; κρύπτω, 32; πείθω, 39; σοφή, 245; νόος, 237) para marcar a acusação e a defesa, o público deve ter aceitado intuitivamente a plausível argumentação de Andrômaca (183-260) que, naturalmente, não convenceu Hermíone (39; 234-51). A infeliz esposa precisava justificar, perante o marido, a desejada morte de sua rival, a quem qualificou também de σοφή (245), referindo-se à habilidade oratória de Andrômaca ou à sua pretensa — mas potencial — habilidade de envenenar mediante enganos (cf. *Med.*, p. 148).

O ocultamento da criança. O segundo engano, descrito também no prólogo e no início do segundo episódio (ἄγών entre Menelau e Andrômaca), é muito bem definido e configura

---

parta.

²⁹⁵ Eurípides utilizou o vocábulo ἠπειρώτης (159), ‘do continente’, que usualmente se opõe a νησιώτης (14), ‘das ilhas, insular’, um dos epítetos de Neoptólemo na *Andr.* Hermíone queria, provavelmente, se referir à origem asiática (119) e, portanto, não grega de Andrômaca. Note-se que, na mitologia grega, as mais notáveis e eficientes mulheres que lidam com drogas são não gregas: Circe e Medeia, e.g., nasceram na distante Cólquida. A ateniense Creusa, por outro lado, não tinha a mesma competência (ver *Ion*, p. 217).

uma μηχανή relativamente simples, com dois subenganos. Hermíone aproveitou a ausência de Neoptólemo para tentar matar Andrômaca e o indefeso filho que a troiana teve com o marido, e Menelau, o pai de Hermíone, veio de Esparta para ajudar a filha nessa difícil, arriscada e perigosa empreitada. Durante o prólogo, a audiência é informada que Andrômaca se refugiou no altar de Tétis após enviar a criança para outra casa. A esse primeiro subengano (esconder a criança), Andrômaca juntou outro. Enviou incontáveis mensageiros (79-81, 562) para avisar Neoptólemo e Peleu das intenções de Hermíone e de Menelau. Deles, não há notícias, e então uma segunda serva é orientada por ela a se ausentar do palácio mediante um engano.

Inicialmente, Andrômaca está ciente de que planejam algo contra ela e o filho (66-7): ποίας μηχανὰς πλέκουσιν ... κτεῖναι θέλοντες ... ἐμέ;, ‘que planos tramam os que desejam me matar?’ Essa questão provavelmente evoca os atentados de Hermíone contra ela e a criança, procedimentos não necessariamente enganosos. Assim, μηχανή e πλέκω (rad. πλ^ε/οκ-, p. 114), ‘entrelaçar, tramar’, vocábulos eventualmente vinculados a enganos, designam aqui apenas as intenções e atitudes pouco sutis de Hermíone e Menelau, e exprimem a ansiedade e o temor de Andrômaca de que seus enganos falhem e os planos de Hermíone tenham sucesso (72). Essa impressão é confirmada pela forma verbal βουλεύεται (62), empregada pela serva que dialoga com Andrômaca no prólogo (56-90) para designar as atitudes de Hermíone e Menelau. O primeiro subengano é brevemente descrito nos vv. 47-8 e 68-70 do prólogo, mas logo no início do segundo episódio Menelau conseguira encontrar o filho de Andrômaca e sua fala nos dá os detalhes mais importantes (309-13):

MENEΛΑΟΣ

ἦκω λαβὼν σὸν παῖδ', ὃν εἰς ἄλλους δόμους
λάθραι θυγατρὸς τῆς ἐμῆς ὑπεξέθου. 310
 σὲ μὲν γὰρ ἡὔχεις θεᾶς βρέτας σώσειν τόδε,
 τοῦτον δὲ τοὺς **κρύψαντας**· ἀλλ' ἐφηυρέθης
 ἦσσον **φρονοῦσα** τοῦδε Μενέλεω, γύναι.

MENELAU

Eu venho com teu filho, que para outro palácio
 secretamente enviaste, escondido de minha filha. 310
 Confiavas que esta estátua da deusa te salvaria,
 e os que a este escondiam (o salvariam), mas descobriste,
 mulher, que és menos astuta do que este Menelau aqui.

Vocábulos do léxico circunstancial marcam o subengano: λάθραι, ‘secretamente’ (47 e 310), advérbio com o mesmo radical de λανθάνω (λαῖθ- ?, p. 134), κρύψαντας, ‘escondido, às escondidas’ (312) e φρονέω (313), ‘ser astuta’, este último no sentido de ser sábia para pensar e/ou planejar algo. O segundo subengano, o envio de uma mensageira para avisar Neoptólemo, envolve a capacidade feminina de enganar, tema encontrado anteriormente na *Il.* (*supra* p. 42) e na *Med.* (*supra* p. 154). Andrômaca invoca o gênero de ambas para justificar a inata capacidade de enganar da colega de escravidão (83-5):

ΑΝΔΡΟΜΑΧΗ

(...) θέλεις οὖν ἄγγελος σύ μοι μολεῖν;

ΘΕΡΑΠΙΑΝΑ

τί δῆτα φήσω χρόνιος οὔς' ἐκ δωμάτων;

Αν. πολλὰς ἂν εὖροις μηχανάς· γυνὴ γὰρ εἶ.

85

ΑΝΔΡÔMACA

(...) E tu, queres ir como minha mensageira?

SERVA

O que direi para ficar muito tempo fora do palácio?

An. Encontrarás muitos expedientes, pois és mulher.

No v. 85, o radical μαῖχᾱνᾱ- naturalmente deixa implícito que Andrômaca se refere a todos os enganos que uma mulher pode implementar para conseguir uma coisa tão simples como se ausentar do palácio durante longo tempo. Nesse ponto do drama, a μηχανή de Andrômaca está funcionando pela metade. Seu filho já foi encontrado, o que significa que o primeiro subengano falhou; mas o segundo subengano aparentemente deu certo, pois a outra serva foi procurar Neoptólemo (89-90).

Menelau contra Andrômaca. O próximo engano é prenunciado por Hermíone, ao afirmar que a troiana depressa deixará o altar em que se refugiara, voluntariamente, mas não conta porquê (263-5). Ela diz, a seguir, que ‘esconderá suas palavras’, ἀλλὰ γὰρ λόγους κρύψω, e com o uso do verbo κρύπτω ela vinculou indubitavelmente essa afirmação ao engano de Menelau contra Andrômaca. O núcleo desse engano, que Eurípides apresenta na sequência da fala de Menelau, ainda no segundo episódio, é uma mentira direta do pai de Hermíone,²⁹⁶

²⁹⁶ VÍLCHEZ (1976, p. 128-9) reconheceu o engano de Menelau e o classificou de “intriga” e de “argumento falso.”

que faz a Andrômaca a seguinte proposta (380-3):

- Με. ἀλλ' ἐξανίστω τῶνδ' ἀνακτόρων θεᾶς· 380
 ὥς, ἣν θάνηις σύ, παῖς ὅδ' ἐκφεύγει μόρον,
 σοῦ δ' οὐ θελούσης κατθανεῖν τόνδε κτενῶ.
 δυοῖν δ' ἀνάγκη θατέρωι λιπεῖν βίον.
- Με. Abandona este templo da deusa 380
 pois, se tu morres, esta criança escapa da morte;
 mas, se não desejas morrer, eu a matarei.
 É necessário que um dos dois deixe a vida.

Andrômaca concorda com esses termos, deixa o altar de Tétiς e é imediatamente agarrada pelos servos de Menelau. Revela-se, então, a mentira do espartano (427-32 e 435):

- Με. (...) ἴν' ἀγνὸν βωμὸν ἐκλίποις θεᾶς,
 προὔτεινα παιδὸς θάνατον, ὃι σ' ὑπήγαγον
 ἐς χεῖρας ἐλθεῖν τὰς ἐμὰς ἐπὶ σφαγῇν.
 καὶ τὰμφι σοῦ μὲν ὧδ' ἔχοντ' ἐπίστασο· 430
 τὰ δ' ἀμφι παιδὸς τοῦδε παῖς ἐμὴ κρινεῖ,
 ἣν τε κτανεῖν νιν ἣν τε μὴ κτανεῖν θέληι.
 (...)
- Αν. οἷμοι· δόλοι μ' ὑπῆλθες, ἡπατήμεθα. 435
- Με. (...) Para que deixasses o sagrado altar da deusa,
 propus a morte da criança, e com isso te levei
 a cair em minhas mãos, para a degola.
 Quanto a ti, compreende que assim será; 430
 quanto a esta criança, minha filha decidirá
 se quer que ela morra ou que não morra.
 (...)
- ANDRÔMACA
 Ai de mim! Com ardil me iludiste: fui enganada. 435

Podemos considerar esse engano o protótipo euripídiano da mentira pura e simples. Menelau não apresenta propriamente um argumento retoricamente bem estruturado, nem conta uma história inventada: apresenta apenas uma falsidade bem calculada, dirigida ao âmago do instinto materno — preservar os filhos a qualquer custo. O engano está fortemente marcado no v. 435 por dois vocábulos específicos, δόλος e ἀπατάω, e também pelo verbo ὑπέρχομαι, ‘insinuar-se nas boas graças de alguém’ (LSJ, s.u.), que aqui pode ter talvez o sentido co-

notativo de ‘iludir’. Duas ou três palavras em cinco são, portanto, atribuíveis ao léxico do engano. Andrômaca reconhece o engano de que foi vítima e, em seu desespero, generaliza e amplifica as qualidades enganadoras de Menelau (445-59) e, por extensão, as de Hermíone, atribuindo-as a todos os espartanos:

Av.	ὃ πᾶσιν ἀνθρώποισιν ἔχθιστοι βροτῶν Σπάρτης ἔνοικοι, δόλια βουλευτήρια, ψευδῶν ἄνακτες, μηχανορράφοι κακῶν, ἐλικτὰ κούδεν ὑγιὲς ἀλλὰ πᾶν πέριξ φρονοῦντες , ἀδίκως εὐτυχεῖτ' ἄν' Ἑλλάδα.	445
An.	Ó habitantes de Esparta, para todos os homens os mais odiosos dentre os mortais, planejadores de enganos, senhores das mentiras, maquinadores de males, tramadores de tudo o que é enganoso e de nada que é virtuoso, injusta é vossa fama na Hélade!	445

Note-se a alta concentração de vocábulos específicos e circunstanciais do léxico de engano (seis vocábulos em cinco versos) empregados por Eurípides. O adjetivo ἐλικτός (448) deriva do radical *φελικ-*,²⁹⁷ que significa basicamente ‘espiral’, e os dicionários (Bailly e LSJ, s.u. ἐλικτός) registram seus significados concretos (‘enrolado, entrelaçado, retorcido’) e metafóricos (‘tortuoso’, ‘trapaceiro’), estes últimos associáveis a enganos como o de Menelau. Antes de Eurípides, somente o autor do *h. Merc.* utilizou esse adjetivo, e em sentido puramente concreto (192: κεράεσσιν ἐλικτάς, ‘chifres recurvados’). Eurípides pode ter sido o primeiro a usá-lo em enganos.

Enfim, a manobra de Menelau foi bem sucedida (427-9), mas Andrômaca e o filho serão posteriormente salvos pela intervenção enérgica do idoso pai de Aquiles, Peleu, no terceiro episódio (ἀγών entre Menelau e Peleu), que contém apenas algumas referências aos enganos anteriores. No verso 549, por exemplo, o velho utiliza o verbo μηχανάομαι (forma μηχανώμενοι) para se referir ao ardil de Menelau e, talvez, de Hermíone. É possível, dado o prenúncio dos vv. 263-5, que a mentira de Menelau tenha sido, desde um começo, um plano tramado por pai e filha.

²⁹⁷ Raiz *φελ-* + sufixo de termos técnicos *-ικ-*. Dessa raiz derivam os verbos εἰλέω, ‘rolar, enrolar’ e ἐλίσσω, ‘dar voltas, rodar’, e o substantivo ἑλιξ, que se refere a tudo o que pode assumir forma espiralada (*spiral*, *hélice*, etc.).

Orestes contra Neoptólemo. O engano final da *Andr.* é anunciado por Orestes no quarto episódio, durante um diálogo com a derrotada Hermíone, que espera ser castigada pelo marido depois que Andrômaca e o filho estão a salvo. Orestes afirma que, embora Hermíone ‘esteja sem recursos’ (ἀμηχανεῖς, 983), i.e., sem condições de implementar planos, ele tem intenção de se vingar de Neoptólemo por causa das afrontas que ele lhe fizera no passado (977-8; 994), e confessa ter preparado contra ele **μηχανή ... βρόχοις** ἀκινήτοιςιν, ‘um estratagema ... com laços irremovíveis’ (995-7). Eurípides marcou também essa μηχανή com certa ênfase: note-se o emprego antitético de um dos radicais do engano, **μαχᾶνᾶ-**, na oposição Hermíone / Orestes: ἀμηχανεῖς / μηχανή. A presença da palavra βρόχοις, ‘laços’, cujo radical tem etimologia incerta e já havia sido empregada anteriormente por Ésquilo (*infra* p. 186), sugere incidentalmente outro elemento do engano de Orestes, provavelmente uma emboscada: apesar do vocábulo βρόχος, é improvável que se trate de uma armadilha.

Enunciado o engano, Orestes diz que não revelará o plano contra Neoptólemo nesse momento (997), mas logo depois deixa escapar que ἔκ τ’ ἐκείνου **διαβολαῖς** τε ταῖς ἐμαῖς κακῶς ὀλεῖται, ‘devido a ele (Febo) e às ... minhas calúnias, terá morte horrível’ (1005-6), e que Neoptólemo morrerá em Delfos, onde foi pedir a Apolo justiça pela morte do pai (998, 1002-3 e 1065)²⁹⁸. Já temos aqui, portanto, mais um elemento da μηχανή de Orestes: a falsa acusação ou calúnia (διαβολή; cf. E. *Hipp. B* 932, *supra* p. 162).

Mais adiante, no êxodo, Peleu fica sabendo das más intenções de Orestes (1063) e pensa em tomar providências (1066-9), mas é tarde demais: chega um servo de Neoptólemo com a notícia da morte do filho de Aquiles. O mensageiro informa que ele foi assassinado pelos habitantes de Delfos e por Orestes (1074-5), dá os detalhes do engano que o vitimou e especifica a participação dos assassinos na execução do plano (1088-99, 1104-19):²⁹⁹

MENSAGEIRO

(...) e em grupos

e círculos reuniam-se os habitantes da terra do deus.

O filho de Agamêmnon percorria a pólis

1090

e para cada um murmurava palavras hostis:

“Vedes esse que caminha pelas câmaras

²⁹⁸ Apolo foi o principal responsável pela morte do pai de Neoptólemo, Aquiles, em Troia (*Il.* 21.277-8 e 22.359-60; *Aeth. Arg.* 3, *supra* p. 100)

²⁹⁹ Texto original no *Anexo B*, p. .

repletas de ouro do deus, tesouros dos mortais?
 Ele está nelas pela segunda vez e, antes,
 aqui veio disposto a saquear o templo de Febo.” 1095
 Daí, desagradável rumor se espalhou pela pólis.
 As salas do conselho, cheias de magistrados,
 e quantos encarregados das riquezas do deus,
 guarda colocaram nas câmaras rodeadas de colunas.
 (...) 1104
 e alguém disse: “Jovem, que votos, por ti,
 faremos ao deus? Vieste por uma razão, uma graça? 1105
 Ele disse: “A Febo, pelas faltas do passado
 desejamos fazer justiça, pois lhe pedi
 certa vez uma satisfação pelo sangue de meu pai.”
 E então a história de Orestes com grande força
 se mostrou, que meu senhor mentia 1110
 e tinha vindo por motivos vergonhosos. (...) 1114
 contra ele, homens emboscados, armados de espada,
 escondidos nos loureiros; disso, dessas coisas todas,
 o rebento de Clitemnestra era o maquinador. 1115
 (Neoptóleomo) dirigia, à vista e de pé, uma prece ao deus
 e eles, armados de pontiagudas espadas,
 ferem à traição o desarmado filho de Aquiles.

Os vv. 1092-5 não só explicitam a calúnia de Orestes, mas também reproduzem as ‘palavras hostis’ (δυσμενεῖς λόγους, 1091) empregadas por ele na ‘história’ (μῦθος, 1109) contada aos habitantes de Delfos. O mensageiro descreve, ademais, o efeito imediato dessas palavras de Orestes (1096-9) e a descrença dos homens de Delfos nas palavras verdadeiras de Neoptólemo (1104-11), marcadas pela forma verbal ψεύδοιτο (1110), que culminaram na emboscada e na morte do filho de Aquiles (1074-5). Assinalo, associados aos diversos elementos do engano de Orestes contra Neoptólemo, o substantivo λόχος (1114), ‘grupo de homens que formam a emboscada’ (cf. *Il.* 8.522), e o radical específico μᾶχᾱνᾱ- no substantivo μηχανορράφος, ‘maquinador’, que designa Orestes (1115-6). Esse engano foi também marcado por Eurípides com a oposição entre κατ’ ὄμμα, ‘à vista’, lit. ‘diante do olhos’ (1117), e λάθραι, ‘traioeiramente’ (1119). Note-se a equiparação do argivo Orestes com os espartanos em geral — e às suas características nesta tragédia — através do adjetivo μηχανορράφος, também presente no v. 447 (*supra* p. 172).

Segue-se a descrição da morte de Neoptólemo (1120-57). O engano preparado por Ores-

tes foi, conseqüentemente, bem sucedido, mas contou com a cumplicidade ou, no mínimo, com a anuência de Apolo (1005-6; 1161-3). Assim como Orestes, o deus teve suas razões (1106-8, *supra*) e, ‘como um homem perverso’, ‘recordou antigas rixas’ (1164-5).

1.5 *Hécuba* (Ἑκάβη)³⁰⁰

Eurípides dramatizou em várias oportunidades o destino das troianas que sobreviveram à queda de Troia (COLLARD, 1991, p. 32): na *Andr.*, tratou de Andrômaca; em *Tr.*, de Cassandra, de Hécuba e, mais uma vez, de Andrômaca; na *Hec.*, de Hécuba e de Polixena. *Hec.* é, portanto, mais uma das tragédias de Eurípides sobre os resultados e conseqüências da Guerra de Troia e, como *Andr.* e *HF*, uma das mais criticadas pela aparente falta de unidade do enredo, que Eurípides teria formado unindo frouxamente partes miticamente pouco ligadas entre si (GRUBE, 1961, p. 80-6).³⁰¹

Fontes antigas. O destino de Hécuba, viúva do rei troiano Príamo, assim como o de seus filhos Polixena e Polidoro, foi provavelmente relatado em alguma parte dos épicos perdidos sobre a queda de Troia e suas conseqüências. Nada consta, porém, da *Od.* e dos fragmentos dos *Nosti*, as duas mais importantes fontes atualmente disponíveis. Na *Il.*, Hécuba é sempre mencionada como a esposa de Príamo (e.g. 22.234; 24.189-93), mas nenhuma fonte anterior a Eurípides conta o que lhe ocorreu logo depois da queda de Troia. Ainda na *Il.*, Polidoro é o mais jovem e mais querido filho de Príamo e Laótoe — não de Hécuba, cf. *Il.* 21.84-96 — e morre nas mãos de Aquiles (20.407-21; 21.90-1).

Polixena não é mencionada nos poemas homéricos e seu sacrifício foi descrito pela primeira vez pelo autor da *Il. Pers.* (*Arg.* 4), por Íbico (*Fr.* 307), por Estesícoro (*Fr.* S135 e S137) ou, talvez, por Simônides (*Fr.* 557).³⁰² É possível, no entanto, que uma cena de sacrifício humano nos fragmentos de uma cratera protoática de c. -650³⁰³ seja a mais antiga referên-

³⁰⁰ Ver Dg. 1, p. 333-98.

³⁰¹ Essa crítica, recorrente desde o início do século XIX, pelo menos (SCHLEGEL, 1815, p. 181), tem sido consideravelmente atenuada ou desconsiderada em estudos mais recentes. Ver e.g. HEATH (1987), COLLARD (1991, p. 21-3) e KYRIAKOU (1997), mais as abundantes referências desses trabalhos.

³⁰² Para as datas da *Il. Pers.*, de Íbico e de Estesícoro, ver *Apêndices D-E* (p. 431 e 432). Simônides viveu entre -556 e -467. Para versões alternativas da morte de Polixena, ver Ibyc. *Fr.* 282.b parte v (= *P. Oxy* 2637 fr. 12).

³⁰³ Boston, Museum of Fine Arts 6.67 (ver VERMEULE e CHAPMAN, 1971). É igualmente possível que a

cia disponível para o sacrifício de Polixena na tumba de Aquiles.

Poetas trágicos e *Hec.* Sófocles, que escreveu uma tragédia intitulada *Polixena* (Πολυξένη, *Fr.* 522-8) um pouco antes da *Hec.* de Eurípides (TrGF 4, p. 404; SOMMERSTEIN, 2006, p. 65-6), também conhecia a versão de sua morte, exigida pelo fantasma de Aquiles, já mencionada pelo poeta dos *Nosti* (*Arg.* 3). Eurípides II, contemporâneo do nosso Eurípides (*supra* p. 2), também escreveu um drama intitulado *Polixena*, do qual conhecemos apenas o título.

A concepção do sacrifício voluntário de Polixena, a história do rei trácio Polimestor e da morte de Polidoro nas mãos dele, assim como a vingança de Hécuba mediante um engano e sua trans-

formação final, tudo isso parece invenção de Eurípides. É possível, no entanto, que Polimestor, Polidoro e os detalhes da morte de Hécuba tenham sido inspirados por uma desconhecida lenda de origem trácia (STEPHANOPOULOS, 1980, p. 82; SYNODINOU, 2005, p. 48-57). A existência de um promontório do Quersoneso Trácio conhecido por *Cinossema*, i.e. ‘marco da Cadela’ (cf. κυνὸς ... σῆμα, 1273 e Str. 7a.1.56; Fig. 4, p. 176), cujo nome é uma alusão à metamorfose final e à morte de Hécuba (1270-4), constitui ao menos um indício dessa possibilidade, dada a inclinação de Eurípides para fornecer à plateia etiologias para rituais e cultos estabelecidos, túmulos, santuários e até povos (e.g. *Med.* 1378-83, *Andr.* 1238-52, *IT* 1446-74, *Ion* 1571-94, *Or.* 1629-52, etc.).

Pouco depois da primeira representação da *Hec.*, no entanto, todas as tradições anteriores deram lugar à versão euripidiana da história de Hécuba, Polixena, Polimestor e Polidoro, que daí em diante se tornou a versão canônica do mito.

A morte de Polidoro. No prólogo (1-59), o fantasma de Polidoro e Hécuba informam

Figura 4. Helesponto, Troia e o Cinossema do Quersoneso Trácio.

cena represente, por outro lado, o sacrifício de Ifigênia (ver *Cypr. Arg.* 8, p. 102; *Ehoiae Fr.* 19.17-22, p. 105; *E. IA*, p. 251).

que o trácio Polimestor, ligado a Príamo por laços de hospitalidade, abrigara a ele e a uma boa quantidade de ouro enviado por Príamo enquanto Troia estava sitiada. O fantasma de Polidoro acrescenta que Polimestor o matou assim que a cidade foi conquistada pelos gregos e jogou seu corpo no mar. Trata-se naturalmente de uma monstruosa traição³⁰⁴ e de uma grave violação das sagradas e não escritas leis da ξενία (1247-8),³⁰⁵ mas não de um engano, pois não há evidências no texto de Eurípides de que Polimestor aceitara o encargo de Príamo já com a intenção de matar Polidoro.

Mais espionagem em Troia. No primeiro episódio, durante o ἀγών entre Hécuba e Odisseu, encontramos o primeiro engano da tragédia (239-48), não inventado por Eurípides. Hécuba menciona um episódio anteriormente descrito pelo poeta da *Od.* (4.242-61, *supra* p. 63) e pelo poeta da *Il. Parv.* (Arg. 4 e Fr. 9, *supra* p. 99): a missão de espionagem de Odisseu em Troia, disfarçado de mendigo. Embora quase irreconhecível (ἄμορφος ὁμμάτων, 240), Helena descobriu o disfarçado Odisseu, e nisso *Hec.*, *Od.* e *Il. Parv.* concordam. Eurípides, no entanto, introduziu uma de suas inovações: Helena contou a Hécuba sua descoberta e foi a rainha de Troia quem atendeu a súplica de Odisseu e permitiu que ele saísse de Troia incólume e retornasse ao acampamento grego (247).

Eurípides não recorreu, aqui, a nenhum vocábulo ligado ao engano: como já notado a propósito da *Doloneia* (*Il.* 10, *supra* p. 52), missões de espionagem são caracteristicamente enganosas e talvez por isso Eurípides achou desnecessário recorrer ao léxico apropriado.

A arapuca de Hécuba. Depois do sacrifício de Polixena, Hécuba descobre a morte de Polidoro nos vv. 678-725 e logo percebe que Polimestor é o culpado e que fez isso para ficar com o ouro troiano (709-12; 774-6). Entre um pensamento e uma palavra ela provavelmente formou o plano enganador com o qual obterá sua vingança (749-50). A estrutura do segundo engano da *Hec.*, reconhecido já por BUXTON (1982, p. 64) e por SEGAL (1993, p. 163), entre outros, foi previamente analisado por VÍLCHEZ (1976, p. 114-8), que observou todos os elementos básicos do engano, como as mentiras de Hécuba e a armadilha por ela preparada. O vocábulo δόλος, que Eurípides utilizou para caracterizar esse engano de Hécuba contra Poli-

³⁰⁴ Em um memorável estudo sobre *Hec.*, Charles SEGAL (1993, p. 157-226) comparou Polimestor ao monstruoso Cíclope e Hécuba a Odisseu.

³⁰⁵ Zeus era o deus protetor dos laços de hospitalidade. Ver nota 217, p. 130.

mestor (884), pode ser tomado aqui na acepção mais primitiva do radical δολο- (*supra* p. 16 sqq.).

Obtida a relutante cumplicidade de Agamêmnon (787-863), a ex-rainha diz ao comandante grego que planejará algo ruim (τι βουλεύσω κακόν, 870) para o assassino, e que vai realizar esse plano muito bem (καλῶς, 875). Agamêmnon pede detalhes, mas Hécuba apenas informa que ela e as outras cativas troianas cuidarão sozinhas do assassino (879-80) e, diante de seu espanto, acrescenta (884): δεινὸν τὸ πλῆθος σὺν δόλῳ τε δύσμαχον, ‘temível e difícil de enfrentar é a multidão unida em uma armadilha’.

Após esse prenúncio, Hécuba pede que uma das cativas vá chamar Polimestor e os dois filhos (892-4). Nos vv. 953-75 eles chegam e, ao longo do diálogo entre Hécuba e Polimestor, Eurípides revela o plano da troiana, que aliás será muito bem sucedido: a) conseguir o afastamento dos servos de Polimestor; b) conseguir que o rei trácio e os dois filhos entrem na tenda; c) atacar o inimigo. A primeira parte do engano — (a) e (b) — é uma história mentirosa sem muitos elementos retóricos, pois Hécuba precisa persuadir o trácio a entrar na armadilha, mais exatamente a tenda das cativas troianas; a segunda parte (c) envolve naturalmente uma ação direta contra Polimestor e seus filhos.

A primeira parte do engano foi impecavelmente executada pela antiga rainha de Troia, intercalando verdades e mentiras em vivo diálogo matizado pela ironia trágica (976-1022).³⁰⁶ O afastamento dos servos (978-83) ela obteve ao dizer que precisa lhe contar algo em particular (978), só para os ouvidos dele e dos filhos. Ela sabe que o rei não terá medo de ficar sozinho com ela, pois é apenas uma mulher que, como o exército grego, é amiga dele (981-3), e além disso tem o cuidado de acalmar suas desconfianças com afirmações verdadeiras e plausíveis (1005-7). Polimestor pensa que a engana com suas mentiras sobre Polidoro (989, 993), mas esse engano ocorre apenas em sua mente, pois Hécuba naturalmente já conhece toda a verdade e não é enganada.³⁰⁷ Para conseguir fazer o passarinho trácio e os dois filhotes entrarem na gaiola, ela lançou uma isca apetitosa: diz que há mais ouro escondido, um tanto em uma caverna distante (1000-2) e outro tanto dentro da tenda (1012-4). Depois da falsa história recheada de solenes e convincentes mentiras, pouco antes das futuras vítimas entrarem na

³⁰⁶ Hécuba diz a Polimestor, por exemplo, que ele é um homem ‘piedoso’ (1004), i.e., que respeita os deuses. Naturalmente, quem viola um laço tão sagrado quanto o da hospitalidade está muito longe disso.

³⁰⁷ Ver também as observações de GREGORY (1991, p. 108-9 e 119, nota 58).

gaiola / tenda, Hécuba anuncia com sombria e arrepiante ironia a segunda parte de seu plano (1021-2):

EKABH

ὥς πάντα πράξας ὧν σε δεῖ στείχῃς πάλιν
ξὺν παισὶν οὐπὲρ τὸν ἐμὸν ὠκίσας γόνον

HÉCUBA

Depois de pegar tudo o que deves, marcha de volta,
junto com teus filhos, para onde estabeleceste o meu filho.

Conforme a *πρᾶξις* trágica, a ação direta ocorre fora do palco, durante uma rápida intervenção do Coro de cativas troianas (1024). Sabemos, por informação dada posteriormente pelo próprio Polimestor, que a princípio as mulheres agiram dissimuladamente, deixando-o à vontade na tenda, com a guarda baixa (1150-9). De repente, os gritos do trácio revelam que as mulheres o dominaram, cegaram (1035) e que seus dois filhos foram mortos (1037), e assim o objetivo de Hécuba foi atingido (1160-71). Note-se que, ao longo desse engano, Eurípides não precisou recorrer ao léxico: as mentiras de Hécuba foram suficientes e convincentes, como as de Odisseu (*supra* p. 53), e as troianas conseguiram desarmar a vítima sendo simplesmente simpáticas. Mais tarde, Agamêmnon reconheceu que o resultado do engano era, para o trácio, um sofrimento que ‘não pode ser resolvido’ (*ἀμήχανον*, 1123), mas aqui o radical *μαχᾶν*- não está propriamente ligado ao engano que vitimou o rei bárbaro.

Fim e prelúdio. No final da tragédia temos, ainda, o prenúncio de um futuro engano, notado anteriormente por SEGAL (1993, p. 11). Polimestor, agora cego, primeiro (1259-73) prevê a transformação de Hécuba em cadela e sua morte, depois (1275-81) denuncia o assassinato de Cassandra, filha de Hécuba, e o do próprio Agamêmnon nas mãos de sua implacável (*πικρά*, 1277) esposa.

Em relação ao fim de Agamêmnon, Polimestor é bem preciso: ele será morto a machadadas (1279), durante o banho (1281). Esse engano, o de Egisto e Clitemnestra contra Agamêmnon, foi descrito anteriormente na *Od.* (*supra* p. 82 sqq.) e a versão de Eurípides será discutida a seguir, na *El.* No momento, lembrarei apenas que o fato de Polimestor desprezar o perigo ao dispensar seus servos e o pouco caso que Agamêmnon fez da força das mulheres (885), de certa forma constituíram um prenúncio do último prenúncio de Polimestor.

1.6 *Electra* (Ἠλέκτρα)³⁰⁸

Nas fontes anteriores a Eurípides, a vingança dos filhos de Agamêmnon e suas consequências praticamente encerram o Ciclo dos Atridas que é, como vimos na análise da *Andr.* (*supra* p. 164), em grande parte uma extensão do Ciclo Troiano. Na sua *El.*, Eurípides abordou o mesmo tema utilizado por Ésquilo em *Ch.* e por Sófocles na *El.*: a vingança de Orestes e Electra contra Egisto e Clitemnestra, os assassinos de seu pai, Agamêmnon.³⁰⁹

As fontes antigas. A morte de Agamêmnon faz parte dos *retornos* dos heróis gregos após a Guerra de Troia e foi detalhadamente descrita por [Homero], que mencionou Orestes como o matador de Egisto em diversas passagens da *Od.*, e.g. 1.35-43, 1.298-300, 3.193-8, 3.306-10 e 11.405-61.³¹⁰ O poeta falou também sobre a morte de Clitemnestra, mas nada disse sobre a responsabilidade direta de Orestes no fim de sua traiçoeira mãe (*supra* p. 82 sqq.). O tema do matricídio parece ter-se firmado em algum momento do século -VI, a julgar pelas fontes antigas posteriores à *Od.* e anteriores à *Oresteia* de Ésquilo,³¹¹ que estabeleceu a versão canônica do mito. Encontramos referências a Orestes, Egisto e Clitemnestra nos *Nosti*, nas *Ehoiae*, nos poetas Xanto, Estesícoro e Píndaro, e é também possível que uma pequena placa de bronze martelado encontrada em Olímpia, datada de c. -570, represente a morte de Clitemnestra nas mãos de Orestes (SCHEFOLD, 1964, p. 89; GANTZ, 1993, p. 678).³¹²

O autor dos *Nosti* menciona apenas a vingança (*Arg.* 5) e, pela primeira vez nas fontes antigas, a participação do primo e amigo de Orestes, Pílates.³¹³ O autor das *Ehoiae* (*Fr.* 19.27-30), por sua vez, explicita que a morte de Clitemnestra foi efetivamente obra de Orestes

³⁰⁸ Ver Dg. 2, p. 55-113. O panorama das fontes antigas sobre Electra e seu mito foram baseados, em boa parte, no excelente estudo de KAMERBEEK (1974, p. 1-4).

³⁰⁹ Os três grandes trágicos do século -V têm em comum outras tragédias sobre um mesmo tema, e.g. *Átamas* (A. e S.), *Frixo* (S.? e E.), *Filoctetes* (A., S., E.) e *Télefo* (A., S., E.). Dessa pequena lista, somente os três *Filoctetes* parecem ser tão comparáveis quanto *Coéforas* e as duas *Electras* (*infra* p. 281).

³¹⁰ A única referência a Orestes na *Il.* (9.143 = 285) diz, como era de se esperar, que ele estava sendo criado com opulência.

³¹¹ A data da *Oresteia* de Ésquilo é bem conhecida: -458.

³¹² Olímpia, Αρχαιολογικό Μουσείο Μ77. Ver também as considerações e dúvidas de PRAG (1985, p. 35) sobre a identificação da cena.

³¹³ A genealogia de Pílates é dada pelo *Fr.* 5 de Ásio de Samos, obscuro poeta épico do século -VI. Seus pais eram Estrófio, um dos reis da Fócida, e Anaxíbia, irmã de Agamêmnon.

e contém uma possível referência ao engano contra Agamêmnon (*supra* p. 106).³¹⁴ Os *Fr.* 217 e 219 da *Oresteia* de Estesícoro, que mencionam respectivamente a célebre cena de reconhecimento de Orestes por Electra (A. *Ch.* 167-245) e o sonho premonitório de Clitemnestra (A. *Ch.* 523-34), sugerem que ele descreveu explicitamente a morte de Clitemnestra nas mãos do filho. Além disso, Estesícoro foi o primeiro poeta a mencionar ‘as deusas’ — sc. *Erínias* — no contexto do mito de Orestes (*Fr.* 217), e a participação dessas divindades vingadoras se deve, naturalmente, ao matricídio. Ele também mencionou o nome da ama do pequeno Orestes (*Fr.* 218). Ateneu (12.6) lembrou que Xanto (gr. Ξάνθος), pouco conhecido poeta mais velho do que Estesícoro, compôs também uma *Oresteia* e que Estesícoro se inspirou nele, mas é só o que sabemos desse poema. Píndaro (*P.* 11.15-8),³¹⁵ finalmente, contou que a ama de Orestes, Arsinoé, afastou-o de Clitemnestra logo depois da morte do pai.

Electra, a dedicada irmã de Orestes, não aparece nos textos mais antigos sobre o funesto retorno de Agamêmnon e nem nos relatos sobre a vingança de Orestes; na *Il.* 9.145 = 287, as filhas de Clitemnestra e Agamêmnon são três, Crisótemis, Laódice e Ifianassa e não há menção a Electra. Uma filha de Agamêmnon com esse nome aparece pela primeira vez no século -VI, na elusiva *Oresteia* de Xanto e nas *Ehoiae*. Eliano (*VH* 4.26) explica que, segundo Xanto, Laódice assumiu esse nome depois da morte do pai, porque não foi dada a ninguém em casamento;³¹⁶ o poeta das *Ehoiae* diz que Clitemnestra gerou Electra (*Fr.* 19.14-6), e nada mais.³¹⁷ A julgar pelo *Fr.* 217 de Estesícoro, é provável que o papel de Electra na morte de Egisto e de Clitemnestra tenha sido desenvolvido por ele, talvez a partir da versão de Xanto.

Poetas trágicos. Eurípides descreveu, em sua versão do mito, quatro importantes enganos: o primeiro é o de Egisto e Clitemnestra contra Agamêmnon, situado no passado e portanto anterior à ação da tragédia; o segundo é o de Orestes contra Electra, aplicado quando ele, a princípio, escondeu dela sua identidade; o terceiro é o de Orestes contra e o quarto, o de Elec-

³¹⁴ DAVIES (1989b, p. 67) afirma, no entanto, que o autor provavelmente descreveu a morte de Egisto e Clitemnestra, e assim a participação de Orestes na morte da mãe deve ter sido mencionada.

³¹⁵ A data mais provável da *Pítica* 11 é c. -474, antes, portanto, da *Oresteia* de Ésquilo.

³¹⁶ Segundo Xanto, a etimologia do nome “Electra” seria a seguinte: Ἠλέκτρα < ἄλεκτρος < α-, ‘não’ + λέκτρον, ‘leito’ (DENNISTON, 1939, p. x; CROPP, 1998, p. xlv).

³¹⁷ Segundo o poeta das *Ehoiae*, Clitemnestra teve apenas três filhos: Ifimédia (= Ifigênia), Electra e Orestes (ver *Ehoiae* *Fr.* 19 e RIBEIRO JR., 2004). Para o poeta dos *Cypr.* (*Fr.* 20 = Σ S. *El.* 157), no entanto, havia uma quarta filha além de Electra, Crisótemis e Ifianassa.

tra contra Clitemnestra.

Há evidências concretas do engano de Egisto e Clitemnestra contra Agamêmnon somente na *Od.* (*passim*, ver p. 82) e em Píndaro (*P.* 11.17, ver p. 136); nenhuma outra fonte antiga menciona ou descreve os outros enganos antes da *Oresteia* de Ésquilo. Antes de atribuir a criação de qualquer elemento dos enganos a Eurípides, no entanto, é preciso levar em conta a provável anterioridade da versão sofocliana desses enganos, pois sua *Electra* é aparentemente um pouco mais antiga do que a *El.* de Eurípides. A maioria dos eruditos, pelo menos, se inclina para a maior antiguidade da *Electra* sofocleana, apesar de não haver nenhuma evidência direta para sua datação.³¹⁸

Eurípides II escreveu um *Orestes* (Ὀρέστης, TrGF 1, p. 94) e Íon de Quios escreveu um *Agamêmnon* (Ἀγαμέμνων, Fr. 1-5). Ambos eram contemporâneos de Eurípides e podem ter apresentado suas tragédias antes da *El.*, de modo que as versões míticas e os enganos descritos por eles podem ter influenciado Eurípides de alguma forma. Não há, por enquanto, nenhuma informação disponível para detalhar melhor essa possibilidade.

Nos parágrafos seguintes, os enganos da *El.* euripidiana serão discutidos de forma comparativa com as versões de Ésquilo e de Sófocles. *El.* é a única das tragédias completas de Eurípides que pode ser comparada verso a verso com tragédias completas de Ésquilo e de Sófocles sobre o mesmo tema.

Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon. Na *El.* de Eurípides, esse não foi o primeiro engano que a plateia viu, mas é o primeiro a ser discutido, uma vez que antecede “cronologicamente” os demais. Trata-se de uma armadilha muito semelhante à da *Hec.* (*supra* p. 177) e seu esquema básico é o seguinte: Agamêmnon foi atraído para o interior do pátio, onde Clitemnestra e / ou Egisto imobilizaram o rei, e então o mataram. Na *Od.*, primeira ocorrência desse engano, tudo foi planejado e executado por Egisto e Clitemnestra: a emboscada foi preparada no pátio de Egisto, que recebeu Agamêmnon e o convenceu a entrar e participar de um banquete, no qual ele e Cassandra foram mortos por Egisto e por Clitemnestra.

O paradigma trágico desse engano se baseia no relato do autor da *Od.* e foi fixado posteriormente pelo Ag. de Ésquilo.³¹⁹ O poeta, a princípio, deixou claro que o plano era de Clitem-

³¹⁸ Ver resumo dos argumentos e referências em CROPP (1988, p. l-li) e em KOVACS (1998, p. 142-3).

³¹⁹ A maestria de Ésquilo é reconhecida desde a Antiguidade. Díon de Prusa (52.4) afirmou que não havia

nestra (1377-81) e que a morte do rei ocorreu mediante um engano (**δολίῳι** μόρῳι, 1495). Nos vv. 1604-9, no entanto, Egisto diz ter sido ele o tecelão (**ῥαφεύς**, 1604) da morte de Agamêmnon, o planejador (**ἐβούλευσας**, 1634), aquele que **πᾶσαν** ξυνάψας **μηχανήν**, ‘tramou toda a artimanha’ (1609); Clitemnestra apenas executou o ‘ardil’ (**δολῶσαι**, 1636). A cena do Ag. se passa em Argos, diante do palácio de Agamêmnon e é Clitemnestra quem recebe o recém-chegado diante de seu palácio (783-974). Ela faz inicialmente uma saudação um pouco exagerada, mas razoável para uma esposa que saúda o marido vitorioso de trabalhosa empreitada após dez anos de separação. O diálogo tem a forma de **ἄγών** e mentiras, exageros e lisonjas dominam a parte de Clitemnestra, que quer convencer o marido a receber exageradas honrarias e, assim, entrar desprevenido no palácio. Agamêmnon fica efetivamente lisonjeado e a princípio recusa “modestamente” as honrarias propostas, mas só para constar. Clitemnestra utiliza dois vocábulos do léxico do engano, um específico e o outro, circunstancial: no v. 886, **τοιᾶδε μέντοι σκῆπτρις οὐ δόλον** φέρει, ‘tal escusa todavia não contém engano,’ o radical **δολο-** esclarece as mentiras contadas por Clitemnestra, e a forma verbal **πιθοῦ**, ‘deixa-te persuadir’ marca a vitória de seus argumentos. Pode-se dizer, portanto, que esse diálogo compõe um subengano com história falsa do tipo retórico, semelhante aos dois enganos principais da *Alc.* (p. 142 sqq.). As palavras finais do enganoso discurso da rainha (958-74), proferidas provavelmente enquanto o marido entrava na armadilha, são repletas de ironia trágica, com referências a sangue (960) e a mortes (965). No final do episódio Clitemnestra faz até mesmo uma prece convencional a Zeus (973-4), em prol daquilo que desejava fazer.

A ação direta que se segue à entrada da vítima na armadilha é descrita nos versos subsequentes pela profetiza Cassandra, que tudo (pre)vê antes mesmo de entrar no palácio. Ela percebe que ‘algo mau foi tramado’ (**μήδεται** κακόν, 1102), mais exatamente um ardil (**μηχανήν**, 1253), e fala do banho de Agamêmnon (1107-8), do artifício (**μηχανήματι**, 1127) da rede (**ἄρκυς**, 1116; **ἀμφίβληστρον**, 1382) que o imobilizará e da ‘enganadora e mortal bacia’ (**δολοφόνου** λέβητος, 1129) onde ele será morto pela própria Clitemnestra (1262-3). Cassandra também previu a própria morte (1160-1; 1258-61) e, naturalmente, todas as suas previsões são corretas: o Coro e a plateia ouvem os gritos finais de Agamêmnon (1343-6) e Clitemnestra confirma o que planejou e fez contra o marido (1377-92) — considera-se ‘justa artífice’ (**δι-**

---

ninguém melhor na descrição de planos (... οὐδὲν ἐπιβεβουλευμένον ...).

καίας τέκτονος, 1406) dessa morte —, assim como a morte da troiana (1438-46).

Ésquilo utilizou liberalmente o léxico específico e circunstancial para descrever a dinâmica do engano de Clitemnestra e Egisto e as motivações dos dois enganadores. Além dos vocábulos usuais, destaco o antigo radical de ῥαφεύς (ῥαπ-), que se relaciona com a tecelagem e, metaforicamente, com enganos,³²⁰ e os vocábulos ἄρκυς (rad. ἄρκυ-) e ἀμφίβληστρον (rad. ^{*}g^wle-), que designam especificamente a rede utilizada pelos caçadores.³²¹ Os caçadores são enganadores por natureza, que usualmente espreitam e emboscam (sc. *enganam*) suas vítimas antes de pegá-las ou matá-las. Desde a época das elegias de Sólon, pelo menos (*supra* p. 118), a associação entre a rede dos caçadores e o engano é nítida. A metáfora da caça tem sido, aliás, utilizada na análise de vários aspectos do Ag. (e.g. ROSENMYER, 1982, p. 133-5).

Nas duas *Electras*, Sófocles e Eurípides foram bem mais sucintos do que Ésquilo, mas sem deixar de caracterizar esse primeiro engano. Sófocles descreveu a morte de Agamêmnon em poucos versos (94-102) e assinalou sucintamente, mais tarde, o ardil (ἐκ δολερᾶς, 124; δόλος, 197; ἐκ δόλου, 279) de Clitemnestra e Egisto, precisando ademais que a morte do rei ocorreu por meio de enganos (ἀπάταις, 125).

Eurípides foi ainda mais sucinto e, em apenas dois versos do prólogo (8-10), contou que Agamêmnon foi morto no palácio, por meio de um ardil (δόλωι, 9) de Clitemnestra e também pela mão do ardiloso (δόλιον, 166) Egisto. Além desse último qualificativo, uma passagem danificada do manuscrito da tragédia (161)³²², parece conter o vocábulo † ... βουλᾶς†, ‘... plano’, indicativo de plano nem um pouco improvisado, que Clitemnestra afirma ter Agamêmnon provocado, recorrendo a esse mesmo radical (βουλεύματα ... ἐβλούλευσεν, 1011-2; βουλευμάτων, 1109). Essa economia se deve, naturalmente, ao fato de Ésquilo ter dedicado ao primeiro engano praticamente uma tragédia inteira, enquanto Sófocles e Eurípides só mencionaram o engano para contextualizar a vingança de Orestes e Clitemnestra, núcleo temático das duas *Electras*.

O engano de Orestes contra Electra. Sófocles é provavelmente o criador do segundo engano, que não tem paralelos na poesia anterior à sua *El.*: nas *Ch.* de Ésquilo, Orestes se a-

³²⁰ Ver nota 94 da p. 55. Sobre tecelagem e engano, ver p. 78.

³²¹ É o mesmo radical do verbo βάλλω, ‘lançar’. Ἀμφίβληστρον designa literalmente o que é lançado em volta, aquilo que é usado para envolver algo.

³²² *El.*, assim como *Suppl.*, *HF*, *IT* e *Ion*, vêm de um só manuscrito: L. Ver p. xi.

presenta a Electra e se identifica imediatamente (212-37). Note-se que a Electra das *Ch.* teme que se trate de algum engano (δόλον τιν', 220), imediatamente esclarecido por Orestes (221): αὐτὸς κατ' αὐτοῦ τάρτα μηχανορραφῶ, 'só se eu planejasse um engano contra eu mesmo'. Aqui, Ésquilo sem dúvida utilizou o léxico do engano para marcar a ausência de enganos, como no potencial engano de Zeus ao se dirigir a Tétis (*Il.* 1.524-7: *infra*, p. 37)... Voltando então à *El.* de Sófocles, ele colocou o pequeno engano de Orestes contra Electra bem no meio do engano de Orestes contra Egisto e Clitemnestra, que discutirei mais adiante. Ao encontrar Electra e o Coro (Y), sem saber que estava diante da irmã (1098-1125), Orestes fingiu ser apenas um mensageiro de seu tio Estrófio, da Fócida, portador da urna com as fictícias cinzas de "Orestes", i.e., de si mesmo. Temos, portanto, uma espécie de ato enganoso "inadvertido" (A), mas não do ponto de vista da intenção do enganador (X), condição *sine qua non* de todos os enganos (cf. *supra* p. 11); o que aconteceu foi uma imprevista mudança na direção do engano destinado aos assassinos de Agamêmnon (Y).³²³ Ésquilo, assim como Sófocles, já havia estabelecido que Electra e Orestes não eram capazes de se reconhecer visualmente (Ésquilo: *Ch.* 225; Sófocles: *El.* 1340) e Sófocles aproveitou esse tema, colocando Electra diante do irmão. Ela acreditou na mentira dele (1117-8) e foi enganada, i.e., acreditou na sua falsa morte, que Orestes imediatamente esclareceu (1174-1223) quando percebeu que estava enganando quem não queria. Seguindo ainda a tradição esquiliana, Sófocles marcou os versos enunciados por Orestes com vocábulos do engano, que o irmão de Electra usa para desfazer o engano: ἀμηχανῶν (1174) e ψεῦδος (1220).

Na versão euripidiana desse episódio (107-578),³²⁴ Electra também não era capaz de reconhecer o irmão, se o visse (283-4), e assim Orestes simplesmente abordou a irmã (220) e lhe deu a entender que era outra pessoa. Antes do encontro, enquanto Orestes e Pílates observavam e ouviam, escondidos, Electra se identificou sem deixar margem a dúvidas (115-9) e, mesmo depois de afirmar que as mulheres do Coro eram de toda confiança (271-2), ele não se revelou. Só no final da célebre cena de reconhecimento (550-78), conduzida pelo velho Preceptor de Agamêmnon, Orestes admitiu ser Orestes e abraçou a irmã. Ao contrário de Sófocles, Eurípides moldou o episódio como um engano formal ($X \rightarrow A \rightarrow Y$), caracterizado mais

³²³ Ver DUARTE (2010a) para uma discussão detalhada da enganosa fala de Orestes diante de Electra.

³²⁴ É relativamente extensa a bibliografia que compara as cenas de reconhecimento de *Ch.* e das duas *Electras*, sob diversos pontos de vista. Ver DUARTE (2010b, p. 175-211).

pela omissão de Orestes, que conversou longamente com a irmã sem dizer quem realmente era, do que por uma atitude mais ativa de sua parte. Ele não disse nenhuma mentira direta, e.g. “não sou Orestes” ou “sou Fulano, filho de Sicrano,” mas forneceu pelo menos três boas pistas de sua identidade (224; 282, 391-3), ironia trágica que a plateia naturalmente não deixou de notar. Electra, porém, perturbada por ter sido abordada por um desconhecido e emocionada por ter recebido notícias frescas de seu irmão, nada percebeu. Nesse discurso enganador relativamente atípico, Eurípides não recorreu ao vocabulário especializado.

Orestes e Electra contra Egisto e Clitemnestra.³²⁵ Em *Ésquilo*, o terceiro engano é prenunciado ainda no *Ag.*, em uma súplica que Cassandra faz pouco antes de sua morte (1322-6), e em uma evocação do Coro logo depois dos assassinatos (1646-8; 1667). Em *Ch.*, segundo drama da *Oresteia*, a prospectiva vingança de Orestes se torna o presente da ação trágica e o fio condutor do drama.³²⁶ Depois de se apresentar à irmã (212-68), Orestes revela que um oráculo de Apolo o impele (269-305) e, depois de Orestes e Electra invocarem o auxílio do morto (315-507), começam a planejar, juntamente com o Coro, a morte de Egisto e Clitemnestra: aqueles que mataram através de um estratagema (δόλῳι, 556), deverão δόλῳι γε καὶ ληφθῶσιν ἐν ταῦτῳι βρόχῳι / θανόντες, ‘morrer efetivamente através de estratagema, apanhados na mesma / armadilha’ (557-8). É certo que isso ocorrerá, pois Apolo é ‘adivinho que não mente’ (μάντις ἀψευδής, 559). Orestes então delineia um ardiloso plano, uma detalhada ‘armadilha’ (μηχάνημα, 981): a) ele e Pílates irão ao palácio, imitando (μιμουμένῳι, 563-4) o modo de falar dos fócios;³²⁷ b) dirão aos servos que trazem boas novas para Egisto (567-70); c) ao encontrar Egisto, Orestes o matará. Nessa versão preliminar do plano ele não menciona Clitemnestra, embora antes tenha se referido, explicitamente, ‘aos matadores’ (556) do pai. Já no palácio, é justamente a mãe quem recebe os estrangeiros (668-73). Orestes se diz então mensageiro de Estrófio, pai de Pílates, e informa que Orestes morreu e agora suas cinzas es-

³²⁵ VÍLCHEZ (1976, p. 122-4) abordou a versão euripídiana do engano de Electra contra Clitemnestra e só mencionou o de Orestes contra Egisto.

³²⁶ A. *Ch.* tem diversas referências ao primeiro engano (Egisto / Clitemnestra → Agamêmnon), não discutidas aqui porque nada acrescentam à análise efetuada a propósito do *Ag.*

³²⁷ Pílates é fócio e Orestes foi criado, desde pequeno, no palácio do primo. Em teoria, nenhum dos dois precisava “imitar” uma fala típica que, a rigor, era seu modo habitual de falar. Creio que essa passagem pode refletir um pequeno lapso do poeta, perfeitamente enquadrável na licença poética, mas ela pode igualmente ser vista como um paralogismo através do qual Eurípides joga com sua audiência (Adriane S. Duarte, 2011, informação pessoal). Nesse contexto do verbo μιμέομαι (rad. μιμῆ/-, etimologia obscura), de qualquer modo, está implícito o ato de enganar. *Ésquilo* foi o primeiro trágico a usar o radical (Chantr. s.u. μῖμος).

tão em uma urna (674-87). Clitemnestra disfarça sua alegria (737-41) e manda chamar Egisto, que está fora do palácio (734-7). O Coro intercepta a mensageira, que é justamente Cilissa, antiga Ama de Orestes, e a instrui a dizer a Egisto que venha sozinho, desacompanhado de guardas (764-82). Ele vem sozinho, adentra o palácio (838-54) e é morto (869; 875-80). O servo que confirma a notícia chama Clitemnestra e prenuncia sua iminente morte (883-4); a rainha acorre e Orestes confronta a mãe, não atende sua súplica e a leva para o interior do palácio, onde será igualmente morta por ele (885-930). Antes, ela reconhece o engano que vai vitimá-la (δόλοις, 888). O Coro e a plateia contemplam, finalmente o cadáver de Clitemnestra e de Egisto (973-9), indicando que o engano foi bem sucedido.

O engano (μηχάνημα, 981) de Orestes contra Egisto e Clitemnestra é, assim como o engano deles contra Agamêmnon (*supra* p. 182), uma variante da arapuca discutida anteriormente na *Hec.* (*supra* p. 177). A semelhança entre as duas é marcada pela utilização de um vocábulo específico desse tipo de armadilha, ao qual Ésquilo recorreu para designar o engano: βρόχος, ‘laço para enforcar / estrangular’ (557) que, por extensão, designa laço ou rede para apanhar animais (E. *Hel.* 1169), notadamente passarinhos (e.g. Ar. *Av.* 527; Pl. *Sph.* 220c). Na variante esquiliana, a dificuldade não é a entrada dos enganados na armadilha, que é o próprio palácio onde eles residem, mas o acesso dos enganadores ao local. Essa diferença em relação à armadilha da *Hec.* se reflete no método do subengano que coloca o enganador diante do enganado, em condições de matá-lo: Hécuba recorreu simplesmente à retórica para convencer Polimestor, mas Orestes precisou recorrer a mentiras. Os outros vocábulos do léxico do engano que Ésquilo utilizou são já bem conhecidos.

Na *El.* de Sófocles o engano é apresentado em partes bem separadas uma da outra por cenas e até episódios e cantos corais inteiros. O plano é armado no início do prólogo, por ordem de Apolo: cabe a Orestes, mediante engano (δόλοισι, 37) e às escondidas (κλέψαι, 37), completar a tarefa reservada a ele. Orestes propõe o seguinte: a) o velho Preceptor deverá entrar no palácio, em missão de espionagem e desinformação, espalhando a notícia da morte de Orestes através de falso juramento (ῥρκον, 47); b) Orestes levará ao palácio a urna com suas pretensas cinzas e fará um falso relato (κλέπτοντες, 56) sobre sua própria morte. Não há menção à ação direta que a tarefa requer, mas isso está implícito na referência à sua vingança contra os assassinos do pai (33-4). O andamento do plano de Orestes fica perceptível para a plateia bem depois, quando o velho Preceptor chega ao palácio (660-2), encontra diante dele a

própria Clitemnestra e também Electra, e dá a falta notícia da morte de Orestes às duas (673-7). O velho se estende nos mentirosos detalhes da morte de seu amo (680-763),³²⁸ Clitemnestra acredita na história e deixa, então, o Preceptor entrar (800-3). Mais tarde, depois do “engano inadvertido” de Orestes contra Electra (1098-1173) e do reconhecimento (1205-26), chega o momento oportuno, pois Clitemnestra está sozinha no palácio (1368), sem homens por perto (1369). O Coro, na curta antístrofe do terceiro estásimo, evoca o furtivo Hermes e marca o engano com muitos vocábulos do léxico (1391-7):

Παράγεται γὰρ ἐνέρων
δολιόπους ἀρωγὸς εἶσω στέγας,
 ἀρχαιοπλουτα πατρὸς εἰς ἐδῶλια,
 νεακόνητον αἶμα χειροῖν ἔχων·
 ὁ Μαΐας δὲ παῖς
 Ἑρμῆς σφ’ ἄγει **δόλον** σκότῳ
κρύψας πρὸς αὐτὸ τέρμα κοῦκέτ’ ἀμμένει.

1395

Entra no interior da casa
 o defensor dos inferos, com furtivo pé,³²⁹
 para dentro da ancestral e rica morada do pai,
 nas mãos morte³³⁰ recentemente afiada.
 O filho de Maia, Hermes,
 escondendo o engano em escuridão,
 o conduz [sc. o defensor] à sua meta, sem mais demora.

1395

Ouve-se então a morte de Clitemnestra no interior do palácio (1408-18) e logo depois Egisto chega, sozinho, encontrando um cadáver recoberto e dois estranhos (1466-9). Ao descobrir o corpo da rainha morta, reconhece ter sido apanhado em uma rede (ἀρκυστάτοις, 1476) e Orestes confirma ironicamente que ele foi enganado (ἐσφάλλου, 1481). Finalmente, o rapaz faz Egisto entrar no palácio, ao encontro da inevitável morte (1491-1507), e a tragédia termina sem mostrá-la, ainda que indiretamente.

A versão de Sófocles tem mais ou menos as mesmas características da versão de Ésqui-

³²⁸ A longa, elaborada e mentirosa exposição do Preceptor a respeito de Orestes e de sua falsa morte já mereceu muitos estudos. Ver e.g. BLUNDELL (1989, 1973-4) e DUARTE (2010a, p. 31-5), que fez também uma correlação entre a descrição e o engano de Pélops contra Enômao (cf. *Or.* 992-6 e 1547-8, *infra* p. 234).

³²⁹ Lit. ‘com pé enganador’ (Bailly, s.u. δολιόπους).

³³⁰ Αἶμα: sangue > sangue derramado > morte > arma da morte > espada. Ver Bailly (s.u. αἶμα) e KAMERBECK (1974, p. 180) sobre as possíveis traduções dessa palavra no contexto da *El.* de Sófocles.

lo e é também marcada pelo léxico habitual do engano. Alguns notáveis elementos oriundos diretamente da poesia épica, no entanto, precisam ser destacados: a missão de espionagem do velho Preceptor de Orestes e o falso juramento para aumento de credibilidade (39-50) lembram a *Doloneia* (*supra* p. 52) e os juramentos oferecidos mas não jurados de Odisseu e Hermes (*supra* p. 75 e 96; a longa e inventada história que o Preceptor conta a Clitemnestra lembra muito as elaboradas “histórias mentirosas” de Hermes e Odisseu (*supra* p. 44 e 71); e Hermes, o hábil ladrão de gado do hino homérico homônimo (*h. Merc: supra* p. 95), que gosta de enganar à noite, é explicitamente mencionado (1395-7, passagem original *supra*). A estreita e conhecida relação entre engano, escuridão e noite (*supra* p. 95) foi igualmente assinalada por Sófocles nessa referência.

A versão de Eurípides desse engano contém uma inovação importante. Embora o planejamento da morte de Clitemnestra e de Egisto seja um só, a execução dos enganos que vitimam uma e outro se dá separadamente, i.e., como se houvesse um engano contra Egisto e outro engano, separado, contra Clitemnestra. Ao contrário das versões de Ésquilo e de Sófocles, a vingança não será efetivada no mesmo local. Outra novidade é uma espécie de pré-planejamento do engano, que ocorre antes do reencontro dos irmãos e do reconhecimento (217-584):³³¹ Orestes diz a Pílates que voltou à sua terra para pagar com morte a morte do pai (89) e que precisa encontrar a irmã (98-101) para saber se ela o ajudará nessa tarefa. Ele consultou previamente o oráculo de Apolo (87; 971-81), mas Eurípides não revela as palavras do deus (talvez porque a plateia já as conhecesse). Sabe-se que Orestes inconscientemente (?) considerou aplicar um engano, pois logo depois do reencontro com a irmã se referiu ao ‘lançamento de uma rede’ (βόλον, 58),³³² umas das metáforas do engano (notar o rad. *g^welə1-*, de βάλλω). Eurípides também difere de Ésquilo e de Sófocles quando, nos vv. 596-604, mostra Orestes conversando com o Velho e transmitindo à plateia a nítida impressão de que ele não sabe o que fazer. Há indecisão, cautela ou até um pouco de medo (e.g. 96-7; 963; 982) em suas palavras ao longo de toda a tragédia, como têm insinuado vários comentadores (e.g. CROPP, 1998,

³³¹ Os vv. 518-44 da cena de reconhecimento da *El.* euripídica constituem uma espécie de “paródia” (cf. e.g. PARMENTIER e GRÉGOIRE, 1925, p. 184-6) dos vv. 164-234 das *Ch.* de Ésquilo. Desde o século XIX, pelo menos, essa passagem suscita vivas discussões, a favor e contra sua autenticidade. Dentre os estudos mais recentes, destaco os de BOND (1974), KOVACS (1989), JOUANNA (1997), MEZZADRI (1997), DAVIES (1998), BRANDÃO (2001), QUIJADA (2002), OLIVEIRA (2006) e DUARTE (2010b, p. 176-9).

³³² A despeito da provável referência ao engano, não sabemos seu sentido exato devido a uma lacuna de L bem no verso seguinte. Ver Dg. 2 Ἠλέκτρα ad loc.

xxxiv-xxxv); o próprio Orestes diz estar ἀμηχάνων, ‘sem recursos’ (624), i.e., sem capacidade de enganar, e Electra sente até necessidade de encorajá-lo (693).³³³ É o Velho quem explicita ou reitera a meta do filho de Agamêmnon, matar Egisto e Clitemnestra (612-4), e delineia o enganoso plano (βούλευσον, 618) para matar Egisto: Orestes deverá encontrá-lo fora dos muros da cidade, no campo, durante um sacrifício, pois é certo que ele convidará os estrangeiros a participar, conforme seu hábito, e que os servos presentes se submeterão ao vencedor, quando matá-lo (614-39). Clitemnestra, diz ainda o Velho, terá que ser abordada de outra forma, pois não acompanhará o marido no sacrifício (640-7). Aí, Electra afirma que se encarregará disso e planeja atrair a mãe à sua cabana com um falso pretexto, e ao vir até a filha ela será morta (647-62).

O resultado da primeira parte do engano vem depois de um intervalo coral: gritos são ouvidos ao longe e servos de Orestes vêm informar Electra que Egisto está morto (747-64). O engano que vitimou Egisto (774-853) não é uma arapuca como a descrita por Ésquilo e por Sófocles; é uma armadilha atípica, pois o enganador foi até a vítima, ao invés de atraí-la para o local do engano; pode ser também, talvez, uma elaborada emboscada constituída de diversos subenganos. De qualquer modo, é uma bem sucedida μηχανή com algum subenganos bem tipificados: a) Orestes mentiu ao se identificar como tessaliano (781-2); b) Orestes e Píladés ajudaram Egisto a trincar a vítima do sacrifício, conversando e ajudando-o a ler os sinais das entranhas da vítima, deixando-o desprevenido (815-39), uma espécie de ato mentiroso; c) Egisto foi morto por Orestes com uma facada nas costas, enquanto se abaixava para olhar as entranhas da vítima (839-44). O poeta marcou bem essa parte do engano com um dos vocábulos especializados, ao fazer Egisto dizer a Orestes que temia um δόλον, ‘ardil’ (832, 834), da parte do filho de Agamêmnon (831-3).

A segunda parte do engano da versão euripidiana é mais parecida com o engano descrito por Ésquilo e por Sófocles do que a primeira parte. O engano que castigará Clitemnestra é uma bem acabada arapuca armada por Electra, como se nota pelo vocábulo ἄρκυν, ‘rede’ (965), de etimologia desconhecida mas indubitavelmente ligado à caça e às armadilhas. Note-

³³³ As vacilações de Orestes, não observadas em Ésquilo, Sófocles ou fontes mais antigas, faz parte da complexa caracterização dos personagens trágicos de Eurípides, apontada por incontáveis comentadores de sua obra. Na sua *El.*, Orestes e Electra não são totalmente bons, corajosos, equilibrados e heroicos; Egisto e Clitemnestra não são completamente maus, vilanescos e degenerados; e o Velho, escravo da casa de Agamêmnon, se mostra mais inteligente do que todos eles. Somente a caracterização de Electra na tragédia homônima de Sófocles se aproxima um pouco da “humanização” dos personagens da *El.* de Eurípides.

se que, segundo Electra, é o mesmo δόλον que Orestes usou para matar Egisto (983-4), mas não é, como se verá a seguir. Eurípides começa a descrever o engano com o aviso que Electra manda à mãe, sobre um pretenso filho que teria nascido dez dias antes (652-67). Electra tinha certeza que essa história mentirosa à distância, levada pelo Velho e marcada por um vocábulo circunstancial do léxico (μῶθον, 659), atrairia Clitemnestra ao local desejado, a isolada cabana onde a jovem vivia (656). A rainha efetivamente vai, discute com Electra e entra na cabana, onde estão escondidos o cadáver de Egisto, o filho e Pílates, preparados para matá-la (959-1146). Os gritos de Clitemnestra no interior da cabana são ouvidos após breve intervalo coral e logo a plateia vê os corpos de Egisto e de Clitemnestra (1165-1173). Orestes, Pílates e Electra estavam dentro da cabana, mas foi Orestes quem deu o golpe fatal (1180-1; 1197; 1221-3). Mais uma vez.

A criança ameaçada. Assim como a *Andr.* (*supra* p. 168 sqq.), que aborda o tema da ameaça de morte e a salvação de Molosso, filho de Andrômaca, as duas *Electras* trazem enganos ligados à salvação do pequeno Orestes logo depois do assassinato do pai. Em Sófocles, o Preceptor de Orestes conta que o recebeu das mãos de Electra logo depois do assassinato do pai, levou-o até a Fócida, mais precisamente a Estrófilo, pai de Pílates (Pi. P. 11.35-6), e cuidou e criou o menino até a idade adulta (11-4; também 1346-53). O ato envolveu enganos, certamente, uma vez que Clitemnestra e Egisto dificilmente poupariam Orestes caso fosse encontrado naquela ocasião e nem depois, dada a satisfação que ambos expressam ao receber a notícia de sua falsa morte (e.g. A. Ch. 734-43; S. El. 773-87).

Em Eurípides, a história da salvação de Orestes tem mais ou menos os mesmos elementos, mas quem o salvou foi o idoso ex-preceptor de Agamêmnon (553-7), e o poeta foi o único dos três trágicos a marcar esse engano com um vocábulo do léxico, ἐξέκλεψε, para se referir ao engano praticado pelo Velho.

Atreu, Tieste e Helena. Dois outros enganos significativos são mencionados por Eurípides. O primeiro se refere a um engano ocorrido bem antes da tragédia, durante a disputa entre Atreu e Tieste, respectivamente avô e tio-avô de Orestes e Electra, que envolveu o carneiro de ouro (699-712), já conhecido desde a *Alcmeon. Fr.* 6 (*supra* p. 104) e, provavelmente, desde o *Thy.* (*infra* p. 270).

Um último e complexo engano, o do fantasma (εἰδωλον, 1283) de Helena criado por

Zeus, é mencionado no meio do êxodo (1280-3). Essa menção a ele é praticamente um prenúncio e um resumo dos complexos enganos da *Hel.* (*infra* p. 223).

1.7 *Héracles* (Ἡρακλῆς)³³⁴

As heterogêneas e numerosas tradições míticas que compõem o Ciclo de Héracles, ligadas à Argólida e ao Ciclo Tebano, oscilam do maravilhoso e divino ao trágico e humano, comportamento de certa forma apropriado a um herói-deus (cf. *Pi. N.* 3.22; *h. Hom.* 15). O personagem “Héracles” foi utilizado por Eurípides em registro bastante leve, relacionado com o bom e o maravilhoso, em sua *Alc.* (BARLOW, 1988, p. 1); no *HF*, por outro lado, o poeta dramatizou a morte da primeira esposa e dos filhos de Héracles por suas próprias mãos, evidenciando um lado bastante sombrio e humano do herói, vítima dos desígnios de Hera, assim como os devastadores e trágicos efeitos desse ato em sua imagem heroica.

Os enganos do *HF* não estão ligados diretamente ao núcleo trágico, embora enriqueçam sobremaneira a ação dramática e os relatos paralelos dos personagens.

As fontes antigas. Referências à aventura amorosa de Zeus e Alcmena, esposa de Anfitrião, serão discutidas mais adiante, na *Alcmn.* (p. 316). Aqui, citarei apenas as principais fontes anteriores a Eurípides que tratam da captura de Cérbero (12º Trabalho),³³⁵ da morte da esposa e dos filhos de Héracles e do resgate de Teseu no Hades.

O poeta da *Il.* (8.367-8) e o poeta da *Od.* (11.623-6) já conheciam o Trabalho durante o qual Héracles desceu ao Hades com a finalidade de capturar Cérbero, o monstruoso e feroz cão³³⁶ que guardava a entrada da terra dos mortos (*Hes. Th.* 310-2; 769-73). Não há referências antigas à quantidade específica de trabalhos impostos por Euristeu, nem à ordem em que Héracles os realizou. O rótulo de “12º trabalho”, porém, aposto à captura de Cérbero pelo Pseudo-Apolodoro (2.5.12), é seguido pela maioria dos eruditos contemporâneos; Diodoro Sículo (4.25.1), por outro lado, considera-o o 11º trabalho. Nas métopas do templo de Zeus em Olímpia (c. -546), a captura de Cérbero era a quarta métopa da sequência de seis trabalhos re-

³³⁴ Ver Dg. 2, p. 115-175.

³³⁵ As referências míticas a Cérbero e à sua captura por Héracles que apresento a seguir se baseiam notadamente no excelente levantamento de GANTZ (1993, p. 413-6).

³³⁶ O nome *Cérbero* aparece pela primeira vez em Hesíodo (*Th.* 311). Na *Il.* e na *Od.* ele é simplesmente chamado de ‘cão de Hades’.

presentados logo acima do pórtico frontal; os outros seis ficavam no pórtico traseiro. No *he-faisteion* de Atenas (c. -449), a métopa com a captura de Cérbero ocupa a 6ª posição entre os nove trabalhos representados, todos no lado leste, e pode ainda ser vista *in situ*.

O casamento com Mégara, filha de Creonte, rei de Tebas, é conhecido desde a *Od.* 11.269-70, que infelizmente nada mais informa. A história da loucura de Héracles remonta aos *Cypr. Arg.* 4. Registros da morte de Mégara e dos filhos que ela e Héracles tiveram foram mencionadas no século -VI por Estesícoro (*Fr.* 230) e no século -V por Paniassis (*Fr.* 1). Estesícoro e Ferécides (3 F 14) são os mais antigos autores que atribuíram a morte de Mégara e dos filhos à loucura de Héracles. Píndaro (*I.* 4.61-4) dá, no entanto, uma versão diferente: os filhos teriam morrido ‘vestidos de bronze’ (*χαλκοαῖν*, 4.63), i.e., adultos e em batalha.

Eurípides é o primeiro autor, até onde se sabe, a tentar justificar os trabalhos impostos a Héracles. Em *HF* 15-22, Anfitrião revela que Héracles aceitou as penosas tarefas voluntariamente, para que Euristeu permitisse que ele e o pai voltassem a Argos, de onde Anfitrião e ele haviam sido exilados (4; 18-9; 1285). Depois de Eurípides, autores tardios, que viveram quase meio século mais tarde, informam que as hercúleas façanhas foram prescritas pelos deuses (i.e., por Zeus e/ou pelo Oráculo de Delfos), que Héracles enlouqueceu e matou os filhos porque não se animava a cumprir as determinações divinas (*D.S.* 4.10.6-7) ou, ainda, que os trabalhos compensariam a morte dos filhos e da esposa e o tornariam imortal (*Ps.-Apollod.* 2.4.12). Em todo caso, a loucura teria ocorrido antes dos trabalhos (*Nic. Dam.* 90 F 13), na seguinte sequência: casamento – loucura – morte dos filhos – oráculo – exílio e trabalhos. No *HF*, Eurípides dá a seguinte sequência: casamento – exílio – trabalhos – loucura – mortes.

Desde WILAMOWITZ (1895), no mínimo, praticamente todos os comentadores da tragédia afirmam e reafirmam que Eurípides teria “invertido a ordem dos eventos”, mas essa noção mais ou menos generalizada não tem respaldo nas fontes antigas. Se ninguém antes de Eurípides tratou da justificativa dos trabalhos e ele é nossa fonte mais antiga,³³⁷ o correto é dizer que Eurípides estabeleceu a sequência dos eventos e os autores tardios é que a inverteram...³³⁸ É preciso reconhecer, no entanto, que a sequência preconizada por esses autores se tornou posteriormente a versão canônica, mas isso sem dúvida ficou estabelecido muitos séculos depois da

³³⁷ Os principais elementos dessa ideia chegaram a ser apresentados por BOND (1981, p. xxviii-xxx), mas sem apresentar essa conclusão.

³³⁸ Nicolau de Damasco: n. -64, viveu na época do Imperador romano Augusto. Diodoro Sículo: século I. Pseudo-Apolodoro: século II.

primeira representação do *HF*, provavelmente no início da Era Cristã e talvez no final do século I. Note-se que o *Hercules Furens* de Sêneca, que ainda segue muito de perto a sequência de acontecimentos do *HF* de Eurípides, data de 54 d.C. (MARCHIORI, 2008, p. 15).

Quanto à ameaça de morte contra o pai, à esposa e aos filhos de Hércules, à existência do vilanesco e impertinente Lico, e ao engano que o herói e Anfitrião prepararam contra ele, tudo isso foi inventado por Eurípides especialmente para a produção do seu *HF*.

A presença de Teseu e Pirítoos no Hades é mencionada rapidamente pelo poeta da *Od.* na Νέκυια (11.630-1), e é difícil concatenar essa passagem com a informação de Eurípides e de mitógrafos posteriores (e.g. Ps.-Apollod. 2.5.12 e *Epit.* 1.23-4) de que Teseu, pelo menos, foi salvo por Hércules. Há apenas uma possibilidade: na ocasião da visita de Odisseu, Hércules, Pirítoos e Teseu estavam mortos e se reencontraram os três no mundo subterrâneo, de onde Pirítoos, aliás, nunca saiu. O Pseudo-Apolodoro informa que, em vida, os dois estavam lá, presos às rochas, porque haviam sido enganados por Hades, e o relevo de uma placa de bronze na braçadeira de um escudo, datada de -560,³³⁹ representa Hércules diante de Teseu e Pirítoos, ambos sentados e presos por laços invisíveis. Isso mostra que o engano de Hades contra Teseu e Pirítoos, lembrado pelo Pseudo-Apolodoro, era conhecido pelo menos desde a primeira metade do século -VI. Hércules esteve no Hades durante o 12º Trabalho, e deve ter sido nessa ocasião que ele salvou Teseu. *Min. (Fr. 1 e 7)*, de data desconhecida mas provavelmente anterior a Eurípides, e *Heracleia* de Paniassis (*Fr. 17*), com certeza anterior a Eurípides, eram poemas do século -V que sem dúvida mencionavam o engano de Hades contra Teseu e Pirítoos (*supra* p. 105).

Hércules e os poetas trágicos. Apesar de sua grande popularidade, Hércules aparece menos do que seria de se esperar na obra dos três grandes poetas trágicos.³⁴⁰ Sem contar as numerosas referências ao seu nome e a suas façanhas, notadamente em tragédias sobre sua concepção e sobre seus descendentes, os *heráclidas*, ele é personagem ou *deus ex machina* de poucas tragédias.

Ésquilo o colocou como personagem no *Prometeu Libertado* (Προμηθεὺς λυόμενος, *Fr.*

³³⁹ Olímpia, Αρχαιολογικό Μουσείο B 2198.

³⁴⁰ Sua presença na comédia ática e em dramas satíricos é, por outro lado, razoavelmente frequente. Os autores destacavam sua propensão à violência e os aspectos mais cômicos de sua personalidade, e.g. a rusticidade, a glotonaria e a afinidade por grandes quantidades de vinho (como se vê na *Alc.*).

190-204),³⁴¹ Sófocles, nas *Tr.* e Eurípides, na *Auge* (Αὔγη, *Fr.* 264a-81), no *Pirítoos* (Πειρίθοος, *Fr.* 1-14 Critias = TrGF 1, p. 171-8), possivelmente no *Licímnio* (Λικύμνιος, *Fr.* 473-9) e, é claro, na *Alc.* e no *HF*. Como *deus ex machina* vamos encontrá-lo nos *Heráclidas* de Ésquilo (Ἡρακλεΐδαι, *Fr.* 73b-77) e no *Ph.* de Sófocles.

Os enganos do *HF*. Há uma telegráfica referência no início do *HF* ao engano de Zeus contra Alcmena, que resultou na concepção de Hércules (1-3) e também um engano encenado, explícito, implementado por Anfitrião e por Hércules contra Lico, usurpador do trono de Tebas (565-754). Finalmente, há uma rápida menção a um engano efetuado por Hades. Os três enganos aparecem na primeira parte da tragédia,³⁴² antes da intervenção de Hera e da morte da esposa e dos filhos do herói em suas próprias mãos.

O primeiro engano do *Hércules* é o de Zeus contra Alcmena, implementado pelo deus depois do casamento de Anfitrião e Alcmena e durante a ausência do marido legítimo. Eis a brevíssima referência de Anfitrião ao engano (1-3):

ΑΜΦΙΤΡΥΩΝ

Τίς τὸν Διὸς σύλλεκτρον οὐκ οἶδεν βροτῶν,
Ἀργεῖον Ἀμφιτρύων', ὃν Ἀλκαῖός ποτε
ἔτιχθ' ὁ Περσέως, πατέρα τόνδ' Ἡρακλέους;

ANFITRIÃO

Que mortal não sabe daquele que partilhou o leito de Zeus,
o argivo Anfitrião, que Alceu, o filho de Perseu,
outrora gerou, este pai de Hércules?

Note-se, inicialmente, o dêitico: πατέρα τόνδ', 'este pai' (3). Anfitrião está dizendo que ele, ali presente, é um dos dois pais de Hércules (1265), o pai terreno. O pai divino é Zeus (170), e a expressão Διὸς σύλλεκτρον, 'partilhou o leito de Zeus' (1) é uma elegante metáfora para a aventura que Zeus teve com sua esposa. Anfitrião, apesar de tudo, tem orgulho de ter amado a mesma mulher que o pai dos deuses honrou com sua divina semente.

³⁴¹ Assim como no caso do *Prometeu Acorrentado*, a autoria de Ésquilo e a posição da tragédia na tetralogia tem sido contestados (ver e.g. SOMMERSTEIN, 2002, p. 36).

³⁴² A maior parte dos comentadores separa o *HF* em duas partes: 1-814 (salvação da família de Hércules) e 815-1428 (loucura e recuperação de Hércules). O aparecimento de Íris e Lissa acima do palácio (815-7) separa as duas partes. BARLOW (1988), por outro lado, preconiza quatro partes: 1-450 (à espera de Hércules), 451-814 (resgate da família de Hércules), 815-1041 (a loucura de Hércules) e 1042-1428 (recuperação e reabilitação de Hércules). KITTO (1950, v. 2, p. 93) preconiza salomonicamente três partes.

Esse engano por ilusão de Zeus será discutido detalhadamente mais adiante, na análise da *Alcmn.* (p. 316).

Anfitrião e Héracles contra Lico. No prólogo, Anfitrião declama e dialoga com Mégara, informando à audiência que Héracles está ausente há muito tempo. Ele desceu ao Hades para cumprir o último trabalho (23-5) e o próprio Anfitrião, seu idoso pai (60), sua esposa Mégara e seus filhos estão em Tebas, à espera de sua volta (67-77). Lico, depois de se apossar do trono que pertencera ao pai de Mégara, queria eliminar os parentes do antigo rei, crente de que Héracles, dada sua longa ausência, havia perecido (26-43).³⁴³ Anfitrião, Mégara e as crianças resistiam, como suplicantes, no altar de Zeus (44-54), mas Lico planejava queimá-los vivos, sem retirá-los do altar (244). O herói volta, porém, no momento oportuno (514-30) e, mediante uma simples mas explícita μηχανή³⁴⁴ — magistralmente dramatizada por Eurípides — mata o usurpador e salva a família (565-754).

Esse segundo engano tem dois elementos bem definidos: o primeiro é uma história mentirosa / falsa contada por Anfitrião para Lico, persuasiva e mesclada de ironia trágica, e o segundo, uma emboscada de Héracles contra Lico, configurando assim uma armadilha análoga à que Hécuba armou para matar Polimestor (*supra* p. 177) e à que Electra preparou para pegar Clitemnestra (*supra* p. 190). Note-se que Héracles é responsável apenas pela bem-sucedida e direta conclusão do engano (ver KITTO, 1950, v. 2, p. 106), pois é seu pai terreno quem planeja, prepara e desenvolve a maior parte do engano, colocando Lico dentro da armadilha.

O herói pretende, a princípio, recorrer à violência direta para vingar a afronta à sua família (565-73), mas o velho e experiente Anfitrião pondera que não convém se apressar em demasia (585). Aconselha o filho a entrar quietamente no palácio e lá aguardar a chegada de Lico, que virá matar Anfitrião, Mégara e as crianças (509-604). Desse modo, poderá resolver a questão sem atrair mais inimigos (594) e sem provocar distúrbios na pólis (604-5). Héracles cede (605) e, após um breve canto coral (637-700), Lico retorna, encontra Anfitrião fora do palácio (701; 713) e manda o velho buscar Mégara e os filhos de Héracles dentro do palácio, onde aguardavam a morte (715; 704-6).

³⁴³ Anfitrião diz apenas que Héracles está ‘no interior da terra’ (37), i.e., no Hades (24), mas isso tem duplo sentido: para o grego comum, ‘ele entrou no Hades’ é metáfora para ‘ele morreu’ (cf. 145-6).

³⁴⁴ “A simple plot” (BOND, 1981, p. xviii). STROHM (1949/50, especialmente p. 140 e 148) notou na primeira parte da tragédia a alternância entre credulidade e decepção, que podemos interpretar como formas predominantes de autoengano, mais do que de engano.

Anfitrião consegue, mediante o poderoso argumento de que nesse caso se tornaria cúmplice dessas mortes (721), persuadir Lico a ir buscá-los em pessoa (722-5). Prevê, então, o funesto destino do usurpador (726-7), que morre logo a seguir pelas mãos de Héracles. Isso ocorre, como de praxe, fora de cena e somente seus gritos e exclamações alcançam a plateia (750; 754). Eurípides colocou, dessa vez, um vocábulo do engano nos lábios da vítima expirante, que percebeu, tarde demais, que estava ‘sendo morto por meio de um ardil’ (ἀπόλλυμαι δόλῳ, 754).

Teseu e Pirítoo no Hades. Eurípides menciona várias vezes, incidentalmente, o salvamento de Teseu (618-9, 1169-70, 1221-2, 1235-6, 1336-7) e, por extensão, o engano de Hades contra Teseu e Pirítoo. Esse engano já foi discutido até onde é possível durante a análise dos poemas heroicos tardios (*supra* p. 105) e no estudo das fontes pré-euripidianas dos mitos do *HF* (*supra* p. 194).

Palavras enganosas sem enganar. Assim como em outras tragédias, Eurípides utilizou aqui e ali alguns vocábulos do léxico, e.g. ψευδῆ (471), fora do contexto do engano.

No diálogo entre Lissa e Íris (843-74), especificamente, estão presentes vocábulos circunstanciais do engano, mas não vinculados a um engano específico. Lissa aconselha Íris a ‘não tramar’ (βουλεῦσαι, 854) grandes males contra Héracles, e Íris menciona suas maquinacões e as de Hera (μηχανήματα, 855). Mas Lissa entra, invisível, na casa de Héracles e os meios exatos que emprega para enlouquecer o herói não são mostrados à audiência; imagino que a loucura foi provavelmente infligida ao herói pelo ‘toque’ de Lissa em seu peito (863), sem recorrer a nenhum engano.

1.8 *As Troianas* (Τρωιάδες)³⁴⁵

Com essa tragédia, Eurípides revisitou o Ciclo Troiano e o Ciclo dos Atridas. A cena se passa em Troia, logo depois da queda da cidadela e, como na *Hec.* (*supra* p. 175), são apresentados os eventos imediatamente anteriores ao retorno dos gregos e das cativas troianas à Grécia. Quando a tragédia começa, Polixena havia sido sacrificada, pouco antes, no túmulo de Aquiles (260-70).

³⁴⁵ Ver Dg. 2, p. 177-240.

Eurípides não encenou nenhum engano nessa tragédia. Os três (ou quatro) enganos são apenas mencionados, um deles do futuro e todos os demais, do passado. Nenhum deles foi criado pelo poeta.

Fontes antigas. Os personagens envolvidos com enganos são bem conhecidos: Hécuba, Helena, Cassandra e Menelau. Sabemos que, na tradição mítica, Odisseu e Alexandre estavam também envolvidos nos enganos citados na tragédia, mas seus nomes não são mencionados.

A história do cavalo de Troia remonta naturalmente à *Od.* (*supra* p. 65), mas foi também descrita pelos poetas da *Il. Parv.* (*supra* p. 99), do *Il. Pers.* (*supra* p. 100) e, ainda, por Estesícoro (*supra* p. 121). A caracterização do rapto de Helena por Páris como um engano engendrado pelo troiano remonta pelo menos a Alceu (*supra* p. 115).

O cavalo de madeira. O primeiro engano da tragédia permitiu a destruição de Troia: é o episódio do “cavalo de madeira”, referido por Posídon no prólogo (9-12):

ΠΟΣΕΔΩΝ

(...) ὁ γὰρ Παρνάσιος
Φωκεὺς Ἐπειὸς **μηχαναῖσι** Παλλάδος 10
ἐγκύμον' ἵππον τευχέων συναρμόσας
πύργων ἔπεμψεν ἐντός, ὀλέθριον βάρος.

ΠΟΣΙΔΩΝ

(...) O Parnassiano
Epeio, da Fócida, através de estratagemas de Palas, 10
um cavalo prenhe de armas construiu e
enviou para dentro das muralhas, altamente destrutivo.

A versão de Eurípides contém pelo menos três dos subenganos envolvidos nessa complexa *μηχανή* (cf. *μηχαναῖσι*, 10), que conhecemos em detalhe graças à *Od.* (*supra* p. 65): o plano de Atena, a entrada do cavalo na cidadela de Troia e os soldados emboscados em seu interior, mencionados aliás por uma interessante metáfora. O nome de Odisseu não é pronunciado, mas podemos imaginar que ele estava envolvido com a emboscada, pelo menos conforme a tradição épica e lírica.

O engano de Alexandre. Outro engano pretérito, situado antes da ação trágica e antes mesmo da guerra de Troia, foi contado de forma resumida por Menelau no começo do terceiro

episódio, pouco antes de seu reencontro com Helena (864-6):

MENEΛΑΟΣ

ἦλθον δὲ Τροίαν οὐχ ὅσον δοκοῦσί με
γυναικὸς οὔνεκ', ἀλλ' ἐπ' ἄνδρ' ὃς ἐξ ἐμῶν
δόμων δάμαρτα **ξεναπάτης** ἐλήισατο. 865

MENELAU

Vim a Troia não por minha mulher,
como se imagina, mas pelo enganador de anfitriões, 865
o homem que de meu palácio minha esposa levou como butim.

Note-se que Eurípides recorreu ao mesmo substantivo do léxico do engano (**ξεναπάτης**) que Alceu utilizou para contar o engano de Alexandre contra o espartano (*supra* p. 115), recurso igualmente utilizado por Íbico (*supra* p. 119). De certa forma, podemos analisar esse engano do ponto de vista do furto: o enganador pegou e levou uma “propriedade” do enganado durante sua ausência, o que a própria Helena posteriormente confirma (939): ela deixou o lar λάθρᾳ, ‘às escondidas, secretamente’.

Outro possível engano, derivado do engano de Páris, merece consideração. Alceu, em sua versão do “raptio de Helena” (*Fr.* 283.5, *supra* p. 115), disse que a espartana fugiu com Alexandre ἐκμάνεισα, ‘enlouquecida’, i.e., involuntariamente, e em *Tr.* a própria Helena sustentou essa versão, culpando Afrodite de seus atos durante o ἀγών entre ela e Hécuba (940-50; 1042-3). Se, por outro lado, Cassandra (372-3), Menelau (1036-9) e Hécuba (969-97) tinham razão e não foi exatamente a divindade que impeliu Helena a fugir com Alexandre, então ela acompanhou voluntariamente o troiano e tentava se justificar perante Menelau com uma sole-ne e grande mentira. Aliás, se as justificativas de Helena eram mesmo um engano empreendido por ela, esse engano deu certo.

Mais adiante (p. 219), durante a análise da *Hel.*, retomarei a questão da culpabilidade de Helena nos eventos da Guerra de Troia.

Os futuros enganos dos atridas. Cassandra, logo após uma espetacular entrada com canto e dança, agitando tochas (308-50), prediz enganos prospectivos, como convém a uma profetiza inspirada por Apolo. Ela diz especificamente que, dado seu “casamento” com Agamêmnon, ela se tornaria a causa da morte do rei argivo (355-60), predizendo enganos e resultados de enganos (361-4) já discutidos durante a análise da *El.* (*supra* p. 180 sqq.): sua própria

morte (ao lado de Agamêmnon) e o matricídio de Orestes durante sua vingança.

1.9 *Ifigênia em Táuris* (Ἰφιγένεια ἐν Ταύροις)³⁴⁶

A *IT* é a mais antiga das “tragédias de plano e fuga” completas de Eurípides (*infra*, p. 370) e também a mais antiga das duas tragédias euripidianas intituladas *Ifigênia*; a outra é *IA* (*infra* p. 251). Eurípides mais uma vez re correu ao Ciclo dos Atridas, extensão do Ciclo Troiano, e mais uma vez colocou as desventuras dos filhos de Agamêmnon em evidência: Orestes está ainda atormentado pelas Erínias (Fig. 3, p. 166) e a ponto de ser sacrificado pela própria irmã, Ifigênia, e Electra está longe do marido, Pílates, que acompanhou Orestes à Táurida.

Fontes antigas. Desde os poetas trágicos do século -V, Ifigênia é considerada a filha mais velha de Agamêmnon e Clitemnestra, sacrificada em Áulis pouco antes da segunda expedição grega contra Troia. Há evidências, no entanto, de sua identificação com uma antiga divindade associada cultualmente a Ártemis, assimilada à filha de Agamêmnon nos primeiros séculos da presença grega na península helênica (e.g. CROPP, 2000, p. 43 e 50-6; KYRIAKOU, 2006, p. 20-1; RIBEIRO JR., 2006, p. 32-8).³⁴⁷

Na *Il.*, como vimos no estudo da *El.* (*supra* p. 181), Ifigênia não é mencionada entre as filhas de Agamêmnon, mas é possível que ela estivesse lá, sob o antropônimo *Ifianassa* (*Il.* 9.145 = 287). O nome da filha de Agamêmnon que os gregos sacrificaram em Áulis é, aliás, um dos mais instáveis da tradição mítica: até a época de Eurípides, além do *Ifianassa* (Ἰφιάνασσα) homérico,³⁴⁸ existem as variantes *Ifimédia* (Ἰφιμέδη, *Ehoiae Fr.* 19.17),³⁴⁹ *Ifigênia* (Ἰφιγένεια, e.g. *M col.* d.6 e *Stesh. Fr.* 191) e *Ifígone* (Ἰφιγόνη, *E. El.* 1023), todas elas — a julgar pelo contexto — designando a mesma heroína (RIBEIRO JR., 2004, p. 86-7). CROPP (2000, p. 43, n. 45), no entanto, argumentou a partir dos *Cantos Cíprios* (*Fr.* 20) e da *Electra* de Sófo-

³⁴⁶ Ver Dg. 2, p. 241-304. Alguns dos enganos dessa tragédia foram apresentados na conferência *Μηχαναί e outros enganos nas Ifigênicas de Eurípides*, apresentada durante o I Colóquio do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, São Paulo, FFLCH-USP, 17 e 18 de agosto de 2006, já publicada (RIBEIRO JR., 2010a).

³⁴⁷ As menções à natureza de “divindade decaída” da Ifigênia pré-clássica começaram, praticamente, com o artigo de Salomon REINACH (1915, p. 6-10 e 12-3), embora essa ideia fosse bem mais antiga (ver DÉCHARME, 1877-1919). Ver testemunhos da Antiguidade e referências a estudos modernos em RIBEIRO JR. (op. cit.).

³⁴⁸ A versão homérica do nome foi retomada, curiosamente, por Lucrécio (1.85).

³⁴⁹ Uma tabuinha micênica (PY 172 = Tn 316) que traz o nome i-pe-me-de-ja se refere, provavelmente, a Ifimédia, mãe dos alóadas Oto e Efialtes. Ver ROCCHI (1996) e RIBEIRO JR. (2006, p. 36, nota 205).

cles (157 e 530-48) que “Ifianassa” e “Ifigênia” eram personagens distintas, ambas filhas de Agamêmnon. Isso é realmente possível, mas a instabilidade do nome até mesmo depois de Eurípides (e.g. Ἴφις, Ps.-Lyc. 304) não permite conclusões assim tão definitivas. Ifigênia é mencionada por esse nome pela primeira vez nas *Ehoiae* Fr. 19 (p. 105), ou nos *Cypr.* Arg. 8 e Fr. 20 (p. 102) ou na *Oresteia* (Fr. 129 e 131) e na *Helena* (Fr. 191) de Estesícoro (p. 122).³⁵⁰ Nesses poemas, que na verdade têm datas em grande parte superponíveis (ver Apêndices D-E, p. 433 e 434), seu sacrifício em Áulis é mencionado direta ou indiretamente. Nas fontes antigas o sacrifício tem duas variantes ou versões divergentes: na primeira, Ifigênia foi efetivamente sacrificada; na segunda, foi salva por Ártemis no último minuto e então se tornou imortal. Em ambas as versões há enganos associados: Estesícoro (Fr. 131) menciona, por exemplo, o falso casamento com Aquiles, já conhecido do autor dos *Cypr.* (*supra* p. 102), e como esse engano de Agamêmnon tinha a finalidade de levar Ifigênia até Áulis, ele sem dúvida pode estar ligado a qualquer uma das duas versões.

A primeira delas, a do “efetivo sacrifício”, é a mais bárbara das duas e deve ser a mais antiga (RIBEIRO JR., 2006, p. 42), embora tenha sido mencionada pela primeira vez por Píndaro (*P.* 11.22-3) e, um pouco mais tarde, por Ésquilo (*Ag.* 228-49).³⁵¹ O “efetivo sacrifício” de Ifigênia nunca foi dramatizado por Eurípides, mas ele certamente conhecia a versão e mencionou-a em diversas ocasiões, antes da *IT* (*Andr.* 624-5; *El.* 1020-3 e 1027-9; *Tr.* 370-2) e depois dela (*Or.* 658-9). Sófocles, alguns anos antes de Eurípides, também se referiu algumas vezes a essa versão (*El.* 531-3; 537-8; 563-5; 566-9; 573-6).

A variante do “salvamento e divinização” pode não ser a mais antiga, mas foi sem dúvida a primeira a ser documentada (*Ehoiae* e *Cypr.*). O poeta dos *Cypr.* e Heródoto (4.103.1-10), contemporâneo de Eurípides, acrescentaram mais um elemento à segunda versão, vinculando Ártemis, o sacrifício e a presença da divinizada Ifigênia na Táurida, onde os gregos que lá apareciam eram realmente sacrificados, pelo menos segundo Heródoto. Na *IT*, Eurípides acompanhou os *Cypr.*, as *Ehoiae* e Heródoto em muitos detalhes, mas fez pelo menos três i-

³⁵⁰ Esse fragmento da *Helena* de Estesícoro menciona que Ifigênia era filha do herói ateniense Teseu e de Helena de Troia. A variante, no entanto, se refere apenas ao nascimento de Ifigênia, e não ao seu sacrifício, o mais importante episódio de sua lenda.

³⁵¹ Essa passagem é a mais longa informação sobre Ifigênia disponível na obra de Ésquilo. De sua tragédia *Ifigênia* (Fr. 94 e, talvez, o Fr. 238) resta tão pouco que torna temerária qualquer conjectura sobre o tema e sobre os personagens do drama.

novações: a) Ifigênia foi transportada para o templo de Ártemis na Táurida pela deusa, mas não divinizada; b) era ela quem consagrava os gregos ao sacrifício; c) ela foi salva desse penoso dever, no final da tragédia, por Orestes e por Pílates.

A *Oresteia* de Estesícoro (ou, talvez, a de Xanto: *supra* p. 181) é a mais antiga referência à perseguição de Orestes pelas Erínias, motivo de sua viagem à Táurida. No final da sua *El.* (1238-59), Eurípides reiterou a versão esquiliana, anunciando a chegada das Erínias logo após o matricídio e prevendo a libertação de Orestes das enlouquecedoras divindades após seu julgamento em Atenas. Na *IT*, representada provavelmente um pouco depois da *El.* (ver *Apêndice B*, p. 431), o poeta apresentou nova versão: algumas Erínias não aceitaram o veredicto favorável a Orestes no julgamento em Atenas e, para se livrar delas, Orestes precisava levar para a Ática uma antiga imagem de Ártemis, conservada pelos tauros no seu templo dedicado à deusa.

Pílates, o fiel companheiro de Orestes, se tornou marido de sua irmã Electra e, portanto, seu cunhado. Eurípides já relatara esse enlace ditado pelos deuses no final da *El.* (1284-7, 1336-41), e na *IT* manteve a versão.

Poesia trágica e *IT*.³⁵² A fuga de Orestes e de Ifigênia das mãos de Toas, rei da Táurida, pode ter sido elaborada por Sófocles, na tragédia fragmentária *Crises* (Χρύσις, *Fr.* 726-30), antes da *IT*.³⁵³ Essa suposição, no entanto, se baseia totalmente na ideia de que as fábulas 120-1 do Pseudo-Higino constituem um resumo do argumento da tragédia sofocliana, que não tem respaldo nos fragmentos disponíveis (KYRIAKOU, 2006, p. 19; RIBEIRO JR. 2006, p. 50 e n. 288; SOMMERSTEIN, 2008, p. 340-1).

O sacrifício em Áulis.³⁵⁴ Nos vv. 6-30 do prólogo, a heroína rememora seu pretenso sacrifício em Áulis e diz que vive no templo de Ártemis em Táuris, para onde a deusa a conduziu através dos céus depois de salvá-la, estabelecendo-a lá como sacerdotisa (30-4 e 65-6; cf. *Cypria Arg.* 8, *supra* p. 102).

³⁵² Ver, a respeito da tragédia *Ifigênia* de Ésquilo, a análise da *IA* (*infra* p. 252).

³⁵³ *IT* data de -414, aproximadamente, e Aristófanes parodiou alguns versos do *Crises* de Sófocles em *Avés* 1240-1 (cf. *Σ Ar. Av.* 1240). Como a comédia de Aristófanes data de -414, a tragédia de Sófocles deve ser anterior a ela e à *IT*.

³⁵⁴ Diversos aspectos enganosos do sacrifício de Ifigênia foram detalhadamente tratados por Eurípides na *IA*, analisada adiante (*infra* p. 251). Aqui, serão discutidos apenas os enganos mencionados por ele na *IT*.

Na *IT*, Eurípides apresentou apenas dois importantes enganos envolvidos no sacrifício.³⁵⁵ O primeiro deles é o falso casamento de Ifigênia com Aquiles, arquitetado quase certamente por Agamêmnon ou, menos provavelmente, por Odisseu (24-5; 538-9; 856-9), este sim o responsável pelo planejamento e execução do subengano que trouxe Ifigênia para o sacrifício às mãos do próprio pai (356-71). Os vocábulos do engano nessas passagens são: τέχναις, ‘artifícios’ (24); λέκτρων δόλιον, ‘casamento falso / enganoso’ (859); δόλια, ‘enganosas’ (539), sc. ‘bodas enganosas;’ δόλωι, ‘por meio de um embuste’ (371).

O segundo é um engano sutil, não explícito, deduzido pela aparente discrepância de terem os gregos presenciado (ou não?) a substituição de Ifigênia pela corça e de acreditarem que Ifigênia estava morta (8-9; 564; 177-8; 769-71; 783-6), e que o próprio pai a matou (565). Essa discrepância pode ser satisfatoriamente explicada em termos de “aparência” e “realidade”, conceitos que Eurípides desenvolveria pouco depois, mais extensivamente, na *Hel.* (q.u. p. 224): os gregos pensaram que Ifigênia havia sido sacrificada (“aparência”), mas ela foi salva no momento preciso por Ártemis, que colocou uma corça em seu lugar (“realidade”) — ou seja, os gregos **não perceberam a substituição** e deram Ifigênia por morta. Nenhuma passagem da *IT* permite a conclusão de que os gregos haviam se dado conta da substituição de Ifigênia pela corça. Note-se como Eurípides recorreu a δοκέω, ‘parecer’ (8 e 785), vocábulo ligado circunstancialmente ao engano e muitas vezes utilizado para descrever algo que parece, mas não é (ver adiante, p. 213). O radical básico é *dek- > δέ/οκ-, o mesmo de δέχομαι, ‘receber para si, acolher’. Enfim, só Ifigênia percebeu o que realmente se passava durante o pretensso sacrifício, e os enganados não notaram o engano de Ártemis.

Um engano potencial. O sacrifício de Ifigênia, embora contado com instigantes detalhes na *IT*, está situado no passado da ação trágica, e os enganos do presente começam com a chegada de Orestes e Pílates à Táurida. Diante do templo de Ártemis e do altar tinto de sangue (69-75), Orestes analisa, juntamente com Pílates, a possibilidade de utilizar um engano bastante simples, um furto, para cumprir a tarefa que os levava até ali (100-2; 111-2):

³⁵⁵ Ver artigo já publicado (RIBEIRO JR., 2010a) sobre esses enganos na *IT*. Aqui apresento um resumo das principais conclusões e o léxico utilizado por Eurípides. Ver também os comentários de KYRIAKOU (2006, p. 104, 139 e 222).

ΟΡΕΣΤΗΣ

(...) ἦν δ' ἀνοίγοντες πύλας
ληφθῶμεν ἐσβάσεις³⁵⁶ τε μηχανώμενοι,
θανούμεθ'. (...)

100

ΠΥΛΑΔΗΣ

τολμητέον τοι ξεστὸν ἐκ ναοῦ λαβεῖν
ἄγαλμα πάσας προσφέροντε μηχανάς.

111

ΟΡΕΣΤΕΣ

(...) se ao abrir os portões
formos apanhados, ou ao maquinar uma entrada,
seremos mortos. (...)

100

ΠÍΛΑΔΕΣ

Precisamos nos aventurar e tirar do templo a polida
imagem, aplicando todos os artifícios.

111

Observar os vocábulos do engano, μηχανάομαι, ‘tramar / planejar astuciosamente’ (101) e μηχανή, ‘artifício, estratagema’ (112).

Plano e fuga.³⁵⁷ Orestes e Pílates são, algum tempo depois, encontrados e presos pelos habitantes locais e levados ao templo de Ártemis para o sacrifício (238-339); segue-se a célebre cena de reconhecimento (456-821) e o plano de fuga (900-1088) de Ifigênia, Orestes e Pílates, que precisam se salvar e voltar à Grécia depois de pegar a imagem de Ártemis em poder dos tauros, fuga já prenunciada pelo sonho de Ifigênia (44-5): ἔδοξ' ἐν ὕπνῳι τῆσδ' ἀπαλ-
λαχθεῖσα γῆς / οἰκεῖν ἐν Ἄργει, ‘pareceu-me, no sono, ter sido levada desta terra, / vivendo em Argos’. Em certa medida, essa forma aorística de δοκέω assinala não um engano, mas o resultado do engano que Ifigênia, Orestes e Pílates implementariam, mais tarde, para conseguir escapar do atual bárbaro (906) opressor, futuro bárbaro logrado (cf. DUARTE, 2007). O plano de fuga é, em certa medida, prenunciado por Pílates, ao dizer que a tarefa que os aguardava era ‘própria de homens prudentes / hábeis’ (σοφῶν ... ἀνδρῶν τοῦτο, 907). É notável como, aqui, Eurípides empregou o vocábulo σοφός de forma a evocar praticamente todos os significados de seus diversos campos semânticos: sabedoria, prudência, astúcia, habilidade, capacidade de enganar...

³⁵⁶ = εἰσβάσεις: Bailly e LSJ, s.u.

³⁵⁷ O engano foi anteriormente estudado por VÍLCHEZ (1976, p. 135-3), que dessa vez descreveu vários elementos.

Orestes expõe inicialmente algumas ideias, como matar o rei bárbaro ou se esconder no templo e fugir durante a noite, esta uma enganosa possibilidade marcada pelo horário noturno (1020-8; cf. p. 95) e por um vocábulo do nosso léxico (κλεπτῶν, 1026). Ifigênia descarta essas ideias com bom senso e delineia um plano viável, com hábeis artifícios (σοφίσμασιν, 1031), anunciado no v. 1029: ἔχειν δοκῶ μοι καινὸν ἐξεύρημά τι, ‘parece-me que tenho novo estratagema’. A palavra ἐξεύρημα, ‘coisa descoberta’ (rad. *ἐ-φρε-, p. 80), tem no contexto justamente a acepção de estratagema (e.g. Phryn. Com. 22; cf. LSJ, s.u.). Esse radical aparece novamente, junto com o da palavra τέχνη, quando Orestes admite que δειναὶ γὰρ αἱ γυναῖκες εὐρίσκειν τέχνας, ‘assombrosas são as mulheres para inventar artifícios’ (1032). A expressão καινόν ... τι, ‘algo novo’ evoca, sem dúvida, expressões semelhantes que Eurípides utilizou na *Med.* 37 e 811 (p. 150), no *Hipp. B* 688 (p. 163) e no *Or.* 1098 (p. 237) para se referir a planos enganosos em elaboração.

O plano de Ifigênia é simples, elegante e depende em grande parte de sua atuação: a) convencer Toas (1048-9) de que Orestes e Pílates estão manchados pela morte de Clitemnestra, de que a imagem de Ártemis foi manchada pelo toque de Orestes e de que os três precisam ser purificados por Ifigênia com a água do mar (1033-1041; 1046-7); b) uma vez na praia, Ifigênia, Orestes, Pílates entrarão no barco de Orestes³⁵⁸ com a imagem e fugirão (1042-5); c) persuadir o Coro a guardar silêncio (1052-5).

O terceiro item envolve a usual cumplicidade do Coro e é resolvido por Ifigênia em primeiro lugar, sem recorrer a enganos mas com uma certa formalidade (1056-77).³⁵⁹ O primeiro item do plano, que envolve a persuasão de Toas, foi também efetuada com sucesso por Ifigênia, através de mentiras bem elaboradas e plausíveis, mescladas com algumas verdades. Ela apelou com sucesso à piedosa natureza do solícito bárbaro (1220), i.e., seu respeito pela divindade e pelos rituais necessários ao atendimento da divindade (1153-233). Eurípides marcou esse longo diálogo com o vocábulo σοφή (1180), usado por Toas para qualificar Ifigênia (a audiência certamente captou o inadvertido duplo sentido desse elogio do rei) e com uma ironia nada trágica de Ifigênia a respeito de suas mentiras, ‘nunca se deve confiar na Hélade’ (1125). O segundo item do plano não previa nenhum engano, a princípio, mas acabou necessi-

³⁵⁸ Eurípides diz que é um πεντηκόντερος (1124, 1347), barco de guerra típico do Período Arcaico, com 50 remadores, número teoricamente insuficiente para vencer o rei, todos os seus acólitos e resgatar Orestes, Pílates e Ifigênia.

³⁵⁹ Para os elementos retóricos do apelo de Ifigênia, ver CROPP (2000, p. 237).

tando de um deles durante a execução e será discutido mais adiante.

O plano de fuga de Ifigênia, um dos mais conhecidos e comentados enganos dessa tragédia,³⁶⁰ foi muito bem sucedido a princípio, mas o mar revolto (ou Posídon: 1414-5, mas pode se tratar de metáfora) atrapalhou a fuga e o navio grego não conseguiu sair para o mar alto (1379-410). Um mensageiro veio então ao templo avisar o rei, dizer que um dos gregos que iam ser sacrificados era Orestes, irmão de Ifigênia, descrever as peripécias da escapada e as tentativas dos tauros presentes de deter os fugitivos (1304-78). Em iniciativa pouco comum na tragédia grega, já notada pelo menos por KYRIAKOU (2006, p. 409), o Coro tentou ativamente enganar esse mensageiro para ganhar tempo, mentindo candidamente que Toas não estava ali (1281-303).³⁶¹ Mas o mensageiro não se deixou enganar e conseguiu falar logo com o rei, que depois de ouvir o relato tomou as devidas providências, antevendo a captura dos fugitivos (1422-34). Nesse momento, porém, Atena surgiu *ex machina* e assegurou a salvação dos irmãos, de Pílates e das mulheres do Coro (1435-99). Note-se que, em termos relativos de eficiência de enganos planejados e praticados por mulheres, o complexo plano de Ifigênia foi muito mais bem sucedido do que o engano das mulheres do Coro (KYRIAKOU, 2006 p. 371).

Eurípides não economizou, ao descrever a fuga, vocábulos específicos e circunstanciais do léxico do engano. Para o plano de Ifigênia, usou βουλευμάτων, ‘resoluções, planos’ (1290, 1431) e, para o gênero feminino inteiro, ἄπιστον ‘não confiável, traiçoeiro.’ As mulheres do Coro ‘disseram mentiras’ (†ψευδῶς ἔλεγον ...†, 1309); a alegada purificação da imagem era ‘traiçoeira, ardilosa’ (δόλια, 1316); durante essa “purificação”, Ifigênia ‘deu a impressão’ (δοκοῖ, 1336) de fazer algo, ὥς φόνον νίζουσα, ‘como se limpasse (a mancha) do crime’; as ações da jovem foram δόλια τεχνήματ’, ‘artifícios enganadores’; Orestes e os outros estavam ‘roubando’ (κλέπτοντες, 1359) a imagem.

Orestes e Apolo. No prólogo, quando Orestes e Pílates chegam ao templo de Ártemis e estudam a situação (67-122), Orestes exprime o temor de ter sido enganado por Apolo (77-9; 86-9):

Ορ. ὦ Φοῖβε, ποῖ μ’ αὖ τήνδ’ ἐς ἄρκυν ἤγαγες

³⁶⁰ O reconhecimento do engano remonta, no mínimo, a HAIGH (1896, p. 305-9).

³⁶¹ O mais conhecido precedente é o do Coro das *Ch.* de Ésquilo, que induziu Cilissa, a antiga ama de Orestes, a cooperar com o engano que matará Egisto e Clitemnesta (ver *A. Ch.* 764-82).

χρήσας, ἐπειδὴ πατρὸς αἴμ' ἐτεισάμην
μητέρα κατάκτας; (...) 79
(...)

ἔνθ' Ἄρτεμῖς σοι σύγγονος βωμοῦς ἔχει. 86
λαβεῖν τ' ἄγαλμα θεᾶς, ὃ φασιν ἐνθάδε
ἐς τοῦσδε ναοὺς οὐρανοῦ πεσεῖν ἄπο·
λαβόντα δ' ἢ **τέχναισιν** ἢ τύχῃ τινί.

Or. Ó Febo, que nova rede é essa à qual me conduziste
com oráculos, quando a morte de meu pai vinguei
matando minha mãe? (...) 79
(...)

onde tua irmã Ártemis possui altares, 86
e pegar a estátua da deusa, que dizem aqui
neste templo do céu ter caído,
pegando-a por meio de artifício ou golpe de sorte.

A ideia de uma armadilha preparada por Apolo está bem marcada por dois vocábulos circunstanciais do engano, ἄρκυς, ‘rede’ (77) e τέχνη (89), ‘artifício’. Mais adiante, quando se achava perdido e se despediu de Pílates, Orestes expressou direta e vigorosamente sua decepção com os oráculos do deus e seu caráter enganador (711-3):

Op. ἡμᾶς δ' ὁ Φοῖβος μάντις ὦν ἐ**ψεύσατο**
τέχνην δὲ θέμενος ὥς προσώταθ' Ἑλλάδος
ἀπήλασ', αἰδοῖ τῶν πάρος μαντευμάτων.

Or. Febo, enquanto vidente, mentiu-nos;
com artifício nos mandou para o mais longe possível
da Hélade, envergonhado por seus oráculos precedentes.

Notar o recurso de Eurípides ao léxico do engano (ψεύδω, 711; τέχνη, 712) para marcar com maior nitidez a indignação de Orestes. Nas duas passagens, Orestes recorda igualmente os enganos anteriores em que esteve envolvido, quando por instigação de Apolo enganou e matou Clitemnestra e Egisto, que tinham por sua vez enganado e matado seu pai, Agamêmnon. Na *IT*, Eurípides seguiu a tradição estabelecida por Ésquilo e por Sófocles (*A. Ch.* 556-9 e *S. El.* 37: *supra* p. 186 sqq.), ao revelar que um premente oráculo de Apolo dirigiu Orestes à Táurida. Mais adiante, durante a cena de reconhecimento, tanto os enganos que envolveram a morte de Agamêmnon quanto os que envolveram a morte de Clitemnestra (548-59; 924-7) serão lembrados por Orestes mais uma vez.

Os mitos de Apolo não são habitualmente ligados a enganos, ao contrário dos de Zeus, Hera, Atena, Hermes e Hefesto, por exemplo, mas há certamente algumas notáveis exceções: o episódio da morte de Aquiles (*Aeth.*, p. 100; *Pi. Fr.* 52f.74-86, p. 132), o engano por ilusão contra os marinheiros de Creta (*h. Ap.*, p. 93) e o episódio das Moiras (*Alc.*, p. 140) são os mais conhecidos. Na *Oresteia* de Ésquilo e na *El.* de Sófocles o deus não atuou pessoalmente; apenas ordenou que Orestes, seu protegido, recorresse a enganos para cumprir uma tarefa em duas ocasiões: na primeira, ao vingar a morte do pai (*supra* p. 186) e, na segunda, ao mandar Orestes pegar a imagem de Ártemis e levá-la para Atenas. De certa forma, Orestes atuou nessas ocasiões como agente dos enganos de Apolo, assim como Cassandra e a Pítia de Delfos agiam como suas representantes nas profecias.

No terceiro estásimo da *IT* (1234-83), o Coro evocou as aventuras do jovem Apolo ao fundar o oráculo de Delfos e, por associação, o engano intentado pela fonte Telfusa contra ele (cf. *h. Ap.* 244-387, p. 93).³⁶² Como notou CROPP (2000, p. 248), ao mencionar o caráter não enganador (ἄψευδεῖ, 1252) dos oráculos de Apolo, ali Eurípides deu a entender “que Orestes foi corretamente guiado pelo deus,” i.e., suas críticas a Apolo (711-3) realmente não procediam, dada a ignorância dos mortais quanto aos reais desígnios dos deuses, como esclareceu Atena no final do *Ion* (1595-603, 1615).

Não se pode negar, no entanto, que do ponto de vista do engano Apolo é uma divindade ambígua (ZACHARIA, 2003, p. 127), talvez por associação à ambiguidade característica dos oráculos. Voltarei a essa questão e às críticas à conduta de Apolo mais adiante, na análise do *Ion* (p. 209 sqq.).

Outros enganos. Ifigênia faz uma breve referência ao caráter enganador dos sonhos (ψευδεῖς ὄνειροι, 569), tema já conhecido desde os poemas homéricos (*supra* p. 38 e 367) e a outros enganos praticados por seus ancestrais.

Tântalo, o mais antigo membro da linhagem dos tantálidas-atridas, é citado por ela nos vv. 386-8, que mencionam sua fracassada tentativa de enganar os deuses servindo-lhes pedaços de seu próprio filho Pélops (*Pi. O.* 1.24-66: p. 131). Já adulto e plenamente recuperado, Pélops quis se casar com Hipodâmia, como também lembrou Ifigênia (1-2), mas ele só conse-

³⁶² O terceiro estásimo da *IT*, com seu relato sobre o engano de Telfusa, tem estrutura semelhante à de um hino homérico, com uma espécie de invocação inicial (1234-9) e uma apóstrofe (1250-3) ao deus. Para a estrutura dos hinos homéricos, ver minha *Introdução* aos hinos em RIBEIRO JR., 2010b, especialmente p. 51-3.

guiu isso depois de vencer o pai dela, Enômao, em uma corrida de carruagens (*Pi.* O. 1.67-89),³⁶³ e matá-lo (823-6). Há um possível engano envolvido nessa história, dependendo da presença ou não do cocheiro Mirtilo (*Or.* 984-95); ver discussão adiante, na análise do *Or.* (p. 233).³⁶⁴

As referências de Orestes e Ifigênia ao carneiro dourado, à inversão do caminho do sol e suas consequências (196-7, 813-7), especialmente durante a cena de reconhecimento, lembram o antagonismo entre Atreu, avô de Ifigênia e de Orestes, e Tieste, pai de Egisto, e as mútuas traições praticadas por esses dois irmãos uma geração antes de Agamêmnon, para obter o trono de Argos / Micenas. Essas antigas tradições sobre os tantálidas-atridas já haviam sido descritas pelo poeta da *Alcmeon.* (*Fr.* 6, p. 104) e são constantemente lembradas por Eurípides desde o *Thy.* (q.u. p. 270), principalmente na *IT* e no *Or.* Na *IT* 813-7, sintomaticamente, as menções aos enganos são entremeadas por vocábulos associados ao ato concreto de tecer: ὑφαίνω, ‘tecer’ (ὑφήνασ’, 814; ὕφηναι, 817), ὑφή, ‘teia, tecido, trama’ (ὑφαῖς, 814) e πλοκή, ‘tecido, entrelaçamento’ (πλοκαῖς, 817). Essas referências evocam também, com certeza, a conhecida associação entre *tecer* e *enganar* (*supra* p. 79) para esses antigos enganos.

1.10 *Íon* (Ἴων)³⁶⁵

... its action which had been an interweaving of deceptions (...) and truths. All the actors have been in some degree deceived, by others, circumstances, or themselves.

WOLFF, 1965, p. 188.

A tragédia se baseia em lendas do Ciclo Ático sobre os antigos reis de Atenas, provavelmente “emprestados” de mitos de outras regiões, talvez da Eubeia (ver West, 1985, p. 51; 53; 57-9). O enredo, um dos mais ricos em enganos dentre as tragédias completas de Eurípides (STROHM, 1949/50, p. 154; WOLFF, 1965; LOURENÇO, 1994, p. 29-30)³⁶⁶ se desenvolve

³⁶³ Talvez, antes de Píndaro, o poeta das *Grandes Ehoiae* tenha mencionado o episódio (*Fr.* 197).

³⁶⁴ Sófocles e Eurípides escreveram tragédias intituladas *Enômao* (*gr.* Οἰνόμαος), respectivamente *S. Fr.* 471-77 e *E. Fr.* 571-7, ambas provavelmente anteriores à *IT*. Nenhum dos fragmentos sobreviventes menciona enganos.

³⁶⁵ Ver *Dg.* 2, p. 305-73.

³⁶⁶ Segundo AÉLION (1986, p. 216, n. 70), “on y trouve un plan fondé sur une ruse, une supplication, une reconnaissance, etc.” Também BUXTON (1982, p. 64), entre outros, notou a presença do engano, mas de forma i-

em torno de pelo menos dois núcleos dramáticos. Os elementos do primeiro núcleo evoluem e culminam na cena de reconhecimento entre Creusa³⁶⁷ e seu filho (1250-451); o segundo núcleo, bem mais sutil e um tanto esparso ao longo do drama, se refere ao engano de Xuto, planejado e iniciado por Apolo muitos anos antes dos eventos da tragédia.

Fontes antigas. Segundo o poeta das *Ehoiae* (*Fr.* 9-10), nossa fonte mais antiga, e ainda o próprio Eurípides (*Mel. S. Fr.* 481),³⁶⁸ Xuto era filho de Hélen, herói epônimo de todo o povo helênico, e seus irmãos eram Éolo e Doro, heróis epônimos dos eólios e dórios, respectivamente. Xuto se aliou aos atenienses, desposou uma das filhas do rei Erecteu (*Mel. S. Fr.* 481), Creusa (*Ehoiae Fr.* 10), e dela teve três filhos: Aqueu, Íon e Diomedes. Nessa genealogia, Aqueu é o herói epônimo dos aqueus e Íon, o dos jônios (Íon: cf. *Hdt.* 5.66, 7.94 e 8.44).

No *Ion* de Eurípides, Xuto é filho de Éolo (292), o casamento de Xuto e Creusa não produziu descendentes (64-5) e Íon é filho de Creusa (15-6; 1486-7) e de Apolo (1530-1), que a violentou anos antes do casamento dela com Xuto (10-2). Abandonado pela mãe após o nascimento (17-20) e salvo pelo pai divino (29-36), Íon foi mais tarde reconhecido por Xuto (556-60) e pela mãe (1395-1401), e herdou o trono que havia sido de Erecteu (660; 1571-3). Em Heródoto (8.44), por outro lado, Íon é apenas o στρατάρχης dos atenienses, o ‘general’ ou ‘chefe do exército.’ Aparentemente, a maior inovação de Eurípides na tragédia é a paternidade de Íon, apresentado como filho natural de Apolo e Creusa, e mais tarde reconhecido por Xuto como seu filho. Entre o nascimento e a “adoção”, Íon foi criado no templo de Delfos, por junção de Apolo.

Nos mitos pré-eurípidianos, Apolo tem poucos filhos: Asclépio, futuro deus da medicina (*Ehoiae Fr.* 53, *h. Hom.* 16 e *Pi. P.* 3), Aristeu (*Pi. P.* 9), Teneros (*Pi. Fr.* 52g = *Peã* 7 e 52k = *Peã* 9), Iamos (*Pi. O.* 6), Cairon (*Ps.-Hes. Fr.* 190 = *Grandes Ehoiae*) e Filámon (*Phercyd.* 3 F 120). Há algumas semelhanças curiosas entre Asclépio e Íon, filho que só Eurípides atribuiu ao deus. Após a morte de sua mãe, pouco antes de Asclépio nascer, Apolo resga-

nespecífica.

³⁶⁷ Victor Jabouille, em sua tradução do *Dicionário de Mitologia* de GRIMAL (1951, s.u.) e também LOURENÇO (1994, *passim*) preconizam a versão do nome grego Κρέουσα para ‘Creúsa’, conforme grafia consagrada no *Vocabulário da Língua Portuguesa* de Francisco Rebelo GONÇALVES (1966, s.u.). Preferi seguir mais de perto a transliteração do nome em português e o acento tônico grego, que resulta em uma forma do nome mais comum no português do Brasil: Creusa.

³⁶⁸ A data da tragédia Μελανίπη σοφή, ‘Melanipe, a sábia’ é desconhecida.

tou o filho e o levou para o centauro Quíron, que o criou; quando Creusa abandonou Íon, logo depois do nascimento, Apolo tomou providências para que o filho fosse criado em seu templo de Delfos. Nos dois casos, Apolo cuidou de seus filhos.

Poetas trágicos e *Ion*. Sófocles compôs, possivelmente antes de -421,³⁶⁹ uma tragédia intitulada *Creusa* (Κρέουσα, *Fr.* 350-9), mas não dispomos de nenhuma evidência concreta sobre o enredo. Se um dos elementos dessa tragédia é, como no *Ion* euripídiano, a ambiguidade dos oráculos de Apolo ou a necessidade de ocultar informações dos interessados, o *Fr.* 352 constitui uma evidência da semelhança entre as duas tragédias:

καλὸν μὲν οὖν οὐκ ἔστι τὰ ψευδῆ λέγειν·
ὅτῳ δ' ὀλεθρὸν δεινὸν ἀλήθει' ἄγει,
συγγνωστὸν εἰπεῖν ἔστι καὶ τὸ μὴ καλόν

Não é bom, portanto, dizer falsidades;
mas se a verdade conduz à terrível destruição,
falar o que não é bom é perdoável.

O primeiro verso contém um vocábulo típico do léxico do engano (ψευδής), mas o fragmento se coaduna melhor com uma versão antiga do axioma maquiavélico³⁷⁰ sobre os fins justificarem certos meios, aplicável a uma quantidade muito grande de mitos gregos. Assim, continuamos sem saber se o enredo da *Creusa* de Sófocles era realmente semelhante ao do *Ion* de Eurípides.

Sobre o enredo do *Íon* de Sófocles (Ἴων, *Fr.* 319-22), que muitos eruditos acreditam ser apenas uma parte da tragédia *Creusa* e não um drama independente, não temos nenhuma informação esclarecedora.

O plano de Apolo. Hermes, na primeira parte do prólogo (1-81), resume a situação e prenuncia o engano de Apolo, precedido de um pequeno engano de Creusa: violentada pelo deus e grávida, ela escondeu a gravidez do pai (10-1; 14-5;). A jovem abandonou o recém-nascido para morrer (17-9), mas Apolo enviou Hermes para salvar a criança e providenciou a

³⁶⁹ *Pro:* GRÉGOIRE, 1923, p. 162. *Contra:* AÉLION, 1986, p. 217, n. 77.

³⁷⁰ Tradicionalmente atribuído a Niccolò Machiavelli (1469-1527), possivelmente por causa das ideias expressas no tratado *De principatibus*, 'O Príncipe', publicado postumamente em 1532. A frase "os fins justificam os meios" não aparece, no entanto, em nenhuma de suas obras.

criação do filho em sua casa, o templo de Delfos (29-36; 47-9; 531). A plateia certamente deve ter notado que, do ponto de vista formal, o filho de Apolo foi criado na casa terrena de seu divino pai, sinal indireto do reconhecimento de Apolo de suas responsabilidades paternas. Enquanto isso, Creusa se casou com Xuto e não teve mais filhos (57-8; 64-5) e, quando Íon já era um adulto, o casal se dirige a Delfos para consultar o oráculo de Apolo (65-7).

É nesse momento que Eurípides dá a entender que Apolo não havia deixado de agir em favor do filho (67-8): Λοξίας δὲ τὴν τύχην / ἐς τοῦτ' ἐλαύνει, κοῦ λέληθεν, ὥς δοκεῖ, 'Lóxias está conduzindo / os eventos nessa direção, e não está desatento como parece,' e a expressão ὥς δοκεῖ sugere que todos os acontecimentos e quase todos os enganos, a começar pelo engano de Creusa ao esconder a gravidez (14) e, possivelmente, a própria exposição da criança (306), serão consequência de um demorado plano concebido por Apolo, de alcance muito longo, naturalmente não compreendido pelos mortais (436-9). Χρόνια μὲν τὰ τῶν θεῶν πως, 'as coisas divinas são realmente um pouco demoradas' diz Atena no final da tragédia, ἐς τέλος δ' οὐκ ἄσθενῃ, 'mas no final não são pouco poderosas' (1615).³⁷¹

Assim como no mito de Asclépio, o deus não abandonou seu filho e providenciou, à sua maneira, um destino adequado ao rebento de um deus. A infeliz Creusa contou, aliás, com esse comportamento de Apolo ao abandonar o recém-nascido (965). A principal ação de Apolo nesse sentido será enganar Xuto, dizendo-lhe que Íon é filho dele (70-1), e nesse caso atuará diretamente, através do seu próprio oráculo, e desse modo ficará pessoalmente responsável pela execução do engano (HARTIGAN, 1991, p. 70). Com Orestes ele agiu de forma diferente, como aponte na análise da *El.* e da *IT*, em que o planejamento e a execução dos enganos ficaram por conta dos filhos de Agamêmnon.

Começa o plano de Apolo. Eurípides aponta, ao longo dos episódios e estásimos da tragédia, os diversos elementos do grande plano de Apolo, esboçados por Hermes no prólogo: a) o subengano de Creusa contra o pai, Erecteu, em Atenas; b) o subengano da salvação (Atenas) e da criação do bebê (Delfos); c) a presença de Creusa e Xuto, sem filhos, em Delfos; d) o subengano de Apolo contra Xuto, em Delfos. A finalidade desse demorado plano, na época da ação trágica centrado no engano de Xuto, era recolocar Íon na família e na herança finan-

³⁷¹ Ver comentários de BURNETT (1971, p. 129) e de STROHM (1976, p. 72-8) sobre esse aforismo com premissa axiomática.

ceira e política a que pertencia por direito, sem embaraço para Creusa (72-3; 1561-2; 1571-5).

O primeiro subengano, que pode até ser visto como um engano relativamente independente do plano divino, mas sem o qual o plano não fluiria bem, se refere ao ocultamento da gravidez de Creusa. A característica enganosa é marcada naturalmente pelo fato de ela ter tido o filho de Apolo ‘às escondidas’ (λάθραι, 340) de Erecteu, pai dela.

O segundo elemento do plano é certamente um subengano, pois foi empreendido por Hermes, a mando de Apolo, e Eurípides dá a entender que a salvação e a criação do filho ocorreram igualmente em segredo (λάθραι, 357). O fato de Creusa afirmar que não sabe o que aconteceu com a criança (345-6),³⁷² que voltou à caverna onde deveria estar o corpo do bebê e nada encontrou (347-57), i.e., foi enganada pelo deus, reforça a ideia que o poeta procurou transmitir à sua audiência.

O terceiro elemento do plano não é propriamente um engano, uma vez que se trata apenas da ida de Creusa e Xuto ao Oráculo de Delfos, mas sem dúvida Apolo contava com esse movimento dos dois, pois questões sobre a falta de filhos estavam entre as consultas que o oráculo eventualmente recebia (E. *Med.* 665-81; ver BOWDEN, 2005, p. 40-64). De certa forma, essa característica do oráculo de Apolo insere a ida de Creusa e Xuto no desenvolvimento do plano do deus. Nessa linha de raciocínio, é preciso também considerar a possibilidade da falta de filhos do casal ter sido também provocada por Apolo. Se isso realmente ocorreu, é mais um elemento enganoso do plano do deus. Se não ocorreu, é porque Apolo soube utilizar um fato que nada teve a ver com ele em favor de seu plano.

O subengano de Apolo contra Xuto é o quarto elemento e o núcleo do engano do deus, notado praticamente por todos os estudiosos da tragédia (e.g. de HERMANN, 1827, p. xxvi-xviii, a MUELLER, 2010, p. 371). Uma interessante criação de Eurípides é o prenúncio desse subengano por um “colega” do oráculo de Delfos, o oráculo de Trofônio (404-9), que disse a Xuto que ele e Creusa não voltariam de Delfos sem filhos. Xuto sai do templo e, em cena de falso reconhecimento repleta de humor e de ironia trágica (KNOX, 1979a, p. 260-2; HARTIGAN, 1991, p. 76), diz a Íon que é seu pai, conforme a mentirosa informação transmitida a ele por Apolo (517-557). O marido de Creusa acreditou de imediato, enquanto Íon precisou ser convencido (557), mas no final ambos se entendem e ficam felizes (558-675). Xuto foi vítima

³⁷² Ela supôs que o filho pereceu e que animais o levaram dali: 902-5 e 916-8.

de uma *δόκησις* ... ἡδέως, ‘agradável ilusão’ (1602). Esse é, sem dúvida, um dos raros casos da literatura grega em que o enganado se deu bem... O substantivo *δόκησις*, tem o mesmo radical de *δοκέω* (*supra* p. 203).

O Coro, no entanto, imagina que pode haver algum ominoso ‘ardil’ (*δόλον*, 685) nisso tudo, e acha que Íon é o responsável por isso, certamente por causa de suas ligações com o templo que o criou: *πλέκει δόλον τέχνην* θ’ ὁ παῖς, ‘o menino teceu enganoso artifício’ (692); e ὅλοιτο πότνιαν *ἐξαπαφὼν* ἐμάν, ‘seja destruído quem enganou minha senhora’ (705). Note-se a alta concentração de vocábulos específicos (*δόλος*, *ἐξαπαφίσκω*) e circunstanciais (*πλέκω*, *τέχνη*) do engano a que Eurípides recorreu para marcar as suspeitas do Coro — corretas, quanto ao engano, mas incorretas quanto ao enganador.

Percalços do plano divino. O enganoso plano de Apolo terminou de ser aplicado no v. 675, pouco antes da tragédia chegar à metade,³⁷³ mas sua eficiência ficaria seriamente comprometida se o deus não mais se preocupasse com o assunto. No terceiro episódio, Creusa e um de seus servos, o velho preceptor de Erecteu, reagem mal à intrusão de Íon na família, consequência da pretensa paternidade de Xuto, informada pelo divino oráculo. O velho nem imagina a possibilidade de Apolo ter mentido e elabora, para explicar a espantosa notícia em termos humanos, um tortuoso engano que, na sua opinião, foi engendrado e empreendido por Xuto (813-27):

ΠΡΕΣΒΥΤΗΣ

ὅστις σε γήμας ξένος ἐπεισελθὼν πόλιν καὶ δῶμα καὶ σὴν παραλαβὼν παγκληρίαν ἄλλης γυναικὸς παῖδας ἐκκαρπούμενος	815
λάθραι πέφηνεν· ὡς λάθραι δ’, ἐγὼ φράσω. ἐπεὶ σ’ ἄτεκνον ἦισθετ’, οὐκ ἔστεργέ σοι ὅμοιος εἶναι τῆς τύχης τ’ ἴσον φέρειν, λαβὼν δὲ δοῦλα λέκτρα νυμφεύσας λάθραι τὸν παῖδ’ ἔφυσεν, ἐξενωμένον δέ τωι	820
Δελφῶν δίδωσιν ἐκτρέφειν. ὁ δ’ ἐν θεοῦ δόμοισιν ἄφετος, ὡς λάθοι, παιδεύεται. νεανίαν δ’ ὡς ἦισθετ’ ἐκτεθραμμένον, ἐλθεῖν σ’ ἔπεισε δεῦρ’ ἀπαιδίας χάριν. καὶ θ’ ὁ θεὸς οὐκ ἐψεύσαθ’ , ὅδε δ’ ἐψεύσατο	825

³⁷³ Na edição de Dg. ela tem 1622 versos.

πάλαι τρέφων τὸν παῖδα, **κάπλεκεν πλοκάς**
τοιάσδ'· (...)

VELHO

Ele veio à pólis como estrangeiro, casou-se contigo,
recebeu tua casa e tua herança e
aparece com filhos que teve com outra 815
mulher, secretamente; secretamente, sim, como vou dizer.
Quando percebeu que não tiveste filhos, não satisfeito
de ser igual a ti e ter a mesma sorte,
recorreu ao leito de uma escrava e secretamente
engendrou o filho; mandou-o para fora e 820
deu-o para criar a alguém de Delfos; e, livre e
despercebido no templo do deus, foi ele criado.
Quando percebeu que o menino estava criado,
ele te convenceu a vir aqui, graças à falta de filhos.
O deus, portanto, não mentiu; foi ele que mentiu, 825
cuidando tanto tempo da criança e tramando esses
enganos. (...)

O Coro aceitou de bom grado a história imaginada pelo Velho e considerou real o pretenso engano de Xuto (832-5):

ΧΟΡΟΣ

οἴμοι, κακούργους ἄνδρας ὥς ἀεὶ στυγῶ,
οἱ συντιθέντες τᾶδικ' εἴτα **μηχαναῖς**
κοσμοῦσι. φαῦλον χρηστὸν ἂν λαβεῖν φίλον
θέλωμι μᾶλλον ἢ κακὸν **σοφώτερον**. 835

CORO

Ai de mim, sempre abominei homens perniciosos
que cometem injustiças e a seguir com artifícios
as enfeitam. Antes amigo bom e simples,
do que mau e ardiloso. 835

Eurípides recorreu liberalmente ao léxico do engano para descrever essa imaginária μηχανή de Xuto contra Creusa, descrita pelo Velho e comentada pelo Coro: λάθραι (816 e 819), πείθω (824), ψεύδω (825), πλέκω e πλοκή (826), μηχανή (833), σοφός (835). Aqui, não se trata de uma história mentirosa, inventada para enganar, mas de uma fantasia criada pela idosa cabe-

ça³⁷⁴ do velho preceptor de Erecteu para descrever os enganos que ele atribui a Xuto, de certa forma um autoengano. Mas é notável como Eurípides fez sair da imaginação desse personagem uma série de fatos que se aplicam, em grande parte, ao que aconteceu a Creusa e ao seu filho: Apolo engendrou um filho secretamente (819-20), mandou-o ao templo de Delfos, onde foi criado sem ninguém perceber que ele era filho de Apolo (820-2) e o deus pode efetivamente ter sido o responsável pela ida de Creusa e Xuto a Delfos (823-4), como mencionei há pouco (*supra* p. 213).

De qualquer modo, Creusa e o Velho decidem tomar providências e planejar um engano que livre Atenas da vergonha de ter um estrangeiro no antigo trono de Erictônio, nascido da própria terra (999-1000) como os atenienses gostavam de afirmar.³⁷⁵ Esse engano pode ter sido denunciado por Eurípides uns duzentos versos antes, através do próprio Íon (616-7):

ΙΩΝ

ὅσας σφαγὰς δὴ **φαρμάκων** <τε> θανασίμων
γυναιῖκες ἤϊρον ἀνδράσιν διαφθοράς.

ΙΩΝ

E quantos assassinatos por venenos mortais
as mulheres inventaram para a ruína dos homens!

E eis os versos que resumem as ideias do Velho para resolver o problema de Creusa (843-1019), repletas de violentas sugestões e enganos (843-6):

Πρ. ἐκ τῶνδε δεῖ σε δὴ γυναικεῖόν τι δρᾶν.
ἢ γὰρ ξίφος λαβοῦσαν ἢ **δόλωι** τινὶ ³⁷⁶
ἢ **φαρμάκοισι** σὸν κατακτεῖναι πόσιν
καὶ παῖδα, πρὶν σοὶ θάνατον ἐκ κείνων μολεῖν.

845

Ve. Por causa disso é preciso que faças algo feminino.
Tomando a espada, ou por algum engano
ou por venenos, teu marido e o menino
mata, antes que venham a te matar.

³⁷⁴ LOURENÇO (1994, p. 21-4) duvida, a meu ver com muita razão, da sanidade do velho servidor. Seu vivo zelo pela única filha viva do rei que ele criou também pode, no entanto, explicar satisfatoriamente sua agressividade contra Xuto, que ele vê como um mero estrangeiro, e contra Íon, um usurpador (cf. 725-858).

³⁷⁵ O engano de Creusa, mediado por drogas, foi comentado brevemente por VÍLCHEZ (1976, p. 138-9).

³⁷⁶ A passagem que começa no v. 544 e termina adiante, no v. 858 (não mostrado aqui) é considerada suspeita desde a edição de MURRAY (1913) e foi colocada entre colchetes por Dg. (v. 2, Ἰων ad loc.).

Note-se que Eurípides não deixou de fazer sua tradicional crítica à capacidade enganosa do sexo feminino (843), e que o Velho afirma que ajudará em qualquer um dos dois tipos de plano (βούλεψε, 984) da mestra, bastando uma ordem sua (1019), e a enraivecida Creusa confirma que tem planos δόλια καὶ δραστήρια, ‘enganadores e eficazes’ (985): usar veneno (ιός, 1015), o sangue das serpentes da Górgona que a própria Atena deu certa vez a Erictônio (1001-17), para matar o jovem Íon, e não o marido (976-9). O velho finalmente sugere que o jovem seja morto em Delfos, pois Creusa poderá negar o assassinato com mais plausibilidade (1019-1026).

Na passagem acima, o substantivo concreto ιός, ‘veneno’, está ligado ao engano (844) tanto quanto o substantivo φάρμακον (845). O radical é *wĩsos-, o mesmo da palavra latina *ui-rus*, muito usada em nossos dias para designar certos micro-organismos parasitas que causam doenças. Ésquilo e Sófocles também empregaram ιός no sentido de ‘veneno’ (e.g. A. Ag. 834 e Eu. 478; S. Tr. 771), e talvez Píndaro (O. 6.47). Observe-se que, apesar de no grego clássico a grafia ser a mesma, o substantivo ιός, ‘flecha’ e o dêitico ιός, ‘aquele’, empregados por [Homero] e outros poetas em diversas instâncias, têm etimologia diferente e, em princípio, nenhuma relação com o engano. Aparentemente, ιός, ‘ferrugem’ tem a mesma etimologia de ιός, ‘veneno’ (e.g. Thgn. 451), mas nesse caso também não há vínculo direto com enganos.

Nos vv. 1029-47, Creusa dá as instruções finais ao Velho: ele deve colocar o veneno na taça de Íon durante os sacrifícios oferecidos por Xuto aos deuses, enquanto ela está em outro lugar. Mas esse bem urdido plano falha: após o interlúdio coral (1048-1105), um mensageiro vem contar à plateia que o plano de Creusa foi descoberto, que Íon não morreu, que ela é a culpada e foi condenada ao apedrejamento (1106-1228). O Coro confirma a tentativa de assassinato de Íon às escondidas (κρυφαῖον, 114: rad. κρυπ-), por meio de κρυπτὰ μηχανήματα, ‘estratagemas secretos’ (1116; e também 1216, μηχανάς), e o mensageiro informa ademais que o engano foi exposto por Apolo (1117-8), que fez a taça com a droga mortal (φάρμακον, 1185 e 1214; e também φαρμάκοισι, 1221) ser descoberta a tempo. Creusa, não tinha, obviamente, a mesma capacidade enganadora de Circe e Medeia e nem a habilidade das duas para lidar com drogas (ver nota 295, p. 168).

Depois do interlúdio coral (1229-49) e do ἀγών Creusa-Íon (1250-1548), na decantada cena de reconhecimento entre Íon e Creusa (1320-548), Íon é informado de sua ascendência divina e o enganoso plano de Creusa é ocasionalmente rememorado (μηχαναῖς, 1326; λάθραι,

1408). As palavras de Creusa, ao reconhecer o filho, são inicialmente consideradas por Íon — mas não pela audiência — um outro engano: παῦσαι πλέκουσα ... πλοκάς, ‘para de tramar enganos’ (1410). Íon também pensa que a paternidade de Apolo pode igualmente ser um engano do deus, ὁ θεὸς ἀληθῆς ἢ μᾶτην μαντεύεται, ‘o deus diz verdades ou profetiza falsamente?’ (1537), mas a audiência sabe naturalmente que não é.

Observe-se que o incomum advérbio μᾶτην, cujo radical (μαῖτᾱ-) tem origem ignorada, significa concretamente ‘em vão’ (e.g. *h. Cer.* 308, *Sol. Fr.* 34.7, *Thgn.* 523, *Ps.-A. Pr.* 36 e 44), mas metaforicamente pode ser traduzido por ‘falsamente’ e, desse modo, vinculado circunstancialmente ao engano. Os poetas trágicos mais velhos utilizaram também o vocábulo nessa acepção antes (e.g. *A. Ag.* 423, *S. El.* 63) e depois de Eurípides (e.g. *S. Ph.* 345). Sófocles, no *Ph.*, usou praticamente o mesmo sintagma do v. 1537 do Íon eurípidiano, εἴτ’ ἀληθὲς εἴτ’ ἄρ’ οὖν μᾶτην, o que pode indicar o recurso a uma expressão mais ou menos corrente na Atenas da segunda metade do século -V.

O plano de Apolo estava já completo, com resultados satisfatórios para Creusa, Íon e Xuto, mas foram necessários alguns esclarecimentos da deusa Atena, *ex machina* (1549-1622), para que tudo ficasse claro para mãe e filho. A deusa termina o *briefing* avisando que Creusa e Íon devem manter a ilusão de Xuto (1602) e resume, com uma ponta de orgulho fraternal, ou puro *esprit de corps*: ‘Apolo fez tudo muito bem’ (1595).

1.11 *Helena* (Ἑλένη)³⁷⁷

Praticamente todos os antigos poemas associados ao Ciclo Troiano e ao Ciclo dos Atridas consideram Helena, filha de Zeus, meia irmã de Clitemnestra e esposa de Menelau, causa necessária e suficiente da Guerra de Troia. A *Helena*, outra das “tragédias de plano e fuga” de Eurípides, é a primeira e única tragédia grega completa em que a inocência da esposa de Menelau — da Helena real,³⁷⁸ pelo menos — é parte crucial do enredo trágico.

Fontes antigas e Górgias. Helena, assim como Ifigênia (*supra* p. 200), era provavelmente uma antiga divindade indo-europeia — ou pelo menos espartana — “rebaixada” à

³⁷⁷ Ver Dg. 3, p. 1-70.

³⁷⁸ Ver, a respeito da expressão “Helena verdadeira”, muito comum em análises da *Hel.*, os comentários de COELHO (2010, p. 61).

condição de heroína nos ciclos heroicos gregos.³⁷⁹ Ao contrário de Ifigênia, cujos traços divinos são evocados na *IT*, os aspectos “pré-trágicos” da natureza divina de Helena nunca afloraram na tragédia de Eurípides ou na de outros poetas. Só no final do *Or.* encontraremos um exemplo de sua divinização, que ocorre durante a ação trágica (*infra* p. 233).

As passagens épicas, líricas e trágicas em que Helena é inculpada pela guerra de Troia são excessivamente numerosas e, naturalmente, o poeta da *Il.* é o mais antigo autor a mencionar isso (e.g. *Il.* 2.160-2; 9.337-9). Dentre as tragédias sobreviventes de Eurípides que rememoram a culpa de Helena cito, a título de ilustração, *Hec.* 441-3, *Tr.* 368-9, *Andr.* 103-7, *El.* 213-4, *Or.* 1639-43 e *IA* 1380-2. A “culpa direta de Helena” pela guerra de Troia, dada a quantidade de citações e a enorme difusão entre os poetas anteriores a Eurípides, deve ser considerada a versão canônica do mito.

A versão alternativa, que eventualmente culpa Helena de ter sido seduzida, sem inculpá-la diretamente pela Guerra de Troia e, conseqüentemente, pelo fim da Idade Heroica da Grécia (RIBEIRO JR., 2005a), é a do “fantasma de Helena,” que estabelece que ela nunca esteve realmente em Troia. Essa variante do mito tradicional foi popularizada justamente pela *Hel.* de Eurípides, embora tenha sido provavelmente criada um século antes pelo poeta lírico Estesícoro, em sua *Palinódia* (*Fr.* 192-3). Como já vimos (*supra* p. 120), na versão de Estesícoro Helena não foi para Troia, ficou no Egito o tempo todo e um fantasma criado pelos deuses esteve na cidadela troiana, em seu lugar. Na *Hel.* os dois elementos míticos mais significativos são justamente esses, a presença do fantasma de Helena em Troia e da Helena real no Egito³⁸⁰ durante as hostilidades. A tradição da presença de Menelau no Egito remonta certamente à *Od.* (4.121-7; 219-33; 354-65; 475-83) e seu encontro com Helena pode ter sido abordado pelo próprio Estesícoro (ALLAN, 2008, p. 20), mas Eurípides parece ter-se inspirado, na verdade, em uma das histórias de Heródoto (2.112-20), pelo menos um pouco mais antiga do que a tragédia.

³⁷⁹ O primeiro erudito a tratar dessa possibilidade parece ter sido WIDE (1893). Sobre o caráter divino de Helena e sua apropriação pela épica e pela tragédia grega, ver especialmente *Od.* 4.569 (*supra* p. 69), *E. Or.* 1629-37 (*infra* p. 241), EDMUNDS (2007) e ALLAN (2008, p. 14-6). Para rituais e cultos gregos dedicados a heróis, em geral, e sobre os mitos relacionados com sua divinização, ver FARNELL (1921). Para as heroínas, ver também LARSON (1995).

³⁸⁰ Na *Helena*, nota-se uma certa ambiguidade entre o fantasma e a Helena real (e.g. 72-7, 117-22, 160-3, 198-9). Sobre a questão da identidade dessas duas “Helenas” na tragédia, ver SEGAL (1972), SANTOS (2004) e COELHO (2010).

O historiador conta que, depois da sedução de Helena, Alexandre a levou consigo para Troia, juntamente com várias riquezas roubadas de Menelau, mas ventos o desviaram do Egeu para o Egito, onde foi retido pelos habitantes e levado a Proteu, soberano do país.³⁸¹ O egípcio censurou-o por ter enganado (ἐξαπατήσας, 2.114) seu anfitrião, reteve Helena e as riquezas de Menelau e despachou Alexandre para seu destino. Menelau e os outros gregos foram a Troia, interpelaram os troianos e não acreditaram na história de Helena não estar na cidadela. Cercaram e arrasaram tudo, é claro, e só então perceberam que os troianos haviam falado a verdade (2.118). Menelau veio então ao Egito e o honesto e correto Proteu lhe devolveu a esposa (incólume) e as riquezas, mas o ingrato marido de Helena não conseguia partir, retido pelo mau tempo, e então sacrificou duas crianças egípcias para que os ventos lhe fossem favoráveis. Ele conseguiu sair rumo à Líbia e Heródoto não diz claramente, mas está certamente implícito que o procedimento deu certo e que os deuses haviam apreciado o bárbaro sacrifício.

Há uma terceira variante da participação de Helena na guerra entre gregos e troianos que deveríamos, talvez, chamar de “culpa indireta” ou “culpa parcial”, que envolve sua presença em Troia, mas de certa forma independentemente de sua vontade. O poeta dos *Cypr.* conservou uma tradição que afirma ter sido o nascimento de Helena apenas um dos elementos de um plano maior, concebido por Zeus para aliviar excessiva carga de mortais que viviam em cima de Gaia. Essa tradição já foi discutida anteriormente na análise dos *Cypr.* (*supra* p. 104). Nessa vertente da culpabilidade maior das divindades podemos incluir o *Fr.* 283 de Alceu, que aponta o amor de Helena por Alexandre como a causa de sua ida a Troia, e um controvertido fragmento de Safo (*Fr.* 16) no qual Helena abandonou marido, filhos e pais por amor, o que em certa medida reduz sua culpa.³⁸² Nesse aspecto, os dois poetas acompanharam a tradição hesiódica sobre os enganos de que o amor é capaz (*supra* p. 84).

O papel de Helena na Guerra de Troia é no mínimo ambíguo, e situações assim constituem um interessante tema para exercícios retóricos como a do *Fr.* 11 do sofista Górgias (= *Hel.*) e a décima oração de Isócrates, ambos conhecidos por Ἑλένης ἐγκώμιον, ‘o elogio de

³⁸¹ Talvez uma racionalização herodotiana do mito de Idoteia, Menelau e Proteu, contado por [Homero] no livro IV da *Odisseia* (*supra* p. 62 sqq.).

³⁸² Sobre esse controvertido fragmento e a culpabilidade de Helena, ver os artigos de FREDRICKSMEYER (2001) e BIERL (2003), e as numerosas referências.

Helena.³⁸³ Na sua *Helena*, Górgias lembrou inicialmente que Helena é, para todos, συμφορῶν μνήμη, memento de infortúnios (2), evocando assim a versão canônica do mito. A seguir, ele mesmo resume seus argumentos apresentando τὰς αἰτίας, ‘as etiologias / causas’ (5) aparentes da viagem de Helena a Troia: Τύχης βουλήμασι, ‘desígnios do Acaso’; θεῶν βουλευμασι, ‘resoluções dos deuses’; Ἀνάγκης ψηφίσμασιν, ‘leis da Necessidade’. E ela teria agido, então, βίαι ἄρπασθεῖσα ‘raptada à força’, λόγους πεισθεῖσα, ‘persuadida por argumentos’ ou ἔρωτι ἁλοῦσα, ‘dominada pelo amor’ (6).³⁸⁴ Nos parágrafos seguintes, Górgias detalhou o argumento da ‘violência’, βία (7), o argumento do ‘discurso que persuadiu e enganou a alma’, λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας (8), ou ‘falso discurso,’ ψευδῆ λόγον (11), e o do ‘amor,’ ἔρως (15). Note-se que os argumentos do sofista têm vários pontos de contato com os argumentos de Helena em *E. Tr.* (903-65), e também que ele recorreu várias vezes ao léxico do engano (βούλευμα, πείθω, ἀπατάω, ψευδής). Em nenhuma das possibilidades descritas por ele Helena teve papel ativo: duas entidades abstratas (Acaso e Necessidade), forças divinas (deuses, o ‘amor’ incluído: 19), violência ou um eficiente discurso enganador constituíram as forças atuantes.

Assim, a variante de Górgias deve ser incluída nas versões de “culpa parcial” de Helena pois, afinal, ela partiu contra a vontade (12), mas partiu. E esteve presente em Troia.

Poetas trágicos e *Hel.* Segundo GRIFFITH (2002, p. 237-54), é possível que Ésquilo tenha utilizado a versão da “Helena inocente” em -458, depois de Estesícoro e antes de Eurípides, tanto no drama satírico *Proteu* (Πρωτεύς, *Fr.* 210-5) quanto no *Ag.* (e.g. 414-5). Os argumentos de Griffith quanto ao *Ag.* são sem dúvida razoáveis (ver p. 247-8), mas acho muito mais provável que Ésquilo tenha sido menos literal do que esse estudioso dá a entender. Em *Ag.* 414-5, diz o Coro: πόθωι δ’ ὑπερποντίας / φάσμα δόξει δόμων ἀνάσσειν, ‘pelo desejo daquela de além-mar / um fantasma parecerá dominar o palácio.’ O poeta parece ter feito apenas uma referência à lembrança de Helena e, por extensão, à guerra que tanto influenciou o destino de duas gerações de atidas. Outra possibilidade é uma alusão de Ésquilo ao nume que, ao

³⁸³ O texto de Isócrates é de -393/-380, aproximadamente, e por isso não será discutido aqui. A data do texto de Górgias é desconhecida, mas como ele nasceu c. -485, visitou Atenas pela primeira vez em -427 (*Pl. Hp. Ma.* 282b e *Th.* 3.86) e só morreu c. -380, pode perfeitamente ter apresentado seu *Elogio de Helena* aos atenienses no final do s. -V. É possível que *Gorg. Hel.* seja mais ou menos da mesma época que *E. Hel.* (COELHO, 2010, p. 53).

³⁸⁴ Essa última possibilidade é muito controversa. Ver considerações de COELHO (1999, p. 16, n. 1).

longo do Ag., habitava o palácio dos atridas (ver TORRANO, 2004, p. 44-5, 69-75 e 78-83).

Quanto ao *Proteu*, quarto drama da *Oresteia*, a presença de uma personagem denominada Eιδώ, atestada pelo *Fr.* 212, não sugere necessariamente que se trate da mesma Eιδώ mencionada por Eurípides em *Hel.* 11, que o poeta esclarece ser o nome anterior da profetiza Filonoé, filha do rei Proteu. Essa forma do nome da homérica deusa Idoteia³⁸⁵, filha do deus Proteu, sugere também que o enredo do drama satírico envolvia o encontro entre Menelau e Proteu, descrito na *Od.* (*supra* p. 62), o que torna quase certo que nem Helena e nem seu fantasma passaram perto da cena.

É verdade que, com exceção da *Hel.*, todas as tragédias completas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides recorreram à versão da culpa de Helena. É notável, no entanto, que apesar da aparente “popularidade” dessa versão canônica do mito, dentre as 32 tragédias gregas que chegaram até nós a *dramatis persona* “Helena” subiu ao palco do teatro de Dioniso apenas três vezes, e só durante a representação de obras de Eurípides: *Tr.*, *Hel.* e *Or.*

Sófocles deve ter também encenado tragédias com “Helena” em pessoa, embora as evidências sejam relativamente fracas, até o momento, e nada se saiba de realmente conclusivo sobre esses dramas. A *Reivindicação de Helena* (Ἑλένης Ἀπαίτησις, *Fr.* 176-80a) provavelmente se baseava na tradição de que os gregos, antes de lutarem em Troia, tentaram recuperar Helena por meios diplomáticos (*Cypr. Arg.* 10). Sobre o *Rapto de Helena* (Ἑλένης Ἀρπαγή, TrGF 4, p. 180-1) nem sabemos, ainda, se era uma tragédia autônoma ou apenas uma parte do drama *O Casamento de Helena* (Ἑλένης Γάμος, *Fr.* 181-4). E é possível, ademais, que esses títulos correspondam a dramas satíricos e não a tragédias.

Íon de Quios, contemporâneo de Eurípides, parece ter recorrido ao personagem “Helena” em sua tragédia *Os Guardiões* (Φρουροί, *Fr.* 43a-49a),³⁸⁶ como se depreende do *Fr.* 44 em que ela conversa com Odisseu. O enredo do drama, representado antes ou depois da *Hel.*, pode ter-se baseado na história da missão de espionagem de Odisseu em Troia (*supra* p. 63 e 99). A *Od.* menciona o disfarce de mendigo utilizado por Odisseu nessa aventura e, talvez, o poeta Íon tenha feito o mesmo — além de abordar, possivelmente, os outros enganos presentes nessa história.

³⁸⁵ ‘Deusa Idoteia’ é, de certa forma, redundante: o nome Εἰδοθήη, ‘Idoteia’ (*Od.* 4.366), pode ser literalmente traduzido por ‘a deusa Eιδώ.’

³⁸⁶ Ver TrGF 1, p. 108-9.

A versão da “Helena parcialmente culpada” também foi adotada algumas vezes por Eurípides, que mencionou o plano de Zeus para aliviar Gaia na *El.* 1280-3 (*infra* p. 223), no *Or.* 78-9 e 1639-42 (*infra* p. 241) e também na *Hel.* (*infra* p. 223). O poeta nunca encenou especificamente essa versão do mito, mas em *Tr.*, durante o ἀγών Hécuba-Helena (895-1041), abordou a questão de o amor divinamente inspirado ter sido responsável pela fuga de Helena na companhia de Páris / Alexandre, como postulou Górgias (*supra* p. 221). É verdade que a argumentação de Helena não convenceu nem Hécuba, nem Menelau e, talvez, nem a audiência (*supra* p. 199). E é preciso considerar ainda que, muito antes de Eurípides, uma breve menção a Πειθώ e a Ἥρα em A. Ag. 385-6 possivelmente evoque a decisiva influência dos deuses no comportamento de Helena.

Falta mencionar uma importante referência euripidiana à “Helena inocente”, efetuada alguns anos antes da *Hel.*, no final da *El.* (1280-3):

ΚΑΣΤΩΡ

Ἑλένη (...). Πρωτέως γὰρ ἐκ δόμων
ἦκει λιποῦσ' Αἴγυπτον οὐδ' ἦλθεν Φρύγας·
Ζεὺς δ', ὥς ἔρις γένοιτο καὶ φόνος βροτῶν,
εἶδωλον Ἑλένης ἐξέπεμψ' ἐς Ἴλιον.

1280

CASTOR

Helena (...). Do palácio de Proteu, pois,
ela veio, ao deixar o Egito. Não foi à Frígia.
Zeus, para causar discórdia e morte entre os mortais,
enviou um fantasma de Helena para Ílion.

1280

Essa referência da *El.* é tanto um resumo do tema da *Hel.* quanto um prenúncio dos enganos envolvidos, descritos mais detalhadamente nessa última tragédia.

Hera e Zeus, gregos e troianos. Na primeira parte do prólogo (1-67), a própria Helena reitera o engano do fantasma, iniciativa atribuída a Hera (31, 1136), e revela o plano de Zeus (33-41):

ΕΛΕΝΗ

δίδωσι δ' οὐκ ἔμ' ἀλλ' ὁμοίωσας ἔμοι
εἶδωλον ἔμπνουν οὐρανοῦ ξυνθεῖς ἄπο
Πριάμου τυράννου παιδί· καὶ δοκεῖ μ' ἔχειν,
κενήν δόκησιν, οὐκ ἔχων. τὰ δ' αὖ Διὸς

35

βουλεύματ' ἄλλα τοῖσδε συμβαίνει κακοῖς·
 πόλεμον γὰρ εἰσήνεγκεν Ἑλλήνων χθονὶ
 καὶ Φρυγί δυστήνοισιν, ὥς ὄχλου βροτῶν
 πλήθους τε κουφίσειε μητέρα χθόνα
 γνωτὸν τε θεῖη τὸν κράτιστον Ἑλλάδος.

40

HELENA

Ela [sc. Hera: 31] não me entregou, mas fantasma
 igual a mim, soprado do céu,³⁸⁷ construiu
 para o filho do rei Príamo. Ele acha que me tem,
 vã aparência, mas não tem. A esses males se
 juntaram também aos planos de Zeus:
 ele levou à guerra terrestre os Helenos
 e os infelizes Frígios, para grande número
 da multidão de mortais aliviar a mãe terra,
 e fazer saber quem é o mais poderoso dos Helenos.

35

40

O fantasma criado pelas enganosas ‘artes dos deuses’, **τέχναις** θεῶν (930) é semelhante aos muitos enganos por ilusão “divinos” descritos nos poemas homéricos, particularmente semelhante ao εἶδωλον de Eneias, criação de Apolo (*Il.* 5.445-53: *supra* p. 44 e p. 120). Esse tipo especial de engano não se caracteriza, no entanto, pela mudança de forma, mas pela “troca”, i.e., pela substituição da Helena real pela Helena falsa.

Eurípides marcou o engano do fantasma, assim como o enganoso plano de Zeus, com um dos vocábulos usuais do léxico (βουλεύματα) e com pelo menos três formas do radical δέ/οκ-: δοκέω (35), δόκησις (36) e δοκοῦντες (611). O engano fica também evidente ao considerarmos o vocábulo ἀπατάω, presente no desabafo de Menelau, ao se dar conta do que realmente aconteceu em Troia: θεῶν δ' ἤμεν ἡπατημένοι ‘os deuses nos enganaram’ (704).

O vocábulo δοκέω e as formas nominais e verbais aparentadas são muito utilizados, na literatura grega, para diferenciar a realidade das enganosas aparências (*supra* p. 203). Na *Hel.* Eurípides colocou em foco essa questão de várias formas, uma delas representada pela cuidadosa escolha de vocábulos relacionados com os sentidos.³⁸⁸ No prólogo, o nome de alguns personagens evocam diretamente essa questão, fato já observado por MELTZER (2006, p. 197):

³⁸⁷ Cf. 613-4. O εἶδωλον foi construído a partir do próprio céu, seja do ponto de vista do local onde ficavam as todo-poderosas divindades capazes disso, quanto do ponto de vista do material constituinte, o *éter*. Ver adiante a nota 392 (p. 225).

³⁸⁸ Mais ou menos na mesma época, Górgias (*Hel.* 13-19) associou os sentidos com o engano e se estendeu um pouco sobre o assunto. Ver comentários sobre aparência e realidade na *Hel.* em DUARTE (2010, p. 180) e a detalhada discussão de COELHO (2010, *passim*, especialmente, p. 74).

Θεοκλύμενος (9), Θεονόη (13) e Εἰδῶ (11). Se retirarmos o radical *θεσσο-, ‘deus’, dos dois primeiros, encontramos apenas radicais ligados à percepção dos sentidos ou da mente: -κλύμενος < κλύω, ‘escutar’; νόη < νοέω, ‘perceber com a mente, compreender’;³⁸⁹ Εἰδῶ < *εἶδω, ‘ver, examinar’.³⁹⁰ Para designar o fantasma de Helena, Eurípides utilizou, principalmente, o substantivo εἶδωλον (34, 683, etc.), derivado do verbo *εἶδω, ‘ver’, e da sua forma perfectiva οἶδα, ‘eu sei por ter visto’. Com esse fantasma que iludiu / enganou Páris (1675), os outros troianos e todos os gregos, Eurípides de certa forma elevou a associação entre engano e ilusão visual ao máximo. Note-se que, por ocasião do sacrifício de Ifigênia, a ilusão induzida por Ártemis durou apenas um instante (*IT* 783-6; *IA* 1578-89), enquanto a ilusão do fantasma de Helena durou toda a guerra de Troia e persistiu durante os primeiros sete anos do retorno de Menelau (112). O contraste entre aparência e realidade é um tema que aflora em numerosas passagens dessa tragédia (e.g. 35-6, *supra* e 42-3, 53-5, etc.).³⁹¹

Eurípides não criou, na *Hel.*, nenhuma versão nova do mito. Apenas justapôs e unificou duas das três variantes conhecidas do papel de Helena na Guerra de Troia, a do fantasma (“Helena não culpada”) e a do grande plano de Zeus (“Helena parcialmente culpada”). Essa “versão unificada” de Eurípides sem dúvida isenta Helena de qualquer culpa pela guerra, e a própria Helena afirma que seu nome foi utilizado μαψίδιον, ‘falsamente’ (250-1), e que ela nunca esteve em Troia (582). O fantasma feito de puro ar (584)³⁹² é o núcleo de um subengano conduzido pelas ‘maquinações de Hera’, Ἡρας μηχαναῖς (610), apenas uma parte do engano maior preparado e conduzido por Zeus. Planos concebidos por Zeus e conduzidos em parte por outras divindades remontam à *Il.*, como já vimos na análise da visita de Hermes a Príamo (*Il.* 24.334-464: *supra* p. 44). E foi Hermes, justamente, quem ocultou (καλύψας, 45) a verdadeira Helena em uma nuvem do céu, por ordem de Hera (674-5), e depois a levou ao palácio do egípcio Proteu, mais um subengano do grande e enganoso plano de Zeus (241-51; 670-1). A natureza furtiva e enganadora de Hermes é evocada, no final do êxodo, quando

³⁸⁹ Como reconhece o próprio Menelau, Θεονόη, ‘Teonoé’ (13, 821, etc.) – i.e., ‘a que percebe os deuses com a mente’ – é efetivamente um nome muito apropriado para profetizas (822).

³⁹⁰ Há mais informações sobre o nome Εἰδῶ em ALLAN (2008, *Hel.* 10-11 ad loc.).

³⁹¹ Em ALLAN (2008, p. 143) há uma lista de passagens significativas. Ver, também, SEGAL (1972), SANTOS (2004) e COELHO (2010).

³⁹² Mais exatamente o αἰθήρ, ‘éter’, no entender dos gregos o puríssimo ar das partes mais elevadas da atmosfera, i.e., perto do céu (cf. *Hel.* 34, *supra*). O éter pode ser também, segundo Aristóteles, a matéria que compunha o céu e as estrelas (ver DODDS, 1960: *E. Ba.* 292-4 ad loc.).

Castor lembra que Hermes ‘roubou’ (κλέψας, 1672; κλοπαίαν, 1675) a verdadeira Helena de Páris. Observar, além do conhecido substantivo μηχανή (610) e essas duas formas de κλ^ε/οπ-, o radical *kel- do verbo καλύπτω, ‘cobrir, ocultar’ (45), diferente do radical do verbo κρύπτω, ‘esconder’, mas igualmente apropriado para marcar esse tipo de engano, e ainda forma adjetiva do advérbio μάψ, ‘em vão’ (μαψίδιον, 251), associado ao engano desde [Homero] (p. 47).

A presença do fantasma permeia o prólogo (1-163), o párodo (164-252) e o primeiro episódio (253-514) da tragédia, e através desses primeiros versos a audiência fica informada da perigosa situação da Helena verdadeira no Egito. Morto o rei Proteu, que a protegeu durante muito tempo, Helena é agora cobiçada pelo herdeiro de Proteu, Teoclímeno (60-5), mas ela não quer e não pode ceder aos seus desejos, pois Hermes lhe revelou que voltará a viver em Esparta com o marido, desde que não compartilhe o leito de ninguém (56-9). Consequentemente, ela permanece ao lado da tumba de Proteu como suplicante (63-6) e Teoclímeno, o rei atual, decide matar todos os gregos que encontra (155). Menelau pode estar morto, a julgar pelo relato de Teucro (123-32, 308), e Helena já perdeu a esperança de sair dessa situação (277-9), porém o desalento diminui quando Teonoé lhe diz, durante o começo do segundo episódio (528-40), que Menelau está vivo.

Menelau aparece na metade do primeiro episódio (386), faminto e em farrapos depois de um naufrágio (408-9). Ele diz que Helena (a que ele trouxe de Troia) também se salvou e está escondido em uma caverna, com os companheiros que escaparam do desastre. O naufrágio de Menelau, seus companheiros que igualmente escaparam e o esconderijo na caverna de uma terra estranha evocam, e não por coincidência, o homérico episódio de Odisseu na ilha do ciclope (*supra* p. 66), um dos mais célebres enganos do homem de Ítaca. Essa analogia entre a situação de Menelau com a do ardiloso Odisseu, que fugiu da morte graças a um engano, pode ser, naturalmente, um prenúncio do plano de Helena e Menelau contra Teoclímeno.

As complexas cenas que envolvem o reconhecimento entre Menelau e a Helena verdadeira, na primeira parte do segundo episódio (528-760), têm muitos aspectos cômicos, assim como a chegada de Menelau em farrapos (416; 420-4) à porta do palácio de Teoclímeno. Há também muitos diálogos recheados de ironia trágica e, depois de várias idas e vindas, os dois esposos separados há 17 anos (112-4; 775-6) finalmente se reconhecem, graças ao sumiço do fantasma de Helena (597-614), que revela aos companheiros de Menelau sua natureza enga-

nadora e se despede polidamente, antes de desaparecer.³⁹³ Como na *Alc.*, o reencontro do marido com a esposa considerada morta é motivo para um recasamento. Nessa tragédia, o novo matrimônio é marcado pelo gesto *XEK* (*supra* p. 147, nota 241) e, na *Hel.* pela lembrança do primeiro casamento de Menelau, mais a disposição do Servidor do rei naufragado para cantar, mais uma vez, o himeneu (722-5).

Plano e fuga.³⁹⁴ Depois do reconhecimento, na segunda parte do segundo episódio (761-1106), Helena e Menelau precisam planejar a fuga do Egito e de Teoclímeneo, que na *Hel.* faz muito bem o papel de bárbaro opressor (479-80; 777-807).³⁹⁵ A situação parece desesperadora: os dois estão em terra estranha, perseguidos por um poderoso rei, cuja irmã é uma profetiza que tudo sabe (819-23), sem navio (875, 1047), sem o amparo de força armada significativa e, no caso de Menelau, praticamente sem roupas e sem comida (386-433).

Mas Helena é mulher, portanto astuta (σοφόν, 1049), assume as rédeas e logo afasta a possibilidade de matar o rei através de uma enganadora e pouco sutil emboscada, que Eurípides marca com o vocábulo κρυφθείς (1043), e sugere prudência (809-11). Aqui, Eurípides recorreu ao vocábulo σοφός (811), comum à μήτις e à ἀπάτη, talvez já pensando na astúcia necessária para reverter a desvantajosa posição dos dois. Helena logo conclui que ela e o marido terão de recorrer a ‘algum estratagema’, μηχανῆς τινος (813) e Menelau, que não tem aparentemente muita imaginação, pergunta se o estratagema envolverá ὦνητὸς ἢ τολμητὸς ἢ λόγων ὕπο, ‘suborno, aventura ou argumentação’ (816). A julgar pelo sentido conotativo do vocábulo λόγος nesse contexto, talvez ele tenha captado pelo menos em parte a essência do ardiloso pensamento da esposa, ou então Eurípides quis já antecipar alguns dos enganos necessários à condução do ‘estratagema’ (μηχανή, 1034) de Helena.

³⁹³ Observe-se que Helena disse anteriormente (290-1) que ela e Menelau reconheceriam um ao outro através de sinais que só eles conheciam, mas só com o desaparecimento do fantasma o reconhecimento aconteceu. Esses versos parecem, pelo menos do ponto de vista do aproveitamento da informação no resto da tragédia, uma interpolação tardia. Muitos editores da *Helena* (e.g. Dg. e KOVACS, 2002) efetivamente defendem a exclusão de 287-92, inclusive 290-1. ALLAN (2008, ad loc.), no entanto, não acha necessário. Sobre a influência do desaparecimento do fantasma no reconhecimento entre Menelau e Helena, ver DUARTE (2010b, p. 246-50), que observou ademais ecos do encontro entre Odisseu e Penélope nessa passagem.

³⁹⁴ Esse engano foi anteriormente descrito e comentado por vários estudiosos, e.g. SEGAL (1972). VÍLCHEZ (1976, p. 137-8) faz apenas uma sucinta descrição dos elementos principais.

³⁹⁵ Convencionalmente, Eurípides utilizou na *Hel.* o anacrônico vocábulo τύραννος, lit. ‘tirano’, para designar todos os antigos reis não gregos: Proteu (4) e Teoclímeneo (552, 816, etc.), do Egito, e Príamo (35), de Troia. Na tragédia ática, de modo geral, τύραννος muitas vezes designa também os reis gregos.

O estratagema compreendia, em essência, os seguintes elementos ou etapas, todos altamente enganosos (825-31; 1032-106): a) convencer Teonoé a não revelar que Menelau estava vivo; b) simular que Helena, triste viúva de marido que morreu em naufrágio, aceitava o casamento com o rei bárbaro, desde que pudesse celebrar os ritos fúnebres apropriados para o falecido; c) os pretensos “ritos fúnebres” tinham de ser realizados a bordo de um navio, longe da praia, na presença dela e de um “mensageiro” (o próprio Menelau). Um prenúncio favorável é, sem dúvida, o fato de Hera, a mais eficiente e enganadora deusa da *Ilíada*, estar do lado dos dois enganadores (880-3; 1005).

O primeiro elemento do engano, mais do que parte do plano, é condição *sine qua non* para o sucesso da aventura: se o rei souber que Menelau está vivo e ao seu alcance, está tudo perdido (817). Convencer Teonoé (ἀναπείσαιμεν, 825) era realmente a única solução, pois é praticamente impossível enganar uma profetiza que tudo sabe, como seu nome já anuncia (*supra* p. 224). Embora o verbo ἀναπείθω, usado aqui por Eurípides, tenha naturalmente o mesmo radical de πείθω e, como ele, signifique tanto ‘persuadir’ quanto ‘enganar’, Helena e Menelau não precisaram mentir ou recorrer a artifícios retóricos para convencer a profetiza a ajudá-los. Os vv. 857-1029 do segundo episódio, que descrevem a conversa com Teonoé, têm todas as características de uma bem sucedida cena de súplica. E o engano presente nesta parte do plano não foi conduzido por Helena ou por Menelau, mas será implementado pela própria Teonoé: ela terá que mentir e esconder (κρύψασ’, 890) do irmão uma informação vital.

A segunda parte do plano, um pouco mais complexa, compreendia dois itens, ambos enganosos. O mais interessante deles coube a Helena: colocar um disfarce apropriado, fingir tristeza pela morte do marido e declarar falsamente que está empolgada com o novo casamento. Isso é, em essência, o mesmo que atores fazem no palco: colocar um disfarce apropriado e representar um papel,³⁹⁶ mais ou menos o que fez o Odisseu de [Homero], transformado em mendigo por Atena, diante dos pretendentes (*supra* p. 70-78). Os artifícios (τεχνωμένη, 1091) empregados por Helena foram o corte do cabelo e as vestes negras características do luto, mais um convincente choro acompanhado de marcas de unhas na face (1053-4; 1087-9). Note-se que esse disfarce abrange, em termos físicos, alterações na totalidade das partes visíveis do corpo — cabelo, face e vestes — recursos semelhantes à ilusão que Odisseu provocou ao

³⁹⁶ Descontadas, naturalmente, a enganosa ficção criada pelo autor e também a ilusão dramática... Ver PRATT (1993) e DUARTE (2000), entre outros, e também os comentários da p. 344.

se disfarçar de mendigo antes da missão de espionagem em Troia (*supra* p. 63). Curiosamente, Helena afirma que diante dela e de Menelau há ‘uma grande disputa’, μέγας γὰρ ἀγὼν (1090), e assim efetivamente equipara sua *performance* ao desempenho do ator em concursos dramáticos. A audiência do teatro de Dioniso naturalmente não deixou de reconhecer a palavra ἀγὼν, referente ao concurso de tragédias em Atenas no qual a tragédia *Hel.* estava sendo justamente apresentada.³⁹⁷ Menelau, por outro lado, não precisava de nenhum disfarce, pois naquele momento ele já tinha o *physique du rôle* exigido pelo plano, i.e., farrapos e cara de naufrago, uma vez que tinha justamente escapado de um naufrágio (1079-80). O marido de Helena só precisaria fingir de morto, sem estar morto (1050; 1053), dizer ao rei egípcio que ele, Menelau, havia morrido nesse naufrágio (1078) e que o costume exigia uma cerimônia fúnebre no mar que vitimara o pobre Menelau, e a bordo de um navio (1057-74; 1239).

O terceiro item do plano de Helena requeria, portanto, uma nau, e era necessário que ela e o marido, mais os companheiros dele que sobreviveram ao naufrágio, estivessem dentro dela. Quando Teoclímeno apareceu, no início do terceiro episódio (1165-1300), Helena e Menelau desempenham seus papéis e pode-se dizer que Menelau se saiu muito bem. Ajudada pela mentira de Teonoó (συνεκκλέπτουσα, 1370), pela *performance* de Helena (1186-90) e por sua ridícula e andrajosa aparência (1204-5), a história mentirosa de Menelau (1250-300)³⁹⁸ produziu os efeitos desejados, como as histórias desse teor estabelecidas pelos poemas homéricos. Teoclímeno concordou com tudo, mostrando pelos pretensos rituais que não conhecia o mesmo respeito que o bárbaro Toas mostrou na *IT* em situação semelhante, e foi consequentemente enganado (cf. δόλου, 1388). Enfim, o estratagema de Helena deu certo (1300-450).

A conclusão do plano, com a bem sucedida fuga de Menelau e Helena, são relatadas à audiência no monólogo do mensageiro e depois em um diálogo entre ele e Teoclímeno (1513-642). Eurípides teve o cuidado de marcar alguns dos enganos descritos com o léxico apropriado: Menelau mostrou ‘enganosa piedade’, δόλιον οἶκτον (1542) pelo aspecto de seus homens que chegavam; um dos marinheiros percebeu que a viagem era um estratagema (δόλιος ἡ ναυκληρία, 1589); Teoclímeno chegou à brilhante conclusão de que havia sido enganado por artimanhas femininas (γυναικείαις τέχναισιν, 1621) e traído (προύδωκεν, 1633) pelas mentiras

³⁹⁷ Essa pode ser uma pequena fissura na ilusão trágica, naturalmente bem menor do que a usual quebra da ilusão dramática nas parábases de Aristófanes. Ver, a propósito, SIFAKIS (1971) e DUARTE (op. cit.).

³⁹⁸ Helena ajudou bastante nessa etapa da atuação de Menelau: 1199-249.

da própria irmã (ψεύσεται, 1626). O poeta ressaltou que a profetiza na verdade cometeu uma ‘nobre traição’ (καλήν γε προδοσίαν, 1633), oxímoro apropriado à ocasião. Seria talvez uma lembrança do desempenho enganador de Apolo, o deus da profecia, no *Ion* euripídiano? Quando se trata de Eurípides, é preciso realmente considerar essas possibilidades. Observe-se ainda o uso circunstancial de προδίδωμι e προδοσία (1633), dois vocábulos que exprimem diretamente a traição, ato intrinsecamente enganoso. O radical é *deə₃- / *dō-, o mesmo do verbo δίδωμι, ‘dar’, e foi utilizado anteriormente, com esse sentido, somente pelos prosadores (e.g. Hdt. 8.128 e 9.7).

Finalmente Castor e Polideuces, *ex machina*, apaziguam o revoltado rei egípcio, que pretendia matar a própria irmã, uma vez que Menelau e Helena estavam fora de seu alcance (1643-92).

Os mendigos de Eurípides. O disfarce de Menelau na *Hel.*, mais exatamente os horríveis farrapos que ele exhibe no palco, é um dos recursos cênicos mais utilizados por Eurípides, mas nem sempre com finalidades enganosas. Na *Hel.* Eurípides transmite uma vívida ideia do disfarce (416; 420-4) e quase podemos ver o andrajoso traje de Menelau ao ler alguns versos da tragédia. Helena, por exemplo diz: καὶ μὴν στολήν γ’ ἄμορφον ἀμφὶ σῶμ’ ἔχεις, ‘realmente, que roupas feias tens sobre o corpo’ (554). E Teoclímeno, com um certo bom humor: Ἀπολλων, ὥς ἐσθῆτι δυσμόρφῳ πρέπει, ‘Apolo, como são feias essas roupas’ (ou: ‘como ele está malvestido’, 1204). Os adjetivos ἄμορφος (554) e δύσμορφος (1204) são formas negativas (cf. prefixos α- e δυσ-) de μορφή, ‘forma, feitio, aparência’, conceito de certa forma ligado à oposição entre aparência e realidade, tema básico da *Hel.*

Eurípides utilizou os andrajos de forma semelhante à dos enganos “humanos” por ilusão dos poemas homéricos (*supra* p. 50 e 63) ou apenas como evidência de trágico infortúnio. Na *Hel.* e no *Tel.* (*infra* p. 276), os farrapos e o aspecto mendicante de Menelau e Télefo auxiliaram os enganos conduzidos por Menelau e por Télefo, respectivamente; nas tragédias *Eneu* (*Fr.* 558-70), *Thy.* (p. 270), *Phil.* (p. 281), *Pho.* (p. 298), *Bell.* (p. 306) e *Ino* (p. 267), por outro lado, os farrapos dos personagens-título são meros indícios de sua infeliz situação nesses dramas.

Dada a recorrência desse expediente nas tragédias de Eurípides, Aristófanes (*Ra.* 842) chamou nosso poeta de πτωχοποιός, ‘fautor de mendigos’. Os personagens andrajosos de Eu-

rípides foram lembrados por Aristófanes pelo menos vinte anos antes, na célebre cena de *Ach.* 393-489, representada em -425.³⁹⁹ O herói cômico, Diceópolis, recorre a “Eurípides” para se disfarçar e, dos mendigos de Eurípides, só não menciona Menelau, pois *Hel.* foi representada mais tarde, em -412.

Outros enganos. Uma das mais conhecidas aventuras extraconjugais de Zeus é a que ele teve com Leda, mãe de Helena (17-21). Para se aproximar dela e engendrar Helena, o deus assumiu a forma de um cisne (19) e voou até Leda (1144-6), evidente engano por ilusão do tipo “divino” (*supra* p. 43). O poeta diz claramente que o deus chegou até Leda ‘com um engano’ (δόλιον, 20) e Helena arremata que essa história pode ser totalmente enganosa: εἰ σαφὴς οὗτος λόγος, ‘se essa história é confiável’ (21).

Pélops e Hipodâmia, avós de Menelau, são sumariamente recordados por ele nos vv. 386-90. Segundo a tradição, Pélops esteve envolvido em dois enganos, mas apenas o primeiro pode ter sido evocado na *Hel.* (388-9), embora em trecho provavelmente interpolado.⁴⁰⁰ Os versos mencionam o fato de Pélops ter sido morto e servido por Tântalo, seu próprio pai, durante um sacrílego banquete oferecido aos deuses (*Pi. Ol.* 1.24-66: ver p. 131).

Náuplio, filho de Posídon e herói epônimo de Náuplia, é lembrado nos v. 766-7 e 1126-31. Ele era pai de Palamedes, herói grego comparável a Odisseu em sagacidade, mas não em capacidade de enganar (*Cypr. Arg.* 5-6, p. 101; *Pi. Fr.* 260, p. 128). O *Pal.* de Eurípides (*infra* p. 323 sqq.),⁴⁰¹ representado anos antes da *Hel.* (ver *Apêndices B-C*, p. 431 e 432), conta que Odisseu conseguiu condenar injustamente Palamedes à morte, graças a um engano preparado contra ele, e que Náuplio decidiu vingar o filho através de outro engano. Na *Hel.*, Eurípides dá detalhes provavelmente conhecidos desde os poemas cíclicos (ver *Nosti supra* p. 101): Náuplio colocou sinais de fogo na Eubeia (766-7), mais exatamente nas rochas do Cabo Cafereu (1129), sinais ‘enganosos, traiçoeiros’ (δόλιον, 1130) que provocaram a morte de muitos aqueus (1126). Esclarecimentos sobre a natureza do engano de Náuplio contra os gregos foram fornecidos séculos depois pelos mitógrafos tardios, e.g. *Ps.-Apollod. Epit.* 6.7-11, que

³⁹⁹ Esse indício é, aliás, levado em conta pelos especialistas para situar as outras tragédias mencionadas em data anterior a -425. Ver também WRIGHT (2005, p. 228-9).

⁴⁰⁰ Mais exatamente a segunda parte do v. 388 e a primeira parte do v. 389, que Dg. 3, KOVACS (2002) e ALLAN (2008) chamam ad loc. de 388b e 389a, respectivamente.

⁴⁰¹ Ver na análise do *Pal.* euripídiano (p. 323) algumas informações sobre a vingança de Náuplio em tragédias de Ésquilo e de Sófocles.

explica terem sido os gregos destruídos porque imaginaram que o sinal de Náuplio indicava um porto seguro, conforme o costume.⁴⁰²

Os dois últimos enganos a discutir são declarações mais ou menos teóricas de Eurípides sobre a ἀπάτη. A primeira delas é uma consideração do Coro sobre a veracidade ou não das palavras, tema tratado anteriormente por Eurípides no *Hipp. B* (612) e, futuramente, no *Pal.* (*Fr.* 578.8-9: *infra* p. 323). Πόλλ' ἄν λέγοιτο καὶ διὰ ψευδῶν σαφῆ, ‘muitas coisas ditas claramente podem ser falsas,’ afirma o Corifeu (309).

A segunda é uma espécie de desabafo de Helena sobre o antigo e poderoso vínculo entre amor e engano, observado na poesia épica desde a *Il.* (*supra* p. 39) e na poesia lírica desde Safo (*supra* p. 114). No v. 238, a Helena real fala de Afrodite um tanto desrespeitosamente, tema igualmente abordado pelo poeta da *Il.* (cf. 3.309-412): δόλιος ... πολυκτόνος Κύπρις, ‘enganadora ... mortífera Cípris,’ e mais tarde apostrofa e questiona a deusa: (1102-4):

Ελ. (...) τί ποτ' ἄπληστος εἶ κακῶν,
ἔρωτας ἀπάτας δόλιά τ' ἐξευρήματα
ἀσκοῦσα φίλτρα θ' αἵματηρὰ σωμαίων;

Hel. (...) Porque és insaciável de males, de
enganosos amores e enganosos estratagemas.
recorrendo a paixões e corpos manchados de sangue?

Curiosas palavras, nos lábios de uma mulher que reprova na deusa do amor algo que ela havia justamente acabado de fazer, planejar um engano com Menelau, a quem ela havia declarado, há pouco, amor e fidelidade até a morte (835-64). Pode se tratar, no entanto, de uma elíptica e reiterada crítica de Eurípides — um pouco fora de lugar, nesse momento — à moderação nos amores, como se vê nos dois versos seguintes (1105-6).⁴⁰³

Em alguns desses últimos enganos, Eurípides recorreu a vocábulos específicos do léxico, como ψεῦδος (309), ἀπάτη (1103) e δόλιος (1103), e circunstanciais, como ἐξεύρημα (1103), que no contexto dos vv. 1102-4 tem efetivamente a conotação de ‘estratagema’.

⁴⁰² Os modernos faróis emitem avisos sobre áreas costeiras perigosas, mas na Grécia Antiga era o oposto: sinais luminosos dirigiam os navegantes aos portos mais seguros. Ver KOVACS (2002, *Hel.* 1130-1 ad loc.).

⁴⁰³ Cf. *Med.* 627-44, *Hipp. B* 525-64 e 1268-82, *IA* 543-89. Ver ALLAN (2008, *Hel.* 1102-6 ad loc.).

1.12 *Orestes* (Ὀρέστης)⁴⁰⁴

O enredo do *Or.* pode até ser pura invenção de Eurípides (KOVACS, 2002, p. 400), como opinam incontáveis comentadores, mas o poema certamente não saiu do nada. O poeta retomou — ou, melhor dizendo — reutilizou diversos elementos míticos do Ciclo Troiano e do Ciclo dos Atridas aos quais anteriormente recorrera: *El.*, *IT* e, até certo ponto, *Andr.* e *Hel.* têm muitos elementos do *Or.*

Nessa tragédia são enfatizadas as adversidades humanas de Orestes após o matricídio, representadas basicamente pela violenta e exprobativa postura de Tíndaro, de Menelau e dos cidadãos de Argos, mais do que as adversidades de origem divina, representadas pela doença provocada pelas Erínias. O engenhoso plano de Orestes, Electra e Pílates para escapar de morte certa nas mãos dos cidadãos de Argos e ao mesmo tempo se vingar de Menelau e de Helena é, indubitavelmente, uma dramática e bem sucedida criação do poeta, em boa medida responsável pela popularidade da tragédia na Antiguidade. *Or.* pode ser, ademais, incluída na lista de “tragédias com plano e fuga” de Eurípides.

Fontes antigas. As principais fontes dos mitos de Electra, Orestes, Pílates, Menelau, Helena e Hermíone foram já comentadas na primeira parte da análise das tragédias mencionadas *supra* (q.u. p. 180, p. 200, p. 164 e p. 218). Muitos outros elementos do *Or.* foram inspirados tanto por tragédias anteriores de Eurípides quanto pela obra de outros poetas,⁴⁰⁵ embora nenhum deles tenha efetivamente abordado o mito do mesmo modo que Eurípides.

Dois itens, no entanto, devem ser aqui lembrados. Um deles é o papel dos parentes de Clitemnestra no julgamento de Orestes, relatado anteriormente por Helânico (323a F 22); o outro é a apoteose de Helena, i.e., sua divinização no final da tragédia. Essa tradição remonta possivelmente à *Od.* 4.561-9, quando Proteu diz a Menelau que ele está destinado aos Campos Elísios porque Helena é mulher dele. A dúvida reside no fato de Proteu não esclarecer se Helena vai para lá com o marido, ou não. Na *Hel.* 1666-9 Eurípides é um pouco mais preciso: Helena será cultuada como deusa depois da morte, i.e., ela terá que passar pelos trâmites he-

⁴⁰⁴ Ver Dg. 3, p. 181-286.

⁴⁰⁵ Na edição comentada de WEST (1987, p. 31-2) há um conveniente resumo.

roicos apropriados.⁴⁰⁶

Note-se, finalmente, que no *Or.* o poeta retomou a versão canônica da “Helena culpada” pelas desventuras de gregos e troianos na Guerra de Troia (56-60; 99-100) anos depois da *Hel.* Ao afirmar, porém, que a causa de sua ida a Troia foi uma loucura enviada pelos deuses (78-9), Helena insinua a versão da “culpa parcial” (*supra* p. 223), possibilidade reforçada pela menção de Apolo ao “plano de Zeus” logo depois de sua apoteose (1639-42).

Os enganos da família. De todas as grandes famílias da mitologia grega, a dos tantálias-pelópidas-atridas é certamente a que mais se envolveu em desmedidas e, especialmente, em enganos ao longo de sua existência mítica. Eurípides afirma que a partir de Atreu e Tieste a família teve sofrimentos sobre sofrimentos (816), mas na verdade os problemas dos ‘tantálias’ (Τανταλίδαις, 813) remontam justamente a Tântalo, o primeiro da linhagem. No *Or.* o poeta faz uma espécie de retrospectiva dos enganos da família desde o banquete de Tântalo até a vingança de Orestes contra Clitemnestra e Egisto, reminiscência genealógica de tipo caracteristicamente homérico (*Il.* 2.98-108) e hesiódico.

Diz a tradição que Tântalo, filho de Zeus (*Or.* 4-10), reinava na Ásia Menor, perto do Monte Sípilo (Pi. *Ol.* 1.24-66: *supra* p. 131), e que tentou enganar os deuses servindo-lhes pedaços de seu filho Pélops, engano que Eurípides recordara anteriormente em *IT* 386-8 (*supra* p. 208) e *Hel.* 388-9 (*supra* p. 231). Ao afirmar que Tântalo tinha ἀκόλαστον γλῶσσαν ‘língua descontrolada’ (*Or.* 10), Eurípides insinuou outras possibilidades ligadas ao tema do engano, talvez o mau hábito de o rei contar mentiras, de se vangloriar ou de revelar o teor das conversas dos deuses (Σ E. *Or.* 7; ver GANTZ, 1993, p. 533-4). Sua punição é lembrada nos vv. 5-7 e 982-4.

Pélops, filho de Tântalo (11), passou de objeto a agente de enganos durante a disputa pela mão de Hipodâmia (989-94), lembrada na *IT* e na *Hel.* juntamente com as “façanhas” de Tântalo. O elemento enganoso desse episódio (Pélops → Enômao) só transparece, no entanto, nas rápidas menções a Mirtilo e à sua queda (992-6; 1547-8): de acordo com Ferécides (3 F 37a-b), Pélops (ou Hipodâmia) convenceu Mirtilo, servo de Enômao, a sabotar-lhe a carruagem, colocando pinos de cera ao invés de pinos de bronze nas rodas, para que Pélops vencesse.

⁴⁰⁶ Note-se que Héracles precisou também “morrer” antes da apoteose, tema que remonta aos poemas homéricos (*Il.* 18.117-9; *Od.* 11.601-4), assim como pelo menos um dos Dióscuros (*Cypr. Arg.* 3; Pi. *N.* 10.55-90). Ver e.g. HOLT (1989), CALAME (1998) e LARSON (2007).

se a corrida. Mais tarde, durante a fuga, Pélops matou Mirtilo e jogou o corpo da carruagem (992) ou, em outras versões, Mirtilo morreu por causa da queda. Se Pélops matou Mirtilo e jogou o corpo, ou se jogou Mirtilo e ele morreu, assim como explicações diversas sobre esse ato de Pélops, são detalhes que variam de acordo com a fonte (ver GANTZ, 1993, p. 541-3). Nenhuma das alternativas muda substancialmente a natureza do engano, mas consta que, antes de morrer, o servo de Enômao amaldiçoou os pelópidas (996-7; 1547-8) e essa seria, na versão de Eurípides, a origem da maldição conhecida sinteticamente, em estudos sobre a mitologia grega, por “maldição dos atridas.”

A terceira geração manteve com brio a tradição familiar: Atreu e Tieste, filhos de Pélops (11-4), viveram em constante e sangrenta disputa, recheada de enganos, desenvolvida em torno e a partir do carneiro com velo de ouro que surgiu nos rebanhos de Atreu (812-3 e 997-1000). Três enganos relacionados com o carneiro são mencionados pelo poeta nessas passagens: a disputa pelo trono de Argos, centralizada no carneiro; a traição de Aérope, esposa de Atreu (18); e o célebre banquete oferecido por Atreu a Tieste. É provável que essas rápidas referências sejam uma evocação de um tratamento mais completo do tema no *Thy.*, drama produzido por Eurípides anteriormente, antes de -425. Discutirei esses enganos com mais detalhes adiante, na análise dessa tragédia (q.u. *infra* p. 270).

A geração seguinte é a dos filhos de Atreu, Agamêmnon e Menelau (16-8), e a de Egisto, filho de Tieste. Com exceção desse último, aliás lembrado no *Or.* mais pelo engano amoroso contra Agamêmnon (cf. 557-61, especialmente o vocábulo κρυπτός em 561, e 618-9) do que pela sua participação na morte dele, a geração parece isenta de procedimentos enganosos. Agamêmnon, pai de Orestes e Electra, é mencionado como vítima do engano empreendido por Clitemnestra e Egisto (619) contra ele (ὀφάσματι ἔκτεινεν, 25-6; 360-2; 367) e nada se fala dos enganos de Menelau. Mas sabemos, de outras tragédias de Eurípides, que Menelau participou ativamente do engano contra Teoclímeno antes de retornar a Argos (*Hel.* 1039-106 e 1202-300, *supra* p. 227 sqq.) e que Agamêmnon também teve seus momentos (*Cypr. Arg* 8; *IT* 565, *supra* p. 202; *IA* 98-105, *infra* p. 253). Note-se ainda que, na recordação do engano de Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon, Eurípides utilizou o vocábulo ὄφασμα, ‘tecido e-maranhado, teia’, que tem o mesmo radical de ὀφαίω, ‘tecer’ (*supra* p. 67) e faz parte do léxico circunstancial do engano.

A geração corrente (Orestes e Electra) já tinha no currículo, no início do *Or.*, um ou

mais enganos, conduzidos durante a vingança contra Clitemnestra e Egisto, já discutida detalhadamente (q.u. *El.*, p. 186 sqq.). No *Or.*, interessava a Eurípides o matricídio em si mesmo, pois quase nunca são mencionados os enganos que Orestes, Electra e Pílates empreenderam para vingar a morte de Agamêmnon (29-33; 406; 1235-7); as únicas exceções são, aparentemente, *Or.* 1158-61 e 1089-90. Nessas referências ao engano que vitimou Egisto (1158) e Clitemnestra, o poeta revelou que Pílates foi o autor do plano (ἐβούλευσ', 1090), enunciando assim uma versão alternativa desse engano. O poeta utilizou o verbo βουλεύω (1090) e a expressão ἐξηῦρες κακά, 'inventou males' (1158), em que o verbo ἐξευρίσκω, 'inventar' tem o mesmo sentido de 'planejar' e 'tramar', conceitos circunstancialmente ligados ao engano. Observe-se que no *Or.*, tanto de modo geral como do ponto de vista do engano, Pílates é um personagem muito mais importante do que Ésquilo, Sófocles e o próprio Eurípides mostraram anteriormente na *Oresteia* e nas duas *Electras* (mais precisamente em *A. Ch.*, *S. El.* e *E. El.*).

Plano e fuga.⁴⁰⁷ Eurípides estabeleceu, nos primeiros dois terços da tragédia, a perigosa situação de Orestes e de Electra no sexto dia depois do matricídio (39; 422), e no começo do quarto episódio (1012-84), a situação é crítica. Acometido pelas Erínias (35-8; 407-12) e abandonado por Apolo (418-20), no plano divino, condenado à morte pelos cidadãos de Argos, no plano humano, um nobre suicídio parecia a única saída digna para Electra e Orestes. (943-56 e 1012-68; ver BRASETE, 2004, p. 246). Na assembleia, o filho de Agamêmnon havia falado em sua defesa, mas a multidão foi dominada pela agressividade dos sequazes do velho Tíndaro, pai de Clitemnestra, que queria a morte do neto a qualquer custo, pela covardia do arauto Taltíbio, que estava presente (866-942), e omissão de Menelau, que nem teve coragem de ir à reunião (1058-9). Orestes e Electra, igualmente condenada à morte pela assembleia (46-51; 949), estão especialmente revoltados com a pusilanimidade e ambição de Menelau, que deseja o trono de Argos e esqueceu os favores devidos ao irmão morto, extensivos aos seus sobrinhos (640-728; 1054-64).

Até mesmo Pílates, primo e amigo de Orestes, recebeu uma parte dos problemas decorrentes do matricídio: foi exilado da Fócida pelo pai, por causa de sua participação na morte de Clitemnestra (763-8). Pílates quis, ademais, associar seu destino ao do amigo e ao de Electra, com quem iria se casar (1078-81; 1085-97). Eurípides sem dúvida inovou ao associar Pílates,

⁴⁰⁷ VÍLCHEZ (1976, p. 124-5) apenas mencionou esse complexo engano.

assim como Electra, às consequências terrenas do matricídio. Nas tragédias anteriores, Pílates e Electra tiveram certamente participação nos enganos e no matricídio propriamente dito, mas todas as consequências legais e religiosas do crime haviam recaído somente em Orestes. No *Or.*, o filho de Agamêmnon é ainda o alvo exclusivo das Erínias, no plano divino, mas dois parentes muito próximos, Electra e Pílates, compartilham suas atribuições em Argos, no plano terreno.

Parece até natural e lógico, quando se revê todos os enganos da família, que Orestes, Electra e Pílates tenham recorrido a um engano para escapar de morte certa. De acordo com o código heroico, evocado no monólogo declamado por Orestes durante o quarto episódio (1163-76),⁴⁰⁸ faz parte das obrigações do herói perseguir a excelência, favorecer os amigos, prejudicar os inimigos e morrer, quando inevitável, da maneira mais gloriosa possível. A família de Orestes, como deixou claro Eurípides, certamente seguia a tradição épica, mas não se furtava a utilizar qualquer recurso disponível — um engano, por exemplo — na consecução dos nobres objetivos heroicos. Apesar disso, muitos comentadores têm discutido o *μηχάνημα* do *Or.* de acordo com aspectos heroicamente positivos ou negativos do empreendimento, dominados pelo contraste paradigmático entre a *αρετή* de Aquiles e o *δόλος* de Odisseu (PORTER, 1994, p. 136), que Sófocles tão bem ilustrou no seu *Ph.*, produzido um ano antes do *Or.* euripídiano. Não devemos, no entanto, perder de vista que, do estrito ponto de vista épico e heroico, é lícito fazer mal aos inimigos, não importa como, embora o método utilizado possa ser socialmente condenável (ver FUQUA, 1976, p. 68). O plano empreendido por Orestes, Pílates e Electra tem sido também criticado quanto aos seus méritos e deméritos na dinâmica dramática por todos os comentadores da tragédia, no mínimo desde o histórico estudo de HERMANN (1841).⁴⁰⁹

A reviravolta trágica começa com uma ousada proposta de Pílates (1098-9):

ΠΥΛΛΑΔΗΣ

ἐπεὶ δὲ καθθανούμεθ', ἐς κοινούς λόγους
ἔλθωμεν, ὥς ἂν Μενέλεως συνδυστυχῇ.

⁴⁰⁸ Cf. *Med.* 807-10 e *Pl. R.* 334b. Ver conceitos gerais e comentários sobre o “código heroico” masculino, derivado da ética do herói homérico, nos estudos de KNOX (1977) e de FOLEY (2001, p. 254-67) a respeito da *Med.* Para as tragédias de Sófocles, ver BLUNDELL (1989).

⁴⁰⁹ A bibliografia é imensa; as referências mais recentes e significativas podem ser encontradas nas edições de WILLINCK (1986) e de WEST (1987), e no estudo de PORTER (1994).

PÍLADES

Já que vamos morrer, em comum façamos
considerações para que Menelau compartilhe o infortúnio.

Observe-se o uso da expressão κοινούς λόγους (1098), semelhante às metáforas e circunlóquios que Eurípides utilizou anteriormente para designar os planos enganosos (*Hipp.* B 688; *Med.* 37 e 811; *IT* 1029). A proposta é acompanhada de um plano lógico, que constitui a primeira parte da possível salvação dos heróis. Há uma mistura de ação direta e enganos (1098-176): a) os dois primos entrarão na casa de Orestes, onde Helena se esconde dos argivos (56-61, 1107-8); b) eles se aproximarão de Helena com lamentos fingidos (1408-15) e espadas escondidas (1121-5); c) matarão a esposa de Menelau (1105-7, 1130) e mais todos os servos frígios que tentarem atrapalhar (1110-6, 1126-28).

O componente enganoso é marcado por Eurípides pelo vocábulo κρύπτα, ‘escondidas’ (1125), referente às armas ocultas, e pelo sintagma ὥς + particípio (cf. p. 20): os dois amigos entrarão na casa ὥς θανούμενοι (1119), ‘como se fôssemos morrer’. Eurípides recorreu ainda à metáfora da caça, associada a um vocábulo do léxico do engano: **κεκρυμμένας** θήρας ξιφήρεις, ‘caçada com armas escondidas’ (1271-2). Note-se que, de certa forma, esse plano também configura uma espécie de contraengano, uma vez que Helena está enganando os argivos ao ficar escondida (κρύπτεται, 1107) no palácio para escapar da morte (56-61). É, basicamente, um plano de vingança, suficiente para que a morte de Orestes, Electra e Pílates siga o código heroico. Em último caso, porão fogo no palácio e morrerão os três (1149-50), mas a possibilidade de salvação, embora remota, é lembrada por Pílates (1152) e por Orestes (1173-6).

O objetivo do belo plano (καλῶς **βουλεύομαι**, 1131) de Pílates é condizente com o código heroico masculino. Com a morte de Helena, Orestes e Pílates fariam mal ao inimigo, i.e., infligiriam amarga aflição a Menelau (1105-7), e vinculariam seus nomes à merecida morte de alguém que cometeu grandes crimes contra a Hélade (1132-6), obtendo assim renome tal que diminuiria significativamente a mancha que a morte de Clitemnestra (1137-42) lançara sobre eles.

A segunda parte do plano (1177-1224) tem a finalidade prática de assegurar a salvação dos três e foi concebida por alguém ‘que tem inteligência na alma’, συνετόν ... σῆι ψυχῇ παρόν (1180) aliada à beleza do corpo (1205): Electra. A proposta, simples e eficaz, é tomar co-

mo refém a filha de Menelau e Helena, sua jovem prima Hermíone, para que Menelau não se torne violento depois da morte de Helena. Além de beleza e cérebro, Electra mostra ademais uma firmeza de propósitos bem apropriada a um herói do sexo masculino (1204): se Menelau tentar matá-los, a refém por sua vez deverá ser morta (1199).

O componente enganoso dessa parte do plano é o artifício que será utilizado para pegar a mocinha: enquanto os dois homens cuidam de Helena, dentro do palácio (1245-1312), Electra e o Coro aguardarão Hermíone do lado de fora (1216-24) e a levarão até Orestes e Pílates. É uma espécie de arapuca (1315-6), pois Hermíone vai cair ‘nos laços da rede’ armada pelos enganadores (δικτύων βρόχους, 1315), que deverão manter a compostura (Coro) e a cara de tristeza (Electra) para que sua ‘presa’ (θήραμα, 1316) de nada desconfie (1313-20). A atitude amigável é a isca. Hermíone realmente de nada desconfia, entra na casa e cai nas mãos de Orestes e Pílates (1344-52): essa parte do plano funciona perfeitamente. Os vocábulos do léxico e, mais uma vez, a presença da metáfora da caça marcam com segurança o caráter enganoso da segunda parte do plano.

Pouco antes da chegada de Hermíone, os gritos de Helena foram ouvidos (1296-1301) e Electra pensou que Orestes e Pílates já haviam matado sua tia, e entra por sua vez no palácio pouco antes do curto interlúdio coral (1353-65) que precede a longa monodia do escravo frígio (1366-536). Diante do palácio, o frígio canta e descreve o que aconteceu fora da cena, atrás das portas, caracterizando ainda mais a natureza enganosa do plano de Pílates (δόλος, 1420) e do próprio Pílates (1403-7):

ΦΡΥΞ

ὁ δὲ παῖς Στροφίου, **κακόμητις** ἀνὴρ
οἷος Ὀδυσσεύς, σιγαῖ **δόλιος**,
πιστὸς δὲ φίλοις, θρασὺς εἰς ἀλκάν,
ξυνετὸς πολέμου, φόνιός τε δράκων·
ἔρροι τᾶς ἡσυχου
προνοίας κακοῦργος ὦν.

1405

FRÍGIO

o filho de Estrófio, homem de maligna astúcia,
tal qual Odisseu, que engana em silêncio:
fiel aos amigos, corajoso na batalha,
inteligente na guerra e uma serpente mortal.
Queria que sumisse o cuidadoso
plano desse malfeitor!

1405

Os “elogios” do escravo a Orestes são um pouco menores, mas igualmente significativos do ponto de vista do engano (1416-24):

- Φρ. ἀνὰ δὲ δρομάδες ἔθορον ἔθορον
 ἀμφίπολοι Φρύγες·
 προσεῖπεν δ' ἄλλος ἄλ-
 λον πεσὼν ἐν φόβῳ,
 μή τις εἴη **δόλος**· 1420
 κἀδόκει τοῖς μὲν οὔ,
 τοῖς δ' ἐς **ἀρκυστάτων**
μηχανὰν ἐμπλέκειν
 παῖδα τὰν Τυνδαρίδ' ὁ
 ματροφόντας δράκων.
- Fr. Frenéticos, imediatamente saltaram saltaram
 os servos frígios,
 um dizendo ao ou-
 tro estar com medo
 de que fosse algum artifício. 1420
 A uns parecia que não,
 a outros em armadilha
 artilosa havia sido envolvida
 a filha de Tíndaro
 pela serpente matricida.

Observar, nas duas passagens acima, os vocábulos específicos (δόλιος, 1404; δόλος, 1420) e circunstanciais (μηχανή, 1423; πρόνοια, 1408; ἐμπλέκω, 1423), e ainda os vocábulos compostos κακόμητις (1403) e ἀρκύστατος (1422). Πρόνοια tem o mesmo radical de νόος (q.u. *supra* p. 42) e significa, literalmente, ‘pensar adiantado’, i.e., ‘planejar’; ἀρκύστατος deriva de ἄρκυς e κακόμητις é composto por um dos mais importantes elementos circunstanciais do engano, μῆτις. Mais uma vez Eurípides utilizou a metáfora da caça para marcar o engano, e a comparação entre Pílates e Odisseu pode ser uma evocação do engano do cavalo de madeira, aquele que selou o destino de Troia (*supra* p. 65), ou um “elogio” bastante depreciativo, já que o prestígio de Odisseu entre os trágicos era bem diferente de seu prestígio na poesia épica (q.u. *supra* p. 128).

O frígio continua e conta que a execução de Helena foi interrompida pela chegada de Hermíone, mas quando Orestes e Pílates voltaram sua atenção para a esposa de Menelau (1490-5) ela havia desaparecido de forma inexplicável (1495; 1557). Mesmo assim o escravo

tentou explicar o ocorrido mencionando um engano potencial, i.e., que poderia ter ocorrido mas não ocorreu, e imaginando um engano que realmente ocorreu (1495-8; 1580):

- Φρ. (...) ἂ δ' [ἐκ θαλάμων]
 ἐγένετο διαπρὸ δωμάτων ἄφαντος, 1495
 ὃ Ζεῦ καὶ Γᾷ καὶ Φῶς καὶ Νύξ,
 ἦτοι **φαρμάκοις**
 ἢ μάγων **τέχναις** ἢ θεῶν **κλοπαῖς**.
- Fr. e ela [do aposento das mulheres]
 desapareceu do palácio,
 por Zeus e Gaia, pela Luz, pelo Dia e pela Noite,
 ou por sortilégios,
 ou por artes de mágicos, ou por roubos de deuses.

Note-se o uso que Eurípides fez do flexível vocabulário do engano (φάρμακον, 1497; τέχνη e κλοπή, 1498) nessa passagem, colocando praticamente no mesmo nível engano, magia e sobrenatural.⁴¹⁰ A seguir o poeta abandonou o tema da magia⁴¹¹ e logo sinalizou sua opção pela explicação sobrenatural, i.e., por uma enganadora ação divina, fazendo Orestes afirmar que ele foi θεῶν **κλεφθεῖς**, ‘roubado pelos deuses’ (1580-6).

Com a chegada de Menelau, se estabelece um terrível impasse (1554-624). O marido de Helena não acredita que a esposa desapareceu (1556-60; 1579-86; 1614), atribuindo esse fato aos μητροκτόνου **τεχνάσματα**, ‘artifícios do matricida’ (1559), i.e., à capacidade enganadora de Orestes. Por outro lado, ele logo nota que as ameaças de Orestes não são nenhum engano, pois o sobrinho está mesmo disposto a matar Hermíone e a incendiar o palácio com todos dentro. Apesar da pressão, não se mostra inclinado a interceder junto aos argivos em favor do sobrinho e, no momento em que ambos radicalizam suas posições (1617-24), Apolo intervém *ex machina* e, de acordo com a convenção trágica, resolve todos os impasses. O deus salva Orestes, Electra, Pílates e Hermíone, depois de revelar que Helena foi divinizada por ordem de Zeus (1625-93), mostrando-a ao seu lado. Orestes finalmente reconhece (1666-7) que o deus οὐ **ψευδόμαντις**, ‘não é um falso profeta’ (1667).

⁴¹⁰ Assim como E. Alc. 966-72, essa é uma passagem muito citada para ilustrar as crenças dos gregos do fim do século -V (e.g. BREMMER e VEENSTRA, 2002, p. 3-4). Sobre a influência de conceitos de “magia” no pensamento científico grego e mais particularmente na medicina, ver e.g. PRIORESCHI (1994 p. 238-43).

⁴¹¹ O vínculo entre magia e engano foi abordado por Górgias (*Hel.* 10), talvez nessa mesma época.

Outros enganos. Pelo menos três enganos mais ou menos incidentais e já comentados anteriormente na análise da *Hel.* são rapidamente lembrados pelo poeta no *Or.* O primeiro deles (q.u. *supra* p. 231) é o praticado por Odisseu contra Palamedes (431-3), representado pela menção a Éax, irmão de Palamedes, e a à morte do próprio Palamedes. Esse episódio será tratado mais detalhadamente no estudo do *Pal.* (q.u. *infra* p. 323). O segundo engano é parte da história da sedução de Leda, mãe de Helena, por Zeus, que assumiu a forma de cisne para a aventura (476, 1386: q.u. *supra* p. 231), e o terceiro é um dos planos de Zeus, justamente o que ajudou Gaia a se livrar de parte de seus incômodos inquilinos, associado ao conceito da “Helena parcialmente culpada” pela Guerra de Troia (1639-42: q.u. *supra* p. 223).

Um quarto engano pode estar implícito na referência de Apolo sobre a morte de Neoptólemo (1653-7). O deus diz que o filho de Aquiles espera se casar com Hermíone, mas ela na verdade será esposa de Orestes e Neoptólemo morrerá em Delfos. O deus não menciona nenhum engano específico, mas na *Andr.*, produzida por Eurípides anos antes do *Or.*, a morte de Neoptólemo é consequência do complexo engano planejado e empreendido por Orestes (*supra* p. 173).

1.13 *Bacantes* (Βάκχαι)⁴¹²

Dioniso é uma das mais antigas divindades do panteão helênico, cultuada em territórios gregos desde -1250, pelo menos (HENRICH, 2004, p. 233).⁴¹³ As lendas de sua “biografia”, especialmente as voltadas ao seu nascimento e ao reconhecimento de sua divindade, fogem nitidamente da lógica e da estrutura dos Ciclos épico-heroicos que encontramos até agora, mas não há dúvida de que alguns episódios de sua “juventude” têm importantes pontos de contato com a parte do Ciclo Tebano que envolve Cadmo e seus descendentes.

O deus é o protagonista da tragédia *Ba.*, uma das mais estudadas e debatidas obras de todos os tempos.⁴¹⁴ A tragédia tem sido analisada e interpretada dos mais diversos pontos de vista, mas aqui destaco apenas uma de suas características mais notáveis: a liminaridade e a constante quebra de barreiras entre a esfera divina e humana, entre a aparência e a realidade,

⁴¹² Ver Dg. 3, p. 287-356.

⁴¹³ Ver PY Xa 06 e outras duas tabuinhas em linear B de Cândia e Pilos (PALAIMA, 2004, p. 443). Nelas o deus é chamado de *di-wo-nu-so*, que corresponde ao gr. arcaico Διωνύσοϝ.

⁴¹⁴ Ver e.g. o conveniente sumário de ORANJE (1984, p. 7-19).

entre o racional e o irracional, entre o real e o maravilhoso, entre a ordem e a desordem, entre o masculino e o feminino. A essa pequena lista, inspirada pelos comentários de SEGAL (1997) à tragédia, acrescento ainda o esmaecimento dos limites entre caçador e caça, lembrando que o ato de emboscar ou de atrair a vítima ao local onde ela cairá em poder do caçador é ato nitidamente enganoso.

Elementos trágicos do mito. Deus do vinho e do êxtase místico, Dioniso é filho de Zeus e da princesa tebana Sêmele (*Il.* 14.323-5; *Hes. Th.* 940-2). Dos olímpicos, é o único que descende de uma mortal. Acredita-se que ele foi incorporado tardiamente ao grupo dos deuses olímpicos, talvez um pouco antes de -600, data aproximada do *h. Hom.* 1 (West¹, p. 6), a mais antiga obra literária a abordar extensivamente um dos elementos do mito de Dioniso. As lendas sobre seu nascimento e “juventude”, período anterior ao da aceitação de sua divindade, formam um conjunto complexo e diversificado que incorpora, aparentemente, tradições muito antigas, oriundas de diversas culturas. Elementos urânicos e ctônicos típicos de seus mitos e de seu culto são vinho, hera, epifanias divinas, formas extáticas de veneração, mulheres que dançam segurando serpentes ou flores, a criança divina e suas amas, representadas em geral como ninfas, touros com ou sem características antropomórficas, montanhas e florestas, o despedaçamento ritual de pequenos animais (σπαραγμός, 735), Trácia, Creta, Lídia e, é claro, os espetáculos teatrais de Atenas. Em *Ba.*, como era de se esperar, há diversas referências a esses variados elementos dos mitos de Dioniso, mas do ponto do enredo trágico e, naturalmente, do engano, vamos considerar apenas dois grandes grupos de lendas, desta vez sem especificar as complexas e por vezes conflitantes referências de mitógrafos antigos, poetas trágicos e mitógrafos tardios sobre Dioniso.⁴¹⁵

O primeiro grupo de refere à versão canônica do nascimento de Dioniso, que na verdade foi um duplo nascimento.⁴¹⁶ Em resumo, Zeus visitava Sêmele em forma humana, mas havia revelado sua identidade e prometido cumprir qualquer desejo da princesa. Hera, disfarçada,

⁴¹⁵ GANTZ (1993, p. 112-9) é um bom ponto de partida para o estudo das fontes antigas sobre o mito de Dioniso. Para os aspectos mais ligados ao culto e à religião, ver DODDS (1960, p. xi-xxv), KERÉNYI (1976) e SEAFORD (2006). Para relacionar todos esses aspectos com o texto de *Ba.*, ver SEGAL (1997). Mas a bibliografia sobre Dioniso, relacionada ou não com *Ba.*, é imensa e em geral é comentada em capítulos específicos de todos os estudos recentes dessa tragédia. Um útil resumo sobre os mitos e o culto é o de HENRICHS (2004).

⁴¹⁶ Nos *Orph. H.* 29, 30 e 46 e em outras fontes tardias (e.g. D.S. 3.62 e 4.4), Dioniso é considerado filho de Zeus e Perséfone.

convenceu Sêmele a pedir que o amante a procurasse na mesma forma em que visitava Hera e Zeus, preso pela promessa, apresentou-se em todo seu divino, radiante e tonitroante esplendor. Sêmele morreu fulminada (ou aterrorizada),⁴¹⁷ mas Zeus salvou o prematuro Dioniso (primeiro nascimento) e colocou-o em sua coxa, onde a criança completou seu desenvolvimento e, no devido tempo, nasceu pela segunda vez. Antes de Eurípides, o nascimento de Dioniso foi contado por Heródoto (2.146) e, um pouco antes do historiador, pelo autor do *h. Hom.* 1 (*Fr.* 1a.7, p. 92), possivelmente, e pelo Alkimachos Painter,⁴¹⁸ com certeza. Na questão da amamentação, porém, a sagaz mente de Zeus concebeu um plano muito mais prático e natural: deixou o filho aos cuidados das ninfas e, mais, tarde, de sua tia Ino.

O segundo grupo compreende histórias diversas sobre punição e destruição dos pobres mortais que tentaram resistir ao reconhecimento da divindade de Dioniso e à implantação de seu culto em território grego. O padrão é mais ou menos o mesmo: ele e seus seguidores vêm de fora e ele tenta ser reconhecido como deus e implantar o seu culto. Os desavisados dirigentes da região, porém, não o reconhecem, perseguem os acólitos e agridem ou prendem o deus. Dioniso então escapa milagrosamente de seus algozes, pune com ferocidade seus inimigos (no mínimo com a loucura) e é finalmente reconhecido como deus. Seus três principais antagonistas são Licurgo, rei dos edonianos da Trácia;⁴¹⁹ seu primo Penteu, rei de Tebas, e suas tias Ino, Agave e Autônoe; e as filhas de Preto, rei de Argos, as *prétides*.

Acredita-se que os tragediógrafos que se inspiraram em Dioniso entre o final do século -VI e o final do século -V também contribuíram significativamente para os seus mitos.

Poesia trágica e Dioniso. Apenas duas tragédias gregas completas dramatizam episódios míticos da vida de um deus: o *Pr.*, de Ésquilo ou do Pseudo-Ésquilo (nota 20, p. 20), e *Ba.*, de Eurípides. O aproveitamento de mitos sobre as divindades não era, porém, incomum entre os trágicos gregos, especialmente os mitos de Dioniso.⁴²⁰ Antes de Ésquilo, Téspis com-

⁴¹⁷ Notar, incidentalmente, que Hera mais uma vez aproveitou a palavra de Zeus para enganá-lo e consumir sua vingança (cf. *Il.* 19.91-133; ver p. 41).

⁴¹⁸ Lécito de figuras vermelhas de Erétria, c. -470. Boston, Museum of Fine Arts, Boston 95.39.

⁴¹⁹ Povo do sul da Trácia, vivia perto do rio Estrímon, região mais tarde ocupada pelos macedônios. Ver *Th.* 2.99.

⁴²⁰ Sobre questão da real influência de Dioniso na origem da tragédia grega, muito menor do que se pensava no século XIX e na primeira metade do século XX, ver a conveniente síntese de SCULLION (2005, p. 33-7)

pôs um drama intitulado *Penteu* (Πενθεύς, Fr. 1c)⁴²¹ e Polifrasmon, uma tetralogia intitulada *Licurgia* (Λυκούργεια, -467, TrGF v. 1, p. 43-4), certamente sobre o embate entre o deus e o rei dos edonianos. Dioniso era também um dos temas favoritos de Ésquilo, a julgar pela quantidade de tragédias produzidas por ele com esse tema,⁴²² sem contar diversas menções ao deus nas suas tragédias integralmente conservadas (e.g. *Eu.* 24-6).

Entre -466 e -459 (JOUAN, 1992, p. 73), Ésquilo produziu uma *Licurgia* (Λυκούργεια, cf. Ar. *Th.* 134-5), tetralogia composta pelas tragédias *Os Edonianos* (Ἠδώνοι, Fr. 57-66), *As Bassaridas* (Βασσάραι, Fr. 23-5), *Os Jovens* (Νεανίσκοι, Fr. 146-9) e pelo drama satírico *Licurgo*. Em *Edonianos*, sabemos que o poeta descreveu a prisão de Dioniso e seus seguidores, miraculosamente libertados, e o irônico interrogatório do deus pelo rei trácio Licurgo (Σ Ar. *Th.* 135), que lembra a mesma passagem de *Ba.*; em *Bassaridas*, o poeta abordou o desmembramento de Orfeu, enlouquecido, às mãos das bacantes trácias, as *bassaridas* (Ps.-Eratosth. *Cat.* 24). Os fragmentos da terceira tragédia, *Jovens*, infelizmente nada revelam.

A composição de uma das tetralogias duvidosas, de título desconhecido,⁴²³ tem cinco candidatos: *Sêmele* ou *As Aguadeiras* (Σεμέλη ἢ Ὑδροφόροι, Fr. **168, **168a e 221-34), *Bacantes* (Βάκχαι, Fr. 22), *As Cardadoras* (Ξανπρίαί, Fr. 169-172b), *Penteu* (Πενθεύς, Fr. 183) e o drama satírico *Amas*. JOUAN (1992) sugere que se exclua a tragédia *Bacantes*, postura adotada aqui.⁴²⁴ Ela é, aliás, conhecida apenas pelo título e por um pequeno fragmento atribuível a qualquer peça sobre os inimigos de Dioniso; e ainda é possível que essa *Bacantes* esquileana seja apenas um título alternativo de outra tragédia (SOMMERSTEIN, 2008, p. 17-8).

Outra controvérsia ligada a essa tetralogia é a da atribuição dos Fr. **168 e **168a-b (= P. Oxy. 2164 fr. 1-3), um dos mais extensos conhecidos, que registra a rara presença de Hera no palco. Alguns eruditos creditam os fragmentos à tragédia *Cardadoras* e outros, à *Sêmele*; acredito, particularmente, que pertence à *Sêmele*.⁴²⁵ Tudo leva a crer que Ésquilo descreveu o

⁴²¹ Há dúvidas sobre a autenticidade dessa informação, conservada por Pólux (7.45). Ver DODDS (1960, p. xxviii) e JOUAN (1992).

⁴²² Para uma reconstituição dessas tragédias e dramas satíricos inspirados por Dioniso, ver JOUAN (1992)

⁴²³ A composição de quase todas as tetralogias de Ésquilo é controvertida. Apenas a *Oresteia*, a *Licurgia* e mais duas de título desconhecido, que continham respectivamente *Pers.* e *Sept.*, são comprovadas por testemunhos antigos (ver GANTZ, 1980 e TrGF 3, p. 111-9).

⁴²⁴ Outras possibilidades: ver TrGF 3 (idem), GANTZ (1980, p. 153-6) e SOMMERSTEIN (2008, p. 170-3).

⁴²⁵ Os principais argumentos sobre a atribuição dos Fr. **168-168a-b à *Sêmele*, assim como sua tradução preliminar e uma reconstituição conjectural da tragédia foram apresentados na conferência *Os deuses na cena trá-*

engano de Hera contra Zeus e sua amante tebana: a deusa se apresentou à princesa na figura de uma sacerdotisa mendicante e a convenceu a exigir que seu amante se mostrasse com o aspecto original. Consequentemente, a filha de Cadmo foi reduzida a cinzas e ocorreu então o primeiro nascimento de Dioniso. Não se nota nenhuma palavra do léxico especializado, mas esse engano só pode ter sido uma *μηχανή* de Hera, com um “divino” subengano por ilusão (Hera em forma mortal) e pelo menos mais um subengano do tipo retórico, como o de Admeto contra Héracles na *Alc.* (*supra* p. 142), pois envolveu uma competente persuasão. *Cardadoras* abordava o enlouquecimento (a deusa Lissa está presente) e a morte de algum inimigo de Dioniso, feito em pedaços pelas bacantes. E é possível que o enredo do *Penteu* fosse mesmo semelhante ao das *Ba.*, com enganos e tudo o mais, como informa Aristóteles de Bizâncio (*Arg. E. Ba.*).

Praticamente todas as tragédias “dionisiacas” de Sófocles e dos trágicos *minores*, produzidas no final do século -V, antes ou depois de *Ba.*, são conhecidas apenas pelo título, por por um ou outro mísero fragmento e por algum breve testemunho. É discutível se Sófocles efetivamente produziu uma tragédia intitulada *Bacantes*, pois até agora apenas a didascália do *P. Oxy.* 2256 *fr.* 3 dá essa informação, mas ele compôs sem dúvida nenhuma a tragédia *Agua-deiras* (Υδροφόροι, *Fr.* 672-4); no *Fr.* 674 o nome de Dioniso é mencionado, mas é só isso que sabemos dela. De *Bacantes* ou *Penteu* (Βάκχαι ἢ Πεντεύς, *Fr.* 2) de Iofonte, e de *Bacantes* (Βάκχαι, TrGF 1 p. 151-3) de Xenocles, produzida em -415, nada sabemos. Espintaro de Heracleia produziu um drama intitulado *Sêmele Atingida pelo Raio* (Σεμέλη Κεραινουμένη, TrGF 1 p. 168-9), conhecido apenas pelo título, mas ele é tão descritivo que nos permite deduzir com alguma segurança que o engano de Hera contra Sêmele e o primeiro nascimento de Dioniso eram parte do enredo.⁴²⁶

Hera contra Sêmele, Zeus contra a natureza. Sabemos que o primeiro nascimento de Dioniso está associado ao engano engendrado por Hera, mas em *Ba.* Eurípides não faz referência direta a ele. Há apenas menções esparsas ao tumultuado nascimento do filho de Sêmele, anterior à ação trágica, nos vv. 3, 6-9, 26-31, 41-2, 88-101, 181-3, 242-5, 286-97, 334-5 e

---

gica, apresentada durante o III Colóquio do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, FFLCH-USP (São Paulo, SP, 23 a 25 de agosto de 2010). O texto encontra-se em publicação.

⁴²⁶ No século -IV o interesse dos poetas trágicos por Dioniso continuou. Em JOUAN (1992, p. 71, nota 5) há uma pequena lista.

466-8. Tanto o poeta quanto os espectadores, no entanto, conheciam muito bem a enganosa façanha da esposa de Zeus, subentendida nas referências à ἀθάνατον ὕβρις ‘divina desmedida’ (9) de Hera e ao parto prematuro desencadeado pelo raio de Zeus (3; 89-91; 244-5; 288). Esse engano não foi, consequentemente, inventado por Eurípides, e já foi relatado *supra* (p. 246), durante a descrição da *Sêmele* de Ésquilo.

Eurípides conta que o nascimento prematuro de Dioniso obrigou Zeus a enganar, pela segunda vez, sua natureza masculina (a outra vez foi para o nascimento de Atena: *supra* p. 85). Morta Sêmele, o deus colocou o bebê Dioniso na própria coxa, onde a criança acabou de se desenvolver e mais tarde nasceu pela segunda vez (88-103).

O engano de Dioniso. O tema básico de *Ba.* está ligado ao segundo grupo de mitos de Dioniso, i.e., ao reconhecimento de sua divindade, ao estabelecimento de seu culto em Tebas e à perdição daqueles que tentam atrapalhar ou impedir o deus. A esse programa por assim dizer “profissional” (21-5; 47-8), Dioniso acrescentou um programa pessoal, a vingança contra os parentes mortais que maculavam a memória de sua falecida mãe, mais especificamente suas tias Ino,⁴²⁷ Agave e Autônoe, e seu primo Penteu, coincidentemente rei de Tebas (43-4) e o mais ferrenho opositor de seu culto (45-52, 55-63, 215-32).

Tabela 4. Comparação entre a armadilha da *Hécuba* e de *Bacantes*.

Elementos	<i>Hécuba</i>	<i>Bacantes</i>
enganador(a)	Hécuba	Dioniso
malhas da rede	tenda das escravas troianas	monte Cíteron, ao ar livre
executoras	escravas troianas	bacantes tebanas
enganado(s)	rei trácio Polimestor e filhos	rei beócio Penteu
isca	ouro	espiar as mulheres
perigo	ignorado pela vítima	conhecido pela vítima
ação	mulheres atacam	mulheres atacam
resultado	rei cego, filhos mortos	rei morto

⁴²⁷ Em *Ba.* a presença de Ino entre as descrentes tias de Dioniso contrasta, de certa forma, com a versão da lenda em que Ino e Átamas cuidaram do pequeno Dioniso após a morte de Sêmele. Eurípides se inspirou nessa versão para justificar a intervenção de Dioniso na vingança de Frixo contra Ino na tragédia *Phr. B* (q.u. *infra* p. 322). Mas é claro que Ino pode ter se arrependido posteriormente de suas opiniões quanto à irmã, e que isso foi reconhecido pelos deuses...

O não reconhecimento da divindade de Dioniso é marcada pelas descrença das tias e de Penteu a respeito do amante de Sêmele, que segundo eles era um simples mortal (26-31; 245). O antagonismo de Penteu é centrado tanto na sua oposição à quebra da ordem social vigente, quanto na suspeita de que a principal finalidade dos rituais báquicos é dar vazão à ilícita luxúria das mulheres tebanas (217-25). Essas atitudes ficam ainda mais evidentes devido ao contrastante comportamento de Cadmo, avô de Penteu, que honra a memória da filha, reconhece a divindade de Dioniso e não se nega a cultuar o deus, apesar da avançada idade (180-9).

O engano divinamente planejado e conduzido por Dioniso (GANTZ, 1993, p. 483), provavelmente já descrito por Ésquilo (cf. *Bassaridas* e *Penteu*) nada mais é do que uma variante do enganoso tema da armadilha à qual a incauta vítima é habilmente atraída (cf. A. Ag. *supra* p. 184).⁴²⁸ Isso está claro devido às diversas menções a redes e laços ao longo da tragédia, embora os versos que as contêm tenham sido quase sempre declamados pelos enganados, e não pelo enganador: Penteu deseja prender as bacantes σιδηραῖς ... ἐν ἄρκυσιν, ‘em redes de ferro’ (231), ou ἐν λόχμαϊς ὄρνιθας ὦς, ‘como aves nas redes’ (957) e, ao lhe trazerem o “forasteiro” preso, diz que ele ἐν ἄρκυσιν γὰρ ὦν, ‘está na rede’ (451). Dioniso diz que Penteu ἐς βόλον καθίσταται, ‘caiu na rede’ (848) e a própria mãe do rei, Agave, depois do σπαραγμός do filho, afirma que ἔμαρψα ... ἄνευ βρόχων, ‘pegou sem usar laços’ (1173) um filhote de leão e reitera, pouco depois, que οὐ δικτύοισιν, ‘não foi com redes’ (1206). O fato da rede ter sido mencionada pelos enganados condiz, naturalmente, com uma das características mais importantes da tragédia, o apagamento dos limites entre caçador-enganador e caça-enganado, e ainda com a ironia trágica. Uma rápida comparação entre os elementos da armadilha de *Ba.* e a armadilha da *Hec.* (Tab. 4, p. 247) esclarece devidamente o engano empreendido por Dioniso.

O plano do deus se desenvolveu sem entraves e diversos elementos foram providenciados mediante subenganos. O primeiro item foi o estabelecimento do local onde seria estendida a rede e o preparo das executadoras / sacrificadoras de Penteu, iniciado antes mesmo da ação dramática por ação eminentemente divina (21-54). Dioniso enlouqueceu as mulheres de Tebas (inclusive as tias), fazendo-as sair de seus lares e se reunirem no monte Cíteron, ao ar livre, onde cultuavam o deus através de danças e se tornaram, também por ação divina, capazes de

⁴²⁸ VÍLCHEZ (1976, p. 139-43) reconheceu apenas alguns elementos do engano, tais como o subengano de Dioniso contra as bacantes e a mudança de forma do deus.

sacrificar animais de acordo com o ritual dionisíaco e ainda de realizar diversos prodígios (26-42; 61-3; 667-768). De certa forma, parte dos desígnios divinos foram alcançados nessa primeira etapa, pois o deus já estava sendo cultuado e sua divindade havia sido reconhecida por duas importantes figuras da pólis, Cadmo e Tirésias (170-214).

A etapa seguinte, a da isca e da atenuação da sensação de perigo que a vítima poderia sentir, foi bastante complexa. Em *Hec.*, isso foi levado a efeito pela dissimulação das mulheres troianas (*Hec.* 1150-9; *supra* p. 179), que fizeram Polimestor baixar a guarda. Em *Ba.* esse procedimento é bem mais complexo e tem subenganos. Inicialmente, Dioniso efetua um divino subengano “por ilusão”, assumindo forma mortal, μορφήν δ’ ἀμείψας ἐκ θεοῦ βροτησίαν, ‘troquei a forma de deus pela forma humana’ (4, cf. 53-4; descrição da forma, 235-8; 353; 453-9). Quando o deus e seu oponente se encontram, Dioniso responde a todas as perguntas de Penteu com a verdade (460-508), mas de forma condescendente e por meio de ‘maldosos sofismas’, σοφισμάτων κακῶν (489). O rei intui, de alguma forma, que está sendo enganado, pois reconhece que seu interlocutor οὐκ ἀγύμναστος λόγων, ‘não é destreinado em argumentação’ (491) e então manda encarcerá-lo (497; 503; 509-10).⁴²⁹

Logo, no entanto, a mente de Penteu está inteiramente dominada por Dioniso, que lhe diz: οὐκ οἶσθ’ ἥτις ζῆς οὐδ’ ὁ δρᾷς οὐδ’ ὅστις εἶ, ‘não sabes o que vivencias, nem o que fazes, nem quem és’ (506). O deus lança a isca, acenando com a possibilidade de Penteu ver as bacantes sem ser visto, teoricamente em missão de espionagem (κατασκοπήν, 838; κατάσκοπος, 916 e 981), e Penteu aceita imediatamente, concordando até em se vestir de mulher, para passar despercebido (810-46; 912-66), conforme paradigma dos enganos com espionagem, e.g. o da *Doloneia*. Lembremos que essa missão mereceu vestes especiais de Dólon, Odisseu e Diomedes, para empreender um engano por ilusão “humano,” i.e., enganar o inimigo espionado (q.u. *supra* p. 53). O transvestismo de Penteu, recurso também utilizado por Aquiles em Esquiros (*Cypr. Fr.* 19, *supra* p. 103; *Scyr.*, *infra* p. 263) está igualmente inserido no tema do disfarce necessário aos espiões e configura o segundo subengano. Note-se ainda o emprego do radical *σκέ/οπ-, ‘olhar do alto / de longe’, que envolve o uso ativo da visão, para definir aqui a pretendida espionagem do rei tebano.

Apensar de se encontrar sob a alienadora influência de Dioniso, o rei ainda tinha condi-

⁴²⁹ Observe-se o primoroso argumento final de Penteu, que antecipa em quase dois milênios a *ultima ratio regum* dos canhões de Luís XIV.

ções de perceber alguma coisa da realidade do engano, que exprimiu esparsamente com vocábulos do léxico, ao dialogar com Dioniso:

ΠΕΝΘΕΥΣ

(...) τοὺς λόγους γὰρ ἐσφέρεις καινοὺς ἀεὶ.	650
(...) τὸν ὑποθέντα τὰς τέχνας	675
οἷμοι· τόδ' ἤδη δόλιον ἐς ἐμὲ μηχανᾷ.	805
(...) <ὕπ'> ἐλάτταις δ' ἐμὸν κρύψω δέμας.	954

ΔΙΟΝΥΣΟΣ

ποιόν τι, σῶσαί σ' εἰ θέλω τέχναις ἐμαῖς;	806
κρύψει σὺ κρύψιν ἦν σε κρυφθῆναι χρεών,	955

ΠΕΝΤΕΥ

(...) sempre novas as palavras que proferes.	650
(...) esse introdutor de artifícios	
Ai! Nisso já tramais um engano contra mim.	805
(...) Ocultarei meu corpo com abetos	954

ΔΙΟΝΙΣΟ

Qual? Se quero te salvar com minhas habilidades!	806
Ocultas tu a ocultação que é preciso que ocultes	955

Observar, além da referência a palavras novas e a novidades (λόγους ... καινοὺς, ver *Med.*, p. 150 e *Hipp. B.*, p. 163), expressão relacionado com os planos de Dioniso, o vocábulo específico δόλιος (805, 956) e os vocábulos circunstanciais μηχανάομαι (805) e τέχνη (675, 806).

Na etapa final do engano, Penteu finalmente vai ao Cíteron e morre desmembrado pela própria mãe e pelas outras bacantes, em última análise uma sagrada oferenda humana⁴³⁰ ao violento deus (981-1147). Dioniso colocou Penteu nas mãos das bacantes, fechando assim a armadilha, e a morte do rei configura um terceiro subengano, “por ilusão”, e do tipo divino. A bacante que incitou as demais a derrubar o transvestido Penteu da árvore onde se escondera e inicia o παραγμός foi Agave, sua própria mãe, enganada por Dioniso. Penteu, desesperado, se identificou e tentou ser reconhecido, mas a mãe só via um pequeno leão (989), graças ao enlouquecimento e à alteração da realidade provocada por Dioniso (1022-4).

Pode parecer, à primeira vista, que o castigo de Penteu tenha sido excessivo — assim, pelo menos, acredita Cadmo (1346-8) — mas não é de modo algum incoerente. Tudo em Di-

⁴³⁰ Ver discussão sobre o tema do sacrifício humano em *Ba.* no meu artigo ‘Iphigenia Aulidensis e Bacchae: festa, sacrifício e ironia trágica’ (RIBEIRO JR., 2005b).

oniso é excessivo, desde seu nascimento, oriundo de um ato desmedido de Hera, passando por segundo nascimento (até os outros deuses se contentaram com um só), até o êxtase e o furor báquico que são parte essencial dos rituais de seu culto. Dioniso não é apenas o deus da liminaridade, é também o deus dos excessos.

Assinalo, por fim, uma breve menção de Eurípides ao engano por ilusão de Ártemis contra Actéon (337-40), descrito anteriormente na tradição mítica pelo poeta das *Ehoiae* (*supra* p. 111), por Estesícoro (*supra* p. 122) e por Acusilau (nota 192, p. 112). Entre os trágicos anteriores a Eurípides, Frínico produziu uma tragédia intitulada *Actéon* (Ἀκταίων, TrGF 1, p. 72) e Ésquilo, a tragédia *As Arqueiras* (Τοξότιδες, Fr. 241-6), mas não se sabe exatamente de que forma a lenda e o engano foram dramatizados por eles. Eurípides apenas menciona o terrível destino do sobrinho de Sêmele, sem fornecer detalhes sobre o engano.

1.14 *Ifigênia em Áulis* (Ἰφιγένεια ἐν Αὐλίδι)⁴³¹

A ação dramática da *IA*, como a da *IT*, foi emoldurada por Eurípides⁴³² em torno do sacrifício de Ifigênia na praia de Áulis, antes da segunda expedição a Troia. A versão do sacrifício é, em essência, a mesma delineada anteriormente na *IT* (*supra* p. 202), mas as peripécias e mudanças de comportamento dos personagens que enganam e são enganados enriquecem sobremaneira o enredo da *IA* e os enganos descritos.

Eurípides reapresentou alguns importantes personagens já conhecidos do Ciclo Troiano e do Ciclo dos Atridas mas, como de hábito, sob outra perspectiva. Dois deles são notáveis: a madura e enganadora Ifigênia da *IT* é agora uma jovem inocente e enganada; Orestes, o atormentado vingador do assassinato do pai e vigoroso crítico de Apolo, é apenas um bebê que não fala (ver Fig. 3, p. 166). Clitemnestra, Agamêmnon e Menelau, por outro lado, são praticamente os mesmos da tradição épica, lírica e trágica.⁴³³

⁴³¹ Ver Dg. 3, p. 357-425. Alguns enganos aqui discutidos foram já publicados (RIBEIRO JR., 2010a; ver nota 346, p. 200). As passagens traduzidas foram extraídas da minha tradução integral da tragédia, atualmente em publicação.

⁴³² Nesta seção o nome “Eurípides” é usado da forma tradicional, i.e., engloba ele mesmo e mais os outros autores / retores da *IA*. Ver discussão e comentários em RIBEIRO JR., 2010c.

⁴³³ Para o caráter e comportamento de Agamêmnon e de Menelau nas tragédias integrais de Eurípides, ver BLAICKLOCK, 1952, p. 101-21 (Agamêmnon) e 74-100 (Menelau). Para a *IA*, em particular, ver a discussão de SIEGEL (1981) sobre Agamêmnon e a de RYZMAN (1989) sobre Menelau.

Fontes antigas, poesia trágica e IA. As referências épicas e líricas sobre Ifigênia e seu sacrifício em Áulis, anteriores a Eurípides, foram já comentadas na análise da *IT* (*supra* p. 201). A *Ifigênia* de Ésquilo (Ἰφιγένεια, *Fr.* 94) e sua *Oresteia*, datada de -458, constituem provavelmente a primeira utilização do mito de Ifigênia — e de todo o Ciclo dos Atridas — na poesia trágica (COLLARD, 2009, p. 310). Infelizmente, não sabemos a data exata da *Ifigênia* esquiliana e seu único e curto fragmento⁴³⁴ não permite concluir se o enredo se baseava nos eventos míticos relatados na *IA* ou na *IT*, ou se havia algum engano envolvido.

É duvidoso que Sófocles tenha escrito uma tragédia intitulada *Clitemnestra* (Κλυταιμήστρα, *Fr.* 334), segundo Radt² (p. 315-6) e LLOYD-JONES (2003, p. 139 e 184), mas é possível que seu único fragmento pertença, na verdade, à sua própria *Ifigênia*, esta indubitavelmente ligada aos eventos de Áulis.⁴³⁵ Assim como Eurípides, Sófocles parece ter se inspirado nos elementos do mito de Ifigênia conservados nas *Ehoiae* (*supra* p. 105) e nos *Cypr.* (*supra* p. 102). Também não sabemos a data exata da *Ifigênia* sofocliana (Ἰφιγένεια, *Fr.* 305-12), mas é certo que ela é anterior à *IA*, fato sugerido pela data da primeira representação da *IA* (-405) e pela proximidade da morte de Sófocles e de Eurípides, respectivamente -405 e -406. Não podemos dizer, no entanto, se essa *Ifigênia* é anterior à *IT*, representada c. -414.

Os *Fr.* 305-12 da tragédia somam apenas cinco versos e duas palavras, mas me parece seguro afirmar que Sófocles abordou pelo menos o engano que envolve o falso casamento entre Ifigênia e Aquiles, já mencionado pelo poeta dos *Cypria* (*supra* p. 102) e por Eurípides, na *IT* (*supra* p. 203). Infelizmente não há como saber, por enquanto, se a primazia na poesia trágica é da *Ifigênia* de Sófocles ou da *IT* de Eurípides; mas é seguro afirmar que ambas antecedem o tratamento desse enganoso elemento na *IA*. Na versão de Sófocles, aparentemente, Agamêmnon também encarregou Odisseu de ir até Clitemnestra convencê-la a enviar a filha para Áulis (*Fr.* 305-7). E o fato de Odisseu estar envolvido na história (cf. *IT* 24-5) sugere naturalmente que os recursos por ele utilizados devem ter tido pelo menos uma pequena quota de enganos cogitados, apenas mencionados ou até mesmo aplicados (cf. τέχναις, ‘artifícios’, na

⁴³⁴ Radt¹ (TrGF 3, p. 213) menciona algumas outras possibilidades: A. *Fr.* 238, 333, **451k e **451s, e mais os *adesp.* 73, 145.3 e 663.

⁴³⁵ Análise preliminar dos fragmentos das *Ifigênias* de Ésquilo e de Sófocles, com breve comentário sobre o falso casamento de Aquiles, foi apresentada na comunicação *As Ifigênias de Ésquilo e Sófocles*, apresentada na XXI Semana de Estudos Clássicos promovida pela SBEC em Araraquara, SP, de 30 de maio a 2 de junho de 2006. O texto ainda não foi publicado.

IT 24).

O exato contexto do *Fr.* 307 não é conhecido. Discute-se há tempos, inconclusivamente,⁴³⁶ se ele foi declamado por Odisseu, ao falar com Clitemnestra, ou por Clitemnestra, ao aconselhar Ifigênia sobre a futura vida de casada:

νόει πρὸς ἀνδρὶ χρῶμα πολύλπους ὅπως
πέτραι τραπέσθαι γνησίου φρονήματος.

Quanto a teu marido, imagina, como um pólipio
na rocha, como mudar a cor do pensamento verdadeiro.

Sófocles obviamente não utilizou o léxico específico do engano nessa passagem, e aqui o verbo *voéō* não tem necessariamente vínculo com o engano, mas a ideia expressa pelo personagem é absolutamente enganosa.

Os enganos da IA. GOULD (2004, p. 275) notou que o mundo da IA é ‘marcado por enganos grosseiros’ e Eurípides, efetivamente, utilizou o tema de forma bastante liberal nessa tragédia, encenando pelo menos cinco enganos explícitos e mencionando, possivelmente, mais dois outros enganos bem menos evidentes.

Há dois enganos à distância, ambos aplicados por Agamêmnon, o primeiro em Clitemnestra e o segundo no exército grego; um engano retórico, de Menelau em Agamêmnon; uma *μηχανή*, de Agamêmnon em Clitemnestra e Ifigênia; e um engano aplicado por Ártemis em todo o exército grego. É provável, ainda, que Ártemis tenha anulado os dois tele-enganos da parte inicial da tragédia através de outros tantos contraenganos.

Os três primeiros enganos. Os dois primeiros enganos de Agamêmnon e o de Menelau foram já identificados e discutidos em publicação anterior,⁴³⁷ e aqui apenas apontarei, resumidamente, os principais elementos de cada um.⁴³⁸

O primeiro engano está no prólogo e se refere a eventos anteriores à ação da tragédia. Ele é mencionado pelo enganador, Agamêmnon, no diálogo com o Velho Servidor (98-105):

⁴³⁶ Ver observações de LUCAS DE DIOS (1983, p. 150-151, n. 525).

⁴³⁷ Ver nota 346, p. 200. As traduções foram ligeiramente retocadas.

⁴³⁸ VÍLCHEZ (1976, p. 125-8) mencionou apenas os enganos de Agamêmnon e suas motivações.

- Ag. (...) κὰν δέλτου πτυχαῖς
 γράψας ἔπεμψα πρὸς δάμαρτα τὴν ἐμὴν
 πέμπειν Ἀχιλλεῖ θυγατέρ' ὥς γαμουμένην, 100
 τό τ' ἄξιωμα τὰνδρὸς ἐκγαυρούμενος,
 συμπλεῖν τ' Ἀχαιοῖς οὐνεκ' οὐ θέλοι λέγων,
 εἰ μὴ παρ' ἡμῶν εἴσιν ἐς Φθίαν λέχος·
 πειθῶ γὰρ εἶχον τήνδε πρὸς δάμαρτ' ἐμήν,
 ψευδῇ συνάψας † ἀντὶ παρθένου † γάμον. 105
- Ag. (...) Mandeí tabuinhas
 lacradas à minha esposa, onde escrevi
 que enviasse a filha, como se a Aquiles a desse em casamento 100
 e elogiei com orgulho o valor desse homem,
 dizendo que ele não queria navegar com os Aqueus
 se não fosse de nossa casa para a Ftia uma esposa.
 Eu usava, portanto, essa persuasão com minha esposa,
 contratando falsamente um casamento † para a donzela †. 105

O uso da escrita, uma das características do engano à distância, é evidente (99), assim como a finalidade do engano; note-se também a presença de dois vocábulos específicos, *πειθῶ* (104) e *ψευδῆς* (105), e do sintagma *ὥς* + particípio (*ὥς γαμουμένην*, ‘como se fosse dá-la em casamento’, 100). Esse mesmo sintagma foi utilizado pelo poeta dos *Cypr.* (*supra* p. 102) para sinalizar o engano do falso casamento. Na *IA*, o engano à distância substituiu o engano presencial relatado na *Ifigênia* de Sófocles e na *IT* de Eurípides, no qual Odisseu se deslocou a Argos (a mando de Agamêmnon, é claro) para enganar Clitemnestra e Ifigênia. Ao invés de Odisseu, portanto, o Agamêmnon da *IA* enviou uma carta.

O segundo engano à distância se dá em cena: resolvido a não sacrificar a filha e a debandar o exército, Agamêmnon escreveu uma segunda carta à esposa, ordenando-lhe que não envie Ifigênia. O que faz desse ato um engano é, naturalmente, o fato de Agamêmnon esconder suas intenções do irmão e do resto do exército. Dessa vez, Eurípides revela à plateia o exato conteúdo da carta (115-123). O segundo engano não tem vocabulário específico, mas é explícito e sua natureza enganosa pode ser facilmente deduzida a partir do contexto da carta na ação trágica.

Os dois enganos de Agamêmnon não deram certo. O primeiro, no entanto, falhou em termos, pois sua primeira carta, que ordenava a vinda da filha até Áulis, teve realmente esse efeito, mas em momento no qual Agamêmnon queria outras coisas. Quanto ao segundo enga-

no, que visava evitar a vinda da filha ao acampamento grego, pode ter sido frustrado por Ártemis através de uma espécie de contraengano, i.e, um engano que anulou outro engano. Agamêmnon, pelo menos, acredita nisso (444-5):

Αγ.	ὕπῃλθε δαίμων, ὥστε τῶν σοφισμάτων πολλῶι γενέσθαι τῶν ἐμῶν σοφώτερος.	445
Ag.	a divindade agiu insidiosamente e seus artifícios ultrapassaram de longe minhas maiores astúcias.	445

Notem-se, na passagem citada, duas formas nominais derivadas de σοφός, ‘sábio’: a sabedoria a que o comandante dos gregos se refere é o tipo de enganadora σοφή que lhe faltava e que Medeia e Helena, por exemplo, tinham de sobra (cf. *Med.* 285, p. 148, e *Hel.* 1049, p. 227).

O terceiro engano não é explícito e depende, em parte, da interpretação das palavras, do tom e da atitude de Menelau durante seu diálogo com Agamêmnon no primeiro episódio da tragédia (303-542). Os dois irmãos discutem acaloradamente⁴³⁹ sobre o artifício da carta e Menelau, a princípio, se mostra enraivecido e decepcionado com a atitude enganosa do irmão mais velho (319-413). Com a chegada de Ifigênia, em companhia de Clitemnestra, Agamêmnon se declara vencido pelas divindades (442-68) e que terá de sacrificar a filha, a contragosto (511-2), e então Menelau muda de comportamento (477-99), mostra-se simpático com a posição do irmão e acaba conseguindo, através de um sutil e não explícito engano, fazer Agamêmnon se decidir pelo sacrifício (ver RIBEIRO JR., 2010a, p. 89-92). A falta de elementos enganosos mais explícitos não permite a classificação formal desse engano como uma das falsas histórias características da épica e da tragédia.

Agamêmnon contra Clitemnestra e Ifigênia. O engano seguinte (538-721) é explícito e se refere às palavras e atitudes de Agamêmnon para esconder da esposa e da filha os preparativos para o sacrifício, com o qual finalmente concordara (511-37). O mecanismo básico é do tipo retórico, pois envolve uma história com mentiras e, também, numerosos eufemismos e expressões de duplo sentido, revestidas de grande ironia trágica. O vocabulário especializado está presente em uma análise retrospectiva do engano, efetuado posteriormente pelas duas

⁴³⁹ O tema da discussão e das mútuas acusações entre os dois atridas já havia sido anteriormente utilizado por Eurípides no *Tel. Fr.* 722-3 (e talvez o *Fr.* 713). Para o contexto dessa discussão, ver p. 276 sqq.

mulheres. Ifigênia diz que o pai a destruiu contra a vontade (1456), mas a mãe contra-argumenta: **δόλωι δ', ἀγεννῶς Ἀτρέως τ' οὐκ ἄξιως**, 'mas sordidamente, com estratagema indigno de Atreu' (1457). Essa opinião de Clitemnestra é, naturalmente, um tanto discutível, pois a competência de Agamêmnon não se compara à do pai dele, Atreu, que enganou Tieste servindo ao irmão os filhos dele, em falso banquete de reconciliação (e.g. A. Ag. 1583-602: *supra* p. 209 e *infra* p. 270).

Há um provável prenúncio do engano que Agamêmnon prepara na sua fala ao Mensageiro, antes de seu lamento por causa da presença da esposa e da filha em Áulis (440-1): 'eu agradeço, mas apressa-te para dentro do alojamento; / o resto, se o acaso ajudar, dará certo'. Naturalmente, o que precisa dar certo é o engano que se forma na mente do rei. Mais adiante, suas intenções se tornam claras, embora nenhum vocábulo do engano esteja presente em seu discurso (538-41):

Ag.	ἔν μοι φύλαξον, Μενέλεως, ἀνὰ στρατὸν ἐλθὼν, ὅπως ἂν μὴ Κλυταιμῆστρα τάδε μάθῃ, πρὶν Ἄιδῃ παῖδ' ἐμὴν προσθῶ λαβών, ὥς ἐπ' ἐλαχίστοις δακρύοις πράσσω κακῶς.	540
Ag.	Guarda-me silêncio, Menelau, quando te reunires ao exército, de modo que Clitemnestra não perceba isso antes que eu tome minha filha e a entregue a Hades. Que com poucas lágrimas eu faça o mal!	540

Durante o segundo episódio, os diálogos entre Agamêmnon e Ifigênia e entre Agamêmnon e Clitemnestra estão repletos de frases com duplo sentido, proferidas por Agamêmnon em resposta a perguntas ou comentários da esposa e da filha. Eis a parte relevante do diálogo entre Agamêmnon e Ifigênia (642-77):⁴⁴⁰

If.	Alegra-te, pai, fizeste bem em me trazer para perto de ti!	642
Ag.	Não sei como falar isso e não falar, filha. (...)	
If.	Por que então derramas lágrimas de teus olhos?	650
Ag.	Por que é longa nossa iminente separação.	

⁴⁴⁰ Texto original no *Anexo B*, p. 442. Alguns aspectos da ironia trágica que permeia o diálogo Agamêmnon-Ifigênia foram discutidos por VÍLCHEZ (1976, p. 94-5) e por mim (RIBEIRO Jr., 2006; ver nota seguinte), entre outros.

- (...)
- If. Tu me deixas e partes em longa jornada, pai. 664
- Ag. Chegarás, filha, ao mesmo lugar que teu pai.
- (...)
- If. Quanto tempo estiveste distante, nesta baía de Áulis! 660
- Ag. E ainda agora algo realmente não me deixa enviar o exército. 661
- If. Ah!
- Se fosse adequado † a ti me levar, contigo, a bordo! † 666
- Ag. Para ti há também uma navegação em que † recordarás † teu pai.
- If. Navegarei com minha mãe ou irei sozinha?
- Ag. Sozinha; e estarás só, distante de teu pai e de tua mãe.
- If. Vais estabelecer-me em alguma outra casa, pai? 670
- Ag. Nada de preocupações! Moças não devem saber de tais coisas.
- If. Apressa-te a voltar dos Frígios, pai, depois de lá resolveres a questão.
- Ag. Preciso, primeiro, oferecer aqui um sacrifício.
- If. É mesmo necessário investigar, com oferendas, o sagrado.
- Ag. Tu o verás; ficarás perto dos vasos de libação. 675
- If. Acaso formaremos coros ao lado do altar, pai?
- Ag. Invejo-te, mais do que a mim, por nada compreenderes.

Aqui, uma passagem do diálogo entre Agamêmnon e Clitemnestra (716-21):

- Κλ. ἀλλ' εὐτυχοίτην. τίτι δ' ἐν ἡμέραι γαμεῖ;
- Αγ. ὅταν σελήνης ἐντελής ἔλθῃ κύκλος.
- Κλ. προτέλεια δ' ἤδη παιδὸς ἔσφαξας θεᾶι;
- Αγ. μέλλω· πὶ ταύτῃ καὶ καθέσταμεν τύχη.
- Κλ. κᾶπειτα δαίσεις τοὺς γάμους ἐς ὕστερον;
- Αγ. θύσας γε θύμαθ' ἀμὲ χρὴ θῦσαι θεοῖς. 720
- Cl. Que sejam felizes os dois! Em que dia ele a desposa?
- Ag. Quando completar-se o círculo da lua cheia.
- Cl. Já ofereceste à deusa o sacrifício propiciatório por nossa filha?
- Ag. Pretendo fazê-lo. É disso que, por acaso, eu tratava.
- Cl. Depois, mais tarde, darás a festa de casamento? 720
- Ag. Após oferecer aos deuses uma vítima que preciso sacrificar.

As frases com duplo sentido de Agamêmnon visam enganar a esposa e a filha quanto ao iminente sacrifício da jovem. Aqui o duplo sentido, que enseja a ironia trágica e esconde o engano, se baseia nas semelhanças entre o ritual de casamento e o ritual de sacrifícios em que o sangue da vítima é derramado. Ártemis, a divindade que exige o sacrifício de Ifigênia, tem relações com o casamento e com os rituais propiciatórios que precedem as batalhas (X. *Lac.*

13.8). O casamento também pode ser analisado, do ponto de vista da noiva, como uma transição análoga à morte,⁴⁴¹ caracterizada pelo fim da existência na casa paterna e pela nova vida na casa do marido; na morte, ademais, viaja-se para o Hades e, no casamento, para a nova casa. Essa tradicional analogia facilitou, indubitavelmente, o engano de Agamêmnon contra Clitemnestra e Ifigênia.

O engano final de Ártemis. O último engano da tragédia é um engano “por troca”, em que Ártemis substitui Ifigênia por uma corça; o enganado é o exército grego (1578-95):⁴⁴²

⟨SEGUNDO⟩ MENSAGEIRO

Um sacerdote tomou a espada, fez uma prece e a garganta examinava, para ali desferir o golpe; dor não pequena me invadiu o coração	1580
e a cabeça baixei. Súbito, coisa espantosa de se ver, todos ouviram nitidamente um golpe, um estrondo e ninguém viu para qual parte da terra foi a donzela. Gritou o sacerdote e todo o exército o secundou ao ver o inesperado, o prodígio vindo de um	1585
dos deuses, que nem a fé de quem via ajudava: sobre o solo jazia uma corça palpitante, enorme, de aspecto magnífico e, com o sangue, estava o altar da deusa todo inundado. E então disse Calcas, feliz, como podes imaginar:	1590
“Comandantes deste exército comum dos Aqueus, vede esta oferenda, que a deusa colocou diante do altar, uma corça corredora das montanhas? Esta, mais do que a jovem, ela aprecia, para não macular seu altar com nobre sangue.”	1595

Não se trata, aqui, de um engano “por ilusão” formal, característico dos enganadores divinos, uma vez que a deusa não alterou o aspecto para assumir forma humana, como fez Zeus na *Alcmn.* (*infra* p. 60) e nem mudou a forma de Ifigênia, como fez Atena com Odisseu (*supra* p. 74). Ártemis efetuou, no último momento, uma miraculosa substituição, e os gregos que assistiam ao sacrifício foram indubitavelmente enganados, pois esperavam sacrificar uma jovem e acabaram sacrificando uma simples corça. Em certa medida, lembra os enganos “por troca”

⁴⁴¹ Ver discussão no capítulo *Ironia trágica: o casamento com a morte* em minha Dissertação de Mestrado (RIBEIRO JR., 2006, p. 104-7).

⁴⁴² Ver texto original no *Anexo B*, p. 443.

efetuados pelos deuses, como o do fantasma de Helena (*Hel.*: *supra* p. 223) e o da nuvem de Hera (*Ixion*: *infra* p. 328), utilizados por Eurípides em outras ocasiões.

Aqueles que assistiram ao sacrifício se deram conta do engano (1590-5; 1606-8), mas Clitemnestra, ao ser informada pelo Mensageiro, se recusou a acreditar naquilo que seus olhos não viram (1616-7): *πῶς δ' οὐ φῶ παραμυθεῖσθαι τούσδε μάτην μύθους*, ‘como não dizer que em vão me confortam essas histórias.’ O vocábulo *μύθος*, nesse contexto, naturalmente deve ser entendido com a conotação de ‘história mentirosa’, pois era essa a suspeita que atravessava a mente de Clitemnestra naquele momento. Ela provavelmente acreditava que o marido ainda tentava enganá-la, o que dessa vez não era verdade.

O engano de Ártemis, na versão da IA, é o último que podemos associar a Eurípides, embora não tenha sido realmente escrito por ele, a julgar pela opinião de PORSON (1814) e da maioria dos eruditos que o seguiram. Mesmo assim, a estrutura é semelhante à dos outros enganos que encontramos nas tragédias euripidianas e, conseqüentemente, o *retractator* que compôs esses versos deve ter-se inspirado em passagens semelhantes da obra do poeta, e.g. *IT* 783-6 (*supra* p. 202), versos que efetivamente parecem um epítome do episódio descrito em *IA* 1578-89 (*supra* p. 258). E se o controvertido “fragmento de Eliano” (Ael. *NA* 7.39 = E. *IA* *Fr.* 1 Dg.) for efetivamente parte do êxodo original da tragédia,⁴⁴³ declamado e.g. por Ártemis *ex machina*, o engano efetuado pela deusa se torna ainda mais evidente:

ἔλαφον δ' Ἀχαιῶν χερσὶν ἐνθήσω φίλαις
κεροῦσσαν, ἣν σφάζοντες αὐχίσουσι σὴν
σφάζειν θυγατέρα.

E uma corça de chifres nas queridas mãos dos aqueus
colocarei, para que, ao sacrificá-la, se vangloriem de tua
filha sacrificarem.

Fim com prelúdio. Clitemnestra sem dúvida confirmou sua suspeita, ao receber de Agamêmnon a notícia de que a filha deles estava ‘verdadeiramente na companhia dos deuses’ (1622), de que o marido tentava ingenuamente enganá-la. Estar na companhia dos deuses poderia, por exemplo, significar que a jovem estava em companhia de Hades e de Perséfone... De qualquer modo, sua descrença, manifesta no comentário diante do mensageiro (1616-7),

⁴⁴³ Ver discussão e referências no artigo *Os autores da IA de Eurípides* (RIBEIRO JR., 2010b, p. 75-82).

preludia o engano a que a esposa de Agamêmnon recorrerá, futuramente, para se vingar do marido, engano descrito pelo poeta da *Od.* (11.409-30), descrito em detalhe e encenado por Ésquilo no *Ag.* (1338-42, 1374-98 e 1521-9, p. 182) e mencionado por Sófocles e por Eurípides em suas *Electras* (idem p. 182).

2. Tragédias incompletas

Τεκμαιρόμεσθα τοῖς παροῦσι τὰφανῇ.
E. *Fr.* 574⁴⁴⁴

2.1 *As Pelíades* (Πελιάδες)⁴⁴⁵

Para a mais antiga de suas tragédia conhecidas,⁴⁴⁶ Eurípides escolheu um tema relacionado com uma das consequências do Ciclo dos Argonautas: a vingança de Jasão contra Pélias, situada cronologicamente depois do retorno dos Argonautas a Iolco, Tessália, e antes dos eventos descritos em *Med.* (*supra* p. 147). A vingança foi executada por Medeia, naquela época ainda esposa de Jasão, por meio de um engano já registrado na tradição mítica.

Antes da tragédia. Apesar da antiguidade do mito dos Argonautas (e.g. *Od.* 12.69-72), as primeiras referências ao retorno de Jasão e Medeia à Grécia e à morte de Pélias são, infelizmente, curtas, incompletas e em certa medida discutíveis (Hes. *Th.* 992-1002; Mimn. *Fr.* 11; Pi. *P.* 4.71-3 e 250; Pherecyd. 3F 105,113). Cenas de vasos de figuras negras que mostram um carneiro emergindo de um caldeirão sugerem, no entanto, que o engano conduzido por Medeia contra Pélias era já conhecido dos atenienses desde -530/-500, pelo menos (GANTZ, 1993, p. 366-7). A Fig. 5 (*infra* p. 262) mostra uma das mais antigas representações artísticas desse engano,⁴⁴⁷ aproveitado por Eurípides nas *Pld.*⁴⁴⁸

⁴⁴⁴ ‘Conjeturamos sobre o que está oculto pelo que está presente.’ Do *Enômao* de Eurípides (Oivóμαος, *Fr.* 571-7), produzido possivelmente antes de -428.

⁴⁴⁵ E. *Fr.* 601-616. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 fr. 18 (= TrGF 5.2 Πελιάδες test. iiii). Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 515-30) e CC 2, p. 60-71.

⁴⁴⁶ I.e., seu primeiro drama aceito para o concurso de tragédias. Nessa ocasião (-455), Eurípides tinha cerca de 30 anos e provavelmente já tinha escrito tragédias não selecionadas pelo arconte e, portanto, não conservadas nos registros atenienses. Também é possível que algumas tragédias selecionadas e representadas depois dessa data tenham sido criadas por ele antes das *Pld.*

⁴⁴⁷ Hídria de figuras negras de Vulci (Londres, British Museum B 328, c. -510).

Píndaro (*P.* 4.72, p. 135) também já conhecia o engano utilizado por Medeia para matar Pélias e Sófocles pode ter recorrido, anos depois, ao mesmo tema na tragédia *As colhedoras de plantas* (Πιζοτόμοι, *Fr.* 534-6; ver Lloyd-Jones, 2003, p. 268-9).

O engano. Os fragmentos da tragédia e a parte inicial da hipótese têm informações suficientes para os estudiosos notarem que os elementos básicos do enredo estão presentes, de forma concatenada e lógica, nos mitógrafos tardios (Ps.-Apollod. 1.9.27; Paus. 8.11.2; D.S. 4.50-3). Foi possível, assim, fazer uma razoável e panorâmica reconstrução da ação trágica, mas não de detalhes dos cantos, monólogos e diálogos. Os personagens comprovadamente presentes são Medeia, Pélias e as Pelíades;⁴⁴⁹ a cena se passa, provavelmente, no palácio de Pélias em Iolco (*Fr.* 601).

Em síntese, Medeia persuadiu as filhas de Pélias de que era possível rejuvenescer o pai e, como prova, cortou um velho carneiro em pedaços, ferveu-os em um caldeirão e da fervura fez surgir um carneiro novo. Convencidas pela demonstração, as jovens mataram Pélias, cortaram-no em pedaços e lançaram-no no caldeirão de Medeia. O velho rei, no entanto, continuou morto... Segundo Diodoro Sículo (4.52), a única filha de Pélias que não participou da morte do pai foi Alceste, que posteriormente se casaria com Admeto (ver *Alc. supra* p. 139). Eis a parte pertinente da hipótese (linhas 1-9), reconstituída por Wolfgang Luppe:⁴⁵⁰

... ὅς τήν ἐλπ[ίδα τῆς ἀνανεώσε-
ω]ς κομίζουσιν. [ἡ δὲ τιμωρίαν τὴν εὐ-
πετε]στάτην⁴⁵¹ ἔλ[α]βεν τὰς θυγατέρας πι-
στ]ωσαμένη καὶ τὸ [δοκοῦν εἶναι παρά-
δοξον ὥς ἐστὶν δύ[νατον παραδείγ-
μασιν δείξασα· κρ[εῖον γὰρ πολυετῇ
ἤδη λα[βο]ῦσα κατὰ μ[έλη διεῖλε(ν) καὶ
κα[τέθ]ηκεν εἰς λ[έ]βη[τα καὶ καθεψήσασα
ἐποίησεν ἄ]ρνα· νεο[

5

... a esperança de rejuvenescimen-

⁴⁴⁸ O tema do rejuvenescimento por meio da fervura em um caldeirão remonta certamente às origens indo-europeias dos gregos. Ver Fz. 2, p. 359-62.

⁴⁴⁹ Em princípio, todas as inferências sobre as *dramatis personae* das tragédias fragmentárias aqui estudadas acompanham as considerações feitas por Kn. (TrGF 5.1 e 5.2 ad loc.).

⁴⁵⁰ Preferi o texto de JVL 2 (p. 519-20) ao dos TrGF 5.2, pois ele contém as úteis conjecturas de Luppe.

⁴⁵¹ = εὐπετεστάτην, provavelmente.

to realizando. E brilhante vingança
ela obteve, fazendo as filhas
acreditarem que o inacreditável é
possível, por meio de
provas. Pegou um carneiro velho,
cortou seus membros, colo-
cou-o em um caldeirão e, fervendo-o,
fez um carneiro novo.

5

Moisés de Corene⁴⁵² conservou uma descrição da tragédia de Eurípides que corrobora os dados da hipótese. Ele afirmou explicitamente⁴⁵³ que Medeia estava determinada a destruir o rei *dolosis consiliis*, ‘por meio de enganosos planos;’ lembremos que o radical latino *dōlō*- corresponde ao radical grego *δολο*-.⁴⁵⁴ Diversos itens de outra versão tardia, conservada por Diodoro Sículo (4.50-3), estão igualmente presentes na hipótese reproduzida acima.

Foi certamente um servo ou mensageiro quem descreveu, no palco, o engano que vitimara Pélias. A meu ver, apenas o *Fr.* 612 pode ser atribuído à cena do engano com alguma certeza, pois contém o verbo *ἄρταμεῖν*, ‘cortar em pedaços.’ Mas o fato de esse fragmento ser constituído por uma só palavra restringe drasticamente qualquer discussão.

No mito, assim como na tragédia, o engano de Medeia contra as filhas de Pélias foi cuidadosamente preparado e impecavelmente executado. Trata-se de uma complexa *μηχανή* com uma série de elementos cuidadosamente encadeados: planejamento, persuasão, dissimulação através de elementos mágicos (*διὰ φαρμάκων*⁴⁵⁵, *Ps.-Apollod.* 1.9.27; *D.S.* 4.52), e encenação. Essa proto-

Figura 5. Da esquerda para a direita: Pélias, Medeia, o caldeirão com o carneiro e uma das filhas de Pélias. Data: -510.

⁴⁵² Historiador armênio do século V.

⁴⁵³ Versão latina da descrição disponível em *TrGF* 5.2, p. 608 e *CC* 2, p. 66 (*Περίλαδος test. iiib.1*)

⁴⁵⁴ Cf. *dolosis consiliis* e *δολίωι ... τέχνηι*, vv. 33-4 da *Alc.* de Eurípides (p. 139).

⁴⁵⁵ Além da usual acepção de ‘remédio’ ou ‘veneno’, o vocábulo *φάρμακον* podia ser também empregado no sentido de ‘poção mágica’ ou de ‘operação mágica’ (e.g. *E. Or.* 1497 e *Ar. Pl.* 302). Ver *LSJ*, s.u. *φάρμακον* e nota 411, p. 241.

Medeia euripidiana, que ganhou a confiança (πιστωσαμένη, linha 3-4) das filhas de Pélias através de artifícios ou ardis (παραδείγμασιν, ‘provas’, linha 5-6) e conduziu com perfeição todo o processo de engano, é comparável à Medeia que Eurípides criaria, quase um quarto de século depois, para sua *Med.* (*supra* p. 147).

2.2 Os Esquirenses (Σκύριοι)⁴⁵⁶

Eurípides aproveitou, aqui, antigas tradições do Ciclo Troiano a respeito de eventos que precederam a Guerra de Troia, mais exatamente os mitos sobre a concepção do filho de Aquiles, Neoptólemo, criado na ilha de Esquiros enquanto o pai lutava contra os troianos. Esse filho teria, posteriormente, importante papel na conquista final da cidadela. De acordo com a *Il.* (19.326-37), a *Od.* (3.189; 11.506-40) e os *Cypr.* (*Fr.* 19: *supra* p. 103), Aquiles concebeu o filho enquanto estava em Esquiros, escondido na corte de Licomedes disfarçado de mulher. Esse disfarce já era, naturalmente, um engano (cf. κρύψασα, *Scyr. test.* iia.15 *infra*).

Antes de Eurípides, o engano (ou pelo menos alguns elementos) do engano de Odisseu contra Aquiles já definidos pelo mito haviam inspirado pintores de vasos, e.g. o Niobid Painter⁴⁵⁷ e Polignoto,⁴⁵⁸ mas nenhum poeta trágico. Friedrich Welcker e outros estudiosos achavam que o tema foi também utilizado por Sófocles em sua tragédia *Os Esquirenses* (Σκύριοι, *Fr.* 553-61), mas os eruditos modernos não pensam assim. Na verdade, em 1794 Thomas Tyrwhitt já era contra essa interpretação (ver LUCAS DE DIOS, 1983, p. 279-83).

De acordo com a incompleta hipótese e com o *Fr.* 686, em *Scyr.* Eurípides dramatizou a ida dos gregos a Esquiros durante a gravidez de Deidâmia, assim como a exposição do disfarce e a persuasão de Aquiles. Os personagens comprovadamente presentes são Licomedes e a Ama de Deidâmia, apenas. A deusa Tétis, e não Peleu (*Cypr. Fr.* 19) foi a responsável pelo enganoso disfarce do filho (*test.* iia.12-7), mas ela não era necessariamente *dramatis persona*:

Θέτιδος (...)

12

(...)

(...) αὐτὸν ἄ[πείργειν θέ-

14

⁴⁵⁶ *Fr.* 681a-6 + *Fr.* 880. Hipótese: *P.* SI 1286 *fr.* A (= TrGF 5.2 Σκύριοι *test.* iia). Ver François Jouan (*J-VL* 3, p. 51-74) e CC 2, p. 159-67.

⁴⁵⁷ Cratera de figuras vermelhas com volutas (Boston, Museum of Fine Arts 33.56, c. -470).

⁴⁵⁸ Autor do célebre mural na entrada da acrópole de Atenas (Paus. 1.22.6). Data: c. -450.

λουσα κόρης ἐσθῆτι κρύψασα παρέθε- το Λυκομήδει τῶι Σκυρίων δυνά- στη. (...)	15
Tétis (...)	12
(...)	
(...) desejosa de afastá-lo,	14
vestido de mulher o escondeu	15
junto a Licomedes, soberano dos Esqui- renses (...)	

Odisseu foi provavelmente o responsável pelo bem sucedido contraengano, mas não há evidência direta de sua participação nos fragmentos. A linha 26 da hipótese menciona, no entanto, Diomedes, tradicional companheiro de aventuras de Odisseu (e.g. *Doloneia*, p. 52), e o *Fr.* 686, constituído por uma única palavra, παρασάγγης, ‘emissários’, pelo menos confirma que Diomedes não estava sozinho.

Conhecemos, portanto, o tema básico da tragédia, mas até o momento não é possível reconstituir detalhes importantes do enredo e dos prováveis enganos presentes. Eurípides deve ter encenado a persuasão de Aquiles em um ou dois ἄγῶνες (*Fr.* 683a e 880), sem recorrer necessariamente a enganos, mas a revelação do disfarce através do ardil dos pais de Aquiles, descrito nos *Cypr.*, foi provavelmente relatado por um servidor e comentado pelo Coro e demais personagens.

2.3 Egeu (Αἰγεύς)⁴⁵⁹

O título informa que a tragédia se baseava em um dos episódios da lenda de Egeu, rei de Atenas e pai do popular herói ateniense Teseu, e esse é o único elemento sobre o qual se tem alguma certeza. Como em muitas outras tragédias fragmentárias, a inexistência de hipótese, o pequeno tamanho dos fragmentos atribuídos à tragédia e a impossibilidade de associar com segurança os fragmentos aos personagens, são obstáculos difíceis de superar.

Kn. (TrGF 5.1 Αἰγεύς p. 152) afirma que *dramatis personae e testimoniis et fragmentis certae sunt*, ‘há certeza sobre os personagens Egeu, Teseu e Medeia, a partir de testemunhos e fragmentos,’ mas essa conclusão é certamente otimista demais, além de estritamente baseada

⁴⁵⁹ *Fr.* 1-13. Ver Herman Van Looy (JVL 1, p. 1-13) e CC 1 (p. 3-11).

em versões tardias da lenda de Egeu e de seu filho (Ps.-Apollod. *Epit.* 1.4.6 e Plu. *Thes.* 12).⁴⁶⁰ Muitos estudiosos defendem a presença de Teseu e de Medeia no *Aeg.* devido ao *Fr.* 4, que menciona a hostilidade das segundas esposas em relação aos filhos do primeiro casamento, mas isso se aplica não só a Medeia e a Egeu, mas também a Creusa e a Xuto (*supra* p. 209), a Ino e a Átamas (*infra* p. 267 e 319), por exemplo. AÉLION (1986, p. 220-1) reconheceu o problema de que nenhum dos versos fragmentários do *Aeg.* fornece dados precisos a respeito do personagem que os enuncia, mas também defendeu a presença de Teseu e Medeia na tragédia.

As mais antigas menções a Egeu, um dos filhos de Pandíon (E. *Med.* 665-6; Str. 9.1.6), são relativamente tardias e datam da primeira metade do século -V (B. 18.15; Hdt.1.173). A associação entre ele, seu filho Teseu e Medeia está razoavelmente comprovada em vasos de figuras vermelhas datados de -450/-430 (SOURVINOU-INWOOD, 1979, p. 32-5), pintados possivelmente na mesma época do *Egeu* de Eurípides. Sófocles também compôs um *Egeu* (Αἰγεύς, *Fr.* 19-25), mas ignoramos em que data e também não sabemos se essa tragédia foi representada antes ou depois do *Aeg.* euripídico. O enredo e a presença dos demais personagens do drama são igualmente incertos.

Se *Aeg.* realmente abordava o episódio da chegada de Teseu a Atenas e o envolvimento de Egeu e de Teseu com Medeia — e é muito grande esse “se” — precisamos nos guiar pelo próprio Eurípides, que em -431 contou na *Med.* 663-758 que Egeu ia até Trezena, onde Teseu foi gerado, e que Medeia iria para Atenas, afim de ajudá-lo a ter filhos (através de drogas, não necessariamente do modo tradicional), e pelas informações do Pseudo-Apolodoro e de Plutarco. A bem da verdade, são poucos os episódios do mito de Egeu conservados pelos mitógrafos e passíveis de dramatização. Um excerto do Pseudo-Apolodoro (*Epit.* 1.4-6) é a base de todas as reconstruções da tragédia até o momento, embora a correspondência entre as informações dos fragmentos seja reconhecidamente problemática:

(...) καθάρως οὖν Θησεὺς τὴν ὁδὸν ἤκεν εἰς Ἀθήνας, 5. Μήδεια δὲ Αἰγεῖ τότε συνοικοῦσα ἐπεβούλευσεν αὐτῷ, καὶ πείθει τὸν Αἰγέα φυλάττεσθαι ὥς ἐπίβουλον αὐτῷ. Αἰγεὺς δὲ τὸν ἴδιον ἀγνοῶν παῖδα, δείσας ἔπεμψεν ἐπὶ τὸν

⁴⁶⁰ Os eruditos dos dois últimos séculos têm recorrido com excessivo otimismo aos mitógrafos tardios para reconstruir o enredo de tragédias fragmentárias, notadamente as que não têm hipóteses antigas e nem *dramatis personae* bem identificadas pelos fragmentos. Para uma visão crítica das informações obtidas dos relatos do Pseudo-Apolodoro e do Pseudo-Higino, as duas fontes mais utilizadas, ver HUYS (1996 e 1997a-b).

Μαραθώνιον ταῦρον. **6.** ὥς δὲ ἀνεῖλεν αὐτόν, παρὰ Μηδείας λαβὼν αὐθήμερον προσήνεγκεν αὐτῷ **φάρμακον**. ὁ δὲ μέλλοντος αὐτῷ τοῦ ποτοῦ προσφέρεσθαι ἐδωρήσατο τῷ πατρὶ τὸ ξίφος, ὅπερ ἐπιγνοὺς Αἰγεὺς τὴν κύλικα ἐξέρριψε τῶν χειρῶν αὐτοῦ. Θησεὺς δὲ ἀναγνωρισθεὶς τῷ πατρὶ καὶ τὴν **ἐπιβουλὴν** μαθὼν ἐξέβαλε τὴν Μήδειαν.

4. (...) Depois de limpar o caminho, Teseu chegou a Atenas.⁴⁶¹ **5.** Medeia, que na época vivia com Egeu, armou um plano contra ele e persuadiu Egeu a se precaver, como se (Teseu) conspirasse contra ele. Atemorizado, Egeu, que não conhecia o próprio filho, enviou-o contra o touro de Maratona. **6.** E quando ele (sc. Teseu) o matou, ofereceu-lhe um veneno, fornecido por Medeia nesse mesmo dia. E quando a bebida estava a ponto de ser dada a ele, entregou ao pai a espada e Egeu, ao vê-la, derrubou a taça de suas mãos. Teseu foi reconhecido pelo pai e, percebendo a trama, expulsou Medeia.

É possível, portanto, que a tragédia tinha pelo menos uma cena de reconhecimento e uma cena de engano, dois recursos dramáticos muito utilizados por Eurípides. A escassa tradição anterior não menciona a tentativa de envenenamento e é razoável considerar o plano enganoso de Medeia (cf. ἐπιβουλεύω e ἐπιβουλή) uma invenção do próprio poeta. Planejado e implementado por Medeia, ele não parece muito complexo na descrição do Pseudo-Apolodoro, mas a estrutura básica certamente corresponde a uma μηχανή bem ao estilo de Medeia e de suas drogas (cf. φάρμακον, ver *Med. supra* p. 148 e *Pld.*, p. 260).⁴⁶² Note-se, mais uma vez, que o Pseudo-Apolodoro referiu-se à ἐπιβουλὴν, à ‘trama’ de Medeia.

Para atingir o objetivo de tirar o jovem Teseu de seu caminho, Medeia deve ter recorrido a uma história mentirosa, convencendo (cf. πείθει) Egeu a colocar nas mãos do filho que ele nunca vira uma taça com veneno, mas uma cena de reconhecimento entre pai e filho frustrou o plano. Essa tentativa de envenenamento, primeira e única falha de Medeia na tradição mítica, foi provavelmente relatada por um mensageiro.

Eurípides pode também ter incluído, finalmente, um ἀγών entre Medeia e Egeu, durante o qual persuadiu o rei a envenenar o jovem desconhecido (*Fr.* 7a ?).

⁴⁶¹ Teseu viajou de Trezena a Atenas para encontrar o pai, que só conhecia de nome, levando a espada e as sandálias deixadas por ele (Ps.-Apollod. 3.15.7). No caminho, liquidou bandidos e monstros que infestavam o trajeto (B. 18; Ps.-Apollod. 3.16 - *Epit.* 1.4).

⁴⁶² Van Looy (JVL, v. 1, p. 12, nota 19) também pensa assim.

2.4 *Ino* (Ἰνώ)⁴⁶³

A complexa lenda de Ino, filha de Cadmo e irmã de Sêmele, pertence ao Ciclo Tebano e também está, em grande parte, inserida nos igualmente complexos e por vezes divergentes mitos que compõem a história de Átamas, filho de Éolo e rei de Queroneia (ou de toda a Beócia). Não dispomos da hipótese da tragédia *Ino* de Eurípides, mas os fragmentos disponíveis se ajustam muito bem, segundo a maioria dos estudiosos, a uma das *fabulae* do Pseudo-Higino, sintomaticamente intitulada *Ino Euripidis*, ‘Ino de Eurípides’ (*Fab.* 4). É possível até que esse texto tenha sido baseado em uma antiga hipótese trágica.⁴⁶⁴ Ino, Átamas e Temisto são os únicos personagens que, com certeza, estavam entre as *dramatis personae*.

Fontes antigas. Dentre as diversas variantes do mito de Ino, Eurípides certamente se inspirou naquela em que Ino foi ama de Dioniso⁴⁶⁵ e se tornou, no fim da existência terrena, a deusa marinha Leucoteia, episódios conhecidos desde *Od.* 5.333-6 e *Ehoiae Fr.* 70.6-7.

Átamas casou-se primeiro com Néfele e teve com ela dois filhos, Frixo e Hele; depois, casou-se com Ino e teve mais dois filhos, Learco e Melicertes; e casou-se ainda uma terceira vez, com Temisto, e com ela teve mais filhos. Essa é, resumidamente, a sequência mais aceita dos casamentos de Átamas, conservada pelo Pseudo-Apolodoro (1.9.1-2; 3.4.3)⁴⁶⁶ e discutida em detalhes por GANTZ (1993, p. 176-80).

Em um dos episódios do mito de Átamas, Ino (a segunda esposa), tentou matar os filhos de Átamas e de Néfele (a primeira esposa), tema utilizado por Eurípides no *Phr. A* e no *Phr. B* (*infra* p. 319). Aparentemente, não há nenhum antecedente nas fontes antigas para os eventos retratados na maior parte da tragédia *Ino*, que em termos de enredo pode ser cronologicamente situada entre a criação do bebê Dioniso e a transformação de Ino em Leucoteia. Consequentemente, o que se sabe dessa parte do mito deve ter sido moldada pelos trágicos e assim chegou à época do Pseudo-Apolodoro.

Poesia trágica e *Ino*. Dentre as tragédias completas de Eurípides, há uma referência à

⁴⁶³ E. *Fr.* 398-427. Hipótese: Ps.-Hyg. *Fab.* 4, talvez. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 185-209) e CC 1, p. 438-59.

⁴⁶⁴ A controvérsia é antiga. Para as referências mais recentes, ver JVL 2 (p. 189) e CC 1 (p. 438).

⁴⁶⁵ Para outra variante do mito de Ino em relação a Dioniso, ver a análise de *Ba.* (*supra* p. 242).

⁴⁶⁶ Ferécides, por outro lado, dá o nome de Temisto à segunda esposa de Átamas (cf. Σ Pi. *P.* 4.288).

loucura de Ino e à morte de seus filhos em *Med.* 1282-9. Antes de Eurípides, Ésquilo certamente compôs uma tragédia sobre o tema, *Átamas* (Ἀθάμας, *Fr.* 1-4a), mas não conhecemos seu argumento (TrGF 3, p. 123; SOMMERSTEIN, 2008, p. 2), e Aqueu de Erétria escreveu um *Frixo* (Φρίξος, *Fr.* 38), igualmente desconhecido. Sófocles produziu pelo menos três dramas, *Átamas A*, *Átamas B* (Ἀθάμας A' e B', *Fr.* 1-10) e *Frixo* (Φρίξος, *Fr.* 721-3a), mas ignoramos se foram representados antes ou depois de *Ino* e também nem sabemos, com certeza, quais episódios do mito foram utilizados. Um dos *Átamas* de Sófocles pode ter abordado a salvação de Átamas, que ia ser sacrificado por causa da morte de Frixo (Σ^{rec.} Ar. *Nu.* 257c γ).

Reconstituição dos enganos. Quando o plano de Ino para matar os enteados falhou, ela se refugiou junto às mônades do Monte Parnasso, escondendo-se em uma caverna. Acreditando que sua segunda esposa havia morrido, Átamas casou-se então pela terceira vez e, anos depois, reencontrou Ino e a introduziu em seu palácio, como serva de Temisto, a terceira esposa. O enredo da tragédia *Ino*, que se passa diante do palácio de Átamas, na Tessália, começa talvez nesse ponto.

Ino provavelmente vestia andrajos na ocasião em que foi encontrada (ver Ar. *Ach.* 393-489 e p. 230, *supra*), situação talvez retratada por Eurípides em um prólogo apresentado por Ino (WELCKER, 1839, v. 2, p. 615-25). Collard e Cropp (CC 1, p. 439) lembram também a possibilidade de Átamas ter introduzido Ino, disfarçada de serva (e não necessariamente vestida com farrapos), ao longo da tragédia. Seja como for, o disfarce de Ino no palácio configura, por si só, um evidente engano por ilusão, do tipo “humano”, efetuado por Átamas contra Temisto.

O segundo engano da tragédia deve ter sido igualmente criação de Eurípides. Eis a passagem pertinente do Pseudo-Higino (*Fab.* 4.3-4 = test. iii / arg.):

3. *Resciit Themisto eam inuentam esse, sed quae esset nesciebat. Coepit uelle filios eius necare; rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit, et ei dixit ut filios suos candidis uestimentis operiret, Inonis filios nigris. 4.* *Ino suos candidis, Themistonis pullis operuit; tunc Themisto decepta suos filios occidit.*

3. Temisto ficou sabendo que ela [sc. Ino] havia sido encontrada, mas não sabia como se parecia. Veio-lhe a disposição de matar os filhos dela; tornou a própria Ino ciente disso, pois a considerava uma cativa, e lhe disse para cobrir seus filhos de vestes brancas e os filhos de Ino, de vestes negras. **4.** Ino

cobriu seus filhos de vestes brancas e os de Temisto, de negras; e então Temisto, enganada, matou seus próprios filhos.

Os personagens envolvidos diretamente no engano, ao qual infelizmente não podemos atribuir nenhum dos fragmentos conhecidos, são Ino, Temisto e possivelmente um Servo ou Mensageiro. O engano preparado por Ino contra Temisto era provavelmente uma μηχανή simples, efetivada pelo prosaico ato de trocar as vestes das crianças, i.e., um engano por troca. Note-se que as ‘vestes negras’ que o Pseudo-Higino diz que Ino colocou nos filhos de Temisto, para efetivar o engano, são κόσμον νεκρῶν, ‘ornamento dos mortos’, tema utilizado por Eurípides no *HF* 329 e 548 e também na *Mel. S.*, de acordo com a hipótese dessa tragédia (TrGF 5.1 Μελανίππη ή Σοφή *test.* i = *P. Oxy.* 2455). A intenção de Ino, assim como a de Temisto, era preservar os direitos de sucessão de seus filhos (*Fr.* 404).

De acordo com o cânon trágico, o plano de Ino deve ter sido mostrado em diálogos e monólogos, mas a morte dos filhos de Temisto deve ter sido relatada por um servo ou por um mensageiro. Há dois fragmentos (411 e 413), atribuídos por diversos eruditos a um diálogo entre Temisto e Ino (ver WELCKER, 1839, v. 2, p. 615-25 e Van Looy, JVL v. 2, p. 194) que podemos certamente associar à “preparação” do engano:

⟨ΘΕΜΙΣΤΩ⟩

Ἴστω δὲ μηδεὶς ταῦθ' ἃ σιγᾶσθαι χρεῶν
μικροῦ γὰρ ἐκ λαμπτήρος Ἰδαῖον λέπας
πρήσειεν ἄν τις, καὶ πρὸς ἄνδρ' εἰπὼν ἓνα
πύθοντ' ἂν ἄστοι πάντες ἃ **κρύπτειν** χρεῶν.

⟨ΙΝΩ⟩

ἐπίσταμαι δὲ πάνθ' ὅσ' εὐγενῇ χρεῶν,
σιγᾶν θ' ὅπου δεῖ καὶ λέγειν ἵν' ἀσφαλές,
ὁρᾶν θ' ἃ δεῖ με κοῦχ ὁρᾶν ἃ μὴ πρέπει,
(...)

⟨ΤΕΜΙΣΤΟ⟩

Que ninguém saiba o que é preciso calar,
pois com uma pequena chama o rochedo do Ida
alguém pode queimar; e se a um único homem contasses,
todos na cidade saberiam o que é preciso esconder.

⟨ΙΝΩ⟩

Sei tudo o que deve (saber) quem é de nobre nascimento,

silenciar quando é preciso e falar quando é seguro,
ver de que eu preciso e não ver o que não é evidente,
(...)

Minha impressão se baseia na comparação entre os dois fragmentos e a passagem do Pseudo-Higino reproduzida há pouco: *rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit*, ‘tornou a própria Ino ciente disso, pois a considerava uma cativa.’

A *fabula* 4 do Pseudo-Higino contém um particípio passado latino, *decepta*, ‘enganada’, que na hipótese perdida, em grego, certamente atribuiríamos ao léxico especializado que Eurípides utilizava na descrição de seus enganos: *decipio* seria a tradução latina de ἀπατάω (q.u. *supra* p. 14). Infelizmente não é possível, no estágio atual de nossos conhecimentos, comprovar essa suposição.

2.5 *Tieste* (Θυέστης)⁴⁶⁷

Tieste, irmão de Atreu e filho de Pélops, é personagem de uma fase do Ciclo dos Atridas que nada tem a ver com a Guerra de Troia. A pequena quantidade e a natureza inespecífica dos curtos fragmentos do *Thy.* de Eurípides, aliada à falta da hipótese, limita drasticamente o estabelecimento do enredo básico da tragédia. Como, porém, o *Fr.* 396 foi associado com razoável segurança a “Tieste” e o *Fr.* *397b a “Atreu,” é lícito supor que Eurípides tenha encenado ou pelo menos mencionado um dos muitos enganos associados aos dois irmãos.

A tragédia *Thy.* foi produzida antes de -425,⁴⁶⁸ por isso as menções de Eurípides ao personagem na *El.* (10, 613, 720 e 773), na *IT* (812) e no *Or.* (13 e 1008) são todas posteriores à primeira representação do *Thy.*

Fontes antigas. De acordo com a tradição mítica, Tieste e Atreu se odiavam profundamente e protagonizaram diversos enganos, cada um mais terrível do que o outro. Para obter um esquema razoável do mito, é preciso reunir e combinar as escassas informações disponíveis em fontes épicas (*Il.* 2.106-7, *Od.* 4.517-8, *Alcmeon. Fr.* 6), em poetas trágicos (A. Ag. 1090-7, 1191-3, 1217-44, 1583-611; E. *El.* 699-736; E. *Or.* 812-3, 1001-6, 997-1000), em

⁴⁶⁷ E. *Fr.* 391-97b. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 167-83) e CC 2 (p. 428-31).

⁴⁶⁸ Ver data de Ar. *Ach.*, informações do Σ Ar. *Ach.* 433 e a discussão da p. 230 sobre os “mendigos” de Eurípides.

Pherecyd. 3 F 133, em D. Chr. 66.6 e ainda em mitógrafos tardios (Ps.-Apollod. *Epit.* 2.10-14; Paus. 2.18.1; Ps.-Hyg. *Fab.* 88 e 246) e escólios (Σ^A *Il.* 2.105; Σ E. *Or.* 4, 15, 16, 811, 812,⁴⁶⁹ 995, 997 e 998), sem contar a *Antologia Palatina*, Ovídio, Tzetzes, o *Tieste* de Sêneca e obras pouco conhecidas de outros poetas romanos (Ácio, Ênio, Rufus, etc.). Para facilitar, apresento a seguir uma *sinopse* em três partes da história dos dois irmãos e de seus enganos, alguns já mencionados rapidamente em outras partes do estudo (*supra* p. 104, 191, 209 e 235):

(1) O primeiro engano, de natureza amorosa, corresponde ao fato de Tieste ter se tornado amante de Aérope, esposa de Atreu. O seguinte envolveu uma espécie de furto, cujo objeto foi um carneiro com velo de ouro que aparecera no meio dos rebanhos de Atreu. Atreu escondeu o carneiro e, durante a disputa pela realeza de Argos, propôs enganosamente que a posse de um velo de ouro, sinal de favor divino, seria um bom critério para definir quem seria o rei. Tieste concordou e contraenganosamente apresentou o carneiro, ou o velo, que lhe havia sido entregue previamente por Aérope, e foi então proclamado rei.

(2) Os deuses então instruíram Atreu a propor uma prova mais definitiva de seu favor, por exemplo inverter a direção do sol. Embora já fosse o rei, Tieste concordou de novo, considerando a ideia absurda. Zeus, porém, fez o sol nascer no leste e caminhar para o oeste, como hoje em dia, bem ao contrário do que acontecia naquela época, e assim Atreu recebeu a realeza, jogou Aérope no mar e exilou Tieste, provavelmente nessa ordem. Anos depois, Atreu permitiu que Tieste voltasse e lhe ofereceu um banquete de reconciliação, mas serviu ao incauto irmão pedaços dos filhos dele, assassinados em segredo.⁴⁷⁰ Depois de revelar a origem das carnes que Tieste havia ingerido, expulsou-o mais uma vez.

(3) Tieste, obedecendo a um oráculo, seduziu secretamente a própria filha, enquanto estavam em Sicíon. Ela se chamava Pelópia e pouco depois se casou com Atreu, sem saber que estava grávida do próprio pai. Esse filho, Egisto, descobriu sua verdadeira paternidade bem na hora em que ia matar Tieste, a mando de Atreu, e então Tieste e seu filho conseguiram, por sua vez, enganar Atreu e matá-lo. E de que maneira o cetro passou posteriormente de Tieste

⁴⁶⁹ Σ E. *Or.* 812 é encontrado apenas no manuscrito *Gudianus gr.* 15, datado de 1320-30 e conservado atualmente em Wolfenbüttel, Herzog August Bibliothek. O texto não está presente na edição padrão de Schw., mas pode ser encontrado nos TrGF 4, p. 162.

⁴⁷⁰ Como lembrou a personagem “Vivian” de Oscar Wilde (1854/1900) no ensaio *The Decay Of Lying: an Observation* (London: *Nineteenth Century*, janeiro de 1889): “it is none the less true that Life imitates art far more than Art imitates life.” A australiana Katherine Knight matou o namorado em 29/02/2000, cortou alguns pedaços do corpo e os cozinhou em uma panela. Pretendia servi-los aos filhos dele no jantar, mas foi impedida a tempo pela polícia (DONNELLEY, 2011, p. 6 e 248).

para Agamêmnon não foi esclarecido por nenhuma fonte antiga.

Poesia trágica e *Thy*. A discórdia entre Atreu e Tieste inspirou, além do *Thy*. euripidiano, muitas outras tragédias. O estado altamente fragmentário de todas elas, a falta de hipóteses e as escassas referências de autores da Antiguidade tornam problemáticas até mesmo suposições genéricas.

Ésquilo não parece ter abordado o mito de Tieste fora da *Oresteia*, pois só encontramos menções a ele nas passagens do *Ag.* mencionadas há pouco (ver *Fontes Antigas*). Sófocles, por outro lado, compôs um *Atreu* (ou *As Micenianas*: Ἀτρεὺς ἢ Μυκηναῖαι, *Fr.* 140-1) e, de acordo com o *P. Lond. inv.* 2110 col. i, pode ter escrito três *Tiestes* (Θυέστης A', B' e Γ', *Fr.* 247-69 e 738).

Há muitas suposições a respeito do *Atreu*, mas na verdade nada se sabe de concreto a respeito da tragédia, e há ainda a possibilidade nada desprezível de ela ser um dos *Tiestes* mencionados no papiro. Há dúvidas sobre a atribuição do *Fr.* **738 (pode ser do *Atreu* ou de um dos três *Tiestes*), mas ele menciona a inversão do caminho do sol e isso certamente comprova que Sófocles já havia recorrido ao engano associado a esse episódio (*sinopse* 2) e, possivelmente, também ao engano do carneiro de ouro (*sinopse* 1), não se sabe se antes ou depois de Eurípides. Um dos outros *Tiestes* mencionado pelo papiro é denominado *Tieste em Sición* (Θυέστης ἐν Σικυῶνι), provável alusão ao incesto praticado por Tieste e aos enganos mencionados na *sinopse* 3. Sobre o terceiro *Tieste* de Sófocles, nada temos além de altas conjeturas, frouxamente embasadas por fragmentos pouco esclarecedores.

Eurípides produziu, além do *Thy.*, uma tragédia intitulada *Plístenes* (Πλεισθένης, *Fr.* 625-33), representada em algum momento antes de -414.⁴⁷¹ Plístenes é personagem de uma genealogia alternativa dos Atridas: filho de Pélops, foi eventualmente casado com Aérope e se tornou pai de Agamêmnon e Menelau (*Ehoiae* *Fr.* 137a-c; *A. Ag.* 1569 e 1602). Nada sabemos de concreto sobre o enredo e dispomos apenas de conjeturas inspiradas pela *Fab.* 86 do Pseudo-Higino, mas sem embasamento razoável.

No século -V, além dos três grandes trágicos, Agaton compôs uma tragédia intitulada *Aérope* (Ἀερόπη, *Fr.* 1), da qual temos um fragmento com só uma palavra, e outra intitulada *Tieste* (Θυέστης, *Fr.* 3), da qual temos um fragmento de quatro versos, nenhuma delas com

⁴⁷¹ O *Fr.* 628 foi parodiado por Aristófanes (*Av.* 1232) em -414 (JVL 2, p. 542-3).

enganos suspeitos ou comprovados (ver TrGF 1 p. 161-2).

O engano do *Thy*. Sabemos que Atreu e Tieste estavam entre os personagens do drama e que, em algum momento, Tieste se apresentava em farrapos, como outros personagens da tragédia euripídiana (q.u. *supra* p. 230). Quanto ao enredo, Collard e Cropp (CC 1, p. 428-31) fizeram algumas considerações e especulações, assim como Van Looy, mas a conclusão é um resignado *non liquet* (JVL 2, p. 176), com o qual faço coro.

Para a discussão do engano podemos nos limitar, no entanto, ao estudo do *Fr.* *397b, declamado por Atreu:

ATPEΥΣ

δείξας γὰρ ἄστρον τὴν ἐναντίαν ὁδὸν
δόμους τ' ἔσωισα καὶ τύραννος ἰζόμην

ATREU

Mostrando aos astros o caminho oposto,
salvei minha casa e estabeleci a tirania

Esse fragmento foi atribuído por Aquiles Tácio⁴⁷² a Eurípides — ὁ δὲ Εὐριπίδης φησί, ‘Eurípides disse’ (*Intr. Arat.* 1.37) —, mas sem referências diretas à tragédia à qual a passagem pertence. Se o fragmento é realmente parte do *Thy.*, é provável que Eurípides tenha utilizado o célebre episódio da inversão do caminho do sol (*sinopse* 2). É igualmente provável que o engano tenha sido simplesmente mencionado, mas não se pode dizer exatamente em que parte da tragédia.

Talvez um outro engano possa ser associado a esse episódio. Atreu dispunha efetivamente de uma promessa dos deuses, mas se Tieste havia anteriormente vencido a disputa pelo reino e já era o rei de Argos / Micenas, precisava convencer Atreu a aceitar uma nova disputa, assim como o tema dessa disputa. Eurípides deve ter recorrido, portanto, a uma cena de ἀγών em que Atreu utilizou persuasivos e bem sucedidos recursos retóricos para enganar e convencer o irmão. Mas não é impossível que os dois enganos, o do carneiro dourado e o da inversão do sol, tenham sido simplesmente relatados em cena por um dos personagens, e não encenados.

⁴⁷² Comentador do poeta Arato; viveu provavelmente nos últimos séculos da Antiguidade.

2.6 *Alcmeon em Psófis* (Ἀλκμέων ὁ διὰ Ψωφίδος)⁴⁷³

Alcmeon, filho de Erífile e de Anfiarau, um dos *Sete contra Tebas*, pertence naturalmente ao Ciclo Tebano, mas a uma fase posterior desse célebre episódio. Ele foi o líder dos *Epígonos*, que conseguiram finalmente conquistar Tebas, anos depois da tentativa de seus pais. Eurípides escreveu duas tragédias intituladas *Alcmeon*, que os eruditos posteriores decidiram cognominar para facilitar a referência. Ἀλκμέων ὁ διὰ Ψωφίδος é a mais antiga das duas⁴⁷⁴ e dela temos alguns fragmentos,⁴⁷⁵ mas nenhuma hipótese.

Fontes e tragédias antigas. Assim como o mito de Anfiarau estava ligado ao episódio dos *Sete*, o de seu filho Alcmeon gira em torno da aventura dos *Epígonos*. Os poetas da *Il.* e da *Od.* certamente conheciam o mito (*Il.* 4.405-10; *Od.* 15.248), assim como os poetas cíclicos, notadamente o poeta dos *Epígonos* (Ἐπιγόνου)⁴⁷⁶ e da *Alcmeon.*, que certamente contaram toda a história, e possivelmente o poeta da *Theb.* Estesícoro (*Fr.* S148), Píndaro (*P.* 8.41-60) e Heródoto (4.32) também conheciam histórias sobre Alcmeon, mas parece que suas aventuras depois da tomada de Tebas foram conservadas somente pelos poetas trágicos, por representações artísticas, a mais antiga das quais parece ser uma ânfora de figuras negras de Orvieto⁴⁷⁷, pelos mitógrafos tardios e por Asclepiades de Trágilo (12 F 29).

A detalhada versão do Pseudo-Apolodoro (3.7.5-7) tem algumas diferenças em relação às fontes mais antigas, mas não são relevantes para o estudo da tragédia. Em resumo, Erífile foi “subornada” com o colar e o vestido que pertenceram a Harmonia, filha de Ares e Afrodite, e convenceu seu marido Anfiarau a participar do primeiro cerco a Tebas, onde ele sabia que perderia a vida. Erífile também convenceu Alcmeon a participar do segundo cerco, o dos epígonos. Depois da batalha, Alcmeon matou a própria mãe, instigado por uma recomendação feita pelo pai, antes de ir para a primeira expedição, ou por um oráculo de Apolo. Perseguido

⁴⁷³ E. *Fr.* 65-73. Ver Herman Van Looy (JVL 1, p. 81-116) e CC 1 (p. 79-85).

⁴⁷⁴ A outra, *Alcmeon em Corinto* (Ἀλκμέων ὁ διὰ Κορίνθου, *Fr.* 73a-77), foi representada em -405 juntamente com *Ba.* e *IA* (ver Apêndices B e C).

⁴⁷⁵ Os *Fr.* 78-87a podem ser atribuídos ao *Alcm. Ps.* ou ao *Alcmeon em Corinto*.

⁴⁷⁶ Poema cíclico sobre a conquista de Tebas pelos ‘epígonos,’ filhos dos membros da primeira expedição, vencida pelos tebanos. O autor pode ser Antímaco de Teos, que certamente compôs o poema muito depois do século -VIII (West², p. 9-10). Restam-nos cinco pequenos fragmentos, conservados por autores posteriores.

⁴⁷⁷ Ânfora tirreniana de figuras negras de Orvieto (Berlin, Pergamonmuseum VI 4841, fim do s. -VI)

pelas Erínias⁴⁷⁸, ele chegou a Psófis, na Arcádia, onde foi purificado pelo rei Fegeu e se casou com a filha dele, Arsinoé (ou Alfesibeia: Paus. 8.24.7), a quem presenteou o colar e o vestido de Harmonia. Posteriormente, por causa de uma praga, teve que procurar o deus-río Aqueloo e ser novamente purificado. O deus lhe deu sua filha, Calirroé, que exigiu os presentes de Harmonia para si. Alcmeon teve que voltar a Psófis e mentir, dizendo a Fegeu que só seria curado da loucura provocada pelas Erínias se consagrasse a Apolo, em Delfos, o colar e o vestido de Harmonia. Fegeu acreditou nessa falsa história e devolveu os presentes, mas acabou descobrindo o engano, graças à informação de um escravo, e ordenou aos filhos que matassem Alcmeon em uma bem sucedida emboscada.

No século -V, Ésquilo compôs uma tragédia intitulada *Epígonos* (Ἐπίγονοι, Fr. 55-6), mas do enredo temos apenas especulações. Sófocles produziu três tragédias sobre Alcmeon, *Alcmeon* (Ἀλκμέων, Fr. 108-10), *Erífile* (Ἐριφύλη, Fr. 201a-h) e *Epígonos* (Ἐπίγονοι, Fr. **185-90), e a morte de Erífile em suas mãos é mencionada nas três, mas não há evidência de nenhum engano. Aqueu de Erétria escreveu uma *Alfesibeia* (Ἀλφεσιβοία, Fr. 16) e Agaton, mais um *Alcmeon* (Ἀλκμέων, Fr. 2), mas isso é praticamente tudo o que sabemos sobre esses dramas. Finalmene, Eurípides evocou o episódio dos epígonos vários anos depois do *Alcm. Ps.*, em *Suppl.* 1213-26 (-424/-420), mas sem mencionar Alcmeon.

Possível reconstituição, possíveis enganos. É praticamente certo que, além de Alcmeon, Fegeu estava entre os personagens do drama e que a cena se passava em Psófis, diante do palácio de Fegeu. Consequentemente, a parte da lenda de Alcmeon que se refere à tentativa de recuperar os presentes dados à primeira esposa constitui, possivelmente o enredo básico do *Alcm. Ps.* Os detalhes do enredo são altamente conjecturais, mas a dramatização dessa parte do mito dá pelo menos duas ideias razoáveis.

Como a mentira de Alcmeon é parte importante dessa parte do mito, ela pode ter sido descrita ou, com maior probabilidade, apresentada em simples diálogo ou mesmo em uma cena agonística entre Alcmeon e Fegeu. Se o escravo que revelou a mentira estava efetivamente entre os personagens do *Alcm. Ps.*, proposta apresentada por SCHADEWALDT (1952)

⁴⁷⁸ A semelhança com o mito de Orestes foi notada pelos antigos estudiosos, e.g. Pl. *Alc.* 2.143 e Arist. *Po.* 1453a-b.

com base nos *Fr.* 85 e *86⁴⁷⁹ — que podem ser tanto do *Alcm. Ps.* quanto do *Alcmeon em Corinto* — a revelação da mentira (em cena semelhante à da *IA* 855-96) tem como consequência natural a emboscada e a morte de Alcmeon, que Eurípides pode ter encenado ou descrito de várias maneiras. O primeiro engano teria sido, portanto, malsucedido, e o segundo engano, bem-sucedido.

2.7 *Télefo* (Τήλεφος)⁴⁸⁰

Télefo, filho de Héracles e de Auge, filha do rei Aleu de Tegeia, Arcádia, faz parte do Ciclo de Héracles e também do Ciclo Troiano. O *Tel.* de Eurípides, inspirado em um dos numerosos episódios de sua lenda, era na Antiguidade uma de suas mais notórias tragédias, merecedora de duas longas sequências paratrágicas de Aristófanes (*Ach.* 325-556 e *Th.* 466-764; ver SILK, 1993 e REVERMANN, 2006, p. 103) e ainda de algumas críticas isoladas (*Nu.* 421-4; *Ra.* 855-64 e 1062-4).

Fontes antigas. As únicas fontes antigas são as *Ehoiae* (*Fr.* 117), para o Ciclo de Héracles, e os *Cypr.* (*Arg.* 7), Píndaro (*I.* 8.47-9-50) e alguns vasos de figuras vermelhas⁴⁸¹ para o Ciclo Troiano. Ao primeiro Ciclo pertencem as circunstâncias de seu nascimento na Arcádia, o abandono, o reencontro com a mãe e a chegada do herói à Mísia (Ásia Menor), onde se tornaria rei. Do segundo Ciclo fazem parte as histórias do envolvimento de Télefo com a primeira expedição dos gregos contra Troia, tema mítico utilizado por Eurípides em seu *Tel.*

Quando os gregos se reuniram pela primeira vez para atacar Troia, diz o poeta dos *Cypr.*, eles desembarcaram por engano na Mísia e foram rechaçados por seu rei, Télefo, mas ele foi ferido por Aquiles durante a luta. A ferida não sarava e então Télefo consultou um oráculo e foi à Grécia encontrar Aquiles, que o curou para que ele pudesse guiar os gregos até Troia.⁴⁸² Essa é a tradição mítica que inspirou Eurípides, e nela não havia, portanto, nenhum en-

⁴⁷⁹ Ver também os argumentos contrários de Van Looy (JVL 1, p. 96-7).

⁴⁸⁰ E. *Fr.* 696-727c. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 *fr.* 12 (= TrGF 5.2 Τήλεφος *test.* iiib). Ver Martin Cropp (CCL, p. 17-52), François Jouan (JVL 3, p. 91-132) e CC 2 (p. 185-223).

⁴⁸¹ Os mais antigos datam de -475/-450, e.g. uma taça ática do Telephus Painter (Boston, Museum of Fine Arts MFA 98.931, c. -470) e o *πελίκης* de Vulci atribuído a um imitador do Chicago Painter (Londres, British Museum E382, c. -450).

⁴⁸² Pequena divergência entre poemas homéricos e *Cypr. Arg.* 7: em *Il.* 1.71-2 foi o adivinho Calcas quem conduziu os gregos ao local correto.

gano.

Poesia trágica e *Tel.* Télefo é personagem de diversas tragédias representadas no século -V: *Os Mísios* (Μυσοί, *Fr.* 143-5) e *Télefo* (Τήλεφος, *Fr.* 238-40), de Ésquilo;⁴⁸³ *Os Aléades* (Ἀλεάδαι, *Fr.* 77-91), *Os Mísios* (Μυσοί, *Fr.* 409-18), *Télefo* (Τήλεφος, *Fr.* 580) e *Eurípilo* (Εὐρύπυλος, *Fr.* 206-22b), de Sófocles;⁴⁸⁴ *Auge* (Αὔγη, *Fr.* 264a-81) e *Tel.*, de Eurípides; *Télefo* (Τήλεφος, *Fr.* 2c), de Iofonte; *Os Mísios* (Μυσοί, *Fr.* 3a) e *Télefo* (Τήλεφος, *Fr.* 4), de Agaton. Dessas tragédias, está comprovado que apenas o *Télefo* esquiliano tratava do mesmo tema que o *Tel* de Eurípides. É possível, ademais, que o *Eurípilo* de Sófocles mencionasse a contribuição de Télefo à primeira expedição dos gregos, mas do *Télefo* de Sófocles, de Iofonte e de Agaton nada sabemos.⁴⁸⁵ As demais tragédias abordaram os episódios do mito de Télefo anteriores à Guerra de Troia.

O *Télefo* de Ésquilo data, possivelmente, de -470/-456, a julgar por sincronismos entre a tragédia, algumas cenas de vaso e um episódio histórico descrito por Tucídides (1.136-7; ver CSAPO, 1990). Os fragmentos sobreviventes são pouco informativos, mas acredita-se que o enredo seguia os *Cypr.* de perto e já tinha, provavelmente, a célebre cena de súplica, com Télefo e o bebê Orestes em um altar, diante de Agamêmnon e dos demais chefes gregos, representada em mais de trinta vasos conhecidos (Σ. *Ar. Ach.* 432; CSAPO, 1990, p. 42-5; SOMMERSTEIN, 2008, p. 242-3). Também não há evidências de enganos nessa tragédia.

Sumário. A despeito de sua natureza fragmentária, *Tel.* é uma tragédia razoavelmente bem conhecida. Temos uma hipótese parcial, mais ou menos 40 fragmentos, um deles com 16 e outro com 24 versos, pouco mais de 20 testemunhos antigos e uma abundante iconografia, bem mais do que dispomos para a maioria das outras tragédias gregas parcialmente conservadas. O enredo básico é semelhante, acredita-se, ao enredo do *Télefo* de Ésquilo. A cena se passa em Argos, provavelmente diante do palácio de Agamêmmon, e a maioria dos eruditos

⁴⁸³ As duas tragédias eram provavelmente parte de uma trilogia ou tetralogia; alguns autores acreditam que a tragédia *Ifigênia* era um dos outros dramas (ver TrGF 3, p. 115).

⁴⁸⁴ Consta que Sófocles escreveu uma *Telefeia* (Τηλεφεΐα), trilogia ou tetralogia baseada no mito de Télefo (cf. IG II² 3091, linha 8, c. -380). As tragédias eram, provavelmente *Aléadas*, *Mísios* e *Télefo*, mas sua composição é controversa, e alguns estudiosos sustentam que a tetralogia era, na realidade, de outro Sófocles, um dos dois trágicos *minores* com esse nome. Há também dúvidas sobre a natureza desse *Télefo*, que poderia ser um drama satírico, e não uma tragédia. Ver TrGF 4 (p. 434) e LUCAS DE DIOS (1983, p. 299-303).

⁴⁸⁵ Do *Télefo* de Iofonte também temos apenas um fragmento com o título (TrGF 1, p. 135) e do *Télefo* de Agaton temos um único fragmento de 6 versos, nada esclarecedores (TrGF 1, p. 162-3).

mais recentes concorda com a disposição da maioria das seções.

O prólogo é apresentado por Télefo, já vestido com andrajos, que se identifica, conta os antecedentes míticos e revela seu plano (concebido talvez com a ajuda de Clitemnestra) de entrar no palácio, disfarçado de mendigo. Nos episódios subsequentes, ele chega durante uma discussão entre Agamêmnon e Menelau, é inquirido e, ainda disfarçado, faz um discurso diante dos gregos, mencionando a ferida que não sara. Mas seu disfarce é descoberto (por causa do discurso?) e, depois de pegar o pequeno Orestes, ele se refugia em um altar e ameaça matar o bebê. Agamêmnon negocia, Odisseu e Aquiles chegam, Aquiles é convencido a curar Télefo e Télefo é convencido a guiar os gregos a Troia.

Tudo acaba bem, menos para os estudiosos, que ainda não conseguiram precisar exatamente em que parte dos fragmentos começa o êxodo, se Clitemnestra está presente ou não e, se ela está presente, em qual parte da tragédia aparece, e que personagem declama esse e aquele fragmento, e assim por diante...

O enganoso plano. Esse breve sumário do drama e a análise dos fragmentos sobreviventes mostram que Eurípides inventou um complexo engano para enriquecer o enredo do *Tel.* O ferido rei da Mísia provavelmente planejou entrar no palácio e, sem ser reconhecido, convencer os gregos e, mais especificamente, Aquiles, a curar sua incômoda ferida. O primeiro elemento dessa μηχανή é o disfarce de mendigo, utilizado por Eurípides pela primeira vez nessa tragédia,⁴⁸⁶ que configura um épico e “humano” subengano por ilusão e o segundo, o enganoso discurso do herói ao falar de si e de sua ferida, sem se revelar. O *Fr.* 702a, conservado pelo autor da anônima hipótese da comédia *Ach.* de Aristófanes, resume esses dois subenganos: καὶ στολισθεὶς τοῖς Τηλέφου ῥακώμασι παρωιδεῖ τὸν ἐκείνοι λόγον, ‘e, vestido com os farrapos de Télefo, ele [sc. Diceópolis] parodiou seu discurso.’⁴⁸⁷

Eis o primeiro grupo de fragmentos ligados ao primeiro subengano, provavelmente parte do prólogo enunciado por Télefo, concatenado de forma mais ou menos sequencial:

⟨ΤΗΛΕΦΟΣ⟩

Fr. 699 ἄνασσα πράγους τοῦδε καὶ βουλευμάτων

⁴⁸⁶ Possivelmente... *Tel.* é de -438; *Ino* e *Thy.* de -455/-425, *Hel.* de -412 e as demais são posteriores. Ver *Apêndices B e C* e comentários sobre os mendigos de Eurípides *supra* p. 230.

⁴⁸⁷ Aristófanes, naturalmente, não diferenciava *paratragédia* e *paródia*, como fazem os estudiosos modernos (e.g. SILK, 1993 e REVERMANN, 2006).

- (...)
- Fr. 697* πτώχ' ἀμφίβληστρα σώματος λαβὼν ῥάκη
ἀλκτήρια ... τύχης
- (...)
- Fr. 698* δεῖ γάρ με δόξαι πτωχὸν – ∞ – ∪ – ,
εἶναι μὲν ὅσπερ εἰμί, φαίνεσθαι δὲ μὴ
- (ΤÉΛΕΦΟ)
- Fr. 699* senhora destes atos e de meus planos
- (...)
- Fr. 697* tomando andrajos de mendigo como vestimenta do corpo,
remédio ... contra o acaso
- (...)
- Fr. 698* é preciso que eu dê a impressão ...,
para ser quem eu sou, mas parecendo que não.

Esses três fragmentos se referem especificamente ao disfarce de mendigo com o qual o rei da Mísia se apresentou no palácio de Agamêmnon e ao plano de recorrer a ele, provavelmente já delineado antes de sua chegada ao palácio.

No segundo grupo, o *Fr. 703* se refere provavelmente ao segundo subengano, e mais exatamente a uma frase de Télefo, diante da estranheza despertada em alguém por seu belo (e atrevido?) discurso (*Fr. 712a*), naturalmente um engano do tipo retórico:

- Fr. 712a* (?)
οὗτος, σὺ τολμαῖς πτωχὸς ὢν λέγειν τάδε;
- (?)
como tu, tu, um mendigo, ousas dizer isso?
- Fr. 703* (THΛ.)
μή μοι φθονήσῃτ', ἄνδρες Ἑλλήνων ἄκροι,
εἰ πτωχὸς ὢν τέτληκ' ἐν ἐσθλοῖσιν λέγειν.
- (TEL.)
Não tenhais má vontade contra mim, supremos líderes dos
[Helenos
se, apesar de mendigo, me atrevi a falar diante de nobres.
- Fr. 715* (?)
οὐκ ἄρ' Ὀδυσσεύς ἐστιν αἰμύλος μόνος·
χρεία διδάσκει, κἄν βραδύς τις ᾗ, σοφόν
- (?)

Odisseu não é, portanto, o único sutil com as palavras;
A necessidade ensina, mesmo se alguém é lento, a ser sábio.

O segundo verso do *Fr.* 715, provavelmente parte de um comentário do Corifeu, traz um tema já conhecido desde Thgn. (e.g. 390-3). A equiparação do “mendigo” a Odisseu, paradigma homérico da astúcia e do engano heroico, pode não ser apenas um elogio à sua capacidade retórica; o Corifeu e o Coro, constituído provavelmente por velhos guerreiros aqueus, pode ter percebido que o mendigo estava tentando enganar a todos, ali. O vocábulo σοφός, ‘sábio’ ou ‘astuto’, conforme o contexto, deve ter sido empregado na segunda acepção da palavra, ligada ao léxico da μῆτις e ao léxico da ἀπάτη, pois sabemos que, em certo momento, o disfarce de Télefo foi descoberto — talvez depois de suspeitas como essa terem sido externadas.

O último fragmento a ser discutido (727a) pertence provavelmente à “negociação” entre Télefo e Agamêmnon, logo depois da cena do altar. Como o plano inicial falhou, Télefo teve que improvisar, agarrando o bebê Orestes e negociando então suas exigências, como vimos Orestes adulto fazer no *Or.*, ao fazer Hermíone de refém (*supra* p. 238). Outra possibilidade, defendida por alguns eruditos, é que o plano inicial contou com o auxílio de Clitemnestra e já previa esse episódio. De qualquer modo, temos aqui um engano potencial, não necessariamente real, que se ajusta a esses dois possíveis cenários:

<i>Fr.</i> 727a ⁴⁸⁸	⟨THΛ.⟩	
	τὸ μὴ προδοῦναι [	53
	⟨ΑΓΑΜΕΜΝΩΝ⟩	
	κλαίω[v] πλανήσεις [	56
	⟨TEL.⟩	
	... a não trair ...	53
	⟨ΑΓΑΜΕΜΝΟΝ⟩	
	... para tua tristeza, (se) enganares ...	56

Nessa passagem, a presença de vocábulos ligados ao engano parece se referir à discussão de um acordo em que as partes garantiam que não enganariam uma à outra, assim como Zeus certa vez garantiu a Tétis que não a enganaria (*Il.* 1.503-27: *supra* p. 37). Observar o verbo πλανᾶω, ‘extraviar, desviar do caminho, desencaminhar, vagar’ que na voz ativa pode ser me-

⁴⁸⁸ = *P. Oxy.* 2460 (s. I), conservado em 52 pequenos fragmentos. Os trechos aqui apresentados estão no décimo fragmento e consistem na parte central de versos trímetros bastante mutilados.

taforicamente traduzido por ‘enganar’. O radical tem etimologia incerta.

2.8 *Filoctetes* (Φιλοκτήτης)⁴⁸⁹

Antes de Sófocles, cujo *Ph.* chegou integralmente até nós, Ésquilo e Eurípides escreveram tragédias sobre esse célebre, porém secundário personagem do Ciclo Troiano e do Ciclo de Héracles. A tragédia de Sófocles, a última a ser produzida e a única que sobreviveu, foi no entanto a mais apreciada das três.

Fontes antigas. O poeta da *Il.* mencionou brevemente em 2.718-25 que Filoctetes, o líder do contingente da Melibeia,⁴⁹⁰ jazia na Ilha de Lemnos, padecendo muito por causa de horrível ferida⁴⁹¹ produzida por uma serpente, e que logo os Argivos se lembrariam dele. Odisseu recorda, na *Od.* 8.219-20, que Filoctetes era um excelente arqueiro e os poetas dos *Cypr.* (*Arg.* 9) e da *Il. Parv.* (*Arg.* 2) contam ademais que os gregos o abandonaram em Lemnos por causa do mau cheiro da ferida.

Diomedes foi buscá-lo no último ano da guerra, pois o profeta troiano Heleno profetizara que Troia só seria tomada com sua ajuda, e ao voltar o herói foi logo curado pelo médico Macáon⁴⁹² e matou o troiano Alexandre. Já no século -V, Píndaro (*O.* 1.50-5) mencionou a lenda, sem acrescentar mais nada (WEBSTER, 1970, p. 3), e Baquílides (*Fr.* 7), mais ou menos na mesma época, disse que na verdade os gregos precisavam do arco de Héracles, que o herói dera a Filoctetes ao morrer na pira (*S. Ph.* 801-3).⁴⁹³ Essa tradição de Filoctetes ter a posse do arco remonta aparentemente a meados do século -V, época em que o arco foi representado por Polignoto (ver nota 458, p. 263) e pelo anônimo pintor de um vaso de figuras vermelhas que mostra Héracles, na pira, entregando um arco a um jovem.⁴⁹⁴

⁴⁸⁹ E. *Fr.* 787-803. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 *fr.* 17 col. xviii-xix (= TrGF 5.2 Φιλοκτήτης *test.* iiiia). Ver François Jouan (JVL 3, p. 269-312), Christopher Collard (CCG, p. 1-34) e CC 2 (p. 368-403).

⁴⁹⁰ Fica na Tessália oriental, ao norte da Magnésia.

⁴⁹¹ Ἔλκος designa tanto ferimentos em geral quanto vários tipos particulares de ferida. Cf. *Ps.-Hp. Ulc.* 1-12, etc.; ver também Potter 5, p. 10.

⁴⁹² Sabemos, pela própria *Il.* (2.729-33, 4.192-219, 11.504-18, etc.), que o médico Macáon estava presente em Troia desde o começo da luta. Porque ele, então, não curou Filoctetes dez anos antes? Típica inconsistência dos mitos e da épica...

⁴⁹³ A possibilidade de Peas, pai de Filoctetes, ter recebido de Héracles o arco que mais tarde passou ao filho, é encontrada apenas nos mitógrafos tardios, e.g. *Ps.-Apollod.* 2.7.7 e *D.S.* 4.38.4.

⁴⁹⁴ Ψυκτήρ ático de figuras vermelhas, conservado em New York (Coleção particular, c. -460).

Filoctetes na poesia trágica. Ésquilo produziu seu *Filoctetes* quase meio século antes do *Phil.* euripídiano, e Sófocles apresentou seu *Ph.* somente em -409, mais de 20 anos depois da versão de Eurípides. Sabemos que os três poetas basearam suas tragédias no episódio do “retorno” de Filoctetes a Troia (D. Chr. 52.1) e que todos recorreram a enganos no enredo. Durante o século -V, outros poetas escreveram tragédias sobre esse mesmo episódio do Ciclo Troiano: Aqueu de Erétria (Φιλοκτήτης, *Fr.* 37, talvez também os *Fr.* 44 e 45, segundo Jouan, JVL v. 3, p. 277, nota 27), Filocles, filho de Polipeito (Φιλοκτήτης, TrGF 1, p. 142), e ainda o desconhecido autor do TrGF 2 *Fr. adesp.* 654.⁴⁹⁵ O que pouco restou dessas obras não permite, infelizmente, qualquer análise (da tragédia de Filocles temos apenas o título).

A tragédia de Ésquilo (Φιλοκτήτης, *Fr.* 249-57), foi representada um pouco antes de -470, data semelhante à estimada para os poemas de Píndaro e de Baquílides (CCG, p. 2; JVL, v. 3, p. 271-2).⁴⁹⁶ Os fragmentos são muito breves e difíceis de contextualizar, mas pelo menos informam que a serpente picou Filoctetes em um dos pés (*Fr.* 252-3).⁴⁹⁷ Apesar da escassez de dados diretos, sabemos do caráter enganoso do *Filoctetes* esquiliano graças aos comentários do ῥήτωρ Díon de Prusa na oração *Sobre o arco de Filoctetes* (Περὶ τῶν Φιλοκτῆτος τόξον, c. AD 100), onde comparou os *Filoctetes* de Ésquilo, de Eurípides e de Sófocles, afirmando que as três tragédias tratavam do mesmo tema (αὐτὴν ὑπόθεσιν) e que teria ocorrido um roubo (κλοπή), uma apreensão (άρπαγή) ou que o arco de Hércules havia sido simplesmente tirado (ἀφαιρούμενος) de Filoctetes por Odisseu (52.2).

No final das três tragédias, Filoctetes retorna ao exército grego através de uma **πειθοῖ ἀναγκαίαι**, ‘persuasão forçada’, expressão que provavelmente reflete, a despeito do radical **πειθ-**, a força das circunstâncias (Filoctetes havia ficado sem o arco de Hércules) e não um engano. Ésquilo foi, aparentemente, o primeiro poeta trágico a associar a volta de Filoctetes aos enganos de Odisseu e, na interpretação de Díon, o Odisseu esquiliano era **δριμὺν καὶ δόλιον**,

⁴⁹⁵ Trecho do *P. Oxy.* 3216. Ver WEST (1977, p. 40-2) e TrGF 2 *ad loc.*

⁴⁹⁶ *Filoctetes* era, possivelmente, um dos dramas da trilogia que continha a tragédia *As Lemnianas* (Λήνιοι, *Fr.* 123a-b); ver TrGF 3 (p. 233-4 e 354).

⁴⁹⁷ Um στάμνος de figuras vermelhas de Hermonax (Paris, Musée du Louvre G 413, c. -460) mostra a serpente diante de um altar, perto de Agamêmnon, Diomedes, Aquiles e, talvez, Menelau e Palamedes (JEBB, 1906, p. xxvii-xxviii). Filoctetes está deitado com expressão dorida, mas não está indicado o local do ferimento. Um cálice-cratera ático de Agrigento, atribuído ao Altamira Painter e datado mais ou menos da mesma época (Paris, Musée du Louvre G342, c. -460), mostra Filoctetes diante do altar em Crisa, com uma serpente enrolada na perna direita picando-lhe a panturrilha. Um homem barbado com um cetro nas mãos (Agamêmnon?) acorre. Ver também JVL 3, p. 272, nota 7.

‘incisivo e artiloso’ (52.4), um típico Odisseu da poesia trágica (*infra* p. 128).

Em Ésquilo, Filoctetes está em Lemnos há anos, abandonado e revoltado, e é Odisseu quem vai até lá, sozinho, trazê-lo de volta. Sem ser reconhecido (o poeta não explica o motivo), conta uma falsa história sobre as desgraças dos gregos (Agamêmnon e Odisseu mortos, exército com muitos problemas) para impressionar Filoctetes e, em determinado momento, consegue pegar / roubar o arco, talvez durante um dos ataques de dor que acometiam o herói ferido (*Fr.* 254-5). A tragédia descrevia, sem dúvida, uma μηχανή desdobrada em três enganos menores, envolvendo recursos retóricos, talvez uma ilusão do tipo “humano” (disfarce) e, quase certamente, um furto.

A versão de Eurípides e seus enganos. O enredo do *Phil.* de Eurípides segue, em linhas gerais, o do *Filoctetes* de Ésquilo (JVL 3, p. 272), a julgar pelos restos da hipótese, pelos fragmentos e pelos preciosos comentários de Díon de Prusa na supracitada *Oração* 52 e também na *Oração* 59 (intitulada Φιλοκτήτης), da mesma época. Há, naturalmente, toques distintamente euripidianos, como o longo e detalhado prólogo (*Fr.* 787-89b), o aspecto miserável e andrajoso de Filoctetes (*Fr.* 789d.5; ver p. 230), animados debates (*Fr.* 789d e 794-99a) e inovações do mito (D. Chr. 52.13). O cenário provavelmente mostrava a entrada da caverna que abrigava Filoctetes (*Fr.* ^{**}790a) e os personagens envolvidos nos enganos eram Odisseu, Páris ? (JVL 3, p. 293), Actor (um pastor de Lemnos, D. Chr. 52.8) e, naturalmente, o próprio Filoctetes.

No prólogo, Odisseu antecipa as tentativas de persuasão (πειθώ, *Fr.* 789b.3-4) de Filoctetes e descreve a participação de Atena no seu engano (*Fr.* 789b.3):

τῆς Ἀθηνᾶς μοι παρακελευσαμένης καθ’ ὕπνους, ὥσπερ εἶωθε, θαρροῦντα ἐπὶ τὸν ἄνδρα ἰέναι· αὐτὴ γὰρ ἀλλάξειν μου τὸ εἶδος καὶ τὴν φωνήν, ὥστε λαθεῖν αὐτῷ ξυγγεγόμενον.

Atena me encorajou em sonho, como de hábito, a ter confiança e ir procurar o sujeito, pois ela mudaria minha aparência e minha voz para ele não perceber com quem estava conversando.

Essa passagem em prosa é uma citação de Díon de Prusa (59.4) e não sabemos até que ponto reproduz o texto original, mas há uma referência ao conselho (?) de Atena na hipótese trágica (Ἀθηνᾶς βου]λ-, *P. Oxy.* 2455 *fr.* 17.16), o que reforça a possibilidade de a citação ser exata.

Os elementos enganosos mencionados certamente se equiparam às ações da deusa na *Od.* 6.13-47 (*supra* p. 60) e 13.397-403 (*supra* p. 71 sqq.). Só não sabemos em que altura da tragédia a real identidade de Odisseu foi revelada.

No primeiro episódio, provavelmente, Odisseu enganou Filoctetes com uma de suas mentirosas histórias (*Fr.* 789d.8-10), como Ésquilo havia mostrado anteriormente. Ele se apresentou possivelmente disfarçado e se comportou como um grego inimigo dos gregos, em consequência de injustiças sofridas durante o cerco de Troia, e até falou mal de si mesmo, mas sem recorrer ao vocabulário específico — pelo menos no *Fr.* 789d (= *D. Chr.* 59.5-11). Mas Eurípides utilizou o léxico específico ao evocar a morte de Palamedes, filho de Náuplio, fazendo Odisseu falar a verdade a respeito do engano que vitimou esse herói, morto pelo exército grego por culpa do próprio Odisseu. Ele teria se vingado de Palamedes μετὰ δόλου τί- νός, ‘através de um engano’, κατεψευσμένος, ‘fazendo falsas acusações’ (ver análise do *Pal. infra* p. 323). Note-se que aqui, para enganar Filoctetes, Odisseu não hesitou em contar a ele até mesmo coisas verdadeiras...

Em outro engano, situado provavelmente no segundo episódio (*Fr.* 794-99a), PAREI AQUI encontramos com certeza uma das inovações de Eurípides (CC 2, p. 5, nota 2): a embaixada de troianos enviada para persuadir (πείσαντες, *Fr.* 789b.4) o hostil Filoctetes a levar seu arco para Troia. O embaixador troiano (Páris ?) e o disfarçado Odisseu debateram, aparentemente em um duelo de enganosa persuasão dirigida a Filoctetes e, em um dos versos atribuídos a Odisseu (*Fr.* 795.4-5; ver JVL 3, p. 306, nota 75), ele critica os argumentos troianos com vocábulos próprios do engano:

ὅστις γὰρ αὐχεῖ θεῶν ἐπίστασθαι πέρι, οὐδέν τι μᾶλλον οἶδεν ἢ πείθειν λέγων.	5
Quem se vangloria de conhecer os deuses, nada mais sabe do que enganar com palavras.	5

Nessa passagem, com certeza o radical πειθ- pode ser traduzido diretamente por ‘enganar’. A apreensão / roubo ou arco deve ter sido mencionada em episódio subsequente, talvez narrado por um dos personagens secundários, Diomedes ou Actor.

A versão de Sófocles. No seu *Filoctetes*, muito posterior ao de Eurípides, Sófocles manteve em linhas gerais o mesmo tema e, até certo ponto, os mesmos enganos utilizados an-

teriormente por Ésquilo e por Eurípides (D. Chr. 52.1). Embora fuja um pouco do escopo deste estudo, convém comentar pelo menos algumas características da versão sofocliana do engano de Odisseu contra Filoctetes, para dar ao menos uma ideia da influência de Ésquilo e de Eurípides no enredo do *Ph.* de Sófocles.

Sófocles recorreu, como era de se esperar, aos radicais do vocabulário do engano em vários versos, e.g. ἀπατᾶ- (1136, 1229, etc.), δολο- (91, 101, 102, 1117, 1282, etc.), κλέ/οπ- (57, 77, etc.), μάχᾶνᾶ- (1135), τεχν- (80, 88, etc.), ψευδ- (100, 108-9, 842, 1342, etc.) e, naturalmente, introduziu algumas inovações no enredo básico. Acentuou, principalmente, os traços negativos de Odisseu πολυμήχανος, ‘de muitos ardis’ (1135), que planejou o engano do qual o jovem Neoptólemo, a princípio, se recusou a participar.

Convencido (mas não enganado) pelo ardiloso companheiro, o jovem filho de Aquiles se apresentou a Filoctetes como outra vítima das injustiças de Odisseu.⁴⁹⁸ Um marinheiro grego, disfarçado de mercador, contou uma história relativamente mentirosa, reforçando assim o engano planejado por Odisseu. O arco não foi tirado e nem roubado, mas entregue por Filoctetes a Neoptólemo, antes de um ataque de dor. Neoptólemo interrompeu o engano, enfrentou Odisseu e o confronto entre Odisseu, Neoptólemo e Filoctetes chegou a um impasse, desfeito no final por uma divindade *ex machina* (Héracles), no melhor estilo de Eurípides.

O aspecto selvagem do Filoctetes de Sófocles (*Ph.* 226) seguiu, aliás, o modelo estabelecido anteriormente por Eurípides e seus mendigos (*supra* p. 230).

2.9 Os Cretenses (Κρήτες)⁴⁹⁹

Cret. é uma das poucas tragédias de Eurípides inspiradas nas antigas lendas cretenses, que remontam possivelmente à antiquíssima cultura minoica, com a qual os gregos tiveram íntimo contato durante a Idade do Bronze. As outras tragédias são Teseu (Θησεύς, *Fr.* 381-90), *As Cretenses* (Κρηῖσσαι, *Fr.* 460-470a) e Políido (Πολύιδος, *Fr.* 634-646), não analisadas neste estudo.

Fontes antigas. Na célebre sátira de Aristófanes sobre temas e técnicas dramáticas de

⁴⁹⁸ Ver comentários a respeito do Odisseu *épico* e do Odisseu *trágico* *supra* p. 128.

⁴⁹⁹ E. *Fr.* 471-472g + *Fr. inc.* 988. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 303-32), Christopher Collard (CCL, p. 53-78) e CC 2 (p. 529-55).

Eurípides, “Ésquilo” apostrofou “Eurípides” com o seguinte dístico (*Ra.* 849-50):

ὦ Κρητικὰς μὲν συλλέγων μονωιδίας,
γάμους δ’ ἀνοσίους εἰσφέρων εἰς τὴν τέχνην.
Ó compilador de monodias cretenses,
introdutor de profanos casamentos em nossa arte!

Trata-se de uma alusão mais ou menos direta aos impulsos amorosos nada ortodoxos de heroínas cretenses que o poeta havia representado em suas tragédias,⁵⁰⁰ mais exatamente Aérope, Fedra e Pasífae. Aérope é personagem de *As Cretenses*⁵⁰¹ e Fedra, do *Hipp. A* (*infra* p. 294) e do *Hipp. B* (*supra* p. 159).

Segundo o Pseudo-Apolodoro (3.1.3-4), Pasífae, mãe de Fedra e avó de Aérope, era esposa de Minos, rei de Creta. Sabemos que Posídon fez a rainha se apaixonar por um touro, que Minos se recusara a sacrificar ao deus, se unir ao touro e gerar o Minotauro, monstro com cabeça de touro e corpo de homem. Ela obteve, para isso, a ajuda de Dédalo, arquiteto ateniense que construiu uma vaca oca de madeira, recoberta com pele de uma vaca verdadeira e que andava sobre rodas, no interior da qual Pasífae se escondeu a fim de seduzir / enganar o touro.

Antes de Eurípides, há referências a essa história — e, indiretamente ao engano de Dédalo e Pasífae contra o touro — nas *Ehoiae Fr.* 93 (*supra* p. 111) e em *B.* 26 (*supra* p. 126), mas não é improvável que o mito tenha relação com antigas lendas e práticas religiosas minoicas, absorvidas e adaptadas pela tradição mítica grega bem antes do século -VI.

Τὰ Κρητικά⁵⁰² e os trágicos. As lendas cretenses e seus personagens (notadamente Minos, Pasífae e Dédalo) raramente despertaram o interesse dos poetas trágicos. Ésquilo, em *Os Cários* ou *Europa* (Κἄρες ἢ Εὐρώπη, *Fr.* 99-101) certamente mencionou Minos, mas é improvável que tenha contado a história do minotauro, pois a protagonista da tragédia era, sem

⁵⁰⁰ A relação entre a crítica de “Ésquilo” e o enredo de *Cret.* é controvertida desde a Antiguidade. Ver JVL 2, p. 316-7.

⁵⁰¹ Nessa tragédia Aérope, filha de Catreu, foi seduzida por um escravo em Creta e posteriormente tornou-se esposa de Atreu ou de Plístenes (*S. Aj.* 1295-7, *Σ S. Aj.* 1297a e *TrGF* 1 Κρησσαί *test.* *v). Sobre sua participação nos mitos dos atridas, ver análise do *Thy.* *supra* p. 270.

⁵⁰² Expressão mais ou menos consagrada pelos autores tardios para histórias, mitos e outros temas relacionados com Creta (e.g. *D.S.* 5.64.2). Aristófanes (*Ra.* 849) parece ter sido o primeiro a usar essa expressão (*supra* p. 286). Não confundir com as “mentiras cretenses” de Odisseu (ver nota 118 p. 71).

dúvida, Europa (Fr. ^{**}99). Em *Cretenses* (Κρηῖσσαι, Fr. 116-20 + ^{**}451h⁵⁰³), o poeta abordou outra das histórias de Minos, provavelmente a morte e ressurreição de seu filho Glauco.

Na tragédia *Os Adivinhos* ou *Poliído* (Μάντις ἢ Πολύιδος, Fr. 389a-400), Sófocles seguiu possivelmente o tema das *Cretenses* de Ésquilo e, no *Dédalo* (Δαίδαλος, Fr. 158-164a), provavelmente se inspirou no mito do gigantesco Talo, um dos protótipos literários dos robôs modernos.⁵⁰⁴ Em *Homens de Camicos* (Καμικοί, Fr. 323-7), Sófocles dramatizou a morte de Minos durante a perseguição a Dédalo. Assim como Ésquilo e Sófocles, Eurípides também escreveu uma tragédia sobre a morte de Glauco intitulada *Poliído* (Πολύιδος, Fr. 634-46), mas parece ter sido o único poeta trágico a se inspirar na história da paixão de Pasífae. Os poetas cômicos, por outro lado, recorreram a esse tema diversas vezes a partir do fim do século -V (ver JVL 2, p. 307-8).

Reconstituição e enganos. *Cret.* não possui hipótese mas, segundo os comentadores, os fragmentos atribuídos à tragédia pelos antigos e, em especial, os vv. 21-6 do Fr. 472 (= *P. Berol.* 13217) se ajustam perfeitamente ao relato do Pseudo-Apolodoro (3.1.3-4) sobre a paixão de Pasífae e o nascimento do Minotauro.⁵⁰⁵ Pasífae (Fr. 472e) e Minos (Fr. 472) estão, com certeza, entre os personagens do drama e, talvez, a Ama de Pasífae (ver nota 506 *infra* p. 288). Durante a tragédia, Minos é informado do nascimento do Minotauro e, ao descobrir as circunstâncias de seu nascimento, pune Pasífae e, provavelmente, Dédalo. Segundo o Σ Ar. Ra. 849, a morte de Ícaro, filho de Dédalo, era parte da trama, e assim o encarceramento de Dédalo e Ícaro no labirinto após o nascimento do Minotauro pode ter constituído a parte final do enredo trágico.

O engano contra o touro é narrado pela própria Pasífae e nota-se que Eurípides excepcionalmente seguiu a tradição com bastante fidelidade, ou então o Pseudo-Apolodoro seguiu Eurípides fielmente... Eis as passagens pertinentes dos fragmentos disponíveis, convenientemente arranjas:

⁵⁰³ = P. Oxy. 2251. Sobre a possível atribuição do fragmento à tragédia *Cretenses* de Ésquilo, ver discussão de SOMMERSTEIN (2008, ad loc.).

⁵⁰⁴ A mais antiga referência a robôs ainda é *Il.* 18.417-20, que menciona as duas servas de Hefesto ‘semelhantes a jovens vivas.’

⁵⁰⁵ TrGF 5.1 Κρητης *test.* iiii.

472b	〈ΤΡΟΦΟΣ〉 ⁵⁰⁶	
	ταύρου μέμικται καὶ βροτοῖϛ διπλῇ φύσει.	29
	στέ]ρνοις ἔφεδρον κρᾶτα τ[αύρειον φέρει.	31
472e	〈ΧΟΡΟΣ〉	
	οὐ γάρ τιν' ἄλλην φημί τολμῆσαι τάδε	1
	ΠΑΣΙΦΑ(Η)	
	νῦν δ', ἐκ θεοῦ γὰρ προσβολῆς ἐμηνάμην	9
	ἔχει γὰρ οὐδὲν εἰκός· ἐς τί γὰρ βοὸς	11
	βλέψας· ἐδήχθην θυμὸν αἰσχίστηι νόσῳ;	
	τοιῶνδε λέκτρῳ[ν οὔνεκ' εἰς] πεδοστιβῆ	17
	ρίνδον καθις[≡ – ∪ – ≡ – ∪]ται. ⁵⁰⁷	
	〈ΜΙΝΩΣ〉	
	χωρεῖτε, λόγχη[ι . . . . . ο]υμένη ⁵⁰⁸	45
	λάζυσθε τὴν πανο[ῦργον, ὦ]ς καλῶς θάνηι,	
	καὶ τὴν ξυνεργὸν [τὴνδε, δ] (...)	
988	〈ΜΙΝΩΣ〉	
	τέκτων γὰρ ὦν ἔπρασσεσ οὐ ξυλουργικά.	
472b	〈ΑΜΑ〉	
	Estão mescladas duas naturezas, de touro e de homem.	29
	Acima do peito ostenta uma cabeça de touro.	31
472e	〈CORO〉	
	Digo que nenhuma outra mulher ousaria isso.	1
	PASÍFAE	
	E então enlouqueci devido à investida de um deus.	9
	Não é nada plausível; o que havia nesse boi para ser	11
	olhado e provocar no âmagô uma vergonhosa doença ⁵⁰⁹ ?	
	Por causa de tal casamento, na pele de	17
	um animal que anda no chão ...	
	〈ΜΙΝΟΣ〉	
	Avancem com as lanças, ... -na,	45
	prendam essa malfeitora, para que tenha bela morte,	
	e também esta cúmplice aqui (...)	
988	〈ΜΙΝΟΣ〉	
	Se és construtor, não é carpintaria o que praticas.	

O *Fr.* 472b confirma que o tema da tragédia envolve o nascimento do Minotauro, que a luxú-

⁵⁰⁶ ΤΡΟΦΟΣ: Page. B (= segundo interlocutor): Kn. Ver TrGF 5.1 (p. 510), JVL 2 (p. 326) e CCL (p. 61).

⁵⁰⁷ Notação métrica: Van Looy (JVL 2, p. 330).

⁵⁰⁸ λόγχη[ι: Page. λόγχη[: Kn. Ver TrGF 5.1 (p. 515), JVL 2 (p. 329) e CCL (p. 66).

⁵⁰⁹ Em Eurípides, paixões impróprias como as de Fedra e de Pasífae são consideradas “doenças”. Ver nota 280, p. 161, sobre a “doença” de Fedra no *Hipólito B*.

ria de Pasífae foi instigada por Posídon e que o touro foi iludido por uma “vaca artificial”. E se o duvidoso *Fr.* 988 realmente pertence a *Cret.*, deve ser parte de um ἀγών entre Minos e Dédalo, e esse verso de tom acusador só pode ter sido enunciado por Minos (JVL 2, p. 316-7; CCL, p. 67). Eurípides não utilizou, nessas passagens, o léxico do engano.

O engano de Pasífae contra o touro tem nítidos paralelos com o de Fedra contra Hipólito no *Hipólito B* (p. 159 sqq.)⁵¹⁰, embora o tipo de engano seja diferente. Em ambas as tragédias há uma divindade instigadora (*Hipp. B.*, Afrodite; *Cret.*, Posídon), uma paixão disruptiva (*Hipp. B.*, Fedra por Hipólito; *Cret.*, Pasífae pelo touro), uma cúmplice (a Ama das rainhas), o engano propriamente dito (*Hipp. B.*, engano à distância; *Cret.*, engano por ilusão “humano”) e a punição final da enganadora (*Hipp. B.*, suicídio; *Cret.*, prisão e morte). Minos efetivamente condenou Pasífae à morte (*Fr.* 472e), mas a parte final da tragédia não chegou até nós e, consequentemente, não sabemos qual a exata versão de Eurípides para o destino final de Pasífae. Na versão do Pseudo-Higino (*Fab.* 40), depois do episódio do Minotauro ela estava viva o bastante e com recursos suficientes para tirar Dédalo da prisão: ... *Pasiphae eum (sc. Daedalum) uinculis liberauit*.

Quanto ao destino dos enganados, o inocente Hipólito morreu nos braços de Teseu (*Hipp. B.* 1457-8), mas o touro de Pasífae parece ter-se saído muito bem — a não ser que Minos tenha, finalmente, cumprido sua promessa de sacrificá-lo a Posídon, o que nem a tradição mítica e nem Eurípides revelam.

2.10 *Estenebeia* (Σθενεβοία)⁵¹¹

“Estenebeia ” é o o nome trágico de Anteia, esposa de Preto, o antigo rei da Argólida (cf. nota 83, *supra* p. 48) que abrigou o jovem herói Beleronte, oriundo de Corinto.⁵¹² Estenebeia é uma das mais antigas enganadoras humanas da literatura grega.

Fontes antigas e tragédias. Preto, Estenebeia-Anteia e Belerofonte são personagens bem conhecidos do poeta da *Il.*, que descreveu o mal sucedido e célebre engano intentado por

⁵¹⁰ E também, é claro, com a versão euripidiana precedente (ver *Hipp. A.*, p. 294 sqq.).

⁵¹¹ E. *Fr.* 661-672. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 *fr.* 5-6 (= TrGF 5.2 Σθενεβοία, *test.* iia) e Jo. Log. 146-7. Ver François Jouan (JVL 3, p. 1-27), Christopher Collard (CCL, p. 79-97) e CC 2 (p. 121-41 – mas na p. 121, onde se lê “Anticleia”, leia-se “Anteia”).

⁵¹² Na Antiguidade, Corinto e Sicíon reivindicaram o herói Belerofonte (NILSSON, 1932, p. 29-30).

Anteia e Preto contra o jovem Belerofonte em 6.152-210. Todos os elementos do *tema de Putifar* (q.u. *supra* p. 48 sqq.) já estão presentes na *Il.*, mas a associação do herói com o cavalo alado Pégaso, outro “personagem” da *Sthen.*, foi mencionada pela primeira vez por Hesíodo na *Th.* 319-25 e desenvolvida posteriormente por Píndaro na *Ol.* 13.60-92b.

Sófocles escreveu uma tragédia intitulada *Iobates* (Ιοβάτης, *Fr.* 297-9) que, a julgar pelo título,⁵¹³ abordava parte da história de Belerofonte e alguns dos enganos relacionados com essa parte da lenda. Mas nada sabemos realmente de concreto sobre o tema e sobre a data da tragédia, que pode até ser posterior à de Eurípides.

Também não sabemos se *Sthen.* foi representada antes ou depois do *Hipp. B* (*supra* p. 159 sqq.), única das tragédias completas em que Eurípides utilizou o “tema de Putifar.” Graças à hipótese e aos primeiros versos do prólogo, registrados no mesmo papiro que conservou a hipótese, e às informações conservadas por Ioannes Logothetes,⁵¹⁴ sabemos que ela se passava em Tirinto (*test. iia*), certamente diante do palácio de Preto, e que pelo menos três personagens envolvidos nos enganos — Preto, Estenebeia e Belerofonte — estão presentes, além da Ama de Estenebeia. Preto é o rei de Tirinto.

A hipótese, os primeiros versos do prólogo e os poucos fragmentos disponíveis, associados ao que sabemos sobre os procedimentos cênicos habituais de Eurípides, permitem uma reconstituição aproximada da estrutura da tragédia, que já discuti em outra oportunidade;⁵¹⁵ no presente estudo serão enfatizadas apenas as características dos enganos encenados ou relatados por Eurípides e sua possível relação com os diálogos, monólogos e cantos.

O poeta emoldurou a *Sthen.* com pelo menos três enganos relativamente complexos, todos descritos de forma explícita pelo autor da hipótese. Quanto aos fragmentos da tragédia, alguns são certamente parte das cenas em que Eurípides mencionou ou apresentou os enganos, mas, com exceção de dois, não parecem pertencer às ações enganosas propriamente ditas.

Os enganos da hipótese. O primeiro engano é a mentira (calúnia) de Estenebeia, a falsa

⁵¹³ Na *Il.*, o nome do rei da Lícia, sogro de Preto, não é revelado. “Iobates” aparece pela primeira vez nas *Ehoiae Fr.* 48a. O Σ^{AB} *Il.* 6.155, sem dúvida de época posterior, esclarece também o nome do rei.

⁵¹⁴ Erudito bizantino, viveu no s. XI e escreveu um comentário sobre o tratado de retórica de [Hermógenes] intitulado Περὶ μεθόδου δεινότητος, ‘Método de clareza do discurso’ (ver Rabe).

⁵¹⁵ Reconstituição aproximada do enredo dessa tragédia e abordagem preliminar dos enganos da *Sthen.* foram apresentados na comunicação *O engano de Belerofonte na Estenebéia de Eurípides*, XXV Semana de Estudos Clássicos, Araraquara (SP), em 5 de outubro de 2010, já publicada (RIBEIRO JR., 2011, p. 220-5).

acusação contra o virtuoso Belerofonte, elemento essencial do engano empreendido pela rainha para se vingar do herói. O segundo é um malsucedido tele-engano: Preto é o enganador e Belerofonte, o enganado. A intenção de Preto era matar Belerofonte sem se manchar, por causa do vínculo hospedeiro-hóspede e, aparentemente, tanto ele quanto Estenebeia procederam de acordo com o texto da *Il.* (*supra* p. 48), como se vê pela passagem relevante da hipótese (*test. iia.9-17*):

(...) ἡ γυνή δὲ αὐ-	
τοῦ τὸν ξένον ἡγάπησε. τυχεῖν δὲ οὐ	10
δυναμένη τῶν ἐπιθυμηθέντων δι-	
έβαλεν ὡς ἐπιθέμενον αὐτῇ τὸν	
Κορίνθιον. [ξένο]ν. πιστ[εύσας δὲ ἐκεί-	
νη] ὁ Προΐτος αὐτὸν εἰς Κάριαν ἐξ-	
έπεμψε, ἵνα ἀπόληται· δέλτον γὰρ	15
αὐτῷ δοὺς ἐκέλευσε πρὸς Ἰοβάτην	
διακομίζειν.	
(...) mas a mulher de-	
le se apaixonou pelo hóspede. Como não	10
pôde realizar seus desejos, ela acusou o	
hóspede Coríntio de atacá-la. Acreditando	
nela, Preto o enviou à Cária,	
para que fosse morto; deu-lhe uma carta	15
e ordenou que a levasse para	
Iobates.	

Como na *Il.*, Belerofonte venceu todos os obstáculos, sobreviveu a tudo e, conseqüentemente, o casal real falhou clamorosamente.

Já o terceiro engano, este certamente inventado por Eurípides, foi bem sucedido. Ao invés de continuar na Lícia, conforme o relato da *Il.*, Belerofonte retornou para se vingar de Estenebeia e de Preto. Ainda de acordo com a hipótese, o herói preparou uma μηχανή simples, constituída apenas por dois elementos: a persuasão de Estenebeia e o ato que levou a rainha à morte. O ‘hóspede Coríntio’ começou o plano com uma história falsa, dizendo à rainha que seus sentimentos haviam mudado, para convencê-la a fugir com ele. Eurípides deve ter mostrado essa parte em um diálogo, pois parece ser do tipo retórico e envolveu persuasão. O segundo elemento é uma ação curta e direta, o empurrão que derrubou a rainha de cima de Pégasos (*test. iia.22-9*):

(...) ἀνέσει-
σε δὲ τὴν Σθενέβοιαν ὥς <εἰς> τὴν Καρίαν ἀπά-
ξω ν. Μαθὼν δὲ παρὰ τοῦ ἐκ Προΐτου δευτέ-
ραν ἐπιβουλήν φθάσας ἀνεχώρησεν. ἀνα-
θέμενος δὲ ἐπὶ τὸν Πήγασον τὴν Σθενέ-
βοιαν μετέωρος ἐπὶ τὴν θάλασσαν ἦρθη.
κατὰ Μῆλον τὴν νῆσον γενόμενος ἐκεί-
νην ἀπέρριψεν.

25

(...) e ele [sc. Belerofonte] encora-
jou Estenebeia, fingindo que a levaria para a Cá-
ria.⁵¹⁶ Ao saber, por alguém da casa de Preto, que o se-
gundo plano estava a caminho, foi-se. Fez
Estenebeia montar Pégaso,
subiu aos ares, acima do mar e, chegando
às proximidades da ilha de Melos,
jogou-a. (...)

25

O autor da hipótese recorreu ao verbo διαβάλλω, ‘caluniar’, para identificar o subengano de Estenebeia e o substantivo ἐπιβουλή, ‘plano’, para se referir indiretamente ao subengano de Preto, que falhou, e ao complô que não chegou a se realizar. O vocabulário especializado não está presente somente de forma explícita na descrição dos enganos, pois o autor recorreu duas vezes ao sintagma ὥς + particípio para indicar uma circunstância com motivo suposto, não real e enganoso (ὥς ... ἐπιθέμενον, no primeiro subengano; ὥς ... ἀπάξων, no terceiro).

Dois fragmentos com enganos. O primeiro fragmento, parte do prólogo, relata brevemente a tentativa de sedução de Belerofonte, elemento preliminar do primeiro engano. Os avanços de Estenebeia haviam começado, do ponto de vista cronológico, antes dos eventos descritos na tragédia (*Fr.* 661.4-13):

⟨ΒΕΛΛΕΡΟΦΟΝΤΗΣ⟩

Πολλοὺς δὲ πλούτῳ καὶ γένει γαυρουμένους
γυνὴ κατήσχυν' ἐν δόμοισι νηπία.
Τοιαῖδε Προΐτος <γῆς> ἄναξ νόσῳ νοσεῖ·
ξένον γὰρ ἱκετὴν τῆσδ' ἔμ' ἐλθόντα στέγης
⟨.....⟩
Λόγοισι πείθει καὶ δόλῳ θηρεύεται
κρυφαῖον εὐνῆς εἰς ὀμιλίαν πεσεῖν.

5

⁵¹⁶ Região costeira da Ásia Menor, situada ao sul da Lídia.

Αεὶ γὰρ ἥπερ τῷδ' ἐφήστηκεν λόγῳι 10
 τροφὸς γεραῖα καὶ ξυνίστησιν λέχος,
 ὕμνεϊ τὸν αὐτὸν μῦθον· ὃ κακῶς φρονῶν,
 πίθου· τί μαίνησι; τλήθι δεσποίνης ἐμῆς
 ⟨.....⟩

⟨BELEROFONTE⟩

Muitos homens que de fortuna e nascimento se orgulham,
 são por uma mulher tola, em casa, desonrados. 5
 Essa é a doença que aflige Preto, senhor desta terra.
 Desde que cheguei como hóspede e suplicante a este teto,
 ⟨.....⟩
 ela diz palavras persuasivas e me persegue com artifícios
 para eu, em segredo, me juntar (a ela) em sua cama.
 E manda a velha ama sempre com essas 10
 palavras, me unir ao seu leito,
 cantando a mesma ladainha: “Imprudente,
 cede! Que loucura é essa? Submete minha senhora.”
 ⟨.....⟩

Note-se a presença do léxico do engano (πεῖθω, δόλος), o que de certa forma prenuncia o engano de Estenebeia contra o hóspede do marido.

O segundo fragmento contém um diálogo, atribuído por um dos antigos escoliastas de Aristófanes (Σ^V Ar. *Pax* 126a) a Estenebeia e Belerofonte (cf. Ar. *Pax* 124-6). Pelo conteúdo, pode ter sido parte da cena de persuasão em que o herói convenceu a rainha a “fugir” com ele. Eis a reconstituição do *Fr.* 669:⁵¹⁷

⟨ΣΘΕΝΕΒΟΙΑ⟩

πέλας δὲ ταύτης δεινὸς ἵδρυται Κράγος
 ἔνθηρος, ἧ ληστῆρσι φρουρεῖται ⟨πόρος⟩
 κλυδῶνι δεινῷ καὶ βαρυστόνῳ βρέμων.

⟨B.⟩ πτηνὸς πορεύσει ⟨πῶλος· οὐ ναυσθλώσομαι⟩.

⟨ESTENEBEIA⟩

perto dela está o terrível Crago,⁵¹⁸
 infestado de feras, ⟨passagem⟩ vigiada por bandos de ladrões,
 bramindo pelo golpe de terríveis e pesadas vagas.

⁵¹⁷ **Dramatis personae.** ⟨ΣΘΕΝΕΒΟΙΑ?⟩: Jouan, na trad. A (= primeiro interlocutor): Kn. **2.** ⟨πόρος⟩: Jouan. ⟨ ~ - ⟩: Kn. **3.** βρέμων: Jouan. βρέμει: Kn. **4.** ⟨ ⟩: Jouan. sine ⟨ ⟩: Kn.

⁵¹⁸ Monte situado na costa ocidental da Lícia.

⟨B.⟩ o ⟨potro⟩ alado atravessará; ⟨não irei pelo mar⟩.

Nessa tragédia há diversos elementos não enganosos que, de certa forma, caracterizam a paixão da rainha pelo herói e antecipam, por comparação, a calúnia de Anteia-Estenebeia. Eurípides utilizou-os também no tema de Putifar do *Hipp. B*: a paixão da rainha é considerada uma doença (cf. *Hipp. B* 731 e *Sthen. Fr.* 661.6: *supra* p. 34); a Ama é a intermediária do impróprio amor da rainha (cf. *Hipp. B* 651-2 e *Sthen. Fr.* 661.10-3); o alvo do amor proibido recusa virtuosa e um tanto violentamente as propostas amorosas (cf. *Hipp. B* 601-2, 651-63 e *Sthen. Fr.* 661.15-21) e profere uma série de frases misóginas (cf. *Hipp. B* 616-50, 665-8 – ver p. 161 – e *Sthen. Fr.* 661.22-6, e também o *Fr.* 666).

2.11 O primeiro *Hipólito* (Ἰππόλυτος Α')⁵¹⁹

O primeiro *Hipp.* de Eurípides, conhecido entre os comentadores antigos por *Hipólito Velado* (Ἰππόλυτος Κατακαλυπτόμενος, e.g. Poll. 9.50), se baseia no mesmo tema de Putifar e no mesmo episódio mítico descrito na análise do *Hipp. B* (p. 159 sqq.) Acredita-se que *Hipp. A* não foi bem recebido pelo público ateniense (Ar. Byz. Arg. E. *Hipp. B*)⁵²⁰ e que seu enredo está mais próximo do mito original do que o do *Hipp. B*. (Asclep. Tragil. 12 F 28).

As fontes antigas e outras tragédias do século -V relacionados com o *Hipp. A* foram já analisadas juntamente com o *Hipp. B* (q.u. *supra* p. 159-164). É grande a quantidade de estudos comparativos entre os dois *Hipp.*, mas nenhum deles parece ter se dedicado aos enganos das duas tragédias.⁵²¹

Reconstrução e carta. As tentativas de reconstrução do *Hipp. A* dependem do pouco que se conhece sobre o mito, dos escassos fragmentos, de uma hipótese igualmente fragmentária encontrada em dois papiros (*P. Mich.* 6222A e *P. Oxy.* 4640),⁵²² de uma citação de Aris-

⁵¹⁹ E. Fr. 428-447 + 447a Van Looy. Hipótese: TrGF 5.1 Ἰππόλυτος Α' iia-b (q.u. tópico *Reconstrução e Carta*). Ver HALLERAN (1995, p. 25-37), Herman Van Looy (JVL 2, p. 221-48) e CC 1 (p. 466-89).

⁵²⁰ *Hipp.* recebeu duras críticas de Aristófanes (*Ra.* 1043 e 1052-4; *Th.* 491-8), mas não está claro se a crítica se referia especificamente ao comportamento de Fedra no *Hipp. A*.

⁵²¹ Ver as referências bibliográficas mais recentes em CC 1, p. 466.

⁵²² *P. Oxy.* 4640, do s. I ou do início do s. II, é uma das mais recentes adições ao *corpus euripideum*. Já se sabe, no entanto, que a parte do fragmento que menciona o *Hipp. A* é praticamente igual à do *P. Mich.* 6222A, este conhecido há mais tempo (ver LUPPE, 1994; MAGNANI, 2004; CC 1, p. 474-5).

tófanes (*Ra.* 1043) e seu escólio, e de uma breve menção encontrada na *Vit. Eur.* iii.2.

Todas as reconstruções são altamente conjecturais e Van Looy, Collard e Cropp não aceitam, a meu ver com toda razão, certas suposições baseadas na *Fedra* de Sêneca, encampadas por outros eruditos. Mas a maioria dos estudiosos concorda com a presença dos seguintes elementos (cito apenas os relevantes para o estudo do engano): o local (Trezena), a paixão de Fedra por Hipólito, a revelação da paixão, talvez por iniciativa da própria Fedra, a recusa de Hipólito, a acusação mentirosa, a morte de Hipólito e a morte de Fedra.

Nenhum dos vinte fragmentos do *Hipp. A* comprova diretamente a presença do engano “à distância” que já encontramos no *Hipp. B* (p. 161). Um dos *fragmenta incerta* tentativamente atribuídos ao *Hipp. A* por Van Looy (JVL 2, p. 248), encontrado em uma passagem do gramático Filemon de Atenas⁵²³ (Philem. *Lex.* s.u. βίβλος) e não aceito por Kn. é o único que menciona especificamente a carta (*Fr.* 447a):

Οἱ δὲ παλαιοὶ καὶ ἐν τῇ κατ’ Εὐριπίδην Φαίδραι, ἔνθα μνήμη πεύκης κεῖται, φασὶ πεύκεν ῥηθῆναι τὴν ἐν τῇ χειρὶ τῆς Φαίδρας δέλτον, τὴν κατὰ τοῦ Ἴππολύτου, ὡς ξυλίνην οὖσαν καὶ ἴσως ἐκ πεύκης.

Os antigos dizem que também na *Fedra* de Eurípides, onde se faz menção a πεύκες, πεύκεν⁵²⁴ se refere à tabuinha na mão de Fedra, aquela contra Hipólito, pois ela é de madeira e feita, igualmente, de madeira de pinho.

O principal problema desse fragmento é a ausência de uma tragédia intitulada *Fedra* no catálogo das obras de Eurípides (ver *Anexo A*, p. 437). Filemon não pode ter mencionado o *Hipp. B*, pois nessa tragédia a única menção a πεύκη está no v. 1254 e se refere às árvores da floresta do Monte Ida. O mais provável é ter ocorrido uma troca inadvertida de nomes, e ele escreveu ‘Eurípides’, ao invés de ‘Sófocles’; o problema é que Sófocles efetivamente escreveu uma *Fedra*, mas não há, nos fragmentos conhecidos, nem carta e nem a palavra πεύκη — o que, naturalmente, não exclui a possibilidade de sua Fedra ter recorrido ao expediente da carta e do engano à distância.

O dado mais importante na discussão dos enganos do *Hipp. A* é, certamente, a presença

⁵²³ Poeta e erudito ateniense muito pouco conhecido, não deve ser confundido com os poetas cômicos homônimos. Várias vezes citado por Ateneu, exhibe conhecimentos de língua grega e de língua latina: escreveu um léxico de palavras áticas relacionado com o aticismo e a *Segunda Sofística* e deve ter vivido, portanto, no final do s. II.

⁵²⁴ Πεύκη, ‘pinho’, ou qualquer coisa feita de madeira de pinho.

ou ausência da carta de Fedra: com a carta, o tele-engano está certamente presente; sem a carta, trata-se de um engano muito menos complexo, que envolve a simples mentira ou calúnia e suas consequências. Segundo Van Looy, apenas Welcker (1839) defendeu a presença da carta de Fedra; Séchan (1926), Barrett (1964), Luppe (1994), Halleran (1995) e o próprio Van Looy acreditam que Fedra faz a acusação ao enteado de viva voz, diante do marido. A meu ver, o *Fr.* 440 efetivamente ampara essa suposição, apesar do tom generalizador:

Θησεῦ, παραινῶ σοὶ τὸ λῶιστον, εἰ φρονεῖς,
γυναικὶ **πεῖθου** μηδὲ τάληθ' ἰκλύν.

Teseu, advirto-te que é melhor, se és prudente,
não confiar em mulher, mesmo ouvindo (dela) a verdade.

As palavras se ajustam perfeitamente ao conselho do Corifeu ou de um servidor de Teseu para ele “não confiar muito nas palavras de uma mulher” (Van Looy, v. 2, p. 234) — certamente palavras ditas, não escritas. Note-se a presença do verbo *πεῖθω*, que pertence ao vocabulário do engano. Por outro lado, a hipótese fragmentária parece conter formas do verbo *χαράσσω* (*χαράξασα* e *ἔνχαρ*[], respectivamente), ‘gravar, riscar, rabiscar’, que poderiam ter sido empregadas em relação a uma tabuinha escrita (Collard e Cropp, CC 1, p. 474-7).

Mais um engano. É possível que, além do engano contra Teseu, produzido pela mentira oral ou escrita de Fedra, o *Hipp. A* tivesse ainda um segundo engano, em que Teseu foi o enganador e Fedra, a enganada. No *Hipp. B*, a morte de Fedra ocorreu antes da morte de Hipólito (905-10) e Teseu ficou sabendo do plano arquitetado por ela através de Ártemis (1296-1312). Em sua análise da hipótese fragmentária do *Hipp. A*, Van Looy (JVL 2, p. 237-8) supõe, por outro lado, que Fedra ainda vivia depois da morte de Hipólito, que Teseu tinha dúvidas sobre a culpa do filho e que um plano foi arquitetado para revelar a verdade. Não se pode descartar, porém, a possibilidade de que as dúvidas acometeram Teseu depois de exilar o filho e antes de receber a notícia de sua morte.

Eis a passagem pertinente da hipótese (*fr.* b) com as conjecturas de Wolfgang Luppe, reproduzida por Van Looy (*idem*, p. 236):

τοῦτον [
ἴπ] πολύτου στολήν[

]κίαν ἐκέλευσε[ν
 κα]λυψάμενον τοῦ[ς
 ὀφθαλμούς ἐπὶ τῆς ἐσ]τίας καθίσαι λη-
 ψόμενον παρὰ Φαίδρα]ς ἀληθῆ τῶν π[-
 ρὶ τοῦ ἔρωτος αὐτῆς ἔλ]εγchon. γενομε-
 ] ἡ μὲν Φαίδρα
 ]ν ἐξή-
 τησε(ν) ὁ δὲ θερ]άπων
 ele ...
 ... a veste de Hipólito ...
 ... e lhe ordenou ...
 cobrir os olhos, sentar-se no altar e re-
 ceber de Fedra a verdadeira prova
 de seu amor.
 e Fedra ...
 ... pro-
 curou o servidor ...

De acordo com Van Looy (JVL 2, p. 237-8),

quelqu'un donne l'ordre à une personne de se déguiser en empruntant les vêtements d'Hippolyte et de cacher sa figure, manifestement pour empêcher d'être reconnu, et de s'asseoir près ou sur un autel pour écouter les aveux d'une personne qui ne peut être que Phèdre.

Teríamos então, nesse caso, uma μηχανή arquitetada por “alguém” (o próprio Teseu, segundo Luppe e Van Looy, p. 238) com a finalidade de obter de Fedra a verdade (*Fr.* 440-1), depois da morte de Hipólito (*Fr.* 442). Exposta a mentira, Fedra se suicida e Hipólito é reabilitado *post mortem* (*Fr.* 446). Se estava realmente presente, esse engano foi inventado por Eurípides.

Consequentemente, ao invés de vítima dos desígnios de Afrodite e dos desastrosos expedientes (μηχαναῖς) da Ama (*Hipp. B.* 1298-1306), a Fedra do *Hipp. A* seria uma espécie de vilã que teria revelado pessoalmente sua paixão ao enteado (*Fr.* 436), mentido e provocado a morte de um inocente para se vingar e para ocultar seus erros diante do marido. Isso de certa forma justifica a má impressão que a personagem parece ter provocado no público ateniense, representada nos textos conhecidos pelas críticas de Aristófanes.

2.12 *Fênix* (Φοῖνιξ)⁵²⁵

Fênix, o idoso preceptor de Aquiles, é o principal personagem de um engano descrito na *Il.* 9.432-95 e já detalhadamente estudado na análise do poema (*supra* p. 49), principal e única fonte do mito até o fim do século -V. A história parece uma versão regional do tema de Putifar e foi reproduzida pelo poeta da *Il.* a título de *exemplum*. Como a passagem descreve parte da vida de Fênix antes da Guerra de Troia, o episódio deve ser considerado uma pequena parte das etapas preliminares do Ciclo Troiano.

Poesia trágica e *Pho*. Apesar da importância relativamente secundária do idoso Fênix nos poemas homéricos, quatro tragédias com enredos associados a essa aventura juvenil foram representadas em Atenas durante o século -V: uma de Sófocles (Φοῖνιξ, *Fênix*, Fr. 718-20), duas de Íon de Quios (Φοῖνιξ uel Καίνεύς, *Fênix* ou *Caineu*, Fr. 36-41b; Φοῖνιξ Β', *Fênix B*, Fr. 42-3) e o *Pho*. euripídiano.

Jouan (JVL 3, p. 315) considera o *Fênix* de Sófocles a mais antiga do grupo, mas quanto às demais é difícil estabelecer a ordem exata de representação. A tragédia de Eurípides foi provavelmente representada entre -438 e -428 (*Apêndices B-C*, p. 431 e 432), mas esse intervalo pode sem dúvida ser expandido para -455/-429 (ver CROPP e FICK, 1985, p. 70). As duas tragédias de Íon de Quios, sobre as quais nada sabemos, devem ter sido representadas durante seu período de atividade em Atenas, entre -451 e -421 (Suid. s.u. Ἴων e Ar. *Pax* 835-7; ver JENNINGS e KATSAROS, 2007, p. 2). Como se vê, as datas das tragédias de Eurípides e de Íon de Quios são superponíveis.

É difícil ter certeza por causa dos escassos fragmentos sobreviventes, mas parece que Sófocles se inspirou diretamente na *Il.* e no engano descrito. O Fr. 719 contém uma única palavra, ὑπόστασις, acompanhada de uma tradução latina, *insidiae*, conservada pelo escritor cristão Sócrates Escolástico⁵²⁶ a propósito de uma discussão sobre o significado das palavras ουσία e ὑπόστασις (*Hist. Eccl.* 3.7.56-7): παρὰ μὲν γὰρ Σοφοκλεῖ ἐν Φοῖνικί ἐνέδραν σημαίνειν τὴν ὑπόστασιν, 'pois Sófocles, no *Fênix*, usa ὑπόστασιν com o sentido de *emboscada*'. A

⁵²⁵ E. Fr. 803a-818. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 fr. 14 col. xvii (= TrGF 5.2 Φοῖνιξ test. iia). Ver François Jouan (JVL 3, p. 313-38) e CC 2, p. 405-21.

⁵²⁶ Também chamado de Sócrates de Constantinopla, viveu nessa cidade entre 380 e 440, aproximadamente. Sua única obra conhecida é a *História Eclesiástica*.

palavra ὑπόστασις (assim como a palavra correspondente em latim) é naturalmente parte do léxico circunstancial do engano sofocliano.⁵²⁷ O radical básico é σΎ-, o mesmo do verbo ἵστυμι.

Outro fragmento (720), constituído pela expressão φορβάς γυνή, ‘mulher que se prostitui’ e conservado por Eustácio (*Il.* 2.57.2), pode ser uma referência não muito elegante à concubina de Amíntor. Há, portanto, argumentos favoráveis à hipótese de que Sófocles utilizou, nessa tragédia, um engano que envolvia o jovem Fênix, a concubina e o rei Amintor; só não podemos dizer, com certeza, se ele apresentou o engano conforme a descrição da *Il.* ou se introduziu alguma variação significativa.

Eurípides. Sobre o *Pho.* de Eurípides estamos, felizmente, mais bem informados, e parece que Eurípides se desviou um pouco do relato do poeta da *Il.* A cena se passa diante do palácio de Amíntor, na Tessália, e dentre os personagens do drama é certa apenas a presença de Amíntor (*Arg.*), assim como a de Fênix (*Fr.* 816).

A hipótese que chegou até nós é curta demais para suposições, porém um mito sobre o herói ático Anagiros, epônimo de um dos demos da Ática, foi conservado pelo filósofo Hierônimo de Rodes⁵²⁸ e se ajusta razoavelmente aos fragmentos conhecidos, além de ter merecido uma comparação direta com o *Pho.* de Eurípides. Essa passagem configura, de certa forma, uma verdadeira hipótese (Suid. s.u. Ἀναγυράσιος):

ὁ δὲ τῷ υἱῷ αὐτοῦ ἐπέμνην τὴν παλλακὴν, ἥτις μὴ δυναμένη συμπεῖσαι τὸν παῖδα διέβαλεν ὡς ἀσελγῇ τῷ πατρί. ὁ δὲ ἐπήρωσεν αὐτὸν καὶ ἐγκατακοδόμησεν. ἐπὶ τούτοις καὶ ὁ πατὴρ ἑαυτὸν ἀνήρτησεν, ἡ δὲ παλλακὴ εἰς φρέαρ ἑαυτὴν ἔρριπεν. ἱστορεῖ δὲ Ἰερώνυμος ἐν τῷ περὶ τραγωιδιοποιῶν ἀπεικάζων τούτοις τὸν Εὐριπίδου Φοίνικα.

Ele (sc. Anagiros) fez a concubina se apaixonar loucamente pelo filho dele, mas ela, incapaz de persuadir o jovem, acusou-o de licenciado junto ao pai, e ele mutilou o filho e o emparedou. Depois disso o pai se enforcou e a concubina se jogou em um poço. Hierônimo relata isso no (tratado) *Sobre os Poetas Trágicos*, comparando com o *Fênix* de Eurípides.

⁵²⁷ Em Eurípides, o radical está presente apenas em *Or.* 556, passagem possivelmente interpolada, e com outro sentido.

⁵²⁸ Discípulo de Aristóteles, viveu provavelmente na primeira metade do s. -III.

Embora Hierônimo ou o anônimo redator da *Suda* não tenham especificado a natureza da mutilação, sabe-se, graças ao testemunho de Aristófanes, que Eurípides representou o herói cego e recoberto de trapos (Ar. *Ach.* 418-22), expediente já usado em outras tragédias (q.u. *supra* p. 230). O poeta também introduziu alterações de modo a adequar o engano ao *tema de Putifar*, utilizado também em outras ocasiões (*supra* p. 48), e assim tornar a punição de Fênix mais injusta e mais trágica.

De acordo com o Pseudo-Apolodoro (3.13.8), que parece ter-se baseado em Eurípides (Fz. v. 2, p. 75, nota; JVL 3, p. 321), posteriormente Peleu levou Fênix até o centauro Quíron, que o curou da cegueira. Esse detalhe, conservado pelo mitógrafo, pode ter paralelo com o *Pel.* de Eurípides, embora praticamente nada se saiba de concreto sobre essa tragédia (*infra* p. 318).

Os enganos. Para Jouan (JVL 3, p. 321-7), *Pho.* seguia em grandes linhas a sequência delineada por Hierônimo de Rodes e pelo Pseudo-Apolodoro. Assim como em outras tragédias euripidianas ligadas ao tema de Putifar, acredito que o engano deve ter envolvido, pelo menos, os seguintes elementos: a paixão da concubina (que, na reconstituição proposta por Jouan é chamada de Κλυτία, ‘Clitia’), a revelação da paixão, que pode ter sido feita pela própria Clitia, como no *Hipp. A* — note-se que a jovem concubina, ao contrário de Fedra, Este-nebeia e Astidâmia, era uma serva —, a recusa de Fênix, a acusação mentirosa / caluniosa, um ἄγών entre Amintor e Fênix, em que o rei não acredita no filho (como no *Hipp. B*) e, finalmente, um relato de Amíntor (ou de um Mensageiro) da injusta punição de Fênix, evidência de que o engano foi bem sucedido.

Quanto aos fragmentos que chegaram até nós, muitos deles de natureza gnômica, nenhum pode ser atribuído, com certeza, ao engano de Clitia contra Fênix; apenas aproximações altamente conjecturais são possíveis, baseadas em grande parte nos recursos utilizados por Eurípides em outras tragédias:

- a) o *Fr.* 807, πικρὸν νέαι γυναικὶ πρεσβύτης ἀνὴρ, ‘é amargo, para a mulher jovem, um marido idoso’,⁵²⁹ pode ser parte do diálogo em que Clitia tenta seduzir Fênix;
- b) o *Fr.* 808, γυνή τε πάντων ἀγριώτατον κακόν, ‘a mulher é o mais selvagem de todos os males’, pode ser parte da enérgica recusa de Fênix ou um comentário dele

⁵²⁹ Antes de Eurípides, esse conceito já havia sido referido por Teógnis (457).

sobre a proposta de Clitia, como fizeram Belerofonte no *Fr.* 661 da *Sthen.* (*supra* p. 289) e Hipólito em *Hipp.* B 616-68;

- c) os *Fr.* 809-13 podem constituir parte de um diálogo entre Amíntor e Fênix, em que o herói se defende inutilmente da acusação contra ele, de modo semelhante ao do diálogo entre Teseu e Hipólito no *Hipp.* B 916-1101; o *Fr.* 811 (τὰφανῇ τεκμηρίοισιν εἰκότως ἀλίσκεται, ‘através de provas apreende-se convenientemente o que está oculto’), em especial, deve ser parte de uma fala de Amintor e corresponde, em certa medida, a uma afirmação de Teseu a respeito da tabuinha encontrada nas mãos de Fedra (*Hipp.* B 1057-9);
- d) o *Fr.* 815, finalmente, atribuível a uma fala de Amíntor, pode ser uma referência ao método usado por ele para castigar o filho: δμωσι(ν) δ’ ἐμοῖσιν εἶπον ὡς †καυτηρίοις⁵³⁰ / πυρίδες⁵³¹ καὶ διυπετῇ κτεῖναι ...†, ‘eu disse aos meus escravos para, com ferros de marcar / em brasa, brilhantes, dar fim ...’.

2.13 Dânae (Δανάη)⁵³²

Um dos temas mais populares da mitologia grega, o das transformações de Zeus para seduzir deusas e mulheres mortais, foi aproveitado por Eurípides na tragédia *Dan.*, que aborda o nascimento de Perseu, o matador da Górgona. As lendas desse herói constituem um restrito e mais ou menos autônomo Ciclo de lendas da Argólida, usualmente não incluídas em nenhum dos grandes Ciclos épicos.

Fontes antigas e tragédias. A mãe de Perseu era Dânae, filha de Acrísio, rei da Argólida e irmão de Preto, rei de Tirinto, que conhecemos dos mitos de Belerofonte. Essa breve genealogia, assim como o engano de Zeus, que assumiu a forma de uma chuva de ouro para fecundar Dânae, provavelmente já era conhecida do poeta da *Il.* (14.319-20), de Hesíodo (*Th.* 280), do poeta do *Scut.* 216-8, do poeta das *Ehoiae* *Fr.* 77, de Simônides (*Fr.* 543), de Píndaro (*P.* 10.44-8 e 12.17-8, *N.* 10.4) e de Baquílides (11.40-72), que abordaram o mito do nasci-

⁵³⁰ Καυτηρίοις: Jouan. Ταυτηρίαις: Kn. Ver aparato crítico em JVL 3 e TrGF 5.2 Φοῖνιξ *Fr.* 815 *ad loc.*

⁵³¹ “Mot non attesté” (Jouan, JVL 3, p. 334, nota 55). Mas o radical é certamente o mesmo de πῦρ, ‘fogo’ (há uma longa lista de adjetivos compostos iniciados por πῦρ-: ver LSJ e Bailly).

⁵³² E. *Fr.* 316-330a. Hipótese: Jo. Mal. *Chron.* 34.15-21. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 47-71 e CC 1 (p. 323-45)).

mento de Perseu antes de Eurípides.

Ferécides (3 F 10 = Σ A.R. 4.1091) foi o primeiro a contar a história, mais ou menos na mesma época de Píndaro. O oráculo de Delfos previu que Acrísio seria morto pelo filho de sua única filha, Dânae, e então o rei a isolou em uma câmara subterrânea de bronze. Zeus, no entanto, conseguiu entrar na forma de chuva de ouro e engravidou Dânae, que teve o filho secretamente. Mas Acrísio descobriu a criança e, descrente da paternidade divina de seu neto, encerrou mãe e filho em uma caixa e lançou-os ao mar. A caixa chegou, no entanto, à ilha de Sérifos e os dois foram resgatados pelo pescador Dictis.

O mais antigo poeta a recorrer ao mito de Perseu em tragédias parece ter sido Pratinas (fl. -499/-496), que compôs um *Perseu* (Περσεύς, TrGF 1, p. 81), conhecido apenas pelo título. Ésquilo, nas *Fórcides* (Φορκίδης, Fr. 261-2) e no *Polidectes* (TrGF 3, p. 302; SOMMERSTEIN, 2008, p. 194-5), inspirou-se na aventura de Perseu e da Górgona, i.e., em outra parte do mito. Na *Ant.* 944-54, Sófocles lembrou Dânae, Zeus e a chuva de ouro, tema que também utilizou nas tragédias *Acrísio* (Ακρίσιος, Fr. *60-76) e *Dânae* (Δανάη, Fr. 165-70), que aparentemente mencionavam a punição da princesa;⁵³³ em *Homens de Larissa* (Λαρισαῖοι, Fr. 378-83) o poeta abordou um dos últimos episódios do mito de Perseu.

Eurípides produziu *Dictis* (Δίκτυς, Fr. 330b-348: nota 636, p. 431) e *Andrômeda* (Ἀνδρομέδα, Fr. 114-56: nota 639, p. 431), ambos inspirados na aventura de Perseu contra a Medusa. Não sabemos se o *Dictis* é anterior ou posterior a *Dan.*, mas *Andrômeda* com certeza foi representada muitos anos depois.

Hipóteses e enganos. A julgar por uma recordação de Ioannes Malalas⁵³⁴ sobre a *Dan.*, que aliás serve de hipótese à tragédia, Eurípides seguiu de perto o relato de Ferécides. Eis o trecho pertinente (*Chron.* 17-21):

(...) Δανάης (...): περὶ ἧς ἐμυθολόγησεν Εὐριπίδης ὁ σοφώτατος ἐν τῇ συντάξει τοῦ αὐτοῦ δράματος ἐν κιβωτίῳ τινὶ βληθεῖσαν καὶ ῥιφεῖσαν τὴν Δανάην, ὥς φθαρεῖσαν ὑπὸ Διὸς μεταβληθέντος εἰς χρυσόν.

(...) Dânae (...). Dela, o eruditíssimo Eurípides relatou o mito no enredo desse mesmo drama: Dânae foi colocada em uma caixa e lançada [sc. no mar],

⁵³³ É provável que essas duas tragédias sejam, na verdade, uma só (ver Radt², TrGF 4 p. 173 e LLOYD-JONES 2003, p. 28-9 e 64).

⁵³⁴ Gr. Ἰωάννης Μαλάλας. Cronista bizantino que viveu em Antioquia entre 491 e 578, aproximadamente.

porque havia sido seduzida por Zeus, transformado em ouro.

O engano de Zeus contra Acrísio, em que o deus assumiu uma forma (μεταβληθέντος) capaz de entrar na câmara subterrânea de bronze, foi possivelmente relatado pela própria Dânae em algum momento da tragédia, mas há outras possibilidades, sem dúvida. O texto de Malalas e os fragmentos não esclarecem, no entanto, se Acrísio não acreditou na história e puniu a filha por ter tido uma aventura fora do casamento (como em *Antp.*, p. 314, e em *Mel. S.*), ou se acreditou na filha e tentou matá-la e ao neto pelo perigo de o oráculo se cumprir.

Todos os fragmentos, menos um, foram conservados por Estobeu. Todos têm natureza gnômica e, embora não deem detalhes sobre o enredo da tragédia, se ajustam bem à tradição mítica conservada pelo Pseudo-Apolodoro (2.4.1). Acrísio era certamente um dos personagens do drama, além de Dânae, e sabemos com certeza que o Coro era constituído por mulheres, esta uma informação explícita do gramático alexandrino Pólux (4.111).⁵³⁵

Uma hipótese anônima, seguida dos “primeiros 65 versos” da *Dan.* e presente apenas nos *folia* 147^v col. i.6-148^f col. ii.1 de L, acrescentados depois dos vv. 1578-629 da *IA*, estes espúrios com certeza,⁵³⁶ dá a seguinte lista de personagens: Hermes, Dânae, Ama, Acrísio, Mensageiro, Coro, Atena. Há ainda controvérsia entre os eruditos modernos sobre a autenticidade desses 65 versos e da hipótese, datados ambos do século V/VI, numerados como *Fr.* 1132 e colocados por Kn. entre os *fragmenta dubia et spuria* de Eurípides, mas a mim parece certo que o texto é realmente espúrio (ver TrGF 5.2 p. 1030-1; CC1, p. 338-9; JVL 2, p. 55-8).

Nessa versão da tragédia imaginada por algum erudito bizantino, é Hermes quem descreve o engano de Zeus no prólogo. Para o estudo do engano, interessa apenas a razoável probabilidade, em certa medida confirmada pela hipótese espúria, de que a Ama de Dânae tenha sido também um dos personagens, como em outras tragédias de Eurípides (e.g. *Med.*, *Hipp. B.*, *Sthen.* e talvez *Cret.*). Os *Fr.* 319 e 321 são possivelmente declamados por uma mulher (Van Looy, JVL 2 p. 59) que dialoga com outra mulher, e duas boas candidatas, dado o tom de cumplicidade, são Dânae e sua Ama, conforme o texto conservado por Ferécides. Outra pos-

⁵³⁵ Uma informação curiosa transmitida por ele nessa mesma passagem, mas não confirmada por nenhuma outra fonte e nem por qualquer um dos fragmentos euripidianos disponíveis, é que Eurípides na *Dan.* teria recorrido a uma parábase semelhante às utilizadas pelos poetas da comédia antiga e que o Coro teria se dirigido diretamente à audiência com voz masculina.

⁵³⁶ Ver discussão e referências antigas e modernas em meu artigo *Os autores da Ifigênia em Áulis de Eurípides* (RIBEIRO JR., 2010c).

sibilidade, aventada por Collard e Cropp (CC 1, p. 324), é ser o Coro uma dessas interlocutoras, especialmente no caso do *Fr.* 319. Eis os dois fragmentos:

Fr. 319 συμμαρτυρῶ σοι· πανταχοῦ λελείμεθα
πᾶσαι γυναῖκες ἀρσένων ἀεὶ δίχα.

eu te apoio; em tudo nós ficamos atrás,
todas as mulheres, sempre à parte dos homens.

Fr. 321 † ἦν⁵³⁷ γάρ τις † αἶνος, ὥς γυναιξὶ μὲν **τέχναι**
μέλουσι, λόγῳ δ' ἄνδρες εὐστοχώτεροι.
εἰ γὰρ **δόλοισιν** ἦν τὸ νικητήριον,
ἡμεῖς ἂν ἀνδρῶν εἴχομεν τυραννίδα.

† havia pois um † provérbio: artifício é coisa
de mulher e espada, desígnio de homem.
Se o preço da vitória dependesse de enganos,
nós governaríamos os homens.

Diversas reconstruções da tragédia foram tentadas nas últimas décadas, mas sem a descoberta de novos fragmentos, os estudiosos podem apenas imaginar generalidades baseadas na curta hipótese e na tradição mítica. Acredito, no entanto, que se o *Fr.* 321 conta com dois vocábulos do léxico do engano, a tragédia deve ter contado com pelo menos mais um engano, empreendido por alguém do sexo feminino. Note-se a semelhança desse fragmento com os vv. 407-9 da *Med.* (*supra* p. 154) e com os vv. 623-8 das *Ch.* de Ésquilo, em que o Coro generaliza a capacidade enganadora do sexo feminino a partir do engano particular de Clitemnestra contra Agamêmnon:

ἐπεὶ δ' ἐπεμνησάμην (...)	623
(...)	
γυναικοβούλους τε μήτιδας φρενῶν	626
ἐπ' ἀνδρὶ τευχεσφόρῳ	
† ἐπ' ἀνδρὶ δήϊοις ἐπικότῳ σέβας †	
quando penso (...)	623
(...)	
nas astúcias tramadas por mulheres	626
contra homem de armadura,	

⁵³⁷ ἦν: NAUCK (1889), Van Looy (JVL 2), Collard e Crop (CC 1). τήν: Kn (TrGF 5.1).

† contra homem irado temido por inimigos †

A *vulgata* do mito do nascimento de Perseu, transmitida por Ferécides e aparentemente adotada por Eurípides na *Dan.*, tem dois enganos (Pherecyd. 3 F 10):

- 1) a chuva de ouro: Ζεὺς ... ἐκ τοῦ ὀρόφου χρυσῶι παραπλήσιος ῥεῖ, ‘Zeus ... es-correu do telhado, parecido com ouro;’
- 2) o ocultamento do pequeno Perseu depois do nascimento: τῶν δὲ γίγνεται Περ-σεύς, καὶ ἐκτρέφει αὐτὸν ἡ Δανάη καὶ ἡ τροφὸς κρύπτουσαι Ἀκρίσιον, ‘deles nasceu Perseu, e Dânae e a ama o criaram às escondidas de Acrísio.’

Como a presença do engano da chuva de ouro está confirmada pela hipótese de Malalas, me parece razoável imaginar que o segundo engano também está presente na tragédia. Se Dânae e o pequeno Perseu são lançados ao mar numa caixa, como afirma o erudito bizantino, então algo deve ter ocorrido para justificar esse lançamento, certamente anunciado por Acrísio ou talvez por um Mensageiro, e me parece que o ocultamento do pequeno Perseu se ajusta perfeitamente a essa teoria.

Se a intenção de Acrísio ao prender Dânae era evitar o cumprimento do oráculo, certamente um filho dela correria grande perigo ao ser descoberto pelo avô. Assim, é lícito imaginarmos também alguns eventuais paralelismos entre essa parte da *Dan.* e a parte da *Andr.* relacionada com o ocultamento do filho de Andrômaca, ameaçado por Hermíone e Menelau (*supra* p. 168). Note-se, por exemplo, que Andrômaca tinha uma colega de cativo para ajudar a esconder o filho, enquanto Dânae certamente contou com sua Ama para ajudá-la nessa enganosa tarefa. Na *Andr.*, há um diálogo entre Andrômaca e sua colega sobre a capacidade enganadora do sexo feminino (*supra* p. 170), muito semelhante aos *Fr.* 319 e 321 que citei há pouco, que podem pertencer a um diálogo entre Dânae e a Ama. Na *Andr.*, a descoberta da criança escondida ensejou a vingança de Menelau e Hermíone, frustrada por Peleu, e na *Dan.* a vingança de Acrísio ao descobrir a “traição” da filha foi frustrada pelos deuses: de acordo com o mito, a caixa com Dânae e Perseu flutuou em segurança até Sérifo, onde foram salvos pelos deuses, informação que pode ter sido dada por uma divindade *ex machina*.

De qualquer modo, mito, hipótese, teorias e probabilidades à parte, o *Fr.* 321 pelo me-

nos mostra que Eurípides utilizou o tema da inigualável capacidade enganadora do sexo feminino, que já havia abordado anteriormente nas tragédias *Med.*, na *Andr.* e no *Ion*, entre outras.

2.14 Belerofonte (Βελλεροφόντης)⁵³⁸

Como se viu na análise da *Sthen.* (*supra* p. 289), quase todos os detalhes do mito de Belerofonte já estão presentes na *Il.* 6.152-210, com exceção de sua associação com Pégaso, que encontramos pela primeira vez em Hes. *Th.* 319-25. Essa primeira parte do mito, que se refere ao auge da vida do herói, foi utilizada por Eurípides na *Sthen.*, representada provavelmente alguns anos antes do *Bell.*, tragédia em que o poeta dramatizou a decadência do herói: em seus últimos anos, perdera dois filhos, ‘incorrera no ódio de todos os deuses’ e ‘errava sozinho pela planície Aleia’⁵³⁹ (*Il.* 6.200-1). Eurípides também aproveitou um importante detalhe, acrescentado ao mito por Píndaro (*I.* 7.44-6): o herói tentara chegar ao Olimpo cavalcando Pégaso, mas foi derrubado pelo cavalo alado.

Sabe-se que a tragédia se passa na Lícia, na planície Aleia, e mostra um herói envelhecido, revoltado e melancólico, que deixou de acreditar nos deuses por força de numerosos reveses em sua vida. A reconstrução da tragédia e a presença de personagens do drama têm, ainda, numerosas dúvidas e controvérsias, mas há consenso entre os eruditos sobre o clímax e sobre o final do drama. Belerofonte tenta chegar ao Olimpo cavalcando Pégaso, e é derrubado. A partida do herói é mostrada em cena (cf. Ar. *Pax* 58-176 e Σ Ar. *Pax* 147a-b) e uma “cena de Mensageiro” relata provavelmente sua queda. O herói, muito ferido, arrepende-se de sua desmedida e é retirado de cena pouco antes de morrer. Ele aparecia em cena esfarrapado⁵⁴⁰ e mancando, mas não sabemos se antes ou depois da queda.

Em relação ao engano, *Bell.* tem uma situação praticamente oposta à das demais tragédias fragmentárias. Dispomos de dois fragmentos atribuídos a Belerofonte (*Fr.* 288 e 289), recheados de vocábulos específica ou circunstancialmente ligados à ἀπάτη, mas não há informações sobre uma cena de engano, mencionada ou representada, para contextualizá-los:

⁵³⁸ E. *Fr.* 285-312. Hipóteses: *P. Oxy.* 3651.1-22 (= TrGF 5.1 Βελλεροφόντης *test.* iiiia) e 4017 *fr.* 4 (= *idem, test.* iiib). Ver François Jouan (JVL 2, p. 1-35), Christian Collard (CCL, p. 98-120) e CC 1 (p. 289-317).

⁵³⁹ Ἀλήϊον significa, literalmente, ‘terra dos errantes’ (LSJ, s.u.).

⁵⁴⁰ Sobre os heróis esfarrapados de Eurípides, ver p. 230.

⟨ΒΕΛΛΕΡΟΦΟΝΤΗΣ⟩⁵⁴¹

δόλοι δὲ καὶ σκοτεινὰ μηχανήματα
χρείας ἀνάνδρου φάρμαχ' ἤρρηται βροτοῖς.

⟨BELEROFONTE⟩

astúcias e planos obscuros,
remédios covardes descobertos pelos mortais na necessidade.

Fr. 288

⟨B.⟩ νείκη γὰρ ἀνδρῶν φόνια καὶ μάχας χρεῶν
δόλοισι κλέπτειν· τῆς δ' ἀληθείας ὁδὸς
φαύλη τίς ἐστι· ψεύδεσιν δ' Ἄρης φίλος.

⟨B.⟩ é necessário dissimular as disputas sangrentas dos homens
e as lutas com astúcias; o caminho da verdade
é ineficaz; Ares é amigo dos mentirosos.

Fr. 289

Observar a presença de δόλος e ψευδής (vocábulos específicos) e de μηχανήματα, φάρμακον e κλέπτω (vocábulos circunstanciais).

Não podemos excluir, naturalmente, a possibilidade de Eurípides ter deixado de colocar cenas de engano na tragédia. Dado o caráter gnômico de quase todos os fragmentos, porém, os versos em questão podem se referir a reminiscências ou a comentários do herói sobre suas experiências anteriores. O nome de Estenebeia, por exemplo, ligado a outra fase de sua vida, é mencionado pelos escassos fragmentos da segunda hipótese (*test. iiib*).

2.15 Cresfontes (Κρεσφόντης)⁵⁴²

Cresfontes, um dos descendentes de Héracles, pertence a uma fase bastante tardia de seu Ciclo. Aparentemente, Eurípides foi o único poeta trágico do século -V a se inspirar, ainda que frouxamente, nessa fase do Ciclo e acredita-se que ele tenha inventado praticamente todos os elementos da tragédia.

Fontes antigas e tragédias. De acordo com ALLAN (2001, p. 22-7), o mito dos descen-

⁵⁴¹ Os versos dos *Fr. 288-9* foram atribuídos a Belerofonte por Jouan (JVL 2, p. 24).

⁵⁴² E. *Fr. 448a-59 + TrGF 5.2 addenda et corrigenda* (p. 1161-3). Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 257-87); Martin CROPP (CCL, p. 121-47); Enrico MEDDA (2002); Christopher Collard e Martin Cropp (CC 2, p. 493-515).

centes de Héracles, os *heráclidas*, pode ser didaticamente dividido em duas etapas: a da primeira geração, expulsa do Peloponeso e perseguida por Euristeu logo depois da morte do herói, socorrida por Iolau e pelos atenienses (Hecat. 1 F 30, Pherecyd. 3 F 84, Pi. P. 9.79-83), e a das gerações mais tardias, associadas pela tradição ao “retorno dos dórios”, instalados no Peloponeso do século -VII em diante (Tyrt. 2.12-15; Hdt. 1.56, 6.52, 7.204, 8.131 e 9.26; Th. 1.107.2 e 123). Os diversos detalhes desse mítico “retorno”, que muito serviu à propaganda política das pólis peloponésicas durante os séculos -V e -IV, foram concatenados em sequência lógica somente nos séculos I e II (D.S.4.57-8; Ps.-Apollod. 2.8).⁵⁴³

Ésquilo pode ter recorrido à primeira fase do mito do retorno dos heráclidas na sua tragédia *Heráclidas* (Ἡρακλεΐδαι, Fr. 73b-77), de data incerta; Eurípides o fez com certeza na tragédia homônima representada c. -430 (Dg. 1, p. 158; ALLAN, 2001, p. 54-6) e renunciou o retorno dos descendentes de Héracles nos vv. 310-1, 586-7 e 875-8. O poeta pode ter utilizado também esse tema na tragédia *Licímnio* (Λικύμνιος, Fr. 473-9), mais ou menos entre -430 e -414. A segunda parte do mito, no entanto, até o final do século -V inspirou apenas os dramas *Arch.* (p. 330), *Temenidas* (Τημενίδαι, Fr. 727e-741), *Têmeno* (Τήμενος, Fr. 741a-751a) e *Cresph.*, todos de Eurípides. Depois dele, somente o poeta romano Ênio (-239/-169) voltaria a usar o mito dos Heráclidas em uma tragédia.

Reconstituição. É muito provável que Eurípides tenha moldado, quase sozinho, a tradição do retorno das gerações mais tardias dos heráclidas ao Peloponeso, recolhida na Era Cristã por Diodoro Sículo e pelo Pseudo-Apolodoro. Ou então, de certa forma, o poeta foi o último a alterar substancialmente esses mitos e é por isso que quase todos os estudiosos acreditam que os elementos essenciais do *Cresph.* estão presentes no relato tardio do Pseudo-Apolodoro (2.8.5), e que o relato é uma espécie de hipótese da tragédia:

Κρεσφόντης δὲ οὐ πολὺν Μεσσήνης βασιλεύσας χρόνον μετὰ δύο παίδων
φονευθεὶς ἀπέθανε. Πολυφόντης δὲ ἐβασίλευσεν, καὶ αὐτὸς⁵⁴⁴ τῶν Ἡρακλει-
δῶν ὑπάρχων, καὶ τὴν τοῦ φονευθέντος γυναῖκα Μερόπην ἄκουσαν ἔλαβεν.
ἀνηρέθη δὲ καὶ οὗτος. τρίτον γὰρ ἔχουσα παῖδα Μερόπη καλούμενον Αἴπυ-

⁵⁴³ Sobre a assimilação entre “heráclidas” e “dórios” e a apropriação desses mitos para propaganda e uso político em Esparta, em Atenas, na Messênia e na Macedônia, notadamente, ver ALLAN (2001, p. 23-5, bom sumário e ótimas referências) e meu artigo *Áulis e o fim da idade heróica da Grécia* (RIBEIRO JR., 2005b).

⁵⁴⁴ Καὶ αὐτὸς é uma correção proposta por Rudolph HERCHER (Berlin, Weidmann, 1874), que preferi ao αὐτῶν adotado por Fz.

τον ἔδωκε τῷ ἑαυτῆς πατρὶ τρέφειν. οὗτος ἀνδρωθεὶς καὶ κρύφα κατελθὼν ἔκτεινε Πολυφόντην καὶ τὴν πατρώϊαν βασιλείαν ἀπέλαβεν.

Mas Cresfontes não reinou sobre a Messênia durante muito tempo, pois morreu assassinado, juntamente com dois filhos. Polifontes, ele também um dos Heráclidas, reinou então, e desposou Mérope, a mulher do assassinado, contra a vontade. E ele foi morto também. Mérope tinha um terceiro filho, chamado Épito, que ela dera ao seu pai para criar. Ao se tornar adulto, ele retornou secretamente, matou Polifontes e recuperou o reino paterno.

No *Cresph.*, Eurípides chama o jovem Épito⁵⁴⁵ de “Cresfontes”, mesmo nome de seu pai. A reconstituição da tragédia se baseia na *fabula* 137 (*Meropa*) do Pseudo-Higino, que contém os principais elementos do texto do Pseudo-Apolodoro e ainda fornece detalhes adicionais que concordam com boa parte dos fragmentos conservados. A ação se passa diante do palácio de Polifontes, em Estenicláro, na parte norte da Messênia. Cresfontes, Polifontes e Mérope são indubitavelmente personagens do drama.

Em resumo, Polifontes havia colocado a cabeça do jovem Cresfontes a prêmio; o jovem herói, já adulto, se apresenta no palácio do assassino de seu pai, incógnito, alega ter matado o filho do antigo rei e reclama a recompensa prometida. Enquanto Polifontes faz as averiguações necessárias, Cresfontes adormece e Mérope, que pensava ser ele o assassino do seu filho, tenta matá-lo, mas é impedida por um velho servidor que reconhece Cresfontes a tempo. Os três planejam, então, o fim de Polifontes, que é morto por Cresfontes durante uma cerimônia religiosa.

A tragédia era célebre na Antiguidade pela sua cena de reconhecimento, infelizmente não representada por nenhum fragmento conhecido⁵⁴⁶. Além disso, *Cresph.* tem pelo menos um engano mencionado e dois enganos certamente encenados por Eurípides. Note-se que vários fragmentos papiráceos estudados há pouco tempo esclareceram consideravelmente os enganos da tragédia.

Os enganos. O primeiro engano é mencionado em diálogo entre o jovem Cresfontes,

⁵⁴⁵ O nome “Épito” parece uma antiga alteração do mito, efetuada com propósitos políticos e posteriormente adotada pelo Pseudo-Apolodoro. Esse nome relaciona a família real da Messênia com a Arcádia, e não com o retorno dos Heráclidas (cf. Paus. 4.38).

⁵⁴⁶ Aristóteles (*Po.* 1454a) citou a cena como exemplo do melhor (κράτιστον) caso de reconhecimento. Sobre a reconstituição dessa ἀναγνώρισις, ver meu artigo *A Poética de Aristóteles: anagnórisis e exempla* (RIBEIRO JR., 2009).

que se apresenta diante do palácio de Polifontes sem revelar sua identidade, e um servidor, leal ao antigo rei. Eis o trecho pertinente do *Fr.* 448a (= *P. Oxy.* 2458 + *P. Mich.* 6973) e atribuído ao prólogo:⁵⁴⁷

Γ	Ταῦτοῦ γένους τοῦδ' οἶσθα Κρεσφόντην κλύων;	
A	Κτιστῆρά γ' ὄντα τῆσδε γῆς Μεσσηνία[ς.	
Γ	Τοῦτον κατακτὰς δῶμα Πολυφόντης [ἔ]χει.	20
A	Πότερα βιαίως ἢ τύχαις ἀκουσίρις;	
Γ	Βίαι δολώσας , ὥς τυραννεῦοι χθονός.	
Se.	Ouviste falar de Cresfontes, dessa mesma família?	
Cr.	Certamente, o fundador desta terra, Messênia.	
Se.	Polifontes o matou e possui o palácio.	20
Cr.	À força ou, por acaso, involuntariamente?	
Se.	À força, mediante engano, para se tornar tirano da terra.	

A presença de uma das formas do verbo δολόω (448a.22) não deixa margem a dúvidas: Polifontes recorreu a um plano para enganar o antigo rei e conseguir matá-lo. Deve ter sido uma *μηχανή* e, como o engano ocorreu antes dos eventos representados na tragédia, Eurípides apenas o mencionou e, a julgar por muitos enganos apenas mencionados nas tragédias completas, provavelmente não retomou o assunto. Faltam-nos, no entanto, detalhes que permitam sua reconstituição. A expressão βίαι, ‘à força’, deixa apenas entrever que o plano terminou com o ato de violência que matou o antigo rei.

O segundo e o terceiro enganos não são assim explícitos, mas podem ser reconstituídos devido à semelhança entre certos episódios do mito de Orestes, utilizados pelos poetas trágicos em diversas tragédias (Fig. 3, p. 166), e os episódios equivalentes do mito de Cresfontes, conservados pelo Pseudo-Apolodoro e pelo Pseudo-Higino. A Tab. 5 (*infra* p. 311) mostra uma comparação entre Orestes e Cresfontes na tragédia euripídiana, baseada em informações da *El.* (Orestes) e do Pseudo-Higino (Cresfontes). Note-se que Eurípides parece ter utilizado no *Cresph.* os mesmos expedientes cênicos que usaria, anos depois, na sua *El.* Os itens 5 e 7 se referem, respectivamente, ao segundo e terceiro engano do *Cresph.* e aos enganos correspondentes da *El.* euripídiana (*supra* p. 180 sqq.).

⁵⁴⁷ A = Cr. = Cresfontes, representado pelo protagonista; Γ = Se. = Servidor, representado provavelmente pelo tritagonista.

Tabela 5. Semelhanças entre os mitos de Orestes e de Cresfontes.

ORESTES	CRESFONTES
1. Egisto mata Agamêmnon, pai de Orestes, e assume o trono;	1. Polifontes mata Cresfontes, pai de Cresfontes, e assume o trono;
2. Electra (irmã) salva Orestes, ainda uma criança, e o manda a um parente (tio);	2. Mérope (mãe) salva Cresfontes, ainda uma criança, e o manda a um parente / amigo;
3. Egisto oferece uma recompensa a quem matar Orestes;	3. Polifontes oferece uma recompensa a quem matar Cresfontes;
4. Electra vive humilhada fora do palácio, casada com um camponês;	4. Mérope, forçada a se casar com Polifontes, vive em má situação no palácio;
5. Já adulto, Orestes se apresenta incógnito no palácio de Egisto e relata sua própria morte;	5. Já adulto, Cresfontes se apresenta incógnito no palácio de Polifontes e diz ter matado a si mesmo;
6. Graças a um servidor, Orestes é reconhecido por Electra (em Eurípides);	6. Graças a um servidor, Cresfontes é reconhecido por Mérope;
7. Electra, Orestes e o servidor planejam a morte de Egisto;	7. Mérope, Cresfontes e o servidor planejam a morte de Polifontes;
8. Orestes mata Egisto durante uma cerimônia religiosa e recupera o trono.	8. Cresfontes mata Polifontes durante uma cerimônia religiosa e recupera o trono.

O segundo engano compreende a simulação da morte do jovem Cresfontes e é empreendido por ele mesmo, certamente através de uma história mentirosa, apresentada em diálogo entre Cresfontes e Polifontes (Ps.-Hyg. *Fab.* 137, grifo meu):

itaque uenit ad regem Polyphontem aurum petitem, dicens se Cresphontis interfecisse filium et Merop(e)s, Telephontem.

e assim ele veio ao rei Polifontes reclamar o ouro, dizendo ter matado Telefontes, filho de Cresfontes e Mérope.

A finalidade desse engano é dupla: insinuar-se junto a Polifontes e baixar a guarda da futura vítima. Infelizmente, nenhum dos fragmentos sobreviventes pode ser atribuído a esse engano; supõe-se que tenha efetivamente ocorrido por causa do relato do Pseudo-Higino e da semelhança com os eventos mostrados nas tragédias conservadas de Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Ésquilo foi, aparentemente, o primeiro poeta trágico a utilizar esse tipo de engano.

O terceiro engano, provavelmente criado por Eurípides, é uma *μηχανή* complexa, com pelo menos dois elementos enganosos, arquitetada possivelmente por Mérope, Cresfontes e o

Velho Servidor (cf. E. *El.* 596-639). O início do *Fr.* 453 (= P. Köln 398 col. i) deixa entrever um prenúncio:

(ΚΡΕΣΦΟΝΤΗΣ) . . .
 ] συμφορας [
 ].ον..φοινιο[
 ≡ – υ – μά]χαιραν ἢ σ' ἀποκτενεῖ
 ≡ – υ – ≡ – (υ)]. . . ν μαθήσομαι
 ≡ – υ – ≡] τὴν ἐμὴν ἀνανδρίαν
 ≡ – υ – ≡ – υ –]. ἐγὼ θεοί
 ≡ – υ – ≡] μᾶλλον ἐσθίων τε σῶν
 ≡ – υ – ≡ –] εὖ πρόσπολοι δόμων
 ≡ – υ – ≡] . . μαθητό σωφρονεῖν
 ≡ – υ – ≡ –] τε νῦν φέρει με . . .
 ≡ – υ –] αἱ παῖδα . . . . . υσφ[
 ≡ – υ – ≡ – υ] γ', ἱερεύω⁵⁴⁸ δ' ἐγὼ
 ≡ – υ – ≡ λ]έγει μήτηρ ἐγὼ
 ≡ – υ – ≡ – (υ)]. συμβούλους θέλει·

(CRESFONTES)
 ] da oportunidade [
 ]sangrent[
 ≡ – υ – fa]ca sacrificial que te matará
 ≡ – υ – ≡ – (υ)] aprenderei
 ≡ – υ – ≡] minha falta de virilidade
 ≡ – υ – ≡ – υ –] eu, os deuses
 ≡ – υ – ≡] melhor do que correr e dos teus
 ≡ – υ – ≡ –] servos do palácio
 ≡ – υ – ≡] (apren)der a moderação
 ≡ – υ – ≡ –] e agora me traz
 ≡ – υ –] o filho (?)
 ≡ – υ – ≡ – υ] certamente eu sacrificaria
 ≡ – υ – ≡ d]iz minha mãe, eu
 ≡ – υ – ≡ – (υ)] conselheiros, está ele disposto;

Cresfontes teria dito essas palavras em cena, sozinho, dirigindo-se ao ausente Polifontes, com quem dialogava a respeito do sacrifício. Esse diálogo perdido era, a julgar pelas poucas palavras que sobreviveram, permeado de ironia trágica. De certa forma, a finalidade principal do engano foi também anunciado em dois versos do prólogo, com certeza igualmente declama-

⁵⁴⁸ ἱερεύω: Collard and Cropp (CC 2, p. 510); ἱεῦω: Kn. (TrGF 5.2 p. 1162).

dos por Cresfontes e conservados pelo *Fr.* 448a.69-70 (= *P. Mich.* 6973 *fr.* 2, col. ii):

ΚΡΕΣΦΟΝΤΗΣ

οὐκ ἔστι τό[λ]μης τῆς δ' ὅπως ἀφέξομαι
σὺν μητρὶ [τ]ὸν ἐμὸν ἐχθρὸν ὥστε μὴ [οὐ⁵⁴⁹ κτανεῖν. 70

CRESFONTES

Não há como desistir de ter a coragem de,
junto com minha mãe, matar meu inimigo. 70

A parte inicial do terceiro engano indubitavelmente precede a morte de Polifontes e pode ter sido uma cena de falsa reconciliação entre Polifontes e Mérope, simulada pela rainha, conforme o relato do Pseudo-Higino. A finalidade é a mesma do primeiro engano, surpreender o inimigo. Os fragmentos 449, 454, 455 e 458 podem realmente pertencer a uma cena desse tipo, como adianta Van Looy (JVL 2, p. 268), mas a meu ver apenas o *Fr.* 458 pode ser razoavelmente atribuído à primeira parte da μηχανή, constituída por uma história mentirosa com elementos retóricos. O fragmento parece parte de um diálogo em que Mérope recorreu a argumentos persuasivos para convencer Polifontes:

ΜΕΡΟΠΗ

αἱ τύχαι δέ με
μισθὸν λαβοῦσαι τῶν ἐμῶν τὰ φίλτατα
σοφῆν ἔθηκαν.

MÉROPE

os destinos me tomaram,
como pagamento, os mais queridos por mim,
mas me tornaram sábia.

Esse fragmento foi conservado por Plutarco (*Cap.* 90a) e minha opinião se baseia justamente no texto que precede os versos declamados por Mérope: εἰ γὰρ ἕτεροι πράγμασιν βουλήτοις περιπεσόντες διδάσκονται τὸ χρήσιμον, ὥσπερ ἡ Μερόπη φησίν, ‘e se outras pessoas se encontram em circunstâncias indesejadas, devem apresentar argumentos úteis, como Mérope’. Note-se que, na passagem, Mérope pode ter usado o adjetivo σοφός com duplo sentido, como já foi comentado anteriormente a propósito de Medeia (q.u. supra p. 148). Polifontes natural-

⁵⁴⁹ O advérbio οὐ é uma conjectura de R. Slings e L. Koenen, aceita por Van Looy (JVL, v. 2, p. 278) e que não está presente nos papiros (*P. Oxy.* 2458 col. iii; *P. Mich.* 6973 col. ii).

mente seguiu a primeira interpretação e baixou a guarda.

A última parte da μηχανή compreende a morte de Polifontes e, de acordo com o Pseudo-Higino (*Fab.* 137), tem outro subengano embutido, efetuado por Cresfontes:

rex laetus cum rem diuinam faceret, hospes falso simulauit se hostiam percussisse, eumque interfecit.

contente, o rei celebrava um sacrifício⁵⁵⁰ quando o falso hóspede fingiu golpear a vítima e o matou.

Esse parágrafo parece um epítome da morte de Egisto (ver Tab. 5, item 8, p. 311), contada por Eurípides na *El.* (775-843: *supra* p. 182 sqq.) e constitui o último e enganoso elemento da μηχανή, certamente relatado por um mensageiro. Cresfontes e Orestes, nas tragédias euripidianas, são mestres na preparação desse tipo de emboscada,⁵⁵¹ em que a incauta vítima ignora o perigo que a cerca e é morta, praticamente, à traição (e.g. *Andr.*, *supra* p. 173 sqq.).

Mas nenhum fragmento da tragédia corresponde, ainda que remotamente, a essa parte do terceiro engano. Note-se, finalmente, que de certa forma o segundo engano pode também ser entendido como um subengano inicial do complexo e enganoso plano preparado posteriormente por Cresfontes, Mérope e o Velho Servidor.

2.16 Antíope (Ἀντιόπη)⁵⁵²

As lendas sobre Antíope, mãe dos gêmeos Zeto e Anfíon, fazem parte dos episódios mais antigos do Ciclo Tebano e remontam aos poemas homéricos (*Od.* 11.260-4) e a Ásio (*Fr.* 1 = Paus. 2.6.4).⁵⁵³ *Antp.* é, dentre as tragédias incompletas de Eurípides, a que tem mais fragmentos, entre passagens conservadas por autores antigos e fragmentos papiráceos. Ela é, também, uma das tragédias sobre a qual temos mais certeza da presença de personagens (Pastor, Anfíon, Zeto, Dirce, Lico), inclusive sobre a rara participação de Hermes como *deus ex machina*.

⁵⁵⁰ *Rem diuinam*, lit. ‘evento divino’.

⁵⁵¹ Não incluí Hércules ao lado dos dois porque a emboscada que matou Lico, segundo elemento da μηχανή do *HF* (565-754), foi preparada por Anfitrião (q.u. *infra* p. 192).

⁵⁵² E. *Fr.* 179-227. Ver Herman Van Looy (JVL 1, p. 213-74), Christopher Collard (CCG, p. 259-329) e CC 1, p. 170-227.

⁵⁵³ Poeta épico muito pouco conhecido, viveu provavelmente no século -VI.

Reconstrução. Os fragmentos atribuídos à *Antp.* se ajustam perfeitamente à *Fab.* 8 do Pseudo-Higino, a uma passagem do Ps.-Apollod. (3.5.5) e ao relato do Σ A.R. 4.1090. Esses testemunhos são tão semelhantes entre si que Kn. os apresentou lado a lado, em três colunas (TrGF 5.1 p. 274-6). Acredita-se que os três se baseiam em uma antiga hipótese, hoje perdida, mas apesar de sua falta há boas reconstruções dos diálogos, monólogos e cantos corais, especialmente nos editores mais recentes da tragédia (e.g. Collard in CCG p. 262-5). Graças aos *Fr.* 179 e 223, sabemos que a cena se passa diante de uma caverna em Eleuteras, na fronteira entre a Ática e a Beócia.

As partes do mito e do enredo relevantes para a compreensão do engano são as seguintes: seduzida por Zeus, Antíope engravidou e, para fugir à cólera do pai, refugiou-se em Sicíon. O rei de lá, Epopeu, a acolheu e desposou mas, pouco antes de morrer, o pai de Antíope encarregou seu irmão e sucessor, Lico, de punir a filha. Ele atacou, venceu e matou o marido de Antíope e a trouxe de volta a Tebas, deixando sua punição aos cuidados da esposa, Dirce, que a atormentava sem descanso. Pouco antes de ser levada por Lico, Antíope havia tido gêmeos, que cresceram aos cuidados de um Pastor, sem saber nada de sua ascendência. Quanto os dois eram já adultos, Antíope fugiu e os encontrou acidentalmente, mas pensando que se tratava de uma escrava fugitiva, a deixaram à mercê dos perseguidores. Pouco antes ou pouco depois de Dirce a encontrar e de preparar sua morte, o Pastor revela a Anfíon e Zeto que Antíope era sua mãe, eles a encontram a tempo, salvam e matam Dirce. Quando Lico e sua escolta vieram procurar a desaparecida Dirce, foram enganados pelo Pastor e ele só não foi morto pelos dois irmãos por causa da oportuna intervenção de Hermes.

Os enganos. Dois enganos, pelo menos, estão presentes nos fragmentos: o primeiro foi empreendido por Zeus, e o segundo pelo Pastor, sem dúvida secundado por Zeto e Anfíon. O primeiro engano é um típico engano de Zeus, com a finalidade de seduzir uma mortal que o interessava (*Fr.* 210). Dessa vez o deus assumiu a forma de um sátiro, σατύροι ὁμοιωθεῖς (Σ A.R. 4.1090), e o engano é mencionado no *Fr.* 210: *λάθραι δοκῶ* / *θηρός ... σχήματ'*, 'imitou secretamente / a forma de uma fera'. Notar a forma adverbial *λάθραι* e a prosaica referência ao divino "disfarce" (*δοκῶ* = *δόκησις*).

O segundo engano é um pouco mais complexo e, em quase todos os elementos, muito semelhante às armadilhas descritas nas tragédias já estudadas (e.g. *Hec.*, *supra* p. 177). O lon-

go *Fr.* 223 (= *P. Lit. Lond.* 70), que corresponde provavelmente a boa parte do êxodo, informa que Antíope e os filhos, depois da morte de Dirce, se escondem dentro da caverna ao notarem a vinda de Lico, em companhia de guardas armados. Entre os vv. 223.28-58 (= fr. b *col.* i e parte do fr. c *col.* i do papiro), o Pastor convence Lico a entrar sozinho na caverna, depois de dispensar os guardas, e ele cai então nas mãos de Anfíon e Zeto. Aparentemente, o Pastor convenceu Lico ao dizer que eles estavam dentro da caverna, mortos. Um dos comentários atribuídos ao Coro (223.48-9) em trecho particularmente danificado do papiro traz dois vocábulos circunstanciais do engano: βρόχοισι, ‘laços’, típico desse tipo de engano, e βροτῶν ... τέχναις, ‘artifícios dos homens’.

Mais adiante, durante o diálogo com Hermes *ex machina*, Lico afirma, um tanto obscuramente: μηνυτῆς χρόνος / ψευδεῖς μὲν ἡμᾶς, ‘o tempo, revelador / de nossos enganos’ (223.107-8). Apesar da presença de um vocábulo específico do léxico, não foi possível vincular a frase a nenhum dos dois enganos precedentes; talvez Lico tenha simplesmente reconhecido seus erros passados. Um pouco antes, possivelmente em um diálogo entre Antíope e os filhos, Antíope enunciou uma verdade geral, γένοιντ’ ὅν εἴ λελεγμένοι λόγοι ψευδεῖς, ‘frases bem construídas podem ser falsas’ que também não é possível vincular a um engano específico.

A *Antp.* é nossa mais antiga fonte do engano de Zeus e também do engano contra Lico; é muito provável, portanto, que Eurípides tenha inventado os dois.

2.17 *Alcmena* (Ἀλκμήνη)⁵⁵⁴

Os grandes Ciclos da mitologia grega têm sempre uma série de histórias sobre a origem dos heróis, episódios situados “cronologicamente” antes dos eventos principais de cada Ciclo, e que AÉLION (1986, p. 135) às vezes chamava, com propriedade de “préhistoire du mythe”. Na *Alcmn.*, tragédia ligada ao Ciclo de Héracles, Eurípides dramatizou literalmente a origem seminal do Ciclo, inspirando-se nas histórias sobre a concepção do herói e talvez, também, sobre seu nascimento, ambos decorrentes de enganos bem conhecidos da tradição mítica.

As primeiras referências a Héracles, a Alcmena e a Anfitrião, os pais terrenos, e a Zeus, o pai divino, podem ser encontradas na *Il.* (14.323-4; 19.95-125), na *Od.* (11.266-8), em He-

⁵⁵⁴ E. *Fr.* 87b-104. Ver Herman Van Looy (JVL 1, p. 11-35) e CC 1, p. 100-13.

síodo (*Th.* 943-4), nas *Ehoiae* (*Fr.* 138) e em duas odes de Píndaro (*N.* 10.13-8; *I.* 7.5-7), embora seja possível que os mitos ligados a ele, ou pelo menos a algumas de suas façanhas, sejam muito mais antigos.⁵⁵⁵ O engano de Zeus contra Alcmena e Anfitrião, que originou a gravidez de Alcmena e o nascimento de Hércules, já foi estudado na análise das *Ehoiae* (*Fr.* 138, q.u. *supra* p. 109) e das odes pindáricas (q.u. *supra* p. 135 e p. 136).

No século -V, o mito de Alcmena e Anfitrião provavelmente inspirou Ésquilo na tragédia *Alcmena* (Ἀλκμήνη, TrGF 3 p. 130), da qual não há nenhum fragmento,⁵⁵⁶ Sófocles, que produziu um *Anfitrião* (Ἀμφιτρώων, *Fr.* 122-4), cujo argumento desconhecemos, e ainda Íon de Quios, que escreveu uma *Alcmena* (Ἀλκμήνη, *Fr.* 5a-8) sobre a qual também nada se pode dizer. *HF*, possivelmente produzida por Eurípides anos depois da *Alcmn.*, contém uma rápida referência ao mito e ao engano de Zeus contra Alcmena (1-3: q.u. *supra* p. 195).

Todas as reconstituições da *Alcmn.* euripídica eram inteiramente especulativas até 1954, quando foi publicada por SIEGMANN a *editio princeps* do *P. Hamb.* 119 col. iii (= *Fr.* *87b), que faz menções a Θήβας (Tebas, 12), aos Τάφιοι / Ταφίους (Táfios, 14 e 18) e a Ἀμφιτρώων (Anfitrião, 19), uma bem próxima da outra, como nos primeiros versos (20-6) do *Fr.* 138 das *Ehoiae* (= *Scut.* 13-9). Esse fragmento confirmou, em grande parte, as suspeitas de que a tragédia girava em torno do engano de Zeus contra Alcmena, mas o problema é que esse fragmento papiráceo não pode ser ainda atribuído, com absoluta certeza, à *Alcmn.* A menção no *Fr.* 89 a Estênelo, irmão de Anfitrião e futuro pai de Euristeu, é uma evidência a mais, porém não conclusiva. Os curtos fragmentos da tragédia, todos de natureza gnômica, são insuficientes para esclarecer se realmente Alcmena e Anfitrião estavam entre as *dramatis personae* e como foi estruturada a tragédia. Se o tema básico era, no entanto, o da concepção e nascimento de Hércules, fica um tanto óbvio que a gravidez de Alcmena deve ter sido mostrada ou relatada, levantando uma série de questões e discussões em cena sobre a aparente infidelidade dela. A revelação da paternidade de Zeus e o engano conduzido por ele, no entanto, deve ter colocado tudo nos eixos.

Há muitas outras especulações sobre a estrutura e os temas da *Alcmn.*, mas nenhuma delas ajuda no esclarecimento da grande probabilidade — ainda insuficientemente comprovada

⁵⁵⁵ BURKERT (1977, p. 403-5) encontrou elementos orientais muito antigos e até mesmo neolíticos na origem das lendas de Hércules.

⁵⁵⁶ O único testemunho é do século V d.C.: Hsch. s.u. ἀποστάς.

— de que o engano de Zeus contra Alcmena e Anfitrião constituía o núcleo dessa tragédia.

2.18 *Peleu* (Πηλεύς)⁵⁵⁷

Kn. começa seus comentários sobre o *Pel.* de Eurípides de forma muito pouco animadora (TrGF 5.2 p. 614): *argumentum* Pelei *ignoramus*, ‘não sabemos qual era a hipótese do *Peleu*.’ Além disso, a análise dos escassos fragmentos disponíveis (menos de vinte versos, ao todo) é inconclusiva. Em resumo, da tragédia só conhecemos bem o título.

Os mitos sobre Peleu, filho de Éaco, tio de Ájax (o maior), esposo da nereida Tétis e pai de Aquiles — o que de certa forma o vincula ao Ciclo Troiano — compõem um dos mais ricos conjuntos de histórias da mitologia grega. Diversos episódios de sua vida acidentada, desde o nascimento até a morte, em idade bem avançada, eram bem conhecidos na época de Eurípides (e.g. *Il.* 21.189; *Hes. Th.* 1006-6; *Ehoiae Fr.* 148-153; *Cypr. Fr.* 19; *Pherecyd.* 3 F 60 e 3 F 1b; *Alcmeon. Fr.* 1; *Pi. N.* 3.36-9 e 55-7, 4.57-61, 5.6-12; *Pi. I.* 8.26-47)⁵⁵⁸ e são quase todos dramatizáveis.

O próprio Eurípides fez dele, já idoso, personagem da *Andr.* (q.u. *supra* p. 172) e talvez também do *Pho.* (TrGF 5.2 p. 847; *supra* p. 300). Em *Tr.* 1124-7, também se lembrou de Peleu no final de sua vida de aventuras. Sófocles, talvez antes ainda de Eurípides, produziu também um *Peleu* (Πηλεύς, *Fr.* 487-96) e dramatizou, a julgar pelo conteúdo do *Fr.* 487, uma das histórias do idoso Peleu, talvez a mesma evocada por Eurípides nessa passagem. Aristófanes, finalmente, também lembrou do pai de Aquiles em pelo menos duas ocasiões. Em *Nu.* 1061-7 ele evocou um dos episódios do mito de Peleu, mais exatamente o da vingança de Acasto (ver odes de Píndaro, p. 130), e em *Ra.* 860-5 o personagem “Eurípides” jurou em nome de suas tragédias, e uma delas é justamente *Pel.*

Os dois principais enganos associados à vida de Peleu, ambos descritos por Píndaro, são o da aventura em Iolco, quando Hipólita, esposa de Acasto, tentou inutilmente seduzí-lo (tema de Putifar: *supra* 130), e o da estranha “corte” de Peleu à nereida Tétis, que em vão tentou enganá-lo mudando de forma (*supra* p. 133). Qualquer um deles pode ter sido mencionado no *Pel.*, ou nenhum deles.

⁵⁵⁷ E. *Fr.* 617-24. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 531-40) e CC 2 (p. 72-7).

⁵⁵⁸ Muitas informações vêm de comentários e explicações dos escoliastas desses poemas. Para as fontes iconográficas, ver GANTZ (1993, p. 192-3 e 226).

GANTZ (2003, p. 227) pensa que Eurípides dramatizou algum episódio da velhice de Peleu, e Van Looy, Collard e Cropp acreditam, assim como quase todos os estudiosos mais antigos, que Eurípides recorreu ao episódio do jovem Peleu em Iolco, ligado ao tema de Putifar. Mas é preciso reconhecer que, por enquanto, não há realmente nada que sustente qualquer suposição.

2.19 O primeiro e o segundo *Frixo* (Φρίξος Α' e Β')⁵⁵⁹

Frixo, filho do primeiro casamento de Átamas, pertence tanto ao Ciclo Tebano quanto ao Ciclo dos Argonautas, pois está envolvido nas lendas de Átamas e de sua segunda esposa, Ino, e na origem do tão procurado toão de ouro guardado por Eetes, rei da Cólquida. Ino, a futura deusa Leucoteia (*Od.* 5.333-5), protagonizou a tragédia *Ino*, produzida talvez na mesma época de um ou dos dois *Phr.* Dessas duas últimas tragédias ela também participa, no papel da madrasta malvada que tenta matar Frixo e Hele, filhos de Átamas e de Néfele, sem sucesso.

As fontes da complexa lenda de Átamas, suas esposas e filhos foram convenientemente resumidas por GANTZ (1993, p. 176-80), porém nenhuma delas conta a história toda, conservada somente pelos mitógrafos tardios. As mais antigas menções à parte do mito utilizada por Eurípides nos dois *Phr.* são *Ehoiae Fr.* 38-41, Pherecyd. 3 F 98 e Pi. P. 4.159-62. As tragédias do século -V relacionadas com Átamas e Ino, com exceção da *Ino* e dos dois *Phr.* de Eurípides, foram já enumeradas durante a análise da *Ino* (q.u. *supra* p. 267), e aqui só apenas reitero que desses dramas pouco sabemos além do título.

A ordem dos dois *Phr.*, implícita nos numerais Α' e Β' que as qualificam, são mera formalidade: não há, até hoje, meio de estabelecer a posição cronológica absoluta ou relativa das duas no *corpus euripideum*. Foi possível atribuir alguns fragmentos ao *Phr. A*, outros ao *Phr. B*, mas alguns deles (*Fr.* 822-38) podem ser tanto do A quanto do B. Os fragmentos, por si só, pouco revelam, mas graças a felizes descobertas em Oxirrinco temos uma hipótese parcial para cada uma das tragédias e, assim, é possível situar alguns fragmentos nos enredos e discutir separadamente os enganos.

Phr. A.⁵⁶⁰ O engano preparado por Ino contra os filhos do primeiro casamento do mari-

⁵⁵⁹ E. *Fr.* 818c-838. Ver Herman Van Looy (JVL 3, p. 339-71) e CC 2 (p. 423-57).

⁵⁶⁰ E. Fr. 818c. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 fr. 14 e 16 + *P. Oxy.* 3652 (= TrGF 5.2 Φρίξος A' *test.* iia, p. 857-9).

lheres tessalianas a tostar as sementes para o próximo plantio e, desse modo, nenhuma terra deu frutos. Ela então interceptou um mensageiro que voltava da consulta ao oráculo de Delfos e convenceu-o (subornou-o, certamente) a dizer que era necessário sacrificar Frixo para acabar com a fome. Pressionado pelos habitantes da região, Átamas ia mesmo sacrificar o filho (as linhas 20-3 da hipótese, não mostradas supra também sugerem isso), mas Frixo (e Hele) foram salvos por um carneiro com velo de ouro, enviado por Néfele, que levou Frixo pelos ares à Cólquida (Hele caiu no caminho e morreu).

A hipótese contém apenas parte das informações dadas pelo Pseudo-Apolodoro e o único fragmento do *Phr. A* nada acrescenta. Dispomos, no entanto, de elementos suficientes para imaginar a parte fundamental da tragédia, que se passa na Tessália (5).⁵⁶¹ É evidente, creio, que o engano de Ino contra Frixo (e contra Átamas e Hele, por extensão) constitui o núcleo da ação trágica. Infelizmente, não sabemos como Eurípides terminou a tragédia, mas podemos com certeza dizer que Átamas, Ino e Frixo estão entre as *dramatis personae*. O engano era sem dúvida uma μηχανή complexa, de longa duração (meses, no mínimo), planejada e implementada com muita competência por Ino: se não fosse a intervenção de Néfele, Frixo teria morrido sem que a madrastra precisasse encostar nele um só dedo. Note-se que o autor da hipótese marcou o engano encenado por Eurípides com vocábulos já bem conhecidos, ἐπιβουλή (9), μηχανάομαι (9) e πείθω (18), assim como o Pseudo-Apolodoro (ἐπιβουλεύω, ἐπεισε e ἀνέπεισε).

Os *Fr.* 822 (= P. Oxy. 2685) e ^{**}822b (= P. SI 1474 col. i) podem ser do *Phr. A* ou do *Phr. B*, mas como parecem estar relacionados com o engano de Ino que acabei de mencionar, vou discutí-los aqui mesmo. O primeiro deles (*Fr.* 822) representa provavelmente um diálogo entre Ino e Átamas e contém os vocábulos προδίδωμι, ‘trair’ (π[ρ]οδοῦσαν, 24), e ἀπάτη (κἀπάται, 38), o que naturalmente evidencia que o engano era o assunto da conversa. No *Fr.* ^{**}822b há um curto diálogo entre Átamas, Ino e um velho servidor, que aparentemente recebeu a tarefa de semear o solo com as sementes tostadas e revelou a história a Átamas,⁵⁶² que decidiu confrontar a esposa. São pronunciadas as palavras σπέρμα, ‘semente’ (4, 10), juntamente com duas expressões ligadas ao engano, ὅρκου τ’ ἐκτὸς οὐ ψευδῇ λέγω, ‘mesmo sem

⁵⁶¹ O Pseudo-Apolodoro diz, no entanto, que Átamas reinava na Beócia, e outros mitógrafos mencionam também outros locais. Essa é uma das partes mais instáveis de seu mito.

⁵⁶² Tema recorrente em Eurípides. Ver e.g. *IA*, *Alcm. Ps.*, *Sthen.* e *Arch.*

juramento não falarei falsamente' (6), e *ψευδῇ λέγω*, 'falo falsamente' (18). A semente, mencionada pelo servidor e por Átamas, sem dúvida se refere ao engano de Ino. A primeira expressão, provavelmente declamada por Ino, parece um falso juramento, oferecido mas não jurado, como os de Odisseu (*supra* p. 75) e de Hermes (*supra* p. 96); e a segunda, que vem de uma área muito danificada do papiro, felizmente fala por si só.

*Phr. B.*⁵⁶³ A hipótese do segundo *Phr.* infelizmente não esclarece qual é o núcleo dessa tragédia, mas informa que, em algum momento da ação dramática, Átamas entregou Ino a Frixo para que ele a punisse, mas Dioniso interveio e salvou sua antiga ama (e tia: ver nota 427, p. 247), enlouquecendo Frixo e Hele e deixando-os à mercê das bacantes (*test. iia.7-20*):

]	Φρίξ	13
.	.	.
desunt lineae fere 14 tunc incipit col. xx		
	[τῶι) ἐπιβο[υλ]ευομέν[ωι·	
ἡ δὲ τὸν Διόν[υσον] ἐπικαλε[σα]μένη τ[ὸν		15
θάνατον διώλισθεν· ἐμμανεῖς γὰρ π[οι-		
ήσας [ὁ] Δ[ι]όνυσος Φρίξον τε καὶ Ἑλλην τῇ[ν]		
ἄδε[λ]φ[ῆ]ν προηγάγετο εἰς τὴν ἔρημ[ο]ν		
ώ[ς] παρανάλωμα τῶν μαινάδων ποι-		
ήσων· (...)		20
... Frixo ...		13
.	.	.
(faltam mais ou menos 14 linhas, então começa a col. xx)		
... contra quem era vítima do plano,		
mas ela invocou Dioniso e escapou da morte; pois Dio-		15
niso enlouqueceu Frixo e Hele, sua		
irmã, e conduziu-os a um lugar desolado		
para fazê-los vítimas das mên-		
des; (...)		20

Esse tema seria retomado e desenvolvido anos depois por Eurípides em *Ba.* (q.u. *supra* p. 242), uma de suas últimas tragédias. Em *Ba.*, Dioniso em pessoa recorreu a um engano para colocar Penteu à mercê das bacantes, fazendo-as confundí-lo com um filhote de leão, mas não sabemos se Eurípides fez o mesmo no *Phr. B.* Os dois irmãos tiveram, no entanto, mais sorte

⁵⁶³ E. *Fr.* 819-21. Hipótese: *P. Oxy.* 2455 fr. 17 col. xix-xx (= TrGF 5.2 Φρίξος B' *test. iia.* p. 861-2).

do que o rei de Tebas e foram salvos por Néfele e pelo carneiro de velo de ouro. Outra informação interessante é que Átamas reinava em Orcômeno (Beócia), e não na Tessália.

A hipótese nada diz sobre o engano das sementes tostadas, embora mencione um plano (ἐπιβουλεύω, 14) mas o *Fr.* 820a contém a palavra σιρούς, ‘silos’, que na época designava uma cavidade no solo ou um recipiente para conservar grãos. Assim, sabemos que o engano de Ino deve ter sido pelo menos mencionado, para justificar a punição e a intervenção de Dioniso, mas também é possível que Eurípides lhe tenha dado mais de destaque na ação trágica.

Phr. B tem ainda pelo menos um engano, provavelmente relatado por Ino, que era filha de Cadmo: o engano de Zeus contra Europa, em que o deus se transformou em touro para enganar e seduzir a irmã de Cadmo. O *Fr.* 820b descreve assim o engano conduzido por Zeus: Ζεὺς μεταβληθεὶς εἰς ταῦρον τὴν Εὐρώπην ἥρπασεν, ‘Zeus, transformado em touro, arrebatou Europa.’ O verbo μεταβάλλω tem um radical circunstancialmente associado ao engano (μετα- + *^wleθ₁-) e marca, aqui, a mudança de aparência do deus e, conseqüentemente, o “divino” engano por ilusão.

2.20 *Palamedes* (Παλαμήδης)⁵⁶⁴

Palamedes, embora um dos personagens menos conhecidos do Ciclo Troiano, era bastante popular entre os poetas cíclicos, líricos e trágicos, e a influência da poesia trágica parece ter sido particularmente dominante na difusão do mito. No começo do século -IV, Platão (*R.* 522d) elogiou os ensinamentos civilizadores de Palamedes, e Xenofonte (*Mem.* 4.2.33), embora também familiarizado com a sabedoria do personagem, destacou a história de Odisseu tê-lo destruído por ciúmes. Essas informações detalhadas, encontradas também em mitógrafos tardios, devem ter sido transmitidas a eles por tragédias inspiradas no mito de Palamedes (SOMMERSTEIN, 2008, p. 182).

Fontes antigas. O mito de Palamedes, filho de Náuplio (Ps.-Hes. *Fr.* 234),⁵⁶⁵ é pouco mencionado nas fontes anteriores a Eurípides.⁵⁶⁶ Uma das duas informações relevantes da tra-

⁵⁶⁴ E. *Fr.* 578-90. Ver François Jouan (JVL 2, p. 487-513), Christopher Collard (CCG, p. 92-103) e CC 2, p. 46-59. Hipótese: *P. Mich. inv.* 2787? (HUYS, 1997b, p. 24 e CC 2, p. 47), não publicado. Verifiquei pessoalmente em várias bases de dados: até outubro de 2010, nada ainda.

⁵⁶⁵ Um dos fragmentos do poema épico perdido *Aegimius* (gr. Αἰγίμιος), atribuído na Antiguidade a Hesíodo ou ao desconhecido Cércops de Mileto (e.g. Ath. 11.109.34).

⁵⁶⁶ Detalhes, discussões e referências sobre a antiguidade do mito de Palamedes podem ser encontrados,

dição épica, referente ao engano de Odisseu em Ítaca, frustrado por Palamedes, vem dos *Cypr. Arg.* 5-6 e, talvez, da *Od.* (24.115-9, p. 101); a outra, que se refere à morte de Palamedes provocada por Odisseu e por Diomedes durante uma pescaria, vem também dos *Cypr. Fr.* 27. Píndaro mencionou o herói em sua conhecida crítica a Odisseu (q.u. *supra* p. 128), mas na verdade há detalhes substanciais sobre esse antigo mito somente na obra de prosadores e poetas tardios. Segundo alguns autores pós-épicos e pós-líricos (e.g. Ps.-Apollod. *Epit.* 3.7-8, Σ E. *Or.* 432 e Ps.-Hyg. *Fab.* 105), Palamedes suplantou Odisseu em astúcia e deu aos gregos uma série de benefícios “civilizadores” (a escrita, os números e as medidas, os jogos, a organização do exército, etc.), o que provocou ciúmes em Odisseu, Diomedes e Agamêmnon. Os três conspiraram para levá-lo à morte por meio de uma falsa acusação.

A tradição da vingança de Náuplio, pai de Palamedes, remonta provavelmente aos *Nosti* (*Arg.* 3 e *Fr.* 11: *supra* p. 101), mas os elementos que se tornaram mais conhecidos foram efetivamente desenvolvidos pela tragédia antiga, como veremos.

Poetas trágicos e Pal.⁵⁶⁷ Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Filocles, filho de Polipeito, recorreram à lenda de Palamedes em suas tragédias, nenhuma das quais chegou integralmente até nós. A tragédia de Filocles é conhecida somente pelo título (Ναύπλιος, TrGF 1, p. 142); das demais temos, pelo menos, algumas informações e outras tantas conjecturas.

Ésquilo apresentou, em data indeterminada, um *Palamedes* (Παλαμήδης, *Fr.* 181-182a + 180a)⁵⁶⁸ e acredita-se — sem evidências conclusivas, na verdade (JVL 2 p. 493) — que o Pseudo-Apolodoro (*Epit.* 3.7-8) conservou os elementos essenciais dessa tragédia:

Ὅτι Ὀδυσσεὺς λαβὼν αἰχμάλωτον Φρύγα ἠνάγκασε γράψαι περὶ προδοσίας ὡς παρὰ Πριάμου πρὸς Παλαμήδην· καὶ χώσας ἐν ταῖς σκηναῖς αὐτοῦ χρυσὸν τὴν δέλτον ἔρριπεν ἐν τῷ στρατοπέδῳ. Ἀγαμέμνων δὲ ἀναγνοὺς καὶ εὐρὼν τὸν χρυσόν, τοῖς συμμάχοις αὐτὸν ὡς προδότην παρέδωκε καταλεῖσαι.

Odisseu tomou um prisioneiro frígio e obrigou-o a escrever uma carta con-

---

notadamente, em PHILLIPS (1957).

⁵⁶⁷ O artigo *Sophocles' Palamedes and Nauplius plays: no trilogy here*, de A.H. Sommerstein (*The tangled ways of Zeus*, Oxford, Oxford U Press, 2010, p. 250-8) chegou às minhas mãos tarde demais para ser aproveitado nesta análise.

⁵⁶⁸ SOMMERSTEIN (2008, p. 182-3) atribui ao *Palamedes* esquiliano o *Fr.* **451k de Radt¹, numerado por ele como 180a.

tendo traição, como se viesse de Príamo para Palamedes, enterrou ouro em seus alojamentos e jogou a carta no acampamento. Agamêmnon a leu, descobriu o ouro e entregou-o [sc. Palamedes] aos aliados para morrer apedrejado como traidor.

A julgar por essa curta “hipótese”, a quantidade de enganos que pode ter sido encenada por Ésquilo não é pequena. Temos, naturalmente, além das histórias mentirosas de Odisseu, uma μηχανή relativamente complexa com dois subenganos, um engano à distância (a carta) e uma calúnia sem palavras, representada pelo ouro enterrado.⁵⁶⁹ Os fragmentos sobreviventes, no entanto, dão a entender apenas que a acusação de traição foi apresentada (*Fr.* 180a), que Palamedes tentou se defender (*Fr.* 181a-182) e que, finalmente, foi morto (*Fr.* 181). Nenhum dos elementos dos possíveis enganos, fora a acusação falsa propriamente dita, foi descrito. De acordo com esse último fragmento, no final da tragédia Ésquilo mostrou Náuplio em Troia, a exigir satisfações pela morte do filho.

Sófocles escreveu três ou quatro tragédias relacionadas com a lenda de Palamedes, todas conhecidas apenas pelo título e por pequenos fragmentos: *Odisseu Enlouquecido* (Ὀδυσσεὺς Μαινόμενος, *Fr.* 462-7); *Palamedes* (Παλαμήδης, *Fr.* 478-81); *Náuplio Navegante* (Ναύπλιος Καταπλέων, *Fr.* 425-8); e *Náuplio Acendedor de Fogo* (Ναύπλιος Πυρκαεύς, *Fr.* 429-31).⁵⁷⁰ Nas tragédias intituladas *Náuplio*, Sófocles provavelmente recorreu ao tema da vingança de Náuplio contra os gregos pela injusta morte do filho, e Palamedes era certamente mencionado; os enganos em que ele esteve envolvido podem ter sido, portanto, descritos em algum momento. Em uma possível hipótese fragmentária (*P. Oxy.* 3653 fr. 1 = *Fr.* 434a Lloyd-Jones, 2003)⁵⁷¹ atribuída ao *Náuplio Navegante* ou ao *Náuplio Acendedor de Fogo*, lê-se κατοδρυομένου δ' Οἷα[κος . . . . . Ναύ]πλιος ἀποπλεῖ τοῖς Ἑλλησιν, ‘diante do lamento de Éax ... Náuplio se pôs a navegar ... os gregos.’ É bem possível, portanto, que Náuplio e Éax, o irmão de Palamedes equiparável ao fiel irmão de Ajax, Teucro (cf. *S. Aj.*), estejam entre as *dramatis personae* de uma dessas tragédias e que Náuplio tenha saído para se

⁵⁶⁹ O tema do ouro escondido ocorre também em outras literaturas, e.g. na história bíblica de José e seus irmãos (*Gn.* 44). Ver nota 604, p. 373.

⁵⁷⁰ Alguns fragmentos (*Fr.* 432-8) se referem apenas ao Ναύπλιος, ‘Náuplio’, e alguns estudiosos acreditam que todos eles podem ter pertencido a uma única tragédia (e.g. Ναύπλιος, *Fr.* 425-38). LLOYD-JONES (2003, p. 249) afirma que não se pode descartar a possibilidade de terem essas tragédias formado uma tetralogia com temática encadeada.

⁵⁷¹ TrGF 3, p. 575 addenda et corrigenda in TrGF 4, p. 354.

vingar.

Acredita-se (TrGF 4, p. 378) que, no *Odisseu Enlouquecido*, Sófocles encenou o episódio da fingida loucura de Odisseu, acompanhando mais ou menos o relato do poeta dos *Cypr.* (*supra* p. 101). Praticamente todos os editores postulam ademais que, em seu *Palamedes*, Sófocles seguiu o tema do *Palamedes* de Ésquilo e que, portanto, deve ter também abordado os enganos inerentes ao episódio da vingança de Odisseu contra ele. Trata-se, a meu ver, mais de uma impressão do que de uma conclusão baseada em argumentos claros e bem definidos, pois os quatro fragmentos sobreviventes — cinco versos e duas palavras isoladas, no total — não permitem, de forma alguma, esclarecer satisfatoriamente o argumento da tragédia. Creio que apenas a escassa probabilidade de Sófocles ter escrito duas tragédias com pequenas variações sobre o mesmo tema⁵⁷² reforça um pouco essa opinião dos estudiosos.

Não dispomos de informações para datar, ainda que aproximadamente, as tragédias de Ésquilo e de Sófocles; em termos de datação relativa, só podemos concluir que Ésquilo foi indubitavelmente o primeiro a representar os enganos relacionados com a morte de Palamedes. Algumas ou todas as tragédias de Sófocles mencionadas podem ter sido representadas antes ou depois da tragédia de Eurípides, a única bem datada do grupo: -415 (ver *Apêndices B-C*, p. 431 e 432). Sem contar o *Pal.*, Eurípides mencionou o herói e os enganos que lhe custaram a vida no *Phil.* (*supra* p. 284), o irmão de Palamedes, Éax, no *Or.* (*supra* p. 242) e a vingança de Náuplio na *Hel.* (*supra* p. 231).

A produção de Eurípides. Do *Pal.* euripídiano temos seis testemunhos (Pl. *R.* 522d é um deles) e 13 fragmentos (*Fr.* 578-90).⁵⁷³ O argumento segue, de acordo com a maioria dos eruditos, o Σ E. *Or.* 432 (JVL 2, p. 493 e 496) e um papiro conservado em Michigan, ainda não publicado (ver nota 564, p. 323). Note-se que a “hipótese” do Pseudo-Apolodoro (em teoria seguida por Ésquilo) e a “hipótese” do escoliasta de Eurípides são muito semelhantes, diferindo apenas em alguns detalhes. Segundo o escoliasta, o prisioneiro frígio foi morto depois de escrever a carta, um servo de Palamedes foi subornado para esconder o ouro no alojamento e a carta e o ouro foram descobertos após a revista dos alojamentos que se seguiu a uma acu-

⁵⁷² Na poesia dramática grega há, no entanto, referências a “segundas versões” de um mesmo drama, e.g. o *Hipólito* de Eurípides e *As Nuvens*, de Aristófanes.

⁵⁷³ Alguns outros fragmentos foram recentemente atribuídos à tragédia, mas ainda sem ampla aceitação (ver CC 2, p. 48).

sação de traição, apresentada na assembleia dos chefes gregos. De todos os fragmentos, somente um deles, provavelmente enunciado por Palamedes, contém um vocábulo ligado diretamente aos enganos (*Fr.* 578.8-9):

ἃ δ' εἰς ἔριν πίπτουσιν ἀνθρώποις κακὰ
δέλτος διαιρεῖ, κοῦκ ἔῃ ψευδῇ λέγειν.

Os males que afligem os homens quando caem na discórdia
a tabuinha decide, e não permite contar mentiras.

O herói naturalmente não imaginava que, se a tabuinha em si não mente, aquele que nela gravou as letras eventualmente tem a intenção de enganar.⁵⁷⁴ Diversos estudiosos tentaram reconstituir a estrutura da tragédia em torno da complexa μηχανή — que Jouan chamou de “*machination compliquée*” (JVL 2, p. 499) — preparada por Odisseu, levando em conta o Σ E. *Or.* 432 e os fragmentos mais informativos. O esboço que apresento a seguir se baseia, em grande parte, nas propostas de Jouan (JVL 2, p. 496-503) e de Christopher Collard (CCG, p. 95-6); as possibilidades e variações são naturalmente muitas e procurei recorrer às que me pareceram mais razoáveis e mais condizentes com as informações disponíveis.

Na primeira parte do *prólogo*, alguém (Odisseu? o próprio Palamedes?) apresenta as razões do ódio de Odisseu contra Palamedes e, na segunda parte, Odisseu descreve seu plano para Agamêmnon (*Fr.* 579-80); segue-se o *párodo*, com a entrada do coro de guerreiros gregos (*Fr.* 586 e 589). Nos *episódios* e *estásimos* subsequentes, o plano de Odisseu se desenrola: a) o prisioneiro frígio, em cena,⁵⁷⁵ é obrigado a escrever a carta; b) um dos servos de Palamedes é subornado para esconder o ouro e a carta; c) Palamedes é chamado, com alguma desculpa, à presença de Agamêmnon e de Odisseu; d) acusado de traição por Odisseu, Palamedes se defende da calúnia (cena agonística, *Fr.* 578, 581-583) e, no final, Odisseu ou Agamêmnon sugere que se faça uma revista nos alojamentos de Palamedes (*Fr.* 590). Surge então um mensageiro (ou talvez Diomedes) para contar que a carta e o ouro (*Fr.* 587) foram lá en-

⁵⁷⁴ O tema da “carta mentirosa” está igualmente presente no *Hipp. B* (p. 161), na *Sthen.* (p. 289) e na *IA* (p. 251) de Eurípides. Na *IT* (p. 200), por outro lado, Eurípides apresentou uma carta com informações verdadeiras. Ver também HIRATA (2000/2001).

⁵⁷⁵ Essa cena não tem nenhum amparo nos fragmentos. Jouan apresentou, mesmo assim, a proposta de uma cena semelhante à de Orestes e do escravo frígio no *Or.* 1369-1526, com tonalidades levemente cômicas. Parece-me uma proposta aceitável, dada a tendência de Eurípides para a repetição de certos personagens-tipo e de alguns temas (ver, a propósito, CCL, p. 6-8).

contrados e logo depois, em um *estásimo*, o Coro lamenta a condenação e a morte de Palamedes (*Fr.* 588). No êxodo, Éax reafirma a inocência do irmão (*Fr.* 584), prediz que ele será lembrado (*Fr.* 585) e conta, finalmente, que conseguiu avisar Náuplio a respeito da injusta morte do filho, escrevendo mensagens em remos lançados ao mar (*Fr.* 588a), sistema muito original de enviar mensagens, mas de duvidosa eficácia na vida real.

A breve referência a Náuplio é tudo o que temos sobre a vingança do pai de Palamedes contra os gregos, nessa tragédia. Eurípides pode ter tratado esse tema apenas como um prenúncio do engano, mas também pode ter descrito sucintamente o engano propriamente dito, sem dramatizá-lo. Os detalhes desse conhecido engano já foram discutidos durante a análise da *Hel.* (*supra* p. 231), representada alguns anos depois do *Pal.*

Para finalizar, uma crítica literária muito antiga: Aristófanes classificou o *Pal.* euripidiano de ‘insípido’ (ψυχρὸν, *Th.* 848).

2.21 Íxion (Ἰξίων)⁵⁷⁶

Íxion, rei dos Lápitais, era pai de Pirítoos, o grande amigo de Teseu, e ancestral dos centauros. Seu mito é parte de antigas e tradicionais lendas da Tessália que não formam, propriamente, um Ciclo. Os gregos pensavam nele como o primeiro grande transgressor das leis divinas (*A. Eu.* 718), punido pessoalmente por Zeus. Além de Eurípides, outros poetas trágicos se inspiraram nas histórias contadas a seu respeito.

Fontes e dramas antigos. O mito de Íxion foi relatado pela primeira vez, já com quase todos os detalhes conhecidos, por Píndaro (*P.* 2.21-48: q.u. *supra* p. 133). Um dos antigos escoliastas do poeta (Σ Pi. *P.* 2.40b) afirma, no entanto, que Ferécides havia anteriormente descrito a lenda (= Pherecyd. 3 F 51). Excetuados os poetas trágicos, todas as outras referências a Íxion e ao seu castigo são bem posteriores ao século -V e tardias (e.g. Ps-Apollod. *Epit.* 1.20 e D.S. 4.69.3-4).

Ésquilo escreveu uma trilogia, da qual conhecemos parcialmente apenas as tragédias *As Perrébias* (Περραιβίδες, *Fr.* 184-6a) e *Íxion* (Ἰξίων, *Fr.* 90-3), baseadas nos mitos sobre as “façanhas” de Íxion. Ésquilo utilizou o primeiro engano (a morte do sogro de Íxion, Dioneu)

⁵⁷⁶ E. *Fr.* 424-7. Ver Herman Van Looy (JVL 2, p. 211-9) e CC 2 (p. 46-59).

no enredo da tragédia *As Perrébias* e isso é praticamente certo, uma vez que o *Fr.* 186a dessa tragédia contém duas formas do verbo δολοφονέω, ‘matar à traição’, verbo composto por um dos radicais associados ao engano (δολο-) e pelo radical do verbo φονεύω, ‘matar’. A trilogia esquiliana pode (ou não) ser um pouco mais antiga do que a ode pindárica, datada de -475, aproximadamente, portanto é possível e até provável que Ésquilo tenha inventado os detalhes dessa parte do mito e, assim, devemos considerá-lo o criador desse engano, pois é a mais antiga referência a ele. O poeta posteriormente se lembraria de Íxion e da aparente falha de julgamento Zeus em -458, nas *Eu.* 717-8.

Sófocles também escreveu um *Íxion* (Ιξίων, *Fr.* 296), do qual resta um único fragmento, constituído por uma só palavra: δίπτιον, ‘sedento’. A referência, relativamente tardia, vem do Σ^{LP} A.R. 4.14 que pode, no entanto, ter confundido Íxion com outro grande pecador, Tântalo, que em seu castigo no Hades sofria constantemente fome e sede (*Od.* 11.582-92).

Eurípides. Do *Ixion* de Eurípides temos apenas duas informações concretas: tratava-se de uma tragédia patética (παθητική, *Arist. Po.* 1455b) e, no final, Íxion era atado à roda de fogo (*Plu. Adul.* 19e). Na falta de hipóteses, fragmentos significativos, testemunhos indiretos e outros elementos essenciais, como os demais personagens do drama, nenhuma das raras reconstituições já tentadas ultrapassa os limites da especulação. Mas é razoável imaginar que a cena se passava diante do palácio de Íxion, na Tessália.

Em termos de engano, é igualmente lícito supor que Eurípides tenha ao menos mencionado os dois enganos conservados pela tradição mítica, a fim de justificar o castigo de Íxion citado por Plutarco, final apropriado ao *êxodo* de uma tragédia. O primeiro engano, que resultou na morte de Dioneu, pode ter sido desenvolvido em cena como uma μηχανή não muito complexa, com dois elementos, semelhante às diversas arapucas descritas em várias tragédias eurípidianas, e.g. a emboscada relatada no *Arch.* (q.u. *infra* p. 330) e no *HF* (*supra* p. 196). Primeiro, deve ter havido uma falsa história com engano retórico ou uma simples mentira, para atrair Dioneu; depois, a emboscada que o matou. É mais provável a falsa história do que a simples mentira, dada a prevalência desse tipo de engano em Eurípides (*infra* p. 355).

O segundo engano, que envolve a nuvem com as formas de Hera, um engano “por troca”, como o do fantasma de Helena (*Hel.*, p. 223), deve ter sido apenas relatado por um mensageiro ou até mesmo por um *deus ex machina*, recursos utilizados anteriormente por Eurípi-

des. Não é provável que Eurípides tenha mostrado a “sedução” de Hera em cena.

2.22 Arquelau (Ἀρχέλαος)⁵⁷⁷

Arquelau, assim como Cresfontes, é um dos heráclidas “tardios”, i.e., um dos remotos descendentes de Héracles que teriam se instalado no Peloponeso durante o mítico *retorno dos heráclidas* (q.u. *supra* p. 307). No *Arch.* ele é um dos filhos de Têmeno, irmão de Cresfontes, e acredita-se que o personagem foi inventado pelo próprio poeta, uma vez que não há referências a ele antes da tragédia de Eurípides. Nenhum outro poeta trágico recorreu ao tema.

Produção e reconstituição. A posição do *Arch.* na cronologia estabelecida por Cropp e Fick (1985, p. 76) combina com uma data tardia e, realmente, a peça pode ter sido representada em -408/-407 na Macedônia e não em Atenas, se aceitarmos a controvertida estada de Eurípides nessa região depois da representação do *Or.* em -408. Segundo o autor da *Vit. Eur.* i.a6, o poeta queria homenagear o rei macedônico Arquelau, seu anfitrião,⁵⁷⁸ mas a essa postura tradicional, aceita por Kn., Van Looy e muitos outros eruditos, Gibert (CCG, p. 333-5) contrapôs, sem descartá-la totalmente, outras possibilidades a meu ver bem mais prováveis, por exemplo a atitude pró-Macedônica prevalente em Atenas depois da desastrosa expedição à Sicília, datada de -415/-413 (ver Th. 6-7).

Essas questões são importantes para entendermos as motivações de Eurípides e suas fontes de inspiração,⁵⁷⁹ mas certamente o local e a data da primeira produção da tragédia não são essenciais para o presente estudo e, assim, o assunto fica para outra ocasião.

Não dispomos de hipótese, mas todos os estudiosos reconhecem que os fragmentos disponíveis se ajustam razoavelmente à *fabula* 219 do Pseudo-Higino, que em resumo diz o seguinte: o jovem Arquelau, exilado pelos irmãos, ajudou o rei trácio Cisseu em uma guerra contra os vizinhos e o rei, ao invés de cumprir suas promessas, tentou enganar (*fraudaui*) Ar-

⁵⁷⁷ E. *Fr.* 228-64. Ver Herman Van Looy (JVL 1, p. 275-307), John Gibert (CCG, p. 330-62) e CC 1 (p. 229-57).

⁵⁷⁸ Sobre a pretensa estada de Eurípides na Macedônia, ver meu artigo *Vitae Euripides* (RIBEIRO JR., 2007). Sobre o Arquelau histórico, ver a anedota de Díon de Prusa (4.70-2; cf. Hdt. 8.137) sobre a fictícia conversa entre Alexandre III da Macedônia e Diógenes, e as informações contraditórias de Tucídides (2.100.2), de Platão (*Gorg.* 470d-471a-c; 525b-c) e de um decreto honorífico promulgado pelos atenienses (IG I² 105).

⁵⁷⁹ O fracasso da expedição ateniense à Sicília, um dos mais importantes episódios da Guerra do Peloponeso. Sobre a influência da política ateniense na tragédia euripídiana, ver GOOSSENS (1962).

quelau e matá-lo através de uma armadilha (*per dolum*), mais exatamente uma fossa com carvões em brasa, recoberta de arbustos. Avisado por um servidor, Arquelau conseguiu inverter a situação e matou o rei, fazendo-o cair em sua própria armadilha. Os personagens envolvidos no engano e no contraengano devem ter sido Arquelau, Cisseu, um conselheiro ou amigo do rei, um Servidor e, provavelmente, um Mensageiro para relatar, em cena, a morte do rei.

Os enganos. Há pelo menos três enganos no *Arch.* e os dois primeiros se referem a mudanças de forma empregadas por Zeus para seduzir mulheres mortais, a chuva de ouro (Dânae) e a personificação de Anfitrião (Alcmena). São dois divinos enganos por ilusão, apenas lembrados pelo próprio Arquelau no prólogo (*Fr.* 228a):⁵⁸⁰

ΑΡΧΕΛΑΟΣ

ὅς τ' ἐγκατῆγεν χαλκέωι νυμφεύματ[ι]
 Δανάην . . . θεις . . . Ἀκρίσιός ποτε.
 Δανάης δὲ Περσεύς ἐγένετ' ἐκ χρυσορρύτων
 σταγόνων, (...) 10
 (...) Ζ[ε]ὺς δ' ἐς Ἀλκμήνης λέχος 15
 πε[σ]ῶν τὸ κλειν[ὸ]ν Ἡρακλέους σπείρει δέμας.

ARQUELAU

e aquele que certa vez confinou Dânae em uma
 câmara matrimonial de bronze: Acrísio.
 De Dânae (veio) Perseu, nascido da corrente de gotas
 de ouro, (...) 10
 (...) E Zeus, no leito de Alcmena 15
 estendido, engendrou o corpo do ilustre Héracles.

O terceiro engano é relativamente complexo e muito semelhante ao principal engano do mito de Íxion, o de Íxion contra Dioneu, possivelmente utilizado por Eurípides anos antes na tragédia homônima (q.u. *supra* p. 328).⁵⁸¹ Assim como na *Med.* (p. 151 sqq.), a motivação e a preparação do engano de Cisseu, mais o contraengano de Arquelau, constituíam aparentemente

⁵⁸⁰ É possível que o prólogo original do *Arch.* tenha sido na verdade o E. *Fr.* 846, correspondente a Ar. *Ra.* 1206-7, pelo menos de acordo com o escoliasta desses vv. A discussão remonta, no mínimo, a Aristarco de Samotrácia (c. -220/-143): ver Collard e Cropp (CC 2, p. 477).

⁵⁸¹ Do ponto de vista da cronologia absoluta, *Ixion* foi representado entre -423 e -406 e *Arch.*, depois de -413, mais seguramente nos últimos anos da vida de Eurípides. Não é provável que o poeta tenha apresentado duas tragédias com enredo semelhante muito perto uma da outra, portanto as duas devem ter sido produzidas com vários anos de diferença. Na realidade, porém, não dispomos de nenhum elemento para determinar, com certeza, se o *Ixion* é anterior ou posterior ao *Arch.*

te o arcabouço básico da tragédia. Dispomos apenas das informações do Pseudo-Higino, pois nenhum dos fragmentos conhecidos pode ser atribuído com certeza a qualquer elemento do engano. Apenas o *Fr.* 254.1, *πόλλ', ὃ τέκνον, σφάλλουσιν ἀνθρώπους θεοί*, 'muitas vezes, filho, os deuses enganam os homens,' que menciona de forma genérica a capacidade enganadora dos deuses, tem um vocábulo ligado ao engano e pode ter sido parte da desculpa apresentada por Cisseu diante de Arquelaus, pouco antes de ser morto pelo jovem (cf. *Il.* 19.85-96).

Eurípides pode certamente ser considerado o criador desse engano, apesar de o poeta ter se inspirado, obviamente, no engano de Íxion contra Dioneu.

2.23 *Tenes* (Τέννης)⁵⁸²

Tenes é o herói epônimo da ilha de Tenedo, situada na parte norte do Mar Egeu, a oeste de Troia, e seus pouco conhecidos mitos estão conectados, mas não necessariamente vinculados ao Ciclo Troiano. Eurípides⁵⁸³ não foi o único poeta a se inspirar nessas lendas mas, por incrível que pareça, as mais antigas referências a elas são justamente as tragédias de Eurípides e as dos poetas trágicos mais antigos.

Fontes e dramas antigos. Conhecemos bem o mito de Tenes, porém graças aos mitógrafos tardios, notadamente Cômico (26 F 1),⁵⁸⁴ Pausânias (10.14.2-4), Pseudo-Apolodoro (*Epit.* 3.23-6) e Diodoro Sículo (5.83.4-5). O tipo de história é bem conhecido e enquadra-se perfeitamente no tema de Putifar (*supra* p. 48). Em síntese, a madrasta de Tenes se apaixonou por ele, foi recusada, acusou-o falsamente de tentar seduzí-la e o marido, Cicno, que reinava perto de Troia, puniu o filho lançando-o no mar, juntamente com a irmã, em uma caixa de madeira, óbvio paralelo com o mito de Dânae e Perseu. Os dois irmãos chegaram então a uma ilha, da qual Tenes se tornou o rei, e logo o nome da ilha foi alterado para Tenedo, em sua homenagem. Posteriormente, Cicno descobriu o engano e puniu a culpada, mas o filho não o perdoou e impediu sua entrada na ilha. Durante a expedição dos gregos a Troia, a ilha foi invadida e Tenes foi morto por Aquiles.

⁵⁸² E. *Fr.* 695 (= Critias *Fr.* 21, TrGF 1, p. 182-3). Hipóteses: *P. Oxy.* 2455 *fr.* 14 (= Critias *Fr.* 20) e *P. Hamb.* 199 *col.* ii (= Critias *Fr.* 20a?, TrGF 5.2 p. 1108-9). Ver CC 2 (p. 664-9).

⁵⁸³ Sobre a discutida atribuição dessa tragédia a Crítias, ver comentários *supra* p. 33.

⁵⁸⁴ Obscuro mitógrafo do fim do s. -I, contemporâneo de Augusto. Sua obra *Διηγήσεις* sobreviveu nos resumos de Fócio I (c. 810/893), patriarca de Constantinopla.

As mais antigas referências ao mito vêm de Ésquilo, que pode ter escrito uma tragédia com esse mesmo título (TrGF 3, p. 343), e de Eurípides. A data exata das duas tragédias é desconhecida. Ésquilo abordou, a julgar pelo único e duvidoso fragmento atribuído à sua tragédia (*Fr.* ^{**} 451o = *P. Oxy.* 2256 *fr.* 51-3), as circunstâncias da morte de Tenes e a conquista da ilha pelos gregos (SOMMERSTEIN, 2008, p. 334) e pode, certamente, ter mencionado o engano relacionado com a madrasta de Tenes, mas não dispomos de nada concreto. Segundo os mitógrafos tardios (e.g. *Ps.-Apollod. Epit.* 3.23-6), o nome dela era Filonome.

Eurípides. De acordo com as hipóteses parciais que chegaram até nós, o poeta utilizou a parte do mito relacionada com o tema de Putifar e à tentativa de reconciliação de Cicno (*P. Oxy.* 2455 *fr.* 14):

(...)	5
(...) ἐπεὶ τ[ὸ]ν Τ[έ]ν- νην ἤκουσεν ἐπὶ τῇ[ν] ἀντιπέρα νῆσον σεσῶσθαι· προειπό[ν]τος δ' Ἀπόλλωνος τὴν μὲν νῆσον Τένεδον προσηγόρευσεν, τ]ὴν δὲ ψευσσ[μέν]ην γυναιῖκα ἀπέκτεινεν.	
(...)	5
(...) quando ouviu que Tenes atingira a ilha do lado oposto e havia sido socorrido. Por ordem de Apolo, chamou a ilha de Tenedo e matou a mulher mentirosa.	

O tema de *Putifar*, como vimos anteriormente, tem numerosos desdobramentos e vários subenganos embutidos, e a hipótese do *Ten.* evoca um dos mais importantes, o da mentira / calúnia da esposa despeitada (*ψεῦδω*, *fr.* 14.9). Quanto ao único fragmento, é praticamente impossível situá-lo sem o contexto apropriado e sem se ter certeza a respeito das outras partes do argumento.

Eurípides pode ter inventado esse engano específico, mas do ponto de vista da estrutura do engano ele é muito antigo, como discutido na apresentação do tema de Putifar (*supra* p. 48).

2.24 Pirítoo (Πειρίθους)⁵⁸⁵

Pirítoo é filho de Íxion, antigo rei dos lápitas punido exemplarmente por Zeus (*supra* p. 133 e 328), bem conhecido pelos atenienses devido à sua amizade com Teseu. Nessa tragédia, Eurípides⁵⁸⁶ dramatizou a fracassada aventura dos dois amigos no Hades, onde ficaram presos graças a um engano conduzido pelo rei do mundo subterrâneo, e seu resgate por outro grande amigo de Teseu, Héracles. Com isso, o poeta promoveu um incomum encontro, em uma única tragédia, do “Ciclo Tessaliano” — por assim dizer, — do Ciclo Ático e do Ciclo de Héracles.

Fontes antigas. A aventura de Teseu e Pirítoo no Hades remonta aos poemas homéricos (*Od.* 11.630-1), aos poemas épicos posteriores (*Heracleia* de Paniassis e *Min.*) e a algumas cenas criadas pelos antigos artistas; detalhes, no entanto, são encontrados apenas nos mitógrafos tardios. Na tragédia,⁵⁸⁷ o mito parece ter inspirado apenas Eurípides, que aborda o tema no *HF* e no *Pir.* Para os diversos aspectos míticos e dramáticos desse episódio, descritos anteriormente neste trabalho, ver p. 105, 194 e 197.

Reconstituição e enganos. De acordo com a hipótese, Héracles desceu ao Hades à procura de Cérbero, encontra Pirítoo preso na rocha, guardado por serpentes, e Teseu em sua companhia, por amizade (*Fr.* 595 = Critias *Fr.* 6), e o herói então consegue resgatar os dois amigos, com a permissão (χάρις) dos deuses subterrâneos. Note-se que antes dos mitógrafos tardios, Eurípides é a única fonte a mencionar o duplo salvamento: até mesmo no *HF* (610-9 e 1221-2) ele dá a entender que somente Teseu podia ser resgatado.

Era de se esperar que no *Pir.* encontrássemos detalhes sobre o engano de Hades contra os dois amigos, mas infelizmente nenhum dos fragmentos aborda esse tema. Os únicos enganos encontrados até o momento se referem a Íxion, pai de Pirítoo (Critias *Fr.* 4a.8). Isso se depreende da presença de algumas palavras-chave no *Fr.* 5 de Crítias (= P. Oxy 2078 *fr.* 1):⁵⁸⁸

⁵⁸⁵ E. *Fr.* 591-600 (= Critias *Fr.* 1-14, TrGF 1, p. 171-8). Hipótese: Jo. Log. 144-5 (= Critias *Fr.* 1). Ver CC 2, p. 636-57.

⁵⁸⁶ Assim como a tragédia *Ten.*, o drama *Pir.* é frequentemente atribuído ao político e poeta elegíaco Crítias. Ver comentários *supra* p. 33.

⁵⁸⁷ Existe, no entanto, a possibilidade de o *Pir.* ser um drama satírico (ver CC 2, p. 639).

⁵⁸⁸ Fragmento sem correspondente na edição de NAUCK (1889), na qual se baseia a numeração dos fragmentos de Eurípides adotada por Kn. O P. Oxy. 2078 foi descrito em 1927 por A.S. Hunt, anos depois da histórica edição de Nauck.

νεφέλην γυναικ[, ‘uma nuvem por esposa’ (5.9); τροχῶι, ‘em uma roda’ (5.14); [... οὐδέ νιν τάφος / ἔκρυψεν, ‘e nenhuma sepultura / o esconde’:⁵⁸⁹ trata-se naturalmente do engano de Zeus contra Íxion, aquele que envolve a “sedução” da nuvem em forma de Hera. Ver a análise do *Ixion* (*supra* p. 328).

⁵⁸⁹ Aceitei a conjectura de A. Körte (APF 10, 50-3, 1932, cit. CC2 p. 650 ad loc.). Kn: [/ ἔκρυψεν.

SISTEMATIZAÇÃO DO ENGANO EURIPIDIANO

ἀνδράσι μὲν δόλῃαι βουλαί.⁵⁹⁰
E. *Med.* 412-3

⁵⁹⁰ Entre os homens há tramas enganadoras.

1. Os muitos enganos de Eurípides

While Euripides may have learned a good deal from Homer's poem, his ultimate motive in portraying such clever ruses is more basic: they make for excellent theater.

J.R. PORTER, 1994, p. 85

Do ponto de vista do palco, o engano euripidiano era encenado, i.e., a maior parte do ato enganoso se desenvolvia em cena durante monólogos, diálogos, monodias, duetos e cantos corais, ou apenas relatado pelos personagens ou pelo Coro; às vezes, parte do engano era encenada e parte, relatada. Neste trabalho, qualquer engano desenvolvido no palco, no todo ou em parte, é considerado “encenado;” somente enganos exclusivamente mencionados pelos personagens ou pelo Coro são enganos “relatados.”

Os enganos encenados são, em geral diretamente relacionados com o tema ou temas principais da tragédia. Os enganos mencionados são quase sempre indiretamente vinculados ao tema básico e a maioria têm conexão periférica com o enredo trágico, são meras recordações de episódios míticos ligados a um personagem ou à sua família, ilustram acontecimentos anteriores à ação trágica ou fazem parte de *exempla* relatados pelo Coro, frouxamente relacionados com o enredo ou com outros episódios do mito de um dos personagens trágicos.

Os mais importantes enganos encenados e relatados por Eurípides em suas tragédias, os versos ou fragmentos correspondentes e sua origem literária estão sumarizados nas duas listas *infra*. As tragédias estão organizadas em ordem aproximadamente cronológica (ver *Apêndices B-C*, p. 431 e 432) e a representação dos enganos segue a notação proposta por HORNE (q.u. *supra* p. 11 sqq.). A origem do engano foi colocada na coluna da extrema direita: se o primeiro registro do engano ocorreu em tragédia anterior à de Eurípides, foi anotado o nome do tragediógrafo (Eur. = Eurípides); se a origem do engano é a poesia épica ou lírica, foi anotada a expressão “épica / lírica” (ou “ép. / lír.”), sem discriminar o autor ou poema anônimo que primeiro descreveu o engano.

O engano marcado é sempre o principal (i.e., subenganos não foram discriminados) e, quando há mais de um enganador ou mais de um enganado, foi colocado o nome do personagem mais relevante. No caso de algumas tragédias fragmentárias, o sinal “?” indica que o engano é provável, de acordo com a tradição mítica ou tragédias anteriores sobre o mesmo tema,

mas não há evidências diretas na hipótese ou nos fragmentos conhecidos.

1.1 Enganos encenados

TRAGÉDIA	AD LOC.	ENGANO	ORIGEM
<i>Alc.</i>	509-45	Admeto → Héracles	Eurípides
	1008-158	Héracles → Admeto	Eurípides
<i>Med.</i>	271-1322	Medeia → Jasão / Creonte	Eurípides
<i>Hipp. B</i>	688-1058	Fedra → Teseu	épica / lírica
<i>Andr.</i>	47-8, 83-5, 309-13	Andrômaca → Hermíone	Eurípides
	309-64	Menelau → Andrômaca	Eurípides
<i>Hec.</i>	749-1171	Hécuba → Polimestor	Eurípides
<i>El.</i>	107-578	Orestes → Electra	Sófocles
	596-1223	Orestes → Egisto	épica / lírica
		Electra → Clitemnestra	Eurípides
<i>HF</i>	565-754	Anfitrião → Lico	Eurípides
<i>IT</i>	900-1088	Ifigênia → Toas	Eurípides
	1281-303	Coro → Mensageiro	Eurípides
<i>Ion</i>	10-675	Apolo → Xuto	Eurípides
	813-1228	Creusa → Íon	Eurípides
<i>Hel.</i>	<i>passim</i>	Helena → Teoclímeno	Eurípides
<i>Or.</i>	1098-1312	Pílades / Electra → Menelau	Eurípides
<i>Ba.</i>	<i>passim</i>	Dioniso → Penteu	Ésquilo
<i>IA</i>	115-23	Agamêmnon → gregos	Eurípides
	303-542	Menelau → Agamêmnon	Eurípides
	538-721	Agamêmnon → Clitemnestra	Eurípides
<i>Pld.</i>	<i>Arg.</i>	Medeia → filhas de Pélias	épica / lírica
<i>Scyr.</i>	<i>Arg., Fr. 686</i>	Tétis → gregos	épica / lírica
	<i>Arg.</i>	Odisseu → Aquiles	épica / lírica
<i>Aeg.</i>	?	Medeia → Egeu / Teseu	Eurípides
<i>Ino</i>	<i>Ps.-Hyg. Fab. 4</i>	Átamas → Temisto	Eurípides
	<i>Fr. 411, 413-4</i>	Ino → Temisto	Eurípides
<i>Thy.</i>	?	Atreu → Tieste	épica / lírica
<i>Alcm. Ps.</i>	?	Alcmeon → Fegeu	Eurípides

	?	Fegeu → Alcmeon	Eurípides
<i>Tel.</i>	<i>passim</i>	Télefo → gregos	Eurípides
<i>Phil.</i>	<i>passim</i>	Odisseu → Filoctetes	épica / lírica
<i>Sthen.</i>	<i>Arg., Fr. 661</i>	Estenebeia → Preto	épica / lírica
	<i>Arg.</i>	Preto → Belerofonte	épica / lírica
	<i>Arg., Fr. 669</i>	Belerofonte → Estenebeia	Eurípides
<i>Hipp. A</i>	<i>Arg.</i>	Fedra → Teseu	épica / lírica
	<i>Arg.</i>	Teseu ? → Fedra	Eurípides
<i>Pho.</i>	<i>Arg.</i>	Clítia → Amíntor	ép. / lír. / Sófocles
<i>Dan.</i>	<i>Fr. 321 ?</i>	Dânae → Acrísio ?	épica / lírica
<i>Cresph.</i>	<i>Arg.</i>	Cresfontes <i>iunior</i> → Polifontes	Eurípides
	<i>Fr. 448a, 453, 458</i>	Cresfontes <i>iunior</i> → Polifontes	Eurípides
<i>Anip.</i>	<i>passim</i>	Pastor → Lico	Eurípides
<i>Alcmn.</i>	<i>Arg. ?</i>	Zeus → Alcmena	épica / lírica
<i>Pel.</i>	?	Hipólita → Peleu	épica / lírica
<i>Phr. A</i>	<i>Arg.</i>	Ino → Frixo	épica / lírica ?
<i>Phr. B</i>	<i>Arg.</i>	Dioniso → Frixo	Eurípides
<i>Pal.</i>	<i>passim</i>	Odisseu → Palamedes	Ésquilo ?
<i>Ixion</i>	?	Íxion → Dioneu	Ésquilo
<i>Arch.</i>	<i>Arg.</i>	Arquelau → Cisseu	Eurípides
<i>Ten.</i>	<i>Arg.</i>	Filonome → Cicno	épica / lírica

1.2 Enganos relatados

TRAGÉDIA	AD LOC.	ENGANO	ORIGEM
<i>Alc.</i>	10-14; 32-47	Apolo → Moiras	Ésquilo
<i>Med.</i>	9-10	Medeia → filhas de Pélias	épica / lírica
	225-6, 548-67	Jasão → Medeia	Eurípides
	973-5	Zeus → Epimeteu	épica / lírica
<i>Andr.</i>	957-1165	Orestes → Neoptólemo	Eurípides
<i>Hec.</i>	239-48	Odisseu → troianos	épica / lírica
	1255-81	Egisto / Clitem. → Agamêmnon	épica / lírica
<i>El.</i>	<i>passim</i>	Egisto / Clitem. → Agamêmnon	épica / lírica
	553-7	Preceptor → Clitemnestra	épica / lírica

	666-712	Tieste → Atreu	épica / lírica
		Atreu → Tieste	épica / lírica
	1280-3	Zeus → gregos / troianos	épica / lírica
<i>HF</i>	1-3	Zeus → Alcmena	épica / lírica
	<i>passim</i>	Hades → Teseu / Pirítoo	épica / lírica
<i>Tr.</i>	9-12	Odisseu / Atena → troianos	épica / lírica
	864-6, 939	Alexandre → Menelau	épica / lírica
	355-64	Egisto → Agamêmnon	épica / lírica
		Orestes → Egisto / Clitemnestra	épica / lírica
<i>IT</i>	<i>passim</i>	Ártemis → gregos	épica / lírica
<i>IT</i>	<i>passim</i>	Odisseu → Clitemnestra	Sófocles
	<i>passim</i>	Egisto → Agamêmnon	épica / lírica
	<i>passim</i>	Orestes → Egisto / Clitemnestra	épica / lírica
	1234-83	Telfusa → Apolo	épica / lírica
	386-8	Tântalo → deuses	épica / lírica
	1-2, 823-6	Pélops → Enômao (?)	épica / lírica
	196-7	Tieste → Atreu	épica / lírica
		Atreu → Tieste	épica / lírica
<i>Ion</i>	10-1, 14-5	Creusa → Erecteu	Eurípides
<i>Hel.</i>	<i>passim</i>	Zeus / Hera → gregos, troianos	épica / lírica
	17-21, 1144-6	Zeus → Leda	épica / lírica
	386-90	Tântalo → Pélops	épica / lírica
	766-7, 1126-31	Náuplio → gregos	épica / lírica
<i>Or.</i>	4-10, 982-4	Tântalo → deuses	épica / lírica
	992-6, 1547-8	Pélops → Enômao	épica / lírica
	812-3, 997-1000	Tieste → Atreu	épica / lírica
		Atreu → Tieste	épica / lírica
		Atreu → Tieste	épica / lírica
	561, 618-9	Egisto → Agamêmnon	épica / lírica
	1158-61, 1089-90	Pílades → Egisto / Clitemnestra	ép. / lír. + Eur.
<i>Ba.</i>	<i>passim</i>	Hera → Sêmele	Ésquilo
	88-103	Zeus → natureza	épica / lírica
	337-40	Ártemis → cães de Actéon	épica / lírica
<i>IA</i>	98-105	Agamêmnon → Clitemnestra	ép. / lír. + Eur.

	1578-95	Ártemis → gregos	épica / lírica
<i>Thy.</i>	<i>Fr.</i> *397b	Atreu → Tieste	épica / lírica
<i>Cret.</i>	<i>Fr.</i> 472b, 472e, 988	Pasífae → touro	épica / lírica
<i>Dan.</i>	<i>hipótese</i>	Zeus → Acrísio	épica / lírica
<i>Bell.</i>	<i>Fr.</i> 288-9	?	?
<i>Cresph.</i>	<i>Fr.</i> 488a	Polifontes → Cresfontes <i>senior</i>	Eurípides
<i>Antp.</i>	<i>Fr.</i> 210	Zeus → Antíope	Eurípides
<i>Phr. B</i>	<i>Fr.</i> 820a	Ino → Frixo	épica / lírica ?
	<i>Fr.</i> 820b	Zeus → Europa	épica / lírica
<i>Pal.</i>	<i>Fr.</i> 558a	Náuplio → gregos	Sófocles ?
<i>Ixion</i>	?	Zeus → Íxion	épica / lírica
<i>Arch.</i>	<i>Fr.</i> 228a	Zeus → Dânae	épica / lírica
	<i>Fr.</i> 228a	Zeus → Alcmena	épica / lírica
<i>Pir.</i>	Critias <i>Fr.</i> 4a-5	Zeus → Íxion	épica / lírica

2. Estrutura do engano euripidiano

Um rápido exame da lista de enganos de Eurípides mostra um certo equilíbrio entre os enganos dramatizados, i.e., desenvolvidos em cena, com personagens enganando e sendo enganados no palco, e os enganos rememorados ou mencionados. Há 50 enganos encenados (47%) e 57 enganos relatados (53%) pelo Coro ou por um dos personagens, pelo menos. Desse 107 enganos euripidianos comentados na análise das tragédias, mais ou menos a metade (51%) já havia sido descrita na tradição mítica; pouco mais de um décimo (12%) foi utilizado anteriormente por outros poetas trágicos (Ésquilo e Sófocles) e apenas a terça parte, aproximadamente (33%) dos enganos, pode ser atribuída ao próprio Eurípides. Dentre os enganos encenados atribuídos aos poetas trágicos, Eurípides parece ter certamente criado a maioria. Note-se, no entanto, que esse viés decorre em parte do fato de terem sido estudadas apenas as tragédias não euripidianas diretamente relacionadas com os enganos presentes na obra trágica de Eurípides.

Esse relativo equilíbrio entre o número de enganos encenados e de enganos relatados na tragédia euripidiana (47% vs. 53%) não reflete, naturalmente, a grande importância dos enganos encenados no enredo e na economia da tragédia de Eurípides, se considerarmos a duração

das cenas de engano no palco e o impacto da *performance* dos atores nessas cenas, pois representações e encenações são bem mais demoradas do que simples menções. Não se deve perder que vista, ademais, que além do contexto dramático, literário e religioso, a tragédia ática deve ser pensada como um dos mais significativos eventos da cultura performática da Atenas do século -V,⁵⁹¹ e que o engano encenado é também uma *performance* — a rigor, uma *performance* restrita (cena de engano) dentro de uma *performance* mais ampla (a tragédia toda), como se vê de forma nítida, por exemplo, no engano de Helena e Menelau contra Teoclímeno (*Hel.* 1165-300, p. 228). Essa afirmação pode ser com certeza estendida aos enganos encenados / relatados por Ésquilo, Sófocles e demais poetas trágicos, mas não em termos quantitativos, pois minha limitada análise da obra trágica desses poetas no presente trabalho não permite conclusões mais específicas.

Os números encontrados ilustram em boa medida, além disso, a importância e predominância dos enganos descritos na tradição mítica, conservados notadamente pelos poetas épicos e líricos, na gênese do engano trágico em geral e do engano euripidiano em particular.

2.1 Estrutura básica

Na poesia épica, lírica e trágica, especialmente nas tragédias de Eurípides e possivelmente na literatura grega em geral, os enganos são estruturados em torno de sete elementos básicos:

- a) o enganador (X);
- b) o enganado (Y);
- c) o motivo ou a justificativa do engano;
- d) o objetivo;
- e) a deliberação e/ou planejamento;
- f) a execução;
- g) o resultado.

Os itens *c-f* são os componentes do “ato enganoso” propriamente dito (A), e os itens *c* e *g*, respectivamente a justificativa e o resultado do engano, são quase sempre deduzidos do contexto do engano e, mais raramente, através do léxico. Os demais itens são quase sempre

⁵⁹¹ Ver, entre outros, WILES (1997), GOLDHILL (1999), MACKIE (2004) e PELLING (2005).

marcados pelo léxico específico ou circunstancial do engano, como vimos no excurso sobre o engano pré-euripidiano e na análise das tragédias de Eurípides. Independentemente da complexidade do engano e do número de versos que os poetas empregaram em sua descrição, tais elementos estão sempre presentes, explicitamente ou não.

Eis a estrutura de um dos mais conhecidos enganos da tradição mítica, a “teia de Penélope”, de acordo com o poeta da *Od.* (*supra* p. 78):

- a) enganadora: Penélope (2.88, 19.137);
- b) enganados: os pretendentes (2.90, 19.151);
- c) motivo: pressão para um novo casamento (19.130-8);
- d) objetivo: evitar o casamento antes de saber de Odisseu (19.157);
- e) deliberação: planejamento prévio (2.93, 19.137);
- f) execução: tecer e desfazer o tecido (2.96-105);
- g) resultado: plano descoberto, graças à traição de uma serva (2.106-10).

Note-se que a falha do plano de Penélope ocorreu por motivos alheios ao planejamento e à execução do engano e que, pelo fato de ter ao menos protelado o casamento, foi parcialmente bem sucedido. Compare-se agora a teia de Penélope homérica com a μηχανή da *Med.* de Eurípides (*supra* p. 147):

- a) enganadora: Medeia (384-5)
- b) enganados: Jasão, Creonte e a filha de Creonte (374-5)
- c) motivo: vingança contra Jasão e Creonte (261-2)
- d) objetivo: matar Creonte e filha, privar Jasão de descendência (794, 804-5);
- e) deliberação: planejamento prévio (260, 401-2, 787-805);
- f) execução: morte de Creonte e filha (1125-221), morte dos filhos de Medeia e Jasão (1236-41);
- g) resultado: plano bem sucedido (1317-22).

A “teia de Penélope,” relatada por [Homero] e a μηχανή de Medeia descrita na *Med.* de Eurípides são dois enganos emblemáticos e todos os elementos formais (a-g) de sua estrutura estão presentes nos textos de [Homero] e de Eurípides. Nesses dois exemplos há, ainda, um oitavo elemento: o *prenúncio* dos enganos. O prenúncio da “teia de Penélope” pode ser encontrado nos vv. 13.380-1 e 24.126-7 da *Od.* e o do engano de Medeia, nos vv. 9-10 e 37 da *Med.* O prenúncio é um componente que nem sempre está presente. Espécie de aviso prévio

do engano, é em geral dirigido à audiência e, muitas vezes, de forma explícita; na tragédia, muitas vezes é um dos recursos da ironia trágica.

Além do exemplo da *Med.*, há pelo menos três outros prenúncios muito bem marcados na tragédia de Eurípides. O primeiro é o prenúncio do engano do fantasma de Helena descrito na *Hel.* no final da *El.* (1280-3, p. 191 e p. 223), o segundo é prenúncio dos diversos enganos da *El.* no início de *Tr.* (355-64, p. 199) e o terceiro é o prenúncio do engano de Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon, também descrito na *El.*, no início das *Tr.* (355-60, p. 199) e no final da *IA* (1616-7, p. 260).

Observe-se, finalmente, que nos enganos meramente relatados é mais difícil encontrar todos os elementos estruturais descritos *supra*. Com frequência, os “enganos relatados” pelos personagens e pelo Coro em um ou em alguns poucos versos são incluídos na tragédia pelo poeta simplesmente para evocar episódios míticos ou enganos bem conhecidos, em geral a título de *exemplum* ou simplesmente para ilustrar um argumento ou ponto de vista relevante naquele momento.

2.2 Enganadoras, enganadores e enganados

Do ponto de vista do enganador (X) e do enganado (Y), Eurípides acompanhou fielmente a tradição mítica. Como se vê pelo estudo dos poetas épicos e líricos, enganos podem ser efetuados totalmente na esfera divina, i.e., os enganadores e enganados são divindades, ou na esfera humana, i.e., enganadores e enganados são meros mortais. Há enganos que se dão nas duas esferas ao mesmo tempo e, nesses casos, em geral é a divindade quem engana. O mortal é quase sempre o enganado e há, é claro, alguns poucos casos em que ele tenta — inutilmente — enganar os deuses (e.g. Tântalo, em Pi. *O.* 1.24-6 e 48-51, *Od.* 11.582-92, p. 131 e E. *IT* 386-8, p. 208; Íxion, em Pi. *P.* 2.21-48, p. 133, Pherecyd. 3 F 51, A. *Eu.* 717-8, E. *Ixion*, p. 328, E. *Pir.*, p. 334).

Há até mesmo dois enganos que saem um pouco da esfera humana, mas não da esfera mortal: o de Pasífae contra o touro, presente tanto no mito (*Ehoiae Fr.* 93, p. 111 e B. 26, p. 126) quanto na tragédia de Eurípides (*Cret. Fr.* 472b, 472e e 988, p. 287), e o de Ártemis, contra os cães de caça de Actéon, presente no mito (*Ehoiae Fr.* 161-2, p. 111; Stesich. *Fr.* 236, p. 122) e em Eurípides (*Ba.* 337-40, p. 251). Com exceção desses dois enganos, todos os

outros têm deuses e seres humanos entre os enganadores e enganados.

Os primeiros enganos da tradição mítica, descritos basicamente pelos poetas épicos e líricos, foram praticados pelos deuses (Crono, Zeus) e deusas primordiais (Gaia, Reia) contra outras divindades primordiais (Urano, Crono) desde a formação / conformação do Universo atual (*supra*, p. 85 sqq.) e desde o estabelecimento dos protocolos de relacionamento entre homens e deuses (Zeus, Prometeu: *supra*, p. 87). Os enganos dessa última fase são, de certa forma, responsáveis pela atual estrutura da realidade humana e ainda por boa parte dos contatos entre deuses e homens. Aliás, segundo Hesíodo (*Th.* 224), em si mesmo o Engano (Ἀπάτη) é uma divindade gerada pela Noite (*supra*, p. 84) e constitui um componente sombrio e negativo da esfera divina (*supra*, p. 40, 84e 95; cf. DETIENNE, 1967, p. 24). Na ordem cronológica da cosmogonia grega, os enganos praticados pelos deuses mais antigos tiveram consequências ou atingiram a esfera humana somente quando Prometeu falhou ao enganar Zeus quanto às dádivas sacrificiais e ao fogo, e em sua ira o pai dos deuses e dos homens enviou à humanidade a primeira mulher: Pandora (*supra* p. 87-89). Segundo Semônides (*Fr.* 7), Zeus também recorreu ao engano para criar mulheres, que o poeta comparou, depreciativamente, com diversos animais (*supra* p. 114). Dos enganos “cosmogônicos” descritos pela poesia épica, Eurípides evocou apenas um, justamente o de Pandora, mencionado em *Med.* 973-5 (p. 158). Os enganos mais recentes, referentes aos mitos sobre a interação entre as últimas gerações divinas e os homens, e também sobre a interação dos antigos heróis e heroínas entre si, são muito numerosos (VÍLCHEZ, 1976, p. 102) em Eurípides.

A natureza divina e o sexo dos enganadores e dos enganados, tanto no mito quanto na poesia trágica em geral, é bastante eclética: deuses e deusas, homens e mulheres podem ser encontrados dos dois lados do ato enganoso. No mito e na poesia de Eurípides, no entanto, a proverbial capacidade de enganar do sexo feminino, seja na esfera divina, seja na esfera humana, recebeu destaque considerável. Para os poetas antigos, o sexo da enganadora era até mais relevante do que sua natureza divina. O autor da *Il.*, por exemplo, afirmou que Hera era capaz de enganar Zeus, o mais poderoso de todos os deuses, não porque era uma deusa poderosíssima, rainha dos deuses e tudo o mais, mas porque ‘era do sexo feminino’, θῆλυς ἐοῦσα (19.97). Outra evidência da forte ligação entre o sexo feminino e o engano é uso do verbo ὑφαίω, ‘tecer, tramar’ (e.g. *Od.* 9.422, p. 78) e do verbo πλέκω, ‘entrelaçar’ (e.g. *Sapph. Fr.* 1, p. 114), como sinônimos do ato de enganar. Observe-se que tecelagem é, na cultura grega,

uma das atividades mais ligadas às mulheres e ao lar.

Eurípides seguiu esse tema muito de perto, aproximando-o mais da esfera humana. No *Hipp. B*, Hipólito atribuiu ao maléfico sexo feminino a capacidade de planejar, dentro do lar, muitos enganos (649-50). Na *Med.* 401-9 (p. 154), Medeia associou sua capacidade de enganar não à σοφή, que ela tinha em alto grau, mas ao fato de ser mulher. Na *Andr.* 85 (p. 170), Andrômaca diz que uma outra escrava é capaz de enganar porque é mulher (πολλὰς ἄν εὖροις μηχανάς γυνὴ γὰρ εἶ). No *Ion* 843-4 (p. 216), o sexo feminino é associado diretamente ao engano (γυναικεῖόν τι ... δόλωι τι) pelo velho servidor de Creusa. No *Fr.* 321 da *Dan.* (p. 304), o poeta fez até mesmo uma oposição entre a natureza direta do homem e a natureza enganadora da mulher, em tom apropriadamente proverbial.⁵⁹² Eurípides chegou a alterar o mito básico do enredo trágico para destacar o engano feminino: segundo a tradição, foi Peleu quem enviou Aquiles disfarçado de mulher a Esquiros, para enganar os líderes gregos (*Cypr. Fr.* 19, p. 103), mas na tragédia *Scyr.* (*supra* p. 263) a enganosa façanha foi atribuída pelo poeta à deusa Tétis.

Tanto no mito quanto em Eurípides os enganos usualmente associados às mulheres são a capacidade de planejar enganos complexos, com todos os detalhes (embora às vezes necessitem de deuses ou homens para a parte executiva do projeto), o uso de drogas e venenos (φαρμάκοι) e a sedução amorosa. Todos eles têm precedentes na esfera divina.

Gaia, a mais primordial de todas as deusas, elaborou durante a cosmogonia todos os detalhes da emboscada de Crono contra Urano (*Hes. Th.* 160-75, p. 86). O engano de Hera contra Zeus (Διὸς ἀπάτη = *Il.* 14.153-360, p. 39) é um primor de planejamento (e de execução) eficiente, assim como o plano de Idoteia para ajudar Menelau (*Od.* 4.363-572, p. 62). Gaia e Hera são casadas, mas a tradição mítica não atribui nenhum consorte a Idoteia: pode-se dizer, consequentemente, que a virgindade em nada afeta a capacidade enganadora das deusas. Atena e Ártemis, deusas não submetidas ao jugo do casamento, prepararam enganos a favor ou contra mortais (depende do ponto de vista), com a mesma eficiência de suas divinas e casadas colegas. Atena planejou o ardil do cavalo de Troia (*Od.* 13.303-441, p. 65; *Il. Parv. Arg.* 4 e *Fr.* 12, p. 99; *Il. Pers. Arg.* 1-2 e *Fr.* 1, p. 100; *Stesich. Fr.* S 88-9, p. 121) e ajudou Odisseu a preparar a vingança contra os pretendentes (*Od.* 13.187- 22.389, p. 70-77). Ártemis primeiro

⁵⁹² Em contrapartida, Eurípides fez uma grande e bela defesa do gênero feminino no *Fr.* 494 da *Melanipe Cativeira* (Μελανίπη ἢ Δεσμώτις, *Fr.* *489-96).

exigiu o sacrifício de Ifigênia e depois a subtraiu das mãos dos aqueus antes de ser sacrificada, o que indica um preliminar plano de ação (*Cypr. Arg.* 8, p. 102; *Ehoiae Fr.* 19, p. 105). Os mitos sobre mulheres planejadoras de enganos são menos numerosos: a “teia” de Penélope (*Od.* 2.87-127, 19.137-61, 24.128-46, p. 78) e o plano de Clitemnestra para matar Agamêmnon e Cassandra (*Od.* 11.428-53, p. 83; *Ehoiae Fr.* 19, p. 106; *Pi. P.* 11.15-35, p. 136; *Stesich. Fr.* 210-9?, p. 122; *Nosti Fr.* 6, p. 101) são os mais importantes. E há também um exemplo de planejadora humana enganada, que descobre tarde demais que havia sido o instrumento de alguém ainda mais enganador: Dejanira, a esposa de Héracles, enganada por Nesso (ou por Hera; ver B. 16, p. 124). Desses enganosos planejamentos divinos e femininos da tradição mítica, Eurípides mencionou apenas o engano do cavalo de Troia (*Tr.* 9-12, p. 198) e o engano de Ártemis no sacrifício de Ifigênia (*IT* 6-66, p. 202; *IA* 1578-95, p. 258). O engano planejado e empreendido por Hera contra Sêmele, não encontrado nas fontes antigas,⁵⁹³ foi descrito por Ésquilo na *Sêmele* (*Fr.* **168 e **168a-b, p. 246) e mais tarde mencionado rapidamente por Eurípides nas *Ba.* (3, 9, 89-91, 244-5 e 288, p. 246).

Eurípides estabeleceu uma grande tradição trágica de poderosas e ardilosas planejadoras mortais, casadas ou não, quase sem precedentes na poesia anterior. Das mortais planejadoras-enganadoras do mito, somente Clitemnestra foi lembrada por ele: *Hec.* 1275-3 (p. 179), *El. passim* (p. 182 sqq.), *Tr.* 355-64 (p. 199), *IT passim* (p. 200 sqq.) e *Or.* 561 e 618-9 (p. 235). A capacidade de planejar enganos das outras mulheres foi desenvolvida por ele e detalhadamente discutida na análise de cada tragédia. As grandes enganadoras, que recorreram a enganos complexos, com vários subenganos, são: Medeia (*Med.* 9-10 e 271-1322, p. 147 sqq.; *Aeg.*, p. 264; *Pld.*, p. 260), Hécuba (*Hec.* 749-1171, p. 177 sqq.), Electra (*El.* 596-1223, p. 190 sqq.; *Or.* 1098-1312, p. 238), Ifigênia (*IT* 900-1088, p. 205), Helena (*Hel. passim*, p. 218).

Outras boas planejadoras que recorreram a enganos menos complexos ou foram menos eficientes, mas receberam bastante destaque nas tragédias euripidianas são: Fedra (*Hipp. A e B.* p. 294 e 159); Andrômaca (*Andr.*, p. 164), Creusa (*Ion*, p. 209), Ino (*Ino*, p. 267; *Phr. A.* p. 319; *Phr. B.* p. 322), Dânae (*Dan.*, p. 301) e Pasífae (*Cret.*, p. 285). Note-se a predominância de mulheres da família dos tantálidas-atridas: Clitemnestra, Electra, Ifigênia e também, em certa medida, Helena, ligada aos atridas pelo casamento e que, dentre todas as mulheres pla-

⁵⁹³ Nem mesmo Píndaro, ao abordar a violenta morte de Sêmele (*O.* 2.25-7, *P.* 3.98-9, fala do engano.

nejadoras, apenas Electra mereceu um elogio explícito, da parte de Orestes (*Or.* 1180): τὸ συνετόν γ' οἶδα σῆι ψυχῇ παρόν, 'eu sei que tens inteligência em teu espírito.'

No mito, o paradigma do uso de drogas com fins enganosos e nocivos é a feiticeira Circe, eternizada pelo poeta da *Od.* no episódio da visita de Odisseu e seus companheiros à ilha de Eéa, enquanto Helena (*Od.* 4.183-239) é o paradigma do uso enganoso, mas benéfico das drogas (*supra* p. 69). De certa forma, o possível engano de Métis para que Crono regurgitasse os filhos já engolidos (*Hes. Th.* 494-6) deve ter sido mediado por uma droga ou por mel, de acordo com a fonte (*supra* p. 87). Dejanira também deve ser considerada uma enganadora que atuou por meio de drogas, pois embora tenha envenenado Héracles inadvertidamente, ela sabia que havia uma droga nas vestes que enviou a Héracles e contava com seu efeito (*Ehoiae Fr.* 22, p. 107; *B.* 16, p. 124). Eurípides retomou a tríade feminino, engano e drogas estabelecida pelo mito em *Med.* 384-5, 787-9 e 1125-221 (p. 154 e 156), *Andr.* 32-7 (p. 168), *Ion* 844-5, 1001-17 e 1029-47 (p. 217) e *Aeg.* (p. 264). O poeta também destacou, na *Andr.* (159-60, p. 168), a capacidade de enganar mediante drogas das mulheres não gregas e, em um fragmento da tragédia *As Cretenses*, a das mulheres casadas em geral (*Fr.* 464):

γαμεῖτε νῦν, γαμεῖτε, καῖτα θνήσκετε
ἢ **φαρμάκοισιν** ἐκ γυναικὸς ἢ **δόλοις**.

Casai-vos, então, casai-vos e morrei
por meio de venenos ou de enganos de vossa mulher.

A tradição mítica, certamente desde seus primórdios, considerou a sedução amorosa uma forma de engano associada a Afrodite (*Il.* 14.170-217 e 294-6, p. 39; *Hes. Th.* 205, p. 84; *h. Ven.* 1-35, p. 90; *Sapph. Fr.* 1 e 94, p. 114; *Sapph. uel Alc. Fr. inc.* 42; *Alc. Fr.* 283, p. 115; *B.* 17.116, p. 127, *Pi P.* 4.219 e 9.38-43, p. 134; *Mimn. Fr.* 13, p. 114; *Pi. P.* 9.38-43) e ao sexo feminino. Em Eurípides, o exemplo mais evidente é o da passagem que descreve a violenta reação de Hipólito à paixão de sua madrasta, Fedra (*Hipp. B* 616-50, p. 161). Outro exemplo importante é um curioso desabafo de Helena contra os enganos de Afrodite, na *Hel.* 238 e 1102-4 (p. 232) e *Tr.* 948-9 e 983-4 (p. 199). Em dois outros casos, um do *Hipp. A Fr.* 429-30 e outro da *Med.* 526-8, a sedução amorosa não está nitidamente vinculada ao tema do engano.

Não se pode negar o evidente viés misógino dos antigos poetas (em Eurípides, ver e.g.

Med. 573-5, p. 158; *Hipp. B* 616-37, p. 161; *Andr.* 943-53; *Hipp. A Fr.* 440, p. 296; *Sthen. Fr.* 661.22-6 e 666, p. 294; *Pho. Fr.* 808, p. 300)⁵⁹⁴ ou, talvez, eles só procurassem atender à misoginia de suas audiências.⁵⁹⁵ Se considerarmos, no entanto, a quantidade de citações, os enganos amorosos empreendidos por Zeus, Posídon e Apolo — entre outros — são mais frequentes do que os enganos femininos por sedução. No mito, há até mesmo dois notórios sedutores masculinos da esfera humana, não vinculados a Afrodite: Egisto (*Od.* 3.262-72, p. 82) e Fênix (*Il.* 9.451-3, p. 49). Na poesia trágica, de modo geral, o aspecto sedutor de Egisto foi bastante minimizado, em prol do papel de Clitemnestra no planejamento da morte de Agamêmnon, e somente no *Or.* ele é mais lembrado como amante de Clitemnestra do que como autor do engano contra Agamêmnon (*supra* p. 235). Já o Fênix da tragédia euripídiana homônima (*supra* p. 298) parece ter sido retratado da mesma forma que o do mito. E há, naturalmente, um notório sedutor vinculado a Afrodite, tanto no mito (*Alc. Fr.* 283, p. 115; *Ibyc. Fr.* 282a, p. 119; *B. Fr.* 15.57-61, p. 127; *Hdt.* 2.112-20, p. 219) quanto em Eurípides: o troiano Alexandre-Páris, que conseguiu seduzir a grega Helena — pelo menos em certas versões (ver *Hel.* p. 219 sqq. e *Tr.* 864-6, p. 198) — graças aos excelentes serviços de Afrodite.

É notável que, apesar da ênfase dada pelo mito e por Eurípides na capacidade enganadora das mulheres, mais de dois terços dos enganos euripídianos foram aplicados por representantes imortais e mortais do sexo masculino. As duas únicas características eminentemente masculinas dos enganos do mito e da tragédia, no entanto, são o uso do vinho e as emboscadas. O vinho, recurso utilizado somente pelos enganadores do sexo masculino (Dioniso, em *h. Hom.* 1, p. 92 e *Alc. Fr.* 349, p. 116; Apolo, em *A. Eu.* 723-8, p. 140; Odisseu, em *Od.* 9.181-542, p. 66), é de certa forma uma variante do engano mediante drogas dos enganadores do sexo feminino descrito na tradição épica. A única menção de Eurípides sobre esse recurso é o relato do engano de Apolo contra as Moiras na *Alc.*, descrito anteriormente por Ésquilo (*supra* p. 140).

Quanto às emboscadas, elas em boa parte envolvem ação direta, muito ao gosto do sexo masculino, segundo Ésquilo (*Ch.* 623-8) e Eurípides (*Med.* 408; *Fr.* 321, *supra* p. 304), e são muito mais comuns. No mito, são exemplos a emboscada de Crono contra Urano (*Hes. Th.*

⁵⁹⁴ Ver GOLDHILL (1986, p. 108) e comentários e referências na discussão da *Med.*, p. 158.

⁵⁹⁵ Em Stob. 4.22g há uma antologia de 66 críticas contra as mulheres, muitas explicitamente misóginas, dentre as quais pouco mais da metade vem de obras de Eurípides (MASTRONARDE, 2010, p. 274).

160-78, p. 86), a preparada por Iobates para matar Belerofonte (*Il.* 6.187-90, p. 48), a de Odisseu contra Heleno (*Il. Parv. Arg.* 2, p. 99), a pretensa emboscada de Odisseu contra um cretense (*Od.* 13.267-71, p. 71), o cavalo de Troia (op. cit. *supra* p. 348), a emboscada dos pretendentes contra Telêmaco (*Od.* 4.660-847, 13.425-7 e 15.27-31, p. 81), a de Egisto contra Agamêmnon (*Od.* 4.531-7; 11.387-415, 24.19-22, p. 82), a de Acasto contra Belerofonte (*Pi. N.* 4.54-61, p. 130) e a possível emboscada de Castor e Polideuces, os Dióscuros, contra seus primos Idas e Linceu, depois de um furto (*Cypr. Fr.* 16, p. 103).

Em Eurípides, são bem típicas a emboscada de Hércules contra Tânato (*Alc.* 1019-36, p. 145), a dos homens de Delfos instigados por Orestes contra Neoptólemo (*Andr.* 1088-99, 1104-19, p. 173), a de Hércules contra Lico (*HF* 565-754, p. 196), a de Fegeu e seus filhos contra Alcmeon (*Alcm. Ps.*, p. 274) e a de Cresfontes contra Polifontes (*Cresph.* p. 307). Note-se, no entanto, que a emboscada não é engano exclusivamente masculino: o engano de Idoteia contra Proteu (*Od.* 4.363-572, p. 62) envolvia uma emboscada muito bem planejada pela deusa e executada corretamente por Menelau e seus companheiros.

2.3 Os atos enganosos

O ato enganoso (A) é a essência do engano e também sua principal característica: falar de “tipos de engano” é praticamente a mesma coisa que falar de “tipos de atos enganosos.” No mito, nos poetas trágicos mais antigos e em Eurípides, o ato enganoso é o método ou conjunto de métodos através dos quais o enganador (X) atua sobre o enganado (Y) e produz o engano propriamente dito. Em Eurípides, encontramos diversos tipos de ato enganoso, isolados ou encadeados de forma menos ou mais complexa. Os enganos mais simples são constituídos por um único ato enganoso, suficiente e completo em termos de resultado; os complexos compreendem uma série de subenganos eventualmente acompanhados de ações não enganosas e diretas. Um dos componentes do engano preparado por Fedra contra Teseu e Hipólito, por exemplo, foi o suicídio da própria Fedra por enforcamento (*Hipp. B* 776-7, p. 162), ato que em si mesmo nada tem de enganoso.

Como muitos outros temas,⁵⁹⁶ Eurípides utilizou repetidamente os subenganos e enga-

⁵⁹⁶ Alguns dos temas recorrentes na tragédia de Eurípides foram resumidos por Collard, Cropp e Lee na ‘Introdução Geral’ de CCL, p. 6-10.

nos mais interessantes, mais adequados ou que fizeram mais sucesso em situações que se repetiam em suas tragédias. De acordo com a análise do *corpus euripideum*, os atos enganosos mais utilizados por Eurípides foram as mentiras deliberadas, as calúnias, os falsos juramentos e as histórias falsas com ou sem persuasão retórica, e ainda a ilusão e a troca, a armadilha e a emboscada, o planejamento com fuga, o furto, o ocultamento e os enganos à distância, em boa parte das vezes implementados de acordo com um plano (μηχανή) minucioso.

Os enganos podem ser eventualmente enquadrados em mais de uma categoria. O engano mediante drogas descrito na seção anterior (p. 350), por exemplo, também é às vezes um engano à distância; e a traição amorosa, que é habitualmente um engano à distância, às vezes pode ser um engano por ilusão, especialmente quando o traidor é Zeus, especialista em mudar de forma para seduzir mulheres difíceis de cortejar pelos métodos usuais. Quase todos os enganos têm, em comum, a mentira, um dos componentes primários do ato de enganar (GUERRERO, ANDERSON & AFIFI, 2007, p. 316). De certa forma, todo engano é uma mentira intencional, como se vê nas categorias de engano discriminadas a seguir.

Mentira simples. Como se nota, porém, pelos episódios enganosos descritos pelos antigos poetas épicos e por seus sucessores, a mentira pura e simples é um método relativamente comum, mas pouco elaborado de engano. Mentir, i.e., afirmar algo contrário à verdade de forma deliberada e direta, é sem dúvida a mais elementar e mais antiga forma de engano.

No mito, há diversas ocorrências da mentira simples em enganos e subenganos praticados por deuses e por mortais, e.g. a de Hera, que disse a Afrodite (*Il.* 14.190-223) e também a Zeus (*Il.* 14.300-11) que pretendia reconciliar Oceano e Tétis (p. 39), a de Agamêmnon, que mentiu aos soldados gregos sobre Zeus ter voltado atrás em uma promessa, i.e., ter mentido (*Il.* 2.111-5, p. 46), a mentira de Penélope para os pretendentes, um dos subenganos da teia de Penélope (*Od.* 2.96-103, p. 78), e a mentira com a qual Augias enganou Héracles (*Pi. O.* 10.31-6, p. 136).

Em Eurípides, exemplo de mentira pronunciada por um deus é a de Apolo no *Ion* 517-557 (p. 213), quando o deus disse a Xuto, por meio do oráculo de Delfos, que Íon, filho do próprio deus e de Creusa, era filho dele. O paradigma euripidiano da mentira deliberada enunciada por um mortal é afirmativa de Menelau na *Andr.* 380-3e 427-35 (p. 170), quando afirma que o filho de Andrômaca seria poupado, caso a própria Andrômaca se entregasse a ele para

morreu. Outras mentiras significativas da tragédia euripídiana são a de Orestes para Egisto na *El.* 781-2 (p. 190), quando o filho de Agamêmnon se identificou como outra pessoa, a de Teonoé para seu irmão Teoclímeno, na *Hel.* 857-1029 e 1370 (p. 228), para esconder dele que Menelau estava vivo. Nesse caso, o engano de Teonoé pode certamente ter sido uma história falsa e relativamente elaborada, mas somente a mentira simples está bem estabelecida no texto euripídiano. Menciono, finalmente, a mentira do mensageiro de Átamas, subornado por Ino no *Phr. A* (p. 319) para informar que o sacrifício de Frixo resolveria o problema da fome, que ela mesma havia provocado, e as possíveis mentiras de Tântalo a respeito dos deuses (*Or.* 4-10, p. 234), insinuadas por Eurípides ao contar o mito do ancestral dos tantálidas-atridas.

Calúnia. Uma forma mais ou menos específica de mentira é a calúnia (διαβολή, ‘falsa acusação’, cf. *Hipp. B* 932 e *Andr.* 1005). A calúnia se caracteriza pela falsa imputação a alguém de algo que esse alguém não fez. No mito e na tragédia de Eurípides, as ocorrências mais típicas envolvem o tema de Putifar, especialmente no subengano em que a esposa ou concubina do rei, recusada pelo jovem e virtuoso herói, revela mentirosamente ao marido que esse herói havia tentado ou conseguido seduzi-la ou violentá-la. Na tradição mítica, são portanto bons exemplos do engano mediante calúnia os mitos de Anteia, Preto e Belerofonte (*Il.* 6.159-67, p. 48; *Ehoiae Fr.* 69.105-15, p. 109); o de Hipólita, Acasto e Peleu (*Ehoiae Fr.* 149-150, p. 109; *Pi. N.* 5.25-34 e 4.54-61, p. 130); e o da concubina de Amíntor, Amíntor e Fênix (*Il.* 9.447-57, p. 49).

Na tragédia euripiana, temos a calúnia de Orestes contra Neoptólemo na *Andr.* 1005-9 e 1092-9 (p. 173), a de Odisseu contra Palamedes no *Pal. Fr.* 578 e 581-583 (p. 327) e no *Phil. Fr.* 789d (p. 284), e em vários exemplos associados ao tema de Putifar. No *Hipp. B* 688-1058 (p. 162) temos a calúnia de Fedra contra Hipólito, que configura também um engano à distância (*infra* p. 374) e, na *Sthen. Fr.* 661 (p. 290), a de Estenebeia (= Anteia) contra Belerofonte. No *Hipp. A*, se Fedra enganou Teseu com uma carta ou de viva voz, conforme a controvérsia resumida durante a análise da tragédia (*supra* p. 295), podemos ter uma calúnia simples, como as do mito, ou uma calúnia à distância, como a do *Hipp. B*. Outros exemplos de calúnia ligadas ao tema de Putifar podem ser encontrados no *Pho.* (*Fr.* 809-13, p. 300), em que os personagens são Clítia, Amíntor e Fênix, e no *Ten.* (p. 333), em que os envolvidos são a madrasta de Tenes, o rei Cicno e Tenes. Se o enredo do *Pel.* (p. 319) envolvia também o tema de Puti-

far, Eurípides também encenou a calúnia de Hipólita, esposa de Acasto, contra Peleu.

Falso juramento. Outra forma especial de mentira é constituída pelos falsos juramentos, enganos com os quais os gregos da Antiguidade conviviam no seu dia-a-dia (cf. Hdt. 1.153, p. 21). A julgar pela tradição mítica, essa forma de engano era muito antiga, uma vez que Hesíodo (*Th.* 231-2, p. 84) incluiu Juramento entre as divindades originadas pela Noite e, um verso depois, mencionou a ocorrência de falsos juramentos. Essa modalidade de ato enganoso tem dois tipos de antecedente mítico, o do juramento pronunciado mas não cumprido e o do juramento oferecido, mas não efetivado. Nesse último caso, havia realmente a intenção de enganar e o oferecimento é nada mais do que um recurso retórico que reveste com um leve e possível matiz de verdade a pesada e real mentira em desenvolvimento pelo enganador. De certa forma, os juramentos tendenciosos que apresentam apenas parte da verdade podem ser incluídos no segundo tipo.

Na tradição mítica, exemplos de falsos juramentos efetivamente realizados são certamente os de Autólico, embora as fontes anteriores a Eurípides (e.g. *Od.* 19.395-7) mencionem mais sua capacidade de enganar através de falsos juramentos do que descrevem episódios míticos concretos em que Autólico recorreu a essa forma de engano (cf. nota 164, p. 97). Posteriormente, o poeta dos *Cypr.* contou que Odisseu fingiu loucura ao ser abordado pelos atridas em Ítaca, para não ter que cumprir o juramento dos pretendentes de Helena (*Arg.* 5-6, p. 101), mas existe naturalmente a possibilidade de não ter sido essa a intenção na época do juramento. Arquíloco (*Fr.* 173, p. 113) também mencionou um juramento não cumprido por seu desafeto, Licambes.

Esse tipo de mentira não é comum na tragédia euripídiana e as raras ocorrências não são nitidamente vinculadas ao engano. No *Phr. A-B Fr.* **822b (p. 322), Ino provavelmente oferece um juramento que a audiência sabia ser falso a Átamas, mas as lacunas do fragmento impedem inferências maiores.

Trugrede. *História cretense*, *história mentirosa* ou a forma alemã *Trugrede* são denominações usuais para o discurso enunciado com a finalidade de enganar o interlocutor.⁵⁹⁷ Es-

⁵⁹⁷ O uso do vocábulo *Trugrede* ('discurso enganador') pelos classicistas, e.g. REINHARDT (1949, p. 95), TAPLIN (1989, p. 301) e PONTANI (2007) é relativamente comum há quase dois séculos, desde que WELCKER (1829, p. 65) recorreu a ele para se referir ao discurso de Ajax em *S. Aj.* 646-92. Sobre o controvertido caráter enganador dessa passagem em particular ver, entre outros, MOORE (1977), KNOX (1979b) e STEVENS (1986).

ses discursos, bem mais elaborados do que as mentiras simples, caracterizam-se pelas detalhadas histórias inventadas pelo enganador, pela estrutura e/ou elementos retóricos e pela apresentação de informações parcialmente verdadeiras, não raramente marcadas pelo duplo sentido e pela ironia trágica. Píndaro chamou esse tipo de discurso de ‘fala enganosa’ ou ‘discurso enganador’, ἐχθρὰ πάρφασις (Pi. *N.* 8.32, p. 128), associando-o diretamente a Odisseu, durante sua sistemática desconstrução da enganosa ética desse herói homérico (*supra* p. 128). No mito e na tragédia, no entanto, muitos outros personagens recorreram ao Trugrede.

A identificação dos enganosos elementos retóricos das histórias falsas é, em algumas ocorrências, a mais importante ferramenta para a detecção do engano na tragédia de Eurípides. Na falta de vocábulos específicos e em contextos pouco elucidativos, muitas vezes em diálogos de formato agonístico, a observação atenta dos argumentos e afirmações apresentadas pelos personagens, de acordo com técnicas retóricas iniciadas por [Homero] e desenvolvidas posteriormente pelos oradores áticos (ENOS, 1993, p. 128),⁵⁹⁸ é o que determina o engano. Como diria Aristóteles, mais de um século depois de Eurípides (Arist. *Rh.* 1356a), διὰ δὲ τοῦ λόγου πιστεύουσιν, ὅταν ἀληθὲς ἢ φαινόμενον δεῖξωμεν ἐκ τῶν περὶ ἕκαστα πιθανῶν, ‘é por meio do discurso que eles acreditam, quando demonstramos a verdade ou o que parece (ser a verdade) a partir de argumentos plausíveis para cada (situação).’ Independentemente do potencial da arte retórica para o engano, o caráter negativamente persuasivo de certos discursos constitui um dos temas favoritos de Eurípides. No *Hipp. A Fr.* 439.3-4, diz o filho de Teseu:

νῦν δ’ εὐτρόχοισι στόμασι τὰ ληθέστατα
κλέπτουσιν, ὥστε μὴ δοκεῖν ἂν χρὴ δοκεῖν.

e suas línguas ágeis as maiores verdades
escondem, para não acreditarmos no que é preciso acreditar.

Ver também *Hipp. B* 503, *Tr.* 966-8, *Ba.* 268, *Arch. Fr.* 253, *Pal. Fr.* 583 e *Phil. Fr.* 795.

Na poesia épica, a mais antiga dessas enganosas histórias é a que Hermes contou a Príamo (*Il.* 24.334-464, p. 44); logo depois vêm as histórias mentirosas da *Od.*, como a que Atena contou a Telêmaco, na forma de Mentis (*Od.* 1.179-92, p. 59) e as numerosas histórias falsas

⁵⁹⁸ O uso de técnicas retóricas nos poemas homéricos e em Eurípides é tema bastante estudado nos últimos anos. Para uma análise panorâmica do tema e algumas referências básicas, ver KARP (1977) para [Homero] e PELLING (2005) e MASTRONARDE (2010, p. 208-22) para Eurípides.

de Odisseu. As mais importantes são a que ele contou ao chegar a Ítaca, quando encontrou Atena enganosamente disfarçada de pastor (13.253-86, p. 71); as que contou para Eumeu, disfarçado de mendigo (14.199-408, p. 74), inclusive a da “capa de Toas” (*Od.* 14.462-503, p. 64), uma história dentro de outra história; a que contou ao pretendente Antínoo (17.419-44) e à serva Melanto (19.75-80), nesse último caso com muita brevidade; a que contou a Penélope, quando inventou uma ascendência cretense para o personagem que interpretava, o velho mendigo (19.165-307, p. 76); e, finalmente a que contou ao próprio pai, Laerte (*Od.* 24.244-79 e 24.302-15, p. 78). Nos *h. Hom.* temos a falsa história que Afrodite contou para seduzir Anquises (*h. Ven.* 107-42, p. 90), a que Deméter contou às filhas de Celeu (*h. Cer.* 119-44, p. 91) e, nos *Cypr.* (*Arg.* 8, p. 102), a que Agamêmnon contou a Clitemnestra sobre o falso casamento de Ifigênia com Aquiles, quando os gregos estavam acampados em Áulis, e a história mentirosa contada por Medeia às filhas de Pélias (*Nosti Fr.* 6, p. 101). E Teógnis mencionou, no *Fr.* 702-12 (p. 123), o falso discurso utilizado por Sísifo para enganar Perséfone.

As falsas histórias estão entre os enganos mais utilizados por Eurípides em suas tragédias. Na *Alc.* 509-50 (p. 142) há o discurso de Admeto para enganar Hércules e o falso relato de Hércules sobre a recuperação de Alceste, para enganar Admeto (837-1158, p. 145), importantes exemplos da análise das técnicas retóricas para a identificação dos enganos; na *Med.* 866-975 (p. 155), o de Medeia contra Jasão; na *El.* 107-578 (p. 185), o de Orestes contra Electra, quando a princípio escondeu sua verdadeira identidade; em *Tr.* 940-50 e 1042-3 (p. 199), o de Helena para convencer Menelau de que não era culpada por ter se deixado levar para Troia (cf. “versão da culpa parcial” de Helena, p. 223); na *IT* 1153-221 (p. 205), o de Ifigênia, para convencer o rei bárbaro Toas da necessidade de a estátua de Ártemis, mais os dois prisioneiros gregos (Orestes e Pílates) serem purificados no mar, e também o do Coro, para tentar enganar o Mensageiro que apareceu à procura de Toas (1281-303 p. 206). Ainda na *IT* 24-5; 538-9; 856-9 (p. 203), Odisseu vai até Argos para convencer Clitemnestra a enviar Ifigênia até Áulis, sem dúvida através de uma falsa história. Acrescente-se ademais, na *Hel.* (*passim*, p. 227 sqq.), duas elaboradas falsas histórias, a de Helena para Teoclímeno e a de Menelau para Teoclímeno, subenganos essenciais da μηχανή de Helena para enganar o rei bárbaro e, na *IA* 538-721 (p. 255) o complexo discurso de Agamêmnon para esconder de Clitemnestra e Ifigênia o verdadeiro motivo da vinda da filha a Áulis. Nas *Pld.* (p. 260), Medeia deve ter contado uma história mentirosa para convencer as filhas de Pélias e note-se que a falsidade não re-

sidia na incapacidade de Medeia rejuvenescer alguém, mas sim em sua afirmação de que faria isso em favor de Pélias. No *Aeg.* (p. 266), Medeia também pode ter contado uma história falsa para convencer Egeu de que o jovem Teseu era um inimigo que precisava ser morto; no *Alcm. Ps.* (p. 274), Alcmeon sem dúvida contou uma história enganosa a Fegeu, para convencê-lo a devolver o colar e o vestido de Harmonia com os quais ele presenteara Arsinoé; no *Tel. Fr.* 702a, 703, 712a, 715? (p. 278), o discurso apresentado pelo disfarçado Télefo a Agamêmnon e aos demais chefes gregos, para conseguir a ajuda de Aquiles, sem se revelar; no *Phil. Fr.* 789d.8-10 (p. 284), a convincente história mentirosa contada pelo disfarçado Odisseu a Filoctetes; na *Sthen. Fr.* 669 (p. 291 sqq.), a falsa história de Belerofonte para convencer Estenebeia a subir em Pégaso. No *Cresph.* (p. 311-313) há duas histórias falsas, a de Cresfontes para Polifontes, para que o último acreditasse em sua morte, e a de Mérope, que fingiu se reconciliar com Polifontes.

Em Eurípides, as falsas histórias são elementos essenciais e importantes dos enganos caracterizados por armadilhas ou emboscadas (*infra* p. 359), pois é justamente esse tipo de ato enganoso que constitui o subengano que usualmente faz a vítima entrar na armadilha ou se dirigir ao local da emboscada. Antes dele, no entanto, Ésquilo já havia estabelecido os parâmetros trágicos desse tipo de engano na *Oresteia*, ao descrever o enganoso discurso de Clitemnestra para atrair Agamêmnon ao local de sua morte (cf. *Ag.* 783-974, *supra* p. 182), e também ao detalhar a falsa história contada por Orestes para conseguir entrar no mesmo palácio e matar Clitemnestra e Egisto (cf. *Ag.* e *Ch. passim*, *supra* p. 186). Nas tragédias completas, temos a falsa história de Hécuba para atrair Polimestor (*Hec.* 976-1020, p. 178), a de Clitemnestra para atrair Agamêmnon (*El.* 8-10, 161, 166, 1011-2, p. 182 sqq.), a de Electra para atrair Clitemnestra (*El.* 647-62, p. 190) e a de Anfitrião para atrair Lico (*HF* 701-725, p. 196). Nas tragédias incompletas, temos a história falsa do Pastor que salvara os filhos de Antíope para atrair Lico a uma armadilha (*Antp. Fr.* 223, p. 316), a provável história de Íxion para atrair o sogro, Dioneu, à emboscada que o matou (*Ixion*, p. 329) e também a falsa história que Cisseu sem dúvida utilizou para tentar atrair Arquelau à mesma emboscada descrita por Eurípides no *Ixion* (cf. *Arch.* p. 331).

Uma curiosa variante da história mentirosa é o “ato mentiroso.” Em um dos subenganos relacionados com o cavalo de Troia, os gregos fingiram ir embora, depois de deixar o cavalo diante das portas da cidadela (*Od.* 8.500-3, p. 65). O frustrado engano de Helena, que tentou

enganar os gregos no interior do cavalo imitando a voz de suas esposas (*Od.* 4.274-289, p. 66), deve ser igualmente considerada uma variante da história mentirosa, assim como o engano cometido por Hipomenes para se casar com Atalanta (*Ehoiae Fr.* 48-51, p. 108). O bem sucedido engano de Hades contra Perséfone (*h. Cer.* 357-404, p. 91), em que o deus ofereceu à esposa uma romã para se assegurar de sua volta ao mundo subterrâneo, o frustrado engano de Tântalo contra os deuses, ao lhes servir pedaços de seu filho Pélops (*Pi. O.* 1.24-6 e 48-51, p. 131), o similar e bem-sucedido engano de Atreu contra Tieste (*Alcmeon. Fr.* 6, p. 104, *A. Ag.* 1090-7, 1191-3, 1217-44 e 1583-611, p. 270) e o engano da “teia de Penélope” (e.g. *Od.* 2.87-127, 19.137-61 e 24.128-46), p. 78) são, ao mesmo tempo, histórias mentirosas e atos mentirosos.

Eurípides mencionou mais de uma vez o episódio no qual Tântalo tentou enganar os deuses, servindo pedaços de seu filho Pélops (*IT* 386-8, p. 208; *Hel.* 388-9, p. 231; *Or.* 4-10, e 982-4, p. 234); mencionou porém apenas uma vez o banquete no qual Atreu ofereceu a seu irmão Tieste pedaços dos filhos dele (*Or.* 812-3 e 997-1000, p. 235). Outros atos mentirosos são a sabotagem feita por Mirtilo no carro de Enômao, para que Pélops vencesse a corrida pela mão de Hipodâmia (*Or.* 992-6 e 1547-8, p. 234) e o ouro enterrado a mando de Odisseu na tenda de Palamedes, para subsidiar a falsa acusação de traição contra ele (*Pal. Fr.* 578 e 587, p. 327), e as atitudes dissimuladas de Oreste e Pílates para se aproximarem de Egisto e matá-lo durante um sacrifício (*El.* 774-853, p. 190).

Armadilhas e emboscadas. Os elementos desse tipo de engano correspondem, em termos simples, às arapucas que as crianças de antigamente utilizavam para pegar passarinhos: uma gaiola com abertura disfarçada e uma isca. Na tragédia, a gaiola e sua abertura correspondem a um recinto com entrada (tenda, caverna, casa ou palácio), no qual a vítima entra voluntariamente, atraída por uma “isca”, usualmente uma história mentirosa por meio da qual o enganador desperta o interesse do enganado. O destino da vítima desse engano, no entanto, costuma ser muito mais sombrio e ominoso do que o dos passarinhos. Ver também os elementos das armadilhas de *Hec.* e *Ba.* discriminados na Tab. 4 (p. 247), a metáfora de Sólon (*Fr.* 33.3-4, p. 118), a subsequente discussão sobre caçadores, redes, armadilhas e enganos e as demais considerações sobre caça e engano durante a análise da *El.* (p. 184).

Na tradição mítica, um dos mais antigos exemplos de armadilha é o bem sucedido plano

de Hefesto para surpreender Afrodite, sua esposa, que o traía sistematicamente com Ares (*Od.* 8.266-366, p. 61) em sua própria cama, que aliás fez o papel de gaiola durante o engano. Outros exemplos são a armadilha de Egisto e Clitemenstra para assassinar Agamêmnon (*Od. passim*, p. 83; *Nosti Fr.* 6, p. 101), a de Telfusa para colocar Apolo nas mãos (ou melhor, nos anéis) da monstruosa serpente que vivia perto de Crisa (*h. Ap.* 244-387, p. 93) e a armadilha de Hefesto para prender Hera (*h. Hom.* 1c.5-14, p. 92; *Alc. Fr.* 349, p. 116; *Pi. Fr.* 283, p. 136; *Paus.* 1.20.3). A armadilha de Íxion para matar o sogro, Dioneu, é atípica, pois Dioneu foi atraído a um fosso de carvões em brasa, e não a um recinto (*Pi. P.* 2.21-48, p. 133).

Em Eurípides, o paradigma desse tipo de engano é a armadilha preparada por Hécuba para atrair o rei bárbaro Polimestor e matá-lo, a fim de vingar a morte de Polidoro (*Hec.* 749-1171, p. 177), muito semelhante à de Egisto e Clitemnestra para assassinar Agamêmnon (*El. passim* p. 182) e à de Electra para assassinar Clitemnestra (*El.* 596-1223, p. 190). Outros exemplos são a armadilha de Anfitrião e Héracles para pegar Lico (*HF* 565-754, p. 196), a de Electra, Orestes e Pílates para sequestrar Hermíone (*Or.* 1216-352, p. 239), a de Dioniso para matar Penteu (*Ba. passim*, p. 248), a de Zeto, Anfíon e do Pastor para matar Lico (*Antp. Fr.* 223, p. 316), a de Íxion para matar Dioneu (*Ixion*, p. 329) e a fracassada armadilha de Cisseu para matar Arquelau (*Arch.*, p. 330). A armadilha armada por Telfusa para enganar Apolo foi lembrada pelo poeta na *IT* 1234-83 (p. 208).

A emboscada é uma variante da armadilha, pois a vítima se desloca até o local em que será atacada por suas próprias razões e acaba eventualmente morta devido à interferência do enganador. Exemplos dessa variante, bem caracterizada na tradição mítica e na tragédia euripídiana como obra de enganadores do sexo masculino, foram mencionados na p. 351.

Note-se finalmente que às vezes é difícil caracterizar alguns enganos ou subenganos como armadilha ou emboscada. No caso da sexta etapa do plano de vingança de Odisseu contra os pretendentes (*Od.* 19.570-21.434, p. 76), por exemplo, o vocábulo ἐν ἔρκεισι, ‘na rede’ (*Od.* 21.238 e 384) é mais compatível com armadilhas, mas o fato de os pretendentes terem sido atraídos ao local por Penélope, com uma história não necessariamente falsa, de que ela se casaria com o vencedor da “competição dos machados” (*Od.* 19.570-81), inclina a balança para o lado da emboscada. A questão da possível emboscada ou armadilha do rei italiano Dauno contra Diomedes (*Mimn. Fr.* 22, p. 114) é mais difícil de resolver, pois no fragmento há poucos dados confiáveis para a análise.

Os divinos enganos por ilusão. Conforme a classificação adotada ao longo da análise dos poemas épicos, os enganos por ilusão podem ser “divinos” ou “humanos”, de acordo com a divindade do enganador ou da enganadora. A diferença reside, naturalmente, no método através do qual a ilusão é produzida: as divindades enganadoras usualmente induzem alterações transitórias de forma em si mesmas ou em seres humanos, com seus poderes sobrenaturais. Os seres humanos recorrem a disfarces para mudar a aparência.

Descrições relativamente extensas de divinos enganos por ilusão podem ser encontrados na *Il.*, no episódio da “seta de Pândaro”, induzido por Atena (*Il.* 4.14-239, p. 43), no engano de Atena contra Heitor, em que a deusa assumiu a forma de Deífobo (*Il.* 22.214-47, p. 43) e no engano de Apolo contra Aquiles (*Il.* 21.595-22.21, p. 43), em que o deus tomou o aspecto do troiano Agenor. Ao longo do poema, os deuses mudam de aparência em diversas outras ocasiões, para enganar gregos, troianos (e.g. *Il.* 5.461-2, 5.784-6, 14.135-6, 17.71-3, 21.211-3, 21.284-98 e 24.485-8) e até outros deuses (e.g. *Il.* 13.43-80 e 351-7). Na *Od.*, são abundantes os enganos por ilusão de Atena, que assumiu a forma de Mentos (1.96-323), de Mentor (2.267-96), de Telêmaco (2.382-92), e de novo a forma de Mentor — mais três vezes (2.393-3.372, 22.205-40 e 24.502-48, p. 58) —, a de uma donzela com um cântaro (7.18-42, p. 60), a de um atlético feácio (8.194-200, p. 60) e a de um jovem, quando Odisseu finalmente retornou a Ítaca (13.221-6, p. 71). Outras divindades que se transformam na *Od.* são Leucoteia, que tomou a forma de mergulhão (5.333-8 e 351-3), e Proteu, que mudou sua forma várias vezes para tentar enganar Menelau (4.456-8, p. 62). Nos hinos homéricos, Deméter iludiu a família de Celeu na forma de uma senhora idosa (*h. Cer.* 94-104, p. 91), e Apolo enganou os marinheiros cretenses na forma de um golfinho e depois na de um jovem (*h. Ap.* 397-450, p. 93). De acordo com o sexto *Peã* de Píndaro (= *Pi. Fr.* 52f.74-86), Apolo tomou a forma de Páris para enganar Aquiles e provocar a morte do herói.

Na tragédia *Sêmele*, de Ésquilo, Hera enganou a mãe de Dioniso na forma de uma sacerdotisa mendicante, provocando sua morte (*Fr.* ** 168 e ** 168a-b, p. 246), engano referido por Eurípides telegraficamente em *Ba.* 9 (p. 246). Curiosamente, Dioniso utilizou o mesmo recurso para se vingar de Penteu: nessa mesma tragédia, assumiu a forma humana de um sacerdote de si mesmo (*Ba.* 4 e 53-4, p. 249).

Exemplos de divindades que alteram a aparência de um ser humano para que ele engane alguém são a transformação de Odisseu em mendigo, efetivada por Atena em *Od.* 13.397-403

e 429-38 (p. 74) para enganar os pretendentes, a transformação de Ió em novilha, realizada por Zeus para tentar enganar Hera (*Ehoiae* no *Fr.* 72, p. 108), e a transformação de Actéon em corça, empreendida por Ártemis (*Ehoiae Fr.* 161-2, p. 111; *Stesich. Fr.* 236, p. 122). Em Eurípides, esse tipo de engano está representado pela rápida menção ao engano de Ártemis contra Actéon (*Ba.* 337-40, p. 251), pela longa descrição da ilusão provocada por Dioniso em Agave e nas demais bacantes, que viam apenas um pequeno leão quando olhavam para Penteu, disfarçado de mulher (*Ba.* 1095-136 e 1173-210, p. 250) e possivelmente pela aparência de Odisseu no *Phil.* (*Fr.* 789b, p. 283), talvez alterada por Atena para que ele pudesse enganar Filoctetes.

Mudanças de forma não são raras nos jogos amorosos entre deuses e seres humanos e entre os próprios deuses. No *h. Ven.* 81-3, por exemplo, Afrodite conquistou Anquises na forma de uma donzela (p. 90) e, nos *Cypr. Fr.* 10-11 (p. 103), Nêmesis tentou escapar do assédio de Zeus se transformando em peixe, em ganso e em outras criaturas, e Posídon se transformou em cavalo para engravidar uma das Erínias ou Deméter (*Theb. Fr.* 11, p. 100). A nereida Tétis tentou resistir ao assédio de Peleu alterando várias vezes sua forma, sem sucesso (*Pi. N.* 3.35-6 e 4.62-5, p. 133). Os divinos enganos por ilusão para fins amorosos são, porém, muito mais frequentes nas histórias em que Zeus seduz e engravida mulheres mortais. O deus se transformou em touro para seduzir a jovem Europa (*Ehoiae Fr.* 89, p. 108; *B. Fr.* 10, p. 127) e em chuva de ouro para enganar o rei Acrísio e engravidar sua filha Dânae (*Grandes Ehoiae Fr.* 241.2-5, p. 112; *Pi. P.* 12.17-8, p. 135). Píndaro, na *I.* 7.5-7 (p. 136), mencionou a chuva de ouro no contexto do engano de Zeus contra Alcmena, mas deve ter sido um escorregão do poeta, pois está bem estabelecido por outras fontes que Zeus recorreu a esse método para enganar Acrísio e Dânae, não Alcmena. Alcmena foi seduzida por Zeus quando ele assumiu a forma de Anfitrião para engendrar Héracles (*Ehoiae Fr.* 139 e *Pherecyd.* 3 F 13b, p. 109; *Pi. N.* 10.15-7, p. 135).

Eurípides provavelmente dramatizou o engano de Zeus contra Alcmena na *Alcmn.* (p. 316) e o mencionou, rapidamente, no *HF* 1-3 (p. 195) e no *Arch.* (*Fr.* 228a, p. 331). Na tragédia *Dan.* (p. 301), o engano da chuva de ouro com o qual Zeus enganou Acrísio forma um dos núcleos do enredo; na tragédia *Arch.* (*Fr.* 228a, p. 331), por outro lado, o engano é apenas mencionado. A *Hel.* de Eurípides (17-21 e 1144-6, p. 231) é nossa mais antiga fonte sobre o engano em que Zeus assumiu a forma de um cisne para seduzir Leda, esposa do rei Tíndaro e

mãe dos Dióscuros e de Clitemnestra e Helena; no *Or.* (476 e 1386, p. 242), o poeta mencionou de novo a história, que tem algumas semelhanças com o episódio da sedução de Nêmesis (*Cypr. Fr.* 10-11, p. 103) e pode ter sido abordada por algum mitógrafo mais antigo. Já a história da sedução de Antíope que encontramos em *Antp. Fr.* 210, p. 315, na qual Zeus assumiu a forma de um sátiro, foi provavelmente inventada ou contada apenas por Eurípides. No *Phr. B* (*Fr.* 820b, p. 323), finalmente, o poeta mencionou a aventura na qual Zeus tomou a forma de um touro para seduzir e engravidar Europa.

Note-se que mudar de forma não era um procedimento absolutamente necessário para o simples contato entre deus e mortal. Na *Il.* Atena, por exemplo, conversou com Odisseu sem se mostrar (2.172-82) e se deixou ver duas vezes por Aquiles (1.194-222 e 22.214-26) — tocando-o, inclusive, na primeira vez — sem qualquer disfarce. A ilusão durava, aliás, pouco tempo e era algumas vezes notada pelo mortal que estava na presença do deus, com um simples olhar (e.g. 13.43-72), mas em algumas ocorrências só era possível porque o próprio deus se revelava (e.g. 21.289-90 e 22.9-10). Regra geral, aos mortais era difícil reconhecer os deuses quando eles assumiam forma humana (*Od.* 13.312-3; ver p. 58).

A intenção de enganar os mortais era, sem dúvida, um dos principais motivos desse tipo de ilusão, especialmente em várias instâncias dos poemas homéricos (*Il.* 2.16-22, 22.226-7, 13.351-7; *Od.* 14.487-9), como notou SMITH (1988), mas também não se pode descartar a necessidade de o deus proteger o frágil corpo dos mortais diante de sua presença, pelo menos em alguns casos. A veracidade dessa hipótese é, infelizmente, difícil de determinar, dada a habitual dificuldade de se estabelecer padrões na colcha de retalhos que é a Mitologia grega. Nos poemas homéricos, por exemplo, Aquiles era mortal, mas como era filho de Peleu e Tétis, deve ser considerado um semideus pelo lado da mãe. Talvez só por isso ele tenha sido capaz de suportar, sem dificuldade, a presença da deusa Atena, visível apenas para ele (*Il.* 1.198). Odisseu, por outro lado, era mortal e tinha pai e mãe igualmente mortais, e talvez não suportasse tão bem a presença de Atena. Na *Od.*, a deusa conversou longamente com o herói, mas em forma humana e, nessa forma, tocou-o com a mão (*Od.* 13.221-440). Na ilha de Circe, Hermes apertou-lhe a mão, mas sob a forma de um rapaz (*Od.* 10.277-80). Fugindo por um momento de [Homero], note-se que a pobre Sêmele, filha de Cadmo e neta de dois deuses (Ares e Afrodite), por parte de mãe, morreu fulminada pela radiante e divina presença de Zeus (*Pi. O.* 2.25-7 e *P.* 3.98-9 ; ver *Ba.* p. 242 sqq.), enquanto Menelau, filho de pai e mãe mortais,

conversou longamente com Idoteia, deusa δῖα θεάων, ‘divina entre as deusas’ (*Od.* 4.398), e com o deus Proteu, a quem segurou firmemente, sem qualquer dificuldade ou sofrimento (*Od.* 4.364-425, p. 62).

Os enganos por ilusão do tipo humano. O mais antigo e um dos mais complexos exemplos desse tipo de engano é o do ataque final de Pátroclo contra os troianos, disfarçado com a armadura de Aquiles (*Il.* 16.1-18.1-242, p. 50), engano instigado e planejado por Nestor. Outros exemplos da tradição mítica são o disfarce inutilmente utilizado por Dólón (*Il.* 10.333-5, p. 53) em sua fracassada missão de espionagem, o de Menelau e seus companheiros, que enganaram Proteu fantasiados de foca (*Od.* 4.431-71, p. 62), o de Odisseu em sua missão de espionagem em Troia, disfarçado de mendigo (*Od.* 4.242-61, p. 63; *Il. Parv. Arg.* 4 e *Fr.* 9, p. 99), o estratagema do cavalo de Troia (*Od.* 8.492-520, p. 65), o disfarce usado por Odisseu para apresentar uma súplica à rainha dos feácios (*Od.* 6.251-7.328, p. 80) e as roupas de mulher que Aquiles teve que usar em Esquiros (*Cypr. Fr.* 19, p. 103). Depois dos roubos, Autólico mudava a cor dos cavalos (*Ehoiae Fr.* 67-8, p. 109) para enganar os donos e Dédalo e Pasífae enganaram o touro de Creta com uma vaca artificial (*Ehoiae Fr.* 93, p. 111; *B.* 26, p. 126), artifício que permitiu a Pasífae ser engravidada pelo touro e dar à luz o Minotauro.

Eurípides recorreu aos enganos “humanos” por ilusão na *Alc.* (1020-1120, p. 145), em que um simples véu impediu que Admeto reconhecesse Alceste, na *Hec.* 239-48 (p. 177), ao descrever a missão de espionagem de Odisseu em Troia, ocasião em que se disfarçou de mendigo, em *Tr.* 9-12 (p. 198), ao mencionar o engano do cavalo de Troia, em *Ba.* 810-46 e 912-66 (p. 249), quando Penteu se transvestiu de mulher para espionar as bacantes, e em *Scyr.* (*Arg.*, p. 263), quando Tétis levou Aquiles a fazer o mesmo para se esconder dos gregos e não ir para Troia. Em *Cret.* (*Fr.* 472b, 472e e 988, p. 287), o engano de Pasífae e Dédalo é um dos mais importantes elementos do enredo e, no *Hipp. A* (p. 296), é possível que alguém tenha se disfarçado para se parecer com Hipólito e, assim, comprovar a calúnia de Fedra. E é também possível que, no *Phil.* (*Fr.* 789d, p. 284), Odisseu se disfarçou antes de encontrar Filoctetes, o que associa um subengano por ilusão à história mentirosa contada por Odisseu nessa ocasião. Note-se no entanto que, se Atena providenciou pessoalmente o disfarce, como na *Od.* (*supra* p. 63), ao invés de simplesmente inspirar ou encorajar Odisseu, temos aqui um engano por ilusão do tipo “divino”. Alguns dos mendigos de Eurípides, finalmente, se enquadram nesse

tipo de engano, e.g. Menelau na *Hel.* (416, 420-4, 554 e 1204, p. 230), Ino em *Ino* (*Arg.*, p. 268) e Télefo no *Tel.* (*Fr.* 697-9 e 702a, p. 278).

Na tradição mítica, algumas divindades utilizaram o sistema de enganos por ilusão do tipo “humano”, e.g. Reia enganou Crono com uma pedra embrulhada em cueiros (*Hes. Th.* 482-90) e Prometeu disfarçou uma das porções sacrificiais com gordura para tentar enganar Zeus (*Hes. Th.* 535-60, p. 88). Alguns mortais foram, por sua vez, eventualmente capazes de recorrer a enganos por ilusão do tipo “divino” (naturalmente graças à concessão dos deuses), e.g. o mortal Periclímeneo, que tinha a capacidade de mudar de aspecto e foi morto por Hércules na forma de abelha (*Ehoiae Fr.* 31-2 e 71, p. 108), e Mestra, que foi várias vezes vendida pelo pai Erisímaco, mudava de forma, escapava de seus donos e voltava para o pai (*Ehoiae Fr.* 69-71, p. 108). Eurípides não recorreu, aparentemente, a essas variantes do engano por ilusão.

Enganos por troca. Uma variante dos enganos por ilusão é o engano “por troca,” em que uma substituição providenciada pelo enganador faz o enganado pensar que estava diante de alguém ou de alguma coisa inteiramente diferente. Esse tipo de engano pode ocorrer tanto na esfera divina quanto na esfera humana.

O mais conhecido de todos os “divinos” enganos por troca da tradição mítica é a substituição da Helena real por um fantasma, artifício divino que enganou completamente gregos e troianos ao longo da Guerra de Troia (*Stesich. Fr.* 192-3, p. 120). Outros exemplos típicos são mais dois enganos igualmente relacionados com a Guerra de Troia, o de Apolo contra os gregos, quando o deus substituiu o troiano Eneias por um fantasma durante uma das batalhas (*Il.* 5.445-53: *supra* p. 44), e o de Ártemis também contra os gregos, quando a deusa substituiu Ifigênia por uma corça durante um sacrifício exigido por ela mesma, pouco antes da Guerra (*Cypr. Arg.* 8, p. 102; *Ehoiae Fr.* 19.17-22, p. 105). São também desse tipo os enganos que Zeus utilizou contra dois mortais ingratos, Endímion (*Grandes Ehoiae Fr.* 198, p. 112) e Íxion (*Pi. P.* 2.21-48, p. 133), que em diferentes ocasiões tentaram seduzir Hera. Nas duas vezes Zeus substituiu a esposa por uma nuvem com aspecto igual ao da deusa e depois castigou os atrevidos.

Eurípides dramatizou o engano de Ártemis, em que Ifigênia foi trocada por uma corça, na *IA* 1578-95 (p. 258), anos depois de relatar o mesmo engano na *IT* (6-30, p. 202). No pri-

meiro caso, os gregos notaram a substituição, e no segundo acreditaram que Ifigênia havia morrido de qualquer modo. O fantasma de Helena foi mencionado na *El.* (1280-3, p. 191) e tratado extensivamente na *Hel.* (e.g. 1-67, 164-252, 253-514 e 930, p. 223 sqq.). O poeta descreveu possivelmente o engano de Zeus contra Íxion no *Ixion* (p. 328) e, com muito mais certeza, no *Pir.* (*Critias Fr.* 5, p. 334).

O engano de Ino contra Temisto na tragédia euripídiana *Ino* (p. 269) é indubitavelmente um equivalente “humano” dos enganos “divinos” por troca. Ino trocou intencionalmente as roupas dos filhos de Temisto pelas de seus próprios filhos e, dessa forma, substituiu seus filhos pelos dela, evitando assim que a rival matasse os filhos que Ino tivera com Átamas.

Sonhos enganadores. Alguns sonhos enviados pelos deuses aos mortais são nítidas variantes dos enganos por ilusão do tipo “divino,” pois o sonhador vê uma forma na qual geralmente confia e é, por isso, enganado. Nessas ocasiões, segundo KARP (1977, p. 248-52), a finalidade do deus que providencia o sonho é enganar os mortais de acordo com seus desígnios, seja em benefício de alguns e em detrimento de outros, e.g. no caso do “sonho funesto” enviado por Zeus a Agamêmnon (*Il.* 2.1-86, *supra* p. 38), ou estritamente para o bem do próprio mortal, e.g. quando Atena tranquilizou Penélope ao lhe enviar um sonho com a forma da irmã (*Od.* 4.795-840, p. 60), ou ainda para favorecer alguém, como na ocasião em que a deusa enviou um sonho à jovem Nausicaa com a forma de uma amiga (*Od.* 6.13-47, p. 60), a fim de ajudar Odisseu na terra dos feácios.

De qualquer modo, engano e sonho são temas estreitamente vinculados desde o princípio ou, pelo menos, desde os poemas homéricos (*Od.* 19.562-7):

δοιαί γάρ τε πύλαι ἀμηνῶν εἰσὶν ὀνείρων·
αἰ μὲν γὰρ κεράεσσι τετεύχεται, αἰ δ' ἐλέφαντι.
τῶν οἱ μὲν κ' ἔλθωσι διὰ πριστοῦ ἐλέφαντος,
οἳ ῥ' ἐλεφαίρονται, ἔπε' ἀκράαντα φέροντες·
οἳ δὲ διὰ ξεστῶν κεράων ἔλθωσι θύραζε,
οἳ ῥ' ἔτυμα κραίνουσι, βροτῶν ὅτε κέν τις ἴδῃται.

565

E dois são os portões dos fugazes sonhos;
um é feito de chifres, o outro de marfim.
Os que passam através do portão de marfim talhado,
esses enganam, levando coisas que não se cumprem;
mas os que passam pelo polido portão de chifres,
esses se cumprem, para os mortais que os veem.

565

Note-se que em 19.565 encontramos uma antiga forma verbal do verbo ἐλεφαίρομαι, raramente atestado (*Il.* 23.388; Hes. *Th.* 330), com o significado básico de ‘enganar através de esperanças vãs’ (Bailly e LSJ, s.u.). Não é à toa que, na *Th.* 212-25, Hesíodo representou Ὀνειρὸς, ‘Sonho’, e Ἀπάτη, ‘Engano’, como dois irmãos filhos de Νύξ, ‘Noite’ (*supra* p. 84).

Na tragédia euripidiana, o único exemplo que evoca ao menos em parte a relação sonho-engano da tradição mítica é o sonho de Ifigênia, descrito na *IT* 42-66. Ela sonhou, em resumo, que estava em Argos e que um terremoto derrubara o palácio, mas um único pilar ficou de pé (cf. A. *Ag.* 897-8 e *Antp. Fr.* 203), um pilar com voz e cabelos, que ela, sacerdotisa de Ártemis consagrava para o sacrifício. Ifigênia interpretou erradamente o sonho, pois imaginou que sua família estava destruída e seu irmão Orestes, morto. Ela logo descobriu seu engano e, apesar disso, pôs a culpa nos sonhos e os classificou de ψευδεῖς ὄνειροι, ‘sonhos mentirosos’ (*IT* 569). Note-se que temos aqui, na verdade, um erro de interpretação de Ifigênia (CROPP, 2000, p. 213), praticamente um autoengano, pois o sonho estava, em essência, correto: Orestes era o único sobrevivente masculino da família de Agamêmnon e ela logo o encontraria.⁵⁹⁹

No *Phil.* (*Fr.* 789b, p. 283), Odisseu relatou que foi encorajado por Atena a procurar Filoctetes em sonho, pois a deusa mudaria sua aparência e sua voz, i.e., tomaria as providências necessárias para o engano de Odisseu contra Filoctetes, um engano do tipo ilusão.

Furto. Embora as palavras “roubo” e “furto” sejam muitas vezes empregadas como sinônimas, desde a Antiguidade os juristas (e.g. Gai. *Inst.* 3.195-8 $\cong$ *Cod. Iust.* 4.1.6-8) diferenciavam esses dois institutos. *Furto* é a simples subtração de um bem, sem conhecimento do proprietário – consequentemente, conceito afim ao engano. *Roubo*, por outro lado, é a subtração de bens mediante violência, i.e. o proprietário sabe que é roubado. Somente o roubo efetuado sem a presença do dono, i.e., o furto, pode ser visto como um engano.

Na tradição mítica, os mais importantes exemplos de furtos são o de Prometeu, que subtraiu o fogo, até então restrito aos deuses, para dá-lo aos homens (Hes. *Th.* 561-612, p. 88), o do bebê Hermes contra Apolo (gado: *h. Hom.* 1 *passim*, p. 95 sqq.; Alc. *Fr.* 308, p. 117), o de Odisseu e Diomedes contra os troianos (o paládio: *Il. Parv. Fr.* 11, p. 99; *Il. Pers. Fr.* 4, p. 100), o dos Dióscuros contra seus primos Idas e Linceu (gado: Cypr. *Arg.* 3, p. 103; Pi. *N.* 10.

⁵⁹⁹ Outro sonho descrito por Eurípides é o de Hécuba (*Hec.* 68-97), que nada tem de enganoso. Ver a detalhada discussão desse sonho e do sonho de Ifigênia em DEVEREAUX (1976, p. 256-317).

55-90, p. 135), furto que teve funestas consequências, e o de Tieste contra Atreu (carneiro de ouro: *Alcmeon. Fr.* 6, p. 104; *Pherecyd.* 3 F 133). O autor das *Ehoiae* mencionou Autólico e seus célebres furtos, mas não descreveu nenhum deles (*Fr.* 67-8, p. 109), e um fragmento atribuível a Hipônax (*Hippon. Fr.* 117, p. 123) menciona um furto não identificado da tradição mítica, talvez um episódio — inventado ou não — da vida do poeta.

Em Eurípides há apenas dois exemplos razoavelmente caracterizados de furto: o do carneiro de ouro que Atreu pensava ainda ter consigo, engano efetuado por Tieste (*IT* 196-7, p. 208; *El.* 699-712, p. 191; *Or.* 812-3 e 997-1000, p. 235; *Thy.*, p. 270) e o do desaparecimento de Helena quando Orestes e Píades estavam distraídos com outra coisa (*Or.* 1495-8 e 1580-6, p. 241). Helena foi levada para outro lugar e divinizada (*Or.* 1625-93), caracterizando assim uma espécie de furto efetuado pelos deuses.

Engano por ocultamento. O ocultamento de alguém ou de algum objeto pode ser considerado uma espécie de furto parcial ou incompleto e, de certo modo, variante dos enganos por furto. Muitas vezes, o ocultamento é apenas uma das fases do furto e nesses casos deve ser analisada como um simples subengano de uma μηχανή caracterizada pelo furto.

Na tradição mítica, Prometeu ocultou o fogo em uma férula oca na ocasião quando roubou o fogo dos deuses (*Hes. Th.* 566-9, p. 88; *Op.* 50-5, p. 88), os Dióscuros se esconderam de Idas e Linceu em uma árvore oca depois de lhes furtarem cabeças de gado (*Cypr. Fr.* 16, p. 103), embora não se possa desconsiderar aqui a possibilidade de uma emboscada, e no *h. Merc.* (75-86 e 101-7, p. 96) dois dos subenganos do episódio do furto do gado de Apolo envolvem o encobrimento das pegadas do gado subtraído e seu ocultamento em uma caverna.

Há também bons exemplos de ocultamento sem relação com furtos na tradição mítica posterior a [Homero]: Zeus tentou esconder o jovem Dioniso das vinganças de Hera (*h. Hom.* 1a.8 e *Pherecyd.* 3 F 90, p. 92), Acasto escondeu a espada maravilhosa de Peleu, para deixá-lo indefeso diante dos centauros (*Ehoiae Fr.* 150, p. 131) e Píndaro (*P.* 11.15-22 e 34-5, p. 136) contou, finalmente, que o pequeno Orestes foi salvo na ocasião do assassinato de Agamêmnon por ter sido enviado à Fócida, onde ficou protegido e de certa forma escondido até se tornar adulto. Em Eurípides, há um exemplo de ocultamento sem relação com furtos e outros temas no *Ion* (10-1 e 14-5, p. 211): seduzida à força por Apolo, Creusa escondeu a gravidez de Erecteu, seu pai, e também o nascimento do filho.

Eurípides certamente se inspirou em alguns desses enganos da tradição mítica no tema da “salvação da criança indefesa”, espécie de variante do engano por ocultamento. Nesse tipo de ato enganoso, crianças que correm grave risco de vida são oportunamente e secretamente enviadas para longe de quem as ameaça pelos pais ou por seus dedicados pedagogos e amas. O tema deriva possivelmente dos episódios da *Od.* 2.267-96 e 2.382-3.372 (p. 59), nos quais Atena providencia a viagem às escondidas do jovem filho de Odisseu, Telêmaco, para Pilos e Esparta. Há vários motivos, entre eles a inclinação dos pretendentes de Penélope pela morte de Telêmaco. Esse tema foi bem desenvolvido pelos poetas anteriores a Eurípides. Píndaro (*P.* 11.15-22) vinculou pela primeira vez esse tema ao pequeno Orestes, ao afirmar que ele foi salvo e enviado para a Fócida por sua ama Arsinoé, quando o pai foi assassinado. Talvez Estesícoro tenha falado disso também, mas os fragmentos da sua *Oresteia* (p. 122) conservaram apenas o nome de Laodâmia, ama de Orestes. Nas *Ch.*, Ésquilo descreve os cuidados da ama Cilissa⁶⁰⁰ durante a infância de Orestes (749-63), mas quanto à sua ausência de Argos diz apenas que naquele momento ele está banido (136). Na *El.* de Sófocles (11-4 e 1346-53, p. 191), o tema da salvação do pequeno Orestes assume forma semelhante ao da tradição conservada por Píndaro: enviado à Fócida por Electra e pelo Preceptor, o filho de Agamêmnon lá permaneceu salvo até a idade adulta.

Na *El.* de Eurípides (553-7, p. 191), Electra providenciou o ocultamento de Orestes na Fócida, como na tradição mítica e na versão de Sófocles. Na *Andr.* 47-8 e 68-70 (p. 168), Andrômaca e seu filho estão correndo perigo por causa dos ciúmes de Hermíone, e então Andrômaca envia secretamente o menino para um lugar mais seguro, não revelado. O episódio da morte de Polidoro na *Hec.* 1-59 e 1247-8 (p. 176) não envolve propriamente um engano, mas o fato de Príamo ter enviado o filho mais novo ao trácio Polimestor, para que o filho sobrevivesse caso Troia fosse conquistada, pode ser entendido como um engano por ocultamento parcialmente bem sucedido, uma vez que Polimestor abrigou o menino durante anos e o matou somente quando a cidade de Príamo caiu diante dos gregos. Na *Dan.* (p. 305) há também, provavelmente, um engano compatível com esse tema, o ocultamento do pequeno Perseu, que Dânae deu à luz na câmara de bronze onde Zeus a seduziu na forma de chuva de ouro.

⁶⁰⁰ Note-se a instabilidade do nome da ama de Orestes nas fontes antigas. Estesícoro: Laodâmia (Λαοδάμεια, *Fr.* 218). Píndaro: Arsinoé (*P.* 11.17). Ésquilo: Cilissa (Κίλισσα, *Ch.* 732 e Stesich. *Fr.* 218).

Tragédias de plano e fuga. Com a eventual exceção da mentira simples e, talvez, da história mentirosa, todo engano de relativa complexidade, com mais de um elemento ou sub-engano, requer um certo planejamento e pode ser caracterizado como uma μηχανή ou μηχανήμα. Dentre as numerosas μηχαναί da tradição mítica e da tragédia euripídiana que foram discutidas nas páginas precedentes, as mais notáveis foram empreendidas por deusas ou por mulheres, com a ajuda eventual de deuses ou homens, como destaquei anteriormente (p. 348).

Um tipo especial de μηχανή, característica da tragédia de Eurípides, é a “tragédia com plano e fuga”, em que o(s) herói(s) está(ão) em situação de iminente perigo de morte, desencadeado por um opressor humano e, mediante um estratagema engendrado por um dos oprimidos do sexo feminino, consegue(m) escapar da morte, voltar para casa ou ir para um lugar diferente, com alguma ajuda dos deuses. Os dois exemplos mais estudados pelos eruditos são as tragédias *IT* (p. 200 sqq.) e a *Hel.* (p. 218 sqq.),⁶⁰¹ e o paradigma mítico desse tema é, certamente, o célebre episódio de Odisseu na ilha do Ciclope, contado pelo poeta da *Od.* (p. 66 sqq.). Para os modernos, tragédias com esse tipo de final feliz pode parecer uma contradição, mas não para os gregos da Antiguidade. Em seu entender, o que caracterizava uma tragédia não era a felicidade ou infelicidade dos heróis trágicos no final da peça, mas as reviravoltas da fortuna e os sentimentos de medo e piedade que esses eventos desencadeavam na audiência ao longo do drama.⁶⁰²

Matthew WRIGHT (2005), em seu estudo sobre a *IT*, a *Hel.* e a *Andrômeda* (Ἀνδρομέδα, *Fr.* 114-56), chamou as três de *escape-tragedies*, argumentando que nesses três dramas não só predomina o tema da bem sucedida fuga de heróis trágicos de uma terra bárbara, mas também porque em sua opinião eles foram apresentados em -412, na mesma trilogia. O autor (p. 124-7) estendeu, ademais, o conceito de *escape-tragedy* à *Andrômeda* (Ἀνδρομέδα, *Fr.* 126-36) de Sófocles e ao *Prometeu Acorrentado* (nota 20, p. 20), nesse último caso sem detalhar as razões. No caso da *Andrômeda* de Eurípides, embora reconstruções da tragédia⁶⁰³ assinalem a oposição do pai ao casamento da princesa bárbara com o grego Perseu — o que certamente caracterizaria uma fuga do bárbaro opressor —, falta uma importante parte do tema: o plano

⁶⁰¹ Note-se que esse tipo de tema também se aplica a alguns dramas satíricos, e.g. *Esfinge* de Ésquilo (Σφίγξ, *Fr.* 235-6), *Busíris* (Βούσιρις, *Fr.* 313-5) e *Ciclope* de Eurípides.

⁶⁰² Ver, a propósito, os comentários de KOVACS na introdução de sua edição da *IT* (1999, p. 146-7), baseados nos conceitos de Aristóteles sobre a tragédia ática.

⁶⁰³ Ver JVL 1 (p. 158-9), CCG (p. 134-6), CC 1 (p. 124-55) e as referências selecionadas pelos autores.

de fuga. A heroína não necessitou de um plano para enganar captores, uma vez que Perseu deve ter resolvido o problema com uma ação direta, como na tradição mítica: petrificou os opositores com a cabeça de Medusa e simplesmente levou Andrômeda para a Grécia. O mesmo argumento se aplica, naturalmente, à *Andrômeda* sofocliana. Quanto ao *Prometeu Acorrentado*, não há perigo, uma vez que Prometeu é imortal, não há plano e também não há fuga, pois a tragédia termina com o deus ainda mais aprisionado.

São notáveis as semelhanças entre os temas do bárbaro logrado e da fuga na comédia *Th.* de Aristófanes, na *IT* e na *Hel.*, como notou DUARTE (2007), o que sugere que tanto Aristófanes quanto outros autores antigos haviam já observado a afinidade de tema entre essas duas tragédias. Dentre os modernos, destaco a clássica discussão de PARMENTIER e GRÉGOIRE na sua edição da *IT* (1925, p. 85-6 e 100-6), baseada em observações anteriores e independentes de PATIN (1858, p. 75) e de SCHROEDER (1882, p. 88). A inclusão da *IT* e da *Hel.* no grupo das tragédias euripidianas com plano e fuga não requer, portanto, discussão adicional.

Tabela 6. Tragédias de Eurípides com plano e fuga.

	<i>Med.</i>	<i>IT</i>	<i>Hel.</i>	<i>Or.</i>
local	Corinto	Táuris	Egito	Argos
oprimidos	Medeia	Orestes, Ifigênia e Pílates	Helena e Menelau	Orestes, Electra e Pílates
opressores	Creonte	Toas	Teoclímeno	Tíndaro e Menelau
perigo de vida	sim	sim	sim	sim
planejadora	Medeia	Ifigênia	Helena	Electra
μηχανή	sim	sim	sim	sim
fuga	sim	sim	sim	sim
ajuda divina	Hélio	Atena	Dióscuros	Apolo

Acredito, ainda, que esse tema também está presente no *Or.* e, em certa medida, também na *Med.*, que podemos definir como tragédia de plano, retribuição e fuga. No *Or.* (*supra* p. 233), Electra e Orestes estão em grande perigo, na iminência de serem legalmente lapidados pelos cidadãos de Argos devido à morte de Clitemnestra, com a conivência de seu tio Menelau, mas a execução de um enganoso plano de Pílates, aperfeiçoado por Electra, resulta

na salvação dos filhos de Agamêmnon. Na *Med.* (*supra* p. 147), Medeia foi exilada de Corinto e ficará em perigo se não deixar a pólis em 24 horas, mas graças a uma implacável μηχανή se vinga de Creonte e de Jasão, escapa no carro emprestado por Hélio e encontra refúgio em Atenas, junto a Egeu.

Pela comparação entre os elementos mais significativos do principal engano de cada tragédia (Tab. 6, p. 371), nota-se que *IT* e *Hel.* são exemplos típicos do tema e que *Or.* e *Med.* têm algumas peculiaridades em relação a apenas dois itens. *IT* e *Hel.* foram ambientadas em regiões “bárbaras”, i.e., fora dos territórios gregos; *Or.* e *Med.* acontecem dentro dos territórios gregos, mas fora de Atenas. Toas (*IT*) e Teoclímene (*Hel.*) são realmente reis bárbaros, mas o opressor da *Med.*, Creonte, age mais despoticamente do que os dois reis bárbaros; Tíndaro e Menelau, os opressores do *Or.*, têm uma *agenda* pessoal, deixam o “serviço sujo” por conta dos cidadãos de Argos e, em última análise, não se importam nem um pouco com a morte de Electra e Orestes, netos do primeiro e sobrinhos do segundo, desde que seus interesses sejam atendidos. Mais uma vez, o comportamento dos opressores gregos é pior do que o dos não gregos. Reconheço que no *Or.* a vingança contra Menelau era a finalidade primordial do plano inicial, concebido por Pílates, mas esse plano foi aperfeiçoado por Electra, no sentido de garantir a salvação dos três. De qualquer modo, creio que *Med.* e *Or.* seguramente se aproximam muito mais do conceito de tragédia de plano e fuga do que a *Andrômeda*.

Há tragédias de Eurípides com alguns elementos isolados das tragédias de plano e fuga, e.g. *Andr.*, *HF*, *Antp.* e *Heráclidas*, todas com personagens que sabem estar em grande perigo de morte pelas mãos de opressores não atenienses, mas a falta de itens essenciais não permite seu enquadramento nesse tema. Na *Andr.* (*supra* p. 164), a salvação de Andrômaca e de seu filho dos opressores espartanos (Menelau e Hermíone) se dá graças à ajuda e intervenção direta de Peleu, mas não houve nenhum plano. Em *Heráclidas*, Iolau, Alcmena e os filhos de Héacles escapam da morte às mãos do opressor argivo (Euristeu) graças à intervenção direta do rei de Atenas e de seu exército, mas também não há μηχανή. O mesmo vale para *Antp.*, que escapa do opressor tebano (Lico), mas o engano presente na tragédia não tem relação direta com a fuga. No *HF* (*supra* p. 192), a família de Héacles é salva pelo herói do opressor tebano (outro Lico) graças ao plano de Anfitrião, mas não há fuga.

O tema de Putifar. Outro tipo especial de μηχανή muito utilizada por Eurípides é tradi-

cionalmente intitulada “tema de Putifar” ou *Potipharmotiv* (BLOOMFIELD, 1923; YOANNAH, 1958; JOUAN, 1989), encontrado em alguns episódios da Mitologia grega e em várias tragédias de Eurípides. Sua denominação tradicional deriva da bíblica história de José, filho de Jacó, de seu mestre / patrão Putifar e da mulher dele. Esse tema, usado muitas vezes, por muitos autores de várias culturas antigas é, no entanto, bem anterior aos primeiros livros da Bíblia, da Torá, do Corão⁶⁰⁴ e da própria *Il.* Até o momento, a mais remota utilização data do II milênio a.C., mais exatamente do conto egípcio *Os Dois Irmãos*.⁶⁰⁵

Três importantes elementos fundamentam todas as versões literárias do tema de Putifar: a mentira da esposa apaixonada e rejeitada pelo virtuoso herói, subengano em geral bem marcado em todos os textos; o marido enganado, que acredita na mentira da esposa; e a injusta punição do herói, por meio de um engano ou não. O herói usualmente se sai bem: na versão bíblica do tema, por exemplo, Putifar fez José ser encarcerado pelo crime que não cometeu, mas o herói consegue sair graças à sua capacidade de interpretar os sonhos do Faraó.

Na Grécia, antes de Eurípides, [Homero], o poeta das *Ehoiae* e Píndaro, pelo menos, recorreram ao tema de Putifar em seus poemas. Os três episódios conhecidos envolvem, em primeiro lugar, Anteia (a esposa mentirosa), Preto (o marido enganado) e Belerofonte (o herói injustamente punido (*Il.* 6.155-95, p. 48; *Ehoiae Fr.* 69, p. 109); em segundo lugar, a concubina de Amíntor, Amíntor e o jovem Fênix (*Il.* 9.447-57, p. 49); e em terceiro lugar, Hipólita, Acasto e Peleu (*Ehoiae Fr.* 149-50, p. 109; *Pi. N.* 5.25-34, p. 129; *Pi. N.* 4.54-61, p. 130). Eurípides utilizou o tema de Putifar em diversas tragédias, todas situadas por CROISSET (1910, p. 215) e Jouan (JVL, v. 3, p. 3) entre -438 e -428: *Hipp. A* (p. 294), *Hipp. B* (p. 159), *Sthen.* (p. 289), *Pel.* (p. 318), *Pho.* (p. 298) e *Ten.* (p. 332).

No *Hipp. A* e no *Hipp. B*, Eurípides adaptou a história de Fedra, Teseu e Hipólito ao tema de Putifar, e é provável que Sófocles tenha feito o mesmo, antes ou depois dele (*supra* p. 159); no *Ten.*, Eurípides (ou Ésquilo, antes dele), provavelmente utilizou o tema para drama-

⁶⁰⁴ *Gênesis / Bereishit* 39.1-20; Corão 12.21-35. A parte do *Gênesis* cristão e do *Bereishit* judaico que contém a história de José remonta, provavelmente, à fonte *Javista* (J) da Bíblia cristã e do Torá judaico (c. -950). Note-se que a redação final do primeiro livro da Bíblia e do Torá data mais ou menos do s. -VI/-V, ao passo que a *Il.* data do s. -VIII e foi redigida, provavelmente, na época dos Psistrátidas (fim do s. -VI). A versão árabe da história de José, recolhida oralmente durante a vida do profeta Maomé (c. 570/632) e baseada no relato da Bíblia e do Torá foi, provavelmente, redigida na segunda metade do I milênio, depois de sua morte.

⁶⁰⁵ Parte do *Papiro d'Orbiney* (-1292/-1190), conservado no Museu Britânico. Há uma boa tradução desse conto em ARAÚJO (2000, p. 80-94), efetuada pelo autor a partir do texto egípcio original.

tizar a história de Tenes e de seu pai Cicno. Na *Sthen.*, o poeta dramatizou a história de Anteia (= Estenebeia), Preto e Belerofonte; no *Pel.*, a de Hipólita, Acasto e Peleu (possivelmente) e finalmente, no *Pho.*, a de Amíntor e Fênix.

Enganos à distância. Enganos em que o enganador, embora distante do enganado, faz o ato enganoso chegar até ele, configuram o engano à distância ou “tele-engano.” Esse tipo de engano se dá usualmente na esfera mortal e, às vezes, o ato enganoso pode ser isoladamente enquadrado em outro tipo de engano, e.g. mentira ou história mentirosa, mas a grande distância entre o enganador e o enganado invariavelmente está presente. O agente do tele-engano é, em alguns casos, uma carta escrita pelo enganador e, em outros, alguém que transmite oralmente os avisos enganosos ou as mentiras preparadas pelo enganador.

O protótipo do engano à distância mediado por cartas é o malsucedido engano de Preto, rei de Tirinto, contra seu hóspede Belerofonte (*Il.* 6.168-70, p. 48; *Ehoiae Fr.* 69, p. 109). O agente do tele-engano foi uma carta de Preto dirigida a Iobates, na qual pedia a morte do portador, o próprio Belerofonte. Exemplo de possível tele-engano mediado por uma mensagem oral é o episódio em que Agamêmnon mandou buscar Ifigênia em Argos, a pretexto de casá-la com Aquiles, mas o autor dos *Cypr.* (*Arg.* 8, p. 102) realmente não especificou se um mensageiro ou uma carta levou essa mentirosa história até Clitemnestra. Há dois bons exemplos no mito de tele-engano pela remessa de um objeto: o primeiro é o episódio da morte de Hércules, provocada por uma túnica embebida em veneno enviada pelo centauro Nesso ao herói, através de Dejanira e depois de morto (*Ehoiae Fr.* 22.17-24, p. 107; *Archil. Fr.* 286, p. 107; *B.* 16, p. 124), e o segundo é o trono enviado por Hefesto a Hera, presente no qual ela ficou presa até que Dioniso convenceu Hefesto a ir ao Olimpo soltá-la (*h. Hom.* 1c.5-14, p. 92; *Alc. Fr.* 349, p. 116; *Pi. Fr.* 283, p. 136; *Paus.* 1.20.3).

Eurípides usou o tele-engano com carta no *Hipp. B* (856-86, p. 161), no qual Fedra transmite a calúnia contra Hipólito por meio de uma carta, no *Or.* (431-3, p. 242) e no *Pal.* (*Fr.* 578 e 587, p. 327), ao mencionar ou descrever a carta que Odisseu plantou na tenda de Palamedes, para se vingar dele, e na *IA* (98-105, p. 253), ao mencionar a carta que Agamêmnon enviou a Clitemnestra a respeito do falso casamento de Ifigênia com Aquiles, para induzi-la a mandar Ifigênia para a praia de Áulis. Na *IT* (24-5, 356-71, 538-9 e 856-9, p. 203), Odisseu se deslocou até Argos para enganar Clitemnestra, mas na verdade ele foi enviado por

Agamêmnon sob o falso pretexto do casamento da jovem com Aquiles. Assim, é preciso imaginar esse engano de Odisseu como subengano de um engano maior de Agamêmnon, um engano à distância, pois Agamêmnon permanecer em Áulis enquanto Odisseu enganava Clitemnestra. Na *IA* (115-123, p. 254), posteriormente, Agamêmnon enviou outra carta para Clitemnestra, recomendando o contrário, o que configura então um tele-engano de Agamêmnon contra todo o exército grego.

Na *El.* (647-67 e 959-1146, p. 190), Electra atraiu Clitemnestra à armadilha que mataria sua mãe através de uma falsa história, levada até a rainha por um mensageiro. Na *Med.* (947-58, 969-75 e 1125-227, p. 155), Medeia envia presentes envenenados para a filha de Creonte pelas mãos de seus próprios filhos, configurando assim tanto um tele-engano por mensageiro como um tele-engano por objeto enganador. O frustrado engano de Preto contra Belerofonte foi provavelmente abordado por Eurípides na *Sthen.* (p. 290), mas nenhum dos fragmentos confirma se realmente Preto utilizou o recurso da carta, conforme a tradição conservada pelo poeta da *Il.* Também não sabemos se a calúnia de Fedra, no *Hipp. A* (p. 295), chegou até Te-seu por carta ou mensageiro (à distância, portanto) ou através de uma mentira direta.

Em certo sentido, as traições amorosas se dão na ausência do enganado ou, pelo menos, bem longe dele, e podem ser portanto classificadas como enganos à distância, independentemente de outras classificações cabíveis. Na tradição mítica, os casos mais notáveis são os enganos de Zeus contra Hera, muitos dos quais são também duplos enganos, e.g. a sedução de Dânae. Nessa ocasião, em que Zeus assumiu a forma de chuva de ouro, o deus enganou Hera (tele-engano) e Acrísio (engano por ilusão divina) ao mesmo tempo. O poeta da *Il.* menciona algumas das aventuras de Zeus com circunspeção, sem destacar seu caráter enganoso, mas não sem malícia... Durante a *Διός ἀπάτη* (q.u. p. 39 sqq.), por exemplo, o rei dos deuses impudentemente apresentou à própria esposa uma alentada lista de suas conquistas amorosas (*Il.* 14.317-28). Em outras fontes, porém, as descrições são explícitas. O autor do *h. Merc.* conta (7-8, p. 96) por exemplo, que Zeus e Maia, futura mãe de Hermes, enganaram Hera à noite, enquanto ela dormia. Outros exemplos são a traição de Afrodite e Ares contra Hefesto (*Od.* 8.267-71, p. 61), a de Corônís e Ísquís contra Apolo (*Ehoiae Fr.* 239 e *Pi. P.* 3.24-37, p. 134), a de Clitemnestra e Egisto contra Agamêmnon (e.g. *Od.* 1.35-9 e 3.262-72, p. 82) e, naturalmente, a de Helena e Páris contra Menelau, mencionada em inumeráveis fontes épicas, líricas e trágicas.

Em Eurípides, temos ademais o engano de Tieste e Aérope contra Atreu (*Or.* 812-3 e 997-1000, p. 235), o de Egisto e Clitemnestra contra Agamêmnon (a traição amorosa, da parte de Egisto, é destacada especialmente no *Or.* 557-61 e 618-9, p. 235) e o engano relacionado com a culpabilidade total ou parcial de Helena no engano de Páris-Alexandre contra Menelau, descritos na análise da *Hel.* (p. 222 sqq.) e das *Tr.* (p. 199).

De modo geral, os enganos mediante drogas (*supra* p. 350 sqq.) também podem ser considerados tele-enganos, pois nesses casos o enganador está em geral bem afastado do local do envenenamento.

Varia. Nos parágrafos precedentes foram lembrados e classificados os tipos de engano mais frequentes e mais significativos da tradição mítica e da tragédia euripidiana. Alguns enganos, no entanto, foram insuficientemente descritos pelos poetas, têm poucos exemplos ou, de algum modo, desafiam as tentativas de classificação. Destaco, nesta seção, as ocorrências e tipos mais significativos.

Exemplo de engano difícil de classificar é o de Orestes e Pílates contra Egisto (*El.* 774-853, p. 190), que tem algumas características de ilusão e de armadilha, outras de emboscada e outras de simples traição, assim como o engano de Odisseu contra os pretendentes na *Od.* (p. 70-77).⁶⁰⁶ Outro é o de Náuplio contra os gregos, no qual o pai de Palamedes colocou sinais falsos para os navios gregos que voltavam de Troia. Ele pode ser considerado uma espécie de engano “humano” por troca, pois Náuplio trocou os sinais de porto perigoso pelos sinais de porto seguro, mas há outras possibilidades: um ato mentiroso, ou uma armadilha em que os sinais de fogo são a isca. Trata-se, mais provavelmente, de um engano por ilusão, pois Náuplio encontrou um jeito de fazer algo muito perigoso parecer seguro, fato notado pelo Pseudo-Apolodoro, que assinalou o fato através de um vocábulo circunstancial do engano, δοκεῖν, ‘parecer’. Na tradição mítica mais antiga, o engano do pai de Palamedes contra os gregos é contado pelo autor dos *Nosti* (*Arg.* 3 e *Fr.* 11, p. 101) e por poetas trágicos anteriores a Eurípides (*supra* p. 324). O poeta utilizou o engano nas tragédias *Hel.* (766-7 e 1126-31, p. 231) e *Pld.* (*Fr.* 588a, p. 328).

Outro engano de classificação pendente é o de Atreu e Zeus contra Tieste, durante o qual Zeus providenciou a inversão do caminho do sol, mencionado por Eurípides na *IT* 813-7

⁶⁰⁶ Estou grato a Adriane S. Duarte por ter chamado minha atenção para essa semelhança.

(p. 209), em *Or.* 812-3 e 997-1000 (p. 235) e, provavelmente, no *Thy.* (*Fr.* *397b, p. 273).

Traições não amorosas, que não ocorrem necessariamente na ausência do enganador, não são tele-enganos e também são, por sua vez, difíceis de classificar. Na tradição mítica, por exemplo, temos a traição da serva de Penélope, no episódio da “teia” (*Od.* 2.106-10, p. 79), e o estranho relato do poeta da *Il. Parv.* (*Fr.* 11, p. 99) de que Odisseu tentou matar Diomedes à traição após o furto do paládio. Em Eurípides, temos a traição de Teonoé contra o rei do Egito, seu irmão, para favorecer a fuga de Helena e Menelau (*Hel.* 1633, p. 230).

Certos enganos podem ocorrer, de acordo com os poetas épicos, sem o auxílio de palavras. Na *Il.* (10.376-84, p. 53), Odisseu aparentemente enganou Dólon através da expressão facial e da entonação de voz, sem mentir ou recorrer a qualquer outro método. Nas *Ehoiae Fr.* 19.9, 14 e 27 (p. 106), há também um prenúncio de engano que envolve igualmente elementos faciais não verbalizáveis, como os sombrios olhos de Clitemnestra. Na *IA* 303-542 (p. 255) de Eurípides, Menelau enganou Agamêmnon de forma sutil, difícil de classificar, provavelmente por meio do tom de voz, da atitude e de palavras de duplo sentido, e os elementos retóricos presentes são insuficientes para caracterizar, por exemplo, uma falta história.

Zeus enganou duas vezes, de forma sobrenatural, a própria natureza, fazendo-a esquecer que ele era uma ativa divindade do sexo masculino. Na primeira vez, gestou e deu à luz a deusa Atena (*Hes. Th.* 889, p. 85) e, na segunda vez, o deus Dioniso (*Hdt.* 2.146.2). Nessas duas vezes, no entanto, Zeus não quis ou não pôde enganar totalmente as leis da natureza: na hora do nascimento, Atena emergiu da cabeça do pai e Dioniso, de sua coxa. E nenhum deles foi posteriormente amamentado pelo pai. Eurípides ilustrou esse tipo de engano em *Ba.* 88-104 (p. 247), ao mencionar o nascimento de Dioniso desde a coxa de Zeus.

Um tema curioso, abordado por Eurípides apenas uma vez, é a dos enganos cometidos ao longo de uma genealogia. A proeminência de certas famílias mitológicas nos enredos trágicos foi certamente observada por Aristóteles (*Po.* 1453a) mas, bem antes dele, Eurípides já reconhecia que os descendentes de Tântalo eram os mais notáveis (*El.* 1175-6):

οὐκ ἔστιν οὐδεὶς οἶκος ἀθλιώτερος
τῶν Τανταλείων οὐδ' ἔφν ποτ' ἐγγόνων.

não há nenhuma família mais desditosa
do que a de Tântalo, nem houve.

No Or. (p. 234), o poeta expandiu em vários níveis a genealogia dos personagens principais que habitualmente apresentava nos primeiros versos do prólogo de tragédias mais recentes (*HF*, *Ion*, *Ph.*, *IT*, *Or.*, *Mel. S.* e, em certa medida, *IA* 49-52),⁶⁰⁷ incluindo quase todos os enganos perpetrados pelos tantálidas-atridas ao longo de sua existência, desde o próprio Tântalo até os dois últimos, Orestes e Electra.

Há enganos que dependem de verdadeiras representações teatrais, nas quais o enganador representa um papel diante de uma audiência de enganados, de forma similar ao desempenho de um ator no palco. Em uma longa descrição do poeta da *Od.* (*supra* p. 70-78), Odisseu representou o papel de mendigo diante dos pretendentes, de Penélope e de seus antigos servos de forma quase perfeita; em outra ocasião (*Cypr. Arg.* 5-6, p. 101; cf. *Od.* 24.115-9), o herói fez papel de louco para tentar evitar sua ida a Troia, mas com bem menos sucesso, pois foi desmascarado por Palamedes; no *h. Merc.* 148-53, 240-2 e 278-80 (p. 96), o bebê Dioniso fez papel de criança inocente, diante de Apolo, mas também não conseguiu enganar sua exclusiva audiência. A mais evidente representação teatral dentre as tragédias completas é o convincente desempenho de Helena e Menelau, ambos disfarçados — ela, de esposa enlutada, ele de naufrago — diante de Teoclímeno (*Hel.* 1049-1106 e 1184-1300, p. 228)

E há, finalmente, casos em que um engano está seguramente presente, mas não sabemos qual é devido à falta física ou literária da descrição ou de referência identificável, e.g. *Archil. Fr.* 24, que contém o vocábulo *μηχανή* em passagem consideravelmente danificada do papiro. O mais notável exemplo é o do engano empreendido por Hades para reter Teseu e Pirítoos no mundo subterrâneo (*Min. Fr.* 1 e 7; *Panyas. Fr.* 17, p. 105). Na maioria dos casos, a presença do léxico indica a presença quase certa de engano, mas não há outros elementos de confirmação, e.g. *Archil. Fr.* 184 e 298 e *B. Fr.* 19. Desses prováveis ou possíveis enganos, Eurípides mencionou o de Hades contra Teseu e Pirítoos no *HF* (p. 197) e muitas dentre suas tragédias incompletas têm fragmentos com palavras do léxico do engano, mas sem engano identificável, e.g. os *Fr.* 288 e 289 do *Bell.* (p. 306), os *Fr.* 206 e 223.107-8 da *Antp.* (p. 316), o *Fr.* 464 de *As Cretenses* (p. 350) e o *Fr.* 495 de *Melanipe Cativa*. Às vezes o fragmento parece ter natureza gnômica ou reflete apenas um comentário mais ou menos teórico, e.g. o *Fr.* 729 da tragédia *Temenidas*:

⁶⁰⁷ Ver CROPP (2000, p. 171-2), entre outros.

εἰκὸς δὲ παντὶ καὶ λόγῳ καὶ μηχανῇ
πατρίδος ἑρῶντας ἐκπονεῖν σωτηρίαν.

Parece que todos os que amam a pátria,
com argumentos e artifícios obtêm a salvação.

Engano potencial. Em algumas circunstâncias, personagens do mito ou da tragédia se referem a enganos que poderiam eventualmente ter ocorrido, mas não ocorreram, ou não se deseja que ocorram. Eles podem ser reconhecidas pela presença do léxico do engano ou por referência direta ao possível engano.

No mito, o exemplo mais característico envolve a garantia de Zeus a Tétis de que sua palavra é confiável (*Il.* 1.524-7, p. 37) e, por ser o primeiro “engano” descrito no primeiro livro da *Il.*, de certa forma esse é também o primeiro exemplo de engano da literatura grega. Outro exemplo é o do *h. Ven.* 5.7-33 (p. 90), o autor destaca a incapacidade de Afrodite envolver Atena, Ártemis e Héstia nos enganos relacionados com a sedução amorosa. Entre os trágicos antigos, na cena de reconhecimento das *Ch.* de Ésquilo (220-1), Electra teme estar sendo enganada, mas não é esse o caso (p. 185).

Eurípides apresentou enganos potenciais na *Andr.* 29-35 e 155-268 (p. 168), quando Hermíone acusou Andrômaca de tê-la tornado estéril mediante o uso de drogas, o que não era verdade, e em 1104-11 (p. 174), quando os homens de Delfos pensaram que Neoptólemo lhes mentia sobre o motivo de sua presença no santuário e o mataram. Na *IT* 100-2; 111-2 (p. 203), Orestes e Pílates avaliam a possibilidade de furtar a estátua de Ártemis em Táuris, mas não o fizeram; no *Ion* 813-27, p. 214), o velho servidor de Creusa imagina que Xuto e Íon efetuaram um engano contra Creusa e sua família, mas o engano existiu apenas em sua imaginação. No *Or.* 1556-60 (p. 241), Menelau acusou Orestes de ter feito Helena desaparecer mediante um artifício, o que certamente poderia ter ocorrido (e.g. morte seguida de ocultação do cadáver), mas na verdade foram os deuses que literalmente roubaram a cena (*Or.* 1580: κλεφθεῖς). Observe-se ainda que o escravo frígio tentou explicar o desaparecimento de Helena através de um engano que não ocorreu (1495-8, p. 240). Na *IA* 1616-7 (p. 259), Clitemnestra acreditou que Agamêmnon a enganava, ao mandar um mensageiro lhe dizer que Ifigênia não havia sido sacrificada, mas arrebatada por uma divindade, o que era verdade. No *Tel. Fr.* 727a (p. 280), logo depois de Télefo fazer o bebê Orestes de refém, durante uma provável negociação entre Agamêmnon e Télefo, um dos dois interlocutores menciona a possibilidade de alguém enga-

nar alguém. Os demais fragmentos da tragédia não informam mais nada, mas sabemos pela reconstituição do enredo que ambos cumpriram sua parte do acordo, e assim esse possível engano não saiu do terreno das possibilidades.

Há um engano potencial em *As Fenícias*,⁶⁰⁸ tragédia euripidiana não incluída no *corpus* de tragédias completas analisadas. Nos vv. 261-77, Polinices entra em Tebas de espada na mão, a pedido de sua mãe Jocasta e sob a garantia da trégua, mas teme ter caído em uma armadilha graças a uma falsa história, mas não é realmente o caso: sua mãe queria realmente conversar com ele, assim como seu irmão-inimigo Etéocles. A passagem é marcada por vocábulos do léxico: δικτύων, ‘nas redes’ (263) e δόλος, ‘ardil, engano’ (266), *πέποιθα* μέντοι μη-τρί κοὺ *πέποιθ’* ἄμα (272), ‘minha mãe me persuadiu e ao mesmo tempo não persuadiu.’

Juramentos falsos, oferecidos mas não pronunciados, como os que Odisseu ofereceu na *Od.* 14.151-72 a Eumeu, em 19.302-9 a Penélope e em 20.229-35 a Filécio (p. 75), são igualmente enganos “potenciais” por excelência. Assim são os juramentos oferecidos impudentemente pelo bebê Hermes na ocasião do roubo do gado de Apolo (*h. Merc.* 4.274-394, p. 96). Na poesia trágica, até o momento, o melhor exemplo de falso juramento jurado, mas não pronunciado, é ainda o da *El.* de Sófocles, no qual Orestes instrui o Preceptor a jurar em falso sobre sua “morte” (39-50, p. 187), para lhe dar acesso ao antigo palácio de Agamêmnon, a fim de vingar a morte do pai. O Preceptor não chegou a jurar, pelo menos de acordo com o texto (ver DUARTE, 2010a, p. 31). Na tragédia euripidiana, Teseu menciona no *Hipp. B* 959-60 (p. 163) a possibilidade de Hipólito jurar em falso a respeito de suas relações com Fedra, mas isso não ocorreu.

Um exemplo de juramento não propriamente falso, no qual uma parte da verdade é objeto do juramento e oculta uma falsidade, é o juramento tendencioso. Nesse casos, a parte falsa não é mencionada no juramento, e conseqüentemente não está configurada nem a mentira e nem o juramento falso. O exemplo mais característico é o que Hera pronunciou solenemente diante de Zeus (*Il.* 15.36-44, nota 133, p. 82), logo depois da Διὸς ἀπάτη. A deusa afirmou que Posídon estava ajudando os gregos porque ele queria, o que é verdade, mas não contou ao marido que ela o enganara, seduzira e adormecera para dar ao cunhado e a outros deuses a oportunidade de auxiliar os gregos, contra a vontade de Zeus. Em Eurípides, não há exemplos

⁶⁰⁸ Ver Dg. 3, p. 71-179. Data estimada da produção: -411/-409 (MASTRONARDE, 2002, p. 3).

muito característicos. Na *Med.* 405 (p. 157), o uso do nome de Sísifo para descrever os votos nupciais de Jasão, pronunciados anos antes da ação trágica, sugere que o juramento pronunciado pelo herói era, desde o início, um juramento falso ou, talvez, tendencioso, mas tudo isso é muito discutível.

Outro tema relacionado com o engano potencial é o das reiteradas afirmações sobre oráculos que não mentem, o que naturalmente implica que eles poderiam eventualmente mentir. Hesíodo (*Th.* 233, p. 84), por exemplo, afirma que Nereu nunca mente; já o oráculo das três donzelas, citado pelo autor do *h. Merc.* (552-66, p. 96), pode falar a verdade ou mentir, de acordo com o suprimento de mel. Ésquilo, em *Sept.* 26, falou de oráculos que não mentem, sem especificar a divindade. Arquíloco (*Fr.* 298, p. 107) lembrou que Zeus é, dentre os deuses, o mais verdadeiro dos videntes, e Ésquilo (*Ch.* 559, p. 186) associou o ‘oráculo que não mente’ a Apolo, assim como Eurípides. O poeta abordou a veracidade dos oráculos de Apolo de forma nítida em duas tragédias, principalmente. Na *IT* 77-9, 86-9 e 711-3 (p. 207) e no *Or.* 418-20 e 1666-7 (p. 241), Orestes primeiro duvidou da veracidade dos oráculos de Apolo, insinuando que o deus havia enganado a ele, mas depois teve que reconhecer que o deus, na realidade, não havia mentido.

3. O léxico do engano euripidiano

Creio que ficou evidente, ao longo deste estudo, a importante contribuição do léxico especializado para a identificação e estudo dos enganos da tradição mítica, da tragédia em geral e da tragédia de Eurípides. Os principais vocábulos específicos e circunstanciais do engano foram já identificados e analisados durante o estudo dos poemas épicos, líricos e trágicos precedentes; nesta seção, procedeu-se a uma sistematização dos radicais e vocábulos que caracterizam os enganos descritos na segunda e na terceira parte deste trabalho, com a principal finalidade de reconhecer as contribuições lexicais da poesia épica e lírica e de Eurípides para o estudo do engano.

A lista abaixo contém, à esquerda, os radicais do léxico, a página do trabalho onde pode ser encontrada a discussão correspondente, o tipo de texto e as palavras utilizadas pelos poetas épicos e líricos, na forma dicionarizada e por ordem alfabética. Na coluna da direita estão as palavras empregadas por Eurípides em suas tragédias. Utilizei siglas para marcar a primeira

ocorrência do radical, e não da forma nominal ou verbal: H para [Homero] e Hesíodo, E para os demais poetas épicos, L para os líricos, A para Ésquilo, C para as tragédias “completas” de Eurípides e I para as “incompletas”. Nesse último caso, naturalmente foram levados em conta somente os vocábulos presentes em fragmentos papiráceos ou em citações diretas.

Para as ocorrências dos radicais da coluna da esquerda e das formas nominais das duas colunas da direita no presente estudo, ver o *Index lexicorum fallaciarum linguae graecae* adiante, p. 452.

Radical	Página		Tradição mítica	Eurípides
ἄρε-	99	E	προαίρεσις ὑφαιρέω	
αἰμύλο-	90	H	αἰμυλομήτης αἰμύλος	
ἄμέρδ-	123	E	ἄμέρδω	
ἄπατᾶ-	16	H	ἄπατάω ἄπατήλιος ἄπατηλός ἄπαφίσκω ἐξαπαφίσκω ξεναπάτης παραπαφίσκω	ἄπατάω ἐξαπαφίσκω ξεναπάτης
ἄρκυ-	184	A		ἄρκυς ἄρκύστατος
ἄφα-	42	H	ἄάω ἄτη	
* <i>bhe</i> ₂-	129	L	παράφασις	
βλαπ-	44	H	βλάπτω	
βουλεν-	18	H	βούλευμα βουλεύω βουλή	βούλευμα βουλευτήριος βουλεύω βουλή

			βούλομαι ἐπιβουλεύω	ἐπιβουλεύω ἐπιβουλή
βροχ- ?	173, 186	A		βρόχος
* <i>g^welə₁- /</i> * <i>g^wleə₁-</i>	163	C		ἀμφιβληστρον βόλος διαβάλλω μεταβάλλω
*δανσο-	70	H	δήνεα	
* <i>deə₃- / *dō-</i>	230	C		προδίδωμι προδοσία
* <i>dek-</i>	112	E		δοκέω
			δόκησις	
δη-/δε-	47	H	ἐνδέω	
*δικτῦσ-	118	E	δίκτυον	δίκτυον
δολο-	16	H	ἄδολος δόλιος δολομήτης / δολόμητις δολοπλόκος δόλος δολοφραδής δολοφονέω δολοφρλονέω δολοφρονέων δολοφροσύνη δολόω	δόλιος δόλος δολόω
* <i>domo-</i>	62	H	βυσσοδομεύω	
*ἐλεφαρ-	63	H	ὀλοφώιος	
έρκ ^ε /ο-	76	H	ἔρκος	
*ἐφρε-	80	H		ἐξεύρημα ἐξευρίσκω
			εὐρίσκω	

*ήπεροπ-	57	H	ήπεροπεύς ήπεροπευτής ήπεροπεύω	
*kel-	225	C		καλύπτω
κερ-? σκερ-?	147	C		κέρτομος
κερδ ^ε /οσ-	54	H	κερδαλέος κέρδος κερδοσύνη πολυκερδής	
κλ ^ε /οπ-	57	H	ἀνακλέψηις ἀπόκλέπτω	ἐκκλέπτω
			ἐπίκλοπος κλέπτω κλεψίφρων	κλέπτω
			κλοπή κλοπός	κλοπαῖος κλοπή
				συνεκκλέπτω
κρυπ-	64	H	ἀποκρύπτω ἐγκρύπτω κατακρύπτω κρυπταδίη κρύπτω κρυφηδόν	κρυπτός κρύπτω κρυφαῖος
λα̑θ- ?	134	L	λανθάνω	λάθραι
*leg-	112	E	παραλογίζομαι	
λ ^ε /οχ ^ε /ο-	49	H	λοχάω λόχονδε λόχος = λοχέος	λόχος

*ληϊᾱ-	98	E	ληϊστῆρ λησίμβροτος φιολήϊος	
μαῖτᾱ-	218	A		μάτην
μαπ- ?	47	H	μάψ	μαψίδιος
μαῖχᾱνᾱ-	18	H	ἄμηχανής ἄμηχανία ἄμήχανος μηχανή μηχανιώτης περιμηχανάομαι πολυμήχανος πολυμηχανία	ἄμήχανος μηχανάομαι μηχανή μηχανήματα μηχανορράφος
μεδ-/μηδ-	20, 44	H	ἄγκυλομήτης αἰμυλομήτης δολομήτης / δολόμητις μήδεα μήδομαι μητιόεις μῆτις ποικιλομήτης πολύμητις	κακόμητις
μερμερ-	40	H	μερμηρίζω	
μιμ ^ε /ο-,	186	A	μιμέομαι	
μυθ-	57	H	μῦθος	μῦθος
νοφ-	42	H		Θεονόη πρόνοια
			νοέω νόημα	

			νόος	νόος
πειθ-	19	H		ἀναπειθω
			παμπειθής	
			παραπειθω	
			πειθω	πειθω
			πειθώ	
πλα- ?	280	I		πλανάω
πλ ^ε / _ο κ-	114	L	δολοπλόκος	
				ἐμπλέκω
				πλέκω
				πλοκή
* <i>pōd-</i>	133	L	πεδάω	
* <i>p^οlθ₂-</i>	136	L	παλάμη	
ράπ-	55	H		μηχανορράφος
			ράπτω	
*σκ ^ε / _ο π-	249	C		κατασκοπή
				κατάσκοπος
σοφ-	122	L		σόφισμα
			σοφία	
				σοφός
				σωφρονέω
στᾱ-	299	S	ὑπόστασις	
σφαῖ ^ε / _ο -	118	E	ἀποσφάλλω	
				σφάλλω
* <i>tek^s-</i>	19, 51	H	κακότεχνος	
			τεκταίνω	
			τέκτων	τέκτων
				τεχνάομαι
				τέχνασμα
			τεχνήεις	
				τέχνημα
			τέχνη	τέχνη

τολυπ-	80	H	τολυπεύω	
τρ ^ε /οπ-	58	H	ἐντροπίη πολύτροπος	
*ubh-	67	H	ὕφαίνω	ὕφαίνω ὕφή
*weid-	44	H	*εἶδω εἶδωλον πολύϊδρις	εἶδωλον ἴδρις
φεικ-	50	H	εἴσκω	
φελικ-	172	C		ἐλικτός
*wīśos-	217	L / A	ἰός	ἰός
φάρμακ-	69	H	φάρμακον	φάρμακον
φῑλᾱ-	98	E	φηλήτης φηλητεύω	
φρ ^ε /οv- (ou *φρνδ-)	61, 73	H	δολοφραδής δολοφρονέων δολοφροσύνη ἐπιφράζω ἐπίφρων κλεψίφρων ποικιλόφρων πολυφραδής πολυφροσύνη πολύφρων συμφράζομαι φράζω	φρονέω
φωρ-	98	E	φωρή	
ψευδ-	17	H	ἄψευδής	ἄψευδής καταψεύδομαι ψευδής

	ψευδόμαντις
ψευδός	
ψεύδω	ψεύδω
ψεύστης	

O presente levantamento dá uma ideia razoável da terminologia empregada pelos poetas épicos, líricos e por Eurípides na descrição dos enganos, além de uma noção parcial do léxico do engano de Ésquilo, de Sófocles e dos trágicos *minores* que nos deixaram pelo menos alguns fragmentos de sua obra. A conclusão que se impõe de imediato é que a quase totalidade de vocábulos do léxico euripidiano do engano remonta aos poemas homéricos (ver WHEELER, 1988, p. 25-49), aos demais poetas épicos e aos poetas líricos e trágicos anteriores a ele. Cerca de 90% dos radicais nominais e verbais encontrados em suas tragédias foram utilizados anteriormente por outros poetas, e as exceções são: $*g^w el_{\alpha 1} - / *g^w le_{\alpha 1} -$ (e.g. διαβάλλω), $*de_{\alpha 3} - / *d\bar{o} -$ (e.g. προδοσία), $*kel -$ (e.g. καλύπτω), κερ- ou σκερ- (e.g. κέρτομος), πλα- (e.g. πλανάω), $*\sigma k^{\epsilon} / \sigma \pi -$ (e.g. κατασκοπή), $\phi \epsilon \lambda \iota \kappa -$ (e.g. ἐλκτικός), todos eles com poucas ocorrências.

Uma noção mais precisa dos recursos linguísticos da representação literária do engano na poesia épica, lírica e trágica grega dependeria de uma catalogação adicional de enganos não marcados por vocábulos do léxico, mas assinalados pelos narradores através de recursos estilísticos e sintáticos. Nesta oportunidade, recolhi apenas algumas ocorrências ilustrativas.

Exemplo de recurso estilístico é o eufemismo utilizado por [Homero] na *Od.* 13.254, no início da narração da chegada de Odisseu a Ítaca, depois de vinte anos de ausência: οὐδ' ὃ γ' ἀληθέα εἶπε, 'mas ele não falou verdades' — o poeta poderia ter recorrido, é claro, ao radical ψευδ-. Um exemplo da obra trágica de Eurípides é o da *Med.* 391, onde a expressão σιγῇ φόνον 'fazer silêncio para matar' significa, mais precisamente, 'matar secretamente ou silenciosamente', o que é um ato enganoso. Outro bom exemplo de recurso estilístico é uma espécie de metáfora que Eurípides utilizou várias vezes para se referir ao planejamento de enganos, e.g. τι ... νέον, 'algo novo' (*Med.* 37), ἐκοίνωσας λόγον, 'compartilhaste a palavra' (*Med.* 811), καινῶν λόγων, 'novas palavras' (*Hipp. B* 688, p. 163), ἐς κοινούς λόγους, 'palavras em comum' (*Or.* 1098, p. 237), λόγους ... καινούς (*Ba.* 650, p. 250). Note-se que em *IT* 1029 a ligação desse tipo de expressão com o engano é muito nítida: καινὸν ἐξέυρημά τι, 'um novo estratagema' (p. 205).

Um dos recursos sintáticos mais evidentes utilizados na épica e na tragédia de Eurípides

é o recurso à partícula ὥς, já comentada na *Introdução* deste estudo (p. 20). Exemplos: ὥς ἐπὶ γάμον αὐτὴν, ‘como se ela fosse se casar’ (mas não vai: *Cypr. Arg.* 18, p. 102), ὥς θανούμενοι, como se fôssemos morrer (mas não vão: *Or.* 1119, p. 238), ὥς γαμουμένην, ‘como se a desse em casamento’ (mas não darei: *IA* 100, p. 254). Ver também, mas com reservas, o uso desse sintagma na hipótese da *Sthen.* (p. 292).

4. Τοιόνδ’ ἀπέβη τόδε πρᾶγμα

O engano, tema universal mencionado pelos estudiosos da tragédia desde pelo menos a primeira metade do século XIX, foi estudado pouquíssimas vezes de forma abrangente e sistemática na tragédia grega. No presente trabalho, procurei sanar ao menos em parte essa falta e demonstrar que, do ponto de vista comportamental e relacional, o engano está tão presente nos textos literários que descrevem relações humanas e sociais quanto nas relações humanas propriamente ditas, as da vida real.

Dois dos aspectos mais significativos do engano na tragédia de Eurípides, a estrutura dramática do engano e os elementos lexicais de sua narração, constituíram o foco primário do estudo. A análise das obras completas e fragmentárias de Eurípides se mostrou extremamente frutífera e grande quantidade de enganos de variada complexidade foram identificados e analisados. Quase todos os enganos descritos ou apenas mencionados por Eurípides mostraram, porém, tamanha afinidade de tema, estrutura e vocabulário com a tradição mítica que se tornou necessário estudar também, e com profundidade maior do que a pretendida inicialmente, os enganos descritos e mencionados pelos poetas épicos, líricos e trágicos que o precederam. No caso do mito, todos os poemas relevantes foram estudados, mas apenas algumas cenas de vasos referentes a enganos que parecerem mais promissores, em termos de figuração artística.⁶⁰⁹ No caso dos poetas trágicos anteriores ou contemporâneos, somente as tragédias com enganos que correspondiam aos de Eurípides foram estudadas com relativo detalhe.

Notou-se que, de acordo com o estudo dessas fontes poéticas mais antigas, Eurípides se baseou nos mais diferentes poetas e nas mais diversas histórias para compor suas versões dos

⁶⁰⁹ O estudo dos mitos e de seus enganos através da arte, tanto em cenas de vasos quanto em outros suportes, requer estudo mais extenso e mais detalhado do que o escopo do presente estudo admitia. As duas cenas identificadas (Fig. 2, p. 93 e Fig. 5, p. 262), no entanto, ilustram certas possibilidades que poderão vir a ser futuramente exploradas.

enganos, e até mesmo em narrativas de prosadores como Heródoto e Ferécides. Mas sua principal inspiração, como em muitas outras coisas, parece ter sido [Homero]. A rigor, no entanto, Eurípides não desprezou nenhuma ideia ou inspiração, por menos conhecido e mais obscuro que tenha sido o poeta ou prosador, por menos conhecido e mais obscuro que tenha sido o mito ou variante do mito divulgados por suas fontes. Dentre os poetas trágicos, predominam naturalmente os enganos inspirados em Ésquilo e em Sófocles, mas pode se tratar apenas de um viés resultante da apreciação que tinham os antigos pela obra dos três grandes poetas trágicos e que resultou na pequena quantidade de fragmentos deixados pelos trágicos *minores*.

Era mesmo esperado, de certa forma, que a dívida de Eurípides com a tradição mítica e com o trabalho de seus antecessores fosse também significativa na questão do engano, assim como em vários outros aspectos de sua obra. Essa expectativa foi certamente confirmada, uma vez que apenas um terço dos principais enganos presentes na tragédia euripidiana foi inventada ou desenvolvida pelo próprio Eurípides. Note-se, porém, que “estatísticas panorâmicas” não têm como levar em conta os subenganos presentes nos enganos mais complexos, o que pode eventualmente aumentar essa proporção. Outra coisa que nenhuma estatística pode mostrar e que é evidente no conjunto de sua obra, é a importância concedida ao engano, que ocupa uma parte significativa de muitas tragédias, e.g. *Medeia*, *Electra*, *Helena*, *Bacantes*, *Ifigênia em Táuris*, *Ifigênia em Áulis*, *Egeu*, *Estenebeia* e *Filoctetes*. *Medeia* e *Bacantes*, por exemplo, foram praticamente construídas em torno de complexos e detalhados enganos; em outras, como *Alceste*, *Hipólito*, *Alcmena* e *Dânae*, o engano participa do enredo de forma um tanto circunscrita, mas, ainda assim, é responsável por alguns dos mais importantes efeitos dramáticos. É sem dúvida lícito afirmar que a dramatização de enganos complexos é, na obra de Eurípides, um elemento tão relevante quanto outras técnicas dramáticas, e.g. o prólogo prospectivo, as questões filosófico-religiosas, o *deus ex machina* e os debates de formato agonístico.

Na época de Eurípides, o tema do engano na tragédia estava já bem consolidado, mas é evidente que o poeta não deixou de legar aos seus contemporâneos e sucessores importantes contribuições nessa área. Algumas tendências ou preferências utilizadas por Eurípides em seus enganos são notáveis. Grandes enganadoras como Medeia e Fedra, por exemplo, que no mito tinham pouca expressão, ou enganadoras como Hécuba, Electra e Ifigênia, praticamente esquecidas ou pouco conhecidas em todas as tradições míticas, em suas obras receberam enorme destaque e hoje são lembradas graças a ele e aos complexos enganos em que o poeta as

colocou. Por outro lado, grandes enganadores da tradição mítica, como os deuses e Odisseu, foram praticamente ignorados ou apenas mencionados em rápidas referências aos mais conhecidos enganos de que participaram. Clitemnestra, Agamêmnon e Menelau, por outro lado, foram mostrados nos enganos de Eurípides mais ou menos da mesma forma que na tradição mítica.

A contribuição de Eurípides para o léxico do engano é menos significativa, pois ele recorreu, basicamente, ao vocabulário já estabelecido por seus antecessores para a descrição dos enganos de suas tragédias. Mas uma das mais importantes contribuições de Eurípides para a estrutura dramática do engano são as tragédias de plano e fuga e as tragédias com μηχαναί complexas e detalhadas, todas conservadas integralmente pela tradição mítica. Somente nas tragédias com esses tipos de engano, especialmente na *Ifigênia em Táuris*, na *Helena*, na *Medeia* e na *Electra*, praticamente todos os estudiosos reconhecem a presença do engano. Nas demais tragédias os enganos haviam sido mencionados, sem muito destaque ou análise aprofundada, ou simplesmente ignorados.

Nesse último aspecto do engano euripídiano, pelo menos, espero ter conseguido fazer uma contribuição relativamente significativa, pois através deste estudo foi possível expandir os conhecimentos registrados sobre o engano em Eurípides a dois terços das tragédias integralmente conservadas, no mínimo, e a pelo menos duas dúzias de tragédias fragmentárias, anteriormente muito pouco estudadas sob esse aspecto.

Τοιόνδ' ἀπέβη τόδε πρᾶγμα.

REFERÊNCIAS

1. Autores e obras da Antiguidade

ABREV.	NOMEN TITVLVS	NOME TÍTULO	ED. ⁶¹⁰
I. EURÍPIDES			
E.	Euripides Tragicus	Eurípides	
<i>Aeg.</i>	<i>Aegeus</i>	<i>Egeu</i>	TrGF 5.1
<i>Alc.</i>	<i>Alcestis</i>	<i>Alceste</i>	Dg. 1
<i>Alcm. Ps.</i>	Ἀλκμέων ὁ διὰ Ψωφίδος	<i>Alcmeon em Psófis</i>	TrGF 5.1
<i>Alcmn.</i>	<i>Alcmena</i>	<i>Alcmena</i>	TrGF 5.1
<i>Andr.</i>	<i>Andromache</i>	<i>Andrômaca</i>	Dg. 2
<i>Antp.</i>	<i>Antiope</i>	<i>Antíope</i>	TrGF 5.1
<i>Arch.</i>	<i>Archelaus</i>	<i>Arquelau</i>	TrGF 5.1
<i>Ba.</i>	<i>Bacchae</i>	<i>Bacantes</i>	Dg. 3
<i>Bell.</i>	<i>Bellerophon</i>	<i>Belerofonte</i>	TrGF 5.1
<i>Cresph.</i>	<i>Cresphontes</i>	<i>Cresfontes</i>	TrGF 5.1
<i>Cret.</i>	<i>Cretenses</i>	<i>Os Cretenses</i>	TrGF 5.1
<i>Cyc.</i>	<i>Cyclops</i>	<i>O Ciclope</i>	Dg. 1
<i>Dan.</i>	<i>Danae</i>	<i>Dânae</i>	TrGF 5.1
<i>El.</i>	<i>Electra</i>	<i>Electra</i>	Dg. 2
<i>Hec.</i>	<i>Hecuba</i>	<i>Hécuba</i>	Dg. 1
<i>Hel.</i>	<i>Helena</i>	<i>Helena</i>	Dg. 3
<i>HF</i>	<i>Hercules Furens</i>	<i>Héracles</i>	Dg. 2
<i>Hipp. A</i>	<i>Hippolytus</i>	<i>1º Hipólito</i>	TrGF 5.1
<i>Hipp. B</i>	<i>Hippolytus</i>	<i>2º Hipólito</i>	Dg. 1
<i>IA</i>	<i>Iphigenia aulidensis</i>	<i>Ifigênia em Áulis</i>	Dg. 3
<i>Ion</i>	<i>Ion</i>	<i>Íon</i>	Dg. 2
<i>Ixion</i>	<i>Ixion</i>	<i>Íxion</i>	TrGF 5.1
<i>Med.</i>	<i>Medea</i>	<i>Medeia</i>	Dg. 1
<i>Mel. C.</i>	Μελανίππη ἡ Δεσμῶτις	<i>Melanipe Cativa</i>	TrGF 5.1
<i>Mel. S.</i>	Μελανίππη ἡ Σοφὴ	<i>Melanipe, a Sábia</i>	TrGF 5.1
<i>Or.</i>	<i>Orestes</i>	<i>Orestes</i>	Dg. 3
<i>Pal.</i>	<i>Palamedes</i>	<i>Palamedes</i>	TrGF 5.2
<i>Pel.</i>	<i>Peleus</i>	<i>Peleu</i>	TrGF 5.2
<i>Pld.</i>	<i>Peliades</i>	<i>Peliades</i>	TrGF 5.2
<i>Ph.</i>	<i>Phoenissae</i>	<i>As Fenícias</i>	Dg. 3
<i>Phil.</i>	<i>Philoctetes</i>	<i>Filoctetes</i>	TrGF 5.2
<i>Pho.</i>	<i>Phoenix</i>	<i>Fênix</i>	TrGF 5.2
<i>Phr. A, B</i>	<i>Phrixus A uel B</i>	<i>Frixo A ou Frixo B</i>	TrGF 5.2
<i>Pir.</i>	<i>Pirithous</i>	<i>Pirítoo</i>	TrGF 1
<i>Σ</i>	<i>Scholia</i>	<i>Escólios</i>	Schw.
<i>Scyr.</i>	<i>Scyrios</i>	<i>Os Esquirenses</i>	TrGF 5.2
<i>Sthen.</i>	<i>Stheneboea</i>	<i>Estenebeia</i>	TrGF 5.2
<i>Tel.</i>	<i>Telephus</i>	<i>Télefo</i>	TrGF 5.2

⁶¹⁰ Nesta seção, o duplo óbelo (‡) assinala atribuição da obra a um autor na Antiguidade, muito contestada pelos estudiosos modernos e/ou comprovadamente anônimas. Nas outras partes deste trabalho a abreviatura do nome tradicional do autor dessas obras é sempre precedido da abreviatura Ps.-.

<i>Ten.</i>	<i>Tennes</i>	<i>Tenes</i>	TrGF 1
<i>Thy.</i>	<i>Thyestes</i>	<i>Tieste</i>	TrGF 5.1
<i>Tr.</i>	<i>Troades</i>	<i>As Troianas</i>	Dg. 2

II. ÉSQUILO, SÓFOCLES E ARISTÓFANES (*Comicus*)

A.	Aeschylus Tragicus	Ésquilo	
<i>Ag.</i>	<i>Agamemnon</i>	<i>Agamêmnon</i>	Page
<i>Ch.</i>	<i>Choephoroi</i>	<i>Coéforas</i>	Garvie
<i>Eu.</i>	<i>Eumenides</i>	<i>Eumênides</i>	Som.
<i>Fr.</i>	<i>Fragmenta</i>	<i>Fragmentos</i>	TrGF 3
<i>Pers.</i>	<i>Persae</i>	<i>Os Persas</i>	Mur.
<i>Pr.</i>	<i>Prometheus Vincitus</i>	<i>Prometeu Acorrentado</i>	Mur. ‡
<i>Sept.</i>	<i>Septem contra Thebas</i>	<i>Sete contra Tebas</i>	Mur.
<i>Supp.</i>	<i>Supplices</i>	<i>As Suplicantes</i>	Mur.
Ar.	Aristophanes Comicus	Aristófanés	
<i>Ach.</i>	<i>Acharnenses</i>	<i>Os Acarnenses</i>	C
<i>Av.</i>	<i>Aves</i>	<i>As Aves</i>	C
<i>Eq.</i>	<i>Equites</i>	<i>Os cavaleiros</i>	C
<i>Nu.</i>	<i>Nubes</i>	<i>As Nuvens</i>	C
<i>Pax</i>	<i>Pax</i>	<i>A Paz</i>	C
<i>Pl.</i>	<i>Plutus</i>	<i>Pluto</i>	C
<i>Ra.</i>	<i>Ranae</i>	<i>As Rãs</i>	C
Σ	<i>Scholia</i>	<i>Escólios</i>	Hol.
<i>Th.</i>	<i>Thesmophoriazusae</i>	<i>As Tesmoforiantes</i>	C
S.	Sophocles Tragicus	Sófocles	
<i>Aj.</i>	<i>Ajax</i>	<i>Ajax</i>	D
<i>Ant.</i>	<i>Antigone</i>	<i>Antígona</i>	D
<i>El.</i>	<i>Electra</i>	<i>Electra</i>	D
<i>Fr.</i>	<i>Fragmenta</i>	<i>Fragmentos</i>	TrGF 4
<i>Ph.</i>	<i>Philoctetes</i>	<i>Filoctetes</i>	D
<i>Tr.</i>	<i>Trachiniae</i>	<i>As Traquínias</i>	D
Σ S. Aj.	<i>Scholia (uetera) in S. Ajacem</i>	<i>Escólios (antigos) do Ajax de S.</i>	Christ.

III. INSCRIÇÕES

IG	<i>Inscriptiones Graecae</i>	<i>Inscrições gregas</i>	
I ²	<i>Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores</i>	<i>Inscrições áticas anteriores ao ano de Euclides</i>	Gaert.
II/III ²	<i>Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores</i>	<i>Inscrições áticas posteriores ao ano de Euclides</i>	Kirch.
XIV	<i>Inscriptiones Italiae et Siciliae...</i>	<i>Inscrições da Itália e Sicília...</i>	Kaibel ¹
<i>Marm. Par.</i>	<i>Marmor Parium</i>	<i>Mármore de Paros</i>	FGrH

IV. PAPIROS e TABUINHAS EM LINEAR B

<i>P. Argent.</i>	Ou <i>Papyri Argentoratenses Graecae</i> , conservados atualmente na Bibliothèque Nationale et Universitaire de Strasbourg, França		
<i>P. Berol.</i>	Papiros originalmente conservados no Königlichen Museen zu Berlin, Alemanha e		

- atualmente em diversas outras instituições⁶¹¹
- P. Cair.* Papiros do Catalogue Général des Antiquités Egyptiennes du Musée du Caire, Egito
- P. Köln* Papiros conservados no Institut für Altertumskunde der Universität zu Köln, Cologne, Alemanha
- P. Hamb.* Papiros conservados na Staats- und Universitätsbibliothek, Hamburgo, Alemanha
- P. Ibscher* Papiro da antiga coleção do arqueólogo Hugo Ibscher, conservado atualmente em Hamburgo, Alemanha (= *P. Hamb.*)
- P. Lit. Lond.* Papiros do *Catalogue of the Literary Papyri in the British Museum*, Londres, Reino Unido
- P. Lond.* Papiros diversos, conservados no British Museum, Londres, Reino Unido
- P. Mich.* Papiros conservados na Harlan Hatcher Graduate Library, U of Michigan, Ann Arbor, E.U.A.
- P. Oxy.* Papiros descobertos em Oxirrínco, Egito, conservados na Sackler Library, U of Oxford, Oxford, Reino Unido
- P. SI* Papiros publicados pela Società Italiana per la ricerca dei papiri greci e latini in Egitto, Firenze, 1912-
- P. Tebt.* Papiros descobertos em Tebtunis, Egito, conservados na Bancroft Library, U of California, Berkeley, E.U.A
- PY Un Tabuinha em linear B encontrada em Pilos, série Un, conservada no Ashmolean Museum, Oxford, Reino Unido

V. ALTERA

A.R.	Apollonius Rhodius Epicus	Apolônio de Rodes	
	<i>sine titulo</i>	<i>Argonáutica</i>	Fräenkel
Σ	<i>Scholia</i>	<i>Escólios</i>	Wendel
Ach. Tat.	Achilles Tatius Astronomus	Aquiles Tácio	
<i>Intr. Arat.</i>	<i>Introductio in Aratum</i>	<i>Introdução a Arato</i>	Maass
Acus.	Acusilaus Historicus	Acusilau	FGrH
Ael.	Claudius Aelianus	Eliano	Hercher ¹
NA	<i>De Natura Animalium</i>	<i>Da Natureza dos Animais</i>	
VH	<i>Varia historia</i>	<i>Histórias diversas</i>	
Aeschin.	Aeschines Orator	Ésquines	MB
<i>Aeth.</i>	<i>Aethiopsis</i>	<i>Etiópica</i>	West ²
Alc.	Alcaeus Lyricus	Alceu	Camp. 1
<i>Alcmeon.</i>	<i>Alcmeonis</i>	<i>Alcmeônida</i>	West ²
Apollod.	Apollodorus Mythographus	Pseudo-Apolodoro	
	<i>sine titulo</i>	<i>Biblioteca</i>	Fz. ‡
<i>Epit.</i>	<i>Epitome</i>	<i>Építome</i>	Fz. ‡
Ar. Byz.	Aristophanes Byzantinus	Aristófanes de Bizâncio	
Arg.	<i>Euripidis argumenta fabularum</i>	<i>Hipóteses dos dramas de Eurípides</i>	Dg. 1-3

⁶¹¹ Devido ao problemas ocorridos durante a II Guerra Mundial.

Archil.	Archilochus Lyricus	Arquíloco	Gerber ¹
Arist.	Aristoteles Philosophus	Aristóteles	
<i>Po.</i>	<i>Poetica</i>	<i>Poética</i>	Lucas
<i>Pol.</i>	<i>Politica</i>	<i>Política</i>	Ross ³
<i>Rh.</i>	<i>Rhetorica</i>	<i>Retórica</i>	Ross ¹
<i>SE</i>	<i>Sophistici Elenchi</i>	<i>Argumentos sofísticos</i>	Ross ²
Aristid.	Aelius Aristides Rhetor	Élio Aristides	
<i>Pan.</i>	Παναθηναϊκός	<i>Panatenaico</i>	Dind. ¹
Asclep.Tragil.	Asclepiades Tragilensis Historicus	Asclepiáde de Trágilo	FGrH
Ath.	Athenaeus Grammaticus	Ateneu	Kaibel ²
B.	Bacchylides Lyricus	Baquílides	Camp. 4
Cic.	Marcus Tullius Cicero	Cícero	
<i>Cat.</i>	<i>In Catilinam</i>	<i>As Catilinárias</i>	Clark
<i>De or.</i>	<i>De oratore</i>	<i>Do Orador</i>	Wilk.
<i>Inv.</i>	<i>De inuentione (rhetorici)</i>	<i>Da Invenção (da Retórica)</i>	Strob.
Cin.	Cinaethon	Cineton	West ²
<i>Cod. Iust.</i>	<i>Codex Iustinianus</i>	<i>Código de Justiniano</i>	Mears
Conon	Conon Historicus	Cônon	FGrH
Critias	Critias Philosophus Tragicus Elegiacus	Crítias	TrGF 1
<i>Cypr.</i>	<i>Cypria</i>	<i>Cantos Cípricos</i>	West ²
D. Chr.	Dio Chrysostomus Sophista	Díon de Prusa / Crisóstomo	Am.
D.S.	Diodorus Siculus Historicus	Diodoro Sículo	VF
Democr.	Democritus Philosophus	Demócrito	DK
Dinol.	Dinolochus Comicus	Dinóloco	Austin
<i>Ehoiae</i>	Γυναικῶν Κατάλογος	<i>Catálogo das Mulheres</i>	Most
Epich.	Epicharmus Comicus	Epicarmo	Austin
Ephor.	Ephorus Historicus	Éforo	FGrH
Eratosth.	Eratosthenes Epicus		
<i>Cat.</i>	<i>Catasterismi</i>	<i>Cataterismos</i>	Oliv. ‡
Eumel.	Eumelus Epicus	Eumelo de Corinto	West ² ‡
Eust.	Eustathius Episcopus Thessalonicensis	Eustácio	
<i>Il.</i>	<i>Commentarii ad Homeri Iliadem</i>	<i>Comentário à Ilíada</i>	Valk
Gai.	Gaius	Caio	
<i>Inst.</i>	<i>Institutiones</i>	<i>Instituições</i>	Mears
Gn.	<i>Genesis</i>	<i>Gênese</i>	Garmus
Gorg.	Gorgias Rhetor et Sophista	Górgias	
<i>Hel.</i>	<i>Helena</i>	<i>Elogio a Helena</i>	DK
<i>h. Hom.</i>	<i>Hymni Homerici</i>	<i>Hinos homéricos</i>	West ¹
<i>h. Ap.</i>	<i>hymnus ad Apollinem</i>	<i>hino a Apolo (= h. Hom. 3)</i>	
<i>h. Cer.</i>	<i>hymnus ad Cererem</i>	<i>hino a Deméter (= h. Hom. 2)</i>	
<i>h. Merc.</i>	<i>hymnus ad Mercurium</i>	<i>hino a Hermes (= h. Hom. 4)</i>	
<i>h. Ven.</i>	<i>hymnus ad Venerem</i>	<i>hino a Afrodite (= h. Hom. 5)</i>	

Harp.	Harpocratio Grammaticus	Harpocrácio	TrGF 5.1
Hdt.	Herodotus Historicus	Heródoto	Legr.
Hecat.	Hecataeus Milesius Historicus	Hecateu de Mileto	FGrH
Hellanic.	Hellanicus Historicus	Helânico	FGrH
Hes.	Hesiodus Epicus	Hesíodo	
Op.	<i>Opera et Dies</i>	<i>Trabalhos e dias</i>	SMW
Scut.	<i>Scutum</i>	<i>O escudo de Héracles</i>	SMW ‡
Th.	<i>Theogonia</i>	<i>Teogonia</i>	SMW
Fr.	<i>Fragmenta</i>	<i>Fragmentos</i>	Most ‡
Hippon.	Hipponax Iambographus	Hipônax	Gerber ¹
Hor.	Quintus Horatius Flaccus	Horácio	
Carm.	<i>Carmina uel Odes</i>	<i>Odes</i>	Klingner
Hp.	Hippocrates Medicus	Hipócrates	
Morb.	<i>De Morbis</i>	<i>Das doenças</i>	Potter ‡
Ulc.	<i>De ulceribus</i>	<i>Das úlceras</i>	Potter ‡
VM	<i>De prisca medicina</i>	<i>Da medicina antiga</i>	Jones ‡
Hsch.	Hesychius Lexicographus	Hesíquio	Latte
Hyg.	Hyginus	Higino	
Fab.	<i>Fabulae</i>	<i>Mitos</i>	Rose ‡
Ibyc.	Ibycus Lyricus	Íbico	Camp. 3
Il.	<i>Ilias</i>	<i>Ilíada</i>	Allen
Il. Parv.	<i>Ilias Parva</i>	<i>Pequena Ilíada</i>	West ²
Il. Pers.	<i>Iliu Persis</i>	<i>O Saque de Ílion</i>	West ²
Isoc.	Isocrates Orator	Isócrates	MaBr
Jo. Log.	Joannes Logothetes	Joannes Logothetes	Rabe
Jo. Mal.	Joannes Malalas	Joannes Malalas	
Chron.	<i>Chronografia</i>	<i>Cronografia</i>	Dind. ²
Lactant.	Lactantius	Lactância	
Div. inst.	<i>Divinae institutiones</i>	<i>Instituições Divinas</i>	LD
Luc.	Lucianus Sophista	Luciano	
Herm.	<i>Hermotimus</i>	<i>Hermotimo</i>	Kilb.
DDeor.	<i>Dialogi Deorum</i>	<i>Diálogos dos deuses</i>	McL
Lucr.	Titus Lucretius Carus	Lucrécio	Martin
Lyc.	Lycophron Tragicus	Licofron	Scheer ‡
Men.	Menander Comicus	Menandro	
Pk.	<i>Περικειρομένη</i>	<i>A moça dos cabelos cortados</i>	Sand.
Mimn.	Mimnermus Lyricus	Mimnermo	Gerber ²
Min.	<i>Mínias</i>	<i>Mínias</i>	West ²
Naup.	<i>Carmen Naupactia uel Naupactia</i>	<i>Naupática</i>	West ²
Nic. Dam.	Nicolaus Damascenus Historicus	Nicolau de Damasco	FGrH
Nosti	<i>Nosti</i>	<i>Retornos</i>	West ²

<i>Od.</i>	<i>Odyssea</i>	<i>Odisseia</i>	Mühl
<i>Orph.</i>	<i>Orphica</i>	<i>Poemas órficos</i>	
<i>H.</i>	<i>Hymni</i>	<i>Hinos</i>	Quandt
<i>Ov.</i>	<i>Ovidius</i>	<i>Ovídio</i>	
<i>Her.</i>	<i>Heroides</i>	<i>Heroídes</i>	Dörrie
<i>Met.</i>	<i>Metamorphoses</i>	<i>Metamorfoses</i>	Miller
<i>Panyas.</i>	<i>Panyasis Epicus</i>	<i>Paniassis</i>	West ²
<i>Parm.</i>	<i>Parmenides Poeta Philosophus</i>	<i>Parmênides</i>	DK
<i>Paus.</i>	<i>Pausanias Periegeta</i>	<i>Pausânias</i>	Spiro
<i>Phaedr.</i>	<i>Phaedrus</i>	<i>Fedro</i>	Gualg.
<i>Pherecyd.</i>	<i>Pherecydes Historicus</i>	<i>Ferécides de Atenas</i>	FGrH
<i>Philem.</i>	<i>Philemo</i>	<i>Filemon de Atenas</i>	
<i>Lex.</i>	<i>Ἀττικαὶ λέξεις (uel φωναί)</i>	<i>Léxico de palavras áticas</i>	JVL
<i>Phld.</i>	<i>Philodemus</i>	<i>Filodemo</i>	
<i>Piet.</i>	<i>De Pietate</i>	<i>Da Piedade</i>	Gomp.
<i>Pi.</i>	<i>Pindarus Lyricus</i>	<i>Píndaro</i>	
<i>Fr.</i>	<i>Fragmenta</i>	<i>Fragmentos</i>	SM
<i>I.</i>	<i>Isthmia</i>	<i>Odes Ístmicas</i>	Race
<i>N.</i>	<i>Nemea</i>	<i>Odes Nemeias</i>	Race
<i>O.</i>	<i>Olympia</i>	<i>Odes Olímpicas</i>	Race
<i>P.</i>	<i>Pythia</i>	<i>Odes Píticas</i>	Race
<i>Σ</i>	<i>Scholia</i>	<i>Escólios</i>	Drach.
<i>Pl.</i>	<i>Plato Philosophus</i>	<i>Platão</i>	
<i>Alc. 1, 2</i>	<i>Alcibiades</i>	<i>Alcibiádes 1 e 2</i>	Burnet
<i>Cra.</i>	<i>Cratylus</i>	<i>Crátilo</i>	Burnet
<i>Gorg.</i>	<i>Gorgias</i>	<i>Górgias</i>	Burnet
<i>Hp. Ma.</i>	<i>Hippias Major</i>	<i>Hípias Maior</i>	Burnet
<i>Hp. Mi.</i>	<i>Hippias Minor</i>	<i>Hípias Menor</i>	Burnet
<i>Just.</i>	<i>De Justo</i>	<i>Da Justiça</i>	Burnet ‡
<i>Prm.</i>	<i>Parmênides</i>	<i>Parmênides</i>	Burnet
<i>Phdr.</i>	<i>Phaedrus</i>	<i>Fedro</i>	Burnet
<i>R.</i>	<i>Respublica</i>	<i>República</i>	Burnet
<i>Sph.</i>	<i>Sophista</i>	<i>Sofista</i>	Burnet
<i>Tht.</i>	<i>Theaetetus</i>	<i>Teeteto</i>	Burnet
<i>Plaut.</i>	<i>Titus Maccius Plautus</i>	<i>Plauto</i>	Leo
<i>Bacch.</i>	<i>Bacchides</i>	<i>As Báquides</i>	
<i>Fr.</i>	<i>Fragmenta</i>	<i>Fragmentos</i>	
<i>Plu.</i>	<i>Plutarchus Biographus et Philosophus</i>	<i>Plutarco</i>	
<i>Adul.</i>	<i>Quomodo adulescens poetas audire debeat</i>	<i>Porque os jovens deviam ouvir os poetas</i>	Babb.
<i>Cap.</i>	<i>De capienda ex inimicis utilitate</i>	<i>Como tirar proveito dos inimigos</i>	Babb.
<i>Sol.</i>	<i>Solon</i>	<i>Vida de Sólon</i>	Zg.
<i>Thes.</i>	<i>Theseus</i>	<i>Vida de Teseu</i>	Zg.
<i>Poll.</i>	<i>Pollux Grammaticus</i>	<i>Pólux</i>	Bethe

Porph.	Porphyrius Tyrius Philosophus	Porfírio	
<i>Antr.</i>	<i>De Antro Nympharum</i>	<i>Da Gruta das Ninfas</i>	SC
Probus	Marcus Valerius Probus	Probo	
<i>in Verg. Ecl.</i>	<i>In Vergilii Bucolica et Georgica commentarius</i>	<i>Comentários sobre as Bucólicas e as Geórgicas de Virgílio</i>	Keil
Phryn. Com.	Phrynichus Comicus	Frínico, o Cômico	Kock
Sapph.	Sappho Lyrica	Safo	Camp. 1
Satyr.	Satyrus Historicus	Sátiro	Arrig.
Semon.	Semonides Iambographus	Semônides de Amorgos	Gerber ¹
Simon.	Simonides Lyricus	Simônides de Ceos	Camp. 3
Socrates	Socrates Scholasticus	Sócrates Escolástico	
<i>Hist. Eccl.</i>	<i>Historia Ecclesiastica</i>	<i>História Eclesiástica</i>	Bright
Sol.	Solon Lyricus	Sólon	Gerber ²
Stesich.	Stesichorus Lyricus	Estesícoro	Camp. 3
Stob.	Joannes Stobaeus	Estobeu	WH
Str.	Strabo Geographus	Estrabon	Mein.
Suid.	Suidas Lexicographus	<i>A Suda</i>	Adler
Syn. Phil.	Synesius Philosophus	Sinésio, o Filósofo	
<i>Ep.</i>	<i>Epistulae</i>	<i>Cartas</i>	Hercher ²
Th.	Thucydides Historicus	Tucídides	JP
<i>Theb.</i>	<i>Thebaïs</i>	<i>Tebaida</i>	West ²
<i>Thes.</i>	<i>Theseis</i>	<i>Teseida</i>	West ²
Thgn.	Theognis Elegiacus e <i>Theognidae</i>	Teógnis	Gerber ² ‡
Tib.	Tibullus	Tíbulo	LG
Tyrt.	Tyrtaeus Elegiacus	Tirteu	Gerber ²
Verg.	Publius Vergilius Maro	Virgílio	
<i>Aen.</i>	<i>Aeneis</i>	<i>Eneida</i>	Myn.
<i>Vit. Eur.</i>	<i>Vita Euripidis</i>	<i>Vida de Eurípides</i>	TrGF 5.1
X.	Xenophon Historicus	Xenofonte	
<i>Lac.</i>	<i>De Republica Lacedaemoniorum</i>	<i>Da República dos Lacedemônios</i>	March.
<i>Mem.</i>	<i>Memorabilia</i>	<i>Memoráveis</i>	March.
Xenoph.	Xenophanes Poeta Philosophus	Xenófanes	DK

2. Edições modernas de obras da Antiguidade

ABREV. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Adler   Ada ADLER, *Suidae Lexicon*, 5 v., Leipzig, Teubner, 1928-1938.
- Allen   Thomas W. ALLEN, *Homeri Ilias*, 3v., Oxford, Clarendon Press, 1931.

- Arrig. Graziano ARRIGHETTI, *Satiro. Vita di Euripide*, Pisa, Goliardica, 1964.
- Arn. Johannes VON ARNIM, *Dionis Prusaensis quem vocant Chrysostomum quae exstant omnia*, 2 v., Berlin, Weidmann, 1893-1896.
- Austin Colin AUSTIN, *Comicorum Graecorum fragmenta in papyris reperta*, Berlin, De Gruyter, 1973.
- Babb. Frank C. BABBITT, *Plutarch's moralia*, v. 1-2, Cambridge, Harvard U Press, 1927-1928.
- Bailly Anatole BAILLY et Émile EGGER, *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Hachette, ²⁶1963.
- Bethe Ericus BETHE, *Pollucis onomasticon*, 2 v., Leipzig, Teubner, 1900 e 1931.
- Bright William BRIGHT, *Socrates' ecclesiastical history*, Oxford, Clarendon Press, ²1893.
- Burnet John BURNET, *Platonis opera*, 5v., Oxford, Clarendon Press, 1900-1907.
- C Victor COULON et Hilaire VAN DAELE, *Aristophane*, 5 v., Paris, Les Belles Lettres, ²1963-1969.⁶¹²
- Camp. David A. CAMPBELL, *Greek Lyric*, 5 v., Cambridge and London, Harvard U Press, 1982-1993.⁶¹³
- CC Christopher COLLARD and Martin CROPP, *Euripides Fragments*, 2 v., Cambridge and London, Harvard U Press, 2008-2009.⁶¹⁴
- CCG ———, ——— and John GIBERT, *Euripides, Selected Fragmentary Plays*, v. 2, Oxford, Aris & Phillips, 2004.
- CCL ———, ——— and Kevin LEE, *Euripides, Selected Fragmentary Plays*, v. 1, Warminster, Aris & Phillips, 1995.
- Chantr. Pierre, Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*, Paris, Klincksieck, ²1999.
- Christ. Georgios A. CHRISTODOULOS, *Tà ἀρχαῖα σχόλια εἰς Αἴαντα τοῦ Σοφοκλέους*, Athens, U of Athens Press, 1977.
- Clark Albert C. CLARK, *M. Tulli Ciceronis Orationes*, v. 1, Oxford, Oxford U Press, 1905.

⁶¹² Texte établi par Victor COULON et traduit par Hilaire VAN DAELE.

⁶¹³ Cit. Camp. 1 (Sappho - Alcaeus), 2 (Anacreon - Choral 1), 3 (Choral 2), 4 (Bacchylides - Coral 3), 5 (New School of Poetry).

⁶¹⁴ Cit. CC 1 e 2.

- D Alphonse DAIN et Paul MAZON, *Sophocle*, 3. v., Paris, Les Belles Lettres, ²1967-1968.⁶¹⁵
- Dg. James DIGGLE, *Euripidis Fabulae*, 3v., Oxford, Clarendon Press, 1984-1994.⁶¹⁶
- Dind.¹ K. Wilhelm DINDORF, *Aristides*, 3 v., Leipzig, Reimer, 1829.
- Dind.² Ludwig A. DINDORF, *Ioannis Malalae Chronographia*, Bonn, Weber, 1831.
- DK Hermann DIELS und Walther KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 2 v., Berlin, Weidmann, ⁶1952.
- Dörrie Heinrich DÖRRIE, *P. Ovidii Nasonis Epistulae Heroidum*, Berlin, de Gruyter, 1971.
- Drach. Anders B. DRACHMANN, *Scholia vetera in Pindari carmina*, 3 v., Leipzig, Teubner, ³1927.
- FGrH Felix JACOBY, *Die Fragmente der griechischen Historiker* v. 1, 2, Leiden, Brill, ²1957.
- Fränkel Herman FRÄNKEL. *Apollonii Rhodii Argonautica*, Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, rev.ed. 1970.
- Fz. James G. FRAZER, *Apollodorus, The Library*, 2 v., Cambridge and London, Harvard U Press, 1921.
- Gaert. Friedrich H. von GAERTRINGEN, *Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores, editio altera*, Berlin, De Gruyter, 1924.
- Garmus Ludovico GARMUS (coord.), *Bíblia Sagrada*. Petrópolis: Ed. Vozes e Ed. Santuário, ³⁹1982.
- Garvie Alexander F. GARVIE, *Aeschylus Choephoroi*, Oxford, Oxford U Press, 1986.
- Gerber¹ Douglas E. GERBER, *Greek Iambic Poetry*, Cambridge and London, Harvard U Press, 1999.
- Gerber² ———, *Greek Elegiac Poetry*, Cambridge and London, Harvard U Press, 1999.
- Gomp. Theodor GOMPERZ, *Philodem über die Frömmigkeit* (Herkulanische Studien v. 2), Leipzig, Teubner, 1866.
- Guag. Antonio GUAGLIANONE. *Phaedri Augusti Liberti Liber Fabularum*, Turin, Paravia, 1969.
- Hercher¹ Rudolph HERCHER, *Claudii Aeliani de natura animalium libri xvii, varia historia, epistolae, fragmenta*, 2 v., Leipzig, Teubner, 1864-6.
- Hercher² ———, *Epistolographi Graeci*, Paris, Didot, 1873.
- Hol. Douwe HOLWERDA, *Scholia in Vespas, Pacem, Aves et Lysistratam*, Groningen, Bouma, 1982.

⁶¹⁵ Texte établi par Alphonse DAIN et traduit par Paul MAZON.

⁶¹⁶ Cit. Dg. 1, 2 e 3.

- Jones William H.S. JONES, *Hippocrates*, v. 1, Cambridge and London, Harvard U Press, 1923.
- JP Henricus S. JONES et Johannes. E. POWELL, *Thucydidis historiae*, 2 v., Oxford, Clarendon Press, ²1942.
- JVL François JOUAN et Herman VAN LOOY, *Euripide, Tragédies tome VIII*, 4v., Paris, Les Belles Lettres, 1998-2003.⁶¹⁷
- Kaibel¹ Georgius KAIBEL, *Inscriptiones Italiae et Siciliae*, Berlin, Reimer, 1890.
- Kaibel² ———, *Athenaei Naucratis Deipnosophistarum Libri XV*, 3 v., Leipzig, 1887-1890.
- Keil Heinrich KEIL, *M. Valerii Probi In Vergilii Bucolica et Georgica commentarius*, Halis, Anton, 1848.
- Kilb. K. KILBURN, *Lucian*, v. 6, Cambridge and London, Harvard U Press, 1959.
- Kirch. Johannes KIRCHNER, *Inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores, Editio altera*, 6 v., Berlin, De Gruyter, 1913-1940.
- Klingner Fridericus KLINGNER, *Q. Horati Flacci Opera*, Lipsiae, Teubner, 1959.
- Kn. Richard KANNICHT, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, 2 v. (5.1 et 5.2): *Euripides*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.⁶¹⁸
- Kock Theodor KOCK, *Comicorum Atticorum Fragmenta*, v. 1, Lipsiae, Teubneri, 1880.
- Latte Kurt LATTE, *Hesychii Alexandrini Lexicon*, 2 v. Copenhagen: Munksgaard, ²1966.
- LD Jean-Baptiste LE BRUN & Nicolas L. DUFRESNOY, *Lucii Caecilii Firmiani Lactantii opera omnia*, t. i, Paris, De Bure, 1748.
- Legr. Philippe E. LEGRAND, *Hérodote. Histoires*, 9 v., Paris, Les Belles Lettres, 1930-1954.
- Leo Fridericus LEO, *Plauti Comoediae*, 2 v. Berolini, Weidmann, 1896.
- LG Friedrich W. LENZ et Karl GALINSKY, *Albii Tibulli aliorumque carminum libri tres*, Leiden, Brill, 1971.
- LSJ Henry G. LIDDEL and Robert SCOTT, revised by H.S. JONES and R. MCKENZIE, *A Greek-English Lexicon with Supplement*, Oxford, Oxford U Press, ⁹1968 (suppl. in 1996).
- Lucas Donald W. LUCAS, *Aristotle Poetics*, Oxford, Clarendon Press, 1968.

⁶¹⁷ Cit. JVL 1, 2, 3 e 4.

⁶¹⁸ Cit. TrGF 5.1 e 5.2.

- Maass Ernst W.T. MAASS, *Commentariorum in Aratum reliquiae*, Berlin, Weidmann, 1898.
- March. Edgar C. MARCHANT, *Xenophontis opera omnia*, 5 v., Oxford, Clarendon Press, 1900-1921 (v. 2 = ²1921).
- Martin Joseph MARTIN, *T. Lucretius Carus De Rerum Natura Libri Sex*, Lipsiae, Teubner, 1969.
- MaBr Georges MATHIEU et Émile BREMOND, *Isocrate. Discours*, Paris, Les Belles Lettres, 1929.
- MB Victor MARTIN et Guy de BUDÉ, G., *Eschine. Discours*, 2 v., Paris, Les Belles Lettres, 1927-1928.
- McL Matthew D. MACLEOD, *Lucian*, v. 7, Cambridge and London, Harvard U Press, 1961.
- Mears T. Lambert MEARS, *The Institutes of Gaius and Justinian*, Clark, Lawbook Exchange, 2004.
- Mein. Augustus MEINEKE, *Strabonis geographica*, 3 v., Leipzig, Teubner, 1877.
- Miller Frank J. MILLER. *P. Ovidius Naso Metamorphoses*, 2 v., rev. G.P. GOOLD. Cambridge and London, Harvard U Press, 1977.
- Most Glenn W. MOST, *Hesiod - The Shield, Catalogue of Women, Other Fragments*, Cambridge and London, Harvard U Press, 2007.
- Mühlh Peter VON DER MÜHLL, *Homeri Odyssea*, Basel, Helbing & Lichtenhahn, 1962.
- Mur. Gilbert MURRAY, *Aeschyli tragoediae*, Oxford, Clarendon Press, ²1955.
- Myn. Roger A.B. MYNORS, *P. Vergili Maronis Opera*, Oxford, Clarendon Press, 1969.
- Nak. Dimitri NAKASSIS. 'Reevaluating Staple and Wealth Finance at Mycenaean Pylos.' In: D.J. PULEN, *Political Economies of the Aegean Bronze Age*. Oxford and Oakville: Oxbow, 2010, p. 127-48.
- Oliv. Alexander OLIVIERI, *Pseudo-Eratosthenis catasterismi*, Leipzig, Teubner, 1897.
- Page Denys PAGE, *Aeschyli Septem quae supersunt tragoedias*, Oxford, Clarendon Press, 1972.
- Potter Paul POTTER, *Hippocrates*, v. 5-9, Cambridge and London, Harvard U Press, 1989-2010.⁶¹⁹
- Quandt Wilhelm QUANDT, *Orphei hymni*, Berlin, Weidmann, ³1962.
- Rabe Hugo RABE, *Aus Rhetoren-Handschriften. 5. Des Diakonen und Logotheten Johannes Kommentar zu Hermogenes Περὶ μεθόδου δεινότητος*, RhM. 63, 127-51, 1908.
- Race William H. RACE, *Pindar*, 2 v., Cambridge and London, Cambridge U Press, 1997.

⁶¹⁹ Cit. Potter 5, 6, 7, 8 e 9.

- Radt¹ Stefan RADT, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, v. 3: *Aeschylus*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1985.⁶²⁰
- Radt² ———. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, v. 4: *Sophocles*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, ^{rev}1999.⁶²¹
- Rose Herbert J. ROSE, *Hygini Fabulae*, Leiden, Sythoff, 1933.
- Ross¹ William D. ROSS, *Aristotelis ars rhetorica*, Oxford, Clarendon Press, ²1964.
- Ross² ———, *Aristotelis topica et sophistici elenchi*, Oxford, Clarendon Press, ²1970.
- Ross³ ———, *Aristotelis politica*, Oxford, Clarendon Press, 1957.
- Sand.. F.H. SANDBACH, *Menandri reliquiae selectae*, Oxford, Clarendon Press, 1972.
- SC SEMINAR CLASSICS 609: Porphyry, *The cave of the nymphs in the Odyssey*, Buffalo, State U of New York, 1969.
- Scheer Eduard SCHEER, *Lycophronis Alexandra*, 2 v., Berlin, Weidmann, 1881-1908.
- Schw. Eduard SCHWARTZ, *Scholia in Euripidem*, 2 v., Berlin, Reimer, ²1891.
- SM Bruno SNELL & Herwig MAEHLER, *Pindari Carmina cum Fragmentis*, Munich und Leipzig, Teubner, 2v., ⁴1971-5.
- SMW Friedrich SOLMSEN, *Hesiodi Theogonia, Opera et Dies, Scutum*; REINHOLD MERKELBACH et MARTIN L. WEST, *Fragmenta Selecta*. Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, 1970.
- Snell Bruno SNELL, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, v. 1: *Didascaliae tragicae, Catalogi tragicorum et tragoediarum, Testimonia et fragmenta tragicorum minorum*, ed. correctior et addendis aucta curavit Richard KANNICHT, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, ^{rev}1985.⁶²²
- Som. Alan H. SOMMERSTEIN, *Aeschylus Eumenides*, Cambridge, Cambridge U Press, 1989.
- Spiro Friedrich SPIRO, *Pausaniae Graeciae Descriptio*, 3 v., Leipzig, Teubner, 1903.
- Strob. Eduard STROEBEL, *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia*, v. 2, Leipzig, Teubner, 1915.
- TrGF Bruno SNELL, Richard KANNICHT et Stefan RADT (ed.), *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, 6

⁶²⁰ Cit. TrGF 3.⁶²¹ Cit. TrGF 4.⁶²² Cit. TrGF 1.

- v., Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1986-2004.⁶²³
- Valk Marchinus VAN DER VALK, *Eustathii archiepiscopi Thessalonicensis commentarii ad Homeri Iliadem*, 4 v., Leiden, Brill, 1971-1987.
- VF Friedrich VOGEL et Kurt T. FISCHER, *Diodori bibliotheca historica*, 5 v., Leipzig, Teubner, 1888-1906.
- Wendel Carolus WENDEL, *Scholia in Apollonium Rhodium vetera*, Berlin, Weidmann, 1935.
- West¹ Martin L. WEST, *Homeric Hymns, Homeric Apocrypha, Lives of Homer*, Cambridge, Harvard U Press, 2003.
- West² ———, *Greek Epic Fragments*, Cambridge and London, Harvard U Press, 2003.
- WH Curt WACHSMUTH et Otto HENSE, *Ioannis Stobaei Anthologium*, Berlin, Weidmann, 1884-1912.
- Wilk. Augustus S. WILKINS, *M. Tulli Ciceronis Rhetorica*, 2 v., Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, 1902-1903.
- Zg. Konrat ZIEGLER, *Plutarchi vitae parallelae*, v. 1, Leipzig, Teubner, ⁴1969.

3. Outros autores modernos⁶²⁴

- ADLER, J.E. *Lying, Deceiving, or Falsely Implicating*. JPh 94.9, 435-52, 1997.
- AÉLION, R. *Quelques grands mythes heroïques dans l'œuvre d'Euripide*. Paris, Belles Lettres, 1986.
- AGUIAR E SILVA, V.M. *Teoria da Literatura*. Coimbra, Almedina, ²1968.
- ALLAN, W. *The Andromache and Euripidean Tragedy*. Oxford, Oxford U Press, 2000.
- . *Euripides The Children of Heracles*. Warminster, Aris & Phillips, 2001.
- . *Euripides Helen*. Cambridge: Cambridge U Press, 2008.
- ALLEN, J.T. & ITALIE, G. *A concordance to Euripides*. Berkeley and Los Angeles, London, U of California Press and Cambridge U Press, 1954.

⁶²³ Cit. TrGF 1 (*tragicorum minorum* = Snell), 2 (*fr. adespota*, por Kannicht e Snell), 3 (*Aeschylus* = Radt¹), 4 (*Sophocles* = Radt²), 5.1 e 5.2 (*Euripides* = Kn.) – ver também Snell, Radt, Radt² e Kn. nesta mesma lista.

⁶²⁴ O formato das referências a artigos de periódicos segue basicamente a NBR 6023/2002 da ABNT, porém com as simplificações recomendadas pela SBEC: autor, título e nome de periódico (ou sigla, ver p. xiii), seguido do número do volume, do fascículo, das páginas inicial e final, e do ano de publicação. A notação SBEC “XX.yy, aa-bb” corresponde à notação ABNT v. XX, n. yy, p. aa-bb.

- ALSTER, B. *The Instructions of Suruppak. Mesopotamia*, 1974. Ver BLACK et al., 1998-2006.
- ALLEN, T.W. & SIKES, E.E. *The Homeric Hymns*, London, Macmillan, 1904.
- ARAÚJO, E. *Escrito para a Eternidade - a literatura no Egito Faraônico*. Brasília, UnB, 2000.
- ARAÚJO, O.L. 'A apáte em *As Traquínias*, de Sófocles'. In: CARDOSO, Z.A. & DUARTE, A.S. (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 39-50.
- ASTOUR, M.C. *Hellenosemitica*. Leiden: Brill, 1967.
- ATKINS, J.W.H. *Literary Criticism in Antiquity*, 2 v. Cambridge: Cambridge U Press, 1934.
- AUBRETON, R. *Introdução a Homero*. São Paulo: Difusão Européia do Livro e EdUSP, ²1968.
- AUSTIN, N. *Telemachos Polymechnos*. California Studies in Classical Antiquity, Berkeley, v. 2, p. 45-63, 1969.
- BACELAR, A.P. *A liminaridade trágica em Ajax, de Sófocles*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2004.
- BÁDENAS P., P. & BERNABÉ P., A. (ed.). *Píndaro - Epinícios*. Madrid: AKAL, 2002.
- BARLOW, S.A. *Euripides Heracles*. Warminster: Aris & Phillips, ^{rev. ed.} 1988.
- BARRETT, W.S. *Euripides Hippolytos*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- BASSI, K. Ver nota 48, p. 31.
- BATTEZZATO, L. *The Thracian Camp and the Fourth Actor at Rhesus 565-691*. CQ 50.2, 367-73, 2000.
- BELFIORE, E. "Lies Unlike the Truth": Plato on Hesiod, Theogony 27. TAPhA 115, p. 47-57, 1985.
- BERNARD, A. *La carte du tragique*. Paris, CNRS, 1985.
- BIERL, A. "Ich aber (Sage), das Schönste ist, was einer liebt!" Eine pragmatische Deutung von Sappho Fr. 16 LP/V. QUCC 74.2, 91-124, 2003.
- BLACK, J.A., CUNNINGHAM, G., EBELING, J. et al. *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, Oxford 1998–2006. URL: etcsl.orinst.ox.ac.uk. Consulta: agosto de 2008.
- BLAIKLOCK, E.M. *The Male Characters of Euripides*. Wellington: New Zealand U Press, 1952.
- BLOOMFIELD, M. *Joseph and Potiphar in Hindu Fiction*. TAPhA 54, 141-67, 1923.
- BLUNDELL, M.W. *Helping Friends and Harming Enemies: A Study in Sophocles and Greek Ethics*. Cambridge: Cambridge U Press, 1989.
- BOISACQ, E. *Dictionnaire Étymologique de La Langue Grecque*. Heidelberg et Paris: Carl Winter et Klicksiek, 1938.

- BOND, G.W. *Euripides' parody of Aeschylus*. *Hermathena* 118, 1-14, 1974.
- . *Euripides Heracles*. Oxford: Clarendon Press, 1981.
- BOWDEN, H. *Classical Athens and the Delphic oracle: divination and democracy*. Cambridge: Cambridge U Press, 2005.
- BRANDÃO, J.L. 'Electra no espelho'. In: BRASETE, M.F. (Coord.), *Máscaras, vozes e gestos: nos caminhos do teatro clássico*. Aveiro: U de Aveiro, 2001, p. 115-29.
- BRASETE, M.F. *A técnica dramática de Eurípides no prólogo do Orestes*. *Máthesis*, Viseu, v. 13, p. 243-52, 2004.
- BREMMER, J.N & VEENSTRA, J.R. (ed.). *The metamorphosis of magic from late antiquity to the early modern period*. Leuven: Peeters, 2002.
- BROWN, N.O. *Hermes the Thief*. Madison: University of Wisconsin Press, 1947.
- BULLER, D.B. & BURGOON, J.K. *Interpersonal Deception Theory*. *Communication Theory*, New York, v. 6.3, p. 203-42, 1996.
- BURKERT, W. *Griechische Religion in der Archaischen und Klassischen Epochen*. Stuttgart: Kohlhammer, 1977.⁶²⁵
- BURNETT, A. *Desire and Memory (Sappho Frag. 94)*. *CQ* 74.1, 16-27, 1979.
- , A.P. *Catastrophe survived: Euripides' plays of mixed reversal*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- BURROWS, R.Z. *Deception as a Comic Device in the Odyssey*. *CW* 59.2, 33-6, 1965.
- BUXTON, R.G.A. *Persuasion in Greek Tragedy: A Study of Peitho*. Cambridge: Cambridge U Press, 1982.
- . *Euripides' Alcestis: Five Aspects of an Interpretation*. *Dodoni Philologia Tomos I*, 75-90, 1985.
- CALAME, C. 'Héraclès, animal et victime sacrificielle dans les *Trachiniennes* de Sophocle?' In: *Le bestiaire d'Héraclès, IIIe Rencontre héracléenne*, Liège, Centre International d'Étude de la Religion Grecque Antique (Kernos Suppl., 7), 1998: 197-215,
- CALLAWAY, C. *Perjury and the Unsworn Oath*. *TAPhA* 123, 15-25, 1993.
- . *Odysseus' Three Unsworn Oaths*. *AJPh* 119.2, 159-70, 1998.
- CARDOSO, Z.A. *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo: Alameda, 2005.

⁶²⁵ Cit. ed. pt. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*, trad. J.M. Simões Loureiro, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1993.

- CARPENTER, T.H. *Art and Myth in Ancient Greece*. London: Thames & Hudson, 1991.
- CARVALHO, S.M.S. 'Hermes'. In: RIBEIRO JR., W.A. (ed.). *Hinos homéricos*, São Paulo, Ed. UNESP, 2010, p. 456-475.
- CHRISTOPOULOS, G.A. 'Prehistory and protohistory.' In: ——— (ed.), *History of the Hellenic world*, v. 1. Trad. P. Sherrard. London, Heineman, 1974.
- CLAY, J. *The Planktai and Moly: Divine Naming and Knowing in Homer*. *Hermes* 100.2, p. 127-31, 1972.
- . *The politics of Olympus: form and meaning in the major Homeric hymns*. Princeton, Princeton U Press, 1989.
- COELHO, M.C.M.N. *Górgias: Elogio de Helena*. *Cadernos de Tradução*, São Paulo, n. 4, p. 15-9, 1999.
- . 'Ilusão e representação na *Helena* de Eurípides'. In: CARDOSO, Z.A. & DUARTE, A.S. (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*, São Paulo, Alameda, 2010, p. 51-78.
- COHEN, I.M. *The Hesiodic Catalogue of Women and the Megalai Ehoiai*. *Phoenix* 40.2, p. 127-42, 1986.
- COLERIDGE, H.N. *Introductions to the study of the Greek classic poets - part 1*. London: John Murray, 1830.
- COLLARD, C. *Euripides Hecuba*. Warminster: Aris & Phillips, 1991.
- . 'Atreids in fragments (and elsewhere).' In: COUSLAND, J. R.C. & HUME, J.R. (ed.), *The play of texts and fragments: essays in honour of Martin Cropp*, Leiden, Brill, 2009, p. 309-20.
- CONACHER, D.J. *Euripide an Drama: Myth, Theme and Structure*. Toronto and London: U of Toronto Press and Oxford U Press, 1967.
- . *Sophocles' Trachiniae: Some Observations*. *AJPh*, 118.1, 21-34, 1997.
- COOK, E.F. *Agamemnon's Test of the Army in Iliad Book 2 and the Function of Homeric akhos*. *AJPh*, 124.2, 165-98, 2003.
- CROISSET, M. *Conjectures sur la chronologie de quelques pièces d'Euripide de dates incertaines*. *RPh*, 34, 213-29, 1910.
- CROPP, M.J. 'Heracles, Electra and the Odissey.' In: ———, FANTHAM, E. & SCULLY, S.E. (ed.), *Greek Tragedy and its Legacy*, Calgary, U of Calgary Press, 1986, p. 187-99.
- . *Euripides Electra*. Warminster: Aris & Phillips, 1998.
- . *Euripides Iphigenia in Tauris*. Warminster: Aris & Phillips, 2000.

- & FICK, G. *Resolutions and Chronology in Euripides: the Fragmentary Tragedies*. London, BICS Suppl. 43, 1985.
- CSAPO, E.G. Hikesia in the Telephus of Aeschylus. QUCC 34.1, 41-52, 1990.
- DALE, A.M. *Euripides Alceste*. Oxford: Clarendon Press, ²1961.
- D'ALESSIO, G.B. 'The Megalai Ehoiai: a survey of the fragments.' In: HUNTER, R. (ed.), *The Hesiodic Catalogue of Women: constructions and reconstructions*. Cambridge: Cambridge U Press, 2005, p. 176-216.
- DAVIDSON, J. Zeus and the Stone Substitute. Hermes 123.3, 363-9, 1995.
- DAVIES, M. Deianeira and Medea: a Foot-Note to the Pre-History of Two Myths. Mnemosyne 42.3/4, 469-472, 1989a.
- . *The Greek Epic Cycle*. Bristol: Bristol Classical Press, 1989b.
- . *Euripides' Electra: The Recognition Scene Again*. CQ 48.2, 389-403, 1998.
- DECHARME, P. 'Iphigenia'. In: DAREMBERG, C. & SAGLIO, E., *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, s.u. Paris, Hachette, v. 3 (1^{ère} partie), 1877-1919, p. 570-2.
- DEICHGRÄBER, K. *Der listensinnende Trug des Gottes*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1952.
- DENNISTON, J.D. *Euripides Electra*. Oxford: Clarendon Press, 1939.
- DETENNE, M. *Les Maîtres de Vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: Maspero, 1967.⁶²⁶
- & VERNANT, J.-P. *Métis - As astúcias da inteligência*. Trad. F. Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.
- DEVEREAUX, G. *Dreams in Greek Tragedy*. Berkeley and London: U of California Press, 1976.
- DIGGLE, J. 'Did Euripides plagiarise the Medea of Neophron?' In: AUGER, D. & PEIGNEY, J. (org.), *Φιλευριπίδης – Phileuripidès*, Paris, Presses U de Paris 10, 2008, p. 405-13.
- DIHLE, A. *Griechische Literaturgeschichte*. München, Beck, 1991.⁶²⁷
- DODDS, E.R. *Euripides Bacchae*. Oxford: Clarendon Press, ²1960.
- DOHERTY, L.E. Athena and Penelope as Foils for Odysseus in the Odyssey. QUCC 39.3, 31-44, 1991.
- DONNELLEY, P. *501 Crimes mais notórios*. Trad. D.S.G. Isidoro. São Paulo: Larousse do Brasil, 2011.

⁶²⁶ Cit. ed. br. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*, trad. A. Daher, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

⁶²⁷ Cit. ed. inglesa *A History of Greek Literature*, trad. C. Krojzl, London and New York, Routledge, 1994.

- DUARTE, A.S. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas e FAPESP, 2000.
- . *O bárbaro logrado em Aristóteles e Eurípides*. *Classica (Brasil)* 20.1, 93-103, 2007.
- . ‘Um relato enganoso na *Electra* de Sófocles’. In: CARDOSO, Z.A. & DUARTE, A.S. (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*, São Paulo, Alameda, 2010a, p. 25-38.
- . *Cenas de reconhecimento na poesia grega: de Aristóteles a Homero*. Tese de Livre-Docência, São Paulo, USP, 2010b.
- DUÉ, C. *The Captive Woman’s Lament in Greek Tragedy*. Houston: U of Texas Press, 2006.
- EASTERLING, P.E. ‘The Infanticide in Euripides’ *Medea*’. In: MOSSMAN, J. (ed.), *Euripides*, Oxford: Oxford U Press, 2003, p. 187-200.
- EDMUNDS, L. *Helen’s Divine Origins*. *Electronic Antiquity*, Blacksburg, v. 10, n. 2, 2007. URL: scholar.lib.vt.edu/ejournals/EIAnt/V10N2/Edmunds.pdf. Consulta: janeiro de 2009.
- EDWARDS, A.T. *Achilles in the Underworld: Iliad, Odyssey, and Aethiopis*. *GRBS* 26.3, 215-227, 1985.
- ELDERKIN, G.W. *Dolon’s Disguise in the Rhesus*. *CPh* 30.4, 349-50, 1935.
- ENOS, R.L. *Greek Rhetoric before Aristotle*. Prospect Heights: Waveland Press, 1993.
- FANTUZZI, M. *Euripides (?) Rhesus 56-58 and Homer Iliad 8.498-501: Another Possible Clue to Zenodotus’ Reliability*. *CPh* 100.3, 268-73, 2005.
- FARNELL, L.R. *The Pergamene Frieze: its relation to literature and tradition*. *JHS* 3, 301-38, 1882.
- . *Greek hero cults and ideas of immortality*. Oxford: Clarendon Press, 1921.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Aurélio - Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FINGARETTE, H. *Self-Deception*. Berkeley: U of California Press, 1969.
- FINLEY JR., J.H. *The Date of Paean 6 and Nemean 7*. *HSPH* 60, 61-80, 1951.
- FOLEY, H. *Medea’s Divided Self*. *ClAnt* 8.1, 61-85, 1989.
- . *Female Acts in Greek Tragedy*. Princeton: Princeton U Press, 2001.
- FLETCHER, J. *A Trickster’s Oaths in the Homeric Hymn to Hermes*. *AJPh* 129.1, 19-46, 2008.
- FREDRICKSMEYER, H.C. *A diachronic reading of Sappho fr. 16. LP*. *TAPhA* 131, 75-86, 2001.
- FUQUA, C. *Studies in the use of myth in Sophocles’ Philoctetes and Euripides’ Orestes*. *Traditio* 32, 29-95, 1976.
- GANTZ, T. *The Aeschylean Tetralogy: Attested and Conjectured Groups*. *AJPh* 101, 133-164, 1980.

- . *Early Greek Myth*. Baltimore: The Johns Hopkins U Press, 1993.
- GARVIE, A.F. *Deceit, Violence and Persuasion in the Philoctetes*. Studi classici in onore di Quintino Cataudella, Catania, v. 1, 1972, p. 213-26.
- GIBERT, J.C. *Euripide's Hippolytus-plays: which came first?* CQ 47, 85-97, 1977.
- GILES, L. *Sun Tzŭ on The Art of War*. London: Luzac, 1910.
- GOLDEN, L. Διὸς ἀπάτη and the Unity of "Iliad" 14. Mnemosyne, 42.1/2, p. 1-11, 1989.
- GOLDHILL, S. *Reading Greek Tragedy*. Cambridge: Cambridge U Press, 1986.
- . 'Programme notes.' In: ——— & Osbourne, R. (ed.), *Performance Culture and Athenian Democracy*, Cambridge, Cambridge U Press, 1999, p. 1-29.
- GONÇALVES, F.R. *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Ed., 1966.
- GOODWIN, W.W. *A Greek Grammar*. London and New York: MacMillan and St. Martin, ²1894.
- GÖRGE MANNS, H. 'Rhetorik und Poetik im homerischen Hermeshymnus.' In: ——— & SCHMIDT, E.A. (ed.), *Studien zum antiken Epos*, Meisenheim, Anton Hain, 1976, p. 113-28.
- GOOSSENS, R. *Euripide et Athènes*. Bruxelles: Académie Royale de Belgique, 1962.
- GOULD, J.P.A. 'Euripides', in HORNBLOWER, S. & SPAWFORTH, A. (ed.), *The Oxford Companion to Classical Civilization*, Oxford and New York, Oxford U Press, 2004, p. 271-5.
- GOWARD, B. *Telling Tragedy: Narrative Technique in Aeschylus, Sophocles and Euripides*. London: Duckworth, 1999.
- GREGOIRE, H. & PARMENTIER, L. *Euripide - Héraclès, les Supplantes, Ion*. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
- GREGORY, J. *Euripides and the Instruction of the Athenians*. Ann Arbor: U of Michigan Press, 1991.
- GREENE, E.S. *Revising Illegitimacy: The Use of Epithets in the Homeric Hymn to Hermes*. CQ 55.2, 343-49, 2005.
- GRIFFITH, M. *Aeschylus - Prometheus Bound*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1983.
- . *Slaves of Dionysos: Satyrs, Audience, and the Ends of the Oresteia*. ClAnt 21.2, 195-258, 2002.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Presses U de France, 1951.
- GROTE, D. *On the Pedagogos's Deception Speech in Sophocles' Electra*. Electronic Antiquity 3.6, 1997. URL: scholar.lib.vt.edu/ejournals/EIAnt/V3N6/grote.html. Consulta: janeiro de 2006.
- GRUBE, G.M.A. *The Drama of Euripides*. London and New York: Methuen and Barnes & Noble,

rev. 1961.

- GUDEMAN, A. 'The sources of Aristotle's Poetics'. In: HADZSITS, G.D. (ed.), *Classical studies in honor of John C. Rolfe*. Philadelphia, U of Pennsylvania Press, 1931, p. 75-100.
- GUERRERO, K.L., ANDERSEN, A.P. & AFIFI, A.W. *Close encounters: Communication in relationships*. Thousand Oaks: Sage, 2007.
- HAIGH, A.E. *The Tragic Drama of the Greeks*. Oxford: Clarendon Press, 1896.
- HAIGHT, R.M. *A Study of Self-Deception*. Sussex: Harvester Wheatsheaf, 1980.
- HALLERAN, M.R. *Euripides. Hippolytus*. Warminster: Aris & Phillips, 1995.
- HAMILTON, R. *Euripidean Priests*. HSPH 89, 53-74, 1985.
- HARSH, P.W. *A Handbook of Classical Drama*. Stanford: Stanford U Press, 1944.
- HARTIGAN, K.V. *Salvation via Deceit: A New Look at Iphigeneia in Tauris*. Eranos, 84, 119-25, 1986.
- . *Ambiguity and Self-Deception: the Apollo and Artemis plays of Euripides*. Frankfurt Am Main: Peter Lang, 1991.
- HAVELOCK, E.A. *A revolução da Escrita na Grécia Antiga*. Trad. O.J. Serra. São Paulo e Rio de Janeiro: EdUNESP e Paz e Terra, 1996.
- HAZLITT, W. *The Classical Gazetteer & Dictionary of Ancient Geography, Sacred and Profane*. London: Whittaker, 1851.
- HEATH, M. 'Jure Principem Locum Tenet': *Euripides' Hecuba*. BICS 34, 40-68, 1987.
- HEDREEN, G. *The Return of Hephaistos, Dionysiac Processional Ritual and the Creation of a Visual Narrative*. JHS 124, 38-64, 2004.
- HENDERSON, W.J. *Theognis 702-712: the Sisyphus-exemplum*. QUCC 15.3, 83-90, 1983.
- HENRICHs, A. 'Dionysus.' In: HORNBLOWER, S. & SPAWFORTH, A. (ed.), *The Oxford Companion to Classical Civilization*, Oxford and New York, Oxford U Press, 2004, p. 232-5.
- HENRY, W.B. *Pindar, Fragments 128c (Thren. 3) and 260*. ZPE 128, 14, 1999.
- HERMANN, G. *Euripidis Ion*. Lipsiae: Fleischerum, 1827.
- . *Euripidis Orestes*. Lipsiae: Weidmann, 1841.
- HESLIN, P.J. *Diogenes*, v. 3.1.6. URL: www.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes. Data: setembro de 2007.
- HESK, J. *Deception and Democracy in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge U Press, 2000.
- HESTER, D.A. *Deianira's Deception Speech*. Antichthon 14, 1-8, 1980.

- , *Some Deceptive Oracles: Sophocles Electra* 32-7. *Antichthon* 15, 15-25, 1981.
- HEUBECK, A. 'Books IX-XII, Introduction / Commentary.' In: ——— & HOEKSTRA, A., *A Commentary on Homer's Odyssey, vol. II: Books ix-xvi*, english transl., Oxford, Clarendon Press, 1989, p. 3-146.
- HIRATA, F.Y. Ver TORRANO, 1991.
- , *As cartas na tragédia grega*. *Classica (Brasil)* 13/14, 315-22, 2000/2001.
- HOLLAND, G.S. *Divine irony*. Selinsgrove: Susquehanna U Press, 2000.
- HOLT, P. *The end of the Trachiniai and the fate of Heracles*. *JHS* 109, 69-80, 1989.
- HOPKINSON, N. *Ovid - Metamorphosis, Book 13*. Cambridge: Cambridge U Press, 2000.
- HORNBLOWER, S. *Thucydides and Pindar: historical narrative and the world of Epinikian poetry*. Oxford: Oxford U Press, 2004.
- HORNE, W.A. VAN, *Prolegomenon to a Theory of Deception*. *Ph&PhenR*, 42.2, 171-182, 1981.
- HUBBARD, T.K. *Recitative Anapests and the Authenticity of Prometheus Bound*. *AJPh* 112.4, 439-460, 1991.
- HUMBERT, J. *Homère - Hymnes*. Paris: Belles Lettres, 1936.
- HUNTER, RL. 'Medea.' In: HORNBLOWER, S. & SPAWFORTH, A. (ed.), *The Oxford Companion to Classical Civilization*, Oxford and New York, Oxford U Press, 2004, p. 456-8.
- HUYS, M. *Euripides and the 'Tales from Euripides': Sources of the Fabulae of Ps.-Hyginus? Part I*. *APF* 42.2, 168-78, 1996.
- . *Euripides and the 'Tales from Euripides': Sources of the Fabulae of Ps.-Hyginus? Part II*. *APF* 43.1, 11-30, 1997a.
- . *Euripides and the 'Tales from Euripides': Sources of Apollodoros' Bibliotheca?* *RhM* 140, 308-327, 1997b.
- IRVING, P.M.C.F. *Metamorphosis in Greek Myths*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- JACOBSTHAL, P. 'Aktaions Tod'. *Marburger Jahrbuch für Kunstwissenschaft*, Marburg, v. 5, p. 1-23, 1929.
- JANKO, R. *Homer, Hesiod and the Hymns*. Cambridge: Cambridge U Press, 1982.
- JARRATT, S.C. *Sappho's Memory*. *RSQ* 32.1, 11-43, 2002.
- JEBB, R.C. *Bacchylides, the Poems and Fragments*. Cambridge: Cambridge U Press, 1905.
- . *The Philoctetes of Sophocles*. Cambridge: Cambridge U Press, 1906.

- JENNINGS, V. & KATSAROS, A. 'Introduction.' In: ——— (ed.), *The World of Ion of Chios*, Leiden, Brill, 2007, p. 1-16.
- JOHNSTON, S.I. *Restless dead: encounters between the living and the dead in Ancient Greece*. Berkeley and Los Angeles: U of California Press, 1999.
- . *Myth, Festival, and Poet: The Homeric Hymn to Hermes and Its Performative Context*. CPh 97.2, 109-32, 2002.
- JONG, I.J.F. 'Three Off-Stage Characters in Euripides.' In: MOSSMAN, J. (ed.), *Euripides*, Oxford, Oxford U Press, 2003, p. 369-89.
- JOUAN, F. *Euripide et les Légendes des Chants Cypriens*. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- . *Euripide. Iphigénie a Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- . *Femmes ardentes et chastes héros chez Euripide*. SEJG 31, 187-208, 1989.
- . *Dionysos chez Eschyle*. Kernos 5, 71-86, 1992.
- JOUANNA, J. *Notes sua la scène de la reconnaissance dans les Choéphores d' Eschyle (v. 205-211) et sa parodie dans l' Electre d' Euripide (v. 532-37)*. CGITA 10, 69-85, 1997.
- KAMERBEEK, J.C. *L'Andromaque d'Euripide*. Mnemosyne 11, 47-67, 1943.
- . *The plays of Sophocles: commentaries*, v. 5. Leiden, Brill, ²1974.
- KARP, A. *Homeric Origins of Ancient Rhetoric*. Arethusa 10, 237-58, 1977.
- KATZ, J.T. & VOLK, K. 'Mere Bellies'?: A New Look at *Theogony* 26-8. JHS 120, 122-31, 2000.
- KÄTZLER, J. Ver nota 48, p. 31.
- KERÉNYI, C. *Dionysos: Archetypal Image of Indestructible Life*. Trad.: R. Manheim. Princeton: Princeton U Press, 1976.
- KIRK, G.S. *Myth: its meaning and functions in ancient and other cultures*. London, Berkeley and Los Angeles: Cambridge U Press and U of California Press, 1970.
- KIRKWOOD, G.M. *The Authorship of the Strasbourg Epodes*. TAPhA 92, 267-82, 1961.
- KITTO, H.D.F. *Greek Tragedy - a Literary Study*. London: Methuen, ²1950.⁶²⁸
- KNOX, B. *The Medea of Euripides*. YCIS 25, 193-225, 1977.
- . 'Euripidean Comedy.' In: ———, *Word and Action: Essays on the Ancient Theater*. Baltimore, The Johns Hopkins U Press, 1979a, p. 251-74.

⁶²⁸ Cit. ed. pt. *A Tragédia Grega*, 2 v., trad. J.M. Coutinho e Castro, Coimbra, Arménio Amado, 1990.

- . ‘The Ajax of Sofocles.’ In: ———, *Word and Action: Essays on the Ancient Theater*. Baltimore, The Johns Hopkins U Press, 1979b, p. 125-60.
- KNOX, R. & RUSSO, J. *Agamemnon’s Test: Iliad 2.73-75*. *ClAnt* 8.2, 351-8, 1989.
- KONSTAN, D. *Friendship in the classical world*. Cambridge: Cambridge U Press, 1997.⁶²⁹
- KOVACS, D. *Euripides, Electra 518-44: Further Doubts about Genuineness*. *BICS* 36, 67-78, 1989.
- . *Euripides. Suppliant Women, Electra, Heracles*. Cambridge and London: Harvard U Press, 1998.
- . *Euripides. Trojan Women, Iphigenia Among the Taurians, Ion*. Cambridge and London: Harvard U Press, 1999.
- . *Euripides. Bacchae, Iphigenia at Aulis, Rhesus*. Cambridge and London: Harvard U Press, 2002.
- . *Euripides. Children of Heracles, Hippolytus, Andromache, Hecuba*. Cambridge and London: Harvard U Press, ^{rev.}2005.
- KURTZ, D.C. *The Man-Eating Horses of Diomedes in Poetry and Painting*. *JHS*, 95, 171-2, 1975.
- KYRIAKOU, P. *All in the Family: Present and Past in Euripides’ Andromache*. *Mnemosyne* 50.1, 7-26, 1997.
- . *A commentary on Euripides’ Iphigenia in Tauris*. Berlin: De Gruyter, 2006.
- LARSON, J. *Greek Heroine Cults*. Madison: U of Wisconsin Press, 1995.
- . *Ancient Greek Cults - a Guide*. New York and London: Routledge, 2007.
- LATIMER, J. *Deception in War: The Art of the Bluff, the Value of Deceit, and the Most Thrilling Episodes of Cunning in Military History, from the Trojan Horse to the Gulf War*. Woodstock: Overlook Press, 2001.
- LAVELLE, B.M. *The Apollodoran Date for Archilochus*. *CPh* 97.4, 344-51, 2002.
- LESKY, A. *Die tragische Dichtung der Hellenen*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, ³1972.
- LIÃO, D.N. *Origem da lingua portuguesa*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1606.
- LEFKOWITZ, M. *Women in Greek Myth*. Baltimore: The Johns Hopkins U Press, 1986.
- LEJEUNE, M. *Traité de Phonétique Grecque*. Paris: Klincksieck, ²1955.
- LITTRÉ, E. *Dictionnaire de la langue française*, 4 v. Paris: Hachette, ²1889.

⁶²⁹ Cit. ed. br. *A Amizade no Mundo Clássico*, trad. M.E. Ficker, São Paulo, Odysseus, 2005.

- LLOYD-JONES, H. *Sophocles Fragments*. Cambridge and London: Harvard U Press, ^{rev.}2003.
- LÓPEZ FÉREZ, J.A. 'Mitos en las obras conservadas de Eurípides.' In: ——— (ed.), *Mitos en la Literatura Griega Arcaica y Clásica*, Madrid, Ed. Clásicas, 2002, p. 231-385.
- LOURENÇO, F. *Eurípides: Íon*. Lisboa: Colibri, 1994.
- LOWENSTAM, S. *The Shroud of Laertes and Penelope's Guile*. CJ 95.4, 333-48, 2000.
- LUCAS DE DIOS, J.M. *Sófocles. Fragmentos*. Madrid: Gredos, 1983.
- LUPPE, W. *Die Hypothesis zum ersten Hipp.* (PMichigan, 6222 A). ZPE, 102, 23-39, 1994.
- MACKIE, C.J. *Oral Performance and Its Context*. Leiden: Brill (Mnemosyne suppl. 248), 2004.
- MAGNANI, M. P. Mich. inv. 6222A e P. Oxy. LXVIII 4640 c. II: *alcune osservazioni sull'argomento (?) del primo "Ippolito" euripideo*. Eikasmos, 15, 227-40, 2004.
- MAHON, J.E. *A Definition of Deceiving*. International Journal of Applied Philosophy, Charlottesville, v. 21, p. 181-94, 2007.
- MALTA, A. *A selvagem perdição: erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus, 2006.
- MARCH, J. 'Euripides the misogynist?' In: POWELL, A. (ed.), *Euripides, Women and Sexuality*, London: Routledge, 1990, p. 32-75.
- MARCHIORI, L.A.B.S. *Hércules furioso de Sêneca: estudo introdutório, tradução e notas*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 2008.
- MARQUARDT, P. *Penelope Πολύτροπος*. AJPh 106.1, 32-48, 1985.
- MASTRONARDE, D.J. *Euripides: Phoenissae*. Cambridge: Cambridge U Press, 1994.
- . *Euripides Medea*. Cambridge: Cambridge U Press, 2002.
- . *The Art of Euripides*. Cambridge: Cambridge U Press, 2010.
- MCGLEW, J.F. *Royal Power and the Achaean Assembly at Iliad 2.84-393*. ClAnt 8.2, 283-95, 1989.
- MEDDA, E. *Il monologo di Cresfonte e una parodia aristofanea recuperata (Eur. fr. 448a, 83-109 K., Alc. 840, Ar. Ach. 480-488)*. Eikasmos 13, 67-84, 2002.
- MELE, A.R. *Self-Deception*. PhilosQ 33.133, 365-77, 1983.
- MELTZER, GS. *Euripides and the poetics of nostalgia*. Cambridge: Cambridge U Press, 2006.
- MEZZADRI, B. *Euripide à contre-pied (à propos des Choéphores, 205-211 et de l' Electre d' Euripide, 532-37)*. CGITA 10, 89-105, 1997.
- MIRTO, M.S. *Il sacrificio tra metafora e mechainema nell' Elettra di Euripide*. CCC, 1, 299-329, 1980.

- MOORE, J. *The Dissembling Speech of Ajax*. YClS, 25, 47-66, 1977.
- MOSSMAN, J.M. *Waiting for Neoptolemus: The Unity of Euripides' Andromache*. G&R 43.2, 143-56, 1996.
- MOST, G.W. *Hesiod: Theogony, Works and days, Testimonia*. Cambridge and London: Harvard U Press, 2006.
- MOULTON, C. *Homeric Metaphor*. CPh 74.4, p. 279-93, 1979.
- MUELLER, M. *Athens in a Basket: Naming, Objects, and Identity in Euripides' Ion*. Arethusa 43.3, 365-402, 2010.
- MURRAY, G. *Euripidis Fabulae*, v. 2. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1913.
- MUSURILLO, H. *The Problem of Lying and Deceit and the Two Voices of Euripides' Hippolytus* 925-31. TAPhA 104, 231-8, 1974.
- NAUCK, A. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Leipzig: Teubner, ²1889.
- NEWTON, R.M. *Cloak and Shield in Odyssey 14*. CJ 93.2, 143-56, 1997-1998.
- NILSSON, M.P. *The Mycenaean Origin of Greek Mythology*. Berkeley: U of California Press, 1932.
- NORTWICK, T.V. *Apollōnos Apatē: Associative Imagery in the Homeric Hymn to Hermes* 227-292. CW 74.1, 1-5, 1980.
- OLIVEIRA, F.R. 'As *anagnoríseis* de Electra'. In: SANTOS, M.M. (org.), *1º Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo: Humanitas, Fapesp e Capes, 2006, p. 133-43.
- OLSON, S.D. *The Stories of Agamemnon in Homer's Odyssey*. TAPhA 120, p. 57-71, 1990.
- ORANJE, H. *Euripides' Bacchae: the play and its audience*. Leiden: Brill, 1984.
- PAGE, D.L. *Euripides Medea*. Oxford: Clarendon Press, ²1952.
- PALAIMA, T.G. 'Linear B Sources', in TRZASKOMA, S.M; SMITH, R.S. & BRUNET, S. (ed.), *Anthology of Classical Myth*, Indianapolis and Cambridge, Hackett, 2004, p. 439-54.
- PALEY, F.A. *The epics of Hesiod*. London: Whittaker & Bell, 1861.
- PÀMIAS, J. *Ferecides de Siros y Ferecides de Atenas. Una nueva aproximación*. CFC(G) 15, 27-34, 2005.
- PANTELIA, M. (dir.). *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG - CD ROM D). Irvine, University of California, 2003. URL: www.tlg.uci.edu. Data: setembro de 2007.
- PARLAVANTZA-FRIEDRICH, U. *Täuschungsszenen in den Tragödien des Sophokles*. Berlin: De Gruyter, 1969.

- PARMENTIER, L. & GRÉGOIRE, H. *Euripide - Les Troyennes, Iphigénie en Tauride, Électre*. Paris: Les Belles Lettres, 1925.
- PATIN, M. *Étude sur les tragiques grecs: Euripide tome II*, v. 4. Paris: Hachette, ²1858.
- PELLING, C. 'Tragedy, Rhetoric and Performance Culture.' In: J. GREGORY, *A Companion to Greek Tragedy*, Malden, Wiley-Blackwell, 2005, p. 83-102.
- PHILLIPS, E.D. *A suggestion about Palamedes*. AJPh 78, 267-78, 1957.
- PHILIPS JR., F.C. *Narrative Compression and the Myths of Prometheus in Hesiod*. CJ 68.4, 289-305, 1973.
- PLATTER, C. *Heracles, Deianeira, and Nessus: Reverse Chronology and Human Knowledge in Bacchylides 16*. AJPh 115.3, 337-349, 1994.
- PLEBE, A. *La nascita del comico nella vita e nell' arte degli antichi Greci*. Bari: Laterza, 1956.
- POLIAKOFF, M. *Euripides Alkestis 1029-1032*. Mnemosyne 35.1/2, 141-3, 1982.
- PONTANI, F. *Shocks, Lies, and Matricide: Thoughts on Aeschylus "Choephoroi" 653-718*. HSPH 103, 203-33, 2007.
- PORSON, R. *Adversaria. Notae et emendationes in poetas graecos quas ex schedis manuscriptis Porsoni apud Collegium ss. Trinitatis cantabrigiae repositis*. MONK, J.H. and BLOMFIELD, C.J. (ed.), Lipsiae, Weigel, 1814.
- PORTER, J.R. *Studies in Euripides' Orestes*. Leiden: Brill, 1994.
- PÒRTULAS, J. 'The Iambic Poet as a Trickster.' In: MIRALLES, C. & PÒRTULAS, J., *Archilochus and the Iambic Poetry*, Roma, dell' Ateneo, 1983, p. 9-50.
- PRAG, A.J.N.W. *The Oresteia: Iconographic and Narrative Traditions*. Warminster: Aris & Phillips, 1985.
- PRATT, L. *Lying and Poetry from Homer to Pindar*. Ann Harbor: U of Michigan Press, 1993.
- PRIORESCHI, P. *Greek Medicine*. Omaha: Horatius, 1994.
- PRITCHETT, W.K. *The Greek State at War Part III*. Berkeley and Los Angeles: U of California Press, 1979.
- PUCCI, P. *Odysseus Polutropos: Intertextual Readings in the Odyssey and the Iliad*. Ithaca: Cornell U Press, ²1995.
- PUECH, A. *Pindare, tome I: Olympiques*. Paris: Les Belles Lettres, ²1931.
- QUIJADA, M. *La escena de reconocimiento en la Electra de Eurípides: una muestra del desarrollo intertextual de la tragedia*. QUCC 71.2, 1 01-9, 2002.

- RAGON, E. *Grammaire Grecque*. Paris: De Gigord, ³1961.
- RABEL, R. *The Theme of Need in Iliad 9-11*. Phoenix 45.4, 283-95, 1991.
- REINACH, S. *Observations sur le Mythe d'Iphigénie*. REG 28, 1-15, 1915.
- REINACH, T. *Nouveaux Fragments de Sappho*. REG 15, 60-70, 1902.
- REHM, R. *Marriage to Death: the conflation of wedding and funeral rituals in Greek Tragedy*. Princeton: Princeton U Press, 1994.
- REINHARDT, K. *Sophokles*. Frankfurt am Main: Klostermann, 1933.⁶³⁰
- . *Aeschylus als Regisseur und Theologe*. Bern: Francke, 1949.
- REVERMANN, M. *The competence of theatre audiences in fifth- and fourth-century Athens*. JHS 126, 99-124, 2006.
- RIBEIRO JR. W.A. *Hesíodo Fr. 23a Merkelbach-West: tradução e comentários*. Calíope, Rio de Janeiro, n. 12, p. 84-92, 2004. Também disponível *on line*, URL warj.med.br/pub/pdf/hesfr23a.pdf.
- . 'Áulis e o fim da idade heróica da Grécia.' In: NOBRE, C.K.; CERQUEIRA, F.V. & POZZER, K.M.P., *Fronteiras & Etnicidade no Mundo Antigo*, Canoas, ULBRA, 2005a, p. 321-8.
- . 'Iphigenia Aulidensis e Bacchae: festa, sacrifício e ironia trágica.' In: LESSA, F.S. & BUSTAMANTE, R.M.C. (org.), *Memória & Festa*, Rio de Janeiro, Mauad, 2005b, p. 629-36.
- . *Iphigenia Aulidensis: introdução, tradução e notas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2006.
- . *Vitae Euripides*. Calíope, Rio de Janeiro, n. 16, p. 127-139, 2007. Também disponível *on line*, URL warj.med.br/pub/pdf/euripides.pdf.
- . *A Poética de Aristóteles: anagnórisis e exempla*. Anais de Filosofia Clássica, Rio de Janeiro, 3, 55-65, 2009. URL: www.ifcs.ufrj.br/~afc/. Consulta: março de 2010.
- . 'Μηχαναί e outros enganos nas *Ifigêneas* de Eurípides.' In: CARDOSO, Z.A. & DUARTE, A.S. (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*, São Paulo: Alameda, 2010a, p. 39-50.
- (ed.). *Hinos homéricos*. São Paulo, Ed. UNESP, 2010b.
- . *Os autores da Ifigênia em Áulis de Eurípides*. Codex, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 57-91, 2010c. URL: www.lettras.ufrj.br/proaera/revistas/index.php/codex/article/view/83. Consulta: dezembro de 2010.
- . 'Os enganos de Belerofonte na *Estenebéia* de Eurípides'. In: FERREIRA, A.D.; Santos, F.B.; VIEIRA, B.G.V. & MACHADO, P.M.M. *Dioniso: travessias e transmutações: 25 anos! A-*

⁶³⁰ Cit. ed. br. *Sófocles*, trad. O. Tolle, Brasília, UnB, 2007.

nais da XXV Semana de Estudos Clássicos e V Fórum Acadêmico em Estudos Clássicos, 04-07 out. 2010 (Brasil). Araraquara: Laboratório Editorial FCL-UNESP, 2011, p. 220-6. URL: wari.med.br/pub/pdf/belerofonte.pdf. Consulta: março de 2011.

RICHARDSON, N. *Three Homeric Hymns: to Apollo, Hermes and Aphrodite, hymns 3, 4, and 5*. Cambridge: Cambridge U Press, 2010.

RICHARDSON, S. *The Devious Narrator of the Odyssey*. CJ 101.4, 337-59, 2006.

RINALDI, D. *Palabras que alivian. Los discursos de la nodriza a Fedra en el Hipólito de Eurípides*. Nova Tellus, México, v. 20, n. 1, 2002, p. 43-124.

ROCCHI, M. 'Osservazioni a proposito di I-pe-me-de-já.' In: MIRO, E.; GODART, L.; SACCONI, A. (ed.), *Atti e Memorie del Secondo Congresso Internazionale di Micenologia (Roma-Napoli, 14-20 ottobre 1991)*, Roma, Internazionale, 1996, p. 861-7.

ROISMAN, H.M. *Kerdion in the Iliad: Profit and Trickiness*. TAPhA, 120, 23-35, 1990a.

———. *Eumaeus and Odysseus—Covert Recognition and Self-Revelation?* ICS 15.2, 215-38, 1990b.

ROSENMEYER, T.G. *Gorgias, Aeschylus and Apatē*. AJPh, 76, 225-60, 1955.

———. *The Art of Aeschylus*. Berkeley and Los Angeles: U of California Press, 1982.

RUSSO, J. 'Book XIX: Commentary.' In: ———, FERNANDEZ-GALIANO, M. & HEUBECK, A., *A Commentary on Homer's Odyssey, vol. III: Books xvii-xxiv*, english transl., Oxford, Clarendon Press, 1992, p. 74-106.

RUTHERFORD, R.B. *Homer*. Oxford: Oxford U Press, 1996.

———. *Odyssey. Books xix and xx*. Cambridge: Cambridge U Press, 1992.

RYZMAN, M. *The reversal of Agamemnon and Menelaus in Euripides' "Iphigenia at Aulis"*. Emerita, 57, 111-8, 1989.

SAIS, L.A. *Reso, de Eurípides: tradução e estudo comparativo do tema da astúcia*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2010.

SANTOS, F.B. *Helena de Eurípides: uma questão de identidade*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 14, p. 51-60, 2004.

SCHADEWALDT, W. *Zu Einem Florentiner Papyrusbruchstück aus dem Almeon in Psophis des Euripides*. Hermes 80, 46-66, 1952.

SCHEFOLD, K. *Frühgriechische Sagenbilder*. München: Hirmer Verlag, 1964.

SCHLEGEL, A.W. *A Course of Lectures on Dramatic Art and Literature*, v. 1. Trad. J. Black & J.W. Morrison. London: George Bell, 1815.

- SCHLESINGER, E. *Zu Euripides' Medea*. *Hermes* 94, 26-53, 1966.
- SCHROEDER, F. *De iteratis apud tragicos Graecos*. Argentorati (= Strassbourg): Truebner, 1882.
- SCHWARZ, R. 'A poesia envenenada de Dom Casmurro'. In: ———, *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 1-47.
- SCODEL, R. 'Euripides and Apatē.' In: GRIFFITH, M. & MASTRONARDE, D.J. (ed.), *Cabinet of the Muses: essays on classical and comparative literature in honor of Thomas G. Rosenmeyer*, Atlanta, Scholars Press, 1990, p. 75-87.
- SCULLION, S. 'Tragedy and Religion: The Problem of Origins.' In: J. GREGORY, *A Companion to Greek Tragedy*, Malden, Wiley-Blackwell, 2005, p. 23-37.
- SEAFORD, R. *The Date of Euripides' Cyclops*. *JHS* 102, p. 161-72, 1982.
- . *Dionysos*. London: Routledge, 2006.
- SEALEY, R. *A History of the Greek City States, 700-338 B.C.* Berkeley and Los Angeles: U of California Press, 1976.
- SEGAL, C.P. *Les deux mondes d'Hélène d'Euripide*. *REG* 85, 293-311, 1972.
- . *Tragédie, oralité, écriture*. Poétique, Paris, n. 50, p. 131-54, 1982.
- . *Euripides and the Poetics of Sorrow*. Durham: Duke U Press, 1993.
- . *Dionysiac poetics and Euripides' Bacchae*. Princeton, Princeton U Press, ^{rev.} 1997.
- SEIDENSTICKER, B. 'Dythiramb, Comedy, and Satyr-Play.' In: GREGORY, J., *A Companion to Greek Tragedy*, Malden, Wiley-Blackwell, ³2005, p. 38-54.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*, ed. Joseph PIERCE. San Francisco: Ignatius, 2008.
- SHELTON, J.A. *Human knowledge and self-deception: Creon as the central character of Sophocles' Antigone*. *Ramus* 13, 102-23, 1984.
- SIEGEL, H. *Agamemnon in Euripides' Iphigenia at Aulis*. *Hermes* 109, 257-65, 1981.
- SIEGMANN, E. *Griechische Papyri der Hamburger Staats- und Universitätsbibliothek*, v. 4. Hamburg: Seminar für Klassische Philologie der Universität Hamburg, 1954.
- SIFAKIS, G.M. *Parabasis and Animal Choruses: a Contribution to the History of Attic Comedy*. London: U of London Press, 1971.
- SILK, M. S. 'Aristophanic paratragedy.' In: SOMMERSTEIN, A.H.; HALLIWELL, S.; HENDERSON, J. & ZIMMERMANN, B. (ed.), *Tragedy, comedy and the polis*, Bari: Levante, 1993. p. 477-504.
- SILVA, A.M. *Dicionário da língua portuguesa: recopilado dos vocabularios impressos até agora*, v. 1. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

- SIMPSON, M. *Odyssey 9: Symmetry and Paradox in Outis*. CJ 68.1, p. 22-5, 1972.
- SMITH, W. (ed.). *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Boston: Little, Brown and Co., 1867.
- SMITH, W. *The Disguises of the Gods in the Iliad*. Numen 35.2, 161-78, 1988.
- SLATER, W.J. *Lexicon to Pindar*. Berlin: De Gruyter. 1969.
- SNELL, B. *Drei Berliner Papyri, mit Stücken alter Chorlyrik*. Hermes 75.2, 1940, p. 177-91.
- SOLMSEN, F. 'Zur Gestaltung des Intriguemotivs in den Tragödien des Sophokles und Euripides.' In SCHWINGE, E.R. (ed.), *Euripides*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, p. 326-44.
- SOMMERSTEIN, A.H. *Greek Drama and Dramatists*. London and New York: Routledge, 2002.
- . 'Hermione or The Women of Phtia - Polyxene.' In: ———; FITZPATRICK, D.; TALBOY, T.H. *Sophocles - Selected Fragmentary Plays*, v. 1, Aris & Phillips, 2006, p. 1-40; 41-83.
- . *Aeschylus Fragments*. Cambridge and London: Harvard U Press, 2008.
- SOURVINOU-INWOOD, C. *Theseus as son and stepson*. London: Institute for Classical Studies, 1979.
- SOWA, C.A. *Traditional themes and the Homeric hymns*. Wauconda: Bolchazy-Carducci, 1984.
- STANFORD, W.B. *The Ulysses Theme: A study in the adaptability of a traditional hero*. Oxford: Blackwell, ³1968.
- STEPHANOPOULOS, T. *Umgestaltung des Mythos durch Euripides*. Athen: Selbstverlag, ⁶³¹ 1980.
- STEVENS, P.T. *Ajax in the Trugrede*. CQ 36.2, 327-36, 1986.
- STROHM, H. *Trug und Täuschung in der euripideischen Dramatik*. WJA 4, 140-156, 1949/50.
- . *Epikritisches zur Erklärung von Euripides' Ion*. WS 89, 68-79, 1976.
- SYNODINOU, K. *Euripides. Hekabe*, 2 v. Athens: Daidalos-Zacharopoulos, 2005.
- TAILLARDAT, J. *Images et matrices métaphoriques*. BAGB, 36, 344-54, 1977.
- TALBERT, R.J.A. (ed.). *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*. Princeton, Princeton U Press, 2000.
- TALBOY, T.T. & SOMMERSTEIN, A.H. 'Phaedra'. In: SOMMERSTEIN, A.H.; FITZPATRICK, D.; TALBOY, T.H. *Sophocles - Selected Fragmentary Plays*, v. 1, Aris & Phillips, 2006, p. 248-317.
- TAPLIN, O. *The Stagecraft of Aeschylus*. Oxford: Clarendon Press, ^{rev.}1989.

⁶³¹ Livro publicado pelo próprio autor.

- TORRANO, JAA, *Eurípides. Medéia*. Introdução de F.Y. HIRATA. São Paulo, Hucitec, 1991.
- . *Ésquilo. Orestéia I / Agamêmnon*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- . *Ésquilo. Tragédias*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- . 'O fraudulento logro de Deus: a noção de *apáte* na teologia de Ésquilo.' In: CARDOSO, Z.A. & DUARTE, A.S. (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*, São Paulo: Alameda, 2010, p. 15-24.
- TUILIER, A. *Recherches critiques sur la tradition du texte d'Euripide*. Paris: Klincksieck, 1968.
- TZIFOPOULOS, Y.Z. *Hermes and Apollo at Onchestos in the Homeric Hymn to Hermes*. *Mnemosyne* 53.2, 148-63, 2000.
- USSHER, R.G. *The Cyclops of Euripides*. *G&R* 18.2, 166-79, 1971.
- VELASCO, F.D. *Comentarios iconográficos y mitológicos del poema épico Miniada*. *Gerión* 8, 73-87, 1990.
- VELLACOTT, P. *Ironic Drama*. London: Cambridge University Press, 1975.
- VERDENIUS, W.J. *Commentaries on Pindar*, v. 2. Leiden: Brill, 1988.
- VERMEULE, E. & CHAPMAN, S. *A Protoattic Human Sacrifice?* *AJA* 75, 285-93, 1971.
- VIDAL-NAQUET, P. *Le Philoctète de Sophocle et l'éphébie*. *Annales (HSS)* 3/4, 623-38, 1971.
- VÍLCHEZ, M. *El engaño en el teatro griego*. Barcelona: Planeta, 1976.
- WALCOTT, R. *Odysseus and the Art of Lying*. *AncSoc* 8, 1-19, 1977.
- WEBSTER, T.B.L. *The tragedies of Euripides*. London: Methuen, 1967.
- . *Sophocles: Philoctetes*. Cambridge: Cambridge U Press, 1970.
- WELCKER, F.G. *Über den Ajas des Sophokles* (Teil I). *RhM* 3, 43-228, 1829.
- . *Die griechischen Tragödien mit Rücksicht auf den epischen Cyclus geordnet*, 3 v. Bonn: Weber, 1839-1841.
- WERNER, C. *Manobras poéticas entre a Ilíada e a Odisséia: o caso de Odisseu*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.
- WEST, M.L. *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantati*, 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1971-2.
- . *Notes on Papyri*. *ZPE* 26, 37-43, 1977.
- . *The Hesiodic Catalogue of Women*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- . *Euripides Orestes*. Warminster: Aris & Phillips, 1987.

- . *Studies in Aeschylus*. Stuttgart: Teubner, 1990.
- . *The Fragmentary Homeric Hymn to Dionysus*. ZPE 134, 1-11, 2001.
- . *Eumelos: a Corinthian Epic Cycle?* JHS 122, 109-33, 2002.
- WHEELER, E.L. *Stratagem and the vocabulary of military trickery*. Leiden and New York: Brill, 1988.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *Euripides Herakles*, 3 v. Berlin: Weidmann, ²1895.
- WIDE, S. *Lakonische Kulte*. Leipzig: Teubner, 1893.
- WILES, D. *Tragedy in Athens: Performance Space and Theatrical Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- WILLIAMS, M.J. *Deception in Genesis: An Investigation into the Morality of a Unique Biblical Phenomenon*. New York: Peter Lang, 2001.
- WILLINK, C.W. *Euripides. Orestes*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- WITZEL, M. *How To Enter The Vedic Mind? Strategies in Translating a Brāhmaṇa Text*. 1996. URL: archiv.ub.uni-heidelberg.de/savifadok/volltexte/2008/109/. Consulta: maio de 2009.
- WOLFF, C. *The Design and Myth in Euripides' Ion*. HSPH 69, 169-94, 1965.
- WOODBURY, L. *Helen and the Palinode*. Phoenix 21.3, 157-76, 1967.
- WOOLSEY, R.B. *Repeated Narratives in the Odyssey*. CPh 36.2, 167-81, 1941.
- WRIGHT, M. *Euripides' Escape-Tragedies*. Oxford: Oxford U Press, 2005.
- WYATT JR. W.F. *Homeric Ἄτη*. AJPh 103.3, 247-76, 1982.
- YOANNAH, J.D. *Joseph and Potiphar's Wife in World Literature*. New York: New Directions, 1958.
- ZACHARIA, K. *Converging truths: Euripides' Ion and the Athenian quest for self-definition*. Leiden: Brill, 2003.
- ZEITLIN, F. *The dynamics of misogyny in the Oresteia*. Arethusa 11, 149-81, 1978.

APÊNDICES

Figura 7. As “fraldas” do mundo grego, com as regiões mais periféricas mencionadas nos enganos encontrados nas tragédias de Eurípides, exceto naturalmente o Hades.

B. Cronologia de Eurípides e das tragédias completas

As datas comprovadas por referências da Antiguidade são as mesmas listadas nos TrGF 5.1 (p. 78-9), com exceção da última trilogia (-405). Adotei as datas aceitas por por Dg. nas notas cronológicas de sua edição, situadas logo depois das hipóteses trágicas, para as tragédias de datação incerta.

DATA	FATO / TÍTULO	CATÁLOGO	LOCAL DA AÇÃO
-485/-479	nascimento em Atenas, no demo dos Flieus, tribo de Cécrops ⁶³³		
-445	primeira participação nos concursos trágicos ⁶³⁴		
-438	<i>Alceste</i> ⁶³⁵	4 ^a	Feras, Tessália
-431	<i>Medeia</i> ⁶³⁶	47 ^a	Corinto, Coríntia
-428	<i>Hipólito B</i> ⁶³⁷	35 ^a	Trezena, Argólida
c. -425	<i>Andrômaca</i>	9 ^a	Ftía, Tessália
c. -424	<i>Hécuba</i>	22 ^a	Quersoneso Trácio
-422/-416	<i>Electra</i>	26 ^a	Argos, Argólida
c. -415	<i>Héracles</i>	28 ^a	Tebas, Beócia
-415	<i>Troianas</i> ⁶³⁸	70 ^a	Troia
c. -414	<i>Ifigênia em Táuris</i>	37 ^a	Táuris
c. -413	<i>Íon</i>	38 ^a	Delfos, Fócida
-412	<i>Helena</i> ⁶³⁹	23 ^a	Egito
-408	<i>Orestes</i> ⁶⁴⁰	51 ^a	Argos, Argólida
-406	morte de Eurípides em Atenas ⁶⁴¹		
-405	<i>Bacantes</i> ⁶⁴²	17 ^a	Tebas, Beócia
-405	<i>Ifigênia em Áulis</i> ^{idem}	36 ^a	Áulis, Beócia

⁶³³ N.: *Marm. Par.* 239 A 50, *Vit. Eur.* i.a1. Demo e tribo: Harp. s.u. Φλυέα (= TrGF 1 test. 18a).

⁶³⁴ *Vit. Eur.* i.a9.

⁶³⁵ *Alc.* é o quarto drama da tetralogia apresentada por Eurípides em -438 e que recebeu o segundo prêmio (Ar. Byz. Arg. E. *Alc.*). Os outros são: *As Cretenses* (Fr. 460-70a), *Alcm. Ps.* (p. 274) e *Tel.* (p. 276).

⁶³⁶ *Med.* é o primeiro drama da tetralogia apresentada em -431 (Ar. Byz. Arg. E. *Med.*) e que ficou em terceiro lugar. Os outros são *Ph.* (p. 281), *Dictis* (Fr. 330b-48) e o drama satírico *Os Ceifeiros*.

⁶³⁷ *Hipp. B* era parte de uma tetralogia representada em -428, que ficou em primeiro lugar (Ar. Byz. Arg. E. *Hipp. B*); não conhecemos o título dos outros dramas.

⁶³⁸ *Tr.* foi o terceiro drama da tetralogia apresentada em -415 e que recebeu o segundo lugar (Ael. *VH* 2.8). Os outros eram *Alexandre* (Fr. 41a-64), *Pal.* (p. 323) e o drama satírico *Sísifo*.

⁶³⁹ *Hel.* foi representada, juntamente com *Andrômeda* (Fr. 114-56), em -412 (Σ Ar. *Ra.* 53 e Σ Ar. *Th.* 850, 1012). Nada sabemos dos outros dramas.

⁶⁴⁰ *Or.* foi representado em -408 (Σ E. *Or.* 371); não conhecemos o título dos outros dramas.

⁶⁴¹ Data: *Marm. Par.* 239 A 63. Local: ver RIBEIRO JR., 2007.

⁶⁴² *Ba.* é o terceiro drama da trilogia representada depois da morte de Eurípides, em -405 (Σ Ar. *Ra.* 67). Os outros dramas foram *IA* (p. 251) e *Alcmeon em Corinto* (Fr. 73a-77).

C. Cronologia das tragédias fragmentárias de Eurípides

Poucas são as datas baseadas em referências da Antiguidade (ver notas 635-642 do Apêndice B). Como regra geral, adotei as estimativas propostas por Van Looy e Jouan (JVL)⁶⁴³, que na maior parte das vezes coincidem com ou se superpõem às datas propostas por CROPP e FICK (1985). Para três tragédias, *Tenes*, *Pirítoo* e *Sísifo*, não encontrei nenhuma referência ou estimativa.

DATA	TÍTULO	Fr.	CATÁLOGO	LOCAL
-455	<i>As Peliades</i> ⁶⁴⁴	601-616	54 ^a	Iolcos, Tessália
-455/-435	<i>Os Esquirenses</i>	681a-6 + 880	64 ^a	Ilha de Esquiros
-455/-432	<i>Egeu</i>	1-13	1 ^a	Atenas, Ática
-455/-425	<i>Ino</i>	398-423	32 ^a	Tessália
-455/-425	<i>Tieste</i>	391-397b	30 ^a	Argos, Argólida
-438	<i>Alcmeon em Psófis</i>	65-73d	5 ^a	Psófis, Arcádia
-438	<i>Télefo</i>	696-727c	67 ^a	Argos, Argólida
-431	<i>Filoctetes</i>	787-803	73 ^a	Ilha de Lemnos
-430	<i>Os Cretenses</i>	471-472g ⁶⁴⁵	41 ^a	Cnossos, Creta
c. -430	<i>Estenebeia</i>	661-672	61 ^a	Tirinto, Argólida
-438/-429	<i>Hipólito A</i>	428-447a	34 ^a	Trezena, Argólida
-438/-428	<i>Fênix</i>	803a-818	74 ^a	Ormênio, Tessália ⁶⁴⁶
-455/-425	<i>Dânae</i>	316-330a	20 ^a	Argos, Argólida
-430/-425	<i>Belerofonte</i>	285-312	18 ^a	Lícia
-430/-424	<i>Cresfontes</i>	448a-459	39 ^a	Estenicláro, Messênia
-427/-419	<i>Antíope</i>	179-227	12 ^a	Eleuteras
-455/-410	<i>Alcmena</i> ⁶⁴⁷	87b-104	7 ^a	Tebas, Beócia
-455/-417	<i>Peleu</i>	617-624	55 ^a	Iolco, Tessália
-455/-416	<i>Frixo</i>	818c-838	76 ^a e 77 ^a	Halos, Tessália
-415	<i>Palamedes</i>	578-590	52 ^a	Troia
-420/-406	<i>Íxion</i>	424-427	33 ^a	Tessália
-408/-407	<i>Arquelau</i>	228-264	13 ^a	Trácia
-455/-407	<i>Tenes</i>	695	66 ^a	Ilha de Tenedo
-455/-407	<i>Pirítoo</i>	591-600	53 ^a	Hades

⁶⁴³ As datas estão nas p. xxxi-xxxvii do v. 1 e são comentadas nas *notices* de cada tragédia analisada.

⁶⁴⁴ Cf. *Vit. Eur.* i.a9.

⁶⁴⁵ O Fr. 988 também pertence, quase com certeza, a essa tragédia (CC 1, p. 55).

⁶⁴⁶ Localizada perto na Ftia. Não a pólis homônima situada no extremo nordeste da Trácia.

⁶⁴⁷ Talvez -420/-410.

D. Cronologia dos poemas épicos

Há poucas referências da Antiguidade para os poemas épicos, e as poucas que existem são bem pouco confiáveis; a cronologia depende, em geral, de algumas poucas citações históricas, do estudo da linguagem e do estilo do poeta e, em última análise, da opinião do erudito que analisa a questão.

DATA	TÍTULO	REFERÊNCIAS
c. -750/-725	<i>Ilíada</i>	JANKO, 1982, p. 200 e 231
c. -743/-713	<i>Odisseia</i>	JANKO, 1982, p. 200 e 231
c. -700/-665	<i>Teogonia</i>	JANKO, 1982, p. 200 e 231
c. -690/-650	<i>Trabalhos e Dias</i>	JANKO, 1982, p. 200 e 231
c. -650/-625	<i>Pequena Ilíada</i>	West ² , p. 3-37
c. -630/-600	<i>hino a Afrodite (= h. Hom. 5)</i>	West ¹ , p. 6-20
c. -600/-550	<i>hino a Deméter (= h. Hom. 2)</i>	West ¹ , p. 6-20
c. -600	<i>hino a Dioniso (= h. Hom. 1)</i>	West ¹ , p. 6-20
c. -600	<i>Etiópica</i>	West ² , p. 3-37
c. -600	<i>Saque de Ílion</i>	West ² , p. 3-37
s. -VI	<i>Retornos</i>	West ² , p. 3-37
s. -VI/-475	<i>Grandes Ehoiae</i>	D'ALESSIO, 2005, p. 205
s. -VI/-475	<i>Alcmeônida</i>	West ² , p. 3-37
c. -580/-520	<i>Catálogo das Mulheres</i>	WEST, 1985, p. 130-7
após 573	<i>Tebaida</i>	West ² , p. 3-37
c. -550	<i>hino a Apolo (= h. Hom. 3)</i>	West ¹ , p. 6-20
c. -550/-500	<i>hino a Hermes (= h. Hom. 4)</i>	RICHARDSON, 2010, p. 21 e 24-5 ⁶⁴⁸
c. -550/-500	<i>Cantos Cíprios</i>	West ² , p. 3-37
c. -485/-483	<i>Heracleia, de Paniassis</i>	<i>Suid.</i> s.u. Πανύασις
?	<i>Mínias</i> ⁶⁴⁹	

⁶⁴⁸ Alguns estudiosos (e.g. GÖRGEMANNS, 1976 e West¹, p. 14) situam o hino no século -V.

⁶⁴⁹ Para o poema *Mínias*, de autor e época desconhecidos (VELASCO, 1990, p. 77-8; MOST, 2006, p. lx-lxi), não consegui encontrar nenhuma estimativa definida.

E. Cronologia dos poetas líricos

Para os poetas líricos, valem as mesmas considerações apresentadas no Apêndice D sobre os poemas épicos. A principal diferença é que, no caso dos poetas líricos, sabemos o nome. No caso de Píndaro, a data das vitórias atléticas dos homenageados é decisiva para o estabelecimento da cronologia somente em alguns casos: ver datas sem o “c.”

DATA	NOME	REFERÊNCIA
n. -700/-650	Arquíloco de Paros	Gerber ¹ , p. 5-9
fl. -650	Semônides de Amorgos	Gerber ¹ , p. 5-9
fl. -632/-629	Mimnermo de Cólofon	Gerber ² , p. 3-9
n. c. -630	Safo de Mitilene	Camp 1, p. ix-xix
n. c. -625/-620	Alceu de Mitilene	Camp 1, p. ix-xix
fl. c. -594	Sólon	Gerber ² , p. 3-9
fl. -560/-546	Íbico ⁶⁵⁰	Camp. 3, p. 7
fl. -560/-540	Estesícoro	WEST, 1971, p. 306
fl. c. -550	Hipônax	Gerber ¹ , p. 5-9
fl. -544/-541	Teógnis	Gerber ² , p. 3-9
c. -518 / -452?	Baquílides	Camp. 4, p. 5-7
c. -518 / -438	Píndaro	
-490	<i>Pítica</i> 12	Race 1 ad loc.
c. -485	<i>Nemeia</i> 7	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
c. -483	<i>Nemeia</i> 5	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
-476	<i>Olímpicas</i> 1, 2, 10	Race 1 ad loc.
c. -476/-460	<i>Peã</i> 6	FINLEY JR., 1951
c. -475	<i>Pítica</i> 2 e <i>Nemeia</i> 3	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
c. -474	<i>Píticas</i> 3 e 11	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
c. -473	<i>Nemeia</i> 4	Race 2 ad loc.
-464	<i>Olímpica</i> 13	Race 1 ad loc.
-462	<i>Pítica</i> 4	Race 1 ad loc.
c. -459	<i>Nemeia</i> 8	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
c. -454	<i>Ístmica</i> 7	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35
c. -444	<i>Nemeia</i> 10	BÁDENAS y BERNABÉ, 2002, p. 35

⁶⁵⁰ A data de Íbico se baseia na cronologia aceita para o reinado de Creso em Sárdis.

ANEXOS

A. Catálogo “alexandrino” dos dramas de Eurípides⁶⁵¹

1. Αἰγεύς	34. Ἰππόλυτος Καλ.	67. Τήλεφος
2. Αἴολος	35. Ἰππόλυτος Στεφ.	68. Τημενίδαι
3. Ἀλέξανδρος	36. Ἰφιγένεια ἡ ἐν Αὐλ.	69. Τήμενος
4. Ἄλκηστις	37. Ἰφιγένεια ἡ ἐν Ταυρ.	70. Τρωιάδες
5. Ἀλκμέον Ψωφ.	38. Ἴων	71. Ὑψιπύλη
6. Ἀλκμέον Κορ.	39. Κρεσφόντης	72. Φαέθων
7. Ἀλκμήνη	40. Κρηῖσσαι	73. Φιλοκτήτης
8. Ἀλόπη	41. Κρηῖτες	74. Φοῖνιξ
9. Ἀνδρομάκη	42. Κύκλωψ Σατ.	75. Φοίνισσαι
10. Ἀνδρομέδα	43. Λικύμνιος	76. Φρίξος α΄
11. Ἀντιγόνη	44. Μελανίπη Σοφ.	77. Φρίξος β΄
12. Ἀντιόπη	45. Μελανίπη Δεσμ.	78. Χρύσιππος
13. Ἀρχέλαος	46. Μελέαγρος	
14. Αὔγη	47. Μήδεια	
15. Αὐτόλυκος Σατ. α΄	48. Οἰδίπους	
16. Αὐτόλυκος Σατ. β΄	49. Οἰνεύς	
17. Βάκχαι	50. Οἰνόμαος	
18. Βελλεροφόντης	51. Ὀρέστης	
19. Βούσιρις Σατ.	52. Παλαμήδης	
20. Δανάη	53. Πειρίθους *	
21. Δίκτυς	54. Πελιάδες	
22. Ἑκάβη	55. Πηλεὺς	
23. Ἑλένη	56. Πλεισθένης	
24. Ἑρεχθεύς	57. Πολύδης	
25. Εὐρυσθένης Σατ.	58. Πρωτεσίλαος	
26. Ἡλέκτρα	59. Ραδάμανθους *	
27. Ἡρακλεΐδαι	60. Ῥῆσος	
28. Ἡρακλῆς	61. Σθενέβιοι	
29. Θησεύς	62. Σίσυφος Σατ.	
30. Θυέστης	63. Σκίρων Σατ.	
31. Ἰκέτιδες	64. Σκύριοι	
32. Ἰνώ	65. Συλεὺς Σατ.	
33. Ἰξίων	66. Τέννης *	

⁶⁵¹ Os dramas são tradicionalmente dispostos na ordem alfabética dos títulos em grego (ver Kn. 1, p. 149-50). Em negrito, as tragédias integralmente conservadas. O asterisco (*) assinala dramas que são provavelmente de Eurípides, mas ainda há controvérsias significativas (p. 33); a propósito do Ῥῆσος, ver p. 33.

B. Textos originais não incluídos no corpo do trabalho⁶⁵²

1. *Alceste* 509-50

ΑΔΜΗΤΟΣ

χαῖρ', ὦ Διὸς παῖ Περσέως τ' ἀφ' αἵματος.

ΗΡΑΚΛΗΣ

Ἄδμητε, καὶ σὺ χαῖρε, Θεσσαλῶν ἄναξ. 510

Αδ. θέλοιμ' ἄν' εὖνουν δ' ὄντα σ' ἐξεπίσταμαι.

Ηρ. τί χρῆμα κουρᾷ τῆιδε πενθίμωι πρέπεις;

Αδ. θάπτειν τιν' ἐν τῇδ' ἡμέραι μέλλω νεκρόν.

Ηρ. ἀπ' οὖν τέκνων σῶν πημονὴν εἵργοι θεός.

Αδ. ζῶσιν κατ' οἴκους παῖδες οὓς ἔφυσ' ἐγώ. 515

Ηρ. πατήρ γε μὴν ὠραῖος, εἴπερ οἴχεται.

Αδ. κάκεῖνος ἔστι χῆ τεκοῦσά μ', Ἡράκλεις.

Ηρ. οὐ μὴν γυνή γ' ὄλωλεν Ἀλκηστis σέθεν;

Αδ. διπλοῦς ἐπ' αὐτῇ μῦθος ἔστι μοι λέγειν.

Ηρ. πότερα θανούσης εἶπας ἢ ζώσης ἔτι; 520

Αδ. ἔστιν τε κοῦκέτ' ἔστιν, ἀλγύνει δέ με.

Ηρ. οὐδέν τι μᾶλλον οἶδ'· ἄσημα γὰρ λέγεις.

Αδ. οὐκ οἶσθα μοίρας ἧς τυχεῖν αὐτὴν χρεών;

Ηρ. οἶδ', ἀντί σοῦ γε κατθανεῖν ὑφειμένην.

Αδ. πῶς οὖν ἔτ' ἔστιν, εἴπερ ἦινεσεν τάδε; 525

Ηρ. ἄ, μὴ πρόκλαι' ἄκοιτιν, ἐς τότ' ἀμβαλοῦ.

Αδ. τέθνηχ' ὁ μέλλων κἀνθάδ' ὦν οὐκ ἔστ' ἔτι.

Ηρ. χωρὶς τό τ' εἶναι καὶ τὸ μὴ νομίζεται.

Αδ. σὺ τῆιδε κρίνεις, Ἡράκλεις, κείνηι δ' ἐγώ.

Ηρ. τί δῆτα κλαίεις; τίς φίλων ὁ κατθανών; 530

Αδ. γυνή· γυναικὸς ἀρτίως μεμνήμεθα.

Ηρ. ὀθνεῖος ἢ σοὶ συγγενὴς γεγῶσά τις;

Αδ. ὀθνεῖος, ἄλλως δ' ἦν ἀναγκαία δόμοις.

Ηρ. πῶς οὖν ἐν οἴκοις σοῖσιν ὤλεσεν βίον;

Αδ. πατρός θανόντος ἐνθάδ' ὠρφανεύετο. 535

Ηρ. φεῦ.

εἶθ' ἠϋρομέν σ', Ἄδμητε, μὴ λυπούμενον.

Αδ. ὥς δὴ τί δράσων τόνδ' ὑπορράπτεις λόγον;

⁶⁵² Passagens organizadas segundo a ordem alfabética do título das tragédias.

Ηρ.	ξένων πρὸς ἄλλων ἐστίαν πορεύσομαι.	
Αδ.	οὐκ ἔστιν, ὦναξ· μὴ τοσόνδ' ἔλθοι κακόν.	
Ηρ.	λυπουμενοῖς ὀχληρός, εἰ μόλοι, ξένος.	540
Αδ.	τεθνῶσιν οἱ θανόντες· ἀλλ' ἴθ' ἐς δόμους.	
Ηρ.	αἰσχρόν <γε> παρὰ κλαίουσι θοινᾶσθαι ξένους.	
Αδ.	χωρὶς ξενῶνές εἰσιν οἳ σ' ἐσάξομεν.	
Ηρ.	μέθες με καὶ σοι μυρίαν ἔξω χάριν.	
Αδ.	οὐκ ἔστιν ἄλλου σ' ἀνδρὸς ἐστίαν μολεῖν.	545
	ἡγοῦ σὺ τῶιδε δωμάτων ἐξωπίους	
	ξενῶνας οἷζας τοῖς τ' ἐφεστῶσιν φράσον	
	σίτων παρεῖναι πλῆθος, εὖ δὲ κλήμισατε	
	θύρας μεταύλους· οὐ πρέπει θοινωμένους	
	κλύειν στεναγμῶν οὐδὲ λυπεῖσθαι ξένους.	550

2. *Medeia* 324-409 (seleção)

ΜΗΔΕΙΑ

μή, πρὸς σε γονάτων τῆς τε νεογάμου κόρης. 324

ΚΡΕΩΝ

λόγους ἀναλοῖς· οὐ γὰρ ἂν πείσαις ποτέ. 325

(...)

Μη. (...) ἀλλά σ' ἄντομαι, Κρέον. 336

(...)

φευξοῦμεθ'· οὐ τοῦθ' ἰκέτευσά σου τυχεῖν. 338

(...)

μίαν με μεῖναι τήνδ' ἔασον ἡμέραν 340

(...)

Κρ. [νῦν δ', εἰ μένειν δεῖ, μῖμν' ἐφ' ἡμέραν μίαν· 355

(...)] (...)

Μη. δοκεῖς γὰρ ἂν με τόνδε θωπεῦσαί ποτε 368

εἰ μή τι κερδαίνουσιν ἢ τεχνωμένην;

οὐδ' ἂν προσεῖπον οὐδ' ἂν ἠψάμην χεροῖν. 370

ὁ δ' ἐς τοσοῦτον μωρίας ἀφίκετο

ὥστ', ἐξὸν αὐτῶι τᾶμ' ἐλεῖν βουλευματα

γῆς ἐκβαλόντι, τήνδ' ἐφῆκεν ἡμέραν

μεῖναι μ', ἐν ᾗ τρεῖς τῶν ἐμῶν ἐχθρῶν νεκροὺς

θήσω, πατέρα τε καὶ κόρην πόσιν τ' ἐμόν. 375

(...)

(...) εἰ ληφθήσομαι 381

δόμους ὑπερβαίνουσα καὶ τεχνωμένη, θανοῦσα θήσω τοῖς ἐμοῖς ἐχθροῖς γέλων. κράτιστα τὴν εὐθεΐαν, ἧι πεφύκαμεν σοφοὶ μάλιστα, φαρμάκοις αὐτοῦς ἐλεῖν.	385
(...)	
ἦν μὲν τις ἡμῖν πύργος ἀσφαλῆς φανῆι, δόλωι μέτειμι τόνδε καὶ σιγῇι φόνον·	390
(...)	
ἀλλ' εἶα φείδου μηδὲν ὧν ἐπίστασαι, Μήδεια, βουλεύουσα καὶ τεχνωμένη·	401

3. *Hipólito B 688-1058 (seleção)*

ΦΑΙΔΡΑ

θανοῦμεθ'· ἀλλὰ δεῖ με δὴ καινῶν λόγων·	688
οὗτος γὰρ ὀργῇ συντεθηγμένος φρένας ἐρεῖ καθ' ἡμῶν πατρὶ σὰς ἀμαρτίας,	690
ἐρεῖ δὲ Πιτθεῖ τῷ γέροντι συμφοράς, (...)	
ἀτὰρ κακόν γε χᾶτέρωι γενήσομαι	728
θανοῦς', ἔν' εἰδῇ μὴ 'πὶ τοῖς ἐμοῖς κακοῖς ὑψηλὸς εἶναι: τῆς νόσου δὲ τῆσδέ μοι κοινῇι μετασχὼν σωφρονεῖν μαθήσεται.	731
(...)	

ΤΡΟΦΟΣ

ιοῦ ἰοῦ·	
βοηδρομεῖτε πάντες οἱ πέλας δόμων·	776
ἐν ἀγχόνοις δέσποινα, Θησέως δάμαρ.	777
(...)	

ΘΗΣΕΥΣ

ἔα ἔα:	856
τί δὴ ποθ' ἦδε δέλτος ἐκ φίλης χερὸς ἡρτημένη; θέλει τι σημῆναι νέον; ἀλλ' ἦ λέχους μοι καὶ τέκνων ἐπιστολὰς ἔγραψεν ἡ δύστηνος, ἐξαιτουμένη; θάρσει, τάλαινα: λέκτρα γὰρ τὰ Θησέως	860
οὐκ ἔστι δῶμά θ' ἥτις εἴσεισιν γυνή. καὶ μὴν τύποι γε σφενδόνης χρυσηλάτου τῆς οὐκέτ' οὔσης οἶδε προσσαίνουσί με.	

φέρ' ἐξελίξας περιβολὰς σφραγισμάτων
ἴδω τί λέξαι δέλτος ἦδε μοι θέλει. 865

(...)

Βοῶι βοῶι δέλτος ἄλαστα· 877

(...)

Ἴππόλυτος εὐνῆς τῆς ἐμῆς ἔτλη θιγεῖν 885
βίαι, τὸ σεμνὸν Ζηνὸς ὄμμ' ἀτιμάσας.

(...)

ΙΠΠΟΛΥΤΟΣ

ἄλλ' ἢ τις ἐς σὸν οὖς με διαβαλὼν ἔχει 932
φίλων, νοσοῦμεν δ' οὐδὲν ὄντες αἴτιοι;
(...)

Θη. ἡ δέλτος ἦδε κλῆρον οὐ δεδεγμένη 1057
κατηγορεῖ σου πιστά·

4. *Andrômaca* 1088-1119

ΑΓΓΕΛΟΣ

(...) ἔς τε συστάσεις
κύκλους τ' ἐχώρει λαὸς οἰκήτωρ θεοῦ.
Ἀγαμέμνονος δὲ παῖς διαστείχων πόλιν 1090
ἐς οὖς ἐκάστωι δυσμενεῖς ἠὔδα λόγους·

Ὅρᾱτε τοῦτον, ὃς διαστείχει θεοῦ
χρυσοῦ γέμοντα γύαλα, θησαυροὺς βροτῶν,
τὸ δεύτερον παρόνθ' ἐφ' οἷσι καὶ πάρος
δεῦρ' ἦλθε, Φοίβου ναὸν ἐκπέρσαι θέλων; 1095

κάκ τοῦδ' ἐχώρει ρόθιον ἐν πόλει κακόν,
ἀρχαῖσί τ' ἐπληροῦτο βουλευτήρια
ιδίαι θ' ὅσοι θεοῦ χρημάτων ἐφέστασαν
φρουρὰν ἐτάξαντ' ἐν περιστύλοις δόμοις.
(...)

καί τις τόδ' εἶπεν· ὦ νεανία, τί σοι 1104

θεῶι κατευξώμεσθα; τίνος ἦκεις χάριν; 1105

ὁ δ' εἶπε· Φοίβωι τῆς πάροιθ' ἁμαρτίας
δίκας παρασχεῖν βουλόμεσθ'· ἤιτησα γὰρ
πατρός ποτ' αὐτὸν αἵματος δοῦναι δίκην.
κάνταῦθ' Ὅρέστου μῦθος ισχύων μέγα
ἐφαίνεθ', ὥς ψεύδοιτο δεσπότης ἐμός, 1110
ἦκων ἐπ' αἰσχροῖς, (...)

τῶι δὲ ξιφήρης ἄρ' ὑφειστήκει λόχος 1114
 δάφνηι σκιασθείς, ὣν Κλυταιμήμεστρας τόκος 1115
 εἷς ἦν, ἀπάντων τῶνδε μηχανορράφος.
 χῶ μὲν κατ' ὄμμα στὰς προσεύχεται θεῶι,
 οἱ δ' ὄξυθήκτοις φασγάνοις ὥπλισμένοι
 κεντοῦσ' ἀτευχῇ παῖδ' Ἀχιλλέως λάθραι.

5. *Ifigênia em Áulis* 642-77

ΙΦΙΓΕΝΕΙΑ

χαῖρ'· εὖ δέ μ' ἀγαγὼν πρὸς σ' ἐποίησας, πάτερ.

ΑΓΑΜΕΜΝΩΝ

οὐκ οἶδ' ὅπως φῶ τοῦτο καὶ μὴ φῶ, τέκνον.

(...)

Ιφ. κᾶπειτα λείβεις δάκρυ' ἀπ' ὀμμάτων σέθεν; 650

Αγ. μακρὰ γὰρ ἡμῖν ἡ 'πιούσ' ἀπουσία.

(...)

Ιφ. μακρὰν ἀπαίρεις, ὦ πάτερ, λιπὼν ἐμέ. 664

Αγ. ἐς ταῦτόν, ὦ θύγατερ, ἤξεις σῶι πατρί. 665

(...)

Ιφ. ὥς πολὺν ἀπῆσθα χρόνον ἐν Αὐλίδος μυχοῖς. 660

Αγ. καὶ νῦν γέ μ' ἴσχει δὴ τι μὴ στέλλειν στρατόν. 661

Ιφ. φεῦ·

εἶθ' ἦν καλὸν † μοι σοί τ' ἄγειν σύμπλουν ἐμέ †. 666

Αγ. ἔτ' ἔστι καὶ σοὶ πλοῦς, ἵνα † μνήσῃ⁶⁵³ † πατρός.

Ιφ. σὺν μητρὶ πλεύσας' ἢ μόνη πορεύσομαι;

Αγ. μόνη, μονωθεῖς' ἀπὸ πατρὸς καὶ μητέρος.

Ιφ. οὐ πόυ μ' ἐς ἄλλα δώματ' οἰκίζεις, πάτερ; 670

Αγ. ἐατέ'· οὐ χρὴ τοιάδ' εἰδέναι κόρας.

Ιφ. σπεῦδ' ἐκ Φρυγῶν μοι, θέμενος εὖ τὰ κεῖ, πάτερ.

Αγ. θῦσαί με θυσίαν πρῶτα δεῖ τιν' ἐνθάδε.

Ιφ. ἀλλὰ ξὺν ἱεροῖς χρὴ τό γ' εὐσεβὲς σκοπεῖν.

Αγ. εἴσῃ σύ· χερνίβων γὰρ ἐστήξῃ⁶⁵⁴ πέλας. 675

Ιφ. στήσομεν ἄρ' ἀμφὶ βωμόν, ὦ πάτερ, χορούς;

Αγ. ζηλῶ σὲ μᾶλλον ἢ 'μὲ τοῦ μηδὲν φρονεῖν.

⁶⁵³ Dg.: μνήση. Adotei a conjectura de JOUAN (1983, *ad loc.*) e KOVACS (2002, *ad loc.*).

⁶⁵⁴ Dg.: ἐστήξεις. Preferi manter a leitura de L, principal fonte da IA.

6. *Ifigênia em Áulis* 1578-95

ΑΓΓΕΛΟΣ (Β)

ἱερεὺς δὲ φάσγανον λαβὼν ἐπεύζατο
 λαιμόν τ' ἐπεσκοπεῖθ', ἵνα πλήξειεν ἄν.
 ἐμοὶ δέ τ' ἄλγος οὐ μικρὸν εἰσήμενι φρενὶ 1580
 κάστην νενευκῶς· θαῦμα δ' ἦν αἴφνης ὀρᾶν.
 πληγῆς κτύπον γὰρ πᾶς τις ἤισθετ' ἄν σαφῶς,
 τὴν παρθένον δ' οὐκ οἶδεν οὗ γῆς εἰσέδου.
 βοᾷ δ' ἱερεὺς, ἅπας δ' ἐπήχησε στρατός,
 ἄελπτον εἰσιδόντες ἐκ θεῶν τινος 1585
 φάσμι', οὗ γε μηδ' ὀρωμένου πίσις παρῆν·
 ἔλαφος γὰρ ἀσπαίρουσ' ἔκειτ' ἐπὶ χθονὶ
 ἰδεῖν μεγίστη διαπρεπής τε τὴν θέαν,
 ἧς αἵματι βωμὸς ἐραίνεται ἄρδην τῆς θεοῦ.
 κὰν τῷδε Κάλχας πῶς δοκεῖς χαίρων ἔφη· 1590
 ὦ τοῦδ' Ἀχαιῶν κοίρανοι κοινοῦ στρατοῦ,
 ὀρᾶτε τήνδε θυσίαν, ἣν ἡ θεὸς
 προύθηκε βωμίαν, ἔλαφον ὀρειδρόμον;
 ταύτην μάλιστα τῆς κόρης ἀσπάζεται,
 ὥς μὴ μαινοὶ βωμὸν εὐγενεῖ φόνωι. 1595

ÍNDICES

A. Index nominum mythologiae classicae

- Abas, 112-3
 Ácamas, 159
 Acasto, 109, 129-31, 318, 352, 354-5, 368, 373-4
 Acrísio, 112-3, 301-3, 305, 331, 341, 343, 362, 375
 Actéon, 111-2, 251, 342, 346, 362
 Actor, 283-4
 Admeto, 69, 139-47, 246, 261, 340, 357, 364
 Aérope, 235, 271-2, 286, 376
 Afrodite, 28, 40-1, 61, 84, 90, 93, 106, 108, 114, 115, 118-120, 126-7, 161, 164, 199, 232, 274, 289, 297, 350-1, 353, 357, 360, 362-3, 375, 379
 Agamêmnon, 37-9, 41-8, 82-3, 101-2, 106, 122, 136, 144, 158, 165, 173, 178-87, 190-1, 199-200, 203, 207, 209, 212, 235-7, 251-7, 260, 272, 277-80, 282-3, 304, 311, 324-5, 327, 340-2, 346, 349, 351-4, 357-8, 360, 366-9, 372, 374-7, 379-80, 391
 Agave, 244, 247-8, 250, 362
 Agenor, 43, 361
 Ájax, 57, 128, 163, 165, 318, 325, 355
 Alceste, 139-40, 142-3, 145-7, 261, 357, 364, 390
 Alcínoo, 60, 80
 Alcmena, 41, 79, 109-11, 135-6, 192, 195, 258, 316-8, 331, 341-3, 362, 372, 390
 Alcmeon, 274-5
 Alexandre, filho de Príamo (= Páris), 41, 43, 100, 115, 104, 119, 127, 132, 198-9, 220, 223, 225-6, 281, 283-4, 330, 342, 351, 361, 375-6
 Alfesibeia (= Arsinoé), 275
 Amíntor, 49, 299-301, 341, 354, 373-4
 Amor, 84
 Andrômaca, 164-73, 175, 191, 305, 340, 348-9, 353, 369, 372, 379
 Anfiarau, 274
 Anfínomo, 82
 Anfíon, 314-6, 360
 Anfitrião, 59, 107, 109-10, 135, 192-7, 314, 316-8, 331, 340, 358, 360, 362, 372
 Anquises, 90
 Anteia, 45, 48, 130, 289, 294, 354, 373-4
 Ânticlo, 66
 Antínoo, 76, 78-82, 357
 Antíope, mãe de Hipólito, 159
 Antíope, mãe de Zeto e Anfíon, 159, 314-6, 343, 358, 363
 Apolo, 28, 43-4, 62, 69, 75, 93-7, 100, 117, 121, 132-4, 140-2, 145-6, 164, 166-7, 173, 175, 186-7, 189, 199, 206-8, 210-4, 216-8, 224, 230, 234, 236, 241-2, 251, 274, 333, 340-3, 351, 353, 360-1, 365, 367-8, 371, 375, 378, 380-1
 Aqueloo, 275
 Aqueu, 210
 Aquiles, 19, 28, 37-9, 43-5, 49-53, 61, 72, 100-4, 128, 132-3, 142, 148, 163, 165-6, 172-6, 197, 201, 203, 208, 237, 242, 249, 252, 254, 263-4, 276, 278, 282, 285, 298, 318, 332, 340, 348, 357-8, 361, 363-4, 374
 Ares, 61, 72, 93, 116-7, 274, 307, 360, 363, 375
 Ariadne, 159
 Aristeu, 210
 Arquelau, 330-1, 341, 358, 360
 Arsinoé, 181, 275, 358, 369
 Ártemis, 90, 101-2, 105-6, 111-2, 120, 122, 162, 200-8, 225, 251, 253, 255, 257-9, 296, 342-3, 346, 348, 357, 362, 365, 367, 379
 Asclépio, 134, 160, 210, 212
 Astidâmia, 300
 Atalanta, 108
 Átamas, 180, 247, 265, 267-8, 319-23, 340, 354-5, 366
 Áte, 41-2, 120
 Atena, 43-4, 51, 55, 57-60, 64-5, 70-8, 81, 85, 90, 99, 108, 122, 198, 206, 208, 212, 217, 218, 228, 247, 258, 283, 303, 342, 348, 356, 361, 363-4, 366-7, 369, 371, 377, 379
 Atreu, 47, 104, 191, 209, 234-5, 256, 270-3, 286, 340, 342-3, 359, 368, 376
 Auge, 276
 Augias, 136, 353
 Autólico, 33, 57, 81, 97, 109, 113, 157, 355, 364, 368
 Autônoe, 111, 244, 247
 Belerofonte, 45, 48-9, 79, 109, 130, 161, 289, 290-3, 301, 306-7, 341, 352, 354, 358, 373,

- 374-5, 378
- Cadmo, 33, 136, 242, 246, 248, 250, 267, 320, 323, 363
- Cairon, 210
- Calcas, 102, 258, 276
- Calirroé, 275
- Cassandra, 83, 175, 179, 182-3, 186, 198-9, 208
- Castor, 64, 103, 226, 230, 352
- Catreu, 286
- Celeu, 91, 357, 361
- Cérbero, 192, 334
- Ciclope, ver Polifemo
- Ciclopes da *Od.*, 66, 68
- Ciclopes urânicos, 86
- Cicno, pai de Tenes, 332-3, 341, 354
- Cicno, filho de Ares, 109
- Cilissa, 187, 206, 369
- Circe, 57, 68-70, 74, 87, 95, 107, 109, 122, 147, 149, 153, 168, 217, 350, 363
- Cisseu, 330-1, 341, 358, 360
- Clitemnestra, 82-84, 101, 106, 136, 144, 166, 174, 179-91, 196, 200, 205, 207, 218, 233-6, 238, 251-9, 278, 280, 304, 340-2, 346, 349, 351, 357-8, 360, 363, 371, 374-7, 379, 391
- Clítia, 300-1, 354
- Corônis, 134, 375
- Creonte, 148, 150-6, 193, 340, 345, 371-2, 375
- Cresfontes, 307, 309-12, 314, 330, 341, 343, 352, 358
- Creteu, 129
- Creusa, 168, 210-8, 265, 340, 342, 348-9, 353, 368, 379
- Crisótemis, 181
- Crono, 46, 55, 61, 85-7, 347-8, 350-1, 365
- Dânae, 112-3, 136, 301-3, 305, 331-2, 343, 349, 362, 369, 375, 390
- Dárdano, 119
- Dauno, 114, 360
- Dédalo, 126-7, 286-7, 289, 364
- Deidâmia, 104, 263
- Deífobo, 43, 361
- Dejanira, 28, 107, 124-5, 349, 350
- Deméter, 28, 91-2, 101, 108, 148, 357, 361-2
- Demódoco, 61, 65
- Demofonte, 91, 148, 159
- Desmedida, 127
- Destino, 125
- Dia, 133, 241
- Dictis, 302
- Dimante, 60
- Diomede, filha de Xuto, 210
- Diomedes, herói grego, 52-4, 66, 100, 114, 128, 165, 249, 264, 281-2, 284, 324, 327, 360, 367, 377
- Diomedes, rei trácio, 139
- Dioneu, 133, 328-9, 331-2, 341, 358, 360
- Dioniso, 28, 69, 92-3, 116-7, 142, 145, 242-51, 267, 322-3, 340-1, 351, 360-2, 368, 374, 377-378
- Dióscuros, 101, 103, 135, 165, 234, 352, 363, 367-8, 371
- Dirce, 314-5
- Discórdia, 84
- Djehuty, 24, 65
- Dólon, 52-4, 249, 364, 377
- Doro, 210
- Éax, 242, 325-6
- Eéa, 68-9
- Eetes, 147, 319
- Efialtes, 200
- Egeu, 155-6, 159, 264-6, 340, 358
- Egisto, 82-4, 101, 106, 136, 179-91, 206-7, 209, 234-6, 271, 311, 314, 340-2, 346, 351-2, 354, 358, 360, 375-6
- Electra, 122, 167, 180-2, 184-86, 188, 190-1, 196, 200, 202, 233, 235-9, 241, 311, 340, 349, 357-8, 360, 369, 371-2, 375, 378-9, 390-391
- Electrón, 110
- Endímion, 112, 365
- Eneias, 44, 121, 224, 365
- Engano, 84, 347
- Enômao, 188, 209, 234-5, 260, 342, 359
- Éolo, 116, 124, 210, 267, 320
- Epimeteu, 89
- Epopéu, 315
- Erecteu, 210, 212-4, 216, 342, 368
- Erictônio, 216-7
- Erífile, 274-5
- Erínias, 100, 140, 167, 181, 200, 202, 233, 236-

- 7, 275, 362
 Erisícton, 108
 Erisímaco, 365
 Esqueneu, 108
 Esquéria, 60, 68
 Estenebeia, 289-94, 300, 307, 341, 354, 358, 374, 390
 Estênelo, 41
 Estrófiu, 136, 180, 185-6, 191, 239
 Etéocles, 380
 Etra, 159
 Eumedes, 53
 Eumeu, 64, 74-6, 357, 380
 Eupalamo, 126
 Euricleia, 74-77
 Euríloco, 68
 Eurímaco, 82
 Euristeu, 33, 41, 308
 Êurito, 108
 Europa, 95, 108, 127, 287, 323, 343, 363

 feácios, 60, 70-1, 80-1, 361, 364, 366
 Fedra, 151, 159-61, 163-4, 286, 288-9, 294-7, 300-1, 340-1, 349-50, 352, 354, 364, 373-5, 380, 390
 Fegeu, 275, 340-1, 352, 358
 Fênix, 45, 49-50, 298-301, 351, 354, 373-4
 Filámon, 210
 Filécio, 74-76, 380
 Filoctetes, 180, 281-5, 341, 358, 362, 364, 367, 390
 Filonoé, 222
 Filonome, 333
 Frixo, 134, 247, 267-8, 319-22, 341, 343, 354

 Gaia, 85- 87, 104, 220, 223, 241-2, 347-8
 Gerion, 122
 Glauce, 150
 Glauco, 48, 51, 287
 Górgona, 217, 301-2

 Hades, o deus, 91-2, 105, 116, 145, 192, 194-5, 197, 256, 259, 334, 359, 378
 Hades, o local, 29, 105, 112, 116, 124, 160, 192, 194, 196-7, 258, 329, 334, 430
 Harmonia, 274
 Hécate, 106
 Hecatônquiros, 86
 Hécuba, 175-9, 187, 196, 198-9, 223, 247, 340, 349, 358, 360, 367, 390
 Hefesto, 23, 61, 69, 89, 93, 95, 116-7, 131, 136, 142, 208, 287, 360, 374-5
 Heitor, 41, 43, 53, 72, 163, 165
 Hele, 267, 320-1, 322
 Hélen, 210
 Helena, 28, 41, 63-6, 69, 87, 101, 103-4, 112, 115, 119-22, 127, 177, 191, 198-9, 201, 218-34, 238-42, 255, 259, 329, 340, 344, 346, 349-51, 355, 357-8, 363, 365-6, 368, 371, 375-9, 390-1, 398
 Heleno, 99, 281
 Héliu, 61, 147, 156, 371-2
 hemones, 130
 Hera, 27, 39-42, 51, 58, 61, 69, 82, 88, 90, 92, 93, 96, 108, 112, 116-7, 121, 125-6, 133-6, 192, 195, 197, 208, 223-5, 228, 243-6, 251, 259, 329, 335, 342, 347-8, 353, 360-2, 365, 368, 374-5, 380
 Héracles, 28, 41-2, 59, 88, 103, 107-10, 113, 122, 124-6, 135-6, 139-40, 142-8, 192-7, 234, 246, 276, 281-2, 285, 307-8, 314, 316-7, 330-1, 334, 340, 349-50, 352-3, 357, 360, 362, 365, 372, 374
 Hermes, 23, 27-8, 44, 57, 62, 64, 68-71, 74, 89, 91, 94-9, 109, 113, 117, 131, 142, 145, 155, 157, 188-9, 208, 211-3, 225-6, 303, 314-6, 322, 356, 363, 367, 375, 380
 Hermíone, 165-70, 172-3, 233, 239-42, 280, 305, 340, 360, 369, 372, 379
 Héstia, 90, 379
 Hidra de Lerna, 122
 Hilo, 107
 Hipermestra, 112
 Hipodâmia, 208, 231, 234, 359

 Hipólita, esposa de Acasto, 129-31, 318, 341, 354-5, 373-4
 Hipólita, mãe de Hipólito, 159
 Hipólito, 60, 159-64, 288-9, 295-7, 301, 340, 348, 350, 352, 354, 364, 373-4, 380, 390
 Hipomenes, 108

 Iamos, 210
 Iápeto, 87-8

- Iaso, 108
 Ícaro, 287
 Idas, 103, 135, 352, 367-8
 Idomeneu, 71, 165
 Idoteia, 62-3, 220, 222, 348, 352, 364
 Ifianassa, 181, 200-1
 Íficles, 110
 Ifigênia, 101-2, 105-6, 120, 122, 176, 181, 200-6, 208-9, 218, 225, 251-8, 303, 340, 349, 357, 365, 367, 371, 374, 379, 390-1
 Ifígone (= Ifigênia), 200
 Ifimédia (= Ifigênia), 105-6, 200
 Ifimédia, 200
 Iftima, 60
 Ino, 134, 244, 247, 265, 267-70, 278, 319-23, 340-1, 343, 349, 354-5, 365-6
 Ió, 108, 362
 Iobates, 48-9, 79, 109, 290-1, 352, 374
 Iolau, 308
 Iole, 108, 125
 Íon, 20, 208, 210, 212-4, 216-8, 340, 353, 379
 Íris, 44, 51, 195, 197
 Ísquis, 134, 375
 Íxion, 112, 133, 328-9, 331-2, 334, 341, 343, 346, 358, 360

 Jasão, 28, 134, 139, 148, 150-1, 154-8, 165, 260, 340-1, 345, 357, 372, 381
 Jocasta, 380
 Juramento, 84, 355

 Laerte, 18, 54, 57, 71, 78-9, 81, 357
 Laodâmia, 369
 Laódice, 181
 Laótoe, 175
 Learco, 267
 Leda, 231, 242, 342, 362
 Leucoteia, 60, 267, 319, 361
 Lico, rei tebano, 314-6, 341, 360, 372
 Lico, usurpador tebano, 194-7, 340, 352, 358, 360, 372
 Lico, arauto de Héracles, 107
 Licomedes, 101, 103-4, 263-4
 Licurgo, 244-5
 Linceu, 103, 135, 352, 367-8
 Lissa, 195, 197, 246

 Luz, 241

 Macáon, 281
 Maia, 96, 188, 375
 Mar, 85
 Medeia, 101, 135, 147-58, 165, 168, 217, 255, 260-66, 313, 340-1, 345, 348-9, 357, 371-2, 375, 390-1
 Medusa, ver Górgona
 Mégara, 193, 196
 Melanipe, mãe de Hipólito, 159
 Melanto, 76, 357
 Melicertes, 267
 Menelau, 43, 62-3, 65-6, 69, 83, 87, 101, 115, 134, 165-72, 198-9, 218-20, 222-33, 235-6, 238-41, 251, 253, 255-6, 272, 278, 282, 305, 340, 342, 344, 348, 352-3, 357, 361, 363, 364-5, 371-2, 375-9, 391
 Mentés, 58, 71-2, 356, 361
 Mentira, 84
 Mentor, 59, 72, 361
 Mérope, 311, 313
 Mestra, 108, 365
 Metanira, 91
 Métis, 87, 350
 Micene, 79
 Minos, 111, 125-6, 159, 286-7, 289
 Minotauro, 111, 126-7, 286-9, 364
 Mirtilo, 209, 234, 359
 Mnemosine, 85
 Moiras, 69, 140-2, 145, 208, 341, 343, 351
 Momo, 104
 Morte, ver Tânato
 Musas, 85

 Náuplio, 101, 231, 284, 323-6, 328, 342-3, 376
 Nausícaa, 60, 80
 Néfele, 267, 320, 323
 Neleu, 108
 Nêmesis, 101, 103, 362-3
 Neoptólemo, 104, 165-70, 173-4, 242, 263, 285, 341, 352, 354, 379
 Nereu, 43, 85
 Nesso, 107, 113, 124-5, 349, 374
 Nestor, 38, 43, 50-52, 55, 60, 82-3, 108, 165, 364
 Noémon, 60

Noite, 16, 40, 84, 87, 95, 104, 241, 355, 367

Oceano, 19, 40, 353

Odisseu, 18, 20, 23, 27, 38, 46-7, 52-61, 63-83, 87, 91, 97, 99-101, 104, 107, 109, 113, 118, 120, 125, 128-9, 149, 157, 165, 177, 179, 189, 194, 198, 203, 222, 226-8, 231, 237, 239, 240, 242, 249, 252-4, 258, 263-4, 278, 280-6, 322-5, 327, 340-2, 345, 348, 350-2, 354-61, 363-4, 366-7, 369-70, 374, 377, 378, 380, 388, 391

Ônfale, 104

Orestes, 83, 84, 101, 122, 136, 165-8, 173-5, 180-1, 184-91, 200, 202-9, 212, 233-42, 251, 275, 277, 278, 280, 310-1, 314, 327, 340-2, 350, 352, 354, 357-8, 360, 367-9, 371-2, 376, 378-81

Oto, 200

Palamedes, 101, 128, 164, 231, 242, 282, 284, 323-8, 341, 354, 359, 374, 376, 378, 431

Pândaro, 43

Pandíon, 265

Pandora, 88-9, 158, 347

Pântoo, 132

Páris, ver Alexandre

Pasífae, 111, 126-7, 159, 161, 286-9, 343, 346, 349, 364

Pátroclo, 45, 50-2, 54, 55, 57, 63, 87, 109, 364

Peas, 281

Pégaso, 109, 290-2, 306, 358

Peleu, 19, 28, 44, 51, 103, 109, 129-31, 133, 166, 168-9, 172-3, 263, 300, 305, 318-9, 341, 348, 354-5, 362-3, 368, 372-4

Pélias, 28, 101, 108, 130, 135, 139, 148, 150, 260-2, 340-1

Pelópiã, 271

Pélops, 131, 188, 208, 231, 234-5, 270, 272, 342, 359

Penélope, 55, 57, 59-61, 69, 73, 75-82, 114, 125, 227, 345, 349, 353, 357, 359-60, 366, 369, 377-8, 380

Penteu, 104, 244, 247-50, 322, 340, 360-2, 364

Periclímeno, 108

Perséfone, 91, 105, 124, 146, 243

Perseu, 41, 109, 112-3, 135, 142, 195, 301-2, 305, 331-2, 369-70

Persuasão, 89

Pílates, 101, 180, 185-6, 189-91, 200, 202-7, 233, 236-41, 340, 342, 357, 359-60, 368, 371-2, 376, 379

Pirítoo, 105, 160, 194-5, 197, 328, 334, 342

Piteu, 162

Plístenes, 286

Polideuces, 103, 230, 352

Polidoro, 175, 176, 177, 178, 360, 369

Polifemo, 33, 56, 66-9, 70, 177, 370

Polifontes, 309-14, 341, 343, 352, 358

Polimestor, 176-9, 187, 196, 247, 249, 340, 358, 360, 369

Polinices, 380

Polixena, 175-7, 197

Posídon, 18, 62, 68, 100, 108, 131, 161, 164, 198, 206, 231, 286, 289, 351, 362, 380

Preto, 45, 48, 49, 244, 289-93, 301, 341, 354, 373-5

Príamo, 44, 71, 74, 83, 95, 119, 175, 177, 224, 225, 227, 325, 356, 369

Prócris, 159

Prometeu, 20, 23, 61, 87-9, 347

Proteu, deus do mar, 43, 62-3, 82-3, 85, 121, 134, 220, 222-3, 225-7, 233, 352, 361, 364

Proteu, faraó egípcio, 121

Psístratro, 69

Quer / Queres, 116

Quimera, 49, 109

Quíron, 130-1, 211, 300

Reia, 86, 347, 365

Reso, 52, 54

Selene, 112

Sêmele, 92, 111-2, 136, 243, 246-8, 267, 342, 349, 361, 363

Sínon, 66, 121

Sísifo, 33, 55, 82, 109, 115-6, 123-4, 136, 149, 157, 357, 381

Sonho, 38, 40, 43, 367

Sono, 40, 41

táfios, 58, 59

Talo, 287

Taltíbio, 236

Tânato, 116, 140-1, 145-6, 352

- Tântalo, 40, 131-2, 208, 231, 234, 329, 342, 346, 354, 377
 Télefo, 276-7, 280
 Telêmaco, 57-9, 63, 69-73, 75-8, 81-2, 101, 120, 352, 356, 361, 369
 Telfusa, 93-4, 208, 342, 360
 Têmeno, 330
 Têmis, 104
 Temisto, 267-9, 340, 366
 Teneros, 210
 Tenes, 33, 332-3, 354, 374
 Teoclímeno, 226-7, 229-30, 235, 340, 344, 354, 357, 371-2, 378
 Teonoé, 144, 225-6, 228-9, 354, 377
 Teseu, 28-9, 105, 125, 159-64, 192, 194, 197, 201, 264-6, 289, 296-7, 301, 328, 334, 340, 341-2, 352, 354, 356, 358, 380
 Tétis, nereida, 37-9, 43-4, 51, 101, 104, 129, 132-3, 148, 169, 171, 185, 263-4, 280, 318, 340, 348, 362-4, 379
 Tétis titânide, 19, 40, 353
 Teucro, 226, 325
 Tieste, 191, 209, 234-5, 256, 270-3, 340, 342-3, 359, 368, 376
 Tífon, 94, 110
 Tíndaro, 233, 236, 240, 362, 371-2
 Tirésias, 249
 Tiro, 79
 Toas, rei de Táuris, 202, 205-6, 229, 340, 371, 372, 357
 Toas, soldado grego, 64, 75, 357
 Urano, 19, 85-6, 347-8, 351
 Xuto, 210, 212-8, 265, 340, 353, 379
 Zeto, 314-6, 360
 Zeus, 27-8, 37-9, 41-4, 46-7, 51, 55-6, 61, 82, 85-93, 96-7, 101, 103-4, 108-14, 119, 125, 127, 129, 130, 133, 135, 140-2, 162, 177, 183, 185, 192-3, 195-6, 208, 218, 220, 223-5, 231, 234, 241-4, 246-7, 258, 271, 280, 301-3, 305, 315-8, 320, 323-4, 328-9, 331, 334-5, 341-3, 347-8, 351, 353, 362-3, 365-6, 368-9, 375-7, 379-81

B. *Index lexicorum fallaciarum linguae graecae*

1. Radicais e raízes

- αἰμυλο-, 90, 98
 αἰρε-, 99, 382
 ἀρητ-, 16
 ἀπατᾶ-, 15, 16, 41, 42, 89, 90, 98, 285, 382
 ἀρκυ-, 184, 382
 ἀφα-, 42, 382
 *bhe₂-, 129, 382
 *bheidh-, 19
 bher-, 99
 βλαπ-, 44, 382
 βουλευ-, 18, 65, 87, 90, 382
 βροχ-, 383
 ganno-, 14
 *g^wle- / *g^wel₁- / *g^wle₁-, 184, 189, 323, 383,
 388
 *δανσο-, 383
 *de₁- / d₁-, 47
 *de₃- / *dō-, 230, 383, 388
 *dek-, 112, 203, 383
 δ^ε/οκ-, 224
 δη-/δε-, 47, 383
 *δικτῦσ-, 119, 383
 δολο-, 15-6, 20, 40-2, 44, 49, 52, 61, 89, 98, 129, 130, 178, 262, 285, 329, 383
 dōlō-, 262
 *domo-, 62, 383
 *εἶδω, 135, 225, 387
 *ἐλεφαρ-, 383
 ἐρκ^ε/ο-, 383

*ἐ-φρε- / *ἐ-φρε, 80 205, 383
 *ἡπεροπ-, 57, 384

*kel-, 226, 384, 388
 κερ-, 384, 388
 κερδ^ε/οσ-, 55, 98, 384
 κλ^ε/οπ-, 57, 89, 98, 100, 127, 285, 384
 κλ^ε/οπ-, 226
 κρυπ-, 64, 75, 89, 98, 147, 217, 384

λ^ε/οχ^ε/ο-, 49, 131, 384
 λαθ-, 134, 170, 384
 *leg-, 112, 384
 ληϊα-, 98-9, 385

μαπ-, 385
 ματᾱ-, 218, 385
 μαχᾱνᾱ-, 15, 18, 20, 41, 57, 98, 173, 174, 285, 385
 μεδ-/μηδ-, 20, 49, 98, 385
 μερμερ-, 40, 385
 μητι-, 15, 17, 20, 87, 89, 98
 μιμ^ε/ο-, 186, 385

νοφ-, 56, 73, 385
 νοο-, 42

πειθ-, 19, 90, 98, 282, 284, 386
 πλα-, 386, 388
 πλ^ε/οκ-, 386
 *p^olᾱ₂-, 386

p^olᾱ₂- + -μ-, 136
 *pōd-, 133, 386

ραπ-, 55, 184, 386

*σκ^ε/οπ-, 249, 386, 388
 σοφ-, 386
 στᾱ-, 299, 386
 σφαϊ^ε/ο-, 118, 386

*tek^s-, 51, 130
 τεχν-, 19, 41, 89, 98, 285, 386
 τολυπ-, 387
 τρ^ε/οπ-, 58, 98, 387

*ubh-, 387

φάρμακ-, 387
 φῶλᾱ-, 98, 99, 387
 φρ^ε/ον-, 61, 387
 φρᾱδ-, 86, 87
 φωρ-, 98, 99, 387

ψευδ-, 15, 16, 17, 49, 98, 285, 387

*webh-, 67
 *weid-, 387
 φεικ-, 50, 387
 φελικ-, 172, 387, 388
 *wīsos-, 387

2. Formas transliteradas e palavras latinas

arte, 20

con artist, 55

deceive, 11
 deception, 11, 14, 26, 31, 47, 75
 déception, 14
 decipio, 270
 dēcipiō, 14
 de-ku-tu-wo-ko : 119
 dōlēo, 14

dolom, 17
 dolus, 16
 druh, 15

engañar, 11
 engaño, 4, 14
 e-ra-pe-me-na, 55
 e-u-me-ta, 20

fallācīa, 14
 fraudātīo, 14

ingannare, 14, 15
inganno, 14, 15
i-pe-me-de-ja, 200

lies, 27, 95
lu₂-lul-la-gin₇, 23
lying, 26

pe-pi-te-me-no-yo, 19

ra-pe-te, 55
ra-pi-ti-ra₂, 55

3. Formas gregas arcaicas e clássicas

ἄάω, 42, 107, 122, 382
ἀγκυλομήτης, 86, 87, 90, 385
ἄδολος, 114, 383
αἰμυλομήτης, 95, 98, 382, 385
αἰμύλος, 89, 98, 124, 147, 382
ἀμέρδω, 123, 382
ἀμηχανάω, 18
ἀμηχανής, 98, 385
ἀμηχανία, 18, 66, 67, 385
ἀμήχανος, 41, 52, 90, 98, 113, 154, 158, 161, 173, 179, 185, 190, 385
ἀμφίβληστρον, 183, 383
ἀνακλέψης, 98, 384
ἀναπειθω, 228, 321, 386
ἀπατάω, 42, 90, 108, 109, 115, 123, 127, 171, 221, 224, 270, 382
ἀπατεύω, 37
ἀπάτη, 14, 15, 16, 31, 43, 46, 47, 72, 100, 127, 184, 232, 321
Ἀπάτη, 16, 84, 95, 347, 367
ἀπατήλιος, 74, 382
ἀπατηλός, 15, 16, 37, 382
ἀπαφίσκω, 41, 64, 77, 382
ἀπίθανος, 13
ἄπιστος, 206
ἀπόκλέπτω, 98, 384
ἀποκρύπτω, 98, 384
ἀποσφάλλω, 118, 386
ἄρκυς, 183, 190, 207, 240, 248, 382

robbery, 27

trick, 23
trickery, 27, 84
trickster, 23, 95
tromper, 14, 41
tromperie, 14
trug, 14, 15

vy-āja, 14

wīsos, 217

ἄρκύστατος, 240, 382
ἄτη, 42, 46, 47, 53, 119, 382
Ἄτη, 42, 223
ἀνευδεῖ, 208
ἀνευδής, 15, 17, 85, 113, 153, 186, 387

βλάπτω, 44, 382
βόλος, 189, 248, 383
βουλεύμα, 184
βούλευμα, 129, 130, 151, 154, 161, 206, 224, 382
βουλευτήριος, 172, 382
βούλευτις, 19
βουλεύω, 18, 19, 38, 46, 47, 54, 56, 64, 66, 73, 75, 77, 150, 151, 152, 154, 157, 169, 178, 183, 190, 197, 236, 238, 382
βουλή, 18, 19, 38, 51, 67, 72, 73, 81, 89, 92, 98, 119, 131, 134, 135, 154, 184, 337, 382
βούλημα, 221
βούλομαι, 52, 382
βρόχος, 173, 186, 187, 239, 248, 316, 383
βυσσοδομεύω, 61, 383

γυναικόβουλος, 304

δαίδαλος, 131
δέλεαρ, 17
δήνεα, 69, 383
διαβάλλω, 163, 291, 292, 299, 383, 388

- διαβολή, 163, 173, 354
 Διάπειρα, 46
 δίκτυον, 380
 δίκτυον, 118, 239, 248
 δίκτυον, 383
 Διός ἀπάτη, 39-41, 62-3, 88, 90, 348, 375, 380
 δοκέω, 203, 204, 206, 221, 223, 224, 376, 383
 δόκησις, 112, 214, 223, 224, 315, 383
 δολερός, 184
 δολιόπους, 188
 δόλιος, 62, 66, 83, 85, 86, 88, 98, 127, 130, 141, 154, 172, 183, 184, 203, 206, 217, 229, 231, 232, 239, 240, 250, 262, 282, 337, 383
 δολόεις, 61
 δολομήτης, 15, 17, 83, 98, 383, 385
 δολόμητις, 83, 383
 δολοπλόκος, 114, 118, 383, 386
 δολος, 383
 δόλος, 15, 16, 17, 18, 19, 33, 40, 41, 44, 49, 54, 55, 56, 61, 62, 65, 66, 68, 70, 72, 73, 76, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 92, 98, 111, 114, 123, 129, 130, 133, 134, 136, 149, 154, 155, 158, 171, 177, 178, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 197, 203, 214, 216, 229, 237, 239, 240, 256, 284, 292, 304, 307, 350, 380
 δολοφονέω, 329, 383
 δολόφονος, 183
 δολοφραδής, 98, 128, 383, 387
 δολοφρονέω, 40, 383
 δολοφρονέων, 42, 88, 108, 113, 383, 387
 δολοφροσύνη, 42, 98, 383, 387
 δολόω, 16, 87, 92, 141, 183, 310, 383
 Δόλων, 52
 Δολώνεια, 52
 ἐγκρύπτω, 98, 384
 εἶδος, 283
 Εἰδῶ, 222
 εἶδωλον, 44, 116, 191, 223, 224, 225, 387
 εἴσατε ἴμεν, 61
 εἴσκω, 50, 387
 ἐκκλέπτω, 191, 384
 ἐλεφαίρομαι, 366, 367
 ἐλικτός, 172, 387, 388
 ἐμπλέκω, 240, 386
 ἐνδέω, 46, 47, 383
 ἐντροπή, 98, 387
 ἐξαπατάω, 21-2, 41, 68, 88, 92, 98, 109, 118, 131, 220
 ἐξαπάτη, 84
 ἐξαπαφίσκω, 40, 75, 77, 88, 214, 382
 ἐξεύρημα, 205, 232, 383, 388
 ἐξευρίσκω, 236, 383
 ἐπιβουλεύω, 100, 183, 265, 321-2, 382
 ἐπιβουλή, 266, 292, 320, 382
 ἐπίκλοπος, 56-7, 72, 89, 122, 384
 ἐπιφράζω, 85-6, 387
 ἐπίφρων, 107, 387
 Ἔρις, 84
 ἔρκος, 76, 360, 383
 εὐρίσκω, 80, 383
 ἡπεροπεύς, 56, 57, 384
 ἡπεροπευτής, 57, 384
 ἡπεροπεύω, 40, 89, 384
 Θεονόη, 385
 ἰδρις, 148, 149, 152, 387
 ἰός, 217, 387
 κακόμητις, 239, 385
 κακότεχνος, 41, 386
 καλύπτω, 225, 226, 384, 388
 κατακρύπτω, 63, 384
 κατασκοπή, 249, 386, 388
 κατάσκοπος, 249, 386
 καταψεύδομαι, 284, 387
 κερδαίνω, 154
 κερδαλέος, 72, 384
 κέρδεα, 77, 78
 κέρδιστος, 82
 κέρδος, 54, 55, 58, 72, 79, 154, 384
 κερδοσύνη, 64, 74, 384
 κέρτομος, 147, 384, 388
 κλέπτει, 205
 κλεπτοσύνη, 81
 κλέπτω, 15, 37, 57, 88, 89, 95, 98, 100, 134, 206, 226, 241, 307, 356, 384
 κλεψίφρων, 98, 384, 387
 κλοπαῖος, 226, 384
 κλοπή, 100, 117, 241, 282, 384

κλόπιος, 72
 κλοπός, 98, 384
 κρυπταδίη, 114, 384
 κρυπτός, 217, 238, 384
 κρύπτω, 64, 73, 86, 89, 103, 126, 131, 144, 145, 168, 169, 170, 188, 226, 228, 238, 250, 263, 264, 269, 305, 384
 κρυφαῖος, 217, 384
 κρυφηδόν, 75, 384
 κρύφιος, 147

 λάθραι, 169-70, 174, 199, 213-5, 217, 315, 384
 λανθάνω, 134, 384
 ληϊστήρ, 98, 385
 λησίμβροτος, 98, 385
 λόγος, 163
 λοχάω, 62, 81, 99, 384
 λοχέος, 86, 384
 λόχη, 248
 λόχονδε, 65, 384
 λόχος, 49, 62, 66, 83, 86, 130, 174, 384

 μάτην, 218, 385
 μάψ, 46, 226, 385
 μαψίδιος, 225, 226
 μερμηρίζω, 39, 40, 73, 79, 83, 385
 μεταβάλλω, 303, 323, 383
 μήδεα, 20, 44, 98, 385
 μήδομαι, 20, 48, 49, 83, 85, 86, 98, 125, 161, 183, 385
 μητιέτης, 15
 μητιόεις, 89, 385
 μῆτις, 15, 17, 18, 19, 20, 45, 51, 55, 56, 58, 66, 68, 71, 72, 73, 79, 80, 81, 82, 86, 98, 124, 125, 240, 304, 385
 Μῆτις, 87
 μηχανάομαι, 156, 172, 204, 250, 320, 385
 μηχανάω, 18, 19
 μηχανή, 15, 18, 113, 114, 152, 154, 169, 170, 173, 183, 198, 204, 215, 217, 226, 227, 240, 297, 348, 378, 379, 385
 μηχανήμα, 15, 18, 183, 186, 187, 197, 217, 307, 385
 μηχανιώτης, 98, 385
 μηχανορραφέω, 185
 μηχανορράφος, 172, 174, 385, 386

μιμέομαι, 186, 385
 μῦθος, 56, 72, 174, 191, 259, 385

 νοέω, 25, 42, 80, 116, 225, 253, 385
 νόημα, 73, 385
 νόος, 42, 56, 64, 71, 73, 79, 80, 82, 88, 90, 94, 240, 385

 ξεναπάτης, 115, 119, 199, 382

 ὀλοφώιος, 62, 69, 70, 383
 ὄρκος, 82, 114, 163
 Ὅρκος, 84

 παλάμη, 136, 386
 παμπειθής, 134, 386
 παραλογίζομαι, 112, 384
 παράλογος, 112
 παραπατάω, 41
 παραπαφίσκω, 41, 141, 382
 παραπειθω, 74, 102, 386
 παράφασις, 129, 382
 πεδάω, 132, 133, 386
 πειθώ, 115, 254, 282, 283
 Πειθώ, 19, 89, 115, 135, 223
 πείθω, 13, 18, 19, 37, 47, 49, 52, 75, 80, 86, 90, 98, 115, 129, 130, 141, 145, 150, 153, 154, 168, 183, 214, 221, 265, 284, 292, 296, 320, 321, 380, 386
 περιμηχανάομαι, 75, 385
 περινοέω, 25
 πλανάω, 280, 386, 388
 πλέκω, 169, 214, 215, 218, 347, 386
 πλοκή, 209, 215, 218, 386
 ποικιλομήτης, 72, 98, 118, 385
 ποικιλόφρων, 118, 387
 πολύϊδρις, 116, 123, 124, 387
 πολυκερδής, 71, 384
 πολύμητις, 20, 53, 54, 98, 385
 πολυμηχανία, 80
 πολυμήχανος, 18, 38, 57, 64, 67, 285, 385
 πολύτροπος, 58, 70, 95, 98, 387
 πολυφραδής, 387
 πολυφροσύνη, 124, 387
 πολύφρων, 61, 109, 387
 Πόντος, 85

προαίρεσις, 99, 382
προδίδωμι, 229, 280, 321, 383
προδοσία, 230, 383, 388
πρόνοια, 239, 385

ῥάπτω, 55, 81, 386
ῥαφεύς, 184

σαφής, 231
σιγάω φόνον, 154, 388
σοφία, 122, 128, 386
σόφισμα, 205, 249, 386
σοφός, 126, 148, 152, 154, 157, 158, 161, 168,
204, 205, 215, 227, 255, 280, 313, 348, 386
συμφράζομαι, 86, 92, 387
συνεκκλέπτω, 229, 384
σφάλλω, 118, 141, 142, 332, 386
σωφρονέω, 153, 386

τεκταίνομαι, 51
τεκταίνω, 386
τέκτων, 126, 154, 184, 386
τεχνάζω, 25
τεχνάομαι, 154, 228, 386
τέχνασμα, 241, 386
τέχνη, 18, 19, 20, 51, 62, 83, 85, 86, 87, 88, 98,
130, 133, 137, 141, 154, 205, 207, 214, 224,
229, 241, 250, 262, 286, 304, 316, 386
τεχνήεις, 61, 92, 386
τέχνημα, 206
τολυπεύω, 80, 387

ὑπέρχομαι, 171
ὑπόκλοπος, 127
ὑπόστασις, 299, 386
ὕφαίνω, 66, 73, 79, 81, 124, 125, 209, 347, 387
ὕφαιρέω, 103, 117, 382
ὔφασμα, 235
ὕφή, 209, 387

φάρμακον, 68, 69, 74, 87, 107, 149, 155, 156,
168, 216, 217, 241, 262, 266, 307, 350, 387
φιλητεύω, 98, 387
φιλήτης, 98, 387
φιλολήϊος, 98, 385
Φιλότης, 84
φράζω, 73, 80, 86, 387
φρονέω, 156, 169, 170, 172, 387
φῶρα, 123
φωρή, 98, 387

Ψευδεά, 84
ψεύδεα, 76, 85
ψευδής, 13, 35, 197, 206, 208, 211, 221, 254,
307, 316, 321, 327, 367
ψευδόμαντις, 241, 387
ψεῦδος, 15, 16, 17, 19, 38, 56, 74, 75, 85, 89,
131, 133, 134, 147, 172, 185, 232, 387
ψεύδω, 17, 48, 49, 75, 98, 145, 174, 207, 214,
230, 333, 387
ψεύστης, 129, 130, 387

ὥς, 21, 102, 206, 212, 238, 254, 292

C. Index locorum

Acusilau
2 F 33 : 112

Agaton
fr. 1 : 272
fr. 2 : 275
fr. 3 : 272
fr. 3a : 277
fr. 4 : 277

Alcmeônida
fr. 1 : 318
fr. 6 : 104, 191, 209, 270, 359, 368

Alceu
fr. 38A : 115
fr. 69 : 118
fr. 283 : 115, 119, 199, 220, 350, 351
fr. 308 : 367
fr. 308a-b : 117
fr. 308c : 95, 117

Alceu (cont.)

- fr.* 308d : 117
fr. 349 : 61, 93, 116, 136, 142, 351, 360, 374
fr. 381 : 116
fr. 445 : 117

Apolodoro (Ps.-)

- 1.2.1 : 87
 1.9.1 : 320
 1.9.1-2 : 267
 1.9.27 : 261, 262
 2.4.1 : 303
 2.4.12 : 193
 2.4.5-8 : 59
 2.5.12 : 192, 194
 2.7.6-7 : 107
 2.7.7 : 281
 2.8 : 140, 308
 2.8.5 : 308
 3.1.3-4 : 286, 287
 3.4.3 : 267
 3.4.4 : 111
 3.5.5 : 315
 3.7.5-7 : 274
 3.9.2 : 108
 3.13.8 : 300
 3.15.7 : 266
 3.16 - *Ep.* 1.4 : 266

Epítome

- 1.4-6 : 265
 1.18 : 159
 1.20 : 328
 1.23-4 : 105, 194
 2.10-14 : 271
 3.7-8 : 324
 3.23-6 : 332, 333
 6.7-11 : 231

Apolônio de Rodes

- 3.1026-62 : 153
 3.1278-407 : 153

Aqueu de Erétria

- fr.* 16 : 275
fr. 37 : 44-5, 282
fr. 38 : 268

Aquiles Tácio

- Introdução a Arato*
 1.37 : 273

Aristófanes

Acarnenses

- 114-5 : 22
 325-556 : 276
 393-489 : 231, 268
 418-22 : 300

Aves

- 527 : 187
 1232 : 272
 1240-1 : 202

Nuvens

- 421-4 : 276
 1061-7 : 318

Rãs

- 842 : 230
 849 : 286
 849-50 : 286
 855-64 : 276
 860-5 : 318
 953-7 : 25
 1043 : 295
 1052-4 : 294
 1062-4 : 276
 1206-7 : 331

Tesmoforiantes

- 81-5 : 158
 134-5 : 245
 466-764 : 276
 491-8 : 294
 848 : 328

Aristóteles

Poética

- 1447a : 22
 1450a : 13
 1453a : 377
 1454a : 309
 1455b : 329
 1460a : 13, 35
 1461b : 13

Política

- 1307b : 112
 1315b : 134

Retórica

- 1315a : 71
 1356a : 144, 147, 356
 1397a : 112

Arquíloco

fr. 24 : 113, 378
fr. 128 : 113
fr. 173 : 113, 355
fr. 184 : 113, 378
fr. 286 : 107, 113, 374
fr. 298 : 113, 378, 381

Arte da Guerra, A

1.18, 24

Asclepiáde de Trágilo

12 F 28 : 294
 12 F 29 : 274

Ásio

fr. 1 : 314
fr. 5 : 180

Ateneu

11.109.34 : 323
 12.6 : 181

Baquírides

Epínicios e ditirambos

11.40-72 : 301
 16 : 107, 349, 350, 374
 16.23-35 : 124
 16.24-5 : 79
 17 : 350
 17.51-2 : 79, 125
 17.116 : 127
 18 : 266
 18.15 : 265
 26 : 126, 286, 346, 364

Fragmentos

fr. 7 : 281
fr. 10 : 127, 362
fr. 15 : 351
fr. 15.57-61 : 127
fr. 19 : 127, 378
fr. 26 : 127
fr. 64 : 124

Cantos Cíprios

arg. 1 : 104
arg. 3 : 103, 234, 367
arg. 4 : 193
arg. 5-6 : 101, 128, 231, 324, 355, 378
arg. 7 : 276
arg. 8 : 102, 176, 201-2, 235, 349, 365, 374

arg. 9 : 281
arg. 10 : 222
arg. 18 : 389
fr. 1 : 104
fr. 10-11 : 100, 103, 362-3
fr. 16 : 352, 368
fr. 16-7 : 103
fr. 19 : 103-4, 249, 263, 318, 348, 364
fr. 20 : 181, 200-1
fr. 27 : 324

Captura de Jafa : 24, 65*Catálogo de Mulheres*

fr. 8 : 118
fr. 9-10 : 210
fr. 14 : 377
fr. 19 : 120, 176, 180, 181, 200, 201, 349, 365, 377
fr. 19.17-22 : 105
fr. 20a,b : 106
fr. 22 : 107, 350, 374
fr. 27 : 377
fr. 31-2 : 108, 365
fr. 35 : 48
fr. 37 : 139
fr. 38-41 : 319
fr. 48-51 : 108, 359
fr. 48a : 290
fr. 53 : 210
fr. 58-9 : 140
fr. 65 : 97
fr. 67-8 : 97, 109, 364, 368
fr. 69 : 109, 373, 354, 374
fr. 69-71 : 108, 365
fr. 70 : 267
fr. 71 : 108, 365
fr. 72 : 108, 362
fr. 77 : 48, 301
fr. 80 : 48
fr. 89 : 108, 362
fr. 93 : 111, 286, 346, 364
fr. 117 : 276
fr. 137a-c : 272
fr. 138 : 317, 362
fr. 139 : 42, 59, 109-10
fr. 148-153 : 318
fr. 149-150 : 109, 354
fr. 149-50 : 129, 373
fr. 150 : 131, 368
fr. 151 : 133
fr. 161-2 : 111, 346, 362
fr. 196-204 : 101
fr. 239 : 375

- Cícero
Catilinárias
 2.25.5 : 14
Do Orador
 2.191 : 14
 2.289 : 14
Da Invenção (da Retórica)
 1.21.12 : 71
 22.1 : 71
- Cineton
fr. 4 : 165
- Código de Justiniano*
 4.1.6-8 : 367
- Cônon
 26 F 1 : 332
- Corão*
 12.21-35 : 373
- Cratino
fr. 319 : 26
- Demócrito
fr. 63 : 25
- Dinóloco
fr. 4-5 : 150
test. 3 : 150
- Diodoro Sículo
 3.62 : 243
 4.10.6-7 : 193
 4.25.1 : 192
 4.3-5 : 111
 4.38.4 : 281
 4.4 : 243
 4.50-3 : 261
 4.52 : 261-2
 4.69.3-4 : 328
 5.64.2 : 286
 5.83.4-5 : 332
 4.57-8 : 308
- Díon de Prusa (= Crisóstomo)
Orações
 4.70-2 : 330
- 11.40 : 120
 52 : 283
 52.1 : 282, 285
 52.2 : 282
 52.4 : 182
 59 : 283
 60.1 : 113
 66.6 : 271
- Éforo
 70 F 31b : 94
- Eliano
Da Natureza dos Animais
 7.39 : 259
Histórias diversas
 2.13 : 146
 2.8 : 431
 4.26 : 181
 13.14.3 : 52
- Élio Aristides
Panatenaico
 131 : 120
- Epicarmo
fr. 84 : 26
test. 35 : 150
- Escolistas e escólios*
 Σ A.R. 4.1090 : 315
 Σ A.R. 4.1091 : 302
 Σ^{LP} A.R. 4.14 : 329
 Σ Ar. *Ach.* 432, 277
 Σ Ar. *Ach.* 433 : 270
 Σ Ar. *Av.* 1240 : 202
 Σ Ar. *Av.* 1648 : 117
 Σ^{rec.} Ar. *Nu.* 257c γ : 268
 Σ Ar. *Pax* 147a-b : 306
 Σ^V Ar. *Pax* 126a : 293
 Σ Ar. *Ra.* 53 : 431
 Σ Ar. *Ra.* 67 : 3, 431
 Σ Ar. *Ra.* 849 : 287
 Σ Ar. *Th.* 135 : 245
 Σ Ar. *Th.* 850 : 431
 Σ Ar. *Th.* 1012 : 431
 Σ E. *Andr.* 32 : 166
 Σ E. *Or.* 4 : 15-16 : 271
 Σ E. *Or.* 7 : 234
 Σ E. *Or.* 371 : 431
 Σ E. *Or.* 432 : 324
 Σ E. *Or.* 432 : 326-7

Σ E. <i>Or.</i> 811-2 : 271	1374-98 : 260
Σ E. <i>Or.</i> 995 : 271	1377-81 : 183
Σ E. <i>Or.</i> 997-8 : 271	1377-92 : 183
Σ E. <i>Or.</i> 1654 : 165	1382 : 183
Σ E. <i>Or.</i> 1655 : 165	1438-46 : 184
Σ^D <i>Il.</i> 1.5 : 104	1521-9 : 260
Σ^A <i>Il.</i> 2.105 : 271	1569 : 272
Σ^{AB} <i>Il.</i> 6.155 : 290	1583-602 : 256
Σ^{AB} <i>Il.</i> 12.292 : 127	1583-611 : 270, 359
Σ <i>Od.</i> 11.266 : 110	1602 : 272
Σ <i>Pi. I.</i> 1.31 : 110	1604-9 : 183
Σ <i>Pi. I.</i> 6(7).10 : 136	1634-6 : 183
Σ <i>Pi. N.</i> 4.95 : 131	1646-8 : 186
Σ <i>Pi. N.</i> 10.110 : 103	1667 : 186
Σ <i>Pi. P.</i> 2.40 : 133	
Σ <i>Pi. P.</i> 2.40b : 328	
Σ <i>Pi. P.</i> 4.288 : 267	
Σ <i>Ps.-Lyc.</i> 610 : 114	
Σ <i>Ps.-Lyc.</i> 822 : 120	
Σ <i>S. Aj.</i> 1297a : 286	
Σ <i>S. El.</i> 157 : 181	
Eratóstenes (Ps.-)	
<i>Catasterismos</i>	
24 : 245	
Ésquilo	
<i>Agamêmnon</i>	
168-73 : 86	
228-49 : 201	
385-6 : 223	
414-5 : 221	
423 : 218	
587-616 : 144	
783-974 : 183, 358	
834 : 217	
855-974 : 144	
897-8 : 367	
958-74 : 183	
1090-7 : 270, 359	
1102 : 183	
1107-8 : 183	
1127-9 : 183	
1160-1 : 183	
1191-3 : 270, 359	
1217-44 : 270, 359	
1258-61 : 183	
1262-3 : 183	
1322-6 : 186	
1338-42 : 260	
1343-6 : 183	
	<i>Coéforas</i>
	164-234 : 189
	167-245 : 181
	212-68 : 186
	220-1 : 379
	225 : 185
	269-305 : 186
	315-507 : 186
	523-34 : 181
	556-70 : 186
	556-9 : 207
	559 : 381
	623-8 : 304, 351
	668-87 : 186
	734-43 : 187, 191
	764-82 : 187, 206
	869-979 : 187
	981 : 186
	<i>Eumênides</i>
	478 : 217
	717-8 : 328-9, 346
	723-8 : 140, 351
	<i>Fragmentos</i>
	1-4a : 268
	22 : 245
	23-5 : 245
	55-6 : 275
	57-66 : 245
	73b-77 : 195, 308
	90-3 : 328

Ésquilo (cont.)

- 94 : 201, 252
- **99-101 : 286
- 116-20 : 287
- 123a-b : 282
- 143-5 : 277
- 146-9 : 245
- **168 : 245, 349, 361
- **168a-b : 245, 349, 361
- 169-172b : 245
- 172 : 19
- 180a Sommerstein : 252, 324
- 181-182a : 324
- 183 : 245
- 184 : 133
- 184-6a : 328
- 186-186a : 133
- 190-204 : 195
- 210-5 : 221
- 212 : 222
- 221-34 : 245
- 235-6 : 370
- 238-40 : 201, 252, 277
- 241-6 : 251
- 249-57 : 282
- 252-3 : 282
- 254-5 : 283
- 261-2 : 302
- 301 : 22
- 313-5 : 370
- 333-4 : 252
- 417 : 42
- **451h : 287
- **451k : ver *fr.* 180a Sommerstein
- **451o : 333
- **451s : 252

Persas

- 107 : 16, 17
- 361 : 17
- 392 : 118
- 458 : 18

Sete contra Tebas

- 26 : 17, 381
- 81 : 19
- 131 : 18

Suplicantes

- 157 : 92
- 379 : 18

Ésquilo (Ps.-)

Prometeu Acorrentado

- 36-44 : 218
- 87 : 20
- 468 : 80

Ésquines

- 3.221 : 112

Estesícoro

- fr.* 129-31 : 201
- fr.* 187-91 : 120
- fr.* 191 : 200-1
- fr.* 192-3 : 120, 219, 365
- fr.* 193 : 159
- fr.* 196-205 : 121
- fr.* 210-9 : 84, 122, 349
- fr.* 217-9 : 181
- fr.* 230 : 193
- fr.* 236 : 112, 122, 346, 362
- fr.* S15 : 122
- fr.* S88-9 : 348
- fr.* S127 : 121
- fr.* S135 : 175
- fr.* S137 : 175
- fr.* S148 : 274

Estobeu

- 4.22g : 351

Estrabon

- 1.2.18 : 60
- 7a.1.56 : 176
- 9.1.6 : 265
- 14.1.18 : 108

Etiópica

- arg.* 3 : 100, 173
- arg.* 4 : 128
- fr.* 4 : 28

Eumelo (Ps.-)

- fr.* 15-25 : 148

Eurípides

- Alceste*
- arg.* : 431

- 10-14 : 141
 32-47 : 141
 64-76 : 145
 392-5 : 164
 509-45 : 142, 340
 509-50 : 142, 357
 551-67 : 142
 808 : 145
 837-60 : 145
 837-1158 : 357
 857 : 145
 966-72 : 241
 1008-58 : 145
 1008-158 : 142, 340
 1019-36 : 146, 352
 1020 : 163
 1020-1120 : 364
 1025-1119 : 146
 1038 : 145
 1125-34 : 147
- Alcmena*
fr. *87b : 317
fr. 89 : 317
- Alcmeon em Psófis ou Alcmeon em Corinto*
fr. 78-87a : 274
fr. 85 : 276
fr. *86 : 276
- Alcmeon em Corinto*
fr. 73a-77 : 274, 431
- Alexandre*
fr. 41a-64 : 431
- Álope*
fr. 105-13 : 159
- Andrômaca*
 14 : 168
 29-35 : 167, 379
 32-7 : 350
 32-9 : 168
 47-8 : 167, 169, 369
 56-90 : 169
 62 : 169
 66-7 : 169
 68-70 : 369
 72 : 169
 83-5 : 167, 170
 85 : 348
 89-90 : 170
 103-7 : 219
 119 : 168
- 155-268 : 167, 379
 155-60 : 168
 159-60 : 350
 183-260 : 168
 205 : 168
 234-51 : 168
 245 : 168
 263-5 : 170, 172
 309-13 : 167, 169
 309-464 : 167
 380-3 : 171, 353
 427-32 : 171
 427-35 : 353
 427-9 : 172
 435 : 171
 445-59 : 172
 445-9 : 168
 549 : 172
 624-5 : 201
 943-53 : 351
 957-1165 : 167
 977-8 : 173
 994-8 : 173
 1002-3 : 173
 1005-9 : 354
 1065-9 : 173
 1074-5 : 173
 1088-99 : 173, 352
 1092-9 : 354
 1104-11 : 167, 379
 1104-19 : 173
 1106-8 : 175
 1120-57 : 174
 1164-5 : 175
 1238-52 : 176
- Andrômeda*
fr. 114-56 : 302, 370, 431
- Antíope*
arg. : 315
fr. 179 : 315
fr. 203 : 367
fr. 206 : 378
fr. 210 : 315, 363
fr. 223 : 315, 316, 358, 360, 378
- Arquelau*
fr. 228a : 331, 362
fr. 253 : 356
fr. 254 : 332
fr. 846 : 331
- Auge*
fr. 264a-81 : 195, 277

Eurípides (cont.)

*Autólico A e B**fr.* 282-4 : 97*Bacantes**arg.* : 246

3-9 : 246, 349

4 : 249, 361

9 : 361

21-5 : 247

21-54 : 248

26-31 : 246, 248

41-2 : 246

43-4 : 247

45-52 : 247

47-8 : 247

53-4 : 249, 361

55-63 : 247

61-3 : 249

88-101 : 246

88-104 : 377

89-91 : 349

170-214 : 249

180-9 : 248

181-3 : 246

215-32 : 247

217-25 : 248

231 : 248

235-8 : 249

242-5 : 246

244-5 : 349

245 : 248

286-97 : 246

288 : 349

292-4 : 225

334-5 : 246

337-40 : 112, 251, 346, 362

353 : 249

451 : 248

453-9 : 249

460-510 : 249

466-8 : 247

667-768 : 249

675 : 250

805-6 : 250

810-46 : 249, 364

838 : 249

848 : 248

912-66 : 249, 364

956 : 250

957 : 248

981-1147 : 249-50

1095-136 : 362

1173 : 248

1173-210 : 362

1206 : 248

1346-8 : 250

*Belerofonte**arg.* : 307*fr.* 288-9 : 306, 378*Ciclope*

104 : 82

*Cresfontes**fr.* 448a : 310, 313*fr.* 449 : 313*fr.* 453 : 312*fr.* 454-5 : 313*fr.* 458 : 313*Cretenses, As**arg.* : 286*fr.* 460-70a : 285, 431*fr.* 464 : 350, 378*fr.* 988 : 288-9, 346, 364, 432*Cretenses, Os**fr.* 472 : 287*fr.* 472b : 288, 346, 364*fr.* 472e : 161, 287, 289, 346, 364*Dânae**arg.* : 302*fr.* 319 : 303, 305*fr.* 321 : 154, 303, 305, 348, 351*Dictis**fr.* 330b-48 : 302, 431*Egeu**fr.* 4 : 265*fr.* 7a : 266*Electra*

8-10 : 184, 358

10 : 270

11-4 : 191

87-101 : 189

96-7 : 189

107-578 : 185, 357

115-9 : 185

161 : 184

161-6 : 358

212-37 : 185

213-4 : 219

217-584 : 189

220 : 185

224 : 186

- 271-2 : 185
 282 : 186
 283-4 : 185
 391-3 : 186
 518-44 : 189
 550-78 : 185
 553-7 : 191, 369
 596-1223 : 349, 360
 596-604 : 189
 596-639 : 312
 612-39 : 190
 613 : 270
 624 : 190
 640-62 : 190
 647-62 : 358
 647-67 : 375
 652-67 : 191
 699-712 : 104, 368
 699-736 : 270
 747-853 : 190
 773 : 270
 774-853 : 359, 376
 775-843 : 314
 781-2 : 190, 354
 815-44 : 190
 959-1146 : 191, 375
 965 : 190
 971-82 : 189
 1011-2 : 184, 358
 1020-3 : 201
 1023 : 200
 1027-9 : 201
 1109 : 184
 1165-1223 : 191
 1175-6 : 377
 1238-59 : 202
 1280-3 : 192, 223, 346, 366
 1284-7 : 202
 1336-41 : 202
 1346-53 : 191
- Enômao*
fr. 571-7 : 209
fr. 574 : 260
- Esquirenses*
arg. : 263, 364
fr. 683a : 264
fr. 686 : 263, 264
fr. 880 : 264
- Estenebéia*
arg. : 290-1
fr. 661 : 292, 294, 301, 351, 354
fr. 666 : 294, 351
- fr.* 669 : 293, 358
- Fenícias*
 261-77 : 380
- Fênix*
arg. : 299
fr. 807 : 300
fr. 808 : 300, 351
fr. 809-13 : 301, 354
fr. 811 : 301
fr. 815 : 301
fr. 816 : 299
- Filoctetes*
arg. : 283
fr. 787-89b : 283
fr. 789b : 283-4, 362, 367
fr. 789d : 283-4, 354, 358, 364
fr. **790a : 283
fr. 794-99a : 283-4
fr. 795 : 284, 356
- Fragmentos incertos*
fr. 846 : ver *Arquelau*
fr. 880 : ver *Esquirenses*
fr. 988 : ver *As Cretenses*
fr. 1132 : 303
- Frixo A*
arg. : 320
- Frixo B*
arg. : 322
fr. 820a : 323
fr. 820b : 323, 363
- Frixo A ou B*
fr. 822 : 321
fr. 822-38 : 319
fr. **822b : 321, 355
- Hécuba*
 1-59 : 176, 369
 68-97 : 367
 131 : 118
 239-48 : 177, 364
 441-3 : 219
 709-12 : 177
 749-1171 : 349, 360
 774-6 : 177
 787-863 : 178
 870-5 : 178
 879-80 : 178
 884 : 178

Eurípides (cont.)

892-4 : 178
 953-75 : 178
 976-1020 : 358
 976-1024 : 178
 1000-7 : 178
 1012-4 : 178
 1021-2 : 179
 1150-9 : 179, 249
 1160-71 : 179
 1247-8 : 177, 369
 1259-73 : 179
 1275-3 : 349
 1275-81 : 179

Helena

1-67 : 223, 366
 10-11 : 225
 11 : 222
 16-21 : 103
 17-21 : 231, 362
 31-5 : 121
 34 : 225
 35-6 : 225
 36 : 112
 42-3 : 225
 53-5 : 225
 56-6 : 226
 72-7 : 219
 112 : 225
 112-4 : 226
 117-22 : 219
 123-32 : 226
 155 : 226
 160-3 : 219
 164-252 : 366
 198-9 : 219
 238 : 232, 350
 241-51 : 225
 250-1 : 225
 253-514 : 366
 308 : 226
 309 : 232
 386-433 : 227
 386-90 : 231
 388-9 : 234, 359
 408-9 : 226
 416-24 : 226, 230, 365
 479-80 : 227
 528-40 : 226
 554 : 230, 365
 582 : 225
 584 : 225
 597-614 : 226
 610 : 225

611 : 224
 613-4 : 224
 670-1 : 225
 674-5 : 225
 704 : 224
 722-5 : 147, 227
 766-7 : 231, 376
 775-6 : 226
 777-807 : 227
 809-17 : 227
 819-23 : 227
 821-2 : 225
 825 : 228
 825-31 : 228
 835-64 : 232
 857-1029 : 228, 354
 875 : 227
 880-3 : 228
 930 : 224, 366
 1005 : 228
 1032-106 : 228
 1034 : 227
 1039-106 : 235
 1047 : 227
 1049 : 255, 227
 1049-1106 : 378
 1050-3 : 229
 1053-4 : 228
 1057-78 : 229
 1079-80 : 229
 1087-90 : 228
 1091 : 228
 1102-4 : 350
 1105-6 : 232
 1126-31 : 231, 376
 1130-1, 232
 1136 : 223
 1144-6 : 231, 362
 1165-1300 : 229
 1165-300 : 344
 1169 : 187
 1184-1300 : 378
 1186-90 : 229
 1202-300 : 235
 1204 : 230 : 365
 1204-5 : 229
 1239 : 229
 1250-300 : 229
 1300-450 : 229
 1370 : 229, 354
 1513-642 : 229
 1633 : 144, 377
 1643-92 : 230
 1666-9 : 233
 1672-5 : 226

1675 : 225

Héracles

1-3 : 195, 317, 362
 4 : 193
 15-22 : 193
 18-9 : 193
 23-54 : 196
 60 : 196
 67-77 : 196
 145-6 : 196
 170 : 195
 244 : 196
 329 : 269
 471 : 197
 514-30 : 196
 548 : 269
 565-754 : 195-6, 314, 352, 360
 610-9 : 334
 701-725 : 358
 843-74 : 197
 1169-70 : 197
 1221-2 : 197, 334
 1235-6 : 197
 1265 : 195
 1285 : 193
 1336-7 : 197

Heráclidas

310-1 : 308
 586-7 : 308
 875-8 : 308

Hipólito A

arg. : 294, 296
fr. 428 : 161
fr. 429-30 : 350
fr. 436 : 297
fr. 439 : 356
fr. 440 : 296, 351
fr. 440-2 : 297
fr. 446 : 297
fr. 447a Van Looy : 295

Hipólito B

arg. : 159-60, 294, 431
 26-8 : 161
 163 : 18
 421-2 : 159
 503 : 356
 525-64 : 232
 601-2 : 294
 603 : 161
 612 : 161, 232
 616-37 : 351

616-50 : 161, 294, 350
 649-50 : 348
 651-2 : 294
 651-63 : 294
 656-8 : 161
 665-8 : 294
 688 : 151, 163, 205, 238, 388
 688-1058 : 162, 354
 689-92 : 163
 690-2 : 163
 728-9 : 163
 730-1 : 163
 731 : 161, 294
 776-7 : 352
 856 : 161
 856-65 : 163
 856-86 : 374
 887-98 : 164
 905-10 : 296
 916-1101 : 301
 932 : 354
 932-3 : 163
 959-60 : 380
 1057-9 : 301
 1254 : 295
 1268-82 : 232
 1296-1312 : 296
 1298-1306 : 297
 1389-439 : 60
 1455 : 159
 1457-8 : 164, 289

Ifigênia em Áulis

49-52 : 378
 49-85 : 101
 98-105 : 235, 253, 374
 100 : 389
 115-123 : 254, 375
 284-7 : 59
 303-542 : 255, 377
 440-1 : 256
 444-5 : 255
 511-37 : 255
 524 : 82
 538-41 : 256
 538-721 : 255, 357
 543-89 : 232
 642-77 : 256
 855-96 : 276
 1362 : 82

Eurípides (cont.)

1380-2 : 219
 1456-7 : 256
 1578-89 : 225, 259
 1578-95 : 258, 349, 365

Eurípides (cont.)

1590-5 : 259
 1606-8 : 259
 1616-7 : 259, 346, 379
 1622 : 259
fr. 1 Dg. : 259

Ifigênia em Táuris

6-30 : 365
 6-66 : 202, 349
 24-5 : 252, 357, 374
 42-66 : 367
 67-122 : 206
 69-75 : 203
 77-89 : 206
 77-9 : 381
 86-9 : 381
 100-2 : 203, 379
 111-2 : 203, 379
 177-8 : 203
 196-7 : 104, 209, 368
 238-339 : 204
 356-71 : 203, 374
 386-8 : 208, 234, 346, 359
 456-821 : 204
 538-9 : 203, 357, 374
 548-59 : 207
 564-5 : 203
 565 : 235
 569 : 367
 711-3 : 207-8, 381
 769-71 : 203
 783-6 : 203, 225, 259
 812 : 270
 813-7 : 209 : 376
 823-6 : 209
 856-9 : 203, 357, 374
 900-1088 : 204, 349
 924-7 : 207
 1020-8 : 205
 1029 : 238, 388
 1033-1057 : 205
 1048-9 : 205
 1153-221 : 357
 1153-233 : 205
 1220 : 205
 1234-83 : 208, 360
 1281-303 : 206, 357
 1379-410 : 206
 1414-5 : 206
 1422-34 : 206
 1435-99 : 206
 1446-74 : 176

Ino

arg. : 268, 365
fr. 404 : 269
fr. 411 : 269
fr. 413 : 269

Íon

10-1 : 368
 10-19 : 211
 10-20 : 210
 14 : 212
 14-5 : 368
 29-36 : 210, 212
 47-9 : 212
 57-67 : 212
 64-5 : 210
 67-8 : 212
 70-1 : 212
 72-3 : 213
 292 : 210
 306 : 212
 345-57 : 213
 404-9 : 213
 436-9 : 212
 517-557 : 353
 517-675 : 213
 531 : 212
 556-60 : 210
 616-7 : 216
 660 : 210
 685 : 214
 705 : 214
 725-858 : 216
 813-27 : 214, 379
 832-5 : 215
 843-1019 : 216
 843-4 : 348
 844-5 : 350
 965 : 212
 999-1000 : 216
 1001-17 : 350
 1019-1026 : 217
 1029-1228 : 217
 1029-47 : 350
 1229-319 : 217
 1250-451 : 210
 1395-1401 : 210
 1486-7 : 210
 1530-1 : 210
 1549-1622 : 218
 1561-2 : 213
 1571-3 : 210
 1571-5 : 213
 1571-94 : 176
 1595-615 : 208

1602 : 214

1615 : 212

Licínio

fr. 473-9 : 195, 308

Medeia

arg. : 25, 33, 43, 149-50, 431

1-95 : 150

9-10 : 150, 345, 349

20-3 : 157

37 : 150, 205, 238, 345, 388

160-3 : 157

225-6 : 157

248-51 : 154

250-1 : 158

259-63 : 151, 154

260 : 152, 345

261-2 : 345

263-6 : 158

271-1322 : 349

271-323 : 152

285 : 149-50, 152, 255

292-315 : 152

295 : 152

298-9 : 152

303 : 150, 152

305 : 150, 152

323-63 : 152

364-409 : 152

374-5 : 345

381-9 : 155

384-5 : 149, 345, 350

391 : 150, 388

397 : 153

401 : 154

401-2 : 345

401-9 : 348

405 : 381

407-9 : 154, 158, 304

408 : 351

412 : 154

412-3 : 337

486-7 : 150

492-5 : 157

526-8 : 135, 350

529 : 150

539 : 149

539-41 : 152

548 : 157

567 : 157

573-5 : 158, 351

583 : 158

627-44 : 232

648 : 18

663-758 : 265

665-6 : 265

665-81 : 213

709-58 : 155

717-8 : 149

764-823 : 155

783 : 150

787-805 : 345

787-9 : 350

794 : 345

804-5 : 345

807-10 : 237

811 : 150, 205, 238, 388

866-975 : 155, 357

879 : 151

947-58 : 375

969-75 : 375

973-5 : 347

976-1001 : 155

1002-14 : 156

1044 : 151

1056 : 151

1062-4 : 156

1125-221 : 345, 350

1125-227 : 375

1125-6 : 156

1201 : 156

1204-1227 : 156

1236-41 : 345

1271-92 : 156

1282-9 : 268

1291-2 : 158

1294-1302 : 157

1316 : 157

1317-22 : 156, 345

1378-83 : 176

1384-5 : 156

Melanipe, a Sábida

arg. : 269

fr. 481 : 210

Melanipe Cativa

fr. *489-96 : 348

fr. 494 : 348

fr. 495 : 378

Oineu

fr. 558-70 : 230

Orestes

4-10 : 234, 354, 359

5-7 : 234

10-11 : 234

11-4 : 235

Eurípides (cont.)

13 : 270
 16-8 : 235
 18 : 235
 25-6 : 235
 29-33 : 236
 35-9 : 236
 46-51 : 236
 56-61 : 234, 238
 99-100 : 234
 360-2 : 235
 367 : 235
 406 : 236
 407-12 : 236
 418-20 : 236, 381
 422 : 236
 431-3 : 242, 374
 476 : 242, 363
 556 : 299
 557-61 : 235, 376
 561 : 349
 618-9 : 235, 376
 619 : 235
 640-728 : 236
 658-9 : 201
 763-8 : 236
 78-9 : 223, 234
 812-3 : 104, 235, 270, 359, 368, 376-7
 813 : 234
 816 : 234
 866-942 : 236
 943-56 : 236
 949 : 236
 982-4 : 234, 359
 984-95 : 209
 989-94 : 234
 992-6 : 188, 359
 992-7 : 234
 997-1000 : 104, 235, 270, 359, 368, 376-7
 1001-6 : 270
 1008 : 270
 1012-68 : 236
 1012-84 : 236
 1054-64 : 236
 1058-9 : 236
 1078-81 : 236
 1085-97 : 236
 1089-90 : 236
 1090 : 236
 1098 : 205, 388
 1098-1312 : 349
 1098-176 : 238
 1098-9 : 237
 1105-7 : 238
 1107 : 238

1107-8 : 238
 1110-6 : 238
 1119 : 238, 389
 1121-5 : 238
 1126-28 : 238
 1130 : 238
 1131 : 238
 1132-6 : 238
 1137-42 : 238
 1149-52 : 238
 1158 : 236
 1158-61 : 236
 1163-76 : 237
 1173-6 : 238
 1177-1224 : 238
 1180 : 350
 1216-24 : 239
 1216-352 : 360
 1235-7 : 236
 1245-1312 : 239
 1271-2 : 238
 1296-1301 : 239
 1313-20 : 239
 1344-52 : 239
 1353-65 : 239
 1366-536 : 239
 1369-1526 : 327
 1386 : 242, 363
 1408-15 : 238
 1495-8 : 368, 379
 1547-8 : 188, 234, 359
 1554-624 : 241
 1556-60 : 379
 1557 : 240
 1580 : 241, 379
 1580-6 : 241, 368
 1625-93 : 241, 368
 1629-37 : 219
 1629-52 : 176
 1639-42 : 223, 234, 242
 1639-43 : 219
 1653-7 : 242
 1666-7 : 241, 381

Palamedes

fr. 578 : 232, 327, 354, 359, 374
fr. 578-90 : 326
fr. 579-80 : 327
fr. 581-583 : 327, 354
fr. 583 : 356
fr. 584 : 328
fr. 586 : 327
fr. 587 : 359, 374
fr. 587-8 : 327
fr. 588 : 328

- fr.* 588a : 328, 376
fr. 589 : 327
fr. 590 : 327
- Peleu*
fr. 618-9, 349
- Peliádes*
arg. : 261
fr. 601 : 261
fr. 603 : 139
fr. 612 : 262
- Pirítoo* (Critias *fr.*)
fr. 1-14 : 195
fr. 5 : 334, 366
fr. 4a.8 : 334
fr. 6 : 334
- Plístenes*
fr. 625-33 : 272
- Poliúdo*
fr. 634-6 : 285, 287
- Suplicantes*
 1213-26 : 275
- Télefo*
fr. 697-9 : 278, 365
fr. 702a : 278, 358, 365
fr. 703 : 279, 358
fr. 712a : 279, 358
fr. 713 : 255
fr. 715 : 280, 358
fr. 722-3 : 255
fr. 727a : 280, 379
- Temenidas*
fr. 727e-741 : 308
fr. 729 : 378
- Têmeno*
fr. 741a-751a : 308
- Tenes*
arg. : 333
- Teseu*
fr. 381-90 : 159, 285
- Tieste*
fr. 396 : 270
fr. *397b : 270, 273, 377
- Troianas*
 9-12 : 198, 349, 364
 260-70 : 197
 308-50 : 199
 355-64 : 199, 346, 349
 368-9 : 219
 370-2 : 201
 372-3 : 199
 864-6 : 199, 351
 895-1041 : 223
 903-65 : 221
 940-50 : 199, 357
 948-9 : 350
 966-8 : 356
 969-97 : 199
 983-4 : 350
 1036-9 : 199
 1042-3 : 199, 357
 1124-7 : 318
- Eurípides* (Ps.-)
Reso
 208-15, 54
- Eustátio*
Comentário à Ilíada
 2.57.2 : 299
 3.368 : 39
 3.565 : 39
 3.598 : 39
- Fedro*
 1.31.5 : 14
- Ferécides*
 3 F 1b : 318
 3 F 13b : 110, 362
 3 F 10 : 302, 305
 3 F 14 : 193
 3 F 22 : 148
 3 F 37a-b : 234
 3 F 51 : 328, 346
 3 F 60 : 318
 3 F 63-4 : 165
 3 F 84 : 308
 3 F 90 : 92, 368
 3 F 98 : 319
 3 F 105 : 113, 139, 260
 3 F 119 : 25, 116
 3 F 120 : 97, 210
 3 F 133 : 105, 271, 368

- Filemon de Atenas
s.u. βίβλος : 295
- Filodemo
Da Piedade
22 : 33
- Fragmentos trágicos anônimos
fr. 73 : 252
fr. 145.3 : 252
fr. 654 : 282
fr. 663 : 252
- Frínico (trágico)
fr. 1c, 2 e 3 : 140
- Frínico (cômico)
fr. 22 : 205
- Gaio
Instituições
3.195-8 : 367
- Gênese*
3.13 : 24
39.1-20 : 373
44 : 325
- Górgias
Elogio a Helena : 220, 221, 224, 241
- Grandes Ehoiae*
fr. 197 : 209
fr. 241 : 362
- Harpocrácio
s.u. Φλυέα : 431
- Hecateu de Mileto
1 F 30 : 308
- Helânico
4 F 31 : 24
4 F 125 : 24
323a F 22 : 233
- Heródoto
1.153 : 21, 24, 355
1.173 : 265
1.56 : 308
- 1.59-60 : 21, 24
2.112 : 121
2.112-20 : 219, 351
2.113-20 : 115
2.113-20 : 24
2.146 : 244
2.146.2 : 377
4.103.1-10 : 201
4.32 : 274
4.99-103 : 102
5.66 : 210
5.92 : 134
6.52 : 308
7.204 : 308
7.94 : 210
8.128 : 230
8.131 : 308
8.137 : 330
8.140-2 : 24
8.44 : 210
9.26 : 308
9.7 : 230
- Hesíodo
Teogonia
26-8 : 85
136 : 19
159-82 : 85
160-75 : 348
160-78 : 352
168 : 90
205 : 84, 350
212-25 : 367
213 : 84
224 : 16, 84, 347
229 : 84
230 : 41
231-2 : 84, 355
233 : 19, 381
233-6 : 85
236 : 70
250 : 40
280 : 301
295 : 41
310-2 : 192
311 : 192
319-25 : 290, 306
330 : 367
390-403 : 141
409-13 : 106
453-506 : 86
482-90 : 365
492-500 : 87
494-6 : 350
501-2 : 86

521 : 87
 535-60 : 88, 365
 546 : 87, 90
 561-613 : 88, 367
 566-9 : 88, 368
 570 : 158
 570-612 : 89, 158
 585 : 158
 600-2 : 158
 613 : 57, 90
 617-20 : 86
 617-721 : 86, 87
 769-73 : 192
 881-5 : 141
 889 : 85, 377
 940-2 : 243
 943-4 : 317
 992-1002 : 148, 260
 992-9 : 139
 1006-6 : 318

Trabalhos e Dias

42-51 : 89
 50-5 : 88, 368
 55 : 89
 56-105 : 89, 158
 64 : 131
 73 : 19
 83 : 158
 374 : 90
 702-3 : 158
 788-9 : 147

Hesíodo (Ps.-)

Aegimius

fr. 234 : 323

Catálogo de Mulheres

ver entrada própria

Escudo de Hércules

1-56 : ver *Catálogo de Mulheres fr.* 139
 57-480 : 109
 216-8 : 301

Grandes Ehoiae

fr. 190 : 210
fr. 197 : 209
fr. 198 : 112, 365
fr. 241 : 112, 361

Varia

fr. 239 : 134
fr. inc. 358 : 120

Higino (Ps.-)

Fábulas

4 : 267, 268
 8 : 315
 40 : 289
 86 : 272
 88 : 271
 105 : 324
 120-1 : 202
 137 : 309, 311, 314
 180 : 111
 219 : 330
 246 : 271

Hinos homéricos

h. Hom. 1 (a Dioniso): 61, 243

1a.2 : 117
 1a.7 : 244
 1a.8 : 368
 1c : 142, 360, 374
 1c.5-14 : 92, 136
 1c.7-9 : 93
 1c.19-22 : 93
 1d.8-11 : 117

h. Hom. 15 : 192

h. Hom. 16 : 210

a Afrodite

1-35 : 350
 7-35 : 90, 379
 39-40 : 41
 45-6 : 90
 48-52 : 90
 53-5 : 90
 58-66 : 90
 66 : 90
 81-3 : 90
 81-3 : 362
 84-5 : 90
 86-90 : 90
 92-109 : 90
 103 : 90
 107-42 : 91, 357
 113-4 : 90
 117-8 : 91
 121-9 : 91
 147 : 91
 147-91 : 91
 149-51 : 84
 172-9 : 91
 177-90 : 158
 181-6 : 91
 185-6 : 90

Hinos homéricos (cont.)

192-9 : 91

a Apolo

244-387 : 93, 208, 360

397-450 : 93, 361

480 : 93

a Deméter

17 : 92

31, 92

94-104 : 91, 361

119-44 : 91, 357

242-80 : 91

308 : 218

357-404 : 359

357-74 : 91

357-8 : 91

372-4 : 92

390-413 : 91

399-400 : 92

404 : 92

430 : 92

445-7 : 91

463-5 : 91

a Hermes

7-8 : 96, 375

13 : 58

13-4 : 95

15 : 96

18 : 96

24-61 : 95

66-7 : 95-6

68-70 : 96

74-86 : 96, 368

79-81 : 95

97 : 95

101-7 : 96, 368

108-15 : 95

140-5 : 96

148-53 : 378

172-81 : 96

184-7 : 96

185-234 : 96

240-2 : 378

261-73 : 96

274-7 : 96, 380

278-80 : 378

310-19 : 96

322-94 : 97

338 : 147

368-9 : 22

397-417 : 97

406 : 45

439 : 58

417-578 : 97

552-66 : 96, 381

577-8 : 96

Hinos órficos

29 : 243

30 : 243

46 : 243

48.2 : 117

*Hipócrates (Ps.-)**Da Medicina Antiga*

2 : 24

Das doenças

2.12 : 57

Das úlceras

1-12 : 281

*Hipônax**fr.* 117 : 123, 368*Horácio**Odes*

1.10.11-12 : 117

*Íbico**fr.* 282a : 119, 351*fr.* 282b : 175*fr.* 294 : 165*fr.* 307 : 175*Ilíada*

1.1 : 37

1.71-2 : 276

1.194-222 : 363

1.198 : 363

1.311 : 20, 54

1.440 : 54

1.495-530 : 39

1.503-10 : 37

1.503-27 : 280

1.524-7 : 37, 185, 379

1.524-30 : 22

1.526 : 15, 16

1.540 : 17

1.556 : 19

1.571-611 : 61

1.595-600 : 117

1.606-8 : 61

2.1-86 : 38, 366

- 2.3-5 : 39
2.6-75 : 39
2.16-22 : 363
2.20 : 44
2.72-211 : 46
2.81 : 17
2.98-108 : 234
2.101-4 : 61
2.106-7 : 270
2.111-5 : 353
2.114 : 16
2.120 : 47
3.125-8 : 69
2.160-2 : 219
2.172-82 : 363
2.173 : 18, 38, 57
2.295 : 46
2.302 : 116
2.340 : 45
2.495-530 : 37
2.625-30 : 58
2.645-52 : 71
2.711-5 : 139
2.718-25 : 281
2.729-33 : 281
3.202 : 45, 149
3.212 : 79
3.276-9 : 22
3.309-412 : 232
3.385-99 : 120
3.399 : 40
4.14-239 : 43, 361
4.21 : 149
4.192-219 : 281
4.358 : 38, 57
4.361 : 70
4.405-10 : 274
5.62 : 51
5.349 : 40
5.388 : 72
5.390 : 57
5.445-53 : 44, 121, 224, 365
5.451 : 121
5.461-2 : 361
5.784-6 : 361
5.863 : 72
6.152-210 : 290, 306
6.153 : 82 : 116
6.155-95 : 48, 373-4
6.158-9 : 48
6.159-67 : 354
6.168-70 : 48
6.187 : 79
6.187-90 : 352
6.203 : 72
6.230-6 : 53
7.324 : 79
7.324-5 : 51
8.95 : 41
8.194-5 : 61, 131
8.367-8 : 192
8.522 : 174
9.93-4 : 51, 79
9.143 : 180
9.145 : 181, 200
9.184 : 19
9.285 : 180
9.287 : 181, 200
9.312-3 : 22
9.337-9 : 219
9.410-16 : 103
9.432-95 : 298
9.447-57 : 49, 354, 373
9.451-3 : 351
10 : 177
10.19-20 : 51
10.167 : 41
10.257-8 : 54
10.333-5 : 53, 364
10.370-1 : 53
10.376-81 : 53
10.376-84 : 377
10.376-455 : 12
10.382 : 53
10.383-4 : 53
10.390-445 : 53
10.391 : 53
10.423 : 53
10.446-53 : 53
10.454-5 : 53
10.455-7 : 53
10.494-6 : 54
10.498-501 : 54
11.504-18 : 281
11.618-803 : 45
11.689-93 : 108
11.783-803 : 50
11.796-801 : 51
11.798-9 : 50
13.43-72 : 52, 363
13.43-80 : 361
13.351-7 : 361, 363
13.691-2 : 58
13.746 : 72
14.135-6 : 361
14.153-360 : 39, 348
14.166-87 : 90
14.170-217 : 350
14.190-223 : 353
14.197-9 : 84

Iliada (cont.)

14.201 : 19
 14.294-6 : 350
 14.300-11 : 353
 14.317-28 : 375
 14.319-20 : 301
 14.323-4 : 109, 316
 14.323-5 : 243
 15.14 : 17, 20
 15.14-5 : 41
 15.309-10 : 61
 15.36-44 : 82, 380
 15.412 : 122
 16.1 : 50
 16.1-18.1-242 : 364
 16.121 : 52
 16.124-54 : 51
 16.155-220 : 51
 16.246-50 : 51
 16.249-52 : 51
 16.256 : 51
 16.256-18.21 : 51
 16.278-83 : 51
 16.29 : 52
 16.38-43 : 50, 51
 16.46-7 : 51
 16.52 : 123
 16.543 : 51
 16.64-5 : 51
 16.777-867 : 51
 17.1-761 : 51
 17.33 : 52
 17.71-3 : 361
 18.1-242 : 45, 50
 18.117-9 : 234
 18.166-202 : 51
 18.186 : 54
 18.203-14 : 51
 18.22-147 : 51
 18.215-38 : 52
 18.239-42 : 52
 18.417-21 : 61
 18.457-615 : 61
 19.85-96 : 332
 19.91-133 : 41, 42, 126, 135, 244
 19.95-125 : 316
 19.97 : 42, 347
 19.258-60 : 22
 19.326-37 : 263
 19.326-7 : 104
 19.409-10 : 100
 19.416-7 : 100
 20.407-21 : 175
 21.84-96 : 175
 21.90-1 : 175

21.189 : 318
 21.211-3 : 361
 21.238 : 146
 21.276-8 : 100, 173
 21.284-98 : 361
 21.289-90 : 363
 21.331-82 : 61
 21.367 : 61
 21.595-22.21 : 43, 361
 22.9-10 : 363
 22.214-26 : 363
 22.214-47 : 43, 361
 22.218 : 72
 22.226-7 : 363
 22.234 : 175
 22.355-60 : 163
 22.359-60 : 173
 23.388 : 367
 23.581-5 : 22
 23.65-79 : 116
 23.709 : 55
 24.9 : 95
 24.88 : 44
 24.109 : 57
 24.152-4 : 44
 24.181-3 : 44
 24.189-93 : 175
 24.334-464 : 44, 225
 24.390-404 : 95
 24.485-8 : 361
 24.534-7 : 133
 24.652 : 19

Inscrições gregas

I² 105 : 330
 II² 3091 : 277
 II/III² 2363 : 32
 XIV 1152 : 32-3

Instruções de Šuruppag

67 : 23

Iofonte

fr. 2 : 246
fr. 2c : 277

Íon de Quios

fr. 1-5 : 182
fr. 5a-8 : 317
fr. 36-41b : 298
fr. 42-3 : 298
fr. 43a-49a : 222

Isócrates

10 : 120, 220

Joannes Logothetes

146-7 : 289

Joannes Malalas

Cronografia

17-21 : 302

Lactâncio

Instituições Divinas

1.6.9 : 33

Licofron (Ps.-)

304 : 201

Luciano

Diálogo dos deuses

11 : 94

Lucrécio

1.85 : 200

Marmor Parium

239 A 50 : 431

239 A 63 : 431

Melântio de Atenas

fr. 1, 149

Menandro

A moça dos cabelos cortados

1013-4 : 158

Mimnermo

fr. 1 : 114*fr.* 11 : 260*fr.* 13 : 350*fr.* 22 : 114, 360*Mínias**fr.* 1 : 105, 160, 194, 378*fr.* 7 : 29, 105, 160, 194, 177*Naupática**fr.* 3-8 : 148*fr.* 9 : 148*fr.* 10 : 159, 160

Neofron

fr. 1-3 : 149

Nicolau de Damasco

90 F 13 : 193

Odisseia

1.1 : 58

1.29-30 : 82

1.29-43 : 83

1.35-43 : 82, 180

1.35-9 : 375

1.36 : 83

1.46-7 : 82

1.65-6 : 56

1.83 : 61

1.96-323 : 361

1.169-212 : 59

1.179 : 59, 356

1.179-212 : 71

1.187-8 : 59

1.205 : 57

1.209-10 : 59

1.249-50 : 80

1.257-65 : 59

1.298-300 : 82-3, 180

1.300 : 17, 83

1.314-8 : 59

1.319-20 : 59

1.417-9 : 59

2.87-127 : 78, 349, 359

2.88 : 345

2.90 : 345

2.93 : 345

2.96-103 : 353

2.96-105 : 345

2.96-110 : 79, 353

2.106-10 : 345, 377

2.173 : 54, 57

2.267-96 : 59, 369

2.285-7 : 59

2.286 : 57

2.382 : 43

2.382-3.372 : 59, 369

2.382-92 : 59, 361

2.393-3.372 : 59, 361

3.118-22 : 55

3.188-9 : 165

3.189 : 263

3.193-8 : 82, 180

3.194-5 : 83

3.196-8 : 83

3.198 : 83

3.232-35 : 82

Odisséia (cont.)

- 3.233-4 : 83
 3.235 : 83
 3.248-75 : 82
 3.249 : 83
 3.250 : 83
 3.261 : 83
 3.262-3 : 83
 3.262-72 : 351, 375
 3.265-72 : 83
 3.303-10 : 82
 3.306-10 : 180
 3.308 : 83
 3.309-10 : 83
 3.371-2 : 60
 4.121-7 : 219
 4.133-5 : 69
 4.183-239 : 69, 350
 4.219-33 : 219
 4.221 : 69
 4.242-61 : 63, 177, 364
 4.271-89 : 65
 4.274-289 : 359
 4.349 : 85
 4.354-65 : 219
 4.363-572 : 62
 4.363-572 : 348
 4.363-572 : 352
 4.364-425 : 364
 4.366 : 222
 4.384-6 : 121
 4.398 : 364
 4.410 : 70
 4.431-71 : 364
 4.456-8 : 361
 4.475-83 : 219
 4.512-37 : 82
 4.517-8 : 270
 4.520-31 : 83
 4.525 : 83
 4.529 : 83
 4.531-7 : 352
 4.532-7 : 83
 4.533 : 83
 4.545-7 : 82, 83
 4.561-9 : 233
 4.569 : 219
 4.615-19 : 61
 4.653-56 : 60
 4.660-4.847 : 81
 4.660-847 : 352
 4.669-786 : 81
 4.678 : 79
 4.739 : 79
 4.763 : 54
 4.795-840 : 61, 366
 4.841-7 : 81
 5.203 : 57
 5.333-5 : 319
 5.333-6 : 267
 5.333-8 : 60, 361
 5.351-3 : 60, 361
 5.356 : 79
 6.13-47 : 60, 284, 366
 6.251-7.328 : 80, 364
 7.18-42 : 60, 361
 7.91-4 : 61
 8.194-200 : 60, 361
 8.219-20 : 281
 8.266-366 : 61, 93, 360
 8.267-71 : 375
 8.325-7 : 117
 8.492-5 : 65
 8.492-520 : 364
 8.494 : 61
 8.494 : 16, 17
 8.500-21 : 65
 8.500-3 : 358
 9.19-20 : 54
 9.106-41 : 66
 9.181-542 : 66, 351
 9.295 : 18, 66
 9.409-521 : 24
 9.422 : 67, 79, 347
 9.430 : 146
 10.135-495 : 68
 10.220-8 : 69
 10.238 : 74
 10.254 : 69
 10.274-335 : 95
 10.277-80 : 363
 10.330 : 58
 10.513-5 : 116
 11.118-20 : 73
 11.256-7 : 139
 11.260-4 : 314
 11.263-4 : 53
 11.266-8 : 316
 11.321-5 : 159
 11.362-8 : 56
 11.387-415 : 83, 352
 11.387-464 : 82
 11.405-61 : 180
 11.409-30 : 260
 11.410 : 83
 11.414-5 : 83
 11.421-3 : 83
 11.422 : 83
 11.428-39 : 83
 11.428-53 : 349

- 11.452-3 : 83
11.506-40 : 263
11.506-9 : 104
11.523-32 : 65
11.582-92 : 131, 329, 346
11.593-600 : 116
11.601-4 : 234
11.623-6 : 192
11.630-1 : 160, 194, 334
12.252 : 17
12.69-72 : 260
13.187- 22.389 : 348
13.187-299 : 70
13.192-359 : 91
13.221-440 : 363
13.253-86 : 71, 91, 357
13.254 : 388
13.256-86 : 74
13.267-71 : 352
13.291 : 122
13.295 : 44
13.301 : 57
13.303 : 79
13.303-386 : 72
13.303-441 : 348
13.312-3 : 363
13.322-3 : 60
13.380-1 : 80, 345
13.396 : 79
13.397-403 : 284
13.397-438 : 74, 361
13.404-11 : 74
13.425-7 : 81, 352
13.427 : 81
13.429-38 : 362
14.1-190 : 74
14.151-72 : 75, 380
14.199-408 : 74, 91, 357
14.217-8 : 65
14.296 : 19
14.424 : 61
14.452 : 58
14.462-503 : 64, 357
14.462-506 : 64
14.464 : 61
14.487-9 : 363
14.491 : 54
15.1-43 : 60
15.27-31 : 81, 352
15.31 : 81
15.33-7 : 81
15.115-9 : 61
15.248 : 274
15.264 : 22
15.299-300 : 81
15.421 : 40
15.427 : 58
15.495-507 : 81
16.126-7 : 80
16.156-459 : 75
16.233-44 : 73
16.333-70 : 81
16.342-477 : 81
16.426 : 58
16.448-9 : 81
17.9-262 : 76
17.248 : 62
17.263-20.394 : 76
17.291-327 : 76
17.419-44 : 76, 357
17.539-47 : 73
17.547 : 116
17.580 : 54
19.2 : 40, 73
19.75-80 : 76, 357
19.130-8 : 345
19.137 : 61
19.137 : 78
19.137 : 345
19.137 : 345
19.137-61 : 78, 80, 349, 359
19.149-50 : 78
19.151 : 19, 345
19.157 : 345
19.165-307 : 76, 357
19.203 : 53
19.285-6 : 54
19.302-9 : 75, 380
19.350-507 : 76
19.379-85 : 74
19.395 : 97
19.395-6 : 82
19.395-7 : 97, 355
19.396 : 57
19.515-58 : 73
19.562-7 : 366
19.570-21.415 : 76
19.570-21.434 : 360
19.570-81 : 360
19.570-87 : 76
20.17-21 : 56
20.97-121 : 73
20.204-7 : 74
20.229-35 : 75, 380
20.239 : 61
20.241-7 : 81
20.329 : 61
21.1-83 : 76
21.204 : 61
21.238 : 360

Odisséia (cont.)

21.384 : 360
 21.416-22.389 : 77
 22.205-40 : 59, 361
 22.239-40 : 60
 22.287 : 147
 22.386 : 118
 22.389 : 70
 23.117-52 : 78
 23.164-230 : 77
 23.321 : 57
 23.709 : 78
 24.73-5 : 61
 24.96-7 : 82, 83
 24.115-9 : 102, 324, 378
 24.126-7 : 80, 345
 24.128-46 : 78, 80, 349, 359
 24.19-22 : 82-3, 352
 24.199-200 : 83
 24.199-202 : 82
 24.243-314 : 71
 24.244-315 : 78, 357
 24.397-400 : 74
 24.502-48 : 59, 361

Ovídio

Heroídes

9.53-118 : 104

Metamorfoses

3.138-252 : 111

Paniassis

fr. 1 : 193

fr. 17 : 105, 194, 378

Parmênides

fr. 8.50-2 : 22

Papiros (não associados a *fr.*)

d'Orbiney : 373
 Ibscher col. i : 29
 Leningrad 1115 : 68
 Oxy. 2456 : 32
 Oxy. 2456 col. ii : 33
 Oxy. 2506 : 121

Pausânias

1.20.3 : 93, 360, 374
 1.22.6 : 263
 2.6.4 : 314
 2.16.2 : 48
 2.18.1 : 271
 4.38 : 309
 5.18.5 : 134

5.20.3 : 92
 7.20.4 : 117
 8.11.2 : 261
 8.24.7 : 275
 8.25.7-8 : 101
 9.2.3 : 122
 10.14.2-4 : 332
 10.38.11 : 148

Pequena Ilíada

arg. 1 : 128
arg. 2 : 281, 352
arg. 4 : 99, 177, 348, 364
fr. 2 : 128
fr. 9 : 177, 364
fr. 11 : 99, 128, 367, 377
fr. 12 : 99, 348
fr. 17 : 159
fr. 29-30 : 165
fr. 30 : 165

Píndaro

Ístmicas

4.61-4 : 193
 7.44-6 : 306
 7.5-7 : 111, 136, 317, 362
 8.26-47 : 318
 8.26a-49 : 133
 8.45-46 : 38
 8.45a-46 : 22
 8.47-9-50 : 276

Nemeias

3.22 : 192
 3.35-6 : 133, 362
 3.36-9 : 318
 3.55-7 : 318
 4.54-61 : 130, 352, 354, 373
 4.57-61 : 318
 4.62-5 : 134, 362
 5.6-12 : 318
 5.25-34 : 129, 354, 373
 5.34-7 : 133
 7.20-1 : 128
 7.30-69 : 165
 8.32 : 356
 8.32-4 : 128
 10.4 : 301
 10.10.15-7 : 135
 10.13-8 : 111, 317
 10.15-7 : 42, 110
 10.55-90 : 103, 234, 368

Olímpicas

1.24-6 : 346, 359

1.24-51 : 131
 1.24-66 : 208, 231, 234
 1.28-9 : 22
 1.48-51 : 346, 359
 1.50-5 : 281
 1.67-89 : 209
 2.25-7 : 136, 349, 363
 4.17-8 : 22
 6 : 210
 6.47 : 217
 10.31-6 : 136, 353
 13.52 : 116, 136
 13.53-4 : 148
 13.60-92b : 290

Peãs

6 = *fr.* 52f.74-86 : 132, 208, 361
     fr. 52f.99-122 : 165
 7 = *fr.* 52g : 210
 7b = *fr.* 52h.15-20 : 85 7b
 9 = *fr.* 52k : 210

Píticas

1.92 : 22
 2.21-48 : 133, 328, 346, 360, 365
 3 : 210
 3.24 : 134
 3.24-37 : 375
 3.98-9 : 136, 349, 363
 4 : 148
 4.71-3 : 260
 4.72 : 135
 4.93-171 : 139
 4.99-100 : 22
 4.156 67 : 139
 4.159-62 : 134, 319
 4.219 : 84, 135, 350
 4.220-37 : 149
 4.250 : 135, 260
 8.41-60 : 274
 9 : 210
 9.38-43 : 84, 135, 150, 350
 9.79-83 : 308
 10.44-8 : 301
 11.15-22 : 368, 369
 11.15-35 : 349
 11.15-37 : 136
 11.15-8 : 84, 181
 11.17 : 182
 11.22-3 : 201
 11.34-4 : 368
 11.35-6 : 191
 12.17-8 : 113, 135, 301, 362

Fragmentos (exceto peãs)

fr. 166 : 140
fr. 174-6 : 159
fr. 213 : 22
fr. 260 : 231
fr. 283 : 93, 136, 142, 360, 374
fr. inc. 260 : 118

Platão

Crátilo

428d : 12

Górgias

470d-471a-c : 330
 525b-c : 330

Hípias Maior

282b : 221

Hípias Menor

364e : 58
 365a-c : 56

Leis

933e : 57

Fedro

243a : 120

República

334b : 237
 376e-383c : 85
 377b : 11
 413b : 57
 522d : 323, 326
 586c : 120, 121

Sofista

220c : 187

Teeteto

152e : 26

Platão (Ps.-)

Da Justiça

374b : 35

Plauto

As Báquides

965 : 14

Fragmentos

fr. inc. 3 : 14

Plutarco

Porque os jovens deviam ouvir os poetas
19e : 329

Como tirar proveito dos inimigos
90a : 313

Vida de Sólon
14 : 118

Vida de Teseu
12 : 265
28 : 159

Pólux

4.111 : 303
7.45 : 245
9.50 : 294

Porfírio

Da gruta das ninfas
16.8 : 87

Probo

Comentários sobre as Bucólicas e as Geórgicas de Virgílio
6.31 : 33

Retornos

arg. 1 : 101
arg. 3 : 101, 176, 324, 376
arg. 3-4 : 165
arg. 5 : 101, 180
fr. 6 : 101, 349, 357, 360
fr. 10 : 101
fr. 11 : 101, 324, 376

Safo

fr. 1 : 114, 115, 118, 347, 350
fr. 90 : 115
fr. 94 : 114, 115
fr. 97 : 115
fr. inc. 42 : 118, 350

Saque de Ílion

arg. 1-2 : 100, 348
arg. 4 : 159, 165, 175
fr. 1 : 100, 348
fr. 4 : 100, 367

Sátiro

fr. 8 : 137

Semônides de Amorgos

fr. 7 : 114, 158, 347
fr. 7.78 : 70

Simônides de Ceos

test. 47a : 14
fr. 14 : 85
fr. 543 : 301

Sinésio, o Filósofo

Cartas
146 : 35

Sócrates Escolástico

História Eclesiástica
3.7.56-7 : 298

Sófocles

Ájax
189 : 82
646-92 : 355
1295-7 : 286

Antígona

944-54 : 302

Electra

11-4 : 369
33-56 : 187
37 : 207
39-50 : 380
63 : 218
94-102 : 184
125 : 184
157 : 201
197 : 73, 184
530-48 : 201
531-8 : 201
563-76 : 201
660-2 : 187
680-803 : 188
773-87 : 191
1098-1125 : 185
1098-369 : 188
1117-8 : 185
1174-1223 : 185
1340 : 185
1346-53 : 369
1391-7 : 188

Filoctetes

106-11 : 22
226 : 285

345 : 218
417 : 82
625 : 82
801-3 : 281

Fragmentos

1-10 : 268
19-25 : 265
*60-76 : 302
77-91 : 277
108-10 : 275
122-4 : 317
126-36 : 370
140-1 : 272
158-164a : 287
165-70 : 302
176-80a : 222
181-4 : 222
**185-90 : 275
201a-h : 275
202-3 : 165
202-3 e 694-6 : 167
204-5 : 140
206-22b : 277
238-40 : 167
247-69 : 272
296 : 329
297-9 : 290
305-12 : 252
307 : 253
314-8 : 97
319-22 : 211
323-7 : 287
336-49 : 148
350-9 : 211
378-83 : 302
389a-400 : 287
409-18 : 277
425-38 : 325
425-8 : 325
429-31 : 325
432-8 : 325
434a Lloyd-Jones : 325
462-7 : 325
471-77 : 209
478-81 : 325
487-96 : 318
522-8 : 176
534-6 : 261
553-61 : 263
567 : 82
580 : 277
628 : 42
672-4 : 246
677-93 : 160

680 : 161
687-687a : 160
694-6 : 166
718-20 : 298
719 : 298
720 : 299
721-3a : 268
726-30 : 167, 202
**738 : 272
851 : 140
911 : 140
933 : 22

Traquinianas

445 : 161
544 : 161
663-861 : 107
771 : 217

Sólon

fr. 33 : 118, 359
fr. 34 : 218

Suda

s.u. Ἀναγυράσιος : 299
s.u. Ευριπίδης : 32
s.u. Ἴων : 298

Tabuinhas micênicas

PY 172 : 200
PY Xa 06 : 242
PY Tn 316 : 200
PY Un 1322 : 15

Tebaida

fr. 11 : 100, 362

Teógnis e Theognidea

58-60 : 123
121-4 : 22
390-3 : 22, 280
451 : 217
523 : 218
702-12 : 123
703 : 149
1110-14 : 123
1195-6 : 22

Teseida

fr. 1 : 159

Téspis

fr. 1c : 245

Téspis (cont.)

fr. 3.2 : 17

Thomas Magister

Vida de Eurípides : 32

Tíbulo

1.3.3 : 60

1.6.10 : 20

Tirteu

2.12-15 : 308

Tucídides

1.34.3 : 25

1.107.2 : 308

1.123 : 308

1.136-7 : 277

2.99 : 244

2.100.2 : 330

3.43.2 : 25

3.86 : 221

4.86.6 : 25

6-7 : 330

Vida de Eurípides

i.a1 : 431

i.a6 : 330

i.a9 : 32, 431, 432

i.b5 : 32

iii.2 : 160, 295

Virgílio

Eneida

2.195-6 : 66

2.319 e 430 : 132

6.56-8 : 100

Xenófanes

fr. 11 : 37

fr. 11-12 : 22

Xenofonte

Da República dos Lacedemônios

13.8, 258

Memoráveis

4.2.26 : 12

4.2.33 : 323

Notas